



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

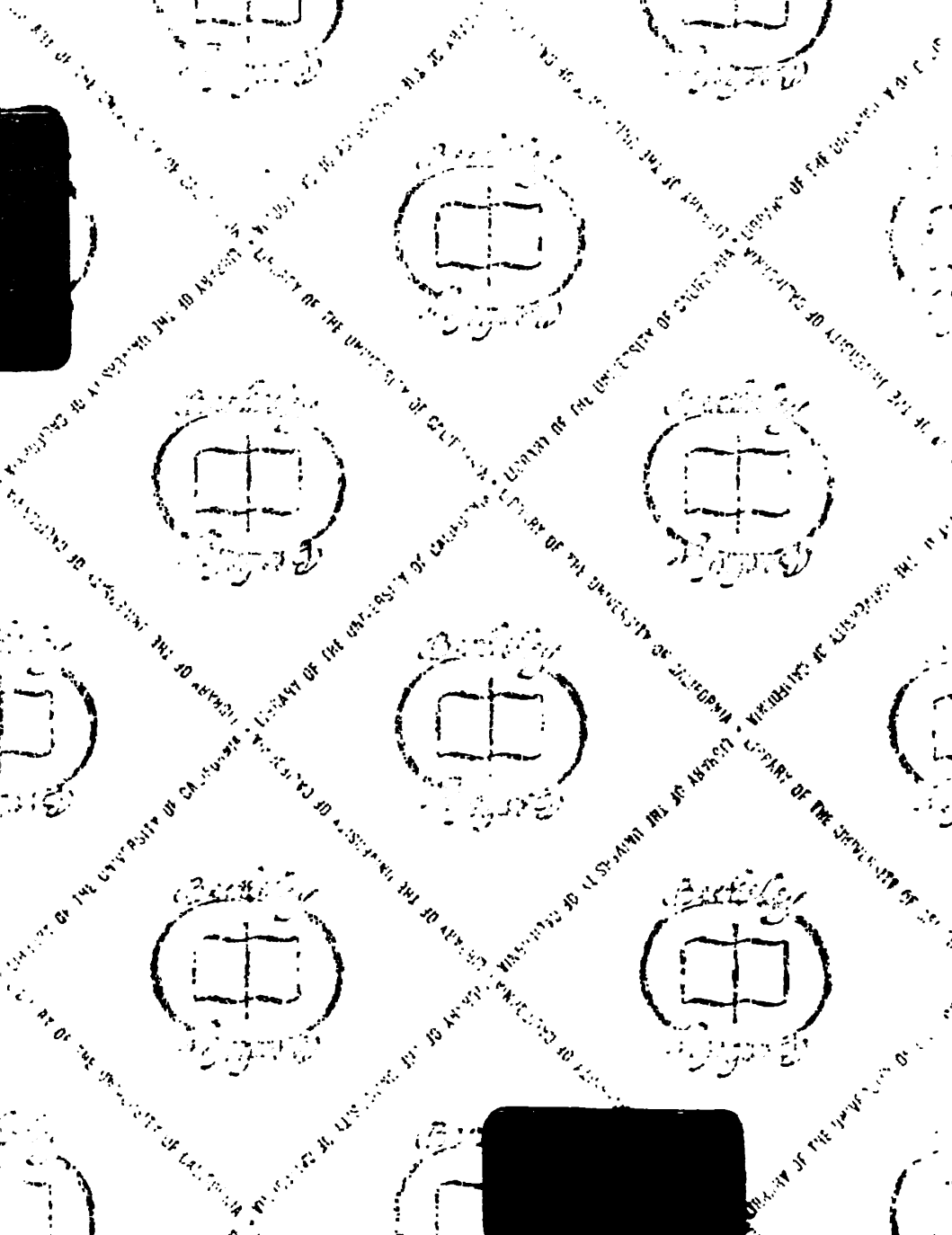
- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

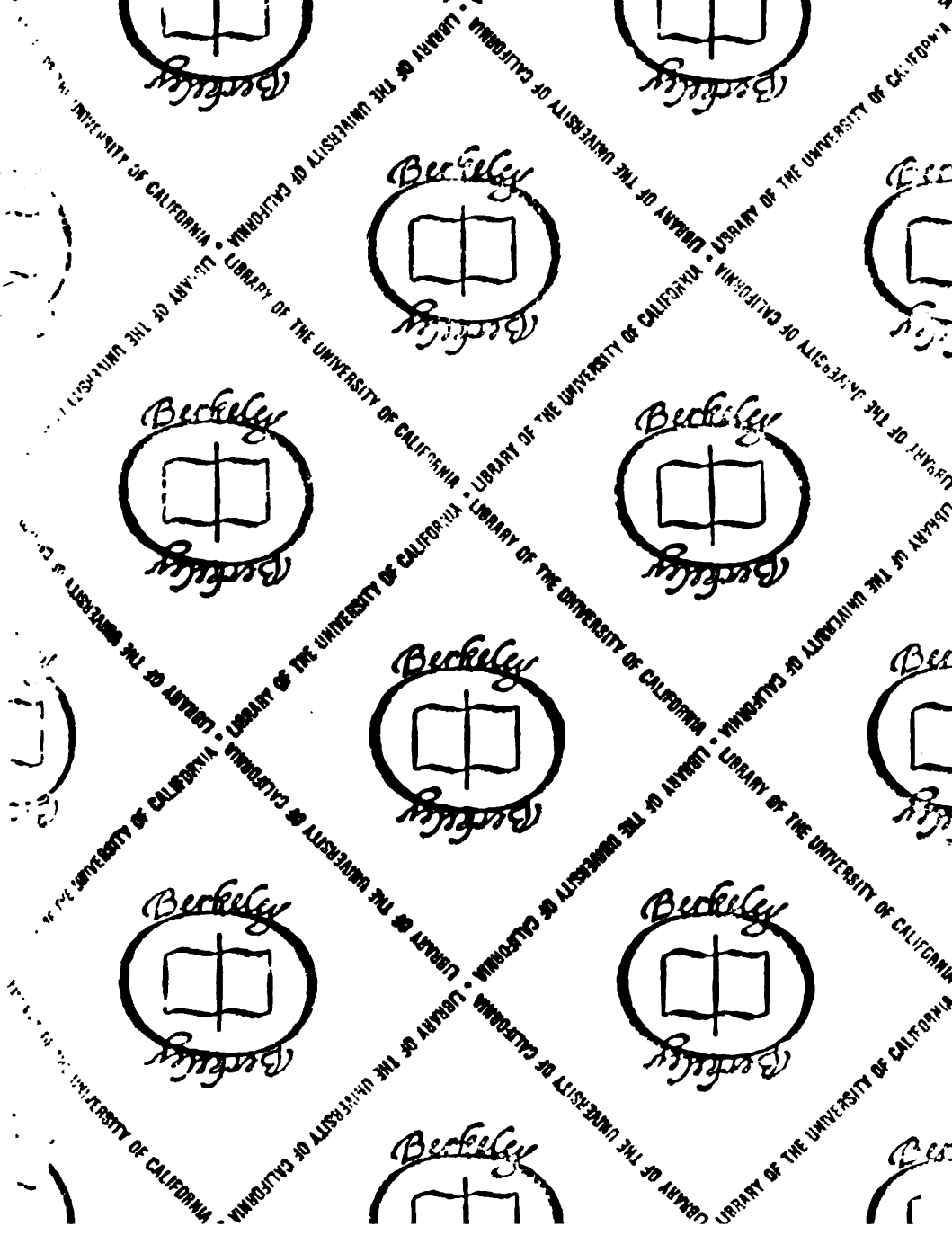
About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>



B 3 786 450





BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

(VOLUME L) -54

JORNADA
DE
Antonio de Albuquerque Coelho

POR

JOÃO TAVARES DE VELLEZ GUERREIRO

Com uma carta-prefacio

DE

J. F. Marques Pereira



ESCRITORIO
147 = RUA DOS RETROZEIROS = 147

LISBOA

—
1905

BIBLIOTHECA
DE
Classicos Portuguezes
Proprietario e fundador
MELLO D'AZEVEDO

PQ 9133

B52

V. 50-54

MAIN

A JORNADA DE ALBUQUERQUE COELHO

(Carta a Mello de Azevedo)

Meu presado amigo :

Pede-me o meu amigo que diga alguma cousa sobre o interessante livro que, ha tempos, lhe indiquei como digno de fazer parte da sua collecção de classicos, e bem assim sobre a illustre personagem que tanto se evidenciou no Extremo-Oriente, durante os longos annos que permaneceu nessa remota parte do mundo.

Occupado com outros trabalhos, que me teem obrigado a pôr de parte as minhas investigações sobre assumptos orientaes, só lhe posso apresentar, com a urgencia que demanda a publicação do volume, os dados que, até hoje, tenho conseguido colligir sobre Antonio de Albuquerque Ccelho, visto que do auctor da obra nada tenho podido saber, além do que disse Innocencio Francisco da Silva, no seu «*Diccionario*», e meu Pae, nos seguintes artigos publicados no «*Ta-ssi-yang-kuo*», de Macau, em 1865.

No numero 30 do «*Ta-ssi-yang-kuo*», correspondente a 27 de Abril d'esse anno, dizia meu Pae, num dos seus artigos sobre «*Bibliographia Macaense*», que tanto serviram a Innocencio, como este confessa no seu «*Diccionario*» :

«JOÃO TAVARES DE VELLEZ GUERREIRO, «do qual (diz o sr. Innocencio da Silva) consta unicamente que servira como capitão de mar e guerra na India oriental, e acompanhára nessa qualidade em 1718 o Governador de Macau, quando este ía entrar na investidura do seu cargo. — Escreveu :

«*Fornada que o senhor Antonio de Albuquerque Coelho, governador e capitão geral da cidade do Nome de Deus de Macau na China, fez de Goa até chegar á dita cidade.*» — Foi impressa pela primeira vez em Macau, em papel dobrado, segundo o estylo chinez. Tem a data de 29 de maio de 1718, e compõe-se de 185 pag. impressas á moda da China.»

Não fui eu mais feliz do que o meu illustre amigo na indagação da vida de Vellez Guerreiro. O quasi nada que se me offereceu com respeito ao assumpto fez-me ainda de mais nascer a duvida de ter sido o auctor da *Fornada* capitão de mar e guerra, como affirma o *Dicc.*, pois no antigo manuscrito que tenho com o titulo de *Collecção de varios factos que hão acontecido nesta cidade de Macau pelo decurso dos annos d margem*, leio o seguinte: «1718 — maio 30. N'este dia tomou posse do governo desta cidade Antonio de Albuquerque Coelho, que chegou de Goa no dia 24 deste mez. Não querendo vir no navio de vias por differenças que teve com o senhorio d'elle, passou a Madrastra por terra, para embarcar em algum navio inglez, o qual já não achou por ser tarde. Então comprou uma chalupa e se preparou para nella vir, mas como já era tarde foi invernar em Java, donde no anno seguinte ao que havia sahido de Goa, que era de 1717, chegou a esta cidade no de 18, o que mais clara e distinctamente consta da relação desta derrota, que anda impressa em um pequeno livro que compoz o «capitão de Infantaria» João Tavares, que vinha com este Governador para esta cidade.»

Antonio de Albuquerque não chegou a estar dois annos em Macau. Tendo desistido do governo, que entregou em 9 de setembro de 1719 a Antonio da Silva Telles de Menezes, embarcou-se de volta para Goa, em 18 de Janeiro de 1720.

Creio que tambem no regresso o acompanhou Vellez Guerreiro, porque não encontro posteriormente menção alguma do seu nome. Na fragata em que partiu Antonio de Albuquerque («deixando, por ser bom homem, muitas saudades entre os moradores») fã de capitão de mar e guerra D. Thomaz de Menezes.

Nunca vi a *Jornada*. No chamado Catalogo da Academia é tida por livro classico, e o *Dicc. Bibl.* dá como rara e estimada a edição de Macau, indicando a existencia de dois exemplares. Tão pouco se considera vulgar a reimpressão de Lisboa, a qual o auctor da *Bibliotheca Lusitana* e o dito Catalogo erradamente accusam feita em 1721, quando só o foi em 1732, na offic. da musica, com XVI — 427 pag.»

E, no «*Ta ssi-yang-kuo*,» de 4 de Maio do mesmo anno, completava meu Pae, depois de ter obtido um volume da *Jornada*, os esclarecimentos sobre o assumpto :

«Logo depois de publicado, a semana passada, o que apurára de João Tavares de Vellez Guerreiro, descobri acaso, e obtive, um exemplar da edição lisbonense da sua mui curiosa *Jornada*. E' demasia notar que perfeitamente concorda com as indicações que extrahi do *Dicc*. Mantem-se comtudo a restituição, que fiz a João Tavares, do posto de capitão de infantaria, e accresce que vinha "nomeado para a guarnição da fortaleza da Barra "

Antonio de Albuquerque Coelho foi escolhido para o governo e capitania geral de Macau pelo arcebispo primaz, então governador do estado da India, D. Sebastião de Andrade e Pessanha, o qual "attendendo que assim o bem temporal daquella cidade, como o espiritual das dilatadas missões, dependentes da mesma, e nestes calamitosos tempos tão perturbadas, necessitavão da assistencia de tal governador, como assaz experimentado daquelles paizes, pois tinha por bastante

tempo habitado nelles, determinou fizesse logo sua viagem.”

Só neste ponto faz menção o livro da anterior residencia de Antonio de Albuquerque em Macau. A esta primeira estada se liga porem um interessante episodio, que noutro lugar refiro. E' aquella desalegre historia, — que já agora ninguém recorda, — da formosa e infeliz Maria de Moura, por cujo amor perdeu Albuquerque um braço, arcabuzado á traição. Pouco era. O extremo alento haveria dado quem tão deveras a estremeia. Mas foi ella quem morreu, e breve! — O amante soterrou, juntos, o braço, a esposa e a filha (*).

Tornemos ao livro. A pressa, que punha o arcebispo na partida do governador e sua comitiva, frustrou-a o capitão da náu de vias, largando uma noite do ancoradouro sem aguardar o embarque. Tanto bastava a malograr-lhe a vinda, que outra embarcação não a havia. Mas tinha o illustre maneta um d'aquelles animos de rija tempera que mais se obrigam com os obstaculos, e assim vendo que não podia embarcar-se em Goa para o seu governo, determinou atravessar o Indostão e ir buscar a Madrasta navio que o trouxesse. Nesta aventureira jornada pelos reinos de Sunda, de Maissur e do grão mogol, teve repetidos lances de mostrar a sua intrepidez e de acordar nos naturaes o antigo respeito aos portuguezes, e nesses rasgos coube não minguada parte de acção ao capitão João Tavares. Tendo saído de Goa no dia 2 de junho de 1717, chegaram finalmente a S. Thomé em 16 do mez seguinte, e, como ahi não houvesse embarcação para a viagem que intentavam, passaram em 19 a Madrasta, a ver se neste porto, já então de grande movimento, lhe facilitavam uma. Albuquerque levava neste empenho cartas do arcebispo primaz, “mas o governador inglez (diz Guerreiro), attendendo mais ás razões

(*) “Na igreja de S. Francisco, ao presente em demolição, se encontraram ainda ha poucos dias, esses despojos de um amor, que mais é para romance”. (*Notas de A. Marque Pereira*.)

de sua conveniencia, do que ás de capricho, declarou não estar em tempo, que podesse executar o que se lhe pedia, allegando o ser já tarde para armar barco, e haver falta de patacas na terra". Dorido da recusa, e confiança que lhe não faltaria o auxilio dos portuguezes de S. Thomé, respondeu Albuquerque pedindo que se lhe vendesse algum navio. Efectuou-se a compra, e em 5 de agosto se emprehendeu a viagem. Foram os trabalhos do mar desmedidamente maiores do que os soffridos em terra, e ao fim de dois mezes, sem piloto que os dirigisse e tendo já por temeraria a lucta com as privações e avarias, arribaram, para invernar, a Djohor, ou Gior, como então se escrevia, — e não a Java, como por engano diz o ms. Este reino, hoje na sua maior parte quasi despojado desde que os inglezes fundaram o estabelecimento de Singapura, estava então rico e poderoso, ainda que revoltado por luctas intestinas. Albuquerque prestou ao acabamento d'essas contendas influencia activa e honrosa, e, logo que as terminou, conseguiu do novo rei uma promessa escripta com as formalidades de tratado, admitindo e protegendo a propagação da fé em todo aquelle dominio. O tratado foi celebrado em 7 de março de 1718, e em 15 o governador portuguez tomou solemnemente posse de um lugar ameno e vistoso, perto da povoação de Girolama, para a fundação de uma igreja. Outros successos mais refere o livro, tambem curiosos, especialmente a respeito de um navio inglez, com que se encontrou o nosso em Djohor, mas não acceita menção d'elles a requerida brevidade d'esta noticia.

Continuaram no restante da viagem os revézes, perigos e fadigas. A' falta de piloto, era o proprio governador quem regia a navegação, sem que a isso o habilitasse nada mais do que a sua intelligencia resoluta e a observação das repetidas vezes que passára nestes mares. Chegando a Sin-choan, o navio não poudé seguir. Da tripolação, os que não morreram, tinham adoecido todos. — Antonio de Albuquerque Coelho, cortindo a molestia que tambem viéra soffrendo, chegou a

Macau, n'uma embarcação chinesa, aos 29 (e não 24) de maio de 1718, e logo no seguinte dia tomou o governo.»

O volume que meu Pae obteve, offereceu-o á «*Sociedade de Geographia de Lisboa*» em 1879, acompanhando-o d'uma noticia, em que reproduziu os dados já apresentados no «*Ta-ssi yang kuo*», e que appareceu publicada no «*Boletim*» dessa Sociedade, n.º I, da 2.ª serie (1880), com o titulo de «*De Goa a Macau em 1717.—Um livro curioso.*» Esta noticia chegou a despertar a attenção no estrangeiro. A ella se referiu desenvolvidamente Eugène Gibert, a pag. 337 338 do «*Bulletin de la Société Académique Indo chinoise*», de França, do anno de 1881. Não transcrevo a noticia, nem a referencia, porque nada mais diziam do que o exposto nos artigos do «*Ta-ssi-yang-kuo*». Certo é que Gibert carrega a nota tragica, no episodio de Maria de Moura, pois que affirma que Albuquerque foi arcabuzado aos pés da desventurada, que morreu de susto, mais o filhinho, fructo dos desventurados amores. (*) Mas, quem conta um conto, accrescenta um ponto...

*

Albuquerque, tendo chegado á India em 1703, foi para Macau em 1708, onde desembarcou em 23 de agosto do mesmo anno, conforme diz a interessante «*Col-*

(*) «Il (Albuquerque) avait déjà résidé à Macao où il avait été le héros d'une tragique aventure: surpris aux pieds de l'infortunée Maria de Moura, il reçut une balle d'arquebuse et dut subir l'amputation d'un bras; sa maîtresse mourut de frayeur et l'enfant, né de leurs amours, mourut aussi...»

lecção de varios factos», de que possui uma das copias mais antigas (*), pertencente á collecção de meu Pae:

«1708 — 23 de agosto—Chegou neste dia a fragata *N. S. das Neves* vinda de Goa em direitura p.^a esta cidade (de Macau), sendo seu cap.^m Geronimo de Mello. o feitor por S. M. Miguel Pinto, Tenente D. Henrique de Nor.^a Cap.^m de Infanteria Ant.^o Albuquerque Coelho, em que se hade fallar muitas vezes nestas memorias p.^r haver motivos para isso. A fragata entrou dezarvorada, sem mastros, e sem leme, até sem beque, sendo preciso hirem embarcaçoens rebocala p.^a dentro, por cauza do grd.^o temporal q.' apanhou na altura de 19 graus; ficou de invernada p.^a se concertar.»

Um anno depois, menos alguns dias, isto é, a 2 de Agosto de 1709, realisava-se a tragedia que custou o braço a Albuquerque. Narra a «*Collecção*»:

«Agosto 2, dia 6.^a feira e de N. S. da Purificação, succedeo o facto seguinte=hindo a cavallo p.^a S.^m Francisco, *José de Mello Albuquerque, Irmão do capitam de Mar e guerra An-*

(*) Intitula-se este manuscrito — «*Collecção de varios factos que ão acontecidos*» (sic) *nesta Cidade de Macao, pelo decurso dos annos á margem. Novamente accrescentada, e com declaração dos nomes das ruas e Lugares. e propriedades, que ao presente tem, pois são diferentes dos que antigamente tinham, o q.^o se faz preciso para a boa intelligencia.—Dada a Lus no anno de 1794, sendo correcta e emendada nesta edição—D. A. C.—Leva no fim porção de papel em branco, para o Curioso continuar se quizer.»*

tomio de Albuquerque Coelho, lhe atirarão (*), no Campo de

(*) A' primeira vista, a quem lêr isoladamente este trecho do ms., parecerá que o feio caso se deu com o irmão de Antonio de Albuquerque e não com este. Mas nas verbas seguintes da «*Collecção*», adiante transcriptas, se verá que os amores de Maria de Moura se deram entre esta e Antonio de Albuquerque e não com o irmão José. Foi com Antonio que Maria casou; e no epitaphio da sepultura do convento de S. Francisco de Macau teria meu Pae averiguado a quem pertencia o braço.

Infelizmente, não encontrei, entre os papeis de meu Pae, a narrativa da *desalegre historia* dos amores de Maria de Moura, a que elle se referiu no artigo, atraz transcripto, do «*Ta-sai-yang-kuo.*»

A que attribuir, então, o erro da «*Collecção*»?

A qualquer lapso da copia dos manuscritos antigos, d'onde o copista da «*Collecção*» em 1794 tirou a narrativa do caso de 2 de agosto de 1709. Oitenta e cinco annos bastariam de sobejo para que a formiga branca perfurasse em todo o sentido e enchesse de lacunas qualquer documento. Levianamente, para preencher qualquer lacuna, o copista de 1794, omitiria phrases ou palavras: d'ahi a contradicção que o leitor notará e que vem reproduzida nas outras copias, que conheço, da «*Collecção.*» feitas sobre a de 1794. Pena, repito, é que se perdesse a narrativa do caso de Maria de Moura feita por meu Pae, que teve ensejo de verificar em Macau, em 1865, o apparecimento á luz do dia dos funebres despojos encontrados na sepultura do convento de S. Francisco.

Mas, para quem ainda tivesse duvidas de que o maneta era Antonio de Albuquerque, bastaria, para as tirar, as seguintes referencias da propria «*Jornada*», escripta pelo dedicado companheiro de Albuquerque:

No capitulo III: «... quando era tão grande a chuva, que não podia sustentar o capote, de que usava para defender aquella pequena e leza porção do braço direito, que antigamente lhe foi cortado».

No mesmo capitulo: «Que melhor conclue a madura viveza de hum a boa cabeça sem braços, do que a forte valentia de muitos braços sem cabeça».

No capitulo IV:—«... e montou a cavallo, mostrando nesta acção que bastava o braço esquerdo ajudado de generosos brios, para supprir o que faltava no braço direito.»

Para que mais citações?

S.^m Fran.^{co} com hum bacamarte, mas lhe não acertarão p.^r ser disparado p.^r hum Cafre, foi o Albuquerque sobre o Cafre que lhe havia atirado, até a rua fermosa, e na volta que fez pelo não poder apanhar, lhe atirarão outro tiro da janella da caza que tinha sido de Bernardo da Silva (*), e vivia nella hũa mulher por nome Fran.^{ca} Espinhosa, a qual tinha seu marido ausente. O que lhe atirou o tiro da janella desta caza foi D. Henrique de Noronha, e lhe deo no braço direito por cima do cotuvelo, elle assim mesmo ferido foi a recolher-se a S.^m Fran.^{co} e q.^{do} chegou ao pé da escada deste convento lhe atirarão com outro bacamarte; porem não lhe acertarão por ser disparado por outro Cafre. Chegando elle a portaria assim mesmo a cavallo, já se não pôde apêar, e foi preciso ajudarem-n'ò; recolheu-se neste Conv.^{to} aonde o Cirurgião da Cid.^e Ant.^o da S.^a e hum Cafre cirurgião da fragata de Goa o curarão, e disserão q.' não hera nada; porem depois de 16 dias de cura, se não apparecesse hum navio Inglez, que hia para Cantão, o q.^l mandou o seu Cirurgião, q.' vendo o braço lgo disse q.' estava podre, e q.' se queria escapar a vida, hera necessario o cortar-se. Com esta resolução se poz p.^r obra a operação q.' se fez com m.^{ta} brev.^o, e logo em breves dias se achou melhor, ficou no Conv.^{to} até se acabar a cura He de advertir q.' logo que este facto succedeo acodio o G.^{or} Diogo de Pinho Teixeira, mandando buscar a outra banda (**), o Ouvidor que lá se estava divertindo, mandando p.^r elle prender a D. Henrique de Nor.^a o qual já se achava omiziado em S.^m Domingos, cujo Conv.^{to} emediatemente foi cercado, porem chegando o dia da festa do Patriarca, ordenou o G.^{or} que fosse buscar a todo o Conv.^{to}

(*) «Hoje é a caza onde ficarão os Dinamarquezes q.' tem communicção com a da praia grande.» (Nota do ms.)

(**) Isto é, á ilha da Lapa ou dos Padres, fronteira a Macau, e sempre considerada dependencia da nossa colonia.

p.^a ver se achavão a D. Henrique, mas neste tempo elle já se tinha passado de noite p.^a as cazas, e Comp.^a do Patriarca de Antioquia, aonde o hião vizitar os seus amigos e todos os da sua parcialidade. He sem duvida q.' a cauza porq' lhe atirarão os tiros, foi p.'q.' estava ajustado e contratado p.^a cazar com hua menina por nome Maria de Moura, com quem o mesmo D. Henrique de Nor.^a pertendia cazar, p.^r ser m.^{to} rica e m.^{to} formoza, a qual já não tinha Pay, cujo se chamava Vicente de Moura. Na occasião em que o Cirurgião Inglez lhe deo a noticia de que se queria escapar a vida deixasse cortar o braço, mandou elle Albuquerque saber da sua futura noiva, se queria cazar com elle, tendo de menos hum braço, esta menina lhe mandou dizer, q' ainda q.' lhe faltassem ambas as pernas, ficando elle com vida queria cazar com elle. He donde pode chegar o extremo amor de huma mulher de capacid.^e que considerando ser a falta do braço de Albuquerque por sua cauza, o não quiz recusar. Ainda contão e cantão as velhas d'aquelle tempo a cantiga seguinte

Não he tão, não tão parecida

Maria, que pelo seu din.^o arma tanta briga. (*)

*

Do que fez e praticou Antonio de Albuquerque durante a tormentosa época de lucta entre os elementos favoraveis ao patriarcha de Antioquia (que foi á China tentar regular a questão dos ritos e só conseguiu produzir a confusão e a ruina nas coisas religiosas) e o

(*) Em outras duas copias, mais recentes, que tenho á vista, da «*Collecção de varios factos*», encontra-se a seguinte var. ante da cantiga :

Não he tão fermoza,
Nem tão bem parecida,
Que, por seu dinheiro,
Maria arma tanta briga.

governador de Macau, Diogo de Pinho Teixeira (*), não resa a collecção, mas penso que não estava do lado do governador que, se desempenhava o papel de campeão dos direitos da Corôa contra as usurpações do patriarcha, nem por isso deixou de praticar desatinos e despropositos que o collocaram em pessima situação, perdendo força e prestigio que ficariam resguardadas se, a par da energia para luctar com os elementos locaes que defendiam o patriarcha, usasse da necessaria circumspecção e indispensavel prudencia. Que Albuquerque não estava em 1710 do lado do governador conclue-se do seguinte trecho da «*Collecção*», quando diz:

«1710—Agosto 22—na noite deste dia se recebeu Antonio de Albuquerque Coelho com M.^a de Moura, f.^a de Vicente de Moura, na Caza do Campo de S.^m Fran.^{co} (Hoje casa da mitera (sic)) onde assistia a infantaria da frag.^a de Goa, com o seu Cap.^m, e nella estava tbm o mesmo Albuquerque de seguro p.^a ordem do G.^{co}—N. B. Julgando Franc.^{co} Leite que este casamento se faria em S.^{to} Ant.^o foi esperar o noivo bem acompanhado, afim de o mattar, porem ficou logrado»

D'este trecho conclue-se:

1.^o—Que o amante e marido de Maria de Moura foi Antonio de Albuquerque e não o irmão José.

(*) E' assumpto que estudarei desenvolvidamente na minha revista «*Ta-ssi-yang-kuo*», na qual tenho diligenciado modestamente continuar as investigações de meu Paç. Entretanto, o leitor curioso poderá consultar, sobre o assumpto, as «*Ephemerides commemorativas da Historia de Macau*», por A. Marques Pereira; o «*Chronista do Tissuary*» de Cunha Rivara, e a «*Collecção de Tratados da India*», de Biker.

2.º—Que o governador o tinha preso no quartel, provavelmente por não ser um dos seus sequazes — entre os quaes se contava o Francisco Leite, que, com D. Henrique de Noronha, eram dos mais figadaes inimigos de Antonio de Albuquerque, que, pela segunda vez, se via salvo da morte miraculosamente.

Mas a felicidade pouco lhe havia de durar. A nuvem negra da desgraça que lhe pairava sobre a cabeça ia desabar e fulminar-o quando elle menos esperava o golpe da fatalidade. Depois de ter perdido uma filha de 7 dias, que foi enterrada em S. Francisco, em 6 de março 1712, viveu socegado com a mulher amada, até que, em 20 de julho de 1714, a desgraça o feriu desapiedadamente, no meio da mais fervente alegria pelo nascimento de um filho. Oicamos a « *Collecção* » :

« 1714=Julho 20, neste dia á noite pario a mulher de Antonio de Albuquerque hum filho, e no dia 23 mandou fazer comedia á sua porta, em 26 se correrão alcanzias a cavallo, com outros m.^{tos} divertim.^{tos}, a 27 se baptisou a criança na Freg.^a de S.^{to} Ant.^o sendo seus Padrinhos M.^o Favacho, e Catharina Soares, foi este acto acompanhado pelo G.^o desta Cid.^e Antonio Sequeira de Noronha com 2 comp.^{as} de Sold.^{os} : a fortaleza do Monte se não descuidou em obzequiar tanta festa salvando com 7 tiros a entrada, e com 11 a sahida ; mas a 31 do mez, falleceu a parida, aqui se vê q. depois de tantas festas, e gostos, tudo acabou em choros, se vê o quanto são futeis os gostos desta vida ; foi enterrada em S.^{ta} Fran.^{ca} com grd.^o pompa de acompanhamento, officio, e sinos. »

1

*

Acabrunhado pela dôr, regressou Albuquerque a Goa. Acompanhado pelo filho, — tão cedo privado dos carinhos da mãe amantissima ? Não o diz a « *Collecção* »,

nem tão pouco quando se realisou esse regresso á India.

A primeira verba, a seguir, a respeito do nosso heroe é a que foi reproduzida no primeiro dos artigos de meu Pae, atraz transcriptos, e refere-se a 30 de maio de 1718, em que Albuquerque voltou a Macau depois dessa extraordinaria viagem tão magistralmente contada na « *Jornada* », de Vellez Guerreiro, que o leitor devorará em rapida leitura, entusiasmado pelas emocionantes peripecias que se vão desenrolando, desde que esse homem patriota, energico e pertinaz, sahi de Goa, até que, vencendo inclemencias e contratempos, conseguiu chegar a Macau, deixando um rasto luminoso da sua passagem, levando bem alto hasteado o pavilhão do seu paiz ; e, quer nas terras do Grão-Mogol, quer nas regiões de Johore, mais uma vez firmados o prestigio e a honra do nome portuguez, já tão decahidos no Oriente.

Relieiam olhos patriotas aquella emocionante narrativa da entrada de Albuquerque na fortaleza de Velur, acompanhado de minguados companheiros, ao som das musicas indianas, de bandeiras soltas ao vento e tratando de igual a igual o poderoso nababo indiano, até então testemunha da nossa decadencia e abatimento !

Albuquerque, durante a sua viagem, só pensou em levantar-nos no conceito dos povos asiaticos por onde passou. Desde a recusa das ofertas de dinheiro que lhe faziam, até a exigencia de honras que lhe eram devidas na sua qualidade de governador, tudo empregou com o fim de tornar-nos respeitados em regiões, onde, depois de ter soado a hora da decadencia, predominava mais a fama da rapinagem dos nossos chatins do que a das victorias dos nossos heroes.

E o papel desempenhado por Albuquerque em Johore, pondo e dispondo do sultanado, e tornando-o, por um tratado, outravez sujeito á nossa influencia?

Tão mal empregados esforços, a par de tantos da iniciativa de outros patriotas, e reduzidos a nada pela nossa incuria e desleixo!

Para quem ler com attenção a narrativa, a extraordinaria viagem de Albuquerque Coelho, representa a ultima scintilla desse rutilante foco de luz com que illuminámos o Oriente pelas nossas glorias e heroicidades.

*

Tendo chegado a Macau em 29 de maio de 1718, e tomado posse em 30, como ficou dito, teve muito que fazer para, sem crear inimizades nos moradores da colonia, divididos em parcialidades desde o tempo do governador Pinho Teixeira, metter tudo no são e no direito. Alem d'isso, nas negociações com as auctoridades chinezas, soube andar com a indispensavel energia, mas com tino e prudencia; e, quando os moradores conseguiram, por fim, que não fosse tornado extensivo a Macau as medidas contra o commercio estrangeiro, Albuquerque dirigiu directamente ao Imperador da China, a sua carta de 1 de março de 1719, acompanhada de alguns presentes — carta respeitosa, mas sem o tom humilhante com que antes e depois alguns governadores de Macau, seus antecessores e successores, se dirigiam ao vice-rei de Cantão e até aos mandarinetes de Hian-chan e da Casa Branca! (*)

(*) O sr Bento da França, que nos seus «*Subsidios para a Historia de Macau*» copiou em geral bem o que meu Pae disse nas «*Ephemerides*», onde desbravou quasi por completo o ca-

Mas, pouco tempo se demorou Albuquerque na colonia. Briosos como era, não pode tolerar as consequencias que para si resultariam do facto relatado nos seguintes trechos da «*Collecção*».

Desistiu de governar, elle, que não poderia governar com força e prestigio :

«1718 Junho 27 neste dia desembarcou Francisco Xavier Doutel vindo de Goa no seu navio, o qual querendo hir a Betavia q.^{do} sahio de Goa ficou de inverno na Larantuca, p.^r já ser tarde, e lhe haver faltado o mastro grd.^o com o tempo. Este Francisco X.^{er} Doutel se achava o anno passado em Goa q.^{do} sahio p.^r G.^{or} de Macao Ant.^o de Albuquerque, com q.^m havia tido suas differenças, e querendo o g.^{or} que elle o trouxesse, lhe disse que sim,

minho que outros vieram trilhar depois—entre elles, s. ex.^a e eu—copiou mal o trecho em que meu Paé se referiu á carta de Albuquerque ao Imperador de China. Ou antes quiz ser mais minucioso e cahiu em erro. Meu Paé contentou-se em dizer :

«1 de março de 1719—carta do governador de Macau, Antonio de Albuquerque Coelho. ao Imperador da China, Kang-hi Veja «*China*» por Martin, vol. I, pag. 372».

O sr. França quiz dizer mais, e, a pag. 108 do seu livro affirma :

«Antonio de Albuquerque Coelho era um homem energico, patriotico e cheio de desejos de levantar o nome portuguez : logo que chegou a Macau empenhou todos os seus esforços e intelligencia, em dissipar o abatimento em que haviam cahido os moradores. Neste proposito dirigiu ao Imperador da China uma carta cheia de dignidade, em que procurava convencel-o de que n'aquelle tracto de terreno só devia mandar o rei de Portugal. A epistola tem a data de 1 de março de 1719. Não a transcrevemos por ser em demasia extensa, mas encontra-se no 1.^o volume pag. 372 da obra *China*—Moutenegry (sic) Martin».

Ora, indo nós consultar a obra de Montgomery (e não Montene-

mas fingindo um temporal, se fez á vella de noite da barra d'aguada, e fugio não trazendo nem as vias do Estado p.^a esta Cid.^a, p.^r cujo motivo logo que chegou se foi *omissiar em S. Paulo, temendo q.' o Albuquerque lhe fizesse alguma desfeita, p.^r q.^{to} se achava no governo, porem com a chegada de Luiz Xances em o navio de vias deste anno se acabou tudo p.^r q.' este trouxe ordem do V. Rey a favor do mesmo Doutel-*

«1719 — Setembro 9. Neste dia tomou posse do governo desta Cid.^e Ant.^o da Silva Telles de Menezes que lho entregou Ant.^o de Albuquerque Coelho cujo governou 1 anno 4 mezes e desistio de G.^{or.}»

Albuquerque ainda se demorou em Macau até 18 de Janeiro de 1720, em que se embarcou para Goa

gry) Martin, encontramos na pag. citada a carta que transcrevemos na integra, na propria lingua em que está traduzida, e sem omissão d'uma letra ou virgula. E' a seguinte:

«High and mighty Lord, = The Portuguese of Macao, who govern the place, Vicente Rosa, and with all the others, have always received immense favours of your Imperial Majesty, whose name fills all the world; and lately a new one has been bestowed upon us, by not being included in the prohibition of navigating the southern seas; we have more than ten thousand mouths to provide for. To shew in some way our thankfulness, we have selected a few articles. wich we transmit to the viceroy, begging him to have the goodness to present them to your Imperial Majesty, and we shall be very happy = 1.st March 1719. = (segue a lista dos presentes para o Imperador).

Por onde o leitor verá que nessa carta, que é b m *curtinha*, nem Albuquerque disputava com o Imperador da China acerca do direito de soberania do rei de Portugal sobre Macau, nem se *enchia de dignidade* para mandar ao Imperador uns presentes como homenagem de gratidão da gente de Macau pelos beneficios recebidos do Imperador.

A memoria de Albuquerque não necessita que se torça a Historia para elle ser considerado benemerito e illustre entre os mais illustres!

«com bastantes saudades dos moradores desta cidade por ser m.^o bom homem», diz a «Collecção». Foi na fragata *N. S. das Brotas* «que tinha dado a commercio da qual hera capitam de mar e guerra D. Thomaz de Menezes».

Mas em 10 de Agosto de 1721 Albuquerque passava novamente por Macau. Falla a «Collecção»:

«1721—Dezembro 21: Ant.^o de Albuquerque, como houvesse desistido de G.^o d'esta Cid.^o e o V. R. de Goa houvesse nomeado em G.^o de Timor, havendo chegado a esta Cid.^o em hum pequeno navio seu, aos 10 de agosto proximo passado, partio p.^a o seu governo, no mez e dia acima indicado.»

Conseguiu estar assim quatro mezes na terra em que se encontravam os restos da sua querida Maria!

*

Nada mais pude ainda apurar acerca do governo de Albuquerque em Timor, senão o que diz Affonso de Castro na sua obra «*As possessões portuguezas na Oceania*». Depois de relatar o estado anarchico em que ficára o governo de Timor nas mãos do fraco e timorito governador Francisco de Mello e Castro (que tambem fôra antecessor de Albuquerque Coelho no governo de Macau), e aos manejos do bispo de Malacca, D. Fr. Manuel de Santo Antonio, que conseguira apossar-se do governo da colonia, diz Castro:

«Acudiu Goa a este desgraçado estado de coizas, nomeando novo governador, Antonio de Albuquerque Coelho, o qual (chegado a Timor), desapossou o bispo, tomando conta da direcção dos negocios.

«Pretendeu ainda Fr. Manuel de Santo Antonio ingerir-se

na administração, mas não lh'o soffreu o governador, *homem de rijo caracter e de firme vontade. Severo no cumprimento dos seus deveres, e rigoroso para com as fallas dos seus subordinados*, não devia ser bemquisto dos moradores de Lifão, costumados ao desleixo e relaxação, e não foi difficil ao bispo indispô-los contra o governador, conseguindo ao mesmo tempo, por suas intrigas, que alguns dos reis de Sorvião lhe negassem obediencia.

«Não se acobardou Albuquerque, e, longe de imitar o exemplo do antecessor, tratou de conjurar a tormenta.

«Corria o anno de 1722, e julgando varios reinos a occasião opportuna para realisarem os planos concertados em 1719, declararam-se em rebelião contra o governo portuguez. Foi o rei de Luca o primeiro a romper hostilidades, atacando com o seu gentio o capitão-mór Joaquim de Matos, que, com um troço de moradores de Lifão, havia ido a Cailaco cobrar fintas.

«Camenace, como cabeça da rebelião, poz-se logo em campo seguido de Lamakito, e mais doze reinos visinhos, e esta gente, havendo ás mãos os padres Manuel Rodrigues e Manuel Vieira, barbaramente os assassinou. As egrejas dos reinos revoltados foram queimadas, ultrajadas as imagens e profanados os vasos sagrados.

«Prolongou-se este estado de desordem e de inquietação, por muito tempo, apesar dos esforços do governador, o qual pôde ainda assim conservar fieis os moradores de Lifão e alguns reinos vassallos, até que, chegado a Larantuca novo governador, Antonio Moniz de Macedo, as cousas tomaram outro aspecto.»

*

Albuquerque, de volta a Goa, passa novamente por Macau, afim de matar saudades, despedindo-se, já agora de vez, da pobre morta enterrada em S. Francisco.

Lá diz a «*Collecção*» :

«1725—Setembro 29. Neste dia desembarcou nesta cidade Antonio de Albuquerque Coelho, vindo de Timor por haver acabado o seu governo. Foi assistir em S. Fran.^{co} onde no dia 23 de 9.^{bro} fez um officio solemne pela alma de sua mulher M.^a de Moura; houve salva na fort.^{ca} do Monte no fim do officio e dobrarão todas as Igrejas: ella havia fallecido de parto em 20 de Julho de 1714, como consta do d.^o anno.»

Pobre Maria de Moura! Teu nunca esquecido esposo nunca mais viria chorar sobre a pedra da tua sepultura! Mas diligenciou-o bem! Dez annos mais tarde, ainda o vice-rei conde de Sandomil, dando a el-rei informações de militares e funcionarios existentes na India, dizia de Antonio de Albuquerque Coelho :

«Veyo do Reyno ha trinta e dous annos, occupou os postos de Tenente de mar e guerra, Cappitão de Infanteria do Terço d'este Estado, governador, e Cappitão General da Cidade de Macáo, e Governador das Ilhas de Solor, e Timor, e Governador, e Cappitão General do Reino de Patte (*); *tem grande capacidade, e muyto bom juizo e de excellente modo com as gentes.* Nos governos de Macáo, e Timor me consta pelas informacoens que tenho que *procedeo com distincção e acerto,* e no governo de Patte *não creio que obrou mal,* pois V. M. sendo-lhe presentes as Devações que contra elle se

(*) *Pate* ou *Paté*, é a conhecida ilha e povoação do mesmo nome, situadas muito proximo á parte mais septentrional da costa de Zanguebar. Perdemos-las e retomamos-las por diversas vezes aos arabes, até que em 1729 as abandonámos de todo, juntamente com Mombaça, e Zanzibar. Culparam do abandono de Pate a Antonio de Albuquerque Coelho, segundo se vê a pag. 120 do «*Ensaio estatístico sobre a provincia de Moçambique etc.*» por Francisco Maria Bordalo, que, quando se refere ao governador de Moçambique Antonio Cardim Froes, diz :

«Perde-se novamente e para sempre Mombaça (1729). An-

tirarão, o deu por livre por carta sua expedido este anno pelo Conselho Ultramarino; tenho-o por capaz de todos os empregos, e particularmente para o de Macdo, que hoje necessita mais de industria e capacidade do que das mais circumstancias, que nelle não faltam. (*)

Que melhor folha de serviços poderia Albuquerque Coelho apresentar á munificencia regia? Provavelmente de nada lhe serviu, pois que não encontrei menção do seu nome em outros logares onde o tenho em vão procurado. Provavelmente, velho e alquebrado, minado de desgostos, morreu esquecido de todos, sem lograr ter a mesma sepultura da linda companheira, mãe de seu filho, cujo destino não sei.

Que estas linhas e a reedição da obra de Vellez Guerreiro pelo meu prezado amigo salvem mais uma vez do esquecimento a grande figura de Antonio de Albuquerque Coelho! São estes os desejos de quem, na continuação do trabalho encetado por Antonio Feliciano Marques Pereira, voltará talvez um dia ao assumpto, para tornar ainda mais saliente o inconfundivel perfil do benemerito portuguez!

Lisboa, 5 de novembro de 1905.

J. F. MARQUES PEREIRA.

tonio de Albuquerque Coelho abandona tambem a ilha de Paté sem fazer a fortaleza que lhe fora recommendada.

Ora d'essa culpa, que lhe attribuiram, ficou elle livre, depois do devidamento apreciadas pelo Conselho Ultramarino as devaças a que se refere o conde de Sandomil.

Seria curiosa a publicação dessas devaças, que devem existir nos archivos do antigo Conselho Ultramarino, hoje bem guardados na Bibliotheca Nacional de Lisboa, depois do abandono em que estiveram durante tanto tempo.

(*) Officio do Conde de Sandomil, vice-rei da India, a El-Rei, datado de Goa em 23 de Janeiro de 1735, publicado por Celestino Soares no Tomo III do seu «*Bosquejo das Possesões Portuguesas no Oriente*».

JORNADA,
QUE
ANTONIO DE ALBUQUERQUE
COELHO,

Governador, e Capitão General da Cidade do
Nome de Deos de Macao na China,

*Fez de Goa até chegar á dita Cidade no
anno de 1718.*

Dividida em duas partes.

Escrita

PELO CAPITAÕ

JOAÕ TAVARES

DE VELLEZ GUERREIRO,

E DEDICADA

AO DUQUE,

por

D. JAYME DE LA TE, Y SAGAU.



LISBOA OCCIDENTAL,
Na Officina da MUSICA.

M.DCC.XXXII

Com todas as licenças neceffarias.

Vende-se na mefma Officina.

AO DUQUE

EXCELLENTISSIMO SENHOR

ESTA viagem que me resolvi a imprimir, por me parecer, que a sua lição será não só util, mas agradável aos curiosos de semelhantes noticias, dedico a V. Excellencia, mas o motivo desta dedicação não é algum daquelles, que o costumam ser das outras. Eu não pertendo, que o grande respeito de V. Excellencia sirva de escudo contra os que quizerem dizer mal da obra, quero sim, que conheça o publico, que até os caracteres da minha Impressão sabem formar palavras, que podem publicar em toda a parte onde forem entendidas, para testemunho do seu agradecimento, a honra que V. Excellencia lhes fez. Escreveo V. Excellencia as *Ultimas acções de seu Pai*

o Grande Duque D. Nuuo, e não satisfeito de me honrar a mim, quiz tambem honrar a minha Officina, mandando-me, que as imprimisse, e que a grandeza da edição correspondesse á grandeza da materia, e do Escriitor. Para satisfazer ao preceito de V. Excellencia, escolhi os mais perfectos caractares, fiz a impressão em folha de grande papel, e para que em tudo fosse magnifica, mandou V. Excellencia a Monsiur Quillard, igualmente destro no Pincel, e no Butil, que abrisse em planchas de cobre tudo o que fosse preciso para o ornato do livro, o que elle executou com summa perfeição, pois não fallando em vinhetas, letras iniciaes, e remates, abrio para o principio da obra uma estampa de admiravel idéa, a que se segue outra com o Retrato do Duque summamente semelhante. No meio se vê outra, que representa a pompa militar do enterro, e no fim trinta e tres, que mostram o magnifico Mausoleo, e todos os adornos funebres de que se vestio a Igreja de Santa Justa, quando a Irmandade do Senhor lhe celebrou as Exequias; de sorte, que posso afirmar sem vaidade nem mentira, que a minha Officina deve a V. Excellencia a gloria, de que nella se fizesse a edição mais perfeita, e magnifica, que até aqui se tem feito na Peninsula de Hespanha.

Em todos os seculos, e em todas as idades se lerão neste grande livro as acções de um Principe, que para se fazer Heroe, sóbe igualar com a grandeza das virtudes a grandeza do nascimento, e que para ser maior que todos os seus Maiores, alcançou de Deos o alto beneficio de ser Pai de V. Excellencia; mas no mesmo tempo se lerão impressas na Officina da Musica. A agradecida memoria desta honra se conservará sempre na mesma Officina, para a publicar no Mundo em quanto nella durarem os caracteres.

Agora desejava eu, Senhor Excellentissimo, uma

eloquencia, e uma erudição iguaes ao meu profundissimo respeito para com a pessoa de V. Excellencia, para que, já que fallei no material do livro, podesse tambem fazer um juizo não só da relação, que V. Excellencia escreveo, mas de todas as mais obras, assim em verso, como em prosa, de que elle se compoem; mas destas basta-me dizer, que foram compostas pelos melhores Poetas, e Oradores de Portugal, e da relação de V. Excellencia direi o que diz o ultimo dos Sonetos, que no mesmo livro se imprimiram em louvor de V. Excellencia; e ainda que no fim não está firmado mais que com as letras iniciaes do nome de seu Author, bem se conhece, que é feito por um Padre Caetano.

SONETO

A Religiosa, singular piedade,
Nas ultimas acções mais repetida
Do grande Duque, com que o fim da vida
Fez principio feliz da eternidade.

Com igual eloquencia, que saudade,
Deixais, Heroico JAYME, referida,
Porque na muda voz do prélo ouvida,
Viva estampada na futura idade.

Essa vida que tendes recebido
De um l'ai tão dignamente venerado,
Oh que bem lha pagais agradecido!
Pois já duas vidas tem por vós logrado;
Uma em vossas acções reproduzido,
Outra em suas acções eternizado.

Deos guarde a V. Excellencia muitos annos, e lhe dê todas as felicidades que lhe deseja seu criado

D. Jayme de la T. e Sagáu.

PROLOGO

Não ha melhor meio para o acertado fim de qual-quer heroica empreza, ainda que arriscada, do que uma apostada resolução, dirigida de um natural vivo, prudente, e experimentado. A prudencia sem resolução é pussilanimidade; e a resolução sem experiencia, e prudente ponderação das consequencias, é reputada por temeridade. A resolução, que tomou o Senhor Antonio de Albuquerque Coelho na jornada, que empredeo de Goa por terra até Madras-ta, e dalli por mar até Macao, parecerá temeraria a quem só attender ás circumstancias do tempo, o mais incommodo naquellas partes pelas continuas chuvas, e trovoadas; aos riscos dos caminhos por terra de barbaros, e infieis, onde necessariamente se havia de atravessar o Reino de Sunda, cujo Senhor andava em differenças com o Estado da India; se haviam avançar rios impetuosos com as inundações das chuvas, e arrebatados com as enchentes das aguas; se haviam

de passar braços do mar, cuja passagem é tanto mais difficullosa de emprender, quão menos seguro o modo de a effectuar; se haviam encontrar innumeraveis tigres, que infestam aquelles montes; se havia de expor ás invasões de deshumanos, e atraícoados ladrões, que impedem aquelles caminhos. E o que é mais, a pessoa de um Governador do Srenissimo Rei de Portugal, se havia de aventurar a ser, ou descortezmente tratada, ou afrontosamente reprezada com menos decoro da reputação Portugueza. Mas quem tambem advertir, que a natural viveza, e prudente experiencia de quem se expunha a taes perigos, sabia nas occasiões dar talho ás difficuldades, e nos repentengenhosamente vencer os obstaculos, não reputará por temeridade o que era assentada resolução; confiada não menos na prospera fortuna de Cesar, que na prudente experiencia de Catão. O qual bem mostrou o successo, como se verá no discurso desta Relação.

Vale

LICENÇAS

DO SANTO OFFICIO

EMINENTISSIMO SENHOR

L a Relação, que quer reimprimir D. Jayme de la Té, e Sagáu, e nada contém contra a nossa Santa Fé, ou bons costumes. Lisboa Occidental 10 de Julho de 1730.

D. Antonio Caetano de Sousa.

V ISTA a informação, pôde-se imprimir a Relação de que trata, e depois de impresso tornarã para se conferir, e dar licença, que corra, sem a qual não correrã. Lisboa Occidental 11 de julho de 1730.

<i>Fr. R. Lancastro.</i>	<i>Cunha.</i>	<i>Teixeira.</i>
<i>Silva.</i>	<i>Cabedo.</i>	<i>Soares.</i>

DO ORDINARIO

P ODE se imprimir, e depois de impresso tornarã para se conferir, e dar licença, para que corra. Lisboa Occidental 12 de Julho de de 1730.

Gouvea.

DO PAÇO

SENHOR

POR ordem de V. Magestade vi a jornada, que Antonio de Albuquerque Coelho fez de Goa á Cidade de Macao, e nella não achei cousa, que seja contra o serviço de V. Magestade, que mandará o que for servido. Nesta casa de Nossa Senhora da Divina Providencia de Clerigos Regulares, 23 de Agosto. de 1730.

D. Joseph Barbosa.

QUE se possa imprimir vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornará á mesa para se conferir, e taxar, e dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa Occidental, 26 de Agosto de 1730.

Pereira.

Teixeira.

Bonicho.



PRIMEIRA PARTE

*Descreve-se a jornada de Goa até
chegar ao Reino de Gior*

CAPITULO I

*Cousas succedidas de Goa até entrar nas terras
do Reino do Canará*

INTENTANDO o Illustrissimo, e Reverendissimo Senhor D. Sebastião de Andrade e Pessanha, Arcebispo Primaz, e Governador dos Estados da India, dar Governador á Cidade de Macao, poz os olhos no Senhor Antonio de Albuquerque Coelho; e attendendo, que assim o bem temporal daquela Cidade, como o espirital das dilatadas Missões, dependentes da mesma Cidade, e nestes calamitosos tempos tão perturbadas, necessitavam da assistencia de tal Governador, como assaz experimentado daquelles Paizes, pois tinha por bastante tempo habitado nelles, determinou fizesse logo sua viagem para aquella Cidade. Estavam no porto de Goa dous navios, que naquelle anno tinham vindo de Macao, um delles não tinha a neces-

saria expedição para voltar : no outro se assentou embarcasse o dito Governador ; e estando as cousas preparadas, na noite dos 22 de Maio ás 7 horas levantou véla o Capitão daquelle navio, por causa do vento, que de repente começou fortemente a assoprar, e se fez ao mar sem esperar pelo Governador, que havia de ir para Macao, ou porque julgou devia aproveitar-se logo do vento, quando qualquer tardança em tempo, que já começava a invernada, podia ser nociva á sua viagem, ou porque temeo corresse risco o navio ancorado, sendo mais conveniente o affastar-se de terra, ou fosse outro qualquer o motivo expediente ás suas conveniencias.

Com este successo parece ficava frustado o intento do Illustrissimo Senhor Primaz Governador, que era, que o Senhor Antonio de Albuquerque Coelho partisse naquelle anno para Macao ; mas a actividade de um, e outro Senhor remediou este accidente não esperado, com a resolução de que aquella jornada se emprendesse por terra até Madrasta, aonde por todo o Julho poderia achar embarcação para alguma das partes confinantes com a China, por ser aquella emporio dos Inglezes um dos mais bem providos de toda a Asia, e expedito em despachar navios em qualquer tempo para varios portos. Assentada esta resolução, expedio o Illustrissimo Senhor Primaz Governador suas ordens, e recommendações assim ás Feitorias do Estado, como ás outras dos Estrangeiros ; e aos 30 de Maio o destinado Governador de Macao, no cais do Desembargador Agostinho de Azevedo Monteiro, se embarcou na Manchua de D. Christovão de Mello, Védor da Fazenda, levando em sua companhia o Capitão João Tavares de Velez Guerreiro, que estava nomeado para a guarnição da Fortaleza da Barra de Macao, e o seu Ajudante Ignacio Lobo de Menezes, e

no seu Balão a João Nunes, e Pascoal Ribeiro Portuguezes, e cinco Cafres seus cativos, e juntamente dous clarins; e fazendo sua digressão ao Convento dos Religiosos Capuchos da Madre de Deos, rendeo devota oração áquella Senhora, que é amorosa companheira, e fiel guia dos viandantes; e recebendo em sua companhia a Fr. Angelo de Santo Antonio, e o Irmão Benedicto, que ambos estavam destinados para o acompanhar no sobredito navio até a China, se partio daquelle observantissimo Convento pelas 6 horas da noite, para a Fortaleza de Rachol, aonde chegou pelas 10 recolhendo-se em casa do Senhor D. Luiz da Costa, General da Provincia de Salsete, e foi hospedado com aquelle carinho, e agrado, que pedia a grande amizade entre ambos contrahida. Foi necessario deter-se alli um dia mais; porque faltando os Deçais de Pondá á palavra, com que tinham promettido cavallos para aquella jornada, por intelligencias que havia entre elles, e o Rei de Sunda, o Senhor D. Luiz da Costa applicou sua diligencia, e cuidado a supprir o com que faltaram aquelles Deçais.

Deo-se principio á jornada aos 2 de Junho com uma devota assistencia, que os dous Generaes fizeram ao sacrosanto Sacrificio da Missa, acção propria da fidalguia Portugueza, que costuma começar suas empresas pela piedade. Partio o governador levado no andor do General daquella Provincia, com toda a mais comitiva acima referida, recusando uma tropa de 20 cavallos, que o General D. Luiz da Costa lhe offerecera para o acompanhar até Coculim, aceitando sómente um cabo de esquadra, e outro soldado com ordem do dito General para que obedecessem em tudo o que o Governador lhes mandasse. Fez-se o caminho pela Aidea de Chinchini, não tanto por se avistar com o R. Padre Manoel Carvalho, da Companhia de Jesu, veneravel

Ancião, e de singular estimação, Vigario daquelle freguezia, quanto por visitar a devota Imagem de Nossa Senhora, que naquelle lugar é venerada com notavel devoção pelo povo. E o bom Padre admirado da resolução do Governador, e ponderando os perigos, e trabalhos, a que se expunha, o exortou a que se puzesse debaixo do patrocínio da Mãe de Deos, toda fonte de piedade, e misericordia, e norte seguro dos caminhantes, com o qual patrocínio podia esperar felicissimo successo: o que tudo ouviu o governador com affectuosa ternura, prometteo um manto á devota Imagem, e partindo pelas tres horas da tarde em demanda da Aldea de Cocuim, chegou lá pelas cinco, estando o capitão de infantaria Antonio de Abreu, que alli assistia de guarnição, aparelhado para hospedar o dito Governador; mas este rendendo as devidas graças a tão urbana offerta, se foi agazalhar na Igreja daquelle lugar, em que residia por Vigario o R. P. Valentim de Gouveia da Companhia de Jesu, accomodando-se a mais comitiva em casa do dito capitão de infantaria.

Amanheceo o dia seguinte, e a primeira cousa, que o Governador fez, foi assistir á Missa com a sua costumada devoção, e piedade; e preparado o necessario, dispoz a marcha, a qual como foi entrando pelas terras do Sunda, se dividio em fórma de Arraial, precedendo na vanguarda vinte Lascarins mosqueteiros com o capitão João Tavares, e os dous Portuguezes, e na retaguarda ia o Governador com os outros Lascarins, seus Cafres, e o Ajudante, levando toda a bagagem no centro, e os dous soldados de Cavallo lhe guardavam as costas. Eram aquelles Lascarins da Infantaria do Deçai Nagogi Narque, que por ordem do Illustrissimo Senhor Primaz foram deputados para acompanhar ao dito Governador até ás terras do Canará. Nesta fór-

ma chegou o Arraial á primeira vigia do Rei de Sunda, que constava de sessenta Lascarins, e logo lhes foi intimado, quem passava, para onde, e a que fim. Continuou-se a marcha, e juntamente a chuva, que não cessou naquelles dias; pela qual razão os caminhos eram uma continuada alagoa, e com grande trabalho se chegou ás cinco horas da tarde á Aldea de Parurá, que está ao Sul de Cabo de Rama, onde se aquartelou o Governador na barraca da vigia, que constava de cinco Lascarins, que arrebatados do medo, largaram o posto, fiando dos pés a sua segurança; mas dando-lhe seguro, que nem elles, nem os da Aldea seriam molestados, com condição, que de noite nenhum chegasse ao districto do Arraial, sobpena de morrer arcabuzeado, se socegaram. No dia seguinte se proseguio a jornada com molestia da chuva do Ceo, e alagos da terra; e a poucos passos andados se encontrou um braço do mar, cuja largura era pouco menos, que um tiro de pistola. A necessidade obrigava a atravessa-lo a pé, pois não havia alli nem ponte, nem embarcação alguma, nem quem soubesse, que fundo tinha. Foi um aventureiro a observar-lhe a altura, e achou não passar da cintura para cima, e retirando-se para a praia, de tal sorte cresceo a agua com o quebrar das ondas, que o ia arrebatando para o mar, e com grande difficuldade se salvou.

Ficou a gente summamente intimidada á vista do caso, e deu por impossivel a passagem; mas o Governador soceguou a todos, e com sua natural viveza observando aquelle syntoma, e segredo da natureza, advertio, que de nove em nove ondas crescia, e decrescia com tão grande improporção, e em tão breve espacio de tempo aquella nova maré, que não chegaram a descobrir, nem Aristoteles, nem Plinio: e feita esta observação, acabada a nona onda, o passou com toda

a gente, sem que pessoa alguma perigasse. Tanto val em semelhantes occasiões haver uma cabeça sagazmente advertida, que saiba prudentemente especular, e descobrir os segredos da natureza para assim poder cortar pelas difficuldades! Fica este braço de mar logo á entrada da praia de Galipan, a qual é uma lingua de area, que vae dar ao rio Quilipican, e este sabe ao mar pela dita lingua de area, e corre tão arrebatadamente, que pareceo até ao mesmo Governador ser impossivel sua passagem. Havia alli Almadias grandes, mas não costumavam passar naquêle posto, e só uma legua mais dentro, aonde a corrente é menos furiosa. Não se achou o Governador com fleuma de ir buscar mais longe a passagem, e mandou conduzir quantos pescadores se achassem, e com promessa de aventajada paga (movel, que costuma imprimir forças a semelhante gente) á força de multiplicados remos se venceo a corrente, e puzeram da outra parte. Vencida esta difficuldade, logo deram noutra não menos arriscada, que era o rio Lolipigan, que se havia de passar em duas unicas Almadias, tão rotas, e desmanteladas, que pareceria grande temeridade arriscar nellas tanta gente: mas como a fortuna ajuda aos animosos, passaram todos á outra parte com desprezo dos perigos. Continuou-se a marcha por terra rasa, e dilatada em vargens, que por ser tal, em tempo de tantas chuvas, eram seus caminhos mui arriscados. Finalmente já quasi noite se chegou á Aldea Seovençar.

E' esta Aldea de respeito, e consideração, assim por haver nella uma Fortaleza bastantemente grande, fabricada de pedra, e cal, com cinco baluartes, e algumas peças de pequeno calibre, presidiada de cem Soldados; mas muito mais por estar alli templo dedicado a Deos, com residencia dos Religiosos da Companhia de Jesu, em que assistia o P. Manoel Botelho da

mesma Companhia. Mandou o Governador fazer a marcha por dentro da Povoação a som de clarins, e com a melhor pompa, que pode, ficando os do lugar cheios não menos de admiração, que de medo, e se foi agasalhar á Igreja. Era esta em tudo Apostolica, não só pela pobreza, e estreiteza, pois era tecida de palha, e de quatro varas de comprido, e tres de largo, como tambem pela exemplar vida, e grande zelo das almas daquelle Religioso. Alli expoz o Governador as Imagens de Nossa Senhora da Penha, e de Santo Antonio, seus fieis, e indivisos companheiros em todas as viagens, e emprezas, e que lhe serviam igualmente de fomento á sua devoção, e de confiança a seo animo, e o Padre entou as Ladainhas de Nossa Senhora, a que o Governador, e os mais devotamente responderam. Entre tanto os da Fortaleza estavam passados de medo: fecharam as portas, e com rigorosa sentinella se puzeram com as armas na mão; porque lhes remordia a consciencia, quando de alli tinham ido alguns Soldados ajudar ao Sambagi na entrada, que poucos mezes antes tinha feito nas terras de Salsete. Mas nada succedeo de parte a parte, porque o Governador só attendia á sua viagem; e os da Fortaleza se davam por mui satisfeitos se os deixassem em paz. No dia seguinte, cinco do corrente mez, foi tão grande a chuva, e cresceo tanto a agua pelos caminhos, que chegava a dar pelos peitos; mas não foi bastante este incommodo a que se interrompesse a jornada.

Passadas poucas horas daquelle dia, se emprendeo vencer uma grande difficuldade qual era a passagem de Chitacola, que é a boca da enseada das Galés, não tanto pelas emcrespadas ondas causadas dos grandes ventos, e tempestades, quanto pela resistencia, que a vigia daquelle posto intentou fazer, impedindo as embarcações da passagem. Constava aquella vigia sómen-

te de dês Lascarins, um pouco resolutos; mas acharam quem os vencesse na resolução, porque o Governador, ainda que não queria exasperar a gente daquelle Reino, conforme nas presentes circumstancias pedia a prudencia, julgou com tudo não devia dar o minimo indicio de medo, para que a demasiada cautella de não os offender, não degenerasse em desprezo de sua pessoa; pelo que denodadamente lhe smandou intimar, que se não desistiam de seus intentos, os mandaria a todos açoutar. Foi bastante esta intimação, para que largassem livre a passagem.

Vencida a Serra de Argapeite, cuja sobida, e descida foi um pouco molesta, se fez assento já quasi noite na Aldea do Aursia, e foi necessario fazer quartel no alpendre de um grande pagode, que estava cheio de muita gente; pela qual razão mandou o Governador fechar as portas, e fazer sentinella. Seriam nove, ou dez horas da noite, quando aqueile Tartareo, e vil ajuntamento começou um triste, e descomposto descante, com o toque de tamborins, campainhas, e gaitas; e sabendo o Governador, que aquillo era querer dar principio ás suas diabolicas rezas, com imperio, e autoridade lhes fez dizer, que desistissem daquella acção, e doutra sorte, á força de crueis bofetadas, que os seus Cafres lhes dariam, seriam lançados fóra do Pagode: e bastou isto para ser obedecido á risca. Tanto póde o zelo Christão, animado da efficacia de um generoso espirito, que aterrou, e confundio aquelles miseraveis, e enganosos escravos de Satanás, e impedio o obsequio, que se queria fazer ao diabo com dispendio da honra Divina!

Amanheceo o dia sexto de Junho, e juntamente se dirigio o Arraial para a Aldea de Ancolá, com menos chuva, que os dias passados, mas não com menor difficuldade; quando a pouca distancia do alojamento

daquelle noite, se descobrio no mar um lastimoso espectáculo. Era um navio, que só tinha fundado toda a sua esperança de se não perder totalmente em uma ancora, contra quem estavam apostadas a inchada furia dos mares, e petulante tempestade dos ventos; e o esperava aquella brava costa, para deshumanamente o receber em pedaços, e o entregar áquelles barbaros, a cujo Rei (conforme o costume, ou abuso de quasi toda a India) pertencem os bens dos naufragamos. Moveo-se o Governador a compaixão, e temendo fosse o navio de Macao, em que tinha determinado embarcar-se, desejava de algum modo soccorre-lo, mas como não distava mui longe a Aldea de Ancolá, onde havia de jantar, e alli podia de alguma sorte prover ao necessario, continuou a jornada, deixando dous homens da sua companhia com ordem, que fossem á praia, e alli fizeesem toda a diligencia para saber, que barco era, e de tudo lhe fossem dar noticia. E' Ancolá uma das melhores, e maiores Povoações do Reino de Sunda, assim pelo lugar em que está, como pela bem lançada Fortaleza, com que é defendida, lavrada de pedra de cantaria, disposta com bons baluartes, e levantada em mui bella situação. Poz-se o Arraial em ordem, e caminhou a marcha para o Bazar; e reconhecendo o Governador grande abalo em todos os vizinhos daquelle Povo, para os livrar do susto, lhes mandou dizer, que o guiassem até á Igreja, aonde residia o R. P. Joseph Pereira da Companhia de Jesu, sogeito de conhecidos e aventajados talentos, o qual recebeu ao Governador, ajuntando com a moderação Religiosa, uma decente grandeza no jantar, que lhe offerceo de cousas mui boas, effeito de sua economica providencia para semelhantes occasiões, e juntamente o proveo para a viagem de varios doces, frutas, e outros regalos.

Como nesta Igreja ouvísse dizer, que se suspeitava ser de Mascate aquelle navio, que arriba se fallou, e que os Mouros da terra o esperavam, e os homens, que tinha deixado para o exame do dito navio, nenhuma cousa certa disseram, se resolveo a partir-se, especialmente sendo obrigado a faze-lo, assim por lhe dizer o Padre Joseph Pereira, que o lugar dos confins entre o Sunda, e Canará, só distava duas horas de caminho, como tambem por elle Governador temer, que a sua detença fosse causa, que o Rei de Sunda, cuja Corte não distava mui longe, astutamente lhe armasse alguma embuscada, em que corresse perigo sua pessoa. Pelo que mostrando seu animo agradecido áquelle Religioso Padre, se despedio delle, e poz a caminho, que foi bem molesto, e mais comprido do que convinha, por causa do guia, como com bastante fundamento se sospeitou, por quanto elle mostrou que-ria ficar em Ancolá. E se confirmou este fundamento; porque ohogados ao rio, que divide o Reino de Sunda das terras do Canará, se achou a passagem sem Almadias, as quaes todas estavam na outra parte do Canará, e chamando-se, nenhuma quiz vir. Vendo o Governador as cousas nesta fórma, sem mostrar perturbação em seu animo, começou a dispor o necessario para a sua segurança. A primeira cousa foi prender o guia na barraca da vigia daquelle lugar, e juntamente dous homens da mesma vigia: mandou tambem recolher á dita barraca todos os Bigarins dos Andores, pondo alli duas sentinellas de confiança; e como aquella paragem era deserta, deo ordem se cortassem estacas, com que se intrincheirou em tal ordem, que podesse acodir a uma, e outra parte do caminho, guarnecendo a estancia com vinte homens, e pondo os outros no monte, que ficava a tudo eininente, e

disposto tudo com notavel pressa, e melhor modo que pode ser, se passou a noite com vigilante socego.

CAPITULO II

Prosegue se a jornada até investir o caminho dos Gates

ALVEJOU a manhã seguinte, e logo o Governador obrigou os dous vigias do lugar, a que conduzissem as Almadias da passagem, o que elles fizeram com não menor diligencia, que medo; e foi tal a expedição, que pelas sete horas da manhã todo o Ararial se achou nas terras do Reino do Canará. Aqui despedio o Governador o guia, e a esquadra dos Lascarins do Deçai de Dongrim com cartas para o General da Provincia de Salsete, e seus procuradores; reservou porém a companhia de Coculim, contra as ordens do Illustrissimo Governador Primaz, conjecturando prudentemente o que lhe havia de succeder. Foi o caso, que segunda feira sete do dito mez de Junho, depois de vencer as difficuldades das grandes chuvas, e as espessuras de espinhosos matos, avistada a Fortaleza de Mirizen, primeira do Reino do Canará, se alojou alli o Governador pelas duas horas da tarde, para expedir as suas cartas para Goa. Não faltou neste passo o Governador do lugar com as suas cortesias, afferecendo a tão nobre hospede um presente das cousas da terra, que constava de um ramo de figos, uma Jaqua, Betele, e manteiga, que tudo obsequioso recebeu o Governador, apremiando ao portador com dous Rupiás, e mandou dizer-lhe, que a maior graça, que delle poderia receber, era expedir-lhe as Almadias para a passagem do rio, que no outro dia

muito cedo pertendia fazer ; mas como esta expedição pertencia á jurisdicção do Avaldar, foi necessario, que o Governador de Macao despachasse dous homens da sua guarda a fazer ao dito Avaldar aquelle requerimento.

Era este de condição soberbo, e homem, que attendia mais aos lucros do Telonio, do que á authoridade dos passageiros, e com a capa do culto aos seus monstruosos Pagodes, tirava prata a quem a necessidade obrigava a passar aquelle rio. Respondeo elle dissimuladamente, que ficava de aviso. Rompeo a Aurora do outro dia, e logo o Governador foi marchando para a passagem ; e quando os da vanguarda se persuadiram, haviam de achar expeditas Almadias, experimentaram tudo pelo contrario, porque estas estavam da outsa parte: deram aviso ao Governador, o qual mandou saber do Avaldar a causa, e este respondeo, que em quanto o Governador não mandasse toda a sua gente a tomar marca para passarem, e pagar cada um o que era costume para os Pagodes, não havia de dar Almadias. Justo motivo para ferver o nobre sangue do Governador, quando sem o devido respeito á sua pessoa, o queriam reduzir aos foros da gente ordinaria ; mas muito mais justo, quando com menoscabo da piedade christã, que tanto fomentava em seu generoso peito, era demandada, que concorresse para o culto dos idolos ; levado pois de uma innocente, e christã ira, manda a toda a gente investir a casa do Avaldar, e chegado perto della, salta denodadamente do Andor, e com grave imperio lhe intima o castigo de fogo ; e foram taes as vozes, e ruido daquella negra turba de Cafres, e Lascarins, que a som de clerins tocavam a degollar, que o Avaldar fugio descomposto, e todo o Bazar se despovoou.

Acodio neste passo o capitão da Fortaleza ; e quan-

do pareceria, que elle com todo o seu poder procuraria defender aquelle Ministro do Reino, desafiando-o da invasão, que um forasteiro lhe fazia, foi tudo pelo contrario ; porque com reverente submissão, e instancia humilde rogava ao Governador perdoasse áquelle descortez Ministro, offerecendo-se ao tomar em seus hombros, e po-lo da outra parte do rio ; e como no rosto, e olhos do Governador scintilasse o fogo de sua mui nobre colera, o Capitão levantando as mãos ao Ceo, lhe pedia por amor do seu Deos socesse o animo. Aqui cedeo o Governador, não tanto respeitando as submissões daquelle barbaro, quanto pela reverencia devida ao soberano nome de Deos, do qual aquelle infiel se valera ; e com grande estupor daquelle Gentilissimo, foi com o dito Capitão caminhando até o Bazar, o qual o foi presenteando com varias frutas, e juntamente obrigava ao Avaldar, que em pessoa conduzisse as Almadias, o qual executou não menos cheio de raiva, que de medo, soltando-se em palavras descompostas contra o mesmo Capitão, chamando-lhe atrevido. Posto da outra parte o Governador, despachou para Goa a esquadra dos Lascarins, reservando só dous, que lhe serviam de lingua.

Deste lugar se foi caminhando, ou para melhor dizer navegando, tanta era a agua, que inundava os caminhos, que em algumas partes obrigava aos carreiros dos Palanquins a leva-los sobre a cabeça. A's oito horas da noite deram abrigada ao Governador na Igreja, que está junta da Fortaleza de Onor. E no dia seguinte, ouvida a Missa da Novena de Santo Antonio, que aquelles Christãos mui devotamente celebram, se proseguio a jornada ; e vencida a passagem de um rio de quasi meia legua de largo, se foi tomar descanso em Mordessar, cuja Fortaleza está em uma ilhota ao mar ; e a palhoça de um pobre Christão deo a poussa-

da ao Governador, que bem se deixa entender qual seria; e passada a noite, por debaixo de copiosa chuva, que cahia sem parar, se continuou a jornada até o rio de Chachinacat, e logo se encontrou um fermoso Bangaçal; mas os que nelle estavam, vendo indireitar para alli aquelle não esperado concurso de Estrangeiros, lhe fecharam as portas: não houve outro remedio, que buscar um Pagode, que estava junto, quando não apparecia outro lugar de agasalho. Era esta estancia muy incomoda, assim por ser asquerosa, e hedionda, como pela muita gente enferma, que alli estava; pelo que o Governador querendo, que entrasse dentro o seo Andor, para nelle passar a noite, o que lhe impediam os batedentes da porta, os mandou quebrar; mas advertida esta determinação pelos Gentios, offereceram logo o Bangaçal ao Governador, que não desejava outra cousa; e querendo entrar nelle, o achou com as portas fechadas. Conheceo-se a arditosa traça daquella inurbana, e vil gentalha, que desta sorte pertendia excluir de um, e outro lugar ao Governador; e este julgando não devia consentir se abusasse de sua moderação, e paciencia, mandou se quebrassem as portas do Bangaçal, e aos primeiros golpes as abriram os Gentios, e o Bramene, que delle tinha cuidado, fazendo da necessidade virtude, começou a escusar a descortesia da sua gente com o reccio, que ella tivera, de que a fazenda, que alli estava recoihida, corresse risco, entrando no Bangaçal os Cafres; e o Governador recebendo estas satisfações, e escusas respondeo, que tomava a seu cuidado a segurança de tudo; e aquartelado, poz sentinella ao fato, ficando o Bramene tão satisfeito, que pelas mãos das suas mulheres se guizou a cea ao Governador.

Deste lugar se continuou a marcha costcando o mar, e na praia appareceram madeiros, despojo de alguns

navios, que a tempestade dos dias antecedentes tinha alli lançado, em sinal da jurisdição, que tivera naquelles mares. Pelas onze horas daquelle mesmo dia, se venceu a passagem do rio de Barçalor, e o Governador se recolheo na Igreja, aonde achou ainda Missa, que ouviu com especial consolação, por ser aquelle dia sabbado dedicado a Maria Santissima, doce, e affectuoso alvo de todo o verdadeiro, e fiel catholico. Alli foi hospedado com muita cortesia, e amor pelo Vigario da Vara daquelle dstricto, e como era vespera da festividade do maior lustre de Portugal, o glorioso Santo Antonio, cujo dia queria celebrar com o obsequio o mais agradavel ao Santo, que era o confessar-se, e commungar, fez demora nesta Igreja. No outro dia, depois de satisfazer á sua devoção, e obrigação de ouvir Missa, pois era domingo, dirigio sua derrota para a Igreja de Calianapor: antes de lá chegar, era necessario atravessar um rio, cujas Almadias estavam tomadas para nellas se embarcar um grande Botho, cuja dignidade entre aquelles idolatras corresponde á dos nossos Bispos: i a elle com grande fausto de gente, e de gaitas; mas o Governador nenhum caso fazendo daquelle negro Ministro de Satanás, mandou aos seus Cafres se senhoreassem das Almadias, e nellas passou com toda a sua comitiva para a Igreja, ficando o Botho cheio não menos de confusão, do que de raiva e os gentios trocando a veneração, que lhe tinham, em espanto, e medo. Não estava Paroco na Igreja, mas só um sacristão velho, e algum tanto tomado do vinho, o que não impedio, que cortez, e devotamente recebesse ao Governador, cantando as Laidainhas, ajudando esta tão devota acção, e alli descançou aquella noite.

Seguiu-se o dia quatorze daquelle mez, horrivel pela grande tempestade de chuva, e molesto pela diffi-

cultosa passagem de tres rios, que com abundancia das aguas corriam soberbamente furiosos, no atravessar o rio Moliquim succedeo, que tendo passado a mais gente, ficou o Governador com um Portuguez, dous Lascarins, e os seus Cafres, e estando já para se embarcar, chega um Gentio, que mostrava ser pessoa de respeito, pois vinha seguido de seis homens, que o acompanhavam armados de espada, e rodela. Perguntou o Governador, quem era aquelia personagem, e lhe foi respondido pelos passageiros, que era da presença do Rei, e que vinha da Corte de Bedrul. Logo em chegando aquelle Gentio á praia, a gente de sua guarda pertendeo se embarcasse, a que se oppoz o Governador, allegando ter chegado primeiro, mas ella atrevidamente sem respeito á pessoa, que se lhe oppunha, soltando se em palavras de zombaria, saltou dentro da embarcação. Não pode neste passo o Governador reffrear a colera, e mandou aos seus Cafres lançassem ao mar áquelles descortezes, o que logo sem dilação alguma foi executado; mas um delles animado com a presença do seu Senhor investio com um dos Cafres, e o maltratou, dando-lhe um pescoção. Não passou sem castigo este atrevimento, que não sómente foi executado no dito aggressor, mas tambem abrangeo aos companheiros, pois por mandado do Governador foram todos aquelles negros mui bem sacodidos á força de Bambus, com que a passagem ficou franca, e expedita, o que vendo aquelle fusco Cortesão do Rei, e que o Governador se ia embarcando, picado dos seus negros brios, levantou a voz, que toda se desfez em ameaças contra os pobres remeiros da Almadia, os quaes, como se vissem sobre si um raio, se lançaram á agua, ficando a embarcação sem ter quem a conduzisse á outra parte. Aqui se exasperou a paciencia do Governador, e julgando devia mostrar algum sinal da antiga

generosidade Portugueza, tomou uma resolução, ainda que arriscada, necessaria naquellas circumstancias : manda lhe trazerem prezo aquelle Gentio á sua presença, o qual com a agua até os peitos foi levado á Almadia aonde estava o Governador, e ia o pobre tão passado de medo, que se desfazia em lagrimas, e chamando pelos remeiros, sem que os seus arrodados se atrevessem a abrir a boca, e muito menos desembainhar as espadas : vendo-o o Governador em sua presença, ajuntando a gravidade com a benevolencia, lhe offerceo uma narigada de tabaco, dizendo-lhe, que o não mandára matar, por conhecer em seu semblante, que era bom homem ; e posto da outra parte, se encaminhou para a Igreja, onde foi hospedado do Padre Francisco Xavier, Vigario daquella freguesia, ficando mui consolado de ver uma Igreja no meio daquelle Paiz infiel, lindamente assçada, e a melhor de todo o Canará.

Deo-se principio á marcha do dia seguinte, tomando o Governador a benção de Christo Sacramento na Missa, que com a sua costumada piedade ouviu ; e levando o caminho pela praia, encontrou nella sinais de navios perdidos, eram tres Leões de madeira. Finalmente pelas tres horas da tarde lhe deo a Feitoria de Mangalor hospedagem ; foi na verdade mui commoda, e urbana pelo cuidado, e diligencia do Feitor, e Alcaide mór Fernão Martins. Estavam tambem naquella Feitoria os Capitães de Mar e Guerra Alexandre Pinto de Souza, e Antonio dos Santos, que tinham vindo com ordem do Estado a acodir aos roubos da sua chalupa, que se tinha perdido naquelle porto de Mangalor. Aqui foi necessario ao Governador deter-se dous dias para preparar o necessario em ordem a atravessar os Cates, por lhe parecer impraticavel o continuar o caminho pela borda do mar, assim por causa da difficuldade de passar os rios crescidos com as muitas

aguas, como por razão das guerras, e magotes de ladrões, de que estão cheios os caminhos até Cochim. Despedio pois quarenta carreteiros de Andores, e o Bramene Jacinto Franco de Sá, com cartas para o Illustrissimo Senhor Primaz, e outros amigos, e armou um Andor pequeno para si, e Machiras para o P. Fr. Angelo, e Capitão da Fortaleza da Barra de Macau, e Capitão de Mar e Guerra Alexandre Pinto de Souza, o qual se resolveo a acompanhar ao Governador até Madrasta para que no caso, que na Cidade de S. Thomé encontrasse o Capitão, que perdeu a Chalupa, e fcgio com o cabedal que restava, usasse da authoridade, e industria do dito Governador, para cobrar o que pedesse.

CAPITULO III

*Successo no atravessar dos Gates, até chegar
ao Reino de Maissur*

ERA o dia dezoito de Junho, quando o Governador se poz a caminho, acompanhado de menos gente no numero, pois além das Companhias dos Lascarins, que tinha já despedido, ficaram doentes em Mangalor o Portuguez João Nunes, e um Cafre; mas em seu lugar se lhe aggregaram tres Portuguezes, que estavam na dita Feitoria de Mangalor. Não se achou menos difficuldade nos caminhos, que por serem vallados de vargens, e quebrados dos montes, eram tanto mais arriscados, quanto maiores eram as correntes das aguas, que os cortavam. Assim se foi

caminhando, até que o dia seguinte, Sabbado de Nossa Senhora, pelas dez horas da manhã, se chegou á Freguesia do Menino Jesu em Bantual, aonde ainda achou Missa, que ouviu o Governador, succedendo-lhe á medida do seu desejo, que era em semelhantes dias, achar occasião de dar pasto á sua devoção. Foi-lhe necessario ficar alli aquella tarde, não tanto para se prover de homens de carga, pois os que trouxe de Mangalor, por virem de má vontade, não eram proporcionados, quanto porque no dia seguinte, por ser Domingo, queria não menos satisfazer á obrigação, que á piedade, ouvindo missa, especialmente celebrando no tal dia os daquella Freguesia, a solemnidade do invictissimo Martyr S. Sebastião.

Arraiou a luz do dia vinte, e celebrada a Missa, se preparavam todos para a marcha, e os homens carreteiros do Andor, e Machiras não appareciam; porque naquella noite tinham fogido. Entra a tristeza, e confusão em todos, considerando-se impossibilitados para a marcha, quando se não achava meio para alugar os homens necessarios. Mas remediou esta falta a prudente esperteza do Governador. Busca umas alparcas, e descalçando-se, as accomodou aos pés, e se poz só a caminho, e como o bom exemplo do Capitão costumava accrescentar o animo, e alianar difficuldades, os outros companheiros fizeram o mesmo, e foram todos caminhando até Egade, lugar de seis ou sete casas. Aqui concertaram aquelles honrados Portuguezes uma boa Machira para o Governador, mas elle ainda que urbanamente agradececo tão grande benevolencia, generosamente regeitou a offerta, querendo ser igual aos companheiros; e só della usava, quando era tão grande a chuva, que não podia sustentar o capote, de que usava para defender aquella pequena, e leza porção do braço direito, que antigamente lhe foi cortado. Não

foi menos difficullosa, que perigosa a continuação da jornada, por causa da passagem dos rios, especialmente nos de Obar, e Maçamuti: ambos mui caudalosos. Constava a ponte, por onde se haviam de atravessar aquelles rios, de uns Bambus, amarrados entre si, e estribados nos ramos das arvores, que estavam de uma parte do rio, e se continuavam até os ramos das arvores, que estavam da outra parte, obra tanto mais sutil, quanto menos segura.

Vencidas as difficuldades dos rios, se seguiram outras não menos difficullosas de sofrer, que foi o mau agasalho para passar a noite, e a falta do necessario para a cea. Um Pagode igualmente asqueroso pela imagem do diabo, que nelle se reverenciava, que pela hediondez de seus immundos atavios, deu lugar para o descanço da noite aos que com o trabalho do caminho do dia estavam bastantemente molestados: para a cea nada se encontrava, senão algumas galinhas, que os barbaros habitadores de alguns casaes, que alli havia, descortez, e iniquamente não queriam vender, mas como a necessidade era grande, mandou o Governador tomar as que eram necessarias. Seguiu-se o tumulto dos Genticos para vingar a que elles chamavam violencia; mas pagaram com bofetadas, que receberam dos Cafres, assim o atrevimento de se quererem amotinar, como tambem a injustiça de negarem as galinhas, que á necessidade justamente se deviam, e juntamente foram satisfeitos com o justo preço das ditas galinhas. Daqui se foi proseguindo a jornada com as costumadas, e quotidianas molestias das continuas chuvas, e arrebatados rios, até que vespera de S. João Bautista já de noite se chegou a um Pagode, onde não faltaram fogueiras, e tambem vinho para os poucos homens de carga, que iam na companhia.

Seguia-se o mais difficullosos, e arriscado da passa-

gem dos Gates, que o Governador queria vencer naquelle dia, dedicado á solemnidade do Nascimento do maior dos Santos, em cujo patrocínio confiado, se promettia toda a felicidade naquelle passo o mais perigoso, contra o parecer dos guias, a quem não abrangiam os impulsos superiores, que moviam ao Governador. São os Gates uma cordilheira de montes, que no principio do Reino de Mogor corre da parte do Norte para o Sul, e vae acabar no Cabo de Comorim, e divide uma e outra costa do mar. Deo-se principio á marcha daquelle dia, e logo se encontrou um rio tão soberbamente rico de aguas, quam furiosamente despenhado em sua corrente, que se precipitava em um valle, não menos fechado de densos arvoredos, que cerrado com a espessura do tempo nublado, e chuvoso. Duas horas se gastaram em passar a ponte daquelle rio, e logo se empenhou a sobida dos Gates, levando sempre o rio á mão direita : e se encheo o dia inteiro naquella bem molesta sobida, que a fez mais trabalhosa uma enfadonha praga de sanguexugas em tanta quantidade, que toda a estrada corria em sangue. Seriam quatro horas da tarde, quando apparecem tres Lascarins armados de catanas, a quem seguiam duas mulheres : manda-lhes o Capitão de Mar e Guerra, que ia diante se afastassem do caminho, e elles confiados, não menos nas armas, que no seu atrevimento, senão quizeram desviar, e o Capitão com desprezo os empurrou ; mas um delles impacientemente levou da catana, e investio o dito Capitão, que naquelle tempo não tinha senão o bastão; mas o Capitão da Barra João Tavares, que vinha pouco atraz, com summa diligencia, e presteza acudio com a espada desembainhada, e castigou a audacia daquelle Lascarim com duas valentes cutiladas, que lhe atirou ; e sobre tudo isto foram todos os tres condemnados a entregarem as catanas. Chega-

ram, assim os tres Lascarins, como a noticia do caso ao Governador, que vinha na retaguarda, e lhes mandou viessem com elle até a primeira povoação, onde constando, que não eram ladrões, se lhes restituiriam suas armas; mas elles desapareceram avistada a Aldea de Beulscans, confessando com a sua fugida, a profissão, que tinham do latrocínio.

Nesta Aldea se refez algum tanto com o descanso da noite, o grande trabalho do dia antecedente; e logo pela manhã entregando-se ao costumado exercicio de caminhar, experimentaram menos aspereza nos caminhos; mas a que faltava nestes, sobejava nos habitadores daquelles lugares, os quaes appareceram armados na Povoação chamada Vahunzy, mas como ainda era cedo, pois não passava das tres horas da tarde, o Governador, e companheiros continuaram seu caminho. Teriam caminhado meia legua, quando pelo alto dos outeiros se começou a ouvir o som de trombetinhas, effeito, que o Governador attribuiu ao successo dos Lascarins do dia antecedente. Bem discorreo elle, que os Gentios da terra, para vingar o afrontoso caso dos companheiros, se poriam em armas; pelo que para evitar algumas ruins consequencias, pretendia meter-se nas terras do Reino de Maissur, que se persuadia estar mui perto, como na verdade estava, e no dia seguinte experimentaram, pois não distava de caminho mais de duas horas, mas os guias, ou perturbados com o medo, ou movidos de outro qualquer impulso disseram, que até ás terras do dito Reino distavam mais de tres dias de caminho. Neste aperto o Governador vendo, que o lugar em que se achava, por ser embaraçado com a espessura das arvores, não era a proposito para nelle se defender, se expedio com a sua gente, e poz em sitio livre, e desembaraçado; e mandando fazer alto, esperou a ver a resolu-

ção daquelles negros armados, que já neste tempo em magotes coroavam os montes.

Resolveo-se finalmente aquella não menos fusca, que confusa turma de bandoleiros, a dar investida, e pretendendo avisinhar-se mais uma esquadra, que constaria de 100 homees, com sua bandeirinha vermelha, o Governador poz em segura guarda, assim os homens de carga, como o pouco fato, que traziam, e tocando os clarins, expedidos os bacamartes, repartida a pólvora, e bala, desembainhadas as catanas, se foi a reprimir o impeto daquella tumultuante esquadra, que advertindo em tão generosa resolução, suspendeo não menos o passo, que a determinação, que levava. O que vendo o Governador, lhes mandou intimar pelo interprete, que se pretendessem passar a diante, tivessem por certo, que todos acabariam nas bocas dos bacamartes, ou aos fios das espadas, e catanas; pelo que do mesmo lugar em que estavam, mandassem dizer o que pretendiam, que sendo conforme á razão, se lhe concederia. Neste tempo outra esquadra se poz em fórma de querer investir; mas o Governador expedio quatro Cafres bem armados contra ella, mas não a poderam alcançar; porque quando vio aquelle pequeno, mas terrivel esquadrão ir contra si, valendo-se dos pés, se retirou para o mais alto dos montes, pretendendo, ou fazer-se forte naquella eminencia, ou para dalli esperar melhor occasião, em que com mais segurança fizessem sua investida.

Vendo o Governador as cousas nesta fórma, e que se vinha avisinhando a noite, fez o seguinte arrezoado aos Capitães, e mais Portuguezes:—« Amigos, e feis companheiros, não menos no trabalho, que na honra, que delles nos ha de seguir, a nenhum de nós se esconde, que estes negros, como ladrões atraçoados, vem atenta a nossa resolução, para que conforme ella, tomem

a determinação mais conveniente aos seus latrocínios. Se virem que damos, ainda o mínimo sinal de medo, tomarão animo, e brios, para que com grande numero de gente de que abundam, façam de nós o ultimo exterminio. Se houvermos de obedecer aos impulsos do sangue, e valor Portuguez, não duvido, que desfaremos aquella confusa multidão com morte de muitos delles; mas desta acção que se ha de seguir, se não o sermos avaliados por ladrões, e exasperar os mais, que vivem espalhados por estas Aldeas, que certamente se unirão para vingar as mortes dos seus compatriotas? E quando estamos em terras Alheias, e de barbaros, não temos donde esperar soccorro, mais que de nós mesmos: amparo não o podemos achar, senão nestes campos, e montes, uns escondrijos de Tigres na natureza, outros habitação de feras na condição, que se virem, que ao descoberto nos não podem arruinar, hão de buscar traças, com que aleivosamente nos acabem. Temos chegado a termos, em que é mais necessaria uma prudente astucia, do que um generoso valor, quando aquella á de supprir, o que este não póde executar. Pelo que julgo, que não devemos romper com estes negros; mas armados, e em fórma de batalha esperar sua determinação, que ella nos ensinará o que devemos obrar, especialmente, que nos casos repentinos mais engenhosamente costuma sahir a verdadeira valentia».

Assim descorria prudentemente o Governador, quando neste tempo chega um Caciz, mui venerado daquela gente, porque todos com notavel summissão se lhe inclinavam, e beijavam os pés; e fallando-lhes com grande authoridade, os exortou á paz, dizendo, que o deixassem ir a fallar com o Governador, que elle faria medianoiro, e mandou pedir licença ao dito Governador, para que pudesse apparecer em sua presença,

e fallar com elle, o qual lhe concedeo o que pedia com condição, que trouxesse consigo uma só pessoa. Alcançada a licença, chegou o Caciz, e no seu modo, e fallar tremulo, mostrou seu animo servil, e apoucado. Toda a força da sua embaixada consistio em dizer, que a cabeça, que governava aquellas terras, pedia toda a boa amizade com tão honrados passageiros, e para este fim convinha, que sem embargo da queixa, que os tres Lascarins offendidos tinham feito, fosse sua Senioria, e os mais companheiros com elle, ao lugar aonde residia o Regente, que elle Caciz lhes ass^rgurava todo o bom successo, e commodo agasalho, especialmente que naquellas partes não havia outro lugar capaz para o descanso daquella noite. Bem advertio o Governador as difficuldades, que havia em qualquer das resoluções, que tomasse ; porque o seguir o que o Caciz lhe requeria, era ir meter-se na boca do lobo, estribado sómente na palavra de um infiel ; ficar naquelle lugar rodeado de tantos barbaros, armados mais dos seus maos, e aleivosos animos, do que do ferro, era expor-se a que com a escuridade da noite assim elles, como os Tigres tomassem a ousadia de os acometer, e maltratar. Pelo que o Governador, perguntando aos guias se era certo, que não havia outro lugar commodo de agasalho, mais do que aquelle, que o Caciz dizia, e respondendo elles, que era certo, se resolveo a seguir o dito Caciz, com condição, que se retirassem todos os que estavam pelos outeiros, a qual resolução tomou, levado principalmente do motivo, que era mostrar, que não tinha medo.

Mui contente, e satisfeito ficou o Caciz, e indo dar parte aos seus, os fez retirar, e voltou com só vinte pessoas para guiar o Governador. Chegaram finalmente ao lugar, em que residia o Cabeça Regente daquellas Aldeas, o qual recebeo o Governador com mostras

de agrado, e urbanidade, e juntamente deu assaz a entender o gosto, e admiração, que tinha de ver o modo, e ordem daquelle, ainda que pequeno, mas bem disposto esquadrao. A principal materia da conversação, foi informar-se do caso dos tres Lascarins, e o dito Cabeça pertendeo escuta-los, e finalmente se resolveo a pedir se lhes restituisssem as catanas, e que o Governador lhes desse alguma cousa para se curarem, porque eram pobres, e dignos de compaixão. Não deixou o Governador de reparar, que aquella resolução era mostra de quem punha Leis, e dava sentença, mas cedendo prudentemente a soberania á necessidade, veio em restituir as catanas, e dar alguma cousa a titulo de curar as feridas, quando nesta acção tanto ostentava de desapegado, quanto de obsequioso áquelle de quem se tinha fiado. Se teria gastado uma hora de espacio nesta materia, e outras boas conversações comendo Betele, quando aquelle Cabeça se despedio do Governador, determinando para seu agasalho, e mais comitiva, o Pagode em que foram recebidos; e ordenou aos da Aldea acodissem com o necessario para a cea; e os Cacizes offereceram de mimo, leite, ovos, manteiga, e uns doces a seu modo fritos em manteiga, e a todos correspondeo o Governador liberalmente com seus premios, e ao Cabeça mandou uma peça de Naoceri. Este fim teve aquelle bem ariscado caso, a que tão felizmente acodio a prudencia do Governador, vendo-se aqui verificada a sentença do outro Sabio: Que melhor conclue a madura viveza de uma boa cabeça sem braços, do que a forte valentia de muitos braços sem cabeça.

CAPITULO IV

*Passagem do Reino de Maissur, até entrar
nas terras do Mogor*

ERA Sabbado vinte e seis do mez, quando logo pela manhã se continuou a marcha, e a poucos passos andados se entrou no Reino de Maissur, na passagem do qual não houve cousa de consideração; assim por ser este Reino pequeno, e pobre, pois está no meditullio daquelle grande lingua de terra, que corre até o Cabo de Comorim onde pela maior parte só os Reinos, que estão beira mar, por razão do contrato, e dos muitos Mouros, de que abundam, tem alguma riqueza; como porque aquella gente como vil, e pusillamine, se dava por satisfeita, com que aquelles hospedes passassem sem lhe fazer mal algum, o que elles guardavam, levados do respeito, que tinham ao governador. Vencidos cinco dias de caminho pelas terras daquelle Reino, chegaram á Corte de Maissur, a que chamam Serigapatão, e como era Povoação maior, e mais abundante, foi necessario fazer alli detença de um dia, no qual se fretaram cavallos, e acodio ao provimento, de que havia necessidade. Mas não quizeram os guardas daquelle Povoação, que algum dos passageiros entrasse nella, e como se disse, ou suspeitou, por causa do medo, ou receio, que tinham. Onde, se era verdadeira aquella causa, é de admirar a vileza daquelles miseraveis escravos do demonio, de tal sorte sojogados de tão cruel senhor, que ainda no lugar do seu maior poder, e força, temiam uma tão pequena esquadra, que não chegava a ter vinte homens, dos quaes nem ainda ametade eram brancos. Castigo na verdade de sua cegueira, e peccado de infidelidade.

Madrugou a Aurora do segundo dia do mez de Julho, mais alegre, e commoda para os nossos peregrinos, pois todos montaram a cavallo, e foram a repousar á Povoação de Mailure. E daqui ao outro dia se dirigio a marcha pela Praça de Dungo, Fortaleza de maior importancia, que governava, com outras de menor conta um Dessay, feudatario do Rei de Maissur. Nesta Povoação por secreta ordem do dito Dessay, se usou de alguma industria, para que o Governador se detivesse alli, sendo para isto induzido o guia, o qual começou a descobrir difficuldade no caminho, que naquelle dia se devia fazer, de tal modo, que os arrieiros, ou subornados, ou levados de suas sinistras intenções, tambem declararam a repugnancia, que tinham á expedição da viagem. Mas o Governador não fazendo caso de tão futeis pretextos, mandou tocar a montar; porém a esta disposição se oppoz a repugnancia, assim dos guias, como dos arrieiros; o que vendo o Governador, mostrando igualmente coragem, que desprezo, não menos de perigos, que daquella vil gentilha, lançou a mão ás barbas de um dos guias, e lhas arrancou, e não foi necessário mais, para que seus intentos não passassem a diante.

Finalmente a derrota se proseguio naquelle dia até a Aldea chamada Dorincuthe. Dalli se foi continuando o caminho pelo territorio do Dessay de Magnicote, não menos sospeito, que o passado; sendo proprio daquelles Senhores estar junto com a pequenez do mando, a vileza das suas acções. O Governador, não querendo ficar passando a noite no districto daquelle Dessay, apertou o passo com intenção de entrar nas terras do Mogor; mas não sendo bastante sua grande diligencia, e actividade, lhe anoiteceo muito antes de chegar ao termo que pertendia. Ia-se engrossando a espessura da noite, o Ceo cerrado de nuvens, não dava,

nem ainda o minimo sinal de estrella alguma, a estrada toda assombrada espantava os cavallos, e confundia os cavalleiros de tal sorte, que se não conhecia, nem distinguia um ao outro; o medo dos principios perturbava a fantasia. Não houve outro remedio senão desmontarem todos, para que a cahida em algum barranco fosse menos perigosa: não apparecia indicio de casa, e muito menos de fogo; pelo que o Governador mandou aos arrieiros, que chamassem a voz alta, quando já que os olhos em tanta escuridão nada serviam, as vozes, e os ouvidos remediassem de algum modo a grande necessidade, em que se achavam. Fez-se por algumas vezes o que o Governador mandou, até que finalmente foram ouvidos por uns Camponezes já alta noite, mas era o lugar tal, que foram todos obrigados a dormir no campo, excepto o Governador, que com os dous Capitães, e o Padre Capucho se recolheu em um pequeno Pagode, que alli havia, tão immundo, e de mau cheiro, que foi necessario por muitas vezes queimar grande quantidade de feno, com que se rebatessem aquelles hediondos, e malignos vapores. Infeliz sorte de gente, que não conhecem a hediondez de sua Religião, bem manifesta no immundo culto de seus idolos, e Pagodes!

A manhã do dia seguinte, pelas oito horas, fez patente aos olhos dos nossos caminhantes a mui linda Praça de Benguelur. E' ella a ultima, que situada na fronteira do Maissur, faz rosto ás terras do Mogor, bem fortificada, e com bella guarnição de Cavallaria, e Infantaria: e sobre tudo deliciosamente aprasivel com a variedade de arvores, vistoso das hortas, e delectavel de muitos jardins. Não se permittio ao Governador, que entrasse dentro da Povoação, mas lhe foi determinado se aquartelasse em um fermoso bosque de Mangueivas, e no meio se levantava uma bem lança-

da fabrica de um grande Pagode com seu, não menos espaçoso, que bem ornado tanque de agua, que igualmente recreava os olhos, e servia de refrigerio aos calorosos membros. Aqui foi o Governador visitado de todos os Cabos militares, e gente principal com singulares demonstrações de agrado, e agradaveis termos de politica, aos quaes correspondeo, não faltando ás devidas regras de urbanidade, o qual foi obrigado a ficar um dia na dita Praça, para mudar de carruagem, e ao dia seguinte, sete do mez, continuou a jornada, acompanhado de dous Cabos principaes, montados a cavallo, que o cortejaram até o ultimo termo do districto da Praça, e do Reino de Maissur, e foi dormir aquella noite á Povoação de Tannely, pertencente ao Reino do Gram Mogor.

Daqui até chegar á Fortaleza de Carpaute, não houve cousa digna de memoria. Seriam quatro horas da tarde, do dia nono, quando atrevesada a Povoação da dita Fortaleza, chega um mensageiro do que governava aquella Praça, a perguntar, quem era o que passava, e para onde: e dando-se-lhe a resposta conforme a pergunta, foi o Governador proseguindo seu caminho; mas replicando o dito mensageiro, lhe pediu mandasse juntamente com elle um homem de sua comitiva, que esta era a vontade do seu Maior, o qual estava á vista em uma mui linda casa de recreação. Anunhiu a este postolado o Governador, e expedio um Lascarim de sua companhia, mas não interrompeo a jornada. Quando a poucos passos andados volta o dito Lascarim com grande presteza, e expõe um recado daquelle Lugar-tenente do Mogor, em que cortezmente declarava o desejo, que tinha, que elle Governador lhe fizesse a honra de ficar aquella noite em sua casa, especialmente, que era já tarde, e estava o Sol proximo ao occaso: outra Povoação capaz donde repou-

sasse, não a havia perto : o caminho, que restava, era não menos inculto, e agreste por causa dos espessos matos, que povoado de muitos Tigres; todas razões, que obrigavam ao Governador a aceitar tão urbana oferta, assim para se não mostrar incivil, como para attender á sua conveniencia, e dos companheiros.

Voltando pois para a casa daquelle Capitão, foi recebido com todas as mostras de carinhosa affeição, e banqueteado com opipera grandeza, a qual abrangeo a toda a comitiva. Era este Infiel dotado de animo docil, e condição alegre; informado do caminho que levava o Governador, com generosa liberalidade, e com repetidas instancias lhe offerceco dous até tres mil pardaos, dizendo que lhos satisfaria quando, e como quizesse: mas o Governador mostrando-se todo obsequioso no agradecimento, urbana, e desapegadamente os regeitou, significando não necessitava delles; e no outro dia offercendo-lhe um mimo, se despedio, mas elle continuando com seus primorosos termos, o acompanhou com uma escolta de vinte homens de cavallo, por espacio de um quarto de legua, e finalmente se voltou obrigado das repetidas petições do Governador, que reverentemente agradecido não quiz consentir se continuasse tão obsequiosa cortezania. A Fortaleza de Sagdor deo termo á jornada daquelle dia; mas como dentro se não achasse commodo bastante, barracas levantadas no campo serviram para o descanso daquelle noite.

Sahio a luz o dia onze de Julho, no qual chegdos á Fortaleza de Grenupen, quiz o Avaldar, ou Alfandegreiro se registasse o fato; mas o Governador lhe mandou dizer, que tudo o que alli levava, era do seu uso, e que não se costumava fazer tal diligencia com os Portuguezes, e muito menos com as pessoas de sua qualidade. Não se deu por entendido aquelle cobiçoso

Teloneario, e proseguindo-se no exame, se pertendeo abrir um baulsinho, em que iam algumas cousas de devoção, pertencentes ao Governador. O qual vendo as cousas chegadas a taes termos, julgou não devia passar sem castigo tal atrevimento, e que era necessario ao credito do nome Portuguez, mostrar áquelles Mogores, que ainda havia na Índia, quem conservasse nas veas o generoso sangue dos antigos Almeidas, Castros, e Albuquerquees, que encheram de assombro a toda a Asia. Salta do cavallo com a espada desembainhada, o mesmo fizeram os mais companheiros, assim Portuguezes, como Cafres, animados com o exemplo do seu Capitão, e sobindo pela escada da varanda, em que estava aquelle barbaro descortez, se poz diante delle com voz de trovão, e espiritos de raio, e lhe perguntou se o conhecia. Neste passo, o triste Avaldar, banhado em suores frios, e todo trespassado de medo, não fez mais, que abraçar ao Governador, e pedir, que lhe perdoasse, pois tinha peccado por ignorancia, e inadvertencia. Não foi necessaria outra cousa, para que o Governador abrandasse a coragem, e sem dizer palavra se voltou, e montou a cavallo, mostrando nesta acção, que bastava o braço esquerdo ajudado de generosos brios, para supprir o que faltava no braço direito. Encheo-se o restante do dia até chegar á Praça de Velur, que foi theatro de grandes glorias para o Governador, e nome Portuguez, como se verá nos capitulos seguintes.

CAPITULO V

Sucedido na Praça de Velur

E' a Praça de Velur uma das mais fortes, vistasas, e aprasiveis daquelle tracto de terra, que corre pela Costa de Chóromandel até Bengala, a qual governava Baçar Sarbá, sobrinho do Nababo, debaixo de cuja jurisdição se comprehende todo aquelle territorio. Adiantou-se o Governador aos companheiros, e posto fóra da dita Praça, se deteve esperando a comitiva, e entre tanto notou de vagar o muito, que havia em que reparar naquelle grande emporio; por quanto a Fortaleza se mostrava inexpugnável, não tanto na obra bem lançada, e de pedra de cantaria, com seus torreões, com mui bella proporção, e em sitio defensavel por arte, e natureza, como pela boa guaranição, que tinha de muita Cavallaria e Infanteria, toda mui luzida, e sobre tudo pela grande, e espaçosa cava, que a rodeava, chea de muitos lagartos, o mais seguro, e forte defensivo, com que se fazia incontrastavel. Assim estava o Governador não menos observando, que admirando aquella fabrica, quando chegam os companheiros, e juntamente alguns Mouros da terra, que movidos da curiosidade, e novidade dos hospedes, se mostravam agradaveis, e alegres, e disseram, que alli assistia um Europeo, do qual significavam estar satisfeitos. O Governador com tal informe, desejo de saber quem fosse aquelle Europeo, mandou fazer diligencia por elle; o qual passado pouco tempo, e certificado de quem era o que o procurava, e desejava ver, apparece em um galhardo cavallo, ricamente vestido á Mourisca.

. Era aquelle Cavalleiro João Bautista de Santo Hilario, Francez de nação, mas de muitos annos morador na India, e casado na Costa, com mulher de sangue Portuguez, de que elle se presava muito, e de ser fiel, e leal vassallo do nosso Senerissimo Rei de Portugal, do qual já fora premiado com a lustrosa, e veneravel insignia do Habito de Christo: que esta e outras honras elle merecia, não tanto por ser insigne na arte de Medicina, e Cirurgia, com a qual tinha feito notaveis curas, e grangeado bom nome em toda aquella terra, mas principalmente, porque com seu singular zelo, agradavel talento, e grande aceitação, adquirida daquelles Mouros, assim pequenos, como grandes, ajudava muito aos Religiosos da sagrada Religião da Companhia de Jesus, que occupados por toda aquella Costa no divino emprego da salvação das almas, necessitam de quem sollicite seus negocios diante daquelles Mahometanos, que tem a seu cuidado aquelles lugares, e tambem dos moradores de S. Thomé, ou Meliapor; e elle o fazia com tão boa graça, e feliz successo, que estavam aquelles Religiosos Missionarios mui satisfeitos delle. E então estava actualmente occupado em procurar, que se dêsse liberdade a um Religioso da mesma Companhia de Jesus, Missionario da insigne, e trabalhosa Missão de Maduré, glorioso campo, em que muitos Confessores de Christo derramaram seu sangue pela Fé, ao qual os Gentios tinham metido em prisão soterrania, e nella estava sepultado havia já mais de um anno, e finalmente passados poucos dias, foi solto pela agencia do nosso João Bautista de Santo Hilario; a quem com razão se póde dar o titulo, e honra de Missionario, pois não menos ajudava a Missão com suas intercessões, que os Religiosos com suas Prêgações.

Muito se alegrou o Governador com o encontro de

tal sogeito; e feitas de parte a parte as devidas, e correspondentes significações de urbanidade, e tomados os necessarios informes daquelles caminhos, e lugares, se resolveo a continuar a jornada a pequena parte, que ainda restava de dia. Não soffreo, nem levou a bem esta resolução o affectuoso, e benevolo animo de João Bautista, mas com grande afinco, e persuasão pedio ao Governador, lhe fizesse a honra de se hospedar aquella noite em sua casa, especialmente, que os companheiros estavam cansados, e os cavallo incapazes de proseguir a marcha. Deo-se por obrigado o Governador a ceder, levado não tanto das razões de sua commodidade, e dos companheiros, quanto da devida correspondencia ao benevolo, e primoroso affecto de quem o convidava. Foi-se a sua casa, na qual com toda a alegria, decencia, e limpeza foi hospedado, mostrando o bom João Bautista nas obras exteriores, qual era o intimo do seu affecto; o qual tambem se estendeo aos outros companheiros, e mais gente. Estando elle occupado nesta não menos caritativa, que honrada acção, lhe chega recado do Governador da Praça, do qual era chamado. Affligio-se com este recado, considerando-se obrigado a deixar tão honrado hospede, qual era o que tinha em sua casa; e voltando-se para elle, lhe disse: Senhor, muito me peza ser chamado nestas circumstancias, em que necessariamente hei de ser privado da honra, e alegria, que tenho com a presença de vossa Senhoria; mas como já estou de posse a levar semelhantes molestias, por não faltar ao serviço de Deos, e del-Rei nosso Senhor, pois por esta causa estou fóra de minha casa, e mulher, sogeitando-me a assistir, e obsequiar ao Governador desta Praça, por isso me não será agora tão molesto privar-me desta consolação: pelo que peço a vossa Senhoria licença, para ir onde sou chamado.

Com significações de cortezia, e affecto lhe deu o Governador a licença, que pedia, e juntamente o louvou dos grandes serviços, que fazia a uma, e outra Magestade, Divina e humana, assegurando-lhe de uma, e outra parte as devidas retribuições. Pouco tempo se deteve com o Governador da Praça João Bautista de Santo Hilario, e voltando para casa, assim fallou ao seu honrado hospede : Senhor, o Mouro, que governa esta praça, tambem estende sua jurisdicção pelas Fortalezas, e Lugares circumvesinhos, e é um destes o Lugar, e Fortaleza de Grenupen ; e como todos os dias se lhe dá parte do que succede pelos Lugares do seu districto, sabe do successo com o Avaldar da dita Fortaleza de Grenupen, e ficou admirado não menos da generosa resolução com que V. Senhoria se houve, mas tambem da gente, Cafres, e clarins ; e perguntando-me, que homem era, donde vinha, e para onde ia, lhe respondi conforme a verdade pedia, e a V. Senhoria é devido: e o Mouro ouvida a minha reposta, mandou logo uma aspera reprehensão ao dito Avaldar, e virando-se para mim, disse: desejo ver tão nobre, e honrado Portuguez, e agora eu o iria buscar a vossa casa, se não fosse contra o estylo dos que governam esta Praça, que não podem sahir da Fortaleza sem expressa licença do Nababo; pelo que vos peço, acabeis com elle, me faça o gosto de vir a esta Fortaleza. Assim me declarou sua vontade este Governador ; por tanto peço a V. Senhoria, faça este obsèquio áquelle Mouro, de quem tanta dependencia temos os Portuguezes, que vivemos nestas terras.

Ouvio attento o Governador tudo acima referido, e considerando os inconvenientes, que havia em satisfazer ao que aquelle Mouro pertendia, se escusou, expondo algumas difficuldades, que lhe occorreram, com as quaes ficando de alguma sorte satisfeito João Bautis-

ta, foi dar reposta ao Governador da Praça, e voltando logo para casa, declarou seu sentimento, prostrando-se aos pés do nosso Governador com grande dor do seu coração, a qual lhe acrescentava efficacia ás palavras, perorou desta sorte: Senhor, ha pouco tempo, que eu em nome do que governava esta praça, pedi a V. Senhoria se dignasse visita-lo; agora tem chegado esta materia a taes termos, que não sou eu o que hei de ser orador, mas o serviço de Deos, e del Rei nosso Senhor, a honra do nome Portuguez, e a necessidade das Christandades de toda esta Costa. E' este Mouro sobrinho do Nababo, e herdeiro forçado de todos os seus Estados; a authoridade, e aceitação, que tem com o dito Nababo, é a maior, que se póde considerar; o bem, e mal, que póde fazer, assim aos Portuguezes, como aos mais Christãos de todo o districto do Nababo seu tio, é cousa a todos patente, e manifesta; o desejo, e empenho, que mostra de se avistar com V. Senhoria, eu o não posso explicar; o desprezo, que tomará, se V. Senhoria lhe faltar a este seu desejo, declara bem a condição destes Mouros, que tanto é mais humana, tratada com modo obsequiosamente cortez, quanto mais se enfurece em lhe entrando qualquer ciume, de que suas pessoas ficam ainda levemente vilipendiadas. O não condescender V. Senhoria ao gosto deste Mouro, ha de ser por elle attribuido, ou a pouquidade, e baixaza de animo Portuguez, ou a menos decoro, do que aquelle, que se deve á sua pessoa; de qualquer sorte que o tome, corre grandes quebras o serviço de Deos, e del-Rei nosso Senhor, a honra do nome Portuguez, e o que requiere a necessidade destas Christandades; porque se o attribuir ao primeiro motivo, é natural, que despreza a nação Portugueza; e que estimação, e que patrocínio poderão nelle achar os Portuguezes, sendo em seu animo ava-

liados por baixos? Se o deitar ao segundo motivo, necessariamente procurará a vingança, que lhe será mui facil o toma-la em V. Senhoria, em mim, e em todas as Christandades das terras de seu tio. E eom que cara poderei apparecer diante delle? como se acabará de effectuar a liberdade, que eu ando negociando para aquelle Religioso Missionario, que posto em mui aspera prizão, está proximo á morte? Pelo que na mão de V. Senhoria está atalhar tão terriveis consequencias, attender ao serviço Divino, e Real, impedir o mal, que pôde vir a nós todos, augmentar o affecto, e benevolencia, que este Mouro mostra aos Portuguezes, avisando se com elle, e satisfazendo ao desejo, e empenho, que elle tem de se ver com V. Senhoria.

Desta sorte perorava aquelle solcito zelador, assim do serviço Divino, como da honra Portugueza, e o Governador não deixava de se penetrar da força das suas razões. Mas ponderava mais em seu animo um prudente medo, de que aquellas vistas com o Mouro não teriam a satisfação, que elle desejava, e daria materia para que os emulos achassem motivo ás cavilações; pelo que respondendo brevemente ás razões tão fortemente allegadas, concludio, que estava prompto para fazer a visita, que com tanto afinco pertendia, e desejava; porém que havia de ser com estas condições: primeira, que havia levar as bandeiras com Armas Reaes, e com ellas arvoradas, havia de entrar até o lugar, onde fosse a descançar. Segunda, que havia de acompanhar-lo o seu Padre Capucho, até á presença do mesmo Mouro. Terceira, que o Capitão Tavares lhe havia em sua companhia fazer corpo da guarda, com as mais ceremonias necessarias á tal função. Estas condições apontou astutamente o Governador, persuadindo-se, que por parecerem impraticaveis, dariam por terra com architectada machina das vistas, com o que

governava aquella Praça; porque quanto á primeira, além de que não haviam as taes bandeiras, se inclinava, a que o Mouro não levaria a bem, que as Reaes insignias de Portugal levantassem cabeça em sua presença, conciliando-se o respeito, e veneração dos vasallos do Gram Mogor. Quanto á segunda, se persuadia, que aquelle soberbo Mahometano não quereria expor-se a ser obrigado a reverenciar o humilde habito de S. Francisco, vindo tão honrado na companhia do Governador. No tocante á terceira, duvidava se lhe concedesse usar dentro daquella Praça preeminencia tão grande.

Com esta resoluta reposta foi o nosso João Bautista de Santo Hilario ao Governador Mouro; e era tal o desejo, que este tinha de se avistar com o Governador Europeo, que veio em todas aquellas condições: antes acrescentou, que era sua vontade, e gosto, que elle fizesse a sua entrada com o maior fausto, e pompa, que podesse ser; e a este fim deu todos os seus poderes, e commissões ao dito João Bautista, para dispor a fórma da entrada, a contento do Governador. Além disto passou ordem, que o Elefante do seu estado se expedisse, e armasse com duas charolas, uma para o Governador, outra para o seu Padre Capucho, e juntamente outro Elefante ricamente sellado para o Capitão da Guarda João Tavares; e determinou Pintores, que com toda a diligencia puzessem em fórma as bandeiras. Com tão ampla licença, e faculdades se voltou para casa João Bautista, expondo ao Governador a vontade, e benevolencia daquelle Mouro; e não perdendo ponto, que julgasse necessario para o animar, lhe tornou a pedir pelo amor de Deos, e serviço Real, não desprezasse aquella occasião de tanta honra, e gloria para a nação Portugueza, que serviria não menos de admiração, do que de inveja aos Fran-

cezes, Inglezes, Hollandezes, Dinamarquezes, que assistem pelas Fortalezas daquella costa, costumados s6mente a ver Portuguezes, ou fugitivos de Goa, largando o serviço del-Rei, ou attentos s6 aos interesses de suas conveniencias. Chegado a estes termos o negocio, e empenho daquelle Mouro, julgou o Governador, que já não podia resistir, e que se fizesse o contrario, seria avaliado por idolatra de seus caprichos, e desprezador dos augmentos do credito Portuguez, pelo que deu o seu beneplacito, e logo se começou a dispor o necessario para a entrada.

CAPITULO VI

Descreve-se a entrada, que o Governador fez na Fortaleza de Velur, e o mais que passou

HAVIA já muitos annos, quando depois que por nossos peccados, que mereceram tal castigo, ou por falta de valor Portuguez, cançado do muito, que tinha obrado na India, e para melhor dizer deliciosamente gastado nos ultimos tempos, se perdeu a Cidade de Meliapor, ou S. Thomé, antigamente não menos rico emporio do contrato, que glorioso theatro de Varões singulares, assim em virtudes religiosas, e Christãs, como em heroicas acções militares; havia digo naquellas terras notavelmente descabido a estimação do nome Portuguez; pois em Meliapor os poucos Portuguezes, que restavam, opprimidos não menos da pobreza, que dos Governadores Mahometanos, pouco, ou nada conservavam dos seus antigos brios, especialmente fazendo-lhe sombra as nações estrangeiras, que nos lugares visinhos se tinham fortificado, e

em particular os Inglezes, que com seu singular estudo, e destreza no contrato, tanto tem levantado cabeça. Chegou finalmente tempo, em que a Divina Providencia, dispondo as cousas a seus proporcionados fins, quiz honrar, e fazer gloriosa a nação Portugueza entre aquelles Barbaros, para que os Estrangeiros entendessem, que a estimação do nome Portuguez não estava de todo sepultada naquellas terras.

Era o dia doze de Julho, dedicado ao grande João Gualberto, insigne não tanto pela illustre nobreza de seu sangue, e generoso valor de seu animo, quanto pela mais gloriosa acção, com que um Heroe Catholico pôde sahir, qual foi perdoar a seu inimigo, homicida de seu irmão, ao qual tão generosamente tem imitado o nosso Governador, tanto assim, que nem seus emulos o poderam com verdade negar; pela qual acção parece o quiz Deos premiar, dando-lhe neste dia tanta gloria, e honra: seriam tres horas da tarde, quando preparado, e disposto tudo o que era necessario para a sahida do Governador, desceo este a um grande pateo, onde o estava esperando uma bem compassada ordem de atabales, e outra não menos suave de frautas, acompanhadas da uniforme diversidade de outros muitos instrumentos musicos, que todos por sua ordem deram principio aos applausos do Governador. Apareceo elle acompanhado de Fr. Angelo, João Baptista de Santo Hilario, o Capitão João Tavares, e mais quatro Portuguezes, e juntamente os seus Cafres, todos lindamente vestidos. Defronte da porta daquelle pateo, se dilatava uma espaçosa praça, em que estavam preparados seis Elefantes, e se estendiam duas mui numerosas alas, uma de Cavallaria, e outra de Infantaria, ambas lustrosamente armadas, não fallando da grande multidão de Povo, que concorreo a ver este acto. Logo os Cabos militares postos em ordem, e

com notavel gravidade, e destreza fizeram suas cortesias ao Governador, que consistiam na sua costumada zumbaia; as quaes acabadas, se dividiram em duas alas, a Cavallaria pelo lado direito, e a Infantaria pelo esquerdo, deixando no meio espacio desembaraçado.

Feita esta função, chegaram junto ao Governador com o Elefante de estado, e fazendo-o ajoelhar, sobio pelos estribos João Bautista de Santo Hilario, para levar de mão, e ajudar a sobir ao Governador, que ao som de todos os instrumentos musicos, e vivas de grande multidão de Povo, que presente estava, montou naquelle Elefante, e se sentou em uma alta, e bem ornada charola; e logo o Capucho Fr. Angelo sobio ao dito Elefante, e se sentou noutra charola, que estava atraz de menor fabrica. Seguiu-se o Capitão da Guarda João Tavares, tambem em seu Elefante, galhardamente sellado: neste tempo João Bautista de Santo Hilario, montado em um cavallo Arabico, linda, e fermosamente soberbo, se chegou ao Governador, e com grande reverencia lhe offereceu um alfange desembainhado, com guarnições de ouro, sinal de grande poder, e insignia dos Governadores de maior supposição no Mogor, para que o levasse levantado na mão; e logo com suas ceremonias se deu sinal, para que o Elefante se pozesse em pé, e se deu principio áquella pomposa marcha na fórma seguinte.

Ia em primeiro lugar um Elefante com duas bandeiras roxas, a que acompanhavam muitas gaitas suavemente sonoras. Seguiu-se outro com dous grandes atabales de estado: occupava o terceiro lugar o terceiro Elefante, que sustentava duas bandeiras verdes. A este seguia o quarto Elefante, carregado de instrumentos musicos, que a seu modo fazia mui plausivel aquelle acto. Todos estes Elefantes iam rodeados de gente armada, com lanças guarnecidas de prata, e cas-

caveis do mesmo metal, e entresachadamente se ouvia o som de diversas gaitas, e tamboris. Logo se seguiram dous Cafres do Governador montados em cavallos ricamente ajaezados, que tocavam clarins; e atraz destes appareciam dous Portuguezes, tambem a cavallo, gravemente vestidos, que levavam as bandeiras Reaes arvoradas em lanças compridas, aos quaes rodeavam seis Cafres armados de catanas, e mais dous Portuguezes em briosos cavallos, com bacamartões na mão, pistolas no cinto, e espadas largas, e cobertos os lados, além da Cavallaria, e Infantaria, desfilada, dos Archeiros do Governador Mouro, que todos eram de Languinatas. Seguia-se, fazendo de si vistosa ostentação, João Bautista de Santo Hilario, vestido de uma cabaiá de téla, e cabarbanda, toda repassada de ouro, com um alfange na mão guarnecido de prata, com o qual esgrimia á Mourisca, e repetidamente a poucos passos andados, se voltava para o Governador, que immediatamente se seguia, como quem qneria receber suas ordens. Guardava as costas do Governador o Capitão João Tavares, levantado no seu Elefante, e rematava-se esta luzida cavalgata com todos os Cabos da Cavallaria, que toda com tão linda ordem, e disposição fazia uma mui recreativa vista, e vistoso divertimento.

Desta sorte se foi caminhando espacio de um quarto de hora, aclamando o Povo ao Governador com vozes honorificas, que significavam: Viva o grande Portuguez; e chegados ao portal da Praça, fizeram alto as alas militares, e só entrou dentro o que fica descrito se achava no centro deste lustroso acompanhamento. Ao passar do Governador pela primeira porta, lhe deu todo o Povo tres vivas; e passando mais duas portas, todas chapeadas de ferro com grandes espigões, chegou á praça do Castello, aonde estava tanta multidão de gente, que impedia a passagem, e

era necessario, que os Archeiros usassem violentamente das Languinatas contra aquella multidão, para fazer expedito o caminho. Chegando nesta fórma á porta do pateo do Governador Mouro, se apeou do Elefante o nosso Governador, a quem deu a mão o dito João Bautista ; e apeados tambem os outros dous o padre Capucho, e Capitão Tavares, foi cortejado, e conduzido dos Mouros mais graves, e principaes da Praça até á porta do jardim, que juntamente servia de pateo ao Manjalés ; e nesta porta estava esperando em pé o Governador Mouro, acompanhado dos Mouros do seu conselho, e recebendo com muito agrado, e cortezia ao nosso Governador, o levou ao lado direito, até entrar no Manjalés, onde se sentaram ambos em iguaes coxins.

Aqui não faltaram urbanas, e primoras correspondencias de parte a parte. O Mouro declarou o gosto, que tinha de se avistar com tão nobre Portuguez, de quem tinha ouvido grandes louvores : ouviu com attenção os successos do caminho, e fez outras perguntas, de que recebeu as repostas á satisfação do seu desejo. O Governador se desfez em louvores da bem lançada fabrica da Fortaleza, e da luzida gente, que a guarnecia : da grande benignidade, justiça, e aceitação, com que governava os Povos, e doutras cousas semelhantes, de que não pezava ao Mouro ; e contando cada um algumas novidades, pertencentes ás Cortes dos seus Reinos, se passou aos brindes, que se fizeram com variedade de bebidas conforme o costume daquelles Mouros. Assim se levou boa parte do tempo ; e querendo-se despedir o Governador, o Mouro lhe pediu, que ceasse com elle aquella noite, e ficasse ao menos tres dias descansando das molestias do caminho, e o exprimio com tão carinhosas palavras, que bem mostrava o grande affecto do seu animo. Mas o Governa-

dor não ficando atraz nas affectuosas significações de seu animo agradecido, se escusou lançando a culpa ao tempo, que não podia sofrer demoras, quando a viagem, que lhe era necessario fazer para a China, necessitava de sua presença em Meliapor o mais cedo, que podesse ser, pelo que ficava com grande pena, por não poder gozar inteiramente de tantos favores.

Satisfeito o Mouro com esta reposta, entrou com outro lanço de primorosa offerta, e foi rogar ao Governador se servisse, que o seu estado o acompanhasse até á Cidade de São Thomé; mas elle julgando não devia aceitar, agradecidamente cortez regeitou a offerta, ainda que o Mouro repetidamente lhe instou acceitasse; e o Governador para mostrar que não desprezava seus favores, se deu por obrigado a aceitar os Palanquins, e uma esquadra de quinze cavallo, e trinta peões. Antes do Governador se partir da presença do Mouro, julgou não devia perder a occasião de empenhar a benevolencia, que elle lhe mostrava, e assim rendendo-lhe as graças pela grande honra, que lhe tinha feito, lhe disse: Senhor, não ha quem não conheça, e confesse a grandeza, e benignidade de vosso animo, com que fomentais aos Portuguezes, e em especial aos Religiosos Missionarios destas terras; pelo que eu em nome de todos vos rendo as graças, reconhecendo-me obrigado a ser pregoeiro de vossas heroicas, e singulares virtudes em qualquer parte do Mundo, que me achar. O que resta é, que continueis com as demonstrações de vosso benevolo animo, cousa tão propria de uma nobre indole, qual é a vossa, e especialmente vos empenheis a concluir a liberdade daquelle bom Religioso, que tão iniquamente os gentios prenderam, e querem acabar á força de molestias, e por quem vos tem rogado vosso leal servidor João Baptista de Santo Hilario, ao qual tenho exortado, que

continue nos devidos obsequios á vossa pessoa, e tenho por certo não faltará a obrigação tão justa.

Ouvio o Mouro com mostras de contentamento esta pratica ; e respondeo com significações de satisfeito, e de que presto se concluiria a liberdade do Religioso, que pertendia, como na verdade se concluiu ; e acompanhando o Governador até á porta, e despedindo-se, lhe offerceo uma cabaya, touca, e cabarbanda, tudo mui rico, e de grande valor, e preço; e o Governador lhe correspondeo com algumas curiosidades, que o bom João Bautista tinha preparado para este fim ; e feitas as cortezias, e ceremonias devidas nas despedidas, se voltou com o mesmo acompanhamento, e pelo mesmo caminho, e continuando-se os vivas, e applausos daquelle obsequioso Mourismo, se recolheo a casa de João Bautista, que não acabava de explicar a alegria, que tinha de tão feliz successo, e honra, que naquella dia recebera o Governador, e nelle a nação Portugueza ; e naquella noite banqueteeo ao Governador, e mais comitiva, não menos com grandeza de animo liberal, do que de affecto carinhoso.

CAPITULO VII

Parte o Governador para a Cidade de São Thomé, e dalli vae a Madrastapão, e o que lhe succedeo nesses lugares

SAHIO da Praça de Velur o Governador aos 13 de Julho, e dirigio o caminho para São Thomé com o mesmo acompanhamento, com que no dia antecedente tinha ido a visitar o Mouro Governador daquella Praça ; e só houve a differença, que em lugar

dos dous Elefantes, em que foram o Governador, o seu companheiro Capucho, e o Capitão Tavares, substituíram Palanquins ricamente ornados, e o do dito Governador, além de ser de maior pompa, era guarnecido de prata; e tendo-se caminhado por espacio de meio quarto de legua, despediô todo o acompanhamento, que era proprio do estado do Governador Mouro, fazendo os Cabos da milicia nas despedidas suas cortesias militares. Ia disposto o arraial do Governador nesta fôrma. Precediam dous Cafres montados a cavallo, tocando clarins: seguiam-se dous Portuguezes tambem a cavallo, com as bandeiras Reaes despregadas, e arvoradas em lanças altas, a que guarneciam os outros Portuguezes, e Cafres, postos nos seus cavallos, e armados; e logo os demais se seguiam, levados nos seus Palanquins, e de uma, e outra parte as Esquadras Mogoras de quinze cavallos, e trinta peões. Desta sorte se foi caminhando, e passou pelo arraial do Nababo, que governa aquellas terras, e por averiguação, que fez o Governador, constava aquelle arraial de trinta mil cavallos, e cincoenta mil soldados de Infantaria, e vinte Elefantes. Passando o Governador, os Cabos do dito arraial lhe fizeram toda a honra, e cortesias devidas.

Aqui se despedio do Governador João Bautista de Santo Hilario; e não tendo aquelle vozes, nem palavras bastantes, com que declarar seu animo agradecido, e se espraiair nos louvores devidos ás Catholicas, e zelosas agencias de varão tão benemerito no serviço de Deos, e Sua Magestade Portugueza, se despediu tambem d'elle, assegurando-lhe da Divina bondade e premio a seus merecimentos, e da sua parte protestou de ter uma eterna lembrança d'elle, prometendo ser em toda a parte certo elogiador de suas açções. E proseguindo seu caminho, em que não houve successo de

consideração, aos dezaseis do dito mez chegou a avisar a Igreja de nossa Senhora do Monte, que em lugar eminente faz uma não menos aprazivel, que devotã vista aos passageiros. Se nos dias passados tinha o Governador feito aquelles Mouros ostentação de um mui nobre, e respeitado Portuguez, recebendo tantas honras do Mouro Governador de Velur, hoje quiz mostrar aos mesmos Mouros, e Gentios sua grande piedade, e mui Christã devoção, rendendo as devidas honras, e venerações á Rainha dos Anjos. Foi o caso, que chegando quasi meia legua de distancia da dita Igreja de nossa Senhora, manda de repente parar o Palanquim, salta em terra, e virado para a parte, onde estava sita a Igreja, ajoelha com toda a reverencia, e sumissão, a que advertindo os mais Christãos, não podendo resistir á força de tal exemplo, fazem o mesmo; e rezando devotamente a Salve, se levantou, e meteo no Palanquim, ficando todos aquelles Mouros cheios de admiração. Acção na verdade, com que ficou mais honrado o Governador, do que com o triunfante applauso, com que foi cortejado na Praça de Velur.

Finalmente, pelas oito horas da noite daquelle mesmo dia entrou na Cidade de São Thomé, onde achou lindamente preparada para seu agasalho a casa de João Bautista de Santo Hilario, por quanto este honrado varão, não podendo assistir com sua presença em São Thomé ao obsequio do Governador, quando estava occupado em Velur no serviço do Mouro Goveanador daquella Praça, tinha expedido com toda a diligencia aviso a sua casa, com ordem, para que se assistisse promptamente com tudo o necessario ao dito Governador, que na verdade tudo executou com summo cuidado aquella mui devota, e honrada familia. Conserva ainda a Cidade de São Thomé alguns vestigios da sua antiga grandeza, pois alli reside a Sé Episcopal,

que então estava vacante, e cuidava daquelle Bispado um Governador, posto pelo Illustrissimo Primaz de Goa. Tem seu Capitão mór, que governa aquella pequena, e pobre Republica, com seus Officiaes, e se vem ainda nella algumas familias, que procuram, como podem, fomentar o lustre Portuguez. Por industria, e diligencia de João Bautista de Santo Hilario, tinham nesta Cidade retumbado os eccos das honras, com que fora recebido em Velur o Governador, pela qual razão estavam mui contentes os Cidadãos della; e assim como elle chegou, foram logo todos os principaes, assim Ecclesiasticos, como seculares, a visita-lo, e dar-lhe os parabens não menos da sua chegada, que da honra, e lustre, que tinha grangeado ao nome Portuguez; e o Governador lhes correspondia com summo agrado, confirmando com sua presença, o que tinha apregoa-do a fama.

Tratou logo o Governador de pôr em praxe o seu intento, que era embarcar-se para Macao, o mais depressa, que podesse ser. Não estava a Cidade de São Thomé com posses para expedir barco; só restava a esperança em Madrasta, distante pouco mais de um quarto de legua, que com a grande riqueza do contrato, podia facilmente satisfazer ao que o Governador pertendia; por tanto este avisou logo ao Inglez Governador daquelle Praça, de como o queria ir visitar, e apresentar-lhe uma carta do Illustrissimo Primaz Governador da Índia; e logo no dia dezanove do mez, acompanhado do Governador do Bispado, e dos principaes Cidadãos, levados em Palanquins, que fariam o numero de vinte, se poz a caminho para Madrasta, onde foi recebido pelo Governador daquelle Praça com toda a soldadesca formada, e salvas de artilharia, e mais applausos militares, não querendo elle ficar atraz ao Governador de Velur nas honras devidas a tão hon-

rado hospede. Foi recebido na sala pelo Governador Inglez, acompanhado de todos os Conselheiros da Companhia do contrato, com alegres significações de urbanidade; e feitos os brindes costumados, função, a que se não pôde faltar entre aquella nação, se leu a carta do Senhor Primaz, que toda se dirigia á expedição de navio, em que o Governador se podesse logo embarcar para Macao.

Mas o Governador Inglez, attendendo mais ás razões de sua conveniencia, do que ás de capricho, declarou não estar em tempo, que podesse executar o que se lhe pedia, allegando o ser já tarde para armar barco, e haver falta de patacas na terra. Cruel ferida para quem não tanto olhava para a razão da sua conveniencia, quanto para o credito do nome, e reputação Portugueza! Punha-se-lhe diante dos olhos uma jornada por terra tão custosa, e perigosa, que tinha feito com intuito, de que em Madrasta acharia embarcação, em que logo podesse ir para a China a exercitar o seu cargo; e que depois de tantos trabalhos, e perigos, era obrigado a ficar detido em São Thomé contra a sua expectação, e o que tinha promettido em Goa; e concluia, que ficaria abatida não menos sua reputação, que a do nome Portuguez; pelo que tomou uma resolução, que a alguns parecerá de homem temerario, e fantastico, mas elle julgou ser mais necessaria naquellas circumstancias, quando muitas vezes para sestentar a honra, e alcançar os fins, que se pertendem, convem usar de apparencias, ou para melhor dizer estribar-se, e confiar na Divina Providencia. Foi a resolução pedir ao Governador Inglez, que supposto não haver commodidade de embarcação para a China, lhe fizesse graça de ver se havia algum navio capaz, que elle o queria comprar, e juntamente Piloto pratico. Resolveu se o Governador a tanto, porque ainda que elle se não

achava com posses para fazer aquella compra, como era homem largo igualmente de animo, que de confiança em Deos, assentou comsigo, que não faltaria quem attendendo ao credito do nome Portuguez, o ajudasse com prata. O que na verdade assim succedeo, pois não faltaram zelosos, que antes quizeram arriscar a sua prata, que pôr em perigo a honra da Nação.

Entre tanto, que o navio se preparava, largou o Governador as vélas ao vento Favonio de sua piedade, e devoção, visitando os Santos lugares, onde se conserva, e reverencea a pia memoria do primeiro Apostolo do Oriente, o glorioso São Thomé. A primeira romaria, que fez, foi visitar a Santa Capella, que está na antiga Sé, a qual sendo Templo dos Idolos, foi dada em premio ao Santo Apostolo pela milagrosa facilidade, com que moveu aquelle celebre madeiro, de que fazem menção as nossas historias da Asia. Deste madeiro se conservam ainda algumas obras, principalmente uma porta, da qual recebeo o Governador um pedaço, e o estima por um grande thesouro; o retabolo da Capella, onde está um relicario com a ligadura ensanguentada, para de amarrar a cabeça, e o ferro da lança com que mataram ao Santo Apostolo. Memorias todas, que ainda agora movem a piedade dos Christãos, que habitam para a parte de Cochim, a ir em romaria á Cidade de São Thomé, tributar os obsequios de sua devoção. Daqui dirigio seu caminho o Governador ao monte pequeno, distante da Cidade uma legua, no qual se vê o antigo Collegio dos Religiosos da Companhia de Jesus, onde debaixo do altar mór da Igreja se venera a lapa, em que o grande Apostolo viveo por algum tempo escondido; e nella se conserva um Altar, em que dizia Missa, e na pedra da mesma lapa se vê esculpida uma Cruz, obra do mesmo Apostolo, como tambem uma fonte,

que brota do rochedo, que dizem foi aberta pelo dito Santo Apostolo, da qual bebeo o Governador, que acompanhado do Reverendo Padre Reitor Francisco de Vasconcellos, andou visitando aquelles Santos lugares, onde tambem se vem impressos os sinaes dos joelhos, e mãos do Santo, como tem a pia tradição.

O monte, que a distincção do outro, chamam grande, e está distante da Cidade duas leguas, é tambem lugar de muita piedade, e veneração: alli está uma Igreja, em que se conserva a devota Imagem de Maria Santissima, que dizem, era do glorioso Apostolo, e foi pintada pelo Evangelista São Lucas, e obra tantos prodigios, e milagres, que os Gentios, e Mouros recorrem a ella em suas necessidades. Não quiz o Governador deixar de render seus piedosos affectos a este Santo lugar, e Imagem, onde vio no Altar mór uma Cruz de pedra, obra daquelle mui zeloso Apostolo, ainda illustrada com alguns sinaes de sangue, que nella saltou do corpo do Santo, quando foi alanceado no tempo, que prostrado diante da mesma Cruz, estava orando. Certificou o R. P. Paschoal Pinheiro, Governador algum tempo daquelle Bispado, e de presente Parocho daquelle Igreja, que por algumas vezes tinha suado a dita Cruz com maravilhoso, e abundante licor, e se tinha observado, que então manava aquelle suor, quando estava para succeder algum grande infortunio ao Estado da India. Bemdito seja Deos, que ainda mostra tanto amor aos Portuguezes da India, que com sinaes exteriores declara o sentimento, que tem de nossas infelicidades, causadas dos peccados, e descuidos, com que nos havemos.

CAPITULO VIII

*Embarca-se o Governador para Macao, e refere-se
o que lhe succedeo até chegar ao Reino de Gior*

SAHIO a luz do dia cinco de Agosto, e nelle se resolveo o Governador a dar principio á viagem para Macao. Não estava o navio ainda de todo aparelhado, porque o Piloto Inglez que o vendeo por agencia do Governador tambem Inglez, o entregou tão mal aviado, e tão falto do necessario, que até de vélas foi obrigado a prove-lo. Embarcou-se pois o Governador naquelle dia, que como era dedicado á festa de nossa Senhora das Neves, se prometteo feliz, e segura viagem; que quando com tal guia, e norte se principia qualquer acção, certo, e seguro se pôde prometter o fim que se pretende. Esta mesma Estrella do mar lhe serenou, e encheo de confiança o coração, quando considerando o tempo incommodo por causa das continuas tempestades, e samatras, e o navio não mui seguro, e forte para resistir aos açoutes das empoladas ondas, e furiosos temporaes, parecia temeridade entregar-se ao mar. E na verdade tinha o animo cheio de confiança; e com razão, pois naquelle dia de manhã tinha visitado a Igreja de nossa Senhora da Luz, cuja memoria se festejava com grande solemnidade; e depois de se confessar, ouvir Missa, e receber o Divinissimo Sacramento da Eucharistia por meio do Governador do Bispado o Reverendissimo Padre Fr. Antonio das Chagas, Religioso Capucho, depositou nas mãos daquella amabilissima Mãe de misericordia uma petição, em que a tomava por Patrona, e Advogada para o bom successo da viagem. Foi-lhe necessario esperar tres dias embarcado pelo Piloto Inglez, que se deteve em terra tratando de suas conveniencias, que

finalmente se foi embarcar aos oito do mesmo Agosto, e pelas onze da noite se largou o pano ao vento, que estava bastantemente esperto.

Foi o dia terceiro da viagem notavel com a inclemencia do tempo, e dos mares, os quaes desafiados do vento, se encrespavam de tal sorte, que pertenderam çoçobrar o pobre baixel, que estando elle da sorte que estava, pouco bastaria, se o não defendesse o patrocínio de Maria Santissima, debaixo de cuja protecção se tinha posto o Governador, e os que o acompanhavam. O vento de repente apanhou as gavias, fazendo-lhe forte impressão; e de tal sorte inclinou o navio, que se tiveram todos por perdidos, e clamaram a Deos misericordia. O que valeo aos pobres afflictos, foi aplacar-se algum tanto a furia do vento, que a continuar na mesma tesidão, era infallivel a ruina de todos. Com tudo o impeto do temporal não abrandou de sorte, que não fizesse grande força no mastro grande, e o rendesse com notavel medo dos que iam no barco. A agua, que este fazia, era tanta, que toda a gente com as bombas na mão, não podia vencer o curso della. Em uma palavra: todos tiveram por certo, e evidente milagre, e especial favor Divino, o escaparem com vida. Esfriada um pouco a força da tempestade, se foi continuando a viagem com summa vigilancia, e cuidado, porque não faltavam cada dia as samatras, tres, e quatro vezes, vencendo a paciencia o grande trabalho, que estas causavam, até que finalmente aos vinte e um do dito mez se avistou a cabeça do Achem, e se investio com a boca do estreito de Malaca.

E' aquelle estreito grande exercicio de paciencia para quem navega, pois a calma, e malicia do mar consome não menos os mantimentos, que o calor dos navegantes; e nesta occasião foi extraordinaria a detença nelle, pois se gastou um mez até chegar a Ma-

laca ; e por esta razão foi necessario á gente da nao usar de tal parcimonia, que por muitos dias usaram de uma só comida, especialmente por lhe faltar a agua, valendo-se da que chovia, não sendo possivel chegar-se ás Ilhas, em que se costuma fazer. Aos dezanove de Setembro se avistou Malaca, Cidade antigamente dos Portuguezes, onde o grande Affonso de Albuquerque obrou acções tão maravilhosas para a subjugar ao dominio Portuguez; mas ha já annos por peccados, ou inerxia dos mesmos Portuguezes, está senhoreada do jugo Hollandez. Devia-se passar de largo aquelle porto, que para se evitar a antiga demanda, elles tem com os Portuguezes, pertendendo, que os barcos destes vão alli pagar ancoragens ; mas o nosso Governador, obrigado da necessidade, e falta de agua, julgou devia experimentar fortuna, e ver se achava cortezia, ou compaixão naquelles Hollandezes ; e surto á franquia, atirou com uma peça, pedindo embarcação ; foi esta espedida de terra, para saber que barco era, quem vinha nelle, e que pertencia : a esta embarcação desceo logo o Piloto Inglez com uma carta escrita ao Governador daquella Praça.

Era aquelle Governador Hollandez homem de animo docil, e coração brando, e lendo o que continha a carta, entendo vinha no barco pessoa, com quem devia usar de termos honrados ; e prevendo, que os do Conselho da Companhia haviam de fazer demanda pelas dividas (como elles dizem) antigas das encoragens ; e querendo atalhar as molestias, que por isso poderiam vir ao Governador Portuguez, tratou com grande afabilidade ao Piloto, e lhe ordenou, que tornasse para o navio, que elle proveria do necessario. Era sua intenção, que o navio estivesse expedito com o seu Piloto, para que no caso, que os do Conselho determinassem alguma cousa contra o dito navio podesse dar

á véla, e por-se em cobro ; mas o Piloto, que parece veio com intenção de ficar no dito porto de Malaca, como disseram alguns, começou a tergiversar, e respondeo ao Governador Hollandez, que elle de nenhum modo iria a bordo sem levar reposta ; e não obstante, que o dito Governador o tornou a exhortar, que se voltasse para o navio, que elle no outro dia mandaria reposta, o Piloto se ficou, e no seguinte dia foi reprezado, que parece, que é o que pertendia.

Finalmente a reposta, que veio de terra ao Governador, foi, que pagasse ancoragens, e que a este fim ficava reprezado o seu Piloto. Pareceo-lhe a este demanda injusta, não tanto pelo que requeria, quanto por ser feita á sua pessoa. A resolução, que se devia tomar, não era facil de comprehender. Por uma parte a necessidade obrigava a esperar, e pedir misericordia, por outra o largar a véla, era sinal de medo, e confissão de estar culpado, o que seria mais indecente, e indecoroso, quando o navio tinha tremolantes as bandeiras Reaes. Intentar a vingança de tal injustiça, e descortezia, parecia temeridade, estando o navio falto de muitas cousas necessarias, e os Hollandezes abastados, e em sua casa. Que remedio ? Tirar forças da necessidade, e fraqueza, e appellar para a fortuna, que ajuda aos animosos. Escreve ao Hollandez resolutamente, que um Governador do Serenissimo Rei de Portugal, não era pessoa tal, a quem se fizesse semelhante demanda ; que ou acodisse ao navio com o necessario, ou lhe remetteste o seu Piloto, para que podesse dar á véla. Não foi a reposta do Hollandez tão cortez, e honrada, como devia ser, e tinha sido o dia antecedente ; pelo que o Governador, tomando fogo, lhe tornou a escrever com alguma aspereza, lançando-lhe em rosto o que era. Irritam-se os animos de parte a parte, e depois de se fazerem os protestos, de que eram

nações, que viviam em boa paz, e amizade, denunciase o desafio, e prepararam-se para a batalha, o Governador pondo em ordem o seu navio com os poucos Portuguezes, que nelle vinham, e mais negros, e cinco peças de artilharia de pouco calibre; o Hollandez expedindo cinco chalupas bastantemente petrechadas; o Portuguez foi o primeiro, que deu mostra de si, pondo-se á vista do inimigo, e convidando-o ao desafio para longe da fortaleza: o Hollandez fez seu movimento, e volta, mas sempre afastado, e fóra de tiro de péça.

Assim andaram alguns dias, até que o Governador impaciente de demoras, desta sorte fallou aos da nao; « Amigos, e companheiros igualmente na gloria, « que nos trabalhos, temos chegado a termos, que ou « havemos de emprender uma acção, que ainda que a « alguns parecerá temeraria, e imprudente, é na verdade gloriosa, e digna do nome Portuguez; ou havemos daqui sahir com grande desdouro nosso, e « expostos a perecer todos indecorosamente. O vento « não nos favorece; a falta de Piloto pratico nos impossibilita a navegar por entre tantos baixos, a necessidade, quasi extrema em que nos vemos, não « approva o irmos acabar ao desamparo no meio deste estreito: com a nossa volta, ou fogida esses Hollandezes tomarão animo a nos seguir, e esperar « commoda occasião, em que totalmente nos arruinem: pelo que a resolução, que devemos tomar, digna do nome Portuguez, é investir não menos aquellas chalupas de guerra, que a Fortaleza, do qual se seguirá, que ou elles á vista da nossa resolução atemorizados, virão no que pretendemos, ou nos mataremos com elles, desafrentando generosamente nossa reputação, quando mais val uma gloriosa morte, « que uma vida com descredito conservada». Assim le-

vado de seus brios dizia o Governador; e alguns dos Portuguezes approvaram a resolução, e se offereram animosamente para a empreza; mas a outra gente da nao, seguindo o exemplo do Padre Capellão, a desaprovou, ou por mais temeraria, e imprudente, ou por menos conforme ás Leis da Christandade.

Vendo o Governador, que não era geralmente approvada sua determinação, resolveo largar o posto, e ir navegando, como podesse, até achar posto, em que se refizesse do necessario. Tinha elle reprezado uma chalupeta de Malaios dependente de Malaca, em recompensa do Piloto reprezado em terra; pelo que mandou dizer ao Governador Hollandez lhe remetteste o seu Piloto, pois se queria fazer á véla, e desta sorte largaria a chalupeta; mas não se conseguindo effeito algum, se resolveo a largar a dita chalupeta, e dar á véla, especialmente tendo perdido uma ancora. Primeiro que se fizesse á véla, mandou aviso ao Governador Hollandez, que elle partia a tal hora, e que se mandasse as chalupas em seu seguimento, estava prompto para as receber. Aos vinte e seis do dito mez, dia claro, largou o pano, fazendo sinaes com peças de leva, e foi navegando com grande trabalho; porque como não havia Piloto pratico, era necessario, que o mesmo Governador com a sua estimativa, e com a experiencia, que tinha das vezes, que navegara aquelles mares, supprisse a falta de Piloto. Aos dous de Outubro se embocou o estreito chamado do Governador, onde foi necessario preparar-se para pelejar com um navio, que o seguia: repartio-se a gente a seus postos, expediram-se as armas, e mais petrechos bellicos; mas como o dito navio, parcce não trazia intenção de pelejar, se meteo no estreito de Sincapura, e logo entrou pelo Rio de Gior o do nosso Governador. Neste lugar o que passou, se verá na segunda parte.



SEGUNDA PARTE

*Refere-se o succedido em Gior,
e dalli até Macao*

CAPITULO I

*Tocam-se algumas cousas pertencentes ao Reino
de Gior*

EMPRENDO agora contar as acções do Governador obradas em Gior, as quaes na verdade por alguns, e esses bem affectos, serão attribuidas a valor de animo no intrepido; e por outros, a quem faltar a affeição, serão avaliadas por pasto, ou de terribilidade imprudente, ou de temeridade bem afortunada. Estes se fundaram em que o Governador, estribado em um barco mal petrechado, e com só doze Portuguezes, os quaes eram (não fiquem sem nome neste escrito, os que nos trabalhos, e nas obras deram boa parte para elle) o Capitão João Tavares de Vellez Guerreiro, o Mestre João da Costa, o Condestavel Domingos dos Santos, Antonio Lopes, Pascoal da Sil-

va, Pedro Farobo, Ignacio Lobo, Pascoal Rodrigues, Antonio Rodrigues, Miguel da Costa, Antonio da Costa, Lourenço Fernandes. Não fallando no Reverendo Padre Fr. Thomaz de São Joseph, Capellão do navio ; e o Irmão Fr. Angelo de Santo Antonio, Medico, e de nação Italiano, ambos Religiosos Capuchos da Serafica, e observantissima Provincia de Madre de Deos ; e a outra chusma de gente negra, mais proporcionada para tirar pelas cordas, e menear vélas, do que para atirar com peças, e brandir lanças ; com mui poucas bocas de fogo, cinco pecinhas, e essas de menor calibre ; finalmente sem o necessario aparelho pertendeo oppor-se a mais de oitocentas barcas de guerra, as quaes, ainda que pequenas, eram bem petrechadas, e providas de gente : e emprender outras acções ariscadas em terra alheia ; tudo o qual na verdade parece, que argue um jactancioso appetite de gloria, mais fundado em a imprudente esperança da fortuna, do que no maduro conselho da verdadeira valentia. Mas toda essa nota se desvanece, se se attender ao que os livres de paixão consideram, que as generosas acções mais se estribam em uma prudente audacia, acompanhada de boa disposição, do que em possantes forças de braço. Quem pertende ser alguém, deve-se atrever a alguma cousa, disse o outro, não menos Orador eloquente, que sabio Filosofo. Nunca Alexandre o Magno emprenderia acometer com tão pequeno exercito todo o Imperio da Persia, e todas as forças da Asia, se não fosse levado de seu brioso atrevimento. Não obraria o que o'rrou o nosso Duarte Pacheco, oppondo-se com tão poucos Portuguezes ás forças do Çamori, e dos Reis seus aliados, se seu terrivel, e ousado espirito o não animasse a tal empreza. Argue vileza de animo o desmaiar á vista dos perigos : não é temeridade obrar muitas vezes, o que parece ser mais

atreuimento arriscado, que prudente valentia, quando as circunstances, e necessidade o pede. Mas antes que se prove com a praxe do Governador este discurso, que em seu lugar se fará, toquemos algumas cousas pertencentes ao estado de Gior.

O Reino de Gior, sito no tracto dos Malaios, e na terra firme, opposta á Ilha da Samatra, vai correndo costa mar de Malaca até Talangane, e juntamente comprehende um numero sem numero de Ilhas, das quaes se formam muitos estreitos, e entre estes não é o de menor conta o de Sincapura ; no fim do qual, á mão esquerda, na parte que olha para o Noroeste, se abre a foz de um grande rio, ou para melhor dizer, a boca de uma enseada, que dentro se reparte em varios canaes, uns maiores, outros menores, formados, e distintos com a variedade de Ilhas, sementeas por toda aquella enseada. Destes canaes o principal é o que se vai dilatando com seus giros por mais de dez legoas até a principal Povoação, e Corte deste Reino, a qual tem sna situação entre o segundo, e terceiro grao da linha Equinocial para a parte do Norte. E sendo assim, que estando esta terra no centro da Zona Torrida, por boa razão devia experimentar excessivos calores, que por causa dos raios directos do Sol, é natural o fazer este nella maior impressão, soccede pelo contrario, pois é fresca, e aprasivel, gozando das propriedades de uma perpetua Primavera, cousa ordinaria pela maior parte em todo aquelle tracto de terra ; por quanto por causa da muita agua, já dividida em varios canaes, já dilatada em grandes lagos, e já despedida de perennes fontes, se levantam continuados vapores, que refrescam o ar, e lhe moderam o calor, é juntamente se resolvem em quasi quotidianas chuvas, que não menos refrigeram a terra, que a fertilizam. Daqui nasce o ser mui viçosa com a varieda-

de, e grandeza de muitas arvores, que com seus compridos, copados, e espessos ramos impedem os raios do Sol. Com tudo, por causa dos vapores grossos, de que abunda, não é muito sadia, especialmente aos Estrangeiros, que não foram criados em semelhantes aguações.

A gente natural da terra nas cores participa uma mediania entre Europeos, e Ethiopes. Os que habitam junto do mar grande, parte seguem a maldita seita Mahometana, atraídoados por natureza, e de pouca fidelidade. Bom numero dos naturacs, e subditos deste Reino tem seu perpetuo domicilio, ou habitação em barquinhas: o qual é mui ordinario por toda aquella parte da Asia até a China, conservando suas como povoações, com numerosas familias, no meio da agua. A terra de si é fertil, mas as muitas guerras, que fomenta entre si, a fazem esteril. Abunda de pimenta, ouro, estanho, pao de Aguila, canfora, tartaruga, ninho de passaro, pao preto, rotas, assim de bastões, como finas, marfim, azeite de pao, breu mui barato, madeira, especialmente para mastros de qualquer sorte de navios, pois tem paos mui grossos, direitos, e compridos. Antigamente este Reino de Gior foi sogeto ao Rei de Sião, como tambem foram todos os que correm de Teneçari, até a Costa do Golfo, que propriamente se chama de Sião. Mas como aquelle Rei, algum tempo terror de Bengala, Pegu, Laos, e de outros circumvisinhos, descahisse do seu antigo poder, assim por causa da malicia ingenita aos Asiaticos, como principalmente por razão dos bandos, e divisões, que em Sião costumam. haver na morte dos seus Reis, o Reino de Gior se rebelou; e levantou propria Cabeça, porque se governa; e nestes ultimos tempos se dilatou tanto, que por aquella Costa tem maior espacio de terra, que qualquer dos outros Reis.

Mas como estes Reinos carecem da verdadeira Cruz da Fé, que é o que prescreve as certas, e seguras leis da justiça, succede nelles muitas vezes, que por falta desta não ha a devida correspondencia, e subordinação entre os Principes, e os vassallos. Por esta causa ha já vinte annos foi morto com violencia por seus vassallos o proprio Rei de Gior, ou porque este era menos dotado de entendimento, e razão, ou porque o seu governo degenerasse em tyrania. Por morte do qual foi levantado em Rei o Datubandar do Keino, Datubandar é dignidade, ou titulo grande, que sempre anda annexo a familias, ou casas de sangue Real. Tem a seu cargo o governo das Armadas, dispõem da gente de guerra, e provê os postos tocantes a ella com tão absoluto mando, que neste particular é quasi igual ao mesmo Rei. Do qual provem ter este sua magestade mui lesa, e arriscada a ficar arruinada, como soccede a cada passo, e se vio na guerra, de que em seu lugar se fará menção. Todos os do Reino deram obediencia a este Datubandar, o qual depois de tres annos, em que governou o Reino com paz, e quietação, ou porque era homem de bom entendimento, e considerou, que não estava seguro no throno, e não queria experimentar a adversa fortuna de seu antecessor, ou por outro qualquer motivo, largou o Reino a seu irmão, com condição, que o sustentasse, e não procedesse em materia, que tocasse a crime de morte, sem primeiro o consultar ; no qual bem mostrava ser homem de condição branda, e benigna.

Este irmão do Rei velho se chamava Raiamuda : era homem astuto, e de bom entendimento ; e logo que tomou posse do governo, procurou applicar os meios necessarios, assim para a sua conservação, como para a segurança dos seus Estados, e se fundou em adquirir forças, e riquezas, as quaes chegaram a ser tantas,

que dizem excedia nellas a todos os mais Reis da Costa Malaia. O poder, que se pode alcançar, que teria, segundo as mais certas noticias, constava de mais de cem Galés de porte, não fallando no genero das embarcações, a que chamam Cacapus, Paraos, que tambem se armam de guerra; e por tudo excedia o numero de mil embarcações; e nestas fortificações se funda aquella gente, porque como as terras quasi todas são alagadiças, e cortadas de agua, as suas guerras todas são navacs. Abundava de muita artelharia, pois dizem, que tinha mais de mil peças, a maior parte de bronze, poucas de calibre de doze até vinte e quatro libras, as mais de duas, tres, e quatro libras. Pedreiros contavam mais de dous mil. Dous grandes armazens com varios generos de armas, e petrechos de guerra. A riqueza de ouro parecerá incrível, pois dizem, que quando este Rei Raiamuda fogio, carregara trezentos homens de ouro. A multidão de gente, assim em terra, como nas barcas, é mui grande: a que tinha de armas na Corte, dizem, que chegaria a cinco mil homens, não entrando aqui a guarnição da Armada, a qual pertence á gente maritima, que habita aquellas Ilhas, e terra de beira mar. Mas sendo tanto o poder, e riquezas deste Rei, não foram bastantes, para que não perdesse o Reino, podendo mais a traição do seu Datubandar, que toda a sua grande cabeça, poder, e riquezas; verificando-se aqui o dito; que para conservação de um Reino, mais val a fidelidade dos grandes, que ricas forças, e fortes exercitos. Mas antes que se veja o que soccedeo nesta materia, demos vista á entrada do Governador em Gior, e aos successos dos primeiros dias.

CAPITULO II

Entra o Governador em Gior, e o que lhe succedeo nos primeiros dias

ENTRADO que foi o navio pelo rio, ou canal de Gior, soube o Governador, que estavam dentro duas embarcações Europeas, uma de Inglezes, outra de Dinamarquezes, que alli vieram a contratar; e escrevo aos Senhorios lhe mandassem Pilotos praticos daquelle canal, para que seguramente podesse entrar o seu navio a algum surgidouro accommodado, quando elle não levava gente, que soubesse nem baixos, nem altos daquelles lugares. O Capitão Dinamarquez expedio logo um Piloto, que conduzio o navio em quanto os ventos, e enchente da maré o ajudou; e deixando roteiro do rumo, que deviam seguir no resto do caminho, se voltou para o seu navio; e porque na maré seguinte se apartaram do dito roteiro, por inercia dos proprios Pilotos, encalhou o navio não menos com manifesto perigo de se abrir, do que com notavel medo, e espanto dos que viram o fundo em tão medonho estado, que ficaram todos os que nelle vinham embarcados, igualmente admirados, de que trouxessem suas vidas estribadas em tão fraco fundamento, que agradecidos á Divina bondade, que por sua infinita misericordia os tinha livrado de tantos perigos; e posto em lugar, onde podessem alimpar, e concertar o navio, ficando neste passo confirmado aquillo; que é muitas vezes bem afortunada uma desgraça, e perigo, quando são causa de se evitarem outros maiores perigos; o qual se vio bem nesta occasião, porque tendo dantes o Governador assentado comsigo, de examinar, e alimpar o navio, agora totalmnte se resolveo a executa-lo. Finalmente ajudan-

do os dous Pilotos de um, e outro barco, foi livre o navio do banco, em que se achava, e levado a lugar seguro, lançou ancora.

No tempo, em que o navio ia fazendo sua entrada pelo rio, appareceu o Rei de Gior, que acompanhado de muitas embarcações, e cortejado de muita gente, se andava recreando, talvez descuidado do que passados poucos mezes estava para lhe succeder. O Governador sabendo que era o Rei, empavezou o seu navio de flamulas, e galhardetes, dispondo em bella ordem a gente, tocando os clarins, e juntamente um destra mão que trazia da Costa, fazia docemente soar uma arpa; e assim que o navio aparelhou com as embarcações Reaes, disparou cinco peças, salvando ao Rei: o qual tudo junto foi não menos agradavel aos olhos, que jocundo aos ouvidos, e formou o Rei conceito, que naquelle navio vinha pessoa de grande supposição, e foi isto grande causa, para que o Governador fosse depois tratado com tanta honra. Tanto val no principio haver-se um de tal modo; que se concilie veneração, e respeito, e porque por muitas vezes nas primeiras entradas falta requisito tão necessario, se seguem ruins effeitos nas empresas começadas. Mandou tambem naquelle mesmo lugar o Governador visitar ao Rei por um Piloto, offerecendo-lhe um regalo de pouca valia, mas de muita estimação para o mesmo Rei, e uma, e outra cousa recebeu este com grande agrado.

Não faltou o Rei com as correspondencias de cortezia ao Governador, pagando-lhe a visita pelo seu Sibandar, com seu Real mimo, offercido ao mesmo Governador. Sibandar é cargo de Ministro principal do Reino, que tem á sua conta despachar navios, registrar fazendas, ajustar contratos, resolver o que a estes pertence, conduzir os Capitães dos navios ao Rei,

e cuidar de tudo, que é proprio dos Mercadores. Ficara o Rei summamente satisfeito, não menos da bellica consonancia dos clarins, que do festivo, e suave som da arpa, e mandou pelo mesmo Sibandar, pedir de mercê lhós levasse a Palacio, porque os desejava ouvir juntamente com suas mulheres, e familia. Mui necessaria é em semelhantes casos a cortezia, mas deve ser acompanhada das regras da verdadeira Christandade, sogeita em tudo ás leis da Igreja Catholica. Bem arriscada se representou ao Governador, neste caso, a resolução por uma, e outra parte; porque ou havia de negar o que se lhe pedia, e era expor-se á indignação daquelle Rei, que como infiel, e poderoso em sua terra, era-lhe facil a vingança, cousa que ao Governador não convinha, pois necessitava delle para concertar o navio; ou havia de satisfazer ao desejo daquelle Principe, e era arriscar o bem espiritual, assim dos dous Cafres, como do Arpista, quando poderia succeder, que elle levado de seu gosto, pertenderia conservar em seu Palacio aquelles instrumentos de recreação, e divertimento, com evidente risco de sua salvação: o qual fez grande pezo ao Governador, especialmente sabendo, que no Palacio do Rei estavam dous Cafres fogidos, e semelhante gente naquelles lugares, sendo naturalmente rude, e não fundada radicalmente nos principios da Fé Catholica, trazem moralmente perdidas suas almas.

Movido o Governador desta razão, tomou uma resolução não menos generosa, que Christã, respondendo, que não podia fazer o que se lhe pedia, quando se arriscava, a que os ditos Cafres, e Arpista, ou fogssem, ou fcssem detidos em Palacio. Não se indignou o Rei com a repulsa, e como tinha grande desejo de os ouvir tocar no seu Palacio, repetio com instancia a primeira petição, dando seguro, e empenhan-

do sua Real palavra, que os restituiria, e fariã com que tornassem para o navio. Deo-se o Governador por obrigado a comprazer áquelle Rei, pelo que os remetteo, e juntamento com elles o Capitão João Tavares de Vellez Guerreiro, para que o visitasse em nome do Governador, e lhe presentasse uma offerta de algumas cousas, que trouxera de São Thomé, e eram duas peças de pano branco da Costa, bastantemente fino, dous frascos de agua rosada, e dous cortes de carmezim. Chegados a Palacio, foram o Arpa, e clarins recebidos com grande expectação, e applauso; e o mesmo Rei, os levou ao lugar das mulheres, e Damas mais estimadas delle, as quaes como a cousa nova, e inaudita por ellas, ouviram não só com inexplicavel contentamento, mas tambem com notavel admiração, crescendo na Corte, e em Palacio o conceito, que se fazia do Governador, que trazendo comsigo tão singulares instrumentos da recreação, não podia deixar de ser homem de maior esfêra.

Passou isto aos nove de Outubro; e sabendo o Rei, que o Capitão João Tavares vinha em nome do Governador a fazer sua visita, e appresentar a offerta referida, querendo em honra do dito Governador, e sua, se fizesse a cerimonia com pomposo fausto, e solemnidade, assistindo os Grandes da sua Corte, reservou o acto para o dia seguinte, ficando aquella noite em Palacio o dito Capitão João Tavares, acompanhado dos dous Capitães dos navios de Dinamarca, e Inglez, e tratado com grandeza. Juntou-se no outro dia toda a Corte do Rei, e presente elle em Palacio, foi admitido o Capitão João Tavares, a quem cortejaram os dous referidos Capitães, e em nome do Governador fez sua visita, ou embaixada com não menos gravidade de sua pessoa, que agrado do Rei, e toda a Corte; ficando os dous Capitães igualmente admirados, que in-

vejosos, pois não tinham recebido semelhantes honras, quando elles offereceram cousas de maior preço, e estimação do que as offercidas em nome do Governador. Mas poderam elles entender, que aquelle Rei, ainda que barbaro, sabia fazer distincção de pessoas, e que como era de bom entendimento, avaliava a offerta não pelo preço, que em si tinha, mas pelo que recebera de quem a offercia.

Succedeo no acto daquella offerta uma cousa, que podendo parecer a alguns temeridade, foi antes causa de maior respeito, e estimação da nação Portugueza. Foi o caso, que sendo costume, que o mesmo, que offerce o presente ao Rei, o deve levar na mão, como o tinham feito os dous Capitães sobreditos, o Capitão Tavares, não sómente não quiz fazer a tal cerimonia, mas tambem ao Sibandar, que repetidamente lhe instou a fizesse, impaciente, e denodadamente o affastou de si com a mão, diante de toda a Corte, e do mesmo Rei, obrigando ao dito Sibandar, a que elle em pessoa, e na propria mão levasse a offerta, sendo crime entre elles não menos tal acção de impaciencia, e acometimento, como a de faltar áquella cerimonia. Mas quando este, que parecia atrevimento, e falta de respeito, mostrava ser digno de castigo, foi avaliado por acção de pessoa, que não estava sogeita ás leis dos homens ordinarios: ainda que o Sibandar, dando-se por offendido, conservou no animo a raiva, e desejo de vingança, que depois pertendeo pôr em execução. Tambem os Capitães dos dous navios quizeram ostentar de cortezes com publicas significações de honra ao Governador, visitando-o solememente, e depois convidando-o a banquete nos seus navios, o que fizeram com magnifica grandeza, e grande estrondo não menos de salvas extraordinarias, que de variedade de pratos, e licores.

CAPITULO III

Referem-se outras cousas succedidas naquelles dias

Como crescia a estimação, que em Gior se fazia do Governador, assim se augmentava o respeito, com que era tratado, ainda do mesmo Rei; pelo que sabendo este, que o Governador queria concertar o seu navio, lhe mandou offerecer, e determinar lugar commodo, em que o pedesse encalhar, e concerta-lo, dando ordem aos seus, que obedecessem ao dito Governador em tudo que lhe mandasse, e somministrassem, sem difficuldade alguma, tudo o que fosse necessario: o qual se executou á risca, sendo castigados os que faltavam. Vendo o Capitão Inglez, que á sombra do Governador podia concertar tambem o seu navio com maior commodidade, e menos despeza, e pertendendo mais cedo partir-se, pediu ao Governador lhe fizesse o favor de lhe deixar primeiro concertar a sua embarcação, e juntamente permitisse mudar o seu fato para o dito barco, em quanto se tratava do concerto do seu navio. Veio nisso liberal, e benevolamente o Governador, e concluido o dito concerto, querendo o Inglez compensar o favor, que se lhe tinha feito, não só levou para o seu barco o que havia no do Governador, mas tambem com repetidas instancias o convidou, que fosse morar nelle, pondo-lhe diante dos olhos as inconveniencias, e incommodidades, que teria, estando no navio em quanto se concertava: mas o Governador nunca quiz aceitar a offerta, e se ficou no seu navio, ainda que com notavel incommodo; porque mais olhava para a honra, que para a commodidade de sua pessoa; e quando descia do navio a ver o concerto, que se fazia no fundo,

sabia com guarda de doze pessoas armadas, ficando sempre outra guarda no mesmo navio, como era costume.

Estando por este tempo ainda encalhado o navio, e na obra do concerto, succedeu um caso, que trouxe consigo varias consequencias, que poderiam causar graves molestias ao Governador, se este com sua authoridade, e prudencia lhe não acodisse, desprezando o de que outros fariam muito caso. Succedeo pois, que um marinheiro nascido na Costa, mas casado no Reino de Gior, juntamente com um Malavar do barco Dinamarquez, compraram a um Portuguez, que vinha no barco do Governador, alguma roupa da Costa, o qual, feito o preço, e fiado na sua palavra, lha entregou, reservando para outra occasião o receber a prata. Mas passados alguns dias, requerido o Malavar, que pagasse o preço da roupa, não quiz, dizendo, que o outro marinheiro tinha levado a dita roupa, e que a elle não competia satisfazer o preço. Foi o pleito ao Governador, o qual examinando a causa, achou, que o Malavar estava obrigado a satisfazer a divida, pelo que paternalmente o admoestou, a que pagasse o preço, em que se tinha ajustado pela dita roupa. Ouviu este a admoestação, mas attendendo mais ás razões da sua conveniencia, do que da justiça, e consciencia, e fiado, que o Capitão Dinamarquez, o Sibandar, e gente da terra o defenderiam, não satisfez ao que devia. Vendo o Governador tal resolução, e considerando por uma parte, que seria menos cabo de sua pessoa, se dissimulasse, e que abriria porta, a que o atrevimento daquella gente intentasse alguma cousa com menos respeito, do que se lhe devia; e pela outra parte prevendo, que se usasse de remedios violentos contra aquelle Malavar, irritaria contra si o Capitão Dinamarquez, Sibandar, e ou-

tros, fazendo mais caso da honra, do que de consequencias, que elle com sua natural destreza poderia facilmente remediar, se determinou a prende-lo.

Levado o Governador desta resolução, manda chamar o dito Malavar, prende-o, lançando-lhe machos nos pés, com intimação, que assim havia de estar até que pagasse o que devia. A' vista desta execução se exasperou o Capitão Dinamarquez, e pareceria, que tinha alguma razão, pois era natural, que não levasse a bem, que o Governador fizesse execuções em homem de sua jurisdicção; mas obrigado do medo, e respeito, se callou; e o Malavar vendo, que só com a satisfação da divida ficaria livre da prizão, pagou o que devia, e logo foi solto. Assim que o Malavar se vio livre das mãos do Governador, considerando-se não menos sobrado de colera, e afronta, que falto da prata, que tinha pago, procurou tomar vingança: convoca todos os da sua nação, que não eram poucos os que havia em Gior, e juntamente com elles vae a fallar com o Rei, queixando-se de que tinha sido injusta, e injuriosamente tratado do Governador, e pedindo-lhe, que lhe mandasse dar satisfação. Bem quizera o Rei comprazer á petição do supplicante, por quanto os da sua nação lhe eram de grande prestimo, e lucro no seu Reino, mas era tal a estimação, que fazia do Governador, que antes quiz faltar ás conveniencias proprias, que ao respeito, que se lhe devia; e assim procurando consola-los, os despedio, dizendo, que lhes não podia despachar sua petição, como pertendiam.

Vendo elles, que nada concluiam por este caminho, se foram valer do Sibandar. Fomentava este em seu peito grande desabrimento contra o Governador, e sua gente, não só pelo succedido com o Capitão João Tavares no acto da visita, e offerta ao Rei, como

fica referido no capitulo passado, do que desejava vingar-se; mas tambem, porque nenhum lucro tinha com o navio do Governador; e como era assaz cobiçoso, não levava com bom animo, não achar alli as conveniencias, que tirava dos outros barcos, com os roubos, que lhes fazia; pelo que parecendo-lhe, que tinha boa occasião para executar a vingança, que pertendia, se foi ao Rei, e lhe fallou desta sorte: «Senhor, em uma « Magestade não fazem boa união soberania, e brandu- « ra; o Principe se quizer ser respeitado, não deve mos- « trar-se remisso, dissimulando faltas, ou excessos, que « cedem em diminuição de sua authoridade: vae per- « dida a sobenania, que affectando os applausos de be- « nigna, grangea a nota de menos temida, e respeita- « da. Chegou a este porto um estrangeiro altivo, e to- « talmente opposto ás ceremonias da nossa lei, não « menos ambicioso de honra, que desapegado dos lu- « cros, e interesses dos outros Mercadores: V. Ma- « gestade com sua grande clemencia lhe tem feito hon- « ras extraordinarias, das quaes abusando elle, se tem « tornado insolente não menes no desprezo, com que « se ha com a nossa gente, que no modo de tratar-se, « com que em terra alhea se mostra independente, e « absoluto. Não fallo na soberba, e atrevimento, com « que se houve o seu Capitão no acto da visita, e of- « ferta a V. Magestade. Deixo de ponderar a altivez, e « arrogancia, com que se quer fazer temido não só- « mente dos seus, mas tambem de nós mesmos. Só- « mente digo, que se não pôde passar por alto a au- « thoridade, que usurpou, castigando ao Malavar, com « notavel ofronta não só daquella nação tão beneme- « rita, e necessaria neste Reino, mas tambem do Ca- « pitão de Dinamarca. Se esta insolencia se deixa pas- « sar sem alguma exemplar demonstração de justiça « Real, os brios daquelle insolente estrangeiro se atre-

« verão a maiores cousas, com que perigue o respeito
« devido á pessoa de Vossa Magestade. E se Vossa
« Magestade proceder ao castigo contra elle, que se
« pôde temer de quem se fia mais em seu atrevido
« animo, do que no braço direito, sem o qual não ha
« valentia ? »

Assim discorria aquelle barbaro, não menos cobiçoso, que vingativo ; mas o Rei, a quem não faltavam as prerogativas Reaes com bastante cabeça, e prudencia, não fez caso do arzeoado do Sibandar. Este vendo, que não era ouvido, procurou semear zizania, e embrulhar o Governador, não só com a gente da terra, mas tambem com os de Dinamarca, e Inglez, os quaes lhe não estavam muito affectos, quando era tão grande a dessemelhança, que havia entre eiles, e o Governador, assim na Religião, e costumes, como no porte de vida, e trato de pessoa. Do que tendo noticias o Governador, desejava dar a conhecer áquelle Sibandar, que cousa fossem Portuguezes ; mas não podia achar commoda occasião, porque o dito Sibandar não costumava vir ao navio do Governador, pois não achava nelle o que pretendia, que era furtao ; pelo que o Governador ordenou á sua gente, que quando o dito Sibandar fosse ao barco Inglez, que não estava longe, o avisasse. Passando pois elle um dia para o dito barco, e avisado o Governador, o mandou convidar ao seu navio. Ficou o pobre passado com tal convite, e como lhe remordia a consciencia, temia apparecer diante de quem conhecia, não seria cabal a satisfação, que dêsse ; mas era necessario apparecer. Que remedio ? Toma por padrinho o Capitão Inglez, e acompanhado delle, obedeceo ao chamado do Governador. Chegado á presença deste, ouviu estas palavras, ditas com igual gravidade, e resolução : *Sabei, que a espada Portuguesa é mui comprida, tanto assim, que pôde chegar á*

Corte do vosso Rei, se for necessario. Bastaram estas palavras ditas com a energia, e efficacia, de que sabia usar quem as proferio, para que aquelle Malaio não fosse a diante com as embrulhadas, que fazia.

Acabado o concerto do navio a dous de Dezembro, sahio para o surgidouro, e se preparou tudo o necessario, assim para dar á véla na primeira commoda occasião, como para estar expedito para o que podesse succeder. Mas entre tanto que não partia, aconteceram outras cousas, com que o Governador se dava mais a conhecer, e a nação Portugueza. Ha em Gior uma certa casta de Malaios, a que chamam Buguis, os quaes em sendo cativos do Rei, se fazem insolentes, opprimindo o Povo, roubando, ferindo, e matando; e como trazem por rodela a sombra do Rei, ninguem se atreve a oppor-se-lhe, e fazer mal. Havia um destes na Aldea chamada Panchor, junto da qual estava surto o navio; e alli se tratava como Principe absoluto, temido, e respeitado daquelle miseravel Povo. Persuadio-se elle, que tambem com a gente do Governador poderia livremente mostrar seus atrevidos desaforos; pelo que em uma occasião, que um official do Governador comprava naquella Aldea alguns mantimentos necessarios para a gente do navio, chega este Bugui; e atravessando todo o mantimento apreçado, o levou, e mandou meter na sua embarcação, sem que algum dos que estavam presentes, se atrevesse a abrir a boca. Foi logo a toda a pressa aviso ao Governador do que passava, o qual sobindo ao tombadilho do navio, vio passar ao dito Malaio na sua embarcação com o mantimento violenta, e descortezmente reprezado, e chamando-o, elle nenhum caso fez de quem o chamava. O que visto pelo Governador, expede com toda a diligencia uma embarcação pequena em seu seguimento, o que advertindo o Malaio, põem-se em resisten-

cia, e ferindo a um dos Cafres do Governador, manda tocar a rebate na Povoação, para a qual indircitando a proa, se foi a fortalecer com os seus.

Neste passo se accendeo a coragem ao Governador, e engrossando a gente, que mandou a terra, expedindo a artelharia, que dominava a Povoação, tocando os clarins a degollar, deo sinal á gente, que tinha em terra, a que investissem com o Bugui, e todos os mais, que se pozessem em resistencia ; o qual Bugui acastelando-se em um Templo de idolos, foi alli acometido, e ferido de tal sorte, que tudo nelle era sangue, ficando os da Povoação tão atemorizados, assim do que viam executado no Bugui, como do que ouviam nos clarins bellicamente sonoros, que desamparando suas casas, se foram a pôr em seguro nos matos. Foi o Malaio Bugui levado á presença do Governador, e ia o pobre mais cheio de medo, que de feridas; e posto de giolhos, e levantadas as mãos, pedia misericordia. Mas o Governador julgando, que devia fazer alguma demonstração de terrivel, com que não só quebrantasse os atrevidos brios daquella gente, mas tambem atemorizasse os mais, depois de gravemente o reprehender do que tinha feito, lhe aggravou o crime de ter ferido o seu Cafre ; e pronunciando lhe a sentença de morte, fez a ficção de querer enforca-lo, mandando aparelhar os instrumentos necessarios. Acodem neste passo os dous Religiosos de São Francisco a interceder por elle, mas o Governador se mostrava uma rocha em não querer perdoar-lhe. Repetia o Malaio com toda a summissão as preces, e instavam os Religiosos com a intercessão, até que finalmente o Governador mostrando inclinar-se á piedade, lhe perdoou, e o deixou ir livre a curar-se. Chegou a noticia do caso ao Rei, e quando alguns se persuadiam, que este se havia dar por aggravado, succedeo pelo contrario,

porque mandou dar satisfação ao Governador, mostrando, que sentia se lhe fizesse tal descortezia, e juntamente lhe rendeo as graças, por ter ensinado com o castigo ao seo cativo.

CAPITULO IV

Pede o Rei de Gior soccorro ao Governador contra o Raiaquichil: referem-se as causas, e o que passou nesta materia

No capitulo primeiro fica tocado brevemente, como o Rei de Gior, chamado Raiamuda, governava por renuncia, que lhe tinha feito seu irmão maior, e que este fora aclamado por Rei depois da morte violenta, que os de Gior deram ao seu antecessor. Deste pois violentamente morto, um filho, ou verdadeiro, ou fingido, fogio para o Rei dos Manacabús, o qual tem as terras do seu dominio na Costa fronteira a Malaca, e era parente do Rei morto de Gior. Passados alguns annos, o Principe fugitivo, que tomou por nome Raiaquichil, pertendeo recuperar o Reino de Gior, com o pretexto de ser filho legitimo do Rei violentamente morto; e para este fim ajuntou alguma gente, assim do Rei dos Manacabús, como do que governava o Reino de Palimbão, que tambem se dizia seu parente; e como esta gente era pouca, e não tinha Galés, em que a meter, artificialmente fez uma petição, juntamente com uma embaixada a Raiamuda, dizendo, que desejava ir visita-lo, e de caminho insinuava, que tinha gosto de casar com sua filha, e a este fim lhe pedia doze Galés. O Rei Raiamuda ou persuadindo-se, que não havia artificio da parte de Raiaquichil, cu desprezando o receio, que

podia ter, fiado em suas grandes forças, e nas poucas, ou nenhuma, que tinha o dito Raiaquichil, lhe mandou as doze Galés, que pedira. Mas este se apoderou logo das ditas Galés, e metendo nellas a gente, que tinha junta, acometeo a Bancules, terra pertencente a Gior, e se declarou por legitimo herdeiro, e senhor de Gior.

Chegou esta noticia ao Rei Raiamuda, e vendo, que necessitava de por-se em defesa, e não se fiando totalmente nas forças dos seus Grandes, que conhecia não terem verdadeira lealdade, buscou soccorro nos estrangeiros, e como estava para partir o barco de Dinamarca, meteo nelle um Embaixador, para que fosse pedir ajuda a Malaca; mas este já lá achou outro Enviado de Raiaquichil, que tinha ido ao mesmo fim, e nenhum delles achou o que pertendia no Hollandez, assim porque as forças daquella Praça estão mui diminutas, como tambem, porque parece julgaram astutamente os Hollandezes, que convinha deixar enfraquecer aquelles dous Principes, confôrme a politica mui usada entre quem governa, cujo dictame é, buscar augmentos no proprio Estado com as fomentadas dissensões entre os visinhos. Mas no que se estribou mais o Rei Raiamuda, foi em solicitar soccorro do Governador; por tanto mandou o Sibandar ao navio, para que da sua parte lhe pedisse, que o ajudasse com o dito navio, indo até a barra, onde dêsse batalha ao seu inimigo; e que para este effeito promettia dar dez cates de ouro. Ouvida a proposta, respondeo o Governador, que a nação Portugueza não era tal, que servisse por paga a algum Principe, e muito menos, que tomasse armas alugada por dinheiro; que na defesa de seus amigos, e de quem se valia della, expunha generosamente a vida sem esperanza de premio, ou lucro algum temporal; que o seu navio não havia

sahir daquelle posto, senão quando ultimamente dêsse á véla para ir tomar posse do seu governo; mas que estivesse certo o seu Rei, que elle no lugar em que estava, faria, que nenhum de seus inimigos eutrasse, sem que primeiro pagasse com a vida a sua ousadia.

Ficou o Rei Raiamuda com esta reposta satisfeito, considerando-se seguro por aquella parte; e expedio Armada, com que desbaratasse o inimigo, que lhe seria mui facil, se achasse fidelidade no Datubandar. Por quanto o Principe Raiaquichil vendo, que não tinha poder bastante, com que acomettesse a entrar pelo canal, que vae á Corte de Gior, pois não se achava com mais de trinta Galés, e essas mui mal providas de bocas de fogo, se deixou ficar por aquelles estreitos roubando as embarcações, que podia colher, até que finalmente o Datubandar de Gior o avisou secretamente, e persuadio, que levasse a diante a empreza começada, promettendo ajuda-lo; porque como elle cuidava da gente maritima, com que se guarneciam as Armadas, a qual costuma obedecer ao dito Datubandar, não tinha o Principe, que temer o grande poder do Rei de Gior. Animado Raiaquichil com a persuasão, e promessa do Datubandar, foi proseguindo a empreza, e entrando pela boca do estreito de Sincapura. Todos os moradores daquellas Ilhas, instruidos com a diligencia, e ordens do Datubandar, rendiam obediencia ao dito Principe. Tudo o qual sabido por Raiamuda, ainda alheio da aleivosa traição do Datubandar, expedio o terceiro irmão com uma Armada de sessenta Galés, entrando tres Garabus, que são embarcações Reaes, em que iam tres Cabos, todos parentes mui chegados do Rei, um irmão, outro cunhado, e o terceiro sobrinho do dito Rei.

Chegados á vista do inimigo, o investiram, confiados no grande poder, que levavam; mas contra a

aleivosia não ha poder, que resista. Tanto que as duas Armadas se investiram, a gente da Armada Real se lançou á agua, e foi nadando para Raiaquichil; o que vendo os Cabos, pertenderam dar fogo ás peças, e pedreiros, que bastavam para destruir a Armada inimiga; mas nenhuma pegou fogo. E considerando-se os pobres perdidos, não tiveram outro remedio, que procurar salvar as vidas, fogindo em barquinhas ligeiras, nas quaes chegaram á Corte, levando as tristes novas ao Rei, o qual só então acabou de abrir os olhos, e entender, que nas entranhas da sua Corte tinha o aleivoso, que o entregava; pelo que lançando logo mão do Datubandar, quiz nelle fazer exemplar castigo, matando-o. Mas o Rei velho, e irmão maior de Raiamuda, se oppoz, levado não menos do amor natural a sua filha, casada com o dito Datubandar, do que persuadido de uma prudente politica, que era obriga-lo com beneficios, para que emendasse a traição, que tinha urdido; por tanto aconselhou ao irmão, que dissesse ao Datubandar, que lhe perdoava o crime da aleivosia, e juntamente lhe largaria o governo do Reino, para que com igual traição, vendo-se no governo, destruísse o Principe levantado. No qual partido veio o Datubandar, mas já era tarde, quando o dito Principe já estava mui poderoso.

Estando as cousas neste estado, Raiamuda não perdia as esperanças de se poder conservar no governo; e considerando, que Raiaquichil não se apoderando da Corte, nunca poderia ser absoluto senhor do Reino, tornou a instar ao Governador, pedindo-lhe ajuda, e a este fim despachou um seu Palaciano, com rico presente, dizendo, que só com seu soccorro se poderia conservar no Reino, quando tinha já perdido as forças maritimas. Obrigado o Governador assim da necessidade do Rei, como do affecto, que lhe tinha

mostrado, se resolveo confiadamente a prometter-lhe todo o favor, e assegurar-lhe, que nenhum de seus inimigos entraria por aquelle canal a offende-lo, e desapossa-lo do Reino. Estava já o Principe Raiaquichil fóra da boca do estreito de Sincapura, com mui numerosa, e possante Armada, e pertendia, embocado o canal, fazer sua entrada até á Corte de Gior ; mas julgou devia primeiro espiar o caminho, e a este fim mandou adiante algumas embarcações, as quaes chegando junto do navio do Governador, este lhes mandou dar caça, e tomando-as por força, alguns dos que nellas vinham mandou entregar ao Rei, e a dous, que entendo o mereciam, reservou, e executou nellas a sentença de morte, enforcando-os, ficando o Rei mui contente com esta execução, e com esperanças de se assegurar no Reino ; e o Principe levantado com bastante medo, e receio de que não poderia levar ao fim a empreza começada com tão bons successos.

O Datubandar traidor, que já se fazia com o Senhoria de Gior, pois tinha por si a maior parte da Corte, e o beneplacito de um, e outro Rei, velho, e moço, e só se receava do poder maritimo, que elle infielmente tinha entregue a Raiaquichil, vendo a valentia, destreza, e felicidade com que o Governador tinha prezo, e castigado a gente do Principe pertendente, procurou tambem valer-se do seu favor, e acompanhado de toda a sua Armada, se foi ao navio a visita-lo. Recebeo-o o Governador com toda a gravidade, e cortezia, fazendo por mostrar a pompa, que enchesse os olhos daquelle barbaro ; e como este exteriormente se quizesse fazer parcial de Raiamuda, quando seu intento era ver se podia desbaratar a Armada de Raiaquichil, ou ao menos impedi-lo, ou dividir-lhe o poder, para que não servisse de impedimento á posse do governo, que já ia tomando, para o que era neces-

sario mandar alguns dos seus confidentes a negociar com os da Armada, que obedecia ao dito Raaquichil; e por quanto não podia entrar, nem sahir embarcação alguma, qualquer que fosse, e para onde quer que sahisse, sem que primeiro fosse registrada pelas sentinellas do Governador, e delle recebesse passaporte, sobpena de ser preza, e castigada, assentou com o dito Governador, que as embarcações, que elle mandasse, levassem passaporte, ou cartaz do mesmo Governador, para que na volta podessem seguramente passar. Assim estava o Governador, senhor de todo aquelle canal, e todas as embarcações com grande medo se não atreviam a andar por alli.

O Rei Raiamuda, vendo-se cada vez mais apertado, e conhecendo os favores, que tinha recebido do Governador, mandou ao seu Secretario offerer-lhe vinte mil patacas, dizendo, que era para ajuda de custo do soccorro, que lhe dava; mas o Governador generosamente as regeitou, e sómente lhe pedio quatro cousas: a primeira, que desse licença para levantar Igreja publica, e que os Christãos podessem ter lugar, e habitação em todo o seu Reino: a segunda, que lhe enviasse todos os Christãos de varias nações, que tinha cativos, e em especial aos dous Cafres fugidos; que estavam em Palacio: a terceira, que pagasse ao Capitão Inglez dez mil patacas, que na sua Corte se lhe deviam, e não queriam restituir: a quarta, e ultima, que lhe desse seis peças de artilharia, e oito pedreiros, e bastante quantidade de polvora, e bala. Isto o que o Governador pedio, no qual ha muito, que ponderar; porque regeitando ouro, e prata, de que estava bem necessitado, só pedio aquillo que era proprio de um verdadeiro, e fiel Christão, e de um nobre, e generoso soldado; desprezou riquezas, que naquela occasião podia alcançar muitas, e só pertendeo ad-

quirir honra, e nome, negociando o culto do verdadeiro Deos, resgatando almas perdidas, e solicitando a satisfação de dividas alheas. Se aceitasse o ouro, e prata, que se lhe offerecia, mostraria, que era mercador : pedindo o que pedio, mostrou ser o que era. Só na ultima petição parece mostrou algum sinal de cobiça ; mas quem considerar, que seria stolidia imprudencia não procurar o que era necessario, assim para se defender do Principe pertendente, a quem tinha offendido, castigando a sua gente, como para assegurar aquelle canal, como tinha promettido, não duvidará, que foi mui honrada aquella petição, e livre de toda a cobiça.

Satisfeito o Secretario com a resposta do Governador, a levou ao seu Rei o qual considerando a muita difficuldade, e pouca honra, e segurança, com que no Reino se podia conservar, quando o Datubandar tinha já grangeado para si quasi toda a Corte, tratou de fazer uma segura retirada ; e persuadindo-se, que no navio do Governador poderia ir sem medo, nem receio, até o Reino de Pam, ou Talangane, para onde queria fogir com todas as suas riquezas, que eram mais de duzentos picos de ouro, que fazem a passar de setecentas arrobas, não contando o recheio de outras muitas cousas de preço, de que se carregaram duas Chalupas, mandou dizer ao Governador, que vinha em todas as cousas, que pedia ; e como elle pertendia valer-se do seu navio, e da sombra das bandeiras Reaes de Portugal, confiando dellas não só todas as suas cousas, mas tambem sua pessoa, lhe pedia licença para se ir recolher no seu navio ; e se acaso não podesse isto effectuar-se, ao menos tomasse á sua conta defender duas Chalupas carregadas de fazenda, e comboia-las até o Reino de Pam, ou Talangane, da qual fazenda se tiraria o preço das dez mil patacas para se

restituirem ao Inglez. No tocante aos Christãos cativos, peças, pedreiros, polvora, e bala, não havia difficuldade, e a este fim mandou logo agluns Christãos, parte das peças, que pedira, e boa quantidade de polvora, e bala.

Vista a petição do Rei, julgou o Governador devia dar-lhe todo o favor, e ajuda, que pedia ; e a este fim enviou o Capitão João Tavares de Vellez Guerreiro, com amplas faculdades, e commissões para ajustar, assim o modo conveniente da retirada do Rei, como os meios para se satisfazerem as dez mil patacas ao Inglez. Mas como estes pontos se haviam de tratar por meio de um lingua, ou interprete, insigne embulhador, e embusteiro, o qual attendia mais ás suas conveniencias, e furtou, do que á justiça dos negocios, de que se fazia medinneiro, e interprete, pela qual razão não interpretava fielmente as propostas, e resoluções, o ponto não acabava de se concluir á satisfação das partes. Accrescentou-se a isto chegar á Corte a nova, que Raiaquichil vinha já entrando pelo canal, e apoderando-se do que encontrava, e o Datubandar, já como senhor da Corte, preparando-se para a defesa ; pelo que o Rei tratando de se pôr em salvo aos quatro de Março de mil setecentos e dezoito, entregou ao Capitão João Tavares os Christãos, que restavam, uma barrica de polvora, seis peças de artilharia, e naquella noite fogio, levando sómente o ouro, que tinha embarcado nas Chalupas, e juntamente um esquadrão de trezentos homens de guerra, que mais iam carregados de ouro, do que de armas, e deixando as mais riquezas nas ditas Chalupas, com as listas, que mandou entregar ao Governador, e uma, e outra cousa lhe chegou á mão, para que este tomasse dellas entrega. Mas logo, que o Rei fogio, os que estavam guardando as Chalupas, vendo mui perto a

Raiaquichil com todo o seu poder, as queimaram com tudo o que dentro tinham, para que o inimigo senão aproveitasse dellas ; comprindo-se á risca, que as cousas injustamente adquiridas, justamente se perdem, segundo regra certa da Divina Providencia.

CAPITULO V

Conta-se o que passou entre Raiaquichil e o Governador

PERDIDO, e fogido da sorte que se vio o Rei Raiamuda, o Governador entrou em perigos, e lances de maior consideração, porque de uma parte tinha já á vista a Raiaquichil poderoso, e soberbo, com mais de trezentas embarcações de guerra, a quem elle tinha offendido, prendendo, e matando sua gente, e lhe era mui natural o querer tomar vingança; a fogida, além de que era dar sinal de cobardia, e medo, cousa indigna de sua pessoa, e reputação, parecia impossivel, porque havia de ser pelo meio do inimigo, que tinha occupado todo aquelle canal com muita gente, e artelharia; e por mais valente, e brioso que seja o Leão, não pôde prevalecer cercado de muitos rafeiros armados de colera, e dentes; e finalmente acaba, ainda que seja com morte de muitos dos seus contrarios: da outra parte, posto que estava o Datubandar, que se lhe mostrava affeiçãoado, não havia muito que fiar delle; porque além de que o poder era pouco, tinha animo versatil, e não podia haver seguro em sua inconstancia, e infidelidade. O Inglez, ainda, que Europeo, era mais mercador que soldado, e attendia mais ás convenien-

cias do lucro, que aos interesses da honra, e tinha poucas forças no barco, e menos em seu animo, e nos de sua gente. No estreito de tantas angustias facilmente perderia o animo qualquer homem, que não fosse o Governador; mas elle não fazendo caso dos perigos, que bem via presentes, se preparou não menos para impedir o passo do inimigo, que para se defender.

O que faltava de medo no Governador, sobrava no Principe Raiaquichil, quando temia experimentar o mesmo, que nas suas embarcações de espia poucos dias antes se tinha executado. Mas querendo tentar fortuna, escreveo uma carta ao Governador, em que não menos dava sinal do medo, que tinha, do que mostrava despreza-lo. Pedia licença para poder entrar na Corte de Gior, e ensinuava, que sem ella entraria. A esta carta respondeo o Governador a seguinte: «Antonio de Albuquerque Coelho, &c. A Raiaquichil, General da Armada, que dizem estar fóra, que li a sua carta, e considerando em me mandar perguntar, se quero, ou não ser seu amigo; porque se eu quiser ser, me pede o deixe entrar a tomar este Reino de Gior; e senão, que nem as minhas balas poderão furar, nem as espadas cortar. Respondo, que estou neste porto com trato amigavel com o Rei de Gior, esperando a monção para ir para o meu governo da China, que será daqui a um mez; e o Capitão da Fragata Ingleza esperando a satisfação do dinheiro, que neste porto lhe devem: e que advirto a Raiaquichil, que se quiser a minha amizade, a procure por meios licitos; e que se quiser tomar este Reino, o faça depois de sahirem estes navios deste porto, porque enquanto nelle estiver, furarão as minhas ballas, e cortarão as espadas, como na occasião, se a houver, o experimentaré. Panchor, 3 de Março de 1718. Esta fielmente a carta, que o Governador escreveo a Raia-

quichil, que foi dous dias antes, que o Rei Raiamuda fogisse.

A' vista desta resolução, com que Raiaquichil mostrava ter determinado entrar, e senhorear-se da Corte, tratou o Governador de se preparar o melhor que podesse; e quando as forças, que tinha, na realidade não eram bastantes para a Armada inimiga, julgou devia valer se de fingidos, e enganosos estratagemas bellicos, industria, que se lê nas historias, usaram nas guerras os mais insignes Capitães. Para este fim naquella noite dos quatro para os cinco de Março dispoz, e adereçou o navio de tal sorte, que ao outro dia, ao primeiro romper da Aurora, appareceu não menos vistoso, que terrivel aos que não sabiam da cautelosa industria com que estava preparado. Tocavam duas caixas de guerra ageitadas de dous atabales, soavam dous clarins, e um tiro de peça de maior calibre, que era de quatro, saudou a Alva, que vinha despontando. Mostrou-se logo o navio todo empavezado de bandeiras, e galhardetes, que não menos desafiavam o vento, que o inimigo; corria bateria aberta de popa a proa, gnarnecida de artelharía: duas peças pelo espelho da popa, e duas pela proa, que por todas mostravam ser dezaseis: mas a verdade é, que cinco eram de pao, mas tão artificiosamente lançadas, que enganavam os olhos; oito pedreiros, granadeiros nas gavias, e barris nos laís, fingidamente fabricados, porém dentro area, e por fora breo: dous caixões de fogo no tombadilho, e castello da proa, guardados de quinhentas lanças de arremeço (que se tinham tomado ás embarcações, de que no capitulo passado se fez menção,) e fechados de boas arrombadas, cobertas de pavezes de tal sorte, que não só causou terror, e espanto aos barbaros daquella terra, mas tambem notavel admiração aos Inglezes, que visinhos estavam, e

não podiam entender, como, e donde apparecesse fragatinha tão bem esquipada.

Desta sorte preparado o Governador, esperava a Raiaquichil, quando aos cinco de Março, lá pela tarde, apparece este com a sua Armada pertendendo acometer a passagem; mas o Governador lhe expedio logo um mensageiro com intimação, que não passasse a diante, e que de outra sorte experimentaria o rigor das suas balas, e os fios das suas espadas. A' vista desta intimação abate o Principe o pano, lança ancoras, e envia cautelosamente alguns Cabos principaes da sua Armada, todos casta Buguis, ao dito Governador, assim para o divertir, e recochecer sua pessoa, e forças do navio, como para que entertendo-o, podessem passar as primeiras Galés. Foi o Governador avisado, de que os ditos Cabos vinham com todos os sinaes de Amouca (que é outra semelhante resolução á com que os dous Romanos Decios sacrificaram suas vidas á custa das mortes de muitos dos seus inimigos.) Vestiam cabaias de damasco azul, cahiam-lhe os cabellos da cabeça soltos, e largos até á cintura, singiam-se com tres crises, arma ordinaria daquella gente, traziam os olhos espantados por causa da bebida, que costumam tomar em semelhantes occasiões. Recebe-os no tombadilho o Governador, vestido de tella de ouro, assentado em sua cadeira, e descançavam os pés em um caixão de fogo; estavam em pé dous Portuguezes aos lados com catanas, e rodellas, dous, tambem Portuguezes, á entrada do mesmo tombadilho com bacamartões encarados, e apontados, e dous Lascarins com suas partasanas, e toda a mais gente com bella ordem disposta por seus lugares, e postos com mechas acezas: tudo o qual de tal sorte atemorizou aquelles barbaros Malaios, que mudando os primeiros intentos, com que vieram, julgaram, que o mais acertado caminho, era

conciliar para o seu Príncipe a graça do Governador; pelo que com o melhor modo, e maior efficacia, que poderam, mostraram o grande desejo, que Raiaquichil tinha de contrahir amizade, e consideração com sua Senhoria, e que a este fim traziam commissão, e poderes amplos para effectuar a dita consideração, e amizade, no modo, que a sua Senhoria mais agradasse.

Neste tempo o Inglez, cujo navio estava junto ao do Governador, começa a gritar dizendo, que as Galés do inimigo pertendiam passar; e o Governador á vista do caso se levanta em pé, e virando-se para os Malaios com não menos acrimonia, que circumspecção, lhes disse, que se fossem logo de sua presença, e dissessem ao seu Príncipe, que sendo elle tão falto de sinceridade, e verdade, não era digno de sua amizade, e favor; e dizendo isto, mandou logo, que se affastassem, e disparassem as peças contra as Galés, e começou-se a executar esta ordem com tal expedição, e artificio, que os Buguis passados de medo, e com toda a sumissão pediram ao Governador suspendesse a ordem, que elles asseguravam, que o seu Príncipe viria em tudo o que sua Senhoria quizesse; e saltando nas suas embarcações, obrigaram ás Galés se retirassem, e tornassem atraz, e foram a surgir com o mais da Armada fóra de tiro de peça. Com acção tão artificiosa, e prudente se ganhou o Governador tal nome, e estimação, que não sómente se livrou de ficar alli morto, e vencido da multidão, mas ficou tido em grande reputação, assim o tempo, que lá esteve, como ainda agora, o qual testemunham muitos Portuguezes, que este anno passaram por Talangane, e vieram de viagem a Macau. No dia seguinte veio o interprete do Príncipe ao Governador, dizendo em nome de seu Senhor, que supposto Sua Senhoria não querer dar licença, para que a Armada passasse, ao

menos concedesse, que alguma gente saltasse em terra, quando disto necessitava muito o Principe. Era quasi noite, e discorrendo o Governador, que esta petição poderia ser algum ardid daquelle Principe, negou a licença, reservando para o dia seguinte o tratar-se daquelle ponto; e assim foi despedido o interprete.

Amanheceo o dia setimo de Março, quando o Principe impaciente de demoras, fez uma volta com grande parte da Armada, e desembarcando com bastante gente, pertendeo dar principio a uma Fortaleza em lugar eminente, e fronteiro do navio; e mandou dizer ao Governador, que emprendia aquella obra, para nella se fortificar contra seu inimigo o Datubandar, que não sómente lhe pertendia fazer resistencia, mas tambem acomete-lo. Bem entendeo o Governador os intentos daquelle Principe, que eram fortificar-se naquelle lugar, não tanto contra o Datubandar, quanto contra elle Governador, e dalli fazer escala, para que com o seu Exercito podesse acometer a Corte; pelo que manda-lhe logo dizer, que desista da obra, e que não dê um passo, até que primeiro se não asentem os pactos, e partidos entre ambos. Tinha já o Governador determinado de conceder áquelle Principe passo franco para a Corte, no caso, que elle guardasse amigavel correspondencia; porque por uma parte se considerava livre das obrigações do concerto, que tinha feito com Raiamuda, quando este já era fogido, e iargado o Reino, e não podia ter esperanças de o recuperar; por outra parte via, que o Reino necessariamente havia de cahir nas mãos de Raiaquichil, ou do Datubandar: este além de que era indigno de soccorro por ter sido aleivoso, e infiel, e que não tinha direito ao Reino, era sem duvida de menores forças; onde julgou ser menos mal viesse o Reino

a Raiaquichil, e que não devia impedir-lhe a entrada, deixando-o que lá se quebrasse a cabeça com o Datubandar.

Tanto que Raiaquichil entendeu, que o Governador fazia menção de concertos; e que sem estes não podia levantar a Fortaleza, lhe mandou perguntar, que partidos queria? E o Governador continuando com a sua grandeza de animo, e coração livre de cobiça, respondeu, que nenhuma outra cousa queria mais, que licença ampla, para que no Reino de Gior se levantasse Igreja publica, lugar, e habitação para Portuguezes, e aos Christãos liberdade, para se exercitarem nos ministerios da Religião: além disto, que se pagasse ao Inglez o dinheiro, que se lhe devia na Corte, e o Rei fogido se obrigara a restituir. Mui contente ficou o Raiaquichil com a proposta, não menos admirando o desinteressado animo do Governador, que alegrando-se de ter já da sua parte varão de tão generosos espiritos; e assentando-se para passar o papel do concerto, succedeo, que um dos seus Capitães de grande valentia, e nome entre aquella gente, quiz passar com a sua embarcação; e mandando lhe o Governador que se retirasse, o não quiz fazer; o que vendo o dito Governador, ordenou se lhe assettasse uma peça de artilharia; e advertindo o Principe não menos o teimoso atrevimento daquelle Malaio, que a determinação do Governador, lança mão de uma espingarda, e fazendo pontaria áquelle seu Capitão, o atemorizou de tal sorte, que o obrigou a retirar-se.

Passou o Principe o papel do concerto, e amizade, e o mandou ao Governador por um dos seus principaes Capitães; e o Governador mandou tambem outro papel de confederação ao Principe, e de um, e outro papel se verá o theor tresladado fielmente no

capitulo setimo fazendo-se grandes festas de salva de artilharia no acto do passar os ditos papeis do contrato. No dia seguinte passou o mesmo Principe outro papel de concerto, em que se obrigava pagar ao Inglez dez mil patacas, de que acima se fez menção, com condição, que o dito Inglez havia de ir com o seu navio, e gente ajuda-lo a conquistar a Fortaleza, que distava dalli tres leguas, e de que estava senhor Datubandar, ainda que a restituição das ditas patacas não teve effeito, pelas causas, que em seu lugar veremos. Neste dia mandou o Principe seu presente ao Governador, que correspondeo com outro, e o Capitão, que o levou, e offereceo, foi recebido com estrondosas salvas de artilharia. Não entrou porém o Governador no concerto de ajudar em pessoa ao Principe na conquista da Fortaleza, assim por julgar não convinha aquella empreza á sua authoridade, como por se persuadir, que então realçaria mais o seu soccorro, quando sendo necessario, com bom successo o désse, não sendo a isso obrigado, como na verdade assim succedeo, e logo se verá.

Antes de chegar á Corte, estava uma Fortaleza, ainda que de madeira, mui forte, não tanto pela tranqueira, de grossissimos paos, disposta em sitio coumodo, quanto pela guarnição de boa artilharia, pois tinha quatorze peças, todas de bronze, cujo calibre era de doze, dezaseis, e vinte e quatro libras; e o rio, que a Fortaleza dominava, era tão estreito, como tiro de clavina, nem podiam passar as embarcações, se não successivamente, uma depois da outra, e um quarto de legua antes de emparelharem com a Fortaleza, lhe endireitavam as proas, e chegadas a ella em igual distancia, lhes davam necessariamente as popas. Corria a couraça das peças lançada ao lume da agua, e sobia a tranqueira até meio monte, que logo se con-

tinuava até o cume, cerrado todo de mato. Da outra parte da terra fronteira á Fortaleza se estendia uma linha de quatro Chalupas bem armadas, uma com doze peças de calibre de quatro até doze libras; outra Chalupa, que jogava dez peças; e as outras duas, cada uma tinha seis. Além disto estavam por sua ordem dispostas vinte e quatro Galés, bastantemente petrechadas de armas e gente: e todo este poder, assim da Fortaleza, como das embarcações, obedecia ao Datubandar, que se tinha declarado Rei de Gior, e inimigo de Raiaquichil, a quem antes tinha elle ajudado. É na verdade as forças para se defender, e impedir ao inimigo, eram bastantes, pois só da Corte trouxe mais de quatro mil homens de armas; mas como lhe faltava o animo, e a industria militar, pouco aproveitaram.

Por causa da dita Fortaleza, Raiaquichil temia muito, e julgava por impossivel aquella passagem, e por esta razão desejava, que o braço, e forças Europeas o ajudassem, e muito mais as do Governador, o qual por justas razões, não quiz entrar na tal empreza. O Inglez com o desejo de arrecadar as suas dez mil patacas, ainda que bem contra a sua vontade, se ia aventurar, depois de significar por muitas vezes o desejo que tinha, de que o Governador o acompanhasse, posto que se não atrevo a pedi-lo claramente. Chegada á vista da Fortaleza, assim a Armada de Raiaquichil, como o barco do Inglez, apparece um mensageiro do Datubandar, com um recado deste, que dizia: Daria passo livre, e posse do Reino a Raiaquichil, se dêsse seguro, que não executaria castigos alguns, e perdoaria a todos aquelles, de que se tivesse por offendido. Veio este facilmente na condição, e passou logo o seguro, que se lhe pedia, e o despachou. Quando de repente apparece tremulando na Fortaleza

bandeira vermelha, e logo se dispara uma peça de vinte e quatro, cuja balla fez tal estrago na Armada, que esta se espalhou, e affastou da vista da Fortaleza, ficando todos não menos cheios de medo, que admirados, não sabendo a causa de mudança no Datubandar : mas logo se divulgou ser a causa daquella mudança, saber de certo o Datubandar, que o Governador não vinha na Armada, e que antes mandara pedir o dito seguro, persuadindo-se, que o mesmo Governador em pessoa ia capitaneando, e animando aquella Armada.

Esta noticia mandou logo o Principe Raiaquichil ao Governador, que distava dalli oito leguas, e juntamente pedia conselho do que devia fazer ; e o Inglês claramente mandou pedir soccorro, dizendo, que ao menos mandasse no escaler ao Capitão João Tavares de Vellez Guerreiro, de noite com os clarins, que infalivelmente amanheceria a Fortaleza sem gente. Mas o Governador querendo ensinar áquelles Barbaros a industria militar, expedio o Capitão João Tavares ao Principe, mandando-lhe dizer, que despachasse duzentos homens espingardeiros a occupar o cume do monte eminente á Fortaleza : o qual occupado, no mesmo tempo de cima os duzentos homens, e debaixo a Armada varejassem a Fortaleza com repetidas cargas. Pareceo ao Principe, que era bom o conselho, e despachou os duzentos homens, os quaes senhoreando-se daquelle oiteiro, acharam plantados doze pedreiros com sua tranqueira principiada, e fazendo fugir a pouca gente, que acharam, deram cargas, assim dos pedreiros, como das mais bocas de fogo, que levavam, contra a Fortaleza, de tal sorte, que fizeram despejar a gente, que defendia a couraça ; e o Datubandar vendo-se de cima, e de baixo apertado, desamparou tudo, fiando sua segurança da fogida, e o Principe se apoderou, assim da Fortaleza, como da Armada, e

logo pelo seu lingua de estado mandou a noticia ao Governador, e juntamente as graças pelo conselho, que lhe tinha dado, sem o qual nada concluiria. Desta sorte ficou Raiaquichil senhor do Reino, valendo-lhe mais a direcção de uma boa cabeça, que todo o seu poder.

CAPITULO VI

Relatam-se algumas differenças que o Governador teve com os Inglezes, e outros

NUNCA pôde ser sólida, e verdadeira a familiaridade, e correspondencia entre pessoas de diversa Religião, e costumes; e quando falta a uniformidade nas inclinações, e modo de viver, não podem concordar os genios entre si encontrados. Mostrava-se o Governador de brios levantados, solido, e verdadeiro nas maximas da Religião Catholica, e inimigo das vis, e baixas acções da cobiça, constante defensor da sua authoridade, e grandeza, e em todas as suas obras dava claros sinaes da ingenita nobreza do seu animo. Pelo contrario os Capitães, e Officiaes dos outros barcos se davam a conhecer pelo seu modo de proceder não menos humilde, que pouco ajustado ás leis da verdadeira Christandade. No negociar por meios baixos, e vis, procuravam suas conveniencias, e os dotes da nobreza, e generosidade pouco, ou nada resplandeciam em suas acções. Esta differença de uns, e outros, que ao lume natural, e da razão, ainda entre Barbaros, se não está totalmente offuscado, se dava bem a conhecer, e o que conciliava de respeito ao Governador, diminuia de estimação aos dous Capitães

Inglez, e de Dinamarca. Por esta causa o dito Governador, ainda que delles era temido, não lhes levava as attentões do affecto. Acrescentou-se a isto a alienação, que delles teve um forasteiro, todo reverentemente addicto aos obsequios do Governador.

Morava em Gior um Grego de nação, chamado Lazaro David, bem quisto, e aceito do Rei Raiamuda, o qual lhe tinha dado para consorte uma Dama do seu Paço, e o occupava em cousas do seu serviço, não menos honradas, que lucrosas. Este, tanto que o Governador entrou no porto de Gior, contrahio com elle amisade, e se offereceo para o que lhe fosse netesario, e punha por obra a vontade, que lhe tinha mostrado, e offerecido de o servir; especialmente declarava ao Rei a grande differença, que havia entre Portuguezes, e Inglezes, Catholicos, e Hereges, e louvava muito ao Governador de desinteressado, e alheio dos vicios, e baixezas dos ditos Inglezes, e Dinamarquezes; e os informes deste Grego foram grande causa, para que o Rei Raiamuda fizesse tanta honra, e estimação do Governador. Não ousavam os dous Capitães obrar alguma cousa contra o Grego, mas conservavam em seu animo o desejo de vingança, até que se offerecesse occasião, a qual finalmente teve o Capitão Inglez.

Lazaro David, quanto que vio, que Raiamuda não podia perseverar no Reino, e que Raiaquichil se ia apcderando de tudo, procurou de se pôr em salvo, e assegurar sua pessoa, e casa; quando sabia mui bem, que com a mudança do governo entre aquelles Barbaros não sò o Rei desapossado experimenta ruina, mas tambem seus validos. A este fim se meteo em uma Chalupa de Chinas mercadores, que naquelle porto estava junto da Fortaleza, com perto de duas mil patacas, e outros moveis de casa, com sua consorte, e dous criados, julgando, que alli por mais desconheci-

do, e escondido, estaria seguro. Mas não lhe valeo esta prevenção, porque tomada a Fortaleza, como se vio no Capitulo passado, os Inglezes querendo aproveitar-se da occasião, se pozeram a roubar as embarcações, que acharam ; e como dessem na dita Chalupa de Chinás, encontraram, e conheceram a Lazaro David, que estava mui doente, e de cama ; e posta de parte a compaixão, que elle pedia, o prenderam, e a mulher, a quem contra as leis da reverencia, e piedade devida áquelle sexo, furtaram as joias, que tinha, e os levaram a todos para o seu barco, roubando-lhes o melhor, e mais precioso, que acharam.

Chegou esta noticia ao Governador, que estava tres leguas distante. e movido não menos da compaixão, e affecto, que lhe merecia Lazaro David, que da deshumana crueldade daquelles Hereges, despachou ao Capitão João Tavares, a que requeresse ao Capitão Inglez a entrega de Lazaro David, e suas cousas. Estava o Capitão Inglez mui soberbo, assim por causa da vitoria na tomada da Fortaleza, a que elle mui pouco tinha concorrido, quando a principal causa daquella vitoria tinha sido o Governador, como satisfeito, e cheio não tanto da graça do novo Rei, como das prezas das embarcações, que tinha roubado, e respondeo ao Capitão Tavares, que nem trinta Governadores tirariam do seu barco ao dito Grego. Eram onze horas da noite quando chegou esta reposta ao Governador, o qual considerando, que sobre a razão de piedade, e misericordia, que devia ao afflicto Grego, se lhe acrescentava de novo a obrigação de desafrontar sua authoridade, e pessoa offendida com tal reposta, esteve quasi com impulsos de levar o navio, e ir em pessoa castigar o atrevimento daquelle Herege ; mas moderando os impetos da coragem com os lenitivos da prudencia, julgou devia primeiro tentar meios, com

que antes conciliasse o novo Rei, e não o irritasse, o qual justamente se poderia dar por offendido, vendo que dentro do seu porto o Governador fazia justiça em um homem, que o tinha ajudado na tomada da Fortaleza, sem que primeiro lhe desse parte.

Pelo que tomando mais acertada resolução, enviou o Capitão Tavares, acompanhado de tres homens, e bem instruido de accommodadas direcções ao novo Rei, para que lhe desse noticia de tudo o succedido, e pedir-lhe, que não levasse a mal, se o Governador no seu porto, e quasi em sua presença castigasse as descortezias, e insolencias do Inglez. Eram duas horas da noite quando o Capitão Tavares chega ao Gorabo do Rei, que estava dormindo, e os guardas o despertaram, e lhe disseram o que passava entre o Inglez, e o Governador, e o que este requeria. Ficou o Rei assustado, porque como não tinha ainda pacifica posse da Corte, não queria offender alguma das partes com que engrossasse o partido contrario; mas considerando, que lhe era mais conveniente ter da sua parte antes ao Governador, que ao Inglez, despachou a um Horamcai, titulo grande entre aqueles Malaios, pedindo ao Capitão Tavares se socegasse, e assegurando-lhe, que o Inglez havia de dar a devida satisfação, sobpena de lhe não valer a immuidade do porto: e juntamente despachou ordem ao dito Inglez, que entregasse ao Capitão Tavares o que o Governador requeria, e que estivesse certo, que fazendo o contrario, elle lhe não poderia valer contra a justa indignação do Governador.

A' vista desta resolução do Rei não pode o Inglez negar o que se lhe demandava, e assim entregou Lázaro David, e sua mulher ao dito Capitão, e como aquelle vinha gravemente doente, o Governador usou de caridade, procurando que o curassem, o que se fez

quanto o tempo, e lugar permittiam. Tratou logo o Grego de recuperar a sua fazenda, que o Inglez lhe tinha roubado, valendo-se do mesmo Governador, a que ajudava muito a authoridade do Governador. Mas o Inglez vendo, que o obrigavam a largar o que já se tinha injustamente appropriado, procurou malquistar ao Rei com o Governador, assim por via do seu interprete, como por alguns da comitiva do mesmo Rei ; e a primeira cousa, que pertendeo, foi como Herege, que era, fazer que o Rei revogasse a licença, que tinha dado, para que no seu Reino se levantasse Igreja ; e a este fim usou de todo o artificio, que pode, desacreditando os Catholicos, e em especial ao mesmo Governador. Chegou a este a noticia do que urdia o Herege, e attendendo, que já não ia sómente a restituição do que se devia ao Grego, e o credito de sua pessoa, mas tambem, e principalmente a honra Divina, e da Religião Catholica, não pode dar maiores largas á paciencia. Manda desafiar o Inglez, e logo largar vé-la, e levar o navio até onde estava ancorado o Herege Inglez, que era junto da Fortaleza, o qual com a noticia, e medo de quem vinha sobre elle, lançou a fogir, e se foi meter junto dos Palacios do Rei, para que com a sombra deste não podesse ser acometido. Mas se agora lhe valeo a protecção Real, pouco lhe aproveitou passados alguns dias, para que não fosse morto violentamente, e o seu navio com a mais gente sentenciado ao Fisco, mas finalmente livre por intercessão do Governador, como em seu lugar se verá.

A restituição das cousas roubadas ao Grego, não se pode totalmente fazer ; porque como o roubo tinha sido entre a confusão de muitos, que em semelhantes casos costumam acontecer, e cada um se apodera do que acha, não foi facil de averiguar em cujas mãos estivesse a preza. No Capitulo oitavo se verá, como

pelos successos que alli se relatarão, o barco Inglez por ordem de Raiaquichil foi entregue á disposição do Governador, o qual mandou se restituísse a Lazaro David o que se lhe tinha roubado ; e feita a diligencia, se lhe restituiu o que alli se achou, que não foi tudo o que lhe furtaram, mas só o que sem estrondo, e violencia se pode achar, dissimulando o Governador algum tanto com a opprimida gente do Inglez, e não querendo acrescentar oppressão a oppressão.

CAPITULO VII

Toma o Governador solemne posse do lugar para a Igreja

Os empenhos do Herege Inglez, referidos no Capitulo precedente, accenderam mais a piedade do Governador, e desejo de logo tomar posse do lugar promettido para a Igreja. O que fez aos 25 de Março, como logo veremos, depois de lançar aqui fielmente tresladados os papeis authenticos do contrato, ou concerto entre Raiaquichil, e o Governador. O papel de Raiaquichil dizia assim : «Em nome de Deos Amen, 1130 annos Amen, aos 7 de Março dia bom, baixo delle, eu El-Rei, servidor de Deos, em seu nome, e meu pai, que sou filho de El-Rei Macamorom, já defunto, e eu seu legitimo herdeiro, criado em casa de El-Rei Menancabo, meu avô, em baixo de um monte verde de El-Rei Macaduli Rehan de Parituan Hian Satty monte verde, que me mandou de lá, e navegando pelo mar, vim em demanda do Reino de meu pae, mandado pelo dito meu avô para o meu Reino, com toda sua Armada, Ca-

«bos, e gente, de que se compõem, todos vassallos de
«El-Rei Menancabo meu avô, e neste mar obedecido
«de todos os que habitam em suas praias pela reco-
«mendação, que o dito Rei meu avô fez á dita Arma-
«da, me mettesse de posse do dito Reino de Gior, e
«Pam, e fosse por elles acompanhado assim por terra,
«como por mar; e vindo para este porto de Gior, en-
«contrei nelle ao Senhor Governador e Capitão Gene-
«ral da Cidade de Macao, surto na povoação chamada
«Panchor, me vali delle, para que me permittisse en-
«trada, e em tudo me ajudasse como a irmão, e com-
«padecendo-se de mim, e reconhecendo era eu o le-
«gitimo herdeiro do Reino, se inclinou a favorecer-me,
«pedindo-o eu Principe, como o dito Senhor Gover-
«nador me deixasse entrar na Corte de Gior, lhe pro-
«metti guardaria amizade com o seu Rei de Portugal,
«e que lhe dava este juramento, como se fosse a
«mesma pessoa Real do seu Rei, para que o dito Se-
«nhor General me ajudasse em tudo, como valido do
«seu Rei, para que elle tambem se obrigava ao mesmo,
«para com a nação Portugueza, o que tudo juro ao
«dito Senhor General, como Principe, que sou, e que
«não ajudasse Deos na guerra, nem na paz, a quem
«este juramento quebrasse; e como esta é a aliança,
«que prometto ao dito Senhor General, lhe permitto
«liberdade de sua Igreja neste Reino, e que poderã
«para o anno mandar Padre de sua Lei, e esta é a
«segurança, que faço ao dito Senhor General por esta
«minha chapa Real, &c.»

Até-qui o papel, que passou o Rei Raiaquichil, fir-
mado, e sellado; ao qual correspondeu o Governador
com o seu na fórma seguinte: «Antonio de Albuquer-
«que Coelho, Fidalgo da Casa d'El-Rei meu Senhor de
«Portugal, e seu Governador, e Capitão General da
«Cidade de Macao, e suas Fortalezas no Imperio da

«China, &c. Pelo trato amigavel, com que chegou a este porto do Reino de Gior o Principe Raiaquichil, herdeiro do dito Reino, tendo já conquistado a maior parte d'elle, por estar de posse outro Rei, que dizem lhe não tocava, achando-me eu nelle de internada, por não poder vencer a monção para o meu governo, respeitando tanto a minha assistencia no dito porto, que se não resolveo a tomar a Corte do dito Reino, em cujo rio eu estava, sem que commettesse comigo os partidos seguintes, de querer tratar verdadeira amisade com El-Rei meu Senhor, promettendo no seu Reino Igreja, e todo seu favor, e amparo a ella, e franca passagem para os navios Portuguezes, que ao dito seu Reino chegassem, tratando como vassallos d'El-Rei meu Senhor, a quem promettia verdadeira, e leal irmandade, na fórma que entre pessoas Reaes se costuma, tudo a fim que eu lhe dêsse franca passagem, e o defendesse em qualquer invasão, que os inimigos lhe quizessem fazer, emquanto não chegasse a monção para ir para o meu governo: em consideração de tudo o que, e reconhecendo, que El-Rei meu Senhor, que Deos guarde, levaria bem favorecesse eu ao dito Principe, segundo o trato, que promettia pela sua chapa, sellada com seu Real sello, de que já fico entregue, lhe passei este para firmeza tambem, de que o dito Senhor o aceitará de baixo de sua Real protecção. Dada no Reino de Gior, e por mim assinada, e sellada a 7 dias do mez de Março de 1718 &c.»

Estes os papeis dos concertos, passados entre o Governador, e Raiaquichil, pelos quaes nem este podia negar o promettido, nem aquelle deixar de fazer o que devia para cousa, que cedia tanto no augmento da honra Divina, e Religião Catholica; pelo que mandou avisar ao Rei, que queria tomar posse do lugar

para a Igreja, especialmente vindo-se chegando o tempo, em que podia partir para Macao. Nenhuma difficuldade mostrou Raiaquichil, ainda que o Inglez, e outros se oppunham ; e cortezmente mandou dizer ao Governador, que lhe perdoasse não assistir elle em pessoa com toda a sua Corte á solemnidade da posse, por quanto as guerras, com que ainda estava occupado, lhe não davam lugar a se achar presente, mas que mandava o lingua, e Cacapo de Estado, (embarcação Real, de que usa o Rei) no qual o Governador podesse commoda, e honradamente desembarcar ; e juntamente mandou determinar o lugar para a Igreja, que o mesmo Governador escolheu não menos alegre, e recreativo, e com as conveniencias necessarias para a Igreja, que proprio, e com as comodidades, que requeriam os barcos, que alli fossem ; era este junto da Povoação de Giorlama.

Giorlama dista duas leguas da Povoação de Panchor, para a bocca da barra, e desta está quatro leguas. Tem bom fundo, e bastante povoação. É lugar ameno, não menos pela abundancia de boa agua, que pelo aprasivel do terreno, mui fertil, por esta causa antigamente foi Corte dos Reis de Giór ; e ainda conserva a cava, que em circuito tem tres leguas, e por onde podem navegar embarcações. De sorte, que aquella porção de terra faz uma Ilha torneada, capaz para nella se fundar uma Cidade, não menos fermosa, que forte, pois no meio tem um monte, donde mana uma perenne fonte de boa agua, no qual monte se pôde fabricar uma Fortaleza, que igualmente defênda a terra, e o porto. Tem mais este lugar uma excellencia, e é, que em todo aquelle dilatado canal, que corre da bocca da barra até a Corte, é o de melhor surgidouro, e o mais seguro, e capaz, onde qualquer embarcação, por maior que seja, pôde receber com-

petente carga: e por esta causa costumam os bareos vir da Corte com pouca carga, e tomar alli a mais, de que necessitam. Tendo pois este lugar tantas conveniencias, julgou o Governador, que era o melhor, e o mais accommodado para nelle se fundar Igreja, attendendo não sómente á commodidade do Sacerdote operario, que alli residisse, mas tambem á conveniencia dos barcos Portuguezes, que lá quizessem ir.

Resplandeceo o felicissimo dia 25 de Março, em que o Divino Verbo, fazendo despororios com a natureza humana, tomou pessoalmente a desejada posse da perdida terra de Adam, e seus descendentes para a liberar do cativoiro do demonio, a que estava sogeita, e santificar, ajuntando-se-lhe com o vinculo mais estreito, que podia. Este dia julgou o Governador ser o mais proprio, e a proposito para tomar posse daquelle lugar, para Deos, e para a Igreja Romana, e santificar aquella terra immunda já com os espurcos ritos de Mafo-ma, já com os abominaveis sacrificios dos Idolos, exaltando nella o Real Estandarte da nossa Redempção, e fazendo se offerecesse o purissimo Sacrificio do Immaculado Cordeiro. Neste dia logo pela manhã o Reverendo Padre Capellão Fr. Thomaz de São Joseph, Religioso Capucho da Provincia da Madre de Deos com o Capitão João Tavares de Vellez Guerreiro, se foram a terra no Cacapo de Estado do Rei, e levantaram um Altar com a maior decencia, que podia ser, ornando-o de peças de seda, e finos panos da Costa, arvoraram o Sagrado Estandarte da Cruz, e da outra parte a bandeira das Reaes Armas de Portugal; e estando tudo preparado, com assistencia da maior parte da gente da nao, se principiou a Missa a som de clarins, caixa, e salvas de artelharia, o qual festivo, e estrondoso applauso se repetio ao levantar da Hostia, e Caliz, e no tempo de acabar a Missa, respondendo

igualmente o navio com alegre, e sonora salva. Acabada a Missa, se dispoz uma devota Procissão, mais vistosa pela piedade dos que a formavam, do que pelo pequeno concurso, e variedade de gente, que tinha, e a fizeram mais plausivel os clarins, caixa, e artelharria com sua varia, e estrondosa harmonia.

Desta sorte se tomou posse daquelle lugar, lançando nelle fundamento um Catholico, e piedoso desejo da propagação da Fé de Christo. Mas dirá algum, cuja inclinação é mais para notar as Apostolicas acções, do que para imita-las: E que prudencia é, tomar posse daquelle lugar, e deixar nelle arvorada a Santa Cruz, e sem bastante esperanza de que alli se levante a Igreja, antes com grande fundamento, de que o Sacrosanto instrumento de nossa Redempção será ultrajado daquella infiel, e barbara gente? Principiar emprezas, cujos acertados fins se não podem prudentemente esperar, mais é temerario appetite de gloria, do que deliberação de maduro conselho. Estes, e outros discursos fará quem mais imitar a aranha, fazendo veneno das flores, do que a abelha, que chupando as mesmas flores, as converte em doce mel; e mostrará, que degenera do Apostolico zelo dos antigos Portuguezes, do tempo do nunca assaz louvado Infante D. Henrique, primeiro descobridor das conquistas, até aquelle por anthonomasia empenho da piedade Christã D. João III, dos quaes antigos Portuguezes, uma parte dos generos, que levavam nos navios, eram Cruzes, que levantavam, e deixavam nas terras, que descobriam, testemunhando com esta acção, que a posse que tomavam daquellas terras, mais era em nome de Deos, e da Igreja Romana, do que do seu Rei. Continuem os Portuguezes deste tempo com o antigo zelo dos antepassados, e levantar-se-hão as Cruzes sem medo, de que se deitem por ter-

ra. Mas quando os intentos todos atiram a lucros temporaes, e nada aos interesses da gloria Divina, e Portugueza, tanto assim, que para que aquelles se não diminuam, falta em muitos barcos Capellão, com evidente risco da salvação de muitos, se nas terras dos infieis se não levantam, nem deixam Cruzes, ficam já em seu lugar maos exemplos.

CAPITULO VIII

Patrocina o Governador os Ingleses, e o seu barco

SEMPRE um animo gencroso encontra occasiões, em que faça alarde de sua magnanimidade, e benevolencia, sem que offensas recebidas lhe sirvam de remora. No Capitulo VI, vimos o Governador acceso em justa colera contra os Ingleses, neste o veremos benigno Protector dos mesmos Ingleses. Andavam estes demasiadamente fogosos, procurando arrecadar as dez mil patacas, que lhe deviam : não se dava da parte dos Malaios a diligencia, que elles queriam, quando por uma parte a ravorolta das guerras, e por outra o apego daquella gente ás cousas alheias, serviam de notavel impedimento á devida satisfação, especialmente, que o Rei fogido Raiamuda, e o seu Sibandar tambem fogido, eram os que recebiam, e deviam as dez mil patacas ; e fazia-se difficiloso ao novo Rei, ou á sua gente, pagar o que não tinham recebido. Accrescentou-se a isto, que Lazaro David, já melhorado da sua enfermidade, pugnava, e fazia toda a diligencia dentro da mesma Corte, para que os Ingleses lhe restituíssem tudo o que lhe tinham roubado ; e como estes não dêssem satisfação á parte,

serviram de exemplo aos Malaios, para que tambem não restituisssem o que deviam.

Estando desta sorte de parte a parte os animos inquietos, e revoltosos, era chegado o tempo de o Governador se partir para Macao, pelo que avisou o Raiaquichil da intenção, que tinha de logo largar véla para ir tomar posse do seu governo. O Principe com esta noticia despachou o seu lingua no Cacapo de Estado, para conduzir ao Capitão João Tavares a Palácio, que em nome do Governador havia fazer as despedidas do dito Principe, ou novo Rei. Eram sete do mez de Abril, quando o dito Capitão Tavares, acompanhado dos Portuguezes Antonio Rodrigues, e Paschoal de Sousa, e do Grego Lazaro David, bastante-mente preparados para o que podesse succeder, pois as desconfianças, e pouca fé dos Herejes Inglezes requeriam toda a cautela, encaminhou para a Corte, onde chegado, foi recebido do Rei com notaveis demonstrações de agrado, e cortezia: e logo fazendo a despedida em nome do Governador, insinuou os motivos, que o obrigavam a continuar a viagem interrompida, e de caminho não deixou passar em silencio não menos os embustes do Interprete dos Inglezes, que as desarrezoadas desconfianças dos mesmos Inglezes. Ao que respondeo o Rei com uma oração mais chea de affecto, e reverencia, do que de eloquencia. «Finalmente (dizia elle) já me quer desamparar meu irmão maior, o Governador: mal posso declarar meu sentimento, quando vejo me vae faltando o amparo de etão nobre, e fiel amigo, cujo generoso animo ia eu com o tempo cada vez mais conhecendo. Oh se fosse possível, que elle me concedesse mais tempo, em que eu podesse mostrar os primores de meu agradecimento! Juntamente provaria com as obras, que nunca dei credito ao que seus emulos me disseram ;

«mas agora de algum modo mostrarei, quão alheio «foi sempre meu animo de crer alguma cousa, que «fosse, nem ainda de minimo desdouro de meu irmão «maior o Governador». E dizendo isto, mandou, que viesse á sua presença o Interprete dos Inglezes.

Chegou o dito Interprete, acompanhado do seu Capitão, e outro Inglez, e juntamente quatro marinheiros, todos armados; e postos na presença do Rei, começou este a reprehender o dito Interprete, afeando-lhe a alcivosia não menos nas obras, que nas palavras, com as quaes pertendera offuscar a honra do Governador, e obrigar a sua Real pessoa, a que lhe dêsse credito; mas o Interprete, que era um insigne architecto de embrulhadas, negava tivesse dito cousa alguma contra o Governador, e apertado com a relação das mesmas palavras, que elle tinha dito, recorria á falta da memoria, dizendo, que se não lembrava de ter dito a tal cousa. Finalmente o Rei depois de reprehender asperamente ao dito Interprete, se virou para o Capitão Tavares, e lhe disse, que não procedia a mais contra aquelle vil homem, assim porque era prudencia não fazer caso dos ditos de semelhante gente, como porque tinha por certo, que a generosidade do Governador se daria por justamente offendida, vendo que por sua causa se tomavam empenhos, não menos para averiguar verdades da bocca de um embusteiro, que para tomar delle a ultima satisfação; o que então compria era, que supposto ser aquella a ultima despedida, convinha mostrar se não esquecia do que promettera ao Governador ácerca de satisfazer ao Capitão Inglez as dez mil patacas; mas porque achava não ser tanta a divida, quando o dito Capitão já tinha recebido algumas cousas em satisfação, julgava, que na varanda do seu Conselho se tratasse do ajuste, e se determinasse o que se lhe devia pagar :

e dizendo isto, assim ao Inglez, como aos demais, mandou se ajuntassem no dito Conselho, e ao Capitão João Tavares pedio, que assistisse no mesmo Conselho, assim para que com a sua authoridade se tratasse o negocio mais pacificamente, e fizesse executar a satisfação á divida de Lazaro David, como tambem porque entre tanto queria preparar algum sinal de sua lembrança, para offerecer ao Governador.

Despedido da presença do Rei o Capitão João Tavares, se encontrou logo a poucos passos andados fóra da sala do Rei com os Inglezes, que o esperavam, e todos juntos tiveram entre si varias disputas; mas o Interprete foi o que se adiantou com o Portuguez Antonio Rodrigues; e como de parte a parte se accendesse a colera, um Inglez, que junto estava, disparou uma escopeta contra o Portuguez, e como ao ferir do fuzil, este desviasse algum tanto o corpo, lhe passaram duas balas a espada esquerda. Irritado o Portuguez da dor, que sentia, tira com toda a pressa de um bacamarte, com que em o Malaio, que estava mais perto, empregou um tiro com tal successo, que não chegou a um quarto de hora, que não morresse. Neste tempo o Capitão João Tavares tinha bastante em que se occupar, com que não pode advertir, e muito menos remediar o que passava entre o Portuguez, e o Malaio, por quanto se empenhava em reprimir ao Capitão Inglez, que ia tirando uma pistola do cinto. Ao estrondo dos tiros acodio a guarda Real, e vendo o Portuguez ferido, foi logo dar parte ao Rei, gritando a altas vozes: Inglezes traidores, matadores da gente do Governador. Altamente penetraram estas vozes o coração do Rei, com que acelerado, ou arrebatado saltando do throno, desembainhou o cris, que tinha na cinta, e chegando á porta da sala, mandou que

todos os Inglezes fossem mortos, e a gente do Governador levada á sua presença.

A' vista desta Real ordem se levantou uma notavel confusão naquelle lebrintho de animos, e corpos desasocegados. De uma parte os Malaioes, que pela maior parte eram Cabos militares, terriveis com lanças, catanas, e crises, e muito mais com o odio contra os Europeos, especialmente Inglezes, clamavam se dividissem os Portuguezes dos Inglezes. Da outra parte os Inglezes, ainda que no animo estivessem divididos dos Portuguezes, então com os corpos se uniam a elles, para assim secaparem da morte, de tal sorte, que uns se não podiam separar dos outros. Faziam os Malaioes investida a algum, e este se defendia, gritando: General, General, e com tão bom successo, que logo ficava livre, e vendo todos, que a palavra *General* era o melhor, e mais seguro escudo contra os Malaioes, e para livrarem da morte, começaram todos a gritar: General, General. Os Malaioes perturbados com taes vozes, não se podiam determinar á execução da ordem Real, até que conhecendo ao Capitão Inglez, com o qual se não podiam enganar, investiram com elle. Estava elle abraçado com o Capitão João Tavares, de cujos braços, e protecção esperava remedio em tão evidente perigo; nem se enganava de todo, porque o dito Capitão Tavares não menos generoso, que compassivo, fez todo o esforço para livrar da morte ao Inglez, com notavel risco de ficar juntamente com elle morto. Mas como os Malaioes eram muitos, com grande força, e violencia, obsequiosos ao mandato do seu Rei, tiraram ao Inglez dos braços do Capitão Tavares, e o mataram a crueis lançadas, ficando só aquella principal Cabeça dos Inglezas sacrificada victima ao furor Malaio.

Morto desta sorte o Capitão Inglez, foram todos os

mais com o nome de gente do Governador levados á presença do Rei, o qual com singulares mostras de sentimento do successo recebeu carinhosamente ao Capitão João Tavares ; e vendo logo, e palpando a ferida do Portuguez, se accendeo mais contra os Inglezes, e pronunciou sentença de confiscação do barco, e fazenda Ingleza, e morte da mesma gente. Neste caso o Capitão Tavares fazendo alarde de seu animo não menos pio, que esquecido de aggravos, pediu com grande instancia ao Rei; suspendesse a execução de sua sentença, até que della se dêsse noticia ao Governador. Porque, dizia elle, o affecto, que o Governador merece a Vossa Alteza, pede que esta sentença se não dê á execução, antes de ser revista pelo mesmo Governador, como parte principal, e mui interessada, quando por sua ingenita nobreza, e piedade é obrigado a patrocinar muitos dos sentenciados, assim por innocentes, ou menos culpados, como por homens da mesma lei, que elle professa ; e é justo, que Vossa Alteza não cause esta molestia a quem se reconhece tão obrigada, e affectuosa. Mostrou o Rei custar-lhe o haver de suspender a execução da sentença, mas era lance de animo generoso, e agradecido, o suspende-la ; pelo que annuindo ao postolado do Cãpitão Tavares, respondeo, que em obsequio de seu irmão o Governador, lhe mandava aviso e, esperava sua reposta ; e a este fim expedio o seo lingna de Estado ao dito Governador, para que em seu nome lhe dêsse noticia do succedido, e lhe pedisse, que dêsse por bemfeito tudo o que se tinha determinado em castigo do grande atrevimento daquella gente.

Neste tempo chegaram os guardas ao Palacio, trazendo prezo ao Inglez, que tinha feito o tiro acima referido contra o Portuguez Antonio Rodrigues, e juntamente levavam a noticia de que o Interprete dos In-

glezes ficava morto em uma palhota. O Rei mandou logo, que fosse morto o dito Inglez; mas intercedeo o Capitão Tavares, pedindo lhe fizesse o favor de lhe entregar aqnelle Inglez para o apresentar ao Governador, e veio nisso o Rei; e como os Malaioz assim do Palacio, como da Armada, andavam alterados com o successo, mandou o Rei ao Capitão Tavares, fosse para o barco Inglez com seu companheiro Antonio Rodrigues, e Paschoal de Souza, e mais gente, que pertencia ao dito barco, para que entre tanto, que vinha a reposta do Governador, patrocinasse, e defendesse aos Inglezes contra a violencia dos Malaioz, o qual logo fez o dito Capitão, e achou os pobres Inglezes tão quebrados de animo, e cheios de medo, que mal se pôde explicar; os quaes quanto que viram em sua presença ao Capitão Tavares, se abraçaram com elle pedindo-lhe misericordia. Foram tambem mais de duzentos Malaioz a meter-se de guarnição no dito barco, esperar pela resolução do Governador. Tudo isto atemorizou de tal sorte ao Piloto Inglez, que julgando devia meter sua petição ao mesmo Governador, lhe escreveo a seguinte carta, tresladada fielmente do original, que dizia assim: «Senhor General. Me vejo em grande trabalho: espero em Vossa Senhoria, que me acuda, porque esta tarde me quizeram dar saque, e o Capitão João Tavares em nome de V. Senhoria, e o delle, quiz Deos, que livrei, e toda a gente deste barco; e assim peço a V. Senhoria pela grande amizade, e entrada, que tem com El-Rei, peço muito de favor queira ajudar-nos, e favorecer; e pois de presente o seu Capitão livrou a minha gente de hoje não ser toda morta, e eu tambem livrar-me, foi por elle se obrigar estar neste navio, ou para bem dizer, chalupa; e o que ordenar o Seuho Capitão, fico sempre como obrigado. Bordo, cujo favor,

«que receber, ficarei confessando. Guarde Deos a V. «Senhoria. Sevidor de V. Senhoria Recli Vvallis. Thom. Frason.» Atéqui a carta, que escreveu o Piloto do barco, em que estava.

Sabendo o Governador o que passava, e compadecendo-se não menos do Piloto Inglez, que se valia delle, que dos mais Christãos, fallou ao Interprete, dizendo-lhe, que em seu nome pedisse ao Rei, que revogasse a sentença, especialmente não tendo aquelles pobres culpas, pelas quaes merecessem tão grave castigo, quando já os dous mais culpados tinham pago com as vidas, e que soltasse o Inglez prezo. Ouvida pelo Rei esta petição, ou requerimento do Governador, respondeo, que concedia tudo o que se lhe pedia, com condição, que elle Governador passasse um papel firmado, e sellado, pelo qual promettesse, e se obrigasse a não favorecer, e ajudar aos Inglezes contra elle Rei, e que os ditos Inglezes cedessem do direito, se algum tinham, ás dez mil patacas, que elle Rei se obrigara a pagar: e que elle Governador tomasse á sua disposição o barco, e lhe puzesse Capitão, como julgasse. Sabida pelo Piloto esta resolução, escreveu ao Governador a seguinte carta:

«Senhor General. O Capitão de V. Senhoria escreve sobre nosso particular, e esperamos na generosidade de V. Senhoria, nunca haverá cousa, que edê desaire á sua pessoa, pois esperamos, que com a «reposta de V. Senhoria como para nossa redempção, «pois confessamos tão obrigados, como se fosse o mais «sogeito de V. Senhoria, pois nos tem libertado as vidas, navio, e o que nelle está, e que os agradecimentos espero dar a V. Senhoria pessoal, que para isso «é necessario o papel, e petitorio de V. Senhoria «com El-Rei; e pedimos a V. Senhoria faça isto com «brevidadde, porque não estamos aqui seguros, e de

«tudo quanto V. Senhoria tem ouvido de mim, foi «tudo embrulhadas, e de tudo darei a V. Senhoria «satisfação em presença, pois tenho muita vontade de «ver a V. Senhoria, e tenho saudade ; e no mais Deos «guarde, &c. Bordo 9 de Abril de 1718. De V. Se- «nhoria os mais humildes servos, e leaes. Recli Vval- «lis. Thom. Frason.» E' aqui digno de admiração, que sabendo aquelles Malaios, que estavam de guarda no barco Inglez, que o Governador intercedia pelos Inglezes, sem esperar ordem do seu Principe, largaram o barco, sem que lhe roubassem cousa alguma, que é assaz encarecimento do respeito que tinham ao Governador, ficando os Inglezes notavelmente admirados ; mas não se dando ainda por seguros, pediram ao Capitão Tavares, os não desamparasse ; o que elle fez até que foi chamado do Rei.

Entendida pelo Governador a determinação do Rei, e que o Piloto Ingiez, e os outros do seu barco, para se livrarem do perigo, e vexação, em que estavam, vinham no que o Rei queria, julgou devia passar o papel, que Raiaquichil pedia, na fórma seguinte :

«Antonio de Albuquerque, &c. Por quanto El-Rei «deste Reino de Gior, que Deos allumie (o qual tem «ligado amizade comigo, em nome pe El-Rei meu Se- «nhor de Portugal, que Deos guarde, permittindo «Igreja, e liberdade Catholica Romana em todo seu «Reino, de que tenho tomado posse) perdoou as vidas «a todos os Inglezes da chalupa Successo, e largou a «dita chalupa, fazenda della do Fisco, em que tinha «incorrido pelo crime, que commetteo o Capitão, e «Jerubassa da dita chalupa, já defuntos, querendó «nas portas do Palacio matar a tiros o meu Capitão, «que tinha mandado a despedir da minha parte do «dito Rei, tudo por aleivosia do dito Jerubassa, &c.

«e tendo o dito perdão a meu rogo, e pela Real amizade contrahida ; pelo que me pede o dito Rei, lhe «passo este, para que em nenhum tempo se possam «queixar os Inglezes do succedido, nem tão pouco «requerer o que lhes devia o Rei, e Sibandar fogidos, «como tambem pedir comprimento da nova obrigação, que o dito Rei tinha passado a meu respeito «ao dito Capitão defunto, de que os ajudaria, pagando-lhe o que os outros lhe deviam ; porque me «diz o dito Rei ha a dita obrigação por invalida, e a dita divida por nenhuma, em pena do crime succedido, e em satisfação das vidas, que perdoa, e da chalupa, e fazenda, que do dito Fisco larga, condição, com que me deu palavra do dito perdão, a «que declaro nesta para em nenhum tempo com razão haver queixa do dito Rei, não se lhe requer «a dita satisfação, promettendo tambem, que não «ajudarei a dita chalupa em cousa alguma contra o «serviço do dito Rei, mas antes impedirei obre o contrario, o que dos ditos Inglezes não espero, pois reconhecem a mercê, que a meu respeito lhe faz o dito «Rei, que lhe não deve nada, e só a meu respeito se «tinha obrigado a ajuda-los. Dado a bordo na barra «deste Reino de Gior, aos 10 de Abril, &c.»

Visto pelo Rei o papel do Governador, passou tambem o seu de perdão aos ditos Inglezes, o qual quero pôr aqui todo palavra por palavra, assim para que se veja a estimação, que fazia do Governador, como para que conste da verdade do succedido. Começa o consto do Rei :

«Em nome de Deos. Amen. Aos 1130 annos da «nossa Era &c. em nove da Lua de Abril chegou a «esta Corte o Capitão Portuguez com mais alguns «Portuguezes a despedir-se de mim da parte do seu «General, que estava de partida ; e recebidos por mim

«com aquelle agrado, que me merecia a amisade, que
«tenho contrahida com o dito General na fórma da
«minha, e sua Chapa, me pareceo satisfazer ao dito
«General, averiguande as falsidades, com que qui-
«zeram perturbar a dita amisade entre mim, e o dito
«General; e como tudo me tinha chegado pelo Jeru-
«bassa dos Inglezes, o mandei chamar, o qual veio a
«meu Palacio com o seu Capitão, e gente armada,
«e averiguada a falsidade do dito Jerubassa, com que
«pertendia perturbar a amisade, que havia entre mim,
«e o dito General, de que tinha nascido querer o dito
«General peleijar com o dito Inglez, que se retirou
«para esta Corte, por cuja consideração queria, pare-
«cendo-me, que o Capitão Inglez não era culpado na
«traição do dito Jerubassa, com o meu Conselho fa-
«zer, que o dito General perdoasse ao dito Inglez, por
«cujo respeito queria eu passar obrigação ao dito Ge-
«neral, de que em termo de dous annos mandaria sa-
«tisfazer ao Inglez, o que lhe devia o Rei intruso já
«fogado, e o seu Sibandar tambem ausente, pois o di-
«to General me tiuha pedido favorecesse nisto ao di-
«to Inglez, para o que tinha dado minha Chapa; e
«mandando-os para a varanda do meu Conselho, an-
«tes de a ella chegarem, foi ferido um Portuguez de
«um tiro de um Inglez; ao que acodindo a minha guar-
«da, e vendo ao dito Portuguez ferido, gente do dito
«General, com quem tinha ligado particular amisade,
«deram sobre os ditos Inglezes, onde foi morto o dito
«Capitão, e de varios tiros, que houve, se achou morto o
«dito Jerubassa, do que informado, e averiguado o suc-
«cesso, segundo as leis do Reino foram condemnados
«todos os Inglezes á morte com fisco do barco, e fa-
«zenda delle, reservando tão sómente a meu Conse-
«lho as vidas dos marinheiros Christãos, por serem
«da lei, do dito General, a cuja execução acodio o

«dito Capitão Portuguez, pedindo da parte do seu General suspendesse a execução do Decreto, porque queria elle dar conta ao dito General, e eu o fizesse, pela boa amisade, antes da dita execução, o que feito, foram taes os rogos, que me chegaram do dito General, que houve por bem o meu Conselho condescendesse nelles, e perdoasse as vidas, e a mais execução decretada; pelo que mandei, fossem todos logo no navio entregues á disposição do dito General, por cujo respeito lhes tinha perdoado, não lhe faltando do dito navio cousa alguma, como constou ao Capitão do dito General, a quem foi entregue o dito navio, para o levar ao dito General, tudo em consideração da amisade, que com elle tenho feito, que durará em quando no mundo houver Sol, e Lua, ficando tão sómente condemnado o dito Inglez, em não vir requerer-me a este Reino, o que o dito Rei intruso, e Sibandar fogidos lhe não pagaram; pois sendo o crime, que commetteo o dito Capitão, tão grande, o não condemnou o meo Conselho, mais, que em me não pedir para sempre, o que eu lhe não devia, e só a rogos do dito General o queria favorecer nisso, do que tudo me passou obrigação o Capitão, e Piloto Inglez para em nenhum tempo se praticar o contrario; e como me acho com o Reino ainda perturbado com inimigos por terra, e mar, e ha tão sómente um mez de minha assistencia neste Reino, não tenho cousa capaz de offerecer ao dito General em sinal de minha amisade, que só por lembrança lhe offereço umas peças de artilharia de bronze, esperando ter occasião para fazer o que desejo. Dada em Gior sob o meu sinal, e sello. Era acima, &c.»

Deste papel se vê a estimação, que aquelle Rei fazia do Governador, do qual se deve tambem fazer uma observação, e é, que o Rei não tinha bastante causa

para temer o Governador, especialmente matando, ou prendendo a gente do barco Inglez, quando sabia muy bem, quão poucas eram as forças, que tinha no seu navio; logo a que fim tanta cortezia, tantos sinaes de amor, estimação, e benevolencia? A razão disto deixo eu a que a dê por mim o bem affecto leitor, que certamente dirá, que os honrados termos de um animo nobre, generoso, e desinteressado por si se conciliam respeito, e veneração, ainda dos mesmos barbaros. Passado o dito papel, mandou o Rei chamar o Capitão João Tavares ao barco, que com grande difficuldade largaram os Inglezes, ficando só com o Portuguez ferido para sua detença. O Rei recebeu com muito agrado ao dito Capitão, e lhe declarou o muito, que com elle podia o respeito, que tinhã ao Governador, pelo que lhe offerencia aquelle barco com uma pequena dadiva de algumas peças de bronze, e umas poucas bufaras em sinal de sua benevolencia, e animo agradecido. Despedio-se o Capitão Tavares do Rei, e juntamente com o lingua do mesmo Rei, e a offerta referida se meteo no Cacapo de Estado, e vieram até o barco Inglez. Finalmente o barco Inglez foi dado por livre com a gente que nelle estava, e entregue á disposição do Governador, o qual liberalmente lhe confirmou, e ratificou a dita liberdade, e lhe determinou por Capitão, em lugar do proprio morto no Palacio, ao Piloto. E desta sorte partio o dito barco Inglez, e veio buscar junto da barra o navio do Governador, para que com sua sombra, e protecção se segurasse das embarcações de guerra, que andavam por aquelles canaes, e enseada, dos quaes ainda se não davam por seguros os Inglezes.

Tanto que o barco Inglez chegou junto do Governador, o salvou com toda a sua artelharria, agradecendo daquella sorte o favor, que delle tinha recebi-

do : e logo o Capitão Piloto Inglez com alguns outros principaes se foram ao navio a render as graças ao Governador, reconhecendo-se por obrigados a seu tão singular bemfeitor, e o Governador esquecendo-se de agravos recebidos, os tratou com benevolencia, e benignidade. Alguns marinheiros pela maior parte Catholicos, que em pessoa não poderam ir logo mostrar seu animo agradecido, o fizeram por carta, que escreveram, e assignaram, como aqui vai tresladada fielmente.

«Senhor General. Agradecemos todos a diligencia, que o Senhor Capitão de V. Senhoria tem feito com «El-Rei em nome de V. Senhoria, por onde ficamos «livres das vidas, que estavamos sentenciados ao sup-«plicio da morte ; mas como nosso Senhor acode aos «mais desamparados, a isto achamos o patrocínio de «V. Senhoria para tal ministerio, de que todos, e «cada um em particular agradeça, e renda as graças «a V. Senhoria pelo tamanho beneficio ; e como nos «falta palavra para conhecer, e agradecer os favores, «e zêlo Catholico, como de V. Senhoria, que se não «fora elle, estiveramos os que escapassem vivos, in-«felicis, e os mortos sem nome de Jesus ; e no mais nos «falta palavras. Tenha V. Senhoria muita vida, e per-«feita saude para amparo dos affligidos, como fomos «neste Gior. Guarde Deos a V. Senhoria, &c.» Os mais humildes servos. *Jotin Barver, Domingos Cou-«tinho, &c.* Seguem-se mais dez assinados, que se deixam por brevidade.

Em conclusão deste Capitulo quero aqui lançar o testemunho authenticico, que o Capitão Piloto, e os mais Officiaes do barco Inglez deram ao Governador, em que se confessam obrigados na fórma seguinte:

«Confessamos nós abaixo assinados, Capitão, e «mais Officiaes, e gente da lotação do vergantim

«Successo, de que é Senhorio Mestre James Vvil-
«liamum, Mercador Jotin Dean, que tendo vindo a
«este porto do Reino de Gior a fazer contrato, che-
«gou tambem a este no principio de Outubro passado
«de arribada o Senhor Antonio de Albuquerque Coe-
«lho, Governador, e Capitão General da Cidade de
«Macao, a quem abaixo de Deos devemos todos as
«vidas; e o dito Senhorio o vergantim, e as fazendas;
«porque além do dito Senhor nos ter ajudado, para
«que o Rei passado, que perdeu o Reino, nos satisfi-
«zesse a quantia de nove, ou dez mil patacas, o que
«tinha promettido, e effeituara, se não fosse a pouca
«verdade do nosso Jerubassa, tambem obrigou o Prin-
«cipe, que conquistou o Reino para se valer do dito
«Senhor, que nos satisfizesse a dita quantia referida,
«vista a fogida do dito Rei, cujo Reino o dito Prin-
«cipe conquistava, sendo nós obrigados a ajuda-lo no
«que podessemos, de tudo o que passou o dito Prin-
«cipe Chapa de obrigação ao dito Senhor, que entre-
«gou ao Capitão Ricardo Langdon, que Deos haja, e
«ultimamente a 8 deste mez de Abril, tendo os Ma-
«laios morto o dito Capitão Langdon, e sendo tam-
«bem morto o nosso Jerubassa, em occasião, que o
«Capitão João Tavares de Vellez Guerreiro se tinha
«vindo despedir do Principe Rei, da parte do dito Se-
«nhor General, passando o dito Principe ordem, para
«que todos fossem mortos, tomando o vergantim,
«acodio o dito Capitão, pedindo ao Principe da parte
«do dito Senhor General suspendesse a dita execu-
«ção, porquanto não havia de ser contente della, e
«Sua Alteza como seu amigo, e irmão, não devia pro-
«ceder nella, sem lha dar a saber, pois eram tambem
«Europeos, amigos do dito Senhor General. A' vista
«do que mandou o dito Principe se metesse o Capi-
«tão no dito vergantim para evitar alguns atrevimen-

«tos dos Malaios, em quanto o dito Príncipe noticiava
«ao dito Senhor General pelo seu lingua de Estado ;
«pelo qual mandou logo o dito Senhor General pedir
«por nós tão encarçidamente, recommendado assim
«ao dito seu Capitão, que quando a dita supplica
«chegou, estavam já os ditos Malaios apoderados do
«nosso vergantim, esperando tão sómente sinal para
«todos sermos mortos em caso, que o dito Senhor
«não procurasse por nós, com a qual supplica fomos
«perdoados nas vidas, vergantim, e fazendas, e nos
«mandou o dito Príncipe entregar ao dito Senhor
«Governador, a quem confessamos dever o acima de-
«clarado, mostrando por este o nosso reconhecimento,
«para em todo o tempo o não deixarmos de confes-
«sar, offerecendo nos assim ao dito Senhor, em sinal
«do nosso agradecimento. Na barra de Gior, aos 17
«de Abril de 1718 annos *Ricli Vvallis. Thom. Frason.*
«*Jotin Barber. Danell Stingsbis.* Eram assinados mais
por sua ordem 21 com seu nome, e sinal. A' vista
deste testemunho, e dos papeis referidos neste Ca-
pitulo, não resta mais, que se possa dizer ; e assim
não ha para que nos detenhamos nesta materia.

Antes que os dous navios do Governador, e Inglez
se apartem, é bem que não deixemos passar em silen-
cio uma notavel acção de piedade, e religião do nosso
Governador. E' ella, que como no barco Inglez ha-
via muitos marinheiros nascidos na Costa, e criados
com a doutrina Catholica, e no dito barco se não
usavam os Ritos Romanos, nem se guardavam os
preceitos da Igreja, os ditos marinheiros Christãos
não podiam satisfazer ás obrigações de Catholicos ; o
que vendo, e sabendo o Governador, com sua inge-
nita propenção ás cousas da Igreja Romana, pedindo,
ou usando da authoridade, que alli se tinha concili-
ado, obrigou ao Capitão herege, que permittisse aos

ditos Catholicos seus marinheiros, a que nos dias de Festa fossem ao seu navio a ouvir Missa; e não parando aqui o seu pio, e generoso animo, mandava a lancha do seu navio para os conduzir, e juntamente para levar alguns Mouros, que comsigo trazia, os quaes servissem no barco Inglez no tempo, que os Catholicos assistiam á Missa, obrando com uma unica acção dous heroicos actos, um de piedade, e religião, outro de justiça, se é que lha devia, em que se não faltasse ao necessario serviço do seu barco; e não obstante esta cautella, levava tanto a mal o Herege a assistencia á Missa dos seus marinheiros, que não podendo mostrar ao Governador o dissabor grande, que disto tinha, o manifestava aos pobres Christãos, castigando-os, quando della voltavam para o barco. Finalmente, como estavam para se apartarem os barcos, e era semana Santa, usando de maior authoridade para aquelles, que se recoheciam, e confessavam por obrigados, fez que todos aquelles marinheiros Catholicos se confessassem, e commungassm em ordem a satisfazer á obrigação do preceito da Igreja, cousa, que não tinham feito havia annos: que tal é a desgraça dos Catholicos, que vão servir em barcos de Hereges: mas felices estes, que acharam a occasião de um tal Patrono, que não sómente lhe defendeo as vidas, e liberdade, mas tambem lhes livrou as almas do cativo do demonio.

CAPITULO ULTIMO

*Parte o Governador para Macao, e dá-se noticia
do que lhe succedeo no caminho*

Aos 18 de Abril deram á véla os dous barcos, o do Governador, e o do Inglez ; e este por quasi todo aquelle dia foi sempre acompanhando ao Governador, não tanto por obsequio, quanto por medo das embarcações Malaias, e só quando se viu fóra, e longe da barra de Gior, se apartou, salvando com toda a sua artelharía ao Governador. Foi trabalhosa a viagem, principalmente por falta de Piloto ; porque um só, que havia no navio, era falto de noticia, e experiencia daquella viagem : pelo que foi obrigado o Governador a tomar á sua conta a direcção della, guiado de alguma estimativa, e reminiscencias, que tinha das vezes, que passou aquelles mares. Com esta determinação na noite daquelle mesmo dia 18 mandou lançar ancora no meio do estreito, que desemboca para o fatal penedo, inimigo das embarcações, a que chamam Pedra branca, não sei se tanto pela cor, que em si tem, quanto pela que causa nos que de perto a avistam ; e com razão, pois tem servido a tantos de naufragio, e de instrumento da justiça, e furor Divino, pagando nella sua soberba, e cobiça. E' perigosa, e terrivel, ainda aos mais experimentados, e insignes Pilotos, assim porque se costumam ordinariamente passar por junto della espacio de um tiro de mosquete, como pelo grande baixo, que corre da parte de Oeste, que é o caminho, que costumam fazer os barcos, que vem do estreito de Malaca.

Rompeo o dia 19 de Abril com medonha carranca de ameaças, e sinaes evidentes de furioso vento,

que estava para soprar, o qual accrescentou taneo mais o medo, quanto maior era o perigo da Pedra branca, que estava por proa. A' vista de taes annuncios, o provido, e experimentado Governador Piloto mandou logo ao mesmo tempo suspender a ancora, recolher o escaler, segurar pela poupa a lancha, e desfazer outra, que trazia de reserva, passar contra braços ao Traquete, pôr gente capaz, e expedita nos topes, e dispôr tudo o mais necessario para resistir á tempestade, e correr com ella seguro; e foi tudo executado com tão feliz acerto, e opportuna conjunção, que o mesmo foi acabar com esta obra de acautelada prevenção, que começar um temporal tão furioso, que a não estar o navio providamente preparadc, corria evidente perigo de se perder. Foi necessario dar a popa ao vento, e foi com tão bom successo, que o navio só com o Traquete, valendo-se das vigias dos topes, distando a dita Pedra nove leguas, donde estava, passando por junto della, em tres horas e meia se achou ter o navio andado quatorze leguas; não se affastando todo este tempo o Governador do tombadilho, que coberto com um capote, resistia á furia do vento, e rigor da chuva, por acudir ao governo do navio, que só do seu mando, e direcção dependia a segurança delle, e de tantas vidas.

Desta sorte livre o barco do perigo, se avisinhou a Pulolaor, Ilha engraçadamente vistosa e fertil, aonde costumam ordinariamente ir os barcos prover-se de frutas, gallinhas, e outras cousas necessarias. Pertence esta ao Rei de Gior, e tem alli seu Sibandar, que a governa. Como o navio trazia sómente o arroz necessario, agua, e carne de duas bufaras, que o Rei tinha mandado de presente ao Governador, e estava falto de outras cousas necessarias, de que se não tinha feito provimento em Gior, por quanto depois que

se começaram as guerras, com a gente, que fogia para os matos, desappareciam tambem os mantimentos, julgou o Governador se devia prover na dita Ilha de algumas cousas. Mandou preparar uma lancha com a gente necessaria, e que levassem um sombreiro, ou chapeo de Sol, dadiva, que o Rei de Gior tinha feito ao Capitão João Tavares, e favor entre outros singular, com que por seus merecimentos o premiara, e com que naquelle Reino se não costumam honrar, senão aos seus Grandes. Quanto que na Ilha o Sibandar conheceo o sombreiro, nobre insignia dos seus mais honrados Malaios, desceo logo á praia a render a devida honra, e obsequio, e executar as ordens, que se lhe déssem, e como entendeo quem era o que estava no navio, e o que pertendia, procurou buscar o fresco necessario, de que a Ilha não estava mui abundante; quando neste tempo da parte de terra se começam a engrossar as nuvens, e logo a fuzilar com relampagos, e romper com estrondosos trovões, e o que se costuma seguir, furioso vento, que ameaçava ruina ao navio, se quizesse fiar-se na ancora: pelo que o Governador a toda a pressa dando sinal á lancha, para que se recolhesse, procurou fazer-se ao mar, onde mais livre dos perigos da terra, recebesse os arrebatados impetos do vento, ficando a gente da nao desconsolada com a falta de fresco, de que tanto necessitava.

Proseguio-se a viagem até passar Polocondor, Ilha, que fica nove graos para o Norte, e serve de baliza aos Pilotos, para se livrarem dos baixos de Pulo Siffi, e Rabo de Lacrao; e por mais que o Governador advertio ao Piloto navegasse por fundo de trinta, e trinta e cinco braças em demanda da terra, para que assim fosse igualmente affastado das correntes da bocca de Camboja, e dos ditos baixos, foi tal a inercia da-

quelle Piloto, que devendo ir tomar a terra de Cochinchina, se ia embocando nos perigosos baixos de Camboja, de sorte, que advertindo o Governador no lugar, em que se achava, nunca pode conhecer qual fosse, sendo que tinha bastante noticia daquella Costa, pelo que julgou, que para segurar-se, devia buscar fundo, em que commodamente surgisse, o que fez em altura de sete braças, até que a observação do Sol podesse dar a conhecer, que terra fosse aquella, onde estavam. Finalmente luzio o dia com Sol claro, que a hora competente se pode tomar, mas a altura do Sol não concordava com a situação da Costa descrita nas Cartas de marear. Entra neste caso o Piloto em confusos labyrinthos, e perturbadas fantasias, sem que podesse dar razão de si, nem da viagem, que levava. Accrescentou o medo, e perturbação o vento algum tanto rijo, e contrario, que começou a assoprar. Difficiloso é o passo, que se dá por caminho cego, e muito mais, se quem guia o caminho, tambem é cego !

Não desmaiou o Governador, manda fazer na volta do mar; carrega o vento, e com elle as correntes para as boccas, que abria a Costa ; e como estas eram arrebatadas, ainda que o vento impellia o navio, ajudado do leme para o mar, ellas como mais poderosas, e senhoras daquella Costa, não cediam ao vento, antes soberbamente o venciam, e levavam o navio para terra ; de tal sorte, que em pouco tempo descahio tres leguas para Oeste. Que remedio ? Manda o Governador dar fundo em doze braças, e dispondo-se para levar sobre ancoras o temporal, que espantosas, e cerradas as nuvens ameaçavam, como prudente que era, tratou com todo o afínco de se certificar, que terra era a que apparecia, quando o primeiro grao da providente cautella é conhecer o inimigo, de que se deve fugir ; e depois de varias conferencias com o Piloto, e

Cartas, se assentou, que era a bocca de Camboja, tão cerrada de baixos, que mettia horror, especialmente a quem não tinha experiencia daquella entrada. Por tanto a resolução acertada foi dobrar ancoras, e amarras, e esperar mudança de vento favoravel. Entre tanto começaram a encrespar-se as ondas desafiadas do vento, que furiosamente se ia embravecendo, e descarregaram sua colera no navio com tanto impeto, que parecia o pertendim sepultar. Foi necessario arriar todos os mastareos, e vergas, para que aquelle bruto, e furioso combate tivesse menos em que fazer seus golpes. Carregou a noite com horriveis trevas, e á vista destas tomando maior ousadia a tempestade, descarregou com mais força. Entra o medo em todos, de que faltando as amarras, o navio embarrasse em terra, e se fizesse em pedaços com dispendio de tantas vidas. Entre tantas afflições, e perigos, o Padre Capellão tomou por expediente remedio o dos exorcismos, que cheio de confiança em Deos devota, e compungidamente fez contra a tempestade; e o Governador a exemplo do Apostolo da India S. Francisco Xavier, deitou reliquias de Santos ao mar, e com bom successo, pois antes de amanhecer, socegou algum tanto a tempestade, e o mar, sentindo aquelle insensivel elemento a efficacia da virtude Divina, e dos merecimentos dos Santos.

Sucededeo naquella noite uma cousa não medonha, quão ridicula. Seriam dez horas da noite, quando o Governador observou, que arrebentavam os mares pela poupa. Entra providamente solícito em duvida, se seriam baixos, que antes com a perturbação, por causa da principiada tempestade, se não advertiram; manda secretamente pessoa de sua confiança, que da poupa com cuidado observe, e examine, se aquelle reluzente quebrar de ondas perseverava no mesmo lugar, e

achou-se, que era permanente. Mais cuidado dava ao Governador a perturbação, que causaria aquelle accidente á gente da nao, do que o mesmo accidente; por tanto poz toda a cautela, para que esta se não alterasse: quando pela parte de bombordo apparece outro sinal, reluzindo o mar com alvejantes ondas. Perturbou-se a gente igualmente medrosa, que desconfiada das vidas, acode ao Governador pedindo, que levando ancoras, se faça á véla; mas este pertendo socegal-os, mostrava ser aquelle remedio inutil, e improporcionado, e o proprio era confiar-se nas ancoras, e esperar, que amainasse o temporal; porque aquelles sinaes se eram de verdadeiros baixos, não falhando as ancoras, e amarras, não havia que temer; e mais digno de temor era levar ancora, e largar véla, fiando o navio da inconstancia dos mares, e correntes com evidente perigo de cahir nos apparentes baixos.

Assim fluctuavam, não menos o navio, que os animos daquella gente em cega confusão, quando o Governador repara, que aquelles representados baixos se vinham chegando para o navio. Neste passo os marinheiros perderam o tino, e persuadindo-se, que eram, ou fantasmas marinhas, ou as Ilhas nadadoras, que no mar Egeo fingio a fabulosa Grecia, pediram ao Padre Capellão lhes fizesse os exorcismos. O Governador entre riso, e impaciencia, advertindo já o que aquillo poderia ser, os exhortou, a que depozessem o medo, quando cardumes de pequenos peixes, ou çargassos, ou outros quaesquer partos do mar, levados á toa da agua, não eram bastante causa para assim os perturbar, e obrigar a valer-se dos exorcismos. Finalmente se socegou a gente algum tanto com o que ouviu ao Governador, e a luz do dia os acabou de serenar, experimentando com seus olhos, ser verdade o

que ás escuras tinham ouvido: e em dez dias, que durou o vento contrario, pela qual causa foi necessario, que o navio estivesse alli ancorado, se viram aquelles fluctuantes baixos, ou ilhotas de ovas de peixe, que entravam pela bocca daquelle rio com a corrente em tanta quantidade, e tão juntas, que faziam suas divisões, e caminhos; e como as noites eram escuras, a escuma das ondas rebatidas entre aquelles partos maritimos, representavam baixos. Passados dez dias, mostrando-se o tempo algum tanto mais favoravel, se foi costeando a terra, sempre com a sonda na mão, e lancha expedita, porque era necessario passar pelos baixos, e vencidos estes, se foi navegando com bastante trabalho, até que finalmente aos 23 de Maio se avistou terra da China.

Aqui se exasperou a doença, de que vinham tocados já alguns da nao, era ella a que chamam Berobere, só conhecida dos que navegam por climas humidos, e irregulares. Como a detença em Gior foi grande, fez nos da nao notavel impressão o clima daquelle terra, humido em summo grao, a que costuma acompanhar a frialdade, que faltando-lhe a intenção nos graos, lhe sobeja a malignidade por causa das muitas chuvas, e alagoas. Mudaram de ares na Costa de Camboja, e Cochinchina, experimentando diversas calmas, e calores, e como faltavam cousas frescas, e verdura para o comer, e só usavam de mantimentos salgados, davam maior pasto á doença, e começaram muitos a inchar; e assim se avistou terra da China, dous, nos quaes o mal tinha lançado maiores raizes, quasi de repente, e fallando acabaram seus dias. Dava grande molestia ao Governador ver a sua gente tão afflicta, e não poder remedia-la; mas procurava consola-la do melhor modo, que podia; e ainda que estava algum tanto tocado da mesma enfermidade,

nem por isso deixava de descer a visitar, e animar os enfermos, soccorrendo-os com o que havia ; e de tal sorte dissimulava o mal, que sentia, que para dar animo aos descahidos, e mostrar, que tinham Pai, que delles tivesse cuidado, se fingia são, e expedito para os consolar em suas molestias, e affições.

Finalmente o Piloto pouco experimentado, persuadindo-se, contra a estimativa do Governador, que estava mais a Leste, do que na verdade era, deu com o navio em seco no tempo, que o Governador se tinha recolhido na Camera para descansar ; mas passadas algumas horas com a enchente da maré sabindo daquelle lugar aos 25 de Maio embocou pelo canal, que vae entre as duas Ilhas, das quaes a que está á mão direita, é a que teve a felicidade de receber em si o incendio do amor Divino, e zêlo das almas, o grande Apostolo das Indias S. Francisco Xavier, chamada vulgarmente Sanchuão, ou Xamchuen, como dizem os Chinas. Como o Governador estava com a doença de que se fez menção, foi obrigado a desembarcar, dizendo o medico Fr. Angelo, que se não desembarcava, certamente morreria em termo de 24 horas. Em terra foi bem tratado dos Chinas, naturaes ; mas como era necessario para melhorar, vir logo para Macau, se meteu em uma barca Cinica, bastantemente petrechada, na qual chegou a Macau aos 29 do dito mez de Maio, e logo foi conduzido pelos Reverendos Padres da Companhia de Jesu para o sen Collegio, aonde a primeira entrada, que fez, foi na Igreja, render as graças a Christo Sacramentado por tão singulares beneficios, alcançados da Divina misericordia ; e logo encaminhando-se para a Capella de São Francisco Xavier, onde se expoz a reliquia do seu Sagrado braço, devotamente a beijou, e sacrificou nas aras daquelle grande Apostolo não menos sua affectuosa pieda-

de, que o governo, de que vinha tomar posse, protestando mais com o coração, do que com a bocca o desejo, que tinha de se pôr debaixo de sua protecção ; e como pertendia logo no seguinte dia tomar posse do governo, como na verdade tomou com toda a paz, e quietação, procurou primeiro alistar-se debaixo da bandeira deste grande Generalissimo do Oriente, assentando comsigo, que seguindo as maximas de tal Antesignano, quanto seu estado lhe permitisse, todas suas empresas teriam o acertado fim, ou fossem dirigidas pelas regras da prudencia, ou llvradas na bem fundada esperança da fortuna, ou movidas de uma necessaria resolução, ou finalmente levadas do zêlo da honra Divina, e serviço de Sua Magestade. E certamente os principios do seu governo, fundados nas regras da Christandade, e benevolencia, com que procura attrahir aos mal contentes, cortando muitas vezes por si, dão a entender quaes serão seus progressos, assim nas bem acertadas maximas do seu proceder, como no augmento temporal da Cidade, que a Divina bondade começou a prosperar com muitos, e ricos barcos, depois de uma summa pobreza, e desamparo. Seja tudo para maior gloria Divina, e bem temporal, e espirital desta Cidade de Macao, e das Missões dependentes della.

FIM



INDEX

DOS CAPITULOS

PRIMEIRA PARTE

CAPITULO	PAGINA
I —Cousas succedidas de Goa até entrar nas terras do Reino do Canará.....	34
II —Prosegue-se a jornada até investir o caminho dos Gates	44
III —Successo no atravessar dos Gates, até chegar ao Reino de Maissur	51
IV —Passagem do Reino de Maissur, até entrar nas terras do Mogor.....	60
V —Succedido na Praça de Velur.....	66
VI —Descreve-se a entrada, que o Governador fez na fortaleza de Velur, e o mais que passou	73
VII —Parte o Governador para a Cidade de São Thomé, e dalli vae a Madrastapão, e o que lhe succedeo nesses lugares.....	79
VIII —Embarca-se o Governador para Macau, e refere-se o que lhe succedeo até chegar ao Reino de Gior	86

SEGUNDA PARTE

CAPITULO	PAGINA
I —Tocam-se algumas cousas pertencentes ao Reino de Gior.. ..	93
II —Entra o Governador em Gior, e o que lhe succedeo nos primeiros dias.....	99

CAPITULO	PAGINA
III —Referem-se outras cousas succedidas naquelles dias	104
IV —Pede o Rei de Gior soccorro ao Governador contra Raiaquichil: referem-se as cousas, e o que se passou nesta materia	111
V —Conta-se o que passou entre Raiaquichil, e o Governador	119
VI —Relatam-se algumas differenças, que o Governador teve com os Inglezes, e outros. ...	129
VII —Toma o Governador solemne posse do logar para a Igreja	134
VIII —Patrocina o Governador os Inglezes, e o seu Barco	140
ULTIMO—Parte o Governador para Macao, e dá-se noticia do que lhe succedeu no caminho	157

OBRAS PUBLICADAS

I — HISTORIA DO CERCO DE DIU, por <i>Lopo de Sousa Coutinho</i> , 1 volume	400
II — HISTORIA DO CERCO DE MAZAGÃO, por <i>Agostinho Gavy de Mendonça</i> , 1 volume	400
III — ETÍOPIA ORIENTAL, por <i>Fr. João dos Santos</i> , 2 grossos volumes	1\$500
IV — O INFANTE D. PEDRO, chronica inédita por <i>Gaspar Dias de Landim</i> , 3 volumes	700
V — CHRONICA D'EL-REI D. PEDRO I, (O CRU OU JUSTICEIRO) por <i>Fernão Lopes</i> , 1 volume	400
VI — CHRONICA D'EL-REI D. FERNANDO, por <i>Fernão Lopes</i> , 3 volumes	1\$200
VII — CHRONICA D'EL-REI D. JOÃO I, por <i>Fernão Lopes</i> , 7 volumes	2\$800
VIII — CHRONICA D'EL-REI D. JOÃO I, por <i>Gomes Eannes d'Azurara</i> , vol. I, II e III (VIII, IX e X).	1\$200
IX — DOIS CAPITÃES DA INDIA, por <i>Luciano Cordeiro</i> , 1 volume	400
X — ARTE DA CAÇA DE ALTERNARIA, por <i>Diogo Fernandes Ferreira</i> , 2 volumes	800
XI — APOLOGOS DIALOGAES, por <i>D. Francisco Manuel de Mello</i> , 3 volumes	1\$200
XII — CHRONICA D'EL-REI D. DUARTE, por <i>Ruy de Pinna</i> , 1 volume	400
XIII — CHRONICA D'EL-REI D. AFFONSO V, por <i>Ruy de Pinna</i> , 3 volumes	1\$200
XIV — CHRONICA D'EL-REI D. JOÃO II, por <i>Garcia de Resende</i> , 3 volumes	1\$500
XV — VIDA DE D. PAULO DE LIMA PEREIRA, por <i>Diogo do Couto</i> , 1 volume	500
XVI — CHRONICA D'EL-REI D. SEBASTIÃO, por <i>Fr. Bernardo da Cruz</i> , 2 volumes	1\$000
XVII — JORNADA DE AFRICA, por <i>Jeronymo de Alencar</i> , 2 volumes	800
XVIII — HISTORIA TRAGICO-MARITIMA, por <i>Bernardo Gomes de Brito</i> , vol. I e X	3\$800
XIX — JORNADA DE ANTONIO D'ALBUQUERQUE CORELHO, por <i>João Tavares de Velles Guerreiro</i> , 1 volume ..	600

EM PUBLICAÇÃO

HISTORIA TRAGICO-MARITIMA, por *Bernardo Gomes de Brito*, vol. XI
 CANCIONEIRO GERAL, por *Garcia de Resende*.

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

(VOLUME LI)

CHRONICA

DE

El-Rei D. Affonso Henriques

POR

DUARTE GALVÃO



ESCRITORIO

147=RUA DOS RETROZEIROS=147

LISBOA

—
1906

BIBLIOTHECA
DE
Classicos Portuguezes
Proprietario e fundador
MELLO D'AZEVEDO

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

(VOLUME LI)

CHRONICA

DE

El-Rei D. Affonso Henriques

POR

DUARTE GALVÃO



ESCRITORIO

147=RUA DOS RETROZEIROS=147

LISBOA

—
1906

PROLOGO

A Chronica de Duarte Galvão é a lenda de Affonso Henriques, do fundador de Portugal. O autor encontrou noticias, narrativas, tradições; agrupou-as, apurou-lhes a linguagem, e formou assim a Chronica que apresentou a D. Manoel. Mais tarde mudaram costumes, augmentaram convenções sociaes, cresceu a polidez cortezan, e a critica abafou o livro perigoso, inconveniente. Chegaram a chamar-lhe conjuncto de fabelas. As brigas com a mãe, a violencia feroz com o legado de Roma offendiam os bons costumes, as delicadas maneiras.

Na Chronica ha lenda e tradição a par de narrativas baseadas em factos. As luctas com D. Affonso de Castella, as campanhas systematicas e porfiadas com os sarracenos, todo esse esforço enorme para augmentar o reino e garantir-lhe a independencia são factos averiguados.

A bella tradição a respeito de Egas Moniz, a do cavalleiro Henrique e da palmeira que nasceu na sua

cova, a lenda do corpo de S. Vicente, guardado pelo corvo, são lendas ou tradições antigas acreditadas já na funda idade media, justificadas pela escultura, pela epigraphia, ou por antiquissimos escriptos. A descripção do casamento de D. Mafalda, filha de D. Affonso Henriques, parece ter uma base verdadeira, algum escripto mui antigo que o chronista soube aproveitar.

E' interessante attender á maneira como os historiadores trataram do fundador do reino; Duarte Galvão no começo do seculo XVI; Antonio Brandão no seculo XVII; Alexandre Herculano no meio do XIX. Os elementos de trabalho vão crescendo, e o entendimento humano apura-se; vê-se mais e melhor; a critica, a analyse profundam com maior liberdade. Não devemos esquecer que Duarte Galvão foi uma summidade no seu tempo. Antonio Brandão foi uma intelligencia superior. Herculano o intellectual maximo, energico trabalhador com intenso fermento artistico. A maneira como estes tres espiritos tratam o fundador, e o conjuncto de recursos que elles possuíam, constitue um motivo de estudo merecedor de attenção.

Sobre Duarte Galvão é bem que se leia a noticia que vem publicada no dicionario da lingua portugueza, da Academia Real das Sciencias de Lisboa (Tomo 1.º e unico. Lisboa, 1793. Catalogo de autores, pag. CXXVII).

—Galvão (Duarte) nasceu pelos annos de 1446, e faleceo em 1517 «carregado (como diz João Pinto Ribeiro (a) de annos, de prudencia, «e de autoridade.» no mar da Arabia, na ilha de Camarão, indo de mandado del-Rei D. Manoel por Embaixador a David, Emperador e Rei dos Abexins.

El-Rei D. João II. o enviou com grandes poderes por Embaixador a Maximiliano I. Emperador de Ale-

manha, seu primo coirmão, Rei naquelle tempo dos Romanos, e prezo em Burgos pelos Governadores da dita Cidade. E se bem o achasse já solto, quando chegou a Flandres, lhe fez todavia abalizados serviços, muito a contentamento do mesmo Rei. Segunda vez voltou por Embaixador a Alemanha, e conforme expressamente declara Damião de Goes, servio os dous Reis, D. João II. e D. Manoel «em muitas Embaixadas «nas cortes dos Papas, e do Emperador Fedrique e «Maximiliano, seu filho, e dos Reis de França e Inglaterra, e em outros muitos negocios, de que sempre «deo boa conta.» O referido Goes já em outro lugar, a que se remette, havia tratado, como diz, «o demais «das calidades e partes dignas de louvor, que nelle se «dava.» Tendo sido os Priors Crasteiros de Santa Cruz de Coimbra, Chronistas do Reino desde o anno de 1145 por provisão del-Rei D. Affonso Henriques até o tempo del-Rei D. Affonso V. «o Prior mór «de santa Cruz D. João Galvão, (assim o escreve o Chronista dos Conegos Regrantés de S. Agostinho)» «deo o officio de Chronista do Reino a seu irmão, Duarte Galvão, pelos annos de 1460, ainda que sobre isto houve grandes resistencias por parte dos Priors Crasteiros de Santa Cruz, e durou a demanda por «muito tempo.» Por ordem del-Rei D. Manoel começou, mas não proseguio, as Chronicas dos Reis, seus predecessores, para cujo trabalho, e para cousas outras de mór importancia foi homem por sua doutrina assás desperto e mui sufficiente, conforme o reputa Rui de Pina.

Vir non minus aetate, quam prudentia, ac rerum usu gravissimus he elle qualificado por Damião de Goes. *Raro em sciencia e valor* o denomina João Pinto Ribeiro; *homem douto*, Duarte Nunes do Leão. Publicou-se modernamente:

Chronica do muito alto, e muito esclarecido Principe D. Affonso Henriques, primeiro Rey de Portugal, composta por Duarte Galvão, Fidalgo da Casa Real, e Chronista Mór do Reino. Fielmente copiada do seu original, que se conserva no Archivo Real da Torre do Tombo Offerecida á Magestade sempre Augusta del-Rey D. João V. nosso Senhor por Miguel Lopes Ferreyra. Lisboa Occidental, na Officina Ferreyriana M. DCC. XXVI. = fol.

«Nesta Chronica, que Duarte Galvão diz, que fez «de novo (são palavras de Damião de Goes) faltão «muitas cousas, que não chegarão á sua noticia.» O Abbade Barboza traz o lugar citado, e com elle prova que Goes dissera, que Duarte Galvão a fizera de novo. Mas esta asserção, como se vê claramente; só pertence ao mesmo Galvão, a quem Goes a attribue. O qual porém nisto mesmo se enganou, visto que o referido Galvão no Prologo da sobredita Chronica, dirigido a el-Rei D. Manoel, assim lhe falla: «Pelo qual, «Serenissimo Senhor, como quer que além da materia, «me haja de ser trabalho e difficuldade ajuntar e sup- «prir cousa de tantos tempos, desordenada e faleci- «da, e para haver de *emendar escritos alheos*, vejo «que armo sobre mim juizos de muitos:» O que se ajusta melhor com o parecer de Barros, o qual escreve, que Duarte Galvão sómente lhe *apurára a lingoagem antiga em que estava escrita.*»

«E quem quer que foi (prosegue o mesmo Barros) «o compoedor della dará conta a Deos de macular a «fama de tão illustres duas pessoas, como forão a Rai- «nha Dona Tareja, e el-Rei D. Affonso Henriques, seu «filho.» Acudio a isto com a merecida emenda o P. Fr. Antonio Brandão na terceira Parte da Monarchia Lusitana. André de Resende só diz que Duarte Galvão a escreveu: porém Pedro de Mariz a declara ex-

pressamente recopilada de outra antiquissima por mandado del Rei D. Manoel. No mesmo engano de Goes, cahio depois Gaspar Estaço, dizendo assim :

«Como escreve Duarte Galvão na Chronica del Rei «D. Affonso Henriques, que elle compôz por mandado del Rei D. Manoel, a quem a dedicou.: da qual «elle não foi autor, senão apurador do antigo lingoa-«ge, em que andava, como diz João de Barros. Espan-«tame dizer Duarte Galvão (no principio desta Chro-«nica) que elle a fez de novo, porque o Chronista Fer-«nãõ Lopes, Escrivão da Puridade, que foi do Infan-«te Santo D. Fernando, e Guarda mór da Torre do «Tombo fez todas as Chronicas dos Reis té seu tem-«po como prova Damião de Goes.» Rui de Pina, An-«dré de Resende, Duarte Nunes do Leão, e muitos ou-«tros de grande autoridade o dão por Autor da sobre-«dita Chronica = .

Nos manuscriptos da Bibliotheca Nacional de Lisboa encontro oito copias desta Chronica. A marcada B—12—8 tem no final a data 1568. Bello exemplar é a B—4—2 (n.º 376), escripta no seculo XVI. Da mesma epoca a B—4—4 (n.º 378). Ha tres copias do seculo XVII ; uma destas foi doada pelo bispo de Beja, D. fr. Manoel do Cenaculo. Do seculo XVIII possui a Bibliotheca duas copias. A copia n.º 84.I offerece algumas notas e explicações do texto.

Acho ainda um fragmento sob n.º 8.169. Em todas estas copias acho os taes quatro capitulos riscados para a primeira edição. Parecem estes codices ter pertencido a particulares, não a institutos religiosos : não lhes vejo sellos ou ex-libris de conventos. A Chronica foi impressa em Lisboa em 1726, eliminados os celebres capitulos escandalosos.

Antes d'isto a publicação da *Monarquia Lusitana*, pôde suppôr-se, tornára inutil a impressão ou pu-

blicação da chronica de Affonso Henriques por Duarte Galvão. Mas, talvez por causa dos taes capitulos continuaram a fazer-se copias; ainda, em pleno seculo XVIII, depois da impressão, se fizeram copias. Esta a razão de por todos os archivos se encontrarem copias manuscritas da chronica de Galvão.

Os quatro capitulos foram publicados na Revista litteraria do Porto (1838, 2.º vol. pag. 322). Ahi se fazem as observações seguintes.

Quatro capitulos ineditos da Chronica de D.
Affonso Henriques por Duarte Galvão

A CHRONICA de D. Affonso Henriques por Duarte Galvão, foi estampada pela 1.^a vez, em Lisboa no anno de 1726.

«O original desta Chronica» diz Barboza, em sua Bibliotheca Lusitana, «se conserva no Archivo Real da Torre do Tombo, da qual extrahio uma *copiã fiel* Miguel Lopes Ferreira, e a publicou em nossos tempos».

A simples inspecção da mesma Chronica impressa denuncia a incorrecção da asserção de que a *copiã fiel* gozou da luz publica.

No «Prologo ao Leitor» falla Miguel Lopes Ferreira do modo seguinte: — «Nesta historia se acham alguns pontos encontrados com a verdade, o que de nenhum modo se deve attribuir á malicia do Autor, senão a que naquelle tempo devia de ser esta a tradicção, que havia entre nós, mal fundada no principio, e peor conti-

nuada na boca dos que a passavão a outros, em que, como é natural, cada dia se vai desfigurando e perdendo sua fórma verdadeira. Estes descuidos emendou doutissimamente o Dr. Fr. Antonio Brandão, na 3.^a Parte da Monarchia Luzitana, porque examinou a verdade no segredo dos Cartorios em que estava sepultada.

Algumas pessoas me aconselhavão que lhe fizesse notas, porém segui o parecer de outros, que assentárão, que como esta Chronica se imprimio para os que sabem, (Curiosa razão! Sómente os sabios devião lêr a Chronica; e não haveria ignorante que se quizesse instruir!) elles não ignorão pela lição de Fr. Antonio Brandão o que é tradição errada. Sahe pois a Chronica d'El-Rei D. Affonso Henriques da sorte que a escreveu Duarte Galvão.»

Enganou-se Miguel Lopes Ferreira. Não foitão brando em sua qualificação dos «pontos encontrados com a verdade,» o Censor Regio por cuja alçada teve a Chronica de passar, nem seguia elle systema de cura tão leniente e delicado. São suas palavras :

«Vi a Chronica d'El-Rei D. Affonso Henriques, que compoz Duarte Galvão, e que quer mandar imprimir Miguel Lopes Ferreira. De um louvo o zelo em fazer publicar as Chronicas dos nossos Reis, que tantos tempos ha que se conservão manuscriptas, e do outro não posso deixar de lhe não accusar a negligencia com que se houve na composição desta Chronica, porque parece que não fez exame algum para o que havia de escrever. Mas *como vejo riscado nella alguns capitulos*, e tudo vejo reformado pelo Dr. Fr. Antonio Brandão Chronista Mòr do Reino, no 3.^o Tomo da Monarchia Luzitana, bem se pode imprimir sem escrupulo»

A mutilação da Chronica foi portanto publicamente annunciada.

Mas já não estava na mão de D. José Barbosa, ou de

quem quer que foi que riscou esses capitulos, o privar a posteridade da gratificação de saber quaes esses effeitos da negligencia e nenhum exame do Chronista, que El-Rel Dom Manoel encarregou de escrever a historia do Fundador da Monarchia Portugueza.

Já em 1600 tinha Duarte Nunes de Leão impresso suas «Chronicas dos Reis de Portugal,» e na Vida e feitos de seu 1.º Monarcha tinha elle dedicado um capitulo inteiro ao texto e á *refutação* das fabulas da *Chronica velha* (*) de D. Affonso Henriques. Este texto encerra toda a substancia dos Capitulos que hoje publicamos em sua sôrma original.

Havia ainda outro autor em cujas obras (ineditas em 1726) tinha sido incorporada a materia dos Capitulos riscados. Fallamos de Christovão Rodrigues Acenheiro, que escreveu em 1535 um Summario das Chronicas dos Reis de Portugal, cuja publicação devemos á Academia Real das Sciencias de Lisboa. (Ineditos da Historia Portugueza, Tomo 5.º — 1824). Ahi encontramos esses impugnados feitos de D. Affonso Henriques, e encontramos de mais um juizo do Compilador sobre elles muito mais franco, muito mais claro, e muito menos mistico, do que aquelle que quiz idear Duarte Galvão. «Devem bem de notar os Reis e os Principes Christãos» diz Acenheiro, «estas façanhas do Cardeal e Bispo, e quanto devem pugnar pela honra de suas pessoas e Reino, quando com justiça e verdade o perseguem, como este Catholico Rei fazia e fez».

Não é comtudo do nosso intento entrarmos na discussão da veracidade da narração do nosso Chronista,

(*) Duarte Galvão morreu em 1517.

que muito longe nos levaria, e em empreza nos metteria para a qual não temos forças.

Numerosas são as duvidas que obscurecem a historia dos começos da Monarquia. A illigitimidade do nascimento da Snr.^a D. Thereza, mãe de D. Affonso Henriques — seu casamento com D. Fernando Peres de Trava, Conde de Trastamara, que a seu proprio irmão D. Vermuim Peres, (com quem já era casada) a usurpou, (*) — suas desavenças com seu filho e guerras que contra elle suscitou, — a jornada que por causa do exito de uma destas D. Egas Moniz emprehenheu a Castella; — a prisão a que D. Affonso Henriques condemnou sua mãe e desavenças que por este respeito teve com o Papa: — todos estes são pontos que tão tenazmente se tem affirmado, como fortemente combatido.

Todavia a um e outro ponto já a bem instituida critica tem feito devida justiça; e a illigitimidade do nascimento e segundo casamento de D. Thereza (pelas doudas Dissertações de Antonio Pereira de Figueiredo, no Tomo 9.^o das Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa—1825), assim como a jornada d'Egas Moniz (pela descripção de seu tumulo, como ainda hoje se vê em Paço de Souza, o que tambem devemos á mesma Academia) são pontos já reconhecidos como demonstrados. Mas tanto nestes, como nos assumptos que fazem o immediato objecto dos capitulos que ajuntamos, ha lugar para contestação, na qual

(*) Ainda mais. D. Vermuim vendo seu irmão impossado de sua mulher, casou com uma filha d'esta e do Conde D. Henrique. Assim o diz o Conde D. Pedro (em seu Livro de Linhagens) e assim o repete Duarte Galvão. A este peccado, accrescentão, se deve a fundação do Mosteiro de Sobrado.

não quizeramos aqui entrar : por não termos outros fins em vista além da integração do texto d'um dos nossos antigos Chronistas.

Não podemos comtudo deixar de apontar a infelicidade de Duarte Nunes de Leão na formula de seus argumentos. De todos os factos contenciosos que temos indicado fórma elle uma cadêa, cuja mutua e necessaria dependencia julga intuitiva, e contentando-se com expor a falsidade das allegações d'um só facto, pertende d'ahi inferir a falsidade de todos; e deste modo d'argumentar conclue que a Snr.^a D. Thereza nunca fôra 2.^a vêz casada, nunca teve desavenças com seu filho, nunca suscitou o Rei de Castella contra elle, e que nem Egas Moniz fôra offerecer-se a este com a corda ao pescoço, nem D. Affonso Henriques prendêra sua mãe, nem o Papa tivera motivo algum para enviar um legado a Portugal. Mal estava Duarte Nunes se voltassemos o argumento contra si mesmo, e pela indubitabilidade do offerecido sacrificio do Ayo de nosso 1.^o Rei, corroborassemos a verdade de toda a narrativa de Galvão.

Fraco arguente era o Licenciado. O alto nascimento e as nobilissimas allianças de sangue da Snr.^a D. Thereza erão para elle effectiva salva-guarda em abono da virtude da mesma Senhora; e comtudo, nessa mesma pagina, não acha elle absurdo em traspassar todo esse montão d'infamias á propria *irmã* dessa mesma princêza, com quem igualava em nobreza!

Algumas das suas razões não deixão de ter seu xiste. «O dito Snr. D. Affonso» (o 6.^o de Castella) «como Catholico Kei que era, quando lhe morria uma mulher, casava logo com outra!» E daqui funda elle motivo para se crer que D. Ximena Nunes de Gusmão (mãe de D. Thereza) fôra sua legitima esposa, que não concubina. Quanto ás circumstancias que poderião afixar

alguma exactidão em Duarte Galvão, contentar-nos-hemos com dizer que foi filho de um secretario de D. João 1.º e de D. Affonso V, e irmão d'um Bispo de Coimbra, e Escrivão da puridade do ultimo citado monarcha. Elle mesmo foi Secretario de D. João 2.º, e alem de Chronista-mor, foi encarregado de varias missões importantes. Temos portanto que nem relações nem occasião pessoal lhe faltarão para certificar-se do que era verdade.

Sobre o Bispo *negro* não deixa de parecer especiosa a explicação que offerece Fr. Joaquim de Santa Rôza de Viterbo em seu Elucidario :==

«Muitos monges forão tirados dos Mosteiros para encherem o lugar de Bispos: e como não depunhão o Habito Monachal, que era Preto, o Clero se compunha á imitação do seu Prelado. Deste tempo ficou na Sé de Coimbra a mal tramada Fabula do *Bispo Negro*. Este foi D. Bernardo, Francez de Nação, Monge de S. Bento, e Arcediago de Braga, feito por S. Giraldo, de quem escreveo elegantemente a vida. O Principe D. Affonso Henriques (a despeito de sua mãe, a Rainha D. Thereza, e todo o Clero e povo de Coimbra, que postulavão para Bispo daquella Sé o Arcediago da mesma *D. Tello*) o nomeou Bispo de Coimbra no anno de 1128. E como este monge nunca depôz o habito dos *Negros* como então chamavão aos que professavão a Religião de S. Bento, e os Conegos da Sé de Coimbra vestião branco, em razão das grandes sobrepeizes que então uzavão; os mal affectos dizião que tinham naquella Sé um *Bispo Negro*, para não dizerem com maior indecencia, e atrevimento, um Negro Bispo».

Elucidario, Tomo 1.º pagina 285.

Mas esta explicação, recebida com cautella em quan-

to aos factos allegados, não deve ter-se senão em conta de conjectura.

A copia dos Quatro Capitulos que aqui offerecemos ao publico foi tirada sobre um nitidissimo exemplar manuscripto em pergaminho da Chronica de Duarte Galvão que vimos em Santa Cruz de Coimbra, e que deve hoje existir na Bibliotheca Publica Portuense. Este exemplar era coetaneo dos tempos do Chronista-mor, e na encadernação e riqueza das iniciaes illuminadas, inculcava ter pertencido a pessoa ou repartição Real; e coincide, na discripção que fez Pedro de Mariz no Prologo á sua intentada edição da Chronica de D. Affonso 4.º por Rui de Pina com os Codices que se guardavão na Torre do Tombo.

A copia é verbal, mas não julgamos conveniente conservar a orthographia daquelles tempos.

Acautelamos os menos versados contra muita copia espuria da Chronica de D. Affonso Henriques por Duarte Galvão, que se encontra nas Bibliothecas Manuscriptas. A maior parte são compilações.

Igual advertencia fazemos em quanto ás copias que por ahí andão (e algumas de pessoas doutas) destes mesmos Capitulos =.

Na presente edição os quatro capitulos entram na sua competente altura.

G. Pereira.

CHRONICA

DO MUITO ALTO, E MUITO ESCLARECIDO PRINCIPE

D. AFFONSO HENRIQUES

PRIMEIRO REY DE PORTUGAL,
COMPOSTA

POR DUARTE GALVAÕ,

Fidalgo da Casa Real, e Chronista Mor do Reyno.

FIELMENTE COPIADA DO SEU ORIGINAL, QUE
se conserva no Archivo Real da Torre do Tombo.

OFFERECIDA

A' MAGESTADE SEMPRE AUGUSTA DELREI

D. JOAÕ V.

NOSSO SENHOR

POR MIGUEL LOPFS FERREYRA



LISBOA OCCIDENTAL,

Na Officina FERREYRIANA.

M. DCC. XXVI.

Com todas as licenças necessarias.

SENHOR

PROSTRADO aos Reais pés de V. Magestade, lhe offereço a Chronica do Fundador da sua gloriosa Monarchia o Santo Rei D. Affonso Henriques decimo quinto Avô de V. Magestade, que ha mais de dous seculos escreveo Duarte Galvão, tão estimado dos Senhores Reis de Portugal, como dizem os grandes lugares, em que o occuparam, especialmente o Senhor Rei D. Manoel quinto Avô de V. Magestade, em cujo Reinado se vio com maior admiração a grande capacidade deste Chronista. Aceite V. Magestade com a sua Real, e costumada benignidade este meu pequeno obsequio, para que desta sôrte animado possa continuar com a impressão das outras Chronicas dos Serenissimos Predecessores de V. Magestade. Deos guarde a V. Magestade muitos annos como desejamos, e havemos de mister.

Miguel Lopes Ferreira.

AO EXCELLENTISSIMO SENHOR

FERNÃO TELLES DA SILVA

MARQUEZ DE ALEGRETE, DOS CONSELHOS DE ESTADO, e guerra del-Rei Nosso Senhor, Gentil-homem de sua Camara, Vêdor de sua fazenda, Embaixador extraordinario á Corte de Vienna, ao Serenissimo Emperador Joseph, e Condutor da Serenissima Rainha Nossa Senhora a estes Reinos, Academico, e Censor da Academia Real da Historia Portuguesa, &c.

Depois de ter resolutto dedicar esta Chronica del-Rei D. Affonso Henriques a El-Rei Nosso Senhor, não podia ter duvida em que fosse Vossa Excellencia quem lha offerecesse em meu nome. Se para se consultarem os Oraculos, se procuravam aquel-

las pessoas, que eram dedicadas aos Templos em que elles respondiam, justamente dezejo a protecção de Vossa Excellencia para um Oraculo tão Soberano, que o merece ser de todo o mundo. A proporção é o que mais se deve de procurar, e sendo assim, não pôde Vossa Excellencia accuzar a confiança, com que lhe peço, offereça este livro a S. Magestade que Deos guarde, pois é para este fim um meio tão proporcionado, que o mesmo Principe elegeo a Vossa Excellencia para lhe assistir com a pessoa no seu Palacio, e com as prudentes experiencias do seu grande entendimento aos negocios mais importantes de toda a Monarchia. Deos guarde a Vossa Excellencia muitos annos como desejo.

Criado de Vossa Excellencia

Miguel Lopes Ferretra

MIGUEL LOPES FERREIRA

AO LEITOR

PELA Chronica do primeiro Rei de Portugal começo a satisfazer a promessa de dar ao prelo todas as Chronicas dos nossos Reis, que até agora se conservavam manuscritas. Esta do fundador glorioso do Imperio Portuguez tem mais de dous seculos de antiguidade, porque seu Author Duarte Calvão falleceu na Ilha de Camarão a 9 de Junho do anno de mil e quinhentos e dezasete. A authoridade de quem a escreveu não é menor, porque o Pai deste Chronista foi Ruy Galvão, Secretario, e Escrivão da Puridade de El-Rei D. Affonso V. de Portugal, lugares tão grandes, e tão immediatos á Magestade, que suppõem illustre a quem os exercita. Duarte Galvão seu filho foi do Conselho dos Reis D. João o II e D. Manoel, Chronista Mór do Reino, Alcaide Mór de Leiria, doutissimo nas Letras humanas, e Embaixador a França, e Alemanha, e ultimamente ao Preste João, levando

em sua companhia ao Embaixador Matheus, que da Corte do Abexim tinha passado á de Portugal, vendidas, e compostas as injustissimas duvidas da sua verdade. O irmão deste Chronista foi D. João Galvão, que depois dos maiores lugares da Congregação de Santa Cruz de Coimbra, sendo Bispo da mesma Cidade, lhe fez mercê El-Rei D. Affonso V do Titulo de Conde de Arganil, que até agora se conserva nos seus Successores, e desta Mitra passou para a de Braga. Nesta Historia se acham alguns pontos encontrados com a verdade, o que de nenhum modo se deve attribuir a malicia do Author senão a que naquelle tempo devia de ser esta a tradição, que havia entre nós mal fundada no principio, e peor continuada na boca dos que a passavam a outros, em que como é natural, cada dia se vai desfigurando, e perdendo a sua fórma verdadeira. Estes descuidos emendou doutissimamente o Doutor Fr. Antonio Brandão na Terceira Parte da Monarchia Lusitana, porque examinou a verdade no segredo dos Cartorios, em que estava sepultada. Algumas pessoas me aconselhavam, que lhe fizesse notas, porém segui o parecer de outras, que assentáram, que como esta Chronica se imprimia para os que sabem, elles não ignoram pela lição de Fr. Antonio Brandão, o que é tradição errada. Sahe pois a Chronica de El-Rei D. Affonso Henriques da sorte que a escreveu Duarte Galvão, e lhe fiz o beneficio de lhe ordinar um Index para utilidade de todos. Agradeça o leitor o meu cuidado, que brevemente lhe darei impressas todas as mais Chronicas manuscritas dos nossos Reis, e entre ellas a de El-Rei D. João o II que escreveu Ruy de Pina, tão rara como desejada.

Vale.

PROLOGO

DO AUTHOR

DIRIGIDO AO SERENISSIMO, E MUITO Poderoso Principe El-Rei D. Manoel nosso Senhor, sobre as vidas, e excellentes feitos dos Reis de Portugal, seus Antecessores, ordenados, e escritos por seu mandado, por Duarte Galvão Fidalgo da sua Casa, e do seu Conselho, no qual falla do grande louvor destes mesmos Reis de Portugal.

Muito devem, Serenissimo Senhor, trabalhar os homens, por em sua vida obrarem virtudes, para que mereçam a Deos no outro mundo, e neste leixem de seu tempo memoria, não sómente, que viveram o que as animalias tem por igual

comnosco; mas que hem, e louvadamente passaram sua vida, que é proprio do homem, o qual tendo a vida, em dias breve, com a virtude que obra, a faz longa, e durar mais des que morre, vivendo depois de morto no outro mundo, por gloria, e neste por exemplo assi, que para nós necessario nos é nossa virtuosa vida, e para os outros nossa virtuosa fama; esto como quer que convem a todos, muito mais cabe em os Principes, e Reis faze-lo, cuja maior excellencia de seu nome traz logo maior obrigação de seu carregó, que é serem Reis postos por Deos, para regedores principaes na terra sobre os outros homens para execução, e exemplo de toda perfeita virtude, mas pois que toda desposição para obrar virtudes por muito que naça com a pessoa não póde ser comprida, nem haver perfeição senão por ajuda, e graça Divinal. Grandes e perpetuos louvores devem ser dados a nosso Senhor, por todos os naturaes do Reino de Portugal, por tanto participar de sua graça, com os Reis vossos Antecessores, e com vossa Real pessoa, com tão clara mostrança de os querer honrar, e escolher para seu santo serviço, exalçamento da sua Santa Fé, de maneira, que para se mais mostrar que vinha delle, e por elle, segundo em seus grandes mysterios sempre neste mundo, até em si mesmo escolheo o menos, para fazer, ou desfazer o mais, e o baixo para se fazer conhecer por mais alto, lhe aprouve dar graça, e poder a vossos Antecessores por onde no Reino, e senhorio menos de outros que vemos na Christandade, alcançáram por suas louvadas famas, e obras, em todo o genero de louvor, e virtudes grande, e assinado merecimento para o outro mundo, e neste muita honra, fama, e proveito, para sua Real Coroa, e de seus Reinos, e esto então poucas idades, que se as contarmos parece mui pouco

tempo, e segundo a grandeza de suas obras julgar-se-ha por infindo, querendo nosso Senhor que assi como no desejo, e fervor de serviço em especial de punhar pela Fé vossos Antecessores fossem sempre mui singulares, assi fosse singular antre os outros Principes nesta parte, e em outra seu louvor, remunerando-lhes nosso Senhor nisso seus grandes merecimentos como hoje em dia faz a vossa Real Alteza, segundo se grandemente manifesta no grande louvor, e não menos mysterio de vossas mui louvadas, e excellentes obras, as quais bem condradas concludem, e claramente mostram não menos, que vosso Divino nome ser Deos comnosco, e com o bem destes Reinos mais que de antes, dando-vos nellos para o diante como fruito mostrado, e prometido, no grande emflorecer de vossos Antecessores, escuza-me, Senhor, de ser, nem parecer adulação o que digo.

Primeiramente vossa successão nestos Reinos por nosso Senhor tão claramente querida, e ordenada levando para si tantos, que vos nella precediam, segundo seus occultos Juizos, porém sempre justos, e escuza-me o grande fervor, que logo poz em vosso virtuoso coração para seu serviço, em tirar Judeus, e Mouros destes Reinos por tal, que lançado fóra todo Judaico, e Mosometico culto, ficasse só o verdadeiro de sua Christã Religião, e escuza-me isso mesmo vossa perseverante devação, e cuidado, em proseguir, e obrar por mar, e terra, guerra contra Mouros, em as partes Dafrica, do que não satisfeito vosso manhainimo coração, e desejo, que sempre ha por menos o muito de tão santas emprezas, não leixou de mandar a Levante por mar Armada de mui nobre gente, maior do que des memoria de homens, sem Rei saio destes Reinos em soccorro da Christandade contra os Turcos, e por Capitão della D. João de Menezes Conde de Ta-

rouca vosso Mordomo Mor, e Capitão da Cidade de Tanger, mui dino de semelhantes, e maiores encargos por sua singular cavalaria, e prudencia. Escuzo-me finalmente antes, e depois desto, a grande maraviuha, e mysterio, do achamento, ou mais com verdade conquista das Indias, nunca esperado, nem cuidado pelas gentes, até que se vio feito por vosso mandado, e posto por obra, e assi descobrimento de minas, terras outras, mares, climas, polos, e gentes incoñhitas, nunca de antes sabidas, nem de nós conversadas, o que nem aquelle grão Rei Alexandre Conquistador do mundo, nem Carthaginenses Senhores Dafrica, e grande parte Deuopa, nem Romãos, que todos os outros passaram em senhorio, poderam alcançar trabalhando-se desso, como se lê, nem esso mesmo fazer vossos Antecessores em sessenta annos com muitas mortes de gentes, grandes despezas, e continuadas diligencias, o que se fez, e comprio nos primeiros dous, e tres annos de vosso Reinado trigando-se (segundo parece) a Divina Clemencia a manifestar este grande mysterio, por elle em vosso tempo predestinado, pelo qual quiz que em tão breve espaço se fizesse de uma só viagem, e por os primeiros, que a esto mandastes, outro tanto caminho, para achar a Índia, como em sessenta annos estava feito, no que, Senhor, grandemente servistes a Deos, ganhaste perpetua honra, nobrecestes vosso Reino, obrigastes o mundo, fazendo que em muita parte não sabida, o mundo soubesse parte de si mesmo, e por consequente de seu Creador, e Redemptor, o qual por sua infinda piedade, e amor que sempre mostrou ao bem, e honra destes Reinos, ordenou, que por vossas mãos se supprisse pelo mundo outra quasi segunda Prégação dos Apostolos, para notificação de nossa Fé, renovada ás gentes, que apoz seus peccados depois de recebida perderam, e necessaria para

outra, que a nunca houveram, e de necessidade hão de haver, segundo affirma Santo Agostinho, que em tempo dos Apostolos não foi prégada a Fé de Christo por todo o mundo, nem até seu tempo, quatro centos annos depois, dando logo em prova desso muitas gentes em África donde elle era, como pelos Cativos, que se de lá traziam era manifesto, e que em todo caso a dita universal manifestação havia de ser, para se comprir, o que nosso Senhor disse, que seu Evangelho havia de ser notificado por o mundo universo ante do fim, em testemunho a todas as gentes, segundo se ora assás confirma por vossa navegação e conquista o qual mysterio traz consigo grande mostra, e pronostico de ser, não sómente para convertimento de muitos infieis, mas ainda para desfazimento, e destruímento da Mahometica secta consirado bem. Deos seja louvado, os começos, e proseguimentos de seus maravilhosos effectos.

Muitos outros louvores, Serenissimo Rei, apontaria de vossas mui singulares obras, e virtudes mui compridas, se tão facil me fosse poder-lhe dar cabo, quão facil me é achar-lhe começo, e se a elle não aprouvera faze-los mais sobidos, e manifestos por vossas obras, do que poderiam ser por minhas palavras, mas hi ficará tempo, e lugar para com sua graça se poderem dizer em vossa Chronica mais compridamente, com todo, Senhor, é-me forçado dizer ainda de vossas virtuosas obras uma necessaria á presente materia, a qual é, mandar-me V. A. mui afficadamente, que os notaveis feitos dos mui esclarecidos Reis vossos Antecessores, escritos, e postos por negligencia de Escritores, ou culpa dos tempos, não só em menos polida, mas ainda em: desordenada, e acerca não achada memoria, os quizesse ordenar, e escrever, e quasi trespassar, e a mais honrados Jazigos, e sepulturas, como

é meu desejo para vosso serviço, e na confiança que me nesso V. A. mostra muito para folgar, mas para nella presumir sufficiencia não mais de atrever, que quanto está conhecido, que tão grandes, e verdadeiros louvores participados de tanta graça Divinal, não pode nhum humano falecimento apouquenta-los, nem faze-los menos da verdade toda humana eloquencia, sem receo de nhum prasma deve de folgar achar-se vencida de tão excellente materia, cujo mui estinado pezo mais é de culpar quem não queira, que quem não possa leva-lo; porque ainda não leixará de precalçar muito louvor, e contentamento quem de tão nobres, e louvados feitos fizer lembrança, que foram, posto que não abaste dinamente faze-la de quão louvados foram, pois a grandeza de seu louvor por elles mesmos melhor se pôde estimar, que dizer. Escuzo aqui poder pela ventura parecer este carregó, e serviço menos da maneira, e estimação de meus serviços; porque certo amor, e vontade, sobeja não acha serviço minguado, nem devem de mais para os Príncipes, cujas causas por grandes que sejam, não devem tolher atrevimento, maiormente quando por algumas rezões necessarias a seu mais serviço se mandam, a quem sem ellas poderiam ser escusado mandar-se, assi que, Senhor, esto que me V. A. manda fazer se deve a meu juizo antre outras vossas louvadas obras muito estimar, e haver por outro quasi novo descobrimento, e renovação de cousa ácerca perdida, que tanto devia estar sã, e alumeada como cousa principal do mui devulgado bem, e honra que vossos Reinos tem, e logram, no que não menos, que em todas outras cousas esclarece vosso grande louvor, porque bem se mostra povoado de muitas virtudes, e não invejar as alheias, quem as dos outros muito ama, e assi as manda renovar, e apregoar, pelo qual, Serenissimo Se-

nhôr, como quer que além da grandeza da materia, me haja de ser trabalho, e difficuldade ajuntar, e supprir cousa de tantos tempos, desordenada, e falecida, e para haver de emendar escritos alheios, vejo que armo sobre mim juizos de muitos; porém pois V. A. o ha tanto por bem, e serviço seu, e de seus Antecessores, mui de vontade me puz a faze-lo, sendo certo, que haverei ante elle grado se não de sufficiencia, ao menos de obediencia, pois por cumprir seu mandado, no que muito me não atrevo fazer, me não pude, nem soube negar.

LICENÇAS

DO

SANTO OFFICIO

VISTAS as informações, pode-se imprimir (menos o riscado) a Chronica do Senhor Rei D. Affonso Henriques, que compoz Duarte Galvão, e depois de impressa tornará para se conferir, e dar licença para correr, sem a qual não correrá. Lisboa Occidental, 23 de Julho de 1726.

Rocha. — Fr. R. de Allencastre. — Cunha. — Teixeira. — Silva. — Cabedo.

DO ORDINARIO

Approvação do Reverendissimo P. Mestre Fr. Joseph de Sousa, Religioso da Ordem de Nossa Senhora do Carmo, Lente jubillado na Sagrada Theologia, Qualificador do Santo Officio, Prior que foi do Real Convento do Carmo de Lisboa Occidental, Vigario Provincial Apostolico, que foi da dita Provincia, Provincial, Commissario, Visitador Geral que foi da mesma Ordem nestes Reinos, &c.

ILLUSTRISSIMO E REVERENDISSIMO SENHOR

L a Chronica do Invictissimo Monarca o Serenissimo Senhor D. Affonso Henriques, de santa e eterna memoria, famoso conquistador, e primeiro Rei de Portugal, a qual quer dar á estampa Miguel Lopes Ferreira, dignissimo do titulo de Vivicador das glorias de Portugal, pois que zeloso da fama Regia, por meio do Prelo intenta resuscitar as memorias daquelle seculo dourado, em que Portugal no berço da sua infancia, com maior fortuna, que a do valeroso Alcides no da sua meninisse, soube despedaçar innumeraveis Hydras Africanas, que em varios recontros, capitaneados por dezoito Reis, e um Emperador de Marrocos Almiramolim, em formidolosos exercitos intentaram cortar os venturosas progressos, com que ia sacudindo o forte jugo do perfido Mauritano. Mas a pezar sentidissimo de Mafoma, em tão perfidos recontros, e em tão sentidas batalhas, havendo em algumas quasi cem Mouros contra cada um só Portuguez, ficaram sempre os Mouros inteiramente destroçados, os seus Reis vergonhosamente vencidos, e só Portugal

gloriosamente triunfante, e senhor pacífico não só das terras, que pela repartição dos Estados tocavam á sua Monarchia, mas de muitas, que pertenciam á de Hespanha, porque de umas, e outras, á força de forte braço, e duro ferro fez largar a iniqua, e injusta posse, que havia muitos seculos, desde a sempre lacrimosa perda de Hespanha, logravam os Agarenos : protegido sempre daquelle destemido Capitão, e valerosissimo Heroe D. Affonso Henriques, que efficaçmente soccorrido da mão Omnipotente do Senhor dos exercitos, na miraculosa apparição do Campo de Ourique quando batalhou com cinco Reis Africanos, ficou seu valente braço revestido de uma fortaleza tão desmedidamente grande, que já vibrando a lança, nunca tirou bote, que não fosse inexoravel desizivo da morte, já empunhando a espada não descarregou golpe, que não fosse infeliz Parca da vida. E sendo tal o esforço de seu braço, que o manejo das Armas, não era menos o valor do seu coração para o exercicio das virtudes : porque foi constantissimo no da Justiça administrando-a, e fazendo-a guardar rigorosamente aos seus povos, sem que o continuo exercicio de Marte lhe embaraçasse as execuções de Nemesis, mas antes, que com a espada sempre empunhada representava um vivo simulacro da Justiça. No da Humildade foi singular, porque sem respeito aos sacros decoros da Magestade, familiar, e urbanissimamente com palavras, e obras, como a companheiros e amigos a todos os seus vassallos, tratava carinhoso, e careciava benigno. No da Liberalidade foi magnifico, porque quando nas campanhas, os ricos despojas das batalhas, (e não foram poucos) primeiro os enfardelavam os soldados, do que elle se redimisse com parte das coroas dos triunfos, porque até destes repartia seu nobre coração com os que o ajudavam a vencer; e quando na Corte, dos seus

Erarios eram chaves mestras os merecimentos de seus vassallos. No da Misericordia foi insigne, porque não cabendo já nos limites de seu estado, lá se dilatou para o Hospital de Jerusalem com oitenta mil dinheiros de ouro (que nem tudo lhe consumiam as guerras consumindo-lhe as guerras muito) para emprego de que annual, e perpetuamente rendessem para sustento dos pobres, que nelle se alvergassem. No da Piedade foi magnanimo, como testemunham entre muitas Igrejas que fundou os Reais Mosteiros de S. Vicente de F6ra em Lisboa, o de Santa Cruz em Coimbra, e o de Alcobaca, aos quaes dotou de amplos Senhorios, e copiosissimos patrimonios. No da Religião, todo este livro é breve compendio dos vastos dominios que conquistou para as cearas da Igreja; instituindo de muitos delles o nobilissimo Bispado de Coimbra, e o Illustrissimo de Lisboa, que offereceu ao Romano Pontifice adiantando-se este tanto nos seus augmentos que não cabendo na esfera de sua propria grandeza se multiplicou em duas Sagradas Sedes, nas quaes, uma conservando o titulo de Archiepiscopal, que já tinha, se separou com a differença de Oriental por respeito do sitio que tem na Corte, e a outra com o distintivo de Occidental que é o sitio deste Reino a respeito do Mundo, se exalta com o especioso titulo de Patriarcal sendo a primeira que o logra em todo elle. Por ventura que tanta gloria lá tenha o seu proporcionado auspicio, no seu glorioso fundador, que tambem foi o primeiro em Portugal; mas sem questão, deve o seo glorioso augmento á Serenissima, Augustissima, Felicissima, e sempre Magnifica Magestade do Senhor Rei D. João o V no nome que somando na linha de todas suas acções sempre em tudo heroicas, em tudo excellentes, e magnanimas em tudo, o numero admiravel de todas as de seus gloriosissimos Progenitores

se dignou illustra-las com a Real preheminencia de engrandecer a sua Corte com uma Santa Sé Patriarcal, realçando sua lustres com o feliz, e premeditado acerto de instituir por seu primeiro Patriarca ao Meritissimo, Illustrissimo, e Reverendissimo Senhor D. Thomás de Almeida da Nobilissima Casa de Avintes, Bispo que foi de Lamego, e Porto; e para que finalmente na sua Corte pela destas Igrejas Occidental, e Oriental constasse notcriamente o ardentissimo desejo, que reside no seu religioso coração de que o nome da Divina Magestade, o Rei dos Reis, e Senhor dos Senhores seja sempre louvado desde o Oriente onde o Sol nasce, té o Occaso onde fenece: «A Solis ortu usque ad Occasum laudabile nomen Domine».

Tão gloriosos progressos, tiveram o seu feiz principio nas acções do Serenissimo Senhor D. Affonso Henriques, que esta Chronica descreve, e é mais que justo, saiam a luz do mundo, que pertende dar-lhe este Restaurador das primitivas, e estupendas memorias de Portugal, para que por beneficio da estampa resuscite no mundo um vivo modelo da Magestade, um elegante exemplo do valor, e um famoso trofeo da admiração. Este o meu parecer salv. semp. mel. Carmo de Lisboa Occidental I de Agosto de 1726.

Fr. José de Sousa.

VISTA a informação, póde-se imprimir a Chronica de que se trata, e depois de impressa tornará para se conferir, e dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa Occidental, 3 de Agosto de 1726.

D. F. Arcebispo de Lacedemonia.

DO PAÇO

Approvação do Reverendissimo P. Mestre D. José Barbosa, Clerigo Regular da Divina Providencia; Chronista da Serenissima Casa de Bragança, e Academico do Numero da Real Academia da Historia Portugueza, &c.

SENHOR

POR Ordem de V. Magestade vi a Chronica d'El-Rei D. Affonso Henriques, que compoz Duarte Galvão, e que quer mandar imprimir Miguel Lopes Ferreira. De um louvo o zelo em fazer publicar as Chronicas dos nossos Reis, que tantos tempos ha que se conservam manuscritas, e do outro não posso deixar de lhe não occultar a negligencia com que se houve na composição desta Chronica, porque parece que não fez exame algum para o que havia de escrever. Mas como vejo riscados nella alguns Capitulos, e tudo vejo reformado pelo Doutor

Frei Antonio Brandão Chronista mór deste Reino no 3.º tomo da Monarchia Lusitana, bem se pôde imprimir sem escrupulo. Vossa Magestade ordenará o que fôr servido. Nesta Casa de N. Senhora da Divina Providencia 12 de Agosto de 1726.

D. Jose Barbosa C. R.

Que se possa imprimir vistas as licenças do S Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornará á Mesa para se conferir, e taxar, que sem isso não correrá. Lisboa Occidental, 22 de Agosto de 1726.

Pereira. — Galvão. — Teixeira. — Bonicho.



Chronica do muito alto, e esclarecido princepe D. Affonso Anriques, primeiro Rei de Portugal

CAPITULO I

Como El-Rei D. Affonso de Castella chamado Emperador, casou sua filha Dona Tareja com o Conde D. Anrique, dando-lhe em casamento Portugal por Condado com certas condições.

COMEÇANDO de escrever das vidas, e mui excellentes feitos dinos de eterna memoria, dos mui esclarecidos Reis de Portugal, encomendo-me áquelle guiador de seus nobres, e virtuosos corações Espirito Santo, que assi participou com elles de sua infinda graça para as obras, me queira dar alguma para os escrever, e assentar em devida lembrança, por tal que não pareçam falecidas minhas palavras na grande excellencia de tão louvadas obras, de cujo louvor a primeira prova, e testemunho será o meu esforçado, e manifico Rei D. Affonso Anriques, primeiro

Rei de Portugal, fundamento logo proprio, e necessario, por Deos ordenado para tão alto cume da gloria destes Reinos, como nelle edificou, segundo que seu immenso louvor não menos se verá ao diante acrescentado, e conformado pelos Reis seus successores, os quaes, contando deste primeiro Rei, são por todos quatorze com o Serenissimo de todo louvor illustrado El-Rei D. Manuel N. Senhor, o qual vai em dez annos que ao presente Reina, anno do Senhor de mil e quinhentos e cinco. * Mas porque melhor se saiba o procedimento deste mui virtuoso Rei D. Affonso Anriques, é forçado recorrer algum tanto pelas Chronicas atraz, a El-Rei D. Affonso de Castella o Sexto, chamado Emperador, que tomou Toledo aos Mouros, digno de muito louvor em todo principalmente em guerrear os imigos da nossa Santa Fé Catholica, de que então a Espønha estava occupada, a cuja mui devulgada fama, movidos com mui devota cavalaria, grandes Senhores, e outras gentos Estrangeiras vinham buscalo, para em sua companhia, por ser serviço de Deos, e salvação de suas almas, participarem de suas santas empresas, e trabalhos, antre os quaes vieram trez mui principaes senhores, a saber, o Conde D. Reymão de Tolosa, grande senhor em França, e o Conde D. Reymão de S. Gil, de Proença, e D. Anrique sobrinho deste Conde de Tolosa, filho segundo genito de uma sua irmã, e Del-Rei D. Hungria, com quem era cazada, os quaes trez foram mui honradamente por El-Rei D. Affonso recebidos.

Era este Conde D. Anrique mui discreto, e esforçado Cavaleiro, e não menos de todas outras bondades comprindo, trazia em seu Escudo de Armas campo

* No anno de 1505 se escreveu esta Chronica.

branco sem outro nhum sinal, e andando sempre de-depois, na guerra dos Mouros com El-Rei D. Affonso, fez muitas, e assinadas cavalarias, por onde Del-Rei, e de todos os da terra era mui estimado, e querido, e assi o Conde de Tolosa seu tio, e o Conde de S. Gil de Proença, e tendo El-Rei assi delles contentamento querendo honra-los, e remunerar seus nobres feitos e trabalhos, que em sua companhia passaram na guerra contra os infieis, determinou de cazar trez filhas suas com elles, uma chamada Dona Urraca, cazou com o Conde D. Reimão de Tolosa, de que depois naceo El-Rei D. Affonso de Castella chamado tambem Emperador, donde decendem tambem todos os Reis de Castella, outra Dona Elvira, cazou com o Conde D. Reymão de S. Gil, de Proença; outra chamada D. Tareja deu por molher a D. Anrique sobrinho do Conde de Tolosa, dando-lhe com ella em casamento Coimbra, com toda a terra até o Castello de Lobeira, que é uma legua além de ponte Vedra, em Caliza, e com toda a terra de Vizeu, e Lamego, que seu pai El-Rei D. Fernando, e elle ganharam nas Comarcas da Beira. De todo o que lhe assi deu, fez Condado chamado o Condado de Portugal, com tal condição, que o Conde D. Anrique o servisse, e fosse ás suas Cortes, e chamados, e sendo caso que fosse doente, ou tivesse legitimo impedimento a não poder lá ir, lhe mandasse um dos mais principaes de sua terra a seu serviço com trezentos de cavallo, não havendo naquelle tempo mais naquella terra de Portugal. E ainda lhe assinou mais terra da que os Mouros possouam, que a conquistasse, e tomando-a, a crescentasse em seu Condado, o que elle, e seus successores com muito esforço, e valentia por muito arriscados perigos e trabalhos depois fizeram; como ao diante se verá, e que não querendo o Conde D. Anrique cumprir assi esto,

qualquer que fosse Rei de Castella pudesse tomar a terra ao dito Conde, e mais toda a outra que o dito Conde, e seus successores ganhassem, e fazer della o que lhe aprouvesse, como de cousa sua propria.

CAPITULO II

Do Tronco, e linhagem Real de que descendem os Reis de Portugal, e donde se chamou Portugal.

DESTE Conde D. Anrique, e Dona Tareja sua mulher descendem todolos Reis de Portugal, que até agora foram, e a causa porque a terra se chamou Portugal, foi que antigamente sobre o Douro foi povoado o Castello de Gaya, e por aportarem ahi mercadores, e navios, e assi pescadores pelo Rio dentro ancorarem, e estenderem suas redes da outra parte para isso mais conveniente, se povoou outro lugar, que se chamou o Porto, que ora é Cidade mui principal, donde ajuntando estes dous nomes, foi chamado Portugal. E era então naquelle tempo costume, que todos os filhos dos Reis se chamavam Reis, e as filhas Rainhas, posto que fossem bastardos, e como quer que El-Rei D. Affonso de Castella, desse este Condado de Portugal, ao Conde D. Anrique, e a sua filha, e ella se chamasse Rainha; porém elle nunca se chamou Rei em sua vida, nem seu filho o Principe D. Affonso, até que houve uma grande batalha, e vencimento no Campo de Ourique, contra cinco Reis Mouros, onde foi alevantado por Rei de Portugal, cuja geração veio de Reis, assi da parte do pai, como da mãe, que segundo já dissemos este Rei D. Affonso Anriques primeiro Rei que foi de Portugal, era neto de El-Rei

Dungria da parte do pai o Conde D. Anrique, que foi filho legitimo dEl-Rei Dungria, e da parte de sua mãe, era neto dEl-Rei D Affonso acima dito, filho de sua filha Dona Tareja, por onde se mais manifesta a esclarecida gloria dos Reis de Portugal, pela nosso Senhor de todos os cabos tanto a exalçar, que de Nobreza, e Realeza de sangue não menos, que de excellentes virtudes, fossem em tanto gráo illustrados.

CAPITULO III

Como D. Egas Moniz criou a D. Affonso filho do Conde D. Anrique, que foi são por milagre de N. Senhora da aleijão com que naceo.

DEPOIS que o Conde D. Anrique foi cazado com a Rainha D. Tareja, filha del-Rei de Castella como dito é, vindo ella a empenhar, D. Egas Moniz mui esforçado e nobre Fidalgo, grande seu privado, que com elle viera da sua terra, e a quem tinha feito muita mercê, chegou ao Conde pedindo-lhe que qualquer filho, ou filha, que a Rainha parisse lho quizesse dar para o elle criar, e o Conde lho outrogou. Veio a Rainha a parir um filho grande, e fermoso, que não podia mais ser uma creatura, salvo, que naceo com as pernas tão encolheitas, que a parecer de Mestres, todos julgavam que nunca poderia ser são dellas. O seu nacimiento foi no anno de nosso Senhor de mil noventa e quatro.

Tanto que D. Egas Moniz soube que a Rainha parira, cavalgou á pressa, e veio-se a Guimarães onde o Conde estava, e pedio-lhe por mercê que lhe desse o filho que lhe nacera para o haver de criar, como

lhe tinha prometido. O Conde lhe respondeo que não quizesse tomar tal carrego; porque o filho, que lhe Deos dera, nacera por seus peccados tolheito de modo, que todos tinham, que nunca guareceria, nem seria para homem. D. Egas quando esto ouviu pesou-lhe muito, e disse: «Senhor, antes cuidou eu que por meus peccados aconteceo; mas pois a Deos aprouve de tal ser minha ventura, dai-me todavia vosso filho, quejando quer que seja»: E o Conde posto que tivesse grande pejo polo bem que a D. Egas Moniz queria, de o encarregar em semelhante criação, por causa da aleijão da criança, com tudo lha deu por lhe comprazer, e quando D. Egas vio a criança tão fermosa, e com tal aleijão, houve mui grão dó della, e confiando em Deos, que lhe poderia dar saude, a tomou, e fez criar, não com menos amor, e cuidado como se fora são.

E jazendo D. Egas uma noite dormindo, sendo já o Menino de cinco annos, lhe appareceo nossa Senhora, e disse: «D. Egas dormes». Elle a esta voz, e visão acordando respondeo. «Senhora quem soes vós». Ella disse: «Eu sou a Virgem Maria, que te mando que vás a um tal lugar,», dando-lhe logo os sinais delle, «e faze hi cavar, e acharás hi uma Igreja que em outro tempo foi começada em meu nome, e uma Imagem minha; faze correger a Imagem e a Igreja feita á minha honra; esto feito farás hi vigilia poendo o Menino que crias sobre o Altar, e sabe que guarecerá, e será são de todo, e não menos te trabalha da hi avante de o bem guardar, e criar como fazes; porque meu filho quer por elle destruir muitos imigos da Fé».

Desaparecida esta visão ficou mui consolado D. Egas Moniz, e alegre, como vassallo que com são, e verdadeiro amor amava seu Senhor, e suas cousas, e tanto que foi manhã levantou-se logo, e foi se com gente

áquelle lugar, que lhe fora dito, e mandando hi cavar achou aquella Igreja, e Imagem pondo em obra todas as cousas que lhe N. Senhora mandára. A' qual aprouve pela sua santa piedade, tanto que o Menino foi posto sobre o seu Altar, ser logo guarecido, e são das pernas de toda aleijão, como se nunca tivera nada della.

Vendo D. Egas este tão grande milagre, foi muito o seu prazer, deu muitas graças, e louvores a Deos, e a Nossa Senhora sua Madre, criando, e guardando dahi avante com muito maior cuidado o Menino, cujo Aio foi sempre, até que seu pai morreo em Estorgua, sendo elle já de tal idade, que nas guerras, e fadigas supria os carregos de seu pai. E por causa deste milagre foi depois feito em esta Igreja com muita devação o Mosteiro de Carquare; e como quer que alguns contem seu nascimento ser ultra mar, e baptizado no Rio do Jordão, porém por mais verdade achei ser seu nascimento como disse.

CAPITULO IV

Como o Conde D. Anrique adoeceo á morte, e das palavras que disse a seu filho ante que falecesse.

ERA este Conde D. Anrique mui nobre, e esforçado cavaleiro, muito amador da Justiça, e a temor de Deos mui chegado, e elle com grande devação fez a Sé de Coimbra, e de Braga, e do Porto, e de Vizeu, e Lamego, e pôz em ellas Bispos, que as houvessem de reger por mandado, e licença do Santo Padre. Em este tempo andando a era de Nosso Senhor de mil cento e trez, (1103) foi este Conde

D. Anrique a ultra mar á Caza Santa de Jerusalem, conquistada havia quatro annos de Christãos, novamente pelo Duque Gudufre de Bulhão, quatro centos e noventa annos depois que em tempo de Mafamede, e do Araclio Emperador foi tomada a Christãos, e possuida de Mouros, e quando de lá veio trouxe este Conde muitas reliquias de Santos, entre as quaes foi um braço de S. Lucas Evangelista, que por filho del-Rei D. Anrique, e fama de sua grande bondade, e cavallarias lhe foi dado em Constantinopla, e a rogo de S. Giraldo que então era Bispo de Braga, deu parte delle á Sé da dita Cidade, o qual elle recebeo em muy grande dom, e o pôz com outras Reliquias da Igreja, e depois que assi o Conde D. Anrique veio de Jerusalem não lhe cessaram guerras com os Lionezes, e ganhou-lhes muita terra até chegar a Estorgua, a qual tendo tomada, e metida sob seu senhorio, dali os guerreou fazendo continuamente muitas cavalgadas pela terra estragando-lhes pães, e vinhas, matando, e prendendo muita gente delles, com que os pôz em tanto aperto, que se lhe não podiam defender, e lhes foi forçado preitejarem-se por esta guiza, que se El-Rei D. Affonso de Castella seu primo chamado Emperador, lhes não soccorresse até quatro mezes, elles lhe entregassem a Cidade de Lião com todas as rendas, e senhorio que El-Rei nella tinha. E tendo-a assi preitejada veio o Conde a doecer de modo, que bem conheceo não haver nelle vida. Pelo qual vendo-se elle em tal ponto chamou seu filho D. Affonso Anriques, e lhe fez uma falla muito de Cavaleiro entendido, e esforçado em esta maneira.

«Filho esta hora derradeira que me Deos ordena para te haver de leixar com a vida deste mundo me faz, que te veja, e fale com dobrado amor, e sentido do nosso parlamento, e por isso assenta em teu co-

ração minhas palavras como de pai a quem após estas já não has douvir outras. Deves filho de saber, que o poderio que o Senhor Deos neste mundo ordenou de alguns Princeses sobre outros sometidos a elles foi por tal, que os máos sejam constringidos, e os bons vivam entre elles em paz, e assocego, porque conservação é dos bons, e pungimento dos máos, pelo qual filho more sempre em teu coração vontade de fazer justiça, virtude é que dura para sempre na vontade, e corações dos justos, e dá igualmente seu direito, que é o maior louvor, e merecimento que os Princeses em seu regimento podem alcançar, que todo o governo, e bem commum consiste principalmente em duas cousas, a saber : em premio, e em pena ; e assi como os bons pela justiça se fazem milhores recebendo premio, e galardão de suas boas obras, assi os máos vem a ser bons, ou a menos cessam de seus males com receo da pena, e por tanto faze filho sempre como hajam todos direito assi grandes como pequenos, e nunca por rogo, nem cobiça, nem outra nhuma afeição leixes de fazer justiça, que o dia que um só palmo a leixares de fazer logo no outro se arredará de teu coração uma braçada.

«Trabalha-te muito de saber se os que tem teu cargo fazem justiça, e direito compridamente, e se a fizerem, faze-lhe compridamente bem, e mercê, e se o contrario, dá-lhe pena segundo seu merecimento, por os outros tomarem castigo, não consintas em modo algum, que os teus sejam soberbos, nem atrevidos em mal fazer, que perderás teu preço, e estimação se taes cousas não vedares ; mas segue todavia justiça temendo, e amando muito a Deos, para que sejas dos teus amado, e temido, tendo Deos em tua ajuda, terás as gentes para teu serviço, e sem ella não ha poder, nem saber que te aproveite, de sua mão somos isso que so-

mos, e o que temos não teríamos, se da sua mão, e bondade o não tivéssemos, e portanto trabalha-te por conservar em seu serviço. O que tiveres, e de toda esta terra que te eu leixo Destorgua até Lião não percas della um palmo que eu a ganhei com grande fadiga e trabalho. Toma filho do meu coração um pouco; porque sejas esforçado, e sem medo: aos fidalgos sê companheiro, e dá-lhe dos teus dinheiros, e aos Conselhos faze gazalhado, e trata bem, e chama agora estes Destorgua, e mandarás que te façam logo menagem da Villa, e des que me levarem a enterrar logo te torna, e não a percas, e daqui conquistarás toda a outra terrz adiante, ou manda-me com alguns meus vassallos, e teus que me vão enterrar a Santa Maria de Braga, que eu povoei. Tudo csto filho faze assi com a minha benção; porque sejas como filho de benção a serviço de Deos com muita honra prosperada».

CAPITULO V

Como D. Affonso Anriques tanto que seu pai faleceo se fez chamar Principe, e levando-o a enterrar se açou em tanto a terra com sua mãe Dona Tareja.

DESTA doença se veio a finar o Conde D. Anrique em Estorgua dous mezes, e cinco dias antes que o prazo de Lião fosse acabado. Seu finamento foi no anno de nosso Senhor de mil cento e doze, (1112) e tanto que elle faleceo logo seu filho D. Affonso Anriques ficando em idade de dezoito annos se fez chamar Principe, dando ordem como o corpo de seo pai fosse mui honradamente leva-

do a Santa Maria de Braga onde se mandara lançar, e perguntou a seus vassallos se iria com elle a seu enterramento, ou se ficaria, e elles disseram que fosse com seu pai, e o honrasse, nem por isso temesse nada da terra, porque obrar virtude nunca deu a ninguém perda, e então se foi com seu pai; porque mais honradamente fosse enterrado, e em quanto assi foi com elle tomaram-lhe toda a terra de Lião que elle tinha por sua, e a terra de Galiza lhe ficou que lha não poderam tomar. Quando elle vio a terra tomada mandou desafiar a El-Rei D. Affonso de Castella chamado Emperador seu primo com irmão filho do Conde D. Reymão de Tolosa, e de Dona Urraca irmã de sua mãe a Rainha Dona Tareja, mas logo foram reconciliados, e amigos, e então se foi a Portugal, e não achou onde se acolhesse: porque toda a terra se alçara com sua mãe a qual cazou com D. Vermuy Paes de Trava, e depois D. Fernando Conde de Trastamara seu irmão delle lha tomou, e cazou com ella, e D. Vermuy Paes cazou depois com uma filha desta Rainha D. Tareja, e do Conde D. Anrique já finado, que elle tinha em sua casa, que chamavam Dona Tareja Anriques, e por este peccado foi feito em Galiza um Mosteiro chamado de Sobrado. Outra filha ficou do Conde D. Anrique, que havia nome D. Sancha que foi cazada com D. Fernão Mendes. Este Conde D. Fernando de Trastamara acima nomeado, era naquelle tempo o maior homem de Espanha que Rei não fosse, e por esta causa se alçou toda a terra ao Principe D. Affonso Anriques com sua mãe.

CAPITULO VI

Como o Principe D. Affonso Anriques peleijou com seu padrasto, e foi vencido, e como tornando outra vez á batalha o venceo, e a sua mãi com elle.

QUANDO o Principe D. Affonso Anriques vio que não tilha onde se acolher, e que sua mãi tão pouco delle curava, segundo mal peccado muitas vezes vemos as mãis com novos esposos se tornarem madrastas, trabalhou de lhe furtar dous Castellos: um delles foi Neiva, e o outro o Castello da Feira terra de Santa Maria, e destes dous Castellos fazia muita guerra a seu padrasto, tanto que vieram ambos á fala com a Rainha Dona Tareja de presente, e disse o Conde D. Fernando: «Principe não nos afadiguemos mais nesta contenda, mas ajuntemo-nos um dia em batalha, eu e vós quando quizerdes, e ou vós vos sahireis de Portugal, ou eu». Respondeu o Principe D. Affonso. «Não devia de aprazer a Deos tal cousa que vós me queirais deitar fóra da terra que meu pai ganhou». E acodio a Rainha sua mãi dizendo. «Minha é a terra, e será que meu pai ma deu, e ma leixou». Disse então o Conde D. Fernando a ella «Não andemos mais neste debate, ou vós vos ireis comigo para a Galiza, ou leixareis a terra a vosso filho, se mais poder que nós».

Sobre esto se desafiaram para um dia certo, e vieram-se ájuntar em Guimarães em um lugar que chamam Santilhanhas, elles estando prestes para peleijar disse a Rainha ao Conde seu marido: «Comvosco quero eu ir á batalha; porque tenhais mais razão de fazer mais por meu amor, e trabalhai todavia muito por

prender o Principe meu filho, que maior poder temos que elle».

A batalha foi gravemente peleijada, e o Principe D. Affonso lançado do campo desbaratado, e indo elle assi uma legoa de Guimarães encontrou com D. Egas Moniz seu Aio, que o vinha ajudar, e ser com elle na batalha, e quando D. Egas o vio disse: «Que é esto Senhor, como vindes vós assi». Respondeo o Principe: «Venho mui desbaratado, que me venceu meu padraсто, e minha mãe, que hi era com elle». Disse então D. Egas: «Não fizestes bem, nem sizo dardes batalha sem mim, mas tornai, e eu comvosco, e espero em Deos, que a hi prendamos vosso padraсто, e vossa mãe, recolhei a vós toda vossa gente que vem fogindo, e tornemos a peleijar». Respondeo o Principe: «Praza a Deos que assi seja».

Tornáram então á batalha, e venceram-no, e o Principe prendeu hi seu padraсто, e sua mãe, e quando se o Conde D. Fernando vio prezo, cuidou logo de ser morto, e fez preito, e menagem ao Principe de nunca mais entrar em Portugal, e o Principe o soltou e foi-se, uns dizem que para sua terra, outros, que para terra dultra mar, sem nunca mais tornar. O Principe D. Affonso poz então sua mãe em ferros e ella vendo se assi preza, disse. «Filho D. Affonso prendete-me, e desherdaste-me da terra, e honra que me deixou meu pai, e quitaste-me de meu marido, a Deos pesso que prezo sejais vós assi como eu me vejo, e porque puzestes minhas pernas em ferros que vos ajudaram a trazer, e a criar com muitas dores em meu ventre, e fóra delle, com ferros sejam as vossas quebradas, a Deos praза que assi seja». E depois aconteceu a este Principe D. Affonso sendo já Rei, que lhe quebrou uma perna em sahindo pela porta de Badalhouce, e foi prezo del-Rei D. Fernando de Lião, co-

mo se ao diante dirá, dizendo todos, que lhe acontecera por lho assi mal dizer sua mãi.

CAPITULO VII

Como o Principe D. Affonso Anriques peleijou com El-Rei D. Affonso de Castella, chamado Emperador como seu avô, e o venceo, e tomou as Fortalezas que estavam alçadas por sua mãi, e como audando nisto veio um Rei Mouro cercar Coimbra.

VENDO assi Dona Tareja Rainha como o Principe D. Affonso seo filho a não queria soltar enviou seus recados o mais secreto que pôde a El-Rei D. Affonso de Castella chamado Emperador como El-Rei D. Affonso seu avô, em que lhe fazia queixume do Principe seu filho a ter preza dizendo que Portugal pertencia a elle de direito, e que assi por elle cobrar o que seu era, como pelo que devia á virtude em acudir por uma sua tia posta fóra de seu marido, e em prizão tão deshonesta lhe pedia, que a quizesse vir livrar, pois não tinha a quem com mais razão se soccorresse, e lhe pedesse valer. Quando El-Rei de Castella vio o recado de sua tia, aprouve-lhe muito com elle, e fez logo prestes suas gentes de Castella, e de Lião, e de Aragão, e de Galiza, e abalou com mui grande poder contra Portugal. Os Portuguezes desque souberam que El-Rei de Castella ajuntava seu poder para vir conquistar Portugal, e tirar sua tia da prizão, houveram todos seu acordo, que estivessem com o Principe D. Affonso Anriques, e o ajudarem contra elle, e então se vieram todos para o Principe mui guarnecidos de suas armas, e ajuntaram-se

com elle em um lugar que chamam Val de Vez, entre Monção e Ponte de Lima, e ali esperaram El-Rei de Castella, o qual tanto que chegou logo uns e os outros ordenaram suas azes para a batalha, e dambas as partes foi grande peleija, e tão grande vencimento por parte do Principe D. Affonso, que El-Rei de Castella foi ferido na perna esquerda de duas lançadas, e sahio-se da batalha em um cavallo fogindo, acolhendose o mais que pode a Toledo, por haver medo de com este desbarato perder a Cidade, e prenderam-lhe na batalha sete Condes, e outros muitos Cavalleiros, e mataram-lhe os Portuguezes muita gente. E o Principe D. Affonso se foi logo dalli levando comsigo sua mãi preza, e todos os lugares que se levantáram contra elle os tomou por força, e tratou asperamente os que os tinham.

Emquanto elle assi andava na guerra com El-Rei de Castella, e com aquelles que tinham os Castelllos por parte de sua mãi, El-Rei Achi Mouro veio guerrear Coimbra com grande multidão de Mouros que ao juizo de todos passariam de trezentos mil de pé, e teve-a cercada muitos dias combatendo-a mui rijamente, mas os da Cidade com grande esforço, e ajuda de Deos se defendiam mui bem matando muitos dos Mouros com setas, e pedras, e muitos delles morriam por fome, e pestelencia que no arraial havia. Aos da Cidade nunca lhes faleceo mantimentos em abastança em quanto estiveram cercados, e vendo os Mouros a Fortaleza da Cidade, e sentindo a abundança de mantimentos que dentro havia, e a mortandade da peste, e a fome do arraial, que cada dia viam, desesperaram de a tomar, e levantáram o cerco destruindo pães, vinhas, oliveas, e foram-se perdendo grande parte da gente que trouxeram, e tanto estava a Cidade abastada, que depois do cerco alevantado davam cin-

co quarteiros de trigo por um maravedi de ouro, e dous moros de vinho por outro maravedi, e valia o vinho pelo preço dantes do cerco, e este cerco se poz nove dias por andar de Junho no anno do Senhor de mil cento e dezasete (1117).

CAPITULO VIII

Como El-Rei D. Affonso de Castella chamado Emperador veio cercar o Principe D. Affonso Anriques seu primo a Guimarães, e como D. Egas Moniz lhe fallou, de modo que lhe fez levantar o cerco.

ACABO de pouco tempo, estando El-Rei D. Affonso de Castella chamado Emperador em Toledo sentindo muito seu desbarato, e vencimento que delle houve o Principe D. Affonso Anriques tendo elle que toda Espanha lhe havia de obedecer, e conhecer senhorio, determinou em mui secreto conselho tornar a Portugal, e ajuntada muita gente o mais dessimulada que pode, abalou para Galiza, e chegou de supito a Guimarães onde cercou o Principe D. Affonso, que dentro estava despercebido, nem a Villa estava bastecida, que a poucos dias a tomára El-Rei de Castella se tivera o cerco, e sobre esto vendo D. Egas Moniz Aio do Principe o grande perigo em que seu Senhor estava, vestindo sua capa pelo trajo, e nome daquelle tempo, cavalgou secretamente um dia pela manhã cedo, sem levar ninguem comsigo, e foi-se ao arraial dos imigos. Cavalgara El-Rei, e andava alongado de redor da Villa, vendo por onde mais ligeiramente se poderia combater, e tomar, e chegando D. Egas a elle, fez-lhe sua reverencia, e beijou-lhe

a mão ; El Rei salvou-o perguntando-lhe a que vinha. Respondeo D. Egas que queria falar com elle ; então se apartáram ambos, e perguntou-lhe D. Egas porque se viera lançar sobre aquella Villa ? E El-Rei Respondeo, que viera cercar D. Affonso Anriques seu primo porque lhe não queria conhecer senhorio, nem ir a suas Cortes como era rezão, e como lhe faziam em toda Espanha, que sua determinação era leva-lo prezo comsigo, e dar a terra a quem lhe conhecesse senhorio com ella.

Respondeo entonces D. Egas, e disse : « Senhor não fostes bem aconselhado virdes aqui cercar esta Villa, porque o Principe vosso primo é tal Cavalcero como vós bem sabeis, e tem comsigo dentro tanta gente, e tão boa afóra muita que tem pela terra muito a seu querer, e mandar, que grande será o poder, e muito mor a ventura de quem lhe forçar, e tomar a Villa, porque Senhor havei por certo, que destes movimentos das guerras que com vosso primo houvestes, elle foi sempre tão suspeito, e receado de vós, e se por tanto a recado para semelhantes cazos, esperando cada dia de se ver nelles comvosco, como se ora vê, que toda sua terra e Fortalezas fez guarnecer, e abastecer grandemente, e assi as tem bem providas, e bastecidas, em especial esta Villa, em que a miudo está que a meu entender, outra mais gente da que está, dentro, se nella podesse caber teria abastança para muitos annos de cerco, pois estando vós tempo sobre ella, ainda que escuzado tendes meu conselho, poderia trazer trovação a vosso estado, assi dos de vosso Reino, como dos Mouros que tão vizinhos, e fronteiros tendes, e quanto ao que Senhor dizeis que vosso primo vos conheça senhorio, e vá a vossas Cortes, certo a mim parece rezão, e ainda Senhor, me parece mais, que se vos partirdes daqui para vossa terra, que não pareça

que vosso primo por força, nem rendimento de medo o faz; eu acabarei com elle que vá a vossas Cortes onde vós quizerdes, e disto Senhor vos farei preito, e omenagem». Quando El-Rei de Castella esto ouvio, prouve-lhe muito de receber a omenagem de D. Egas Moniz a cerca dello, ficando-lhe de se partir ao outro dia, e depois de dada, e recebida a dita menagem D. Egas se tornou para a Villa mui callado como della saira, sem dar conta a ninguem do que viera fazer.

CAPITULO IX

Como El-Rei D. Affonso de Castella levantou o cerco de sobre Guimarães, e do desprazer que o Principe D. Affonso teve, do que nisso fez D. Egas Moniz.

Ao dia seguinte levantou El-Rei de Castella o cerco, e se partio com toda sua Corte, como ficára a D. Egas Moniz, e o Prncipe D. Affonso vio partir El-Rei, e espantando-se muito porque não sabia a causa, perguntou a D. Egas Moniz que lhe parecia de tal alevantamento, e partida de El-Rei de Castella, porque entendia que era? D. Egas lhe contou então tudo o que era, e como a causa passára; ouvindo o Principe esto, houve grande pezar, e foi mui indinado dizendo que escolhera antes ser morto, que fazer semelhante, nem ir a suas Cortes. Disse D. Egas: «Senhor não haveis de que vos queixar, que no que eu fiz vos tenho feito muito serviço; porque El-Rei de Castella por força vos tomara, segundo estaveis desaparecebido de mantimentos, e de todo o que para vossa defensa cumpria, assi que em todo o caso foreis prezo, ou morto, e o senhorio de Portugal da-

do a outrem, de tudo esto eu vos livreí, e quanto á menagem que fiz a El-Rei de Castella não vos dê deas nada, que assi como o fiz sem vosso mandado, assi o livrarei sem vosso conselho com a graça de Deos».

CAPITULO X

Como D. Egas Moniz se foi apresentar com sua mulher e filhos a El-Rei D. Affonso de Castella pela menagem que lhe feito tinha em o cerco de Guimarães.

VINDO o tempo do prazo em que o Principe D. Affonso Anriques havia de ir ás Cortes, que se faziam em Toledo, segundo a menagem que D. Egas fizera a El Rei de Castella, ordenou-se D. Egas de todo, e partio com sua mulher, e filhos, e chegaram a Toledo, foram decer ao Paço onde El-Rei estava, e ali se despiram de todolos panos senão os de linho, e sua mulher com um pelote mui ligeiro, trajo daquelle tempo, descalçaram-se todos, e pozeram senhos baraços nos pescoços, e assi entráram pelo Paço onde El-Rei estava com muitos Fidalgos, e Cavalleiros, e chegando a El-Rei pozeram-se todos assi como iam de joelhos ante elle, falou então D. Egas Moniz, e disse.

«Senhor estando vós em Guimarães sobre o Principe vosso primo meu Senhor, eu vos fiz a omenagem que sabeis, a qual eu fiz por ver que sua pessoa e honra áquelle tempo corria grande risco de se perder por na Villa não haver mantimentos, nem percebimento algum para defensão, se lhe vós tivesséis o cerco, e eu porque o criei de seu nacimiento, quando o vi em tamanho trabalho, e perigo, tomei de mim

aquelle conselho, de me ir a vós, e fazer esso que fiz». Recontando dahi ávante perante todos cumpridamente o feito como passara, e em cabo de todo disse: «Por causa desto Senhor me venho presentar ante vós, e eis aqui estas mãos com que vos fiz a menagem, e a lingua com que vo-la disse, e demais vos trago aqui minha molher, e estes moços meus filhos para se vossa ira houver por maior minha culpa que a vingança do meu corpo só, por esta molher, e por estes moços a cuja fraqueza, e idade, a ira dos imigos soe apiedar-se, seja vossa indinação satisfeita, prestes Senhor vos trago tudo para esso, tomai se vos assi parece por culpa de um só vingança de muitos, do pai, da mãe, de seis filhos quejanda vossa mercê for, não me pezará que vossa sobeja vingança faça maior meu cumprimento, e que se diga em todo o tempo mais comprio D. Egas, do que errou».

Desde D. Egas acabou de falar ficou El-Rei mui irado, e quizera manda-lo matar, dizendo que o havia enganado: mas os Fidalgos, e nobres que ahi estavam lhe disseram, que tal não fizesse, que não tinha razão de lhe fazer nhum mal, porque D. Egas fizera todo seu dever como mui nobre, e leal vassallo, quejando elle era, e todos os Principes deviam de desejar ter muitos tais, que seu mesmo fora o engano de se deixar enganar, e que antes por seu bom nome tinha razão de lhe fazer muita honra, e mercê, e manda-lo em paz. El-Rei assocegado de sua sanha pelo que lhe diziam, conhecendo que era assi na verdade perdeu todo o despeito de D. Egas, e quitou-lhe a omenagem que lhe feito tinha, e depois de lhe fazer muitas mercês o mandou livremente elle, e sua molher, e filhos tornar para Portugal.

CAPITULO XI

Como D. Egas Moniz livremente despedido del-Rei D. Affonso de Castella se tornou a Portugal, e o sahio a receber o Principe, o qual apos esto juntou gente, e foi tomar Leiria.

DESQUE D. Egas Moniz se assi partio del-Rei de Castella quite, e livre de sua menagem, e com sua graça veio caminho de Guimarães, e ante que ahi chegasse, o Principe D. Affonso Anriques sabendo sua vinda o sahio a receber com toda sua Corte mui alegre como quem parecia que aquella ora cobrava de novo um tal servidor, e vassallo, como era D. Egas; porque sempre esperára que elle em Castella fosse morto, ou deshonrado para sempre, e tudo sómente por seu respeito, ou serviço, e assi quanto lhe estas cousas tinham dado pezar, lhe davam agora sobrejo prazer com sua vinda em salvo. Quando D. Egas chegou ao Principe quiz-lhe beijar as mãos, e o Principe as tirou a si, e abraçou-o mui de vontade com grande gazalhado parecendo-lhe com muita rezão que tal obra, e merecimento mais merecia ser recebida com mostrança de muita honra, e agradecimento que sobregeição, e assi viarm ambos fallando com muito prazer até Guimarães, onde depois dalguns dias o Principe por se prover de não cair em outra tal mingua, e desastre de se ver cercado, e não apercebido como dantes, começou abastecer seus Castellos, e Villas de todas as cousas que para sua defenção lhe compriam, e em dar ordem a esto per si, e pelos seus, passáram alguns dias.

E dahi veio-se a Coimbra onde lhe pareceo que estava mui de vago, e sem proveito, pois se não occu-

pava em mais, que no que tinha mandado aos seus que fizessem pelo qual ajuntou alguma gente, e fez entrada na terra dos Mouros, e no primeiro lugar em que deu foi Leiria a qual combateo rijamente, e posto que o Castello fosse muito forte, e os Mouros o mui bem defendessem tomou-o por força, e os mais dos Mouros que ahi achou andáram á espada, e assi esta Villa tomada o Principe a deu ao Prior de Santa Cruz de Coimbra, por ser homem em que elle tinha grande devação, e fez a elle, e ao Moesteiro doação della no temporal, e espiritual, e o Prior lha teve em mui grande mercê; e pondo-lhe logo por Alcaide no Castello Paio Guoterres homem bom Fidalgo. E desque o Principe D. Affonso Anriques assi tomou a Villa de Leiria, seguiu mais sua entrada pela terra dos Mouros, e tomou Torres Novas, e então se tornou para Coimbra com muita honra, e vitoria, e os seus ricos, e abastados de despojos, e estas duas Villas foram tomadas no mez de Dezembro andando a era do Senhor em mil cento e dezasete annos (1117) de sua idade.

CAPITULO XII

Como o Principe D. Affonso Anriques abalou com gente a guerrear aos Mouros a terras de Alentejo, e como no caminho adoeceo, e morreo D. Egas Moniz, e do seu enterramento, e da muita devação dos Cavalleiros daquelle tempo.

DEPOIS que o Principe D. Affonso Anriques tornou de ganhar Leiria, e Torres Novas, esteve em Coimbra alguns dias, e vendo que tinha suas terras, e Fortalezas mui providas, e postas em ordem

do que lhe compria, e tambem que de Castella estava seguro de guerra por algumas rezões que a Estoria não declara, consirando elle, que não devia, nem podia melhor empregar o bem, e honra que seu pai, e elle ganháram, que em serviço de nosso Senhor de cuja mão a tinham récebido, e como não havia então nhum serviço de Deos mais necessário em Espanha occupada de Mouros, que serem guerreados, e lançados fóra della, segundo fora sempre seu proposito, e vontade, houve conselho com os seus de fazer guerra nas terras de Alentejo especialmente na Comarca do Campo Dourique, e esto por duas rezões, a primeira, porque a terra era mui povoada, e de poucas Fortalezas, em que os seus haveriam assaz mantimentos, e prezas; a segunda, e principal porque se El-Rei Ismar, que regia em Espanha toda a maior parte dos Mouros contra Ponente, viesse a peleijar com elle, e dando-lhe Deos delle o vencimento que esperava, toda a terra que se chama Estremadura, que era sob seu senhorio, não haveria poder de se lhe defender, e o Principe D. Affonso tinha que iria acompanhado de tão boa gente, que era bastante para peleijar com elle.

E tanto que juntou, e teve sua gente prestes, partio de Coimbra, e a poucas jornadas no Campo Dourique adoeceo á morte D. Egas Moniz seu Aio, e se finou, de cujo falecimento o Principe tomou pezar, e o sentio grandemente mostrando o menos pelo da gente, e feito a que ia. Cazo é a morte de bons vassallos, e servidores em que os Princeses sempre devem mostrar sentimento, por animarem mais os que ficam para seu serviço, e se mostrarem virtuosos, e bons, não sómente em vida, mas depois de mortos, porque as virtudes (onde ha virtude) auzentes devem de ser queridas, e lembradas. Então mandou o Principe tornar com o corpo de D. Egas tantos dos seus, e taes pessoas com

que podia ir honradamente. Mandou-se elle enterrar no Moesteiro do Paço de Souza, que elle mesmo fez, e o seu moimento está dentro da Capella que se chama do Corporal, ou dos Freguezes, e entre elle, e a parede não está se não um moimento baixo, esto se poz aqui para se saber onde jaz tão nobre, e honrado Cavalleiro.

Elle fundou em sua vida dous Moesteiros, este do Paço, e o de S. Martinho de Cucujães áquem da Cidade do Porto, os quaes dotou de muitas possessões, e guarneceo de grandes ornamentos, no que é bem de notar, e seguir a muita devoção dos Cavalleiros daquelle tempo, que com todas suas presas, e trabalhos, e grandes, e continuas despezas, em guerra tão santa, e quasi do Reino a dentro sendo então o Reino mais pequeno, e menos rico, não se descuidáram por isso de todo o serviço de Deos, conhecendo que o serviço de Deos salva para o outro mundo, e acrescenta a cavallaria, e honra deste mundo, e por tanto vemos muitas Igrejas honradas, e grandes, e sumptuosos Moesteiros feitos daquelle tempo, e nhuns Paços, e cazarias maiores, e pompa sobeja, edficadas, mas os passados segundo parece, fundavam-se mais em fazer, guarnecer moradas para as Almas, que para os corpos, lembrando-se sómente dos corpos o enterramento que delles havia de ser, mais que a vivenda, que havia de ser.

CAPITULO XIII

Como o Principe D. Affonso passado o Tejo foi buscar El-Rei Ismar, que com quatro Reis, outros, e infinda Mourama vinha contra elle, e como sentaram seus arraiaes um á vista do outro.

FINADO D. Egas, e mandado assi enterrar como dito é, o Principe D. Affonso Anriques como quer que lhe muito pezasse do falecimento de tão honrado Cavalleiro, em quem tinha grande confiança; seguiu avante o que ia fazer, por serviço de Deos, e partindo daquelle lugar, onde se D. Egas finara, passou o Tejo, e as charnecas mui grandes, e despovoadas que agora ainda hi ha, e então seriam maiores, e sahindo dellas começou a fazer grande guerra aos Mouros, correndo-lhe a terra, e tomando-lhe Villas, e lugares, e fazendo grandes cavalgadas, e havendo muitos vencimentos contra elles, do que tanto que El-Rei Ismar houve nova, mandou requerer toda a mourama dos lugares, e outras partes do redor, mandando seus alvites, que elles entre si hão por homens de santa vida, que fossem pregar. e requerer da parte de Mafamede, que acorressem á terra que estava em ponto de se perder, pelo qual houve El-Rei Ismar muita em sua ajuda de Mouros dáquem, e dálem mar, e outras gentes barbaras, que era infinda a multidão delles em tanta desigualança dos Christãos, que se ha por certo serem pouco menos de cento para um, entre os quaes vieram quatro Reis outros, cujos nomes não achamos escritos, e vieram com estas gentes molheres vezadas a pelejar como as Amazonas, o que foi sabido, e provado depois pelos mortos, que acharam

no campo. O Principe D. Affonso quando soube que El-Rei vinha com aquellas gentes, foi mui ledo, e moveo contra elle, com mui grande esforço, e vontade de servir a Deos em tal afronta, e andando suas jornadas veio a um lugar, que se hora chama Cabeças de Rei junto com Castro Verde, onde estava uma Ermita, e nella um Irmitão. Esto era a hora da Sexta, ali se viram as Ostedes ambas, e o Principe D. Affonso, e El-Rei Ismar sentáram seus arraiacs um á vista do outro, em vespera de Santiago, anno de N. Senhor de mil cento e trinta e nove (1139).

CAPITULO XIV

Como os Portuguezes vista a multidão dos Mouros requereram ao Principe D. Affonso que escusasse a batalha, e da fala que lhe o Principe fez sobre esso.

Os Christãos que eram com o Principe, vendo a grande multidão dos Mouros sem conto, começaram de poer duvida em se haver de dar batalha pela mui grande desigualança, que havia delles aos Mouros. Então se foram ao Principe, e lhe disseram : « Senhor quem sua carga compassa pôde com ella, e vós vedes bem a multidão de gente que El-Rei Ismar traz consigo, e cuidardes de com tão pouca, como tendes peleijar com elle, é cousa fóra de toda a rezão, que ainda parece mais tentar a Deos, que se zuda valentia, nem se deve haver por serviço de Deos, antes por muito seu desserviço para tamanha aventura, e risco de uma só ora o senhorio de Portugal, ganhado em tantos de muitos dias, e annos, pelo qual Senhor, a todos parece, e não com mingoa de coração,

e vontade que em nós nunca achastes, devesse ter modo por onde toda via se escuze esta batalha». Quando o Príncipe D. Affonso ouviu aos seus esto, pezou-lhe muito, e posto que nelle só houvesse o esforço que a toda a Oste compria, lhe pareceo necessario fazer a todos uma falla, a qual depois de todos ajuntados, assi começou.

«Meus bons vassallos, e amigos, muito vos deve lembrar a tenção e desejos com que partimos de Coimbra para servir a Deos, e punhar por sua santa Fé Catholica, contra estes seus imigos, e nossos, e ora estando nós já em vista dos que viemos buscar, será grande mingua, e ainda poder-se-ia mais azinha de Portugal seguir essa perda, não peleijando, que peleijando receaes se fôgissemos ás batalhas a que nos Deos, e nossas vontades tão acerca trouxeram, que já nosso recolhimento não podia leixar de parecer fugida, ou ser desbarato. Deos por sua piedade nunca abriu mão dos que em elle esperam, nem para dar, ou tolher, a quem lhe praz vitoria, ha mister poder de mais, nem menos gente. Lembrem-vos quantas vezes, e em quantos lugares, peleijaram nossos antecessores com estes imigos da Fé, e os venceram poucos, pois não é agora menos poderosa a mão do Senhor Deos para nos ajudar contra El-Rei Ismar, do que foi nos tempos passados para ajudar a elles, e assi outros muitos Princeses, e Senhores Christãos, em semelhantes casos, e tanto mais da ventagem de nossos imigos; deve nosso coração, e esforço quanto temos mais justas causas, e rezão de peleijar. Nós peleijamos por Deos, pela Fé, pela verdade, e estes arrenegados que vedes, peleijam contra Deos, pela falsidade. Nós por nossa terra, elles pela que nos tem tomada, e furtada, e querem furta. Nós pelo sangue, e vingança de nossos Antecessores, elles por ainda cruelmente espargarem o nosso. Nós

por poer nossos pais, nossas mãis, nossas pessoas, molheres, e filhos, com liberdade, elles a nós todos em seu cativoiro, a terra que hoje em dia tem, e pessuem em Africa, em Espanha, nossa foi, e a Christãos por nossos peccados a tomaram, e agora que Deos quer que a cobremos, com seu desfazimento, e destruição, não desfaleçamos a vontade do Senhor Deos, e a tamanho bem nosso; oh quanta mercê nos Deos faz Cavalleiros, e a quanto bem nos chegou, se lho bem conhecêssemos, chegou-nos a um dia e feito tão glorioso, quanto Cavalleiros não poderiam, nem saberiam mais desejar. Chegou-nos a pelejarmos por elle, e por nós, peleija sua, e nossa contra cinco Reis Mouros imigos da sua Santa Fé, em que nos elle salvou, peleija em que mataremos, seguros de culpa, morreremos mais seguros de galardão, matando, ganharemos terra, e honra temporal, morrendo ganhamos o Ceo, e gloria eterna, matando tolhemos a vida a nossos imigos, e morrendo damos vida e gloria a nós para sempre, a quem se deve mais nossa vida que a Deos que no la deu, nem nosso sangue que a Christo, que o seu proprio por nós espargeo, nem que podemos fazer neste mundo por elle, que muito mais, o primeiro não fizesse por nós, elle sendo filho de Deos, se abaixou a fazer homem por nos fazer filhos de Deos, e nós filhos de homens, ainda por elle não faremos por onde filhos de Deos pareçamus? Elle padeceo por nós, só nu, e despido, sem galardão, e nós cubertos de armas, e acompanhados, e com galardão, muito maior que merecimento, receamos peleijar por quem assi por nós morreo, para que nos fez logo Deos, para que nos teve amor tão sobejo, que por remir tão ingratos servos, deu seu proprio filho, sendo logo (quanto assi por nós, e nós possamos fazer por elle) feito tudo só por nós, e para nós, que Deos nada lhe faz mister?

Certo não é de homens, nem de Cavalleiros, e muito menos de Christãos, e mais nós Portuguezes recearmos trabalho, que nos sae em tanta gloria, nem morte que nos passa a vida para sempre segura da morte, pelo qual meus bons Cavalleiros tenhamos muita Fé, e muita Esperança, em N. Senhor, o dia de amanhã em que com sua graça venceremos a batalha, será de tanto prazer para nós, e nos apresenta tanta gloria e honra para o outro mundo, e para este cuidando no premio, faz. ligeiro o trabalho; não cureis de nhumas rezões, nem temores que a lembrança de Deos só, e de tanto bem nosso, no los deve lançar fóra de nossos corações. Hi-vos agora todos em boa hora a repouzar, e esperai com muito prazer, e descanço o dia damenhã, tão ledo, e de prazer, como nunca foi a Cavalleiros, tanto que amanhecer vamos logo com a ajuda de Deos, e sua graça ao que viemos fazer, que elle ha de ser conosco como sempre o é com os seus, e elle por sua piedade no-lo dará feito, e vencido, em nossas mãos, e de manhã prazendo a elle acabareis de confirmar para sempre o bom nome, e louvor que os Portuguezes tem de saberem bem aguardar seu Senhor nas pressas, e perigos maiores, porque com a ajuda do Senhor Deos, eu espero tomar tal lugar na peleija, onde me faça mester vossas mãos, e ajuda».

Quando os Portuguezes ouviram taes palavras, com tanto e tão confiado esforço do Principe, foram assi todos esforçados, e animados de um coração para servir a Deos, e a elle naquella batalha que pareceo ser trespassado em cada um o mesmo esforço, que no Principe viam, responderam todos mui ledos, que pois elle queria, e lhe assi perecia, elles estavam mui prestes para fazer o que sempre fizeram aquelles donde elles decendiam.

CAPITULO XV

Como N. Senhor appareceo aquella noite ao Principe D. Affonso Auriques, posto na Cruz como padeceo por nós.

QUANDO foi contra a tarde depois que o Principe fez poer as guardas em seu arraial, o Irmitão que estava na Irmida, que acima dissemos, veio a elle, e disse-lhe: «Principe D. Affonso Deos te manda por mim dizer, que pela grande vontade e desejos que tens de o servir, quer que tu sejas ledó, e esforçado, elle te fará de menhá vencer El-Rei Ismar, e todos seus grandes poderes, e mais te manda por mim dizer, que quando ouvires tanger uma campainha que na Irmida está sairás fóra, e elle te apparecerá no Ceo, assi como padeceo pelos peccadores». (E já antes desto elle tinha feito, e dotado com grande devação o Moesteiro de Santa Cruz de Coimbra, á honra da morte e paixão que N. Senhor recebeu na Cruz, pelo qual é de crer que lhe quiz Deos assi apparecer, porque por onde cada um mais merece, por hi o mais honra, e alevanta) Des que se partio o Irmitão, o Principe D. Affonso poz os gíolhos em terra, e disse: «Oh bom Senhor Deos todo poderoso a que todalas creaturas obedecem, sogeitas a teu poder, e querer, a ti só conheço, e tenho em mercê os grandes bens e mercês que me tens feito, e fazes em me mandares prometer tão grande cousa, como esta, e tu Senhor sabes que por te servir, passei muita fadiga e trabalho contra estes teus imigos, com os quaes, por serem contra ti, eu não quero paz, nem os ter por amigos, e pois em quanto viver, me não heide partir de

teu serviço á tua infinda piedade peço que me ajudes, e tenhas em tua santa guarda ; porque o imigo da linhagem humanal não seja poderoso para torvar teu santo serviço, nem fazer que os meus feitos sejam ante ti aborrecidos».

E desde que esto disse com outras muitas devotas palavras, encomendou-se a Deos, e á Virgem gloriosa sua Madre, acostou-se, e adormeceu, e quando foi uma hora, ante menhã tangeo-se a campa, como o Irmitão disséra, e então o Principe saio-se fóra da sua tenda, e segundo elle mesmo disse, e dentro em sua Estoria se contem, vio Nosso Senhor em a Cruz no modo que disséra o Irmitão, e adorou-o mui devotamente com lagrimas de grande prazer, confortando-se, e animando-se com tal elevamento, e confirmação do Espirito Santo, que se afirma (tanto que vio N. Senhor) haver antre outras palavras falado alguma sobre coração, e espirito humano dizendo : «Senhor, aos Ereges, aos Ereges faz mister appareceres, que eu sem nhum duvida creio, e espero em ti firmemente». Esto mesmo não é para leixar de crer, o que tambem se afirma que neste apparecimento foi o Principe D. Affonso certificado por Deos de sempre Portugal haver de ser conservado em Reino, e o tempo, e caso, aquella ora sua virtude, e merecimentos eram taes para lho Deos prometer. E mais se afirma que por ser esta a vontade de N. Senhor confirmou-o depois um parceiro de S. Francisco homem santo, que veio a Portugal, do que nos tempos passados, e em nossos dias, Deos seja louvado, se vio muito grande mostra desto atégora, e será para sempre ; tudo é para crer que N. Senhor queria, e faria a Principe tão virtuoso, sobre que fundava Reino, e Reis tão virtuosos, para tanto seu serviço, e da santa Fé Catholica, e por suas cousas andarem por culpas dos tempos em mui falecida lembrança.

ça de escritura quiz Deos, segundo parece, que ficassem algumas em confirmada fama.

CAPITULO XVI

Como o Principe D. Affonso Anriques depois de ordenar suas azes para pelejar com os Mouros no Campo Dourique foi levantado por Rei.

TANTO que N. Senhor desapareceo, o Principe mui cheio de prazer, e esforço, se veio para sua tenda, e fez-se armar, mandando dar ás trombetas, e atabales, e anafins, os do arraial foram logo todos levantados, e começaram-se de confessar, e ouvir suas Missas, e commungar encomendando-se todos a Deos, com grande devação, e alegria. Esto acabado partio o Principe sua gente em quatro azes, na primeira meteo trezentos de cavallo, e tres mil homens de pé, e na reguarda fez outra az em que iam outros trezentos de cavallo, e tres mil de pé; uma das azes fez de duzentos de cavallo, e dous mil de pé, outra az fez de outros tantos, que eram por todos dez mil homens de pé, e mil de cavallo; na primeira az ia o Principe com mui bons Cavalleiros, ia com elle D. Pero Paes Alferes que levava sua bandeira, e D. Diogo Gonçalves, que era grande rico homem; a reguarda foi encomendada a D. Lourenço Viegas, e a D. Gonçalo de Souza, e a az esquerda a Mem Moniz filho de D. Egas Moniz já finado, e a direita a seu irmão Martim Moniz.

Não cessava o Principe em ordenando as azes, e depois de ordenados, correndo por todos a anima-los, e esforça-los, chamando-os por seus nomes, trazendo-

lhes á lembrança o que lhes tinha falado, e encomendado, e nelles cabia fazer, e assi desde que o Sol sahio, e ferio nas armas dos Christãos, maiormente indo acompanhados da graça de Deos resplandeciam e re-luziam tão grandemente, que ainda que poucos fossem, não havia poder maior que os não temesse.

Os Mouros tambem de seu cabo postos no campo, fizeram de si doze azes de gente mui grossa, assi de pé, como de cavallo, e quando os Senhores e grandes que estavam com o Principe viram as azes dos Mouros, e grande multidão delles sem conto, chegaram ao Principe, e disseram : «Senhor, nós vimos a vós que nos façais uma mercê, a qual será grande bem, e honra dos que aqui viverem, e aos que morrerem, e a todolos os de sua geração». O Principe lhe respon-deo que dissessem, que não havia cousa, que em seu poder fosse de fazer, que de boa vontade não fizesse, elles disseram : «Senhor, o que toda esta vossa gente vos pede é, que vós consintais que vos façam Rei, e assi haverão mais esforço para peleijar». Respondeo elle e disse :

«Amigos seres irmãos, eu assaz tenho de honra, e senhorio antre vós, por sempre ser de vós mui bem servido, e guardado, e porque desto me contento muito, não me quero chamar Rei, nem se-lo, mas eu como vosso irmão, e companheiro, vos ajudarei com meu corpo contra estes infiels imigos da Fé, quanto mais que para o que dizeis o lugar, nem ora, não são convenientes, pelo qual para o feito em que estamos vós sede mui esforçados, e não temais nada, que o Senhor Jesu Christo, por cuja Fé somos aqui juntos, e prestes para peleijar, e esparger nosso sangue, como elle fez por nós, nos ajudará contra estes imigos, e os dará vencidos em nossas mãos, e o preciozo Apostolo Santiago cujo dia hoje é, será nosso Capitão, e vale-

dor nesta batalha». Responderam elles todos : «Senhor praza a Deos que assi seja, e não menos o esperamos de sua graça, porém para elle ser melhor serviço de vós, e de nós neste feito, e em todos os outros adiante, é mui necessario que vos alcemos por Rei, e não deve uma só vontade vossa trovar a de todos que vello tanto pedimos, e desejamos». O princepe vendotão aficado delles, disse que pois assi era que fizessem o que lhes bem parecesse. Então todos o levantaram por Rei ; bradando com grande prazer e alegria : «Real, Real, por El-Rei D. Affonso Anriques de Portugal. Anno de Christo de mil cento e trinta e nove (1139).

CAPITULO XVII

Como o Principe D. Affonso depois de alevantado por Rei de Portugal deu batalha a cinco Reis Mouros no Campo Dourique, e do grande vencimento della.

Feito esto El-Rei cavalgou logo em um cavallo grande, e fermoso, que lhe foi trazido cuberto de suas armas brancas, como dantes trazia, e os senhores Cavalleiros se tornaram cada um a suas azes, e lugares ordenados, e sem mais tardança, moveram contra os Mouros que já vinham contra elles. El-Rei quando vio ser tempo disse a D. Pero Paes seu Alferes que abalasse mais rijo com a bandeira, e toda sua az, o fez assi, e foram todos juntos ferir nos Mouros mui rijo, onde El-Rei que ia diante ferio um Mouro da lança, de tal sorte, e encontro, que deu logo com elle morto em terra, e rompendo a primeira az dos Mouros chegaram á segunda da gente mui gros-

sa, e ali foi grande sem conto o poder dos Mouros, que tambem das outras azes carregaram sobre El-Rei. Então D. Lourenço Viegas, e D. Gonçalo de Souza que traziam a reguarda acodiram a El-Rei mui esforçadamente, e foi a peleija mui grande, e ferida de ambas as partes, esso mesmo Martim Moniz, e Mem Moniz irmãos, Capitães das azes entraram cada um de sua parte na batalha, como esforçados Cavalleiros que eram, fazendo grande matança nos Mouros.

Todos o faziam muito bem : mas em especial El-Rei da ventagem que era mui grande de corpo, e de mui assinada valentia, de força grande, e coração muito maior, e gram cortador de espada, e por tanto seu peleijar onde se topava, antre todos era avantejado. Foi esta batalha tão bravamente peleijada, que durou até horas do meio dia, sem tomar fim, sendo o dia tão quente, e tanto pó naquelle tempo, que cada uma destas cousas com pouca mais afronta os devera cansar ; mas N. Senhor que era com El-Rei D. Affonso tão esforçado Cavalleiro, e com os seus lhes deu esforço, como nem com nhuma destas cousas, nem com tanta multidão de Mouros afraquassem dando-lhe batalha, e de tudo tão grande vencimento, qual se não deu, de tão poucos, e tantos em batalha campal aprazados ; foi assi vencido El-Rei Ismar, e os quatro Reis Mouros que vinham com elle, e mortos na peleija mui grande conto de Mouros, e muitas das mulheres pelejadoras, que acima dissemos, nem da parte dos Christãos foi a vitoria sem perda grande, morreram muitos antre os quaes Martim Moniz Capitão da az direita, e D. Diogo Gonçalves, homens mui principaes.

Não se espante ninguem, nem duvide do que em cima escrevo da grandeza deste vencimento, como já vi espantar alguns por mo assi ouvirem, quando Plutarco, e outros Authores Gregos, e assi Tito Livio

com outros Latinos, concordando affirmam, e dizem a vitoria da batalha que Lucullo Lentullo Capitão de Romã houve em Asia contra El-Rei Tigrames ser a maior que o Sol nunca vio sendo os Romãos onze mil de pé, a fora a gente de cavallo, e os imigos duzentos e vinte mil de peleija, havendo-o logo com gente tão cobarda, e prestes para fogir, que sobre morrerem delles cem mil no desbarato, dos Romões sómente cinco morreram, e feridos não passaram de cento, donde se escreve, que os Romãos houveram vergonha, e se riram de si mesmos por tomarem armas para tão vil gente, da qual segundo affirma Tito Livio eram os vencedores quasi a vigessima parte, o que em mui maior gráo, e desigualança se deve estimar, e dizer desta vitoria del-Rei D. Affonso assi pelo muito mais numero de imigos, e menos dos Christãos, como pela valentia, e animosidade, e seita contraria dos infieis, e além desso vezados ás mesmas guerras nossas, e a muitas vitorias havidas contra nós, com que se tinham feito vencedores da Christandade, e senhoreado o mundo, nem des o tempo de Lucullo Lentullo para cá, não acho vitoria destas mais assinadas, que foram; porque desta del-Rei D. Affonso se devia julgar, nem dizer menos do que disse.

CAPITULO XVIII

Como El-Rei D. Affonso Anriques depois da batalha vencida acrecentou em suas Armas sinaes que mostrassem o que lhe alli acontecera, e da nova que houve do Corpo de S. Vicente por alguns que ahí foram tomados.

DEPOIS da brtalha vencida esteve El-Rei D. Affonso tres dias no campo, como é de costume fazerem os Reis se forçados necessidade lhes não vem, e estando assi no campo, em lembrança da grande mercè que lhe Deos naquelle dia fizera acrecentou em suas Armas sinaes que mostrassem o que lhe alli acontecera, no Ceo, em Cruz. Poz sobre o campo que dantes no Escudo trazia, por Armas uma Cruz toda azul, partida em cinco Escudos, pelos cinco Reis que vencera, e meteo trinta dinheiros de prata em cada um dos Escudos em relembração da morte e Paixão de Jesu Christo, vendido por trinta dinheiros, e os Reis de Portugal, que depois vieram, vendo que se não podiam meter tantos dinheiros em pequenos Escudos Darmas puzeram em cada um dos cinco Escudos cinco dinheiros em aspa, e assi contando por si cada uma carreira da Cruz do longo, e atravez metendo sempre no conto de ambas as vezes o Escudo da ametade, fazem trinta dinheiros, e desta maneira se trazem agora.

Depois dos tres dias pãssados que El-Rei D. Affonso esteve no campo com mui grande honra, e grandes prezas de ouro, e prata, presicneiros, e gados tomados na batalha, tornou-se para Coimbra. Antre os prisioneiros era um bom quinhão de gente que chamavam Moçaraves, os quaes eram Christãos, que os

Mouros tinham por cativos naquella terra, e quando El-Rei chegou a Coimbra o Prior de Santa Cruz o saio a receber, e disse-lhe: «Oh Senhor Rei, e vós outros nobres varões que sois filhos da Santa Madre Igreja, porque trazeis assi prezos, e cativos estes Christãos irmãos vossos como se fossem infieis, devendo-os de ter, e tratar como vós mesmos; ora vos peço senhor, pois são da Lei de Christo como nós, sejam soltos, e livres da prizão». E El-Rei que era muito sogeito a toda rezão, e virtude, de todo bom, e verdadeiro Christão, outorgou logo no que o Prior falou, e os mandou todos soltar, e livrar de cativeiro.

Vinham entre estes Moçaraves dous homens de grande idade, e mui louvada vida, os quaes contáram a El-Rei como já estiveram no cabo da terra do Algarve que mais sae ao mar do Occidente, que naquelle lugar jazia o Corpo de S. Vicente, ao qual elles alli viram fazer muitos milagres. Quando El-Rei esto ouviu, tomou grande desejo de haver aquelle Santo Corpo em sua terra, mas pois me a Estoria trouxe a fazer menção de tão glorioso Martyre que em Portugal temos, parece-me erro passar assi por elle, sem dizer primeiro ao menos em soma como, e onde foi martyrizado, e seu Corpo guardado dos Christãos, e depois em seus lugares contarei como foi trazido áquelle Cabo, que se ora de seu nome chama Cabo de S. Vicente, onde por duas vezes foy buscado, e não se podendo achar da primeira, foi achado da segunda, e foi trazido á Cidade de Lisboa.

CAPITULO XIX

Como Daciano veio a Espanha por mandado do Emperador de Roma, e mandou matar S. Vicente depois de muito atormentado por prégar a Fé de Christo.

Foi S. Vicente natural da Cidade de Osqua, que ora é no Reino de Aragão, de nobre linhagem, de Fé, e virtude muito mais nobre. Foi discipulo do Martyre Papa Sixto I e praceiro muito como irmão de S. Lourenço, e sendo enviado a Espanha pelo Papa, chegou-se a S. Valerio Bispo de Valença, o qual por ser empachado na lingoa, em prégações, e muitos outros autos do serviço de Deos, cometia o carrego a S. Vicente. Era então Emperador de Roma Diocleciano gentio, que fez geralmente pelo mundo a decima persecução contra Christãos, que durou dez annos, e foi maior, e mais cruel, que nhuma feita antes, nem depois, e antre muitos emxuqtores, que a esso mandou por totalas Provincias, enviou Daciano em Espanha o qual estando em a Cidade de Valença, tanto que soube da vida de S. Valerio, e S. Vicente, e da doutrina de Christo, que ao povo pré-gavam, os fez trazer ante si, preguntando-lhes, e emque-rendo com gram sanha, e ameaços pelas obras que faziam, e pré-gavam, e S. Valerio por ser já velho, e empachado da fela, como dito é, começou a responder manço, e de vagar.

Disse então S. Vicente a S. Valerio: «Padre não cumpre aqui resposta que seja emcolheita, mas se mandardes eu responderei a este Juiz». S. Valerio respondeo: «Pras-me filho, que como sabes dias ha que te tenho minhas vezes cometido». Então S. Vicente respondeo, e falou a Daciano com tanto fervor, e cons-

tancia pela Fé de Christo, que Daciano mui irado o mandou fortemente atormentar mudando-lhe, e dobrando-lhe, (a fim de o tirar de Christo por muitos dias) os tormentos, taes, e tantos, quanto crueza so-beja muito podia sobejamente inventar e fazer, sem ficar nhum que se possa cuidar, os quaes por brevidade, dizer escuzo. Vendo-se Daciano com todos seus tormentos, perante todos vencido, e S. Vicente cada vez em elles mais vencedor, e glorificado, receando, que se por então morresse nos tormentos leixaria de si maior gloria, mandou que o lançassem em sua cama mui mole, e curar muito bem delle, para depois de convalecido lhe renovar novas dores, e chagas, e assi por continuação de tormentos faze-lo render; mas elle jazendo naquella preciosa, e não caridosa cama, deu a Alma a Deos, que como sua a levou para si, e a quiz haver por escuza de mais exames, nem provas de virtudes.

Sabendo sua morte Daciano ainda então se não doeu delle, se não de sendo vivo lhe ser tolhido sua crueza, dizendo: «Pois em vivo o não venci, morto o vencerai, e desfarei». Mandou então lançar o Corpo ás aves, e animalias, que o comecem, onde houve pelos Anjos tão guardado, que nhuma lhe poz boca, antes de Corvos que al não buscavam, foi um visto guarda-lo, e defende-lo, o que sendo dito a Daciano, disse com a mesma sanha, e crueza dantes demais: «Se nem morto o poderei vencer». Então mandou atar uma grande mó ao Corpo, e lanca-lo no mar para debaixo do mar ser escondido, e desfeito, quem sobre a terra não pudéra; mas o Corpo de S. Vicente milagrosamente veio até á terra primeiro que o mesmo barco, que o foi deitar, e alli por sua revelação foi sabido e recolhido seu Corpo dalguns Christãos, que o devotamente enterraram, fazendo ahi sempre mui-

tos milagres. Padeceo depois de N. Senhor duzentos e oitenta e sete annos (287). Deste Martyre precioso falam muitos Doutores, mui grandes louvores, antre os quaes diz delle Santo Agostinho: «Oh Bemaventurado Vicente, verdadeiramente venceste: venceo nas palavras, venceo nas penas, venceo queimado, venceo alagado, venceo vivo, venceo morto».

CAPITULO XX

Como o Corpo de S. Vicente foi trazido ao Cabo que se ora chama de S. Vicente, e como El-Rei D. Affonso o foi lá buscar, e não o podendo achar se tornou para Coimbra.

CONTAM as Estorias dos Arabigos, que andando a era dos Mouros, em cento e trinta e cinco annos, se levantou nas Espanhas um poderoso homem, a que chamavam Abdenamer, o qual começou a conquistar, e sobgigar por Espanha assi Mouros, como Christãos, não achando Santuario de Christãos, que não destruisse, nem ossos de Martyres, que não queimasse, e andando nesta conquista foi ter a Aragão, e a Valença, e os homens que tinham o Corpo do Martyre S. Vicente, quando souberam de sua vinda, e do que fazia ás Reliquias, e Corpos dos Santos, houveram seu accordo de fogirem com elle, para terra onde fosse guardado; aprouve a N. Senhor de os guiar áquelle Cabo chamado ora de S. Vicente, como acima se diz, para o seu Corpo alli ser enterado, e escondido, e aquelles homens bons que o trouxeram, estiveram continuadamente com elle até que por alli chegou um Cavalleiro Mouro, que morava na-

quella terra dos Algarves, natural do Reino de Fês a que chamavam Albofacem, e contam as Estorias em como elle disse, que andando por alli de noite achára certos homens guardando aquelle Corpo, os quaes matara, e leixara o Corpo.

El-Rei D. Affonso ouvindo o conteudo nesta Estoria com o que lhe tinham falado e affirmado os dous velhos Moçaraves de como estiveram no mesmo lugar, onde jazia o Corpo de S. Vicente, teve Conselhò com os seus em que modo o poderiam haver, e acordaram que fizessem tregua com os Mouros, e por tempo certo. Ellas feitas El-Rei D. Affonso partio de Coimbra para aquelle lugar, com tanto desejo, e devação, que apagava em seu coração todo receio, trabalho, e perigo que nisto corria, e chegando lá fez buscar com grande deligencia o Corpo, e nunca o pode achar por N. Senhor ter ordenado, que o Jazigo deste glorioso Martyre fosse na Cidade de Lisboa onde agora jaz, a qual ainda então era de Mouros. Quando El-Rei D. Affonso vio que não podia achar este Santo Corpo, como quer que muito lhe pezasse, remeteu seu pezar á vontade de Deos, que por então parecia ser aquellà, e dali tornou-se para Coimbra.

CAPITULO XXI (*)

Do recado e embaixada que o Papa mandou pelo Bispo de Coimbra a El-Rei Dom Affonso Henriques sobre a prisão de sua mãe, e o que nisso passou com o Bispo.

DEPOIS disto, estando El-Rei D. Affonso Henriques em Coimbra, sua Mãe se enviou muito querelar ao Santo Padre da prisão em que a tinha seu filho tantos tempos havia; e o Padre Santo teve aquella cousa por estranha e muito mal feita, e determinou de mandar a Portugal sobre isto o Bispo de Coimbra que então lá estava em Roma, dando-lhe cartas e grandes mandados para El-Rei D. Affonso que tirasse sua mãe da prisão, e não o querendo assim cumprir fosse interdito posto em todo o reino.

Partio-se o Bispo para Portugal, e veio a El Rei, ao qual depois de dar as letras do Santo Padre e dizer sua embaixada, El-Rei disse ao Bispo: «Que tinha o Santo Padre de fazer em elle ter sua mãe preza? Que fosse bem certo que nem por mandado do Papa nem d'outro nenhum elle em modo algum a soltaria, porque o havia assim por mais serviço de Deos e bem de seu Reino.» Quando o Bispo vio que outro recado não podia nem esperava achar em El-Rei, trabalhou-se de cumprir o que o Santo Padre lhe tinha mandado, e então excummungou toda a terra e partiu-se de novo fugindo.

Quando veio pela manhã disseram a El-Rei que era

(*) Os capitulos XXI a XXIV da presente edição, foram os cortados na de 1726.

excommungado e toda sua terra, do que sendo mui irado se foi á Sé, e fez entrar todos os Conegos no Claustro em Cabido, e disse-lhes: «D'entre todos me dai um Bispo». Elles responderam todos: «Bispo temos; como vos daremos outro Bispo?» Disse El-Rei: «Esse, que vós dizeis nunca aqui será Bispo em todos meus dias; mas pois assim é, sahi-vos todos pela porta fora, e eu catarei quem faça Bispo». Elles sahiram-se, e El-Rei vindo pela Claustro vio vir um clerigo que era negro, e disse-lhe: «Como has nome?» O clerigo respondeu: «Hei nome Martins».—«E teu pai como se chamava».—Colleima disse elle. El-Rei perguntou-lhe: «E's bom clerigo, ou sabes bem o officio da Igreja?» E elle respondeu: «Não ha ahi melhores dous na Hespanha, nem que o melhor saibão». Então disse El-Rei: «Tu serás Bispo Dom Colleima, e ordena logo como me digas Missa». «Senhor», disse elle «eu não sou ordenado como Bispo, para vo-la poder dizer». Acudio El-Rei: «Eu te ordeno como Bispo, que m'a possas dizer, e aparelha-te como logo m'a digas, senão eu te cortarei a cabeça com esta espada». E o clerigo, com medo, revestio-se para dizer Missa solememente como Bispo.

Sabido este feito em Roma, cuidaram que El Rei era herege, e enviou-lhe o Papa um Cardeal que lhe ensinasse a fé.

CAPITULO XXII

Aqui falla Duarte Galvão autor como este feito d'El-Rei D. Affonso Henriques, e outros semelhantes, nos bons principes devem ser julgados.

A novidade que esta cousa assim feita por El-Rei D. Affonso Henriques assim poderá parecer a quem quer que a ler e ouvir, como pareceu naquelle tempo, me faz haver por necessario, antes que mais por ella prosiga, fazer alguma salva deste caso por trazer comsigo mostra de exorbitancia. No que certo, assim como se não pode negar cousas de tal modo feitas serem fóra do que os homens devem, assim se não pode deixar de confessar o modo e maneira do Rei ser mui fóra dos outros homens; que o Rei não é Rei per si nem para si, e para obrar e se salvar, outro ha de ser o caminho do Rei, outro o do frade. E pois o coração do Rei é na mão de Deos e onde Deos quer o inclina, segundo diz a sagrada Escripura, como se deve crer nem cuidar que Rei catholico e virtuoso faça nenhuma cousa semelhante fora da vontade e querer de Deos, ainda que seja fóra da vontade e parecer dos homens? Que assim como Deos, sem nosso saber, nos leva muitas vezes por onde não queremos ao que mais devemos querer, assim é de cuidar que dispensa occultamente, sempre porem justamente, como se faça ás vezes o que parece que não deve ser, porque venhamos ao que elle quer e ordena que seja.

Ordenava Deos e queria constituir e estabelecer Portugal reino para muito misterio de seu serviço, e exalçamento da santa fé; como elle seja louvado se manifestou e cada vez mais manifesta, no que com

muita razão pôde tambem entrar este feito d'El-Rei D. Affonso Henriques em fazer assim este bispo como figura já então prognosticada do grande misterio que só por mão de seus successores Nosso Senhor adiante ordenava, que as gentes tinctas das Ethiopias e Indias, e outras terras novamente por sua navegação e conquista achadas, viessem a entrar e ser mettidas na fé de Christo; e isto tanto pela ventura por Deos querido e figurado então neste um negro assi tomado e metido no seio da Santa Madre Igreja, — quanto agora a seu muito louvor se vê manifestado e comprido em mui e muitos outros, por mão dos successores de quem aquillo fêz. Assim que era El-Rei D. Affonso posto então nos começos destas cousas, tendo Castella por contraria e pelo seu respeito por ventura o Papa, e pois lhe Deus para isso tirava e desfazia os impedimentos, e chegava todos os bens e ajudas, como não creremos que dispensando com a ordem que deu geralmente entre os homens, inspirasse no coração de El-Rei D. Affonso que houvesse por bem fazer assim por então aquellas cousas, e as fizesse; quanto mais perseverando elle depois no preposito dellas sem mostrança d'arrependimento, como cousa que assim mais compria ao misterio que se de Portugal ordenava, que era constituir-se Reino, e constituido accrescentar-se, e accrescentado conservar-se, sem ter dever com impedimentos humanos contrarios a tal disposição e juiz divino?

Tem a igreja por Santas, e faz festa a certas mulheres que se matarão, por em seus corpos não consentirem corrompimento, e ha por salvo Santo Sansão, que tambem se matou, e outros muitos comsigo; havendo a Igreja por certo que o virtuoso coração destes não podia obrar tamanho mal como é matar-se, senão pelo instincto de Deos inspirado. Quanto mais

deve cuidar e crer em menos erro de Reis virtuosos por Deos mui ajudados e prosperados sendo pessoas publicas postas nos reinos para bem dos reinos por Deos, e nas mãos de Deus mais que nenhuns outros homens; e posto que por ventura se veja ou leia, que cousas assim feitas não carecerão neste mundo de alguma punição, é de cuidar que ordena Deos isso por que se conserve todavia proposito e exemplo do que geralmente mandou que se fizesse, maiormente não sendo as tribulações e penas deste mundo condenação para o outro, mas provação ou mezinha por de um muito bom rei fazerem ainda melhor, dando-lhe azo e cauza de mais lembrança e conhecimento de Deos e da virtude. Porque, como diz S. Gregorio, os males que neste mundo nos apressão para Deos nos empuxão; pelo qual os semelhantes casos em principes Catholicos e virtuosos, como era El-Rei D. Affonso Henriques, não os queiramos assim ligeiramente julgar, que não remetamos o intrinseco delles áquelle Supremo Saber do Senhor Deos, por cuja providencia se não faz nada neste mundo sem causa, e assim não nos fará novidade nem espanto lê-los nem ouvi-los.

CAPITULO XXIII

Como o papa mandou um Cardeal a D. Affonso Henriques sobre a prisão de sua mãe e sobre o Bispo que elle fizera, e do que entre elles se passou em Coimbra.

QUANDO as novas chegaram ao Santo Padre de como El-Rei D. Affonso Henriques não queria obedecer a suas cartas e mandados para soltar sua mãe, e fizera assim aquelle Bispo da maneira que se disse, o Santo Padre, e toda a Côrte, teve que elle era Herege, e propozeram de lhe enviar um Cardeal, que o ensinasse e mostrasse a fé, e corrigisse de quaesquer erros que tivesse. O qual veio pelas Côrtes dos Reis de Hespanha, que sahião a recebe-lo mui honradamente. E vindo já o Cardeal perto de Coimbra onde El-Rei estava, vieram alguns fidalgos a El-Rei e disserão-lhe: «Senhor, aqui vos vem um Cardeal de Roma por estardes em desprazer e descontentamento do Papa por este Bispo que fizestes.» Disse El-Rei. «Ainda me não arrependo.» Elles proseguindo mais avante pela nova do Cardeal, disseram: «Senhor, todos os Reis por cujas terras vem, segundo se diz, lhe fazem quanta honra podem, e provão para lhe beijarem a mão.» Disse então El-Rei: «Não sei Cardeal nem Papa que a Coimbra viesse, e me tendesse a mão para lh'a beijar em minha casa que lhe eu não cortasse o braço pelo cotovello com esta espada, e disto não podia escapar.»

Estas palavras soube o Cardeal em chegando a Coimbra, e tomou grande receio, e El-Rei não quiz sahir fóra a recebê-lo. O que logo o Cardeal teve a

mão sinal, e portanto em chegando se foi direito a Alcaçova onde El-Rei pousava. Alli o recebeu El-Rei mui bem e disse-lhe: «Pois, Cardeal, a que viestes a esta terra, ou que riquezas me trazeis de Roma para estas hostes que tão a miude faço de dia e de noute contra Mouros? Dom Cardeal amigo? Se vós por ventura me trazeis algo que me dês, dai-mo, e se me não trazeis nada, tornai-vos vossa via.» «Senhor,» disse o Cardeal: «Eu sou vindo a vós da parte do Santo Padre para vos ensinar a fé de Christo.» Respondeu então El-Rei: «Certo assim temos nós outros cá bons da fé nesta terra como vós lá em Roma, e portanto bem sabemos como o Filho de Deos encarnou na Virgem Maria e della nasceo, e isto por obra do Espirito Santo, e como morreo na cruz por remir a geração humanal e descendeu aos infernos, e ao terceiro dia resurgiu não mortal, e que o Padre e o Filho e o Espirito Santo são Tres Pessoas realmente distinctas em uma só essencia. Esta fé temos e cremos firmemente tão bem como vós lá em Roma; pelo qual não havemos por agora mister de vós outra doutrina nem ensino. Mas deem-vos agora essas cousas que houverdes mister, e de manhã, se Deos quizer, eu e vós fallaremos.»

Foi-se então o Cardeal para a pousada, e mandou logo pôr cevada ás bêstas, e tanto que foi meia-noute mandou chamar todos os clérigos da cidade e excomungou a cidade e todo o Reino, e cavalgou, e foi-se da guisa que ante manhã andou duas legoas.

CAPITULO XXIV

Como El-Rei D. Affonso Henriques sabendo a partida do Cardeal escondida, cavalgou a pòs elle, e do que depois de alcançado com elle passou.

LEVANTOU-SE El-Rei ao outro dia pela manhã, e disse a seus cavalleiros: «Vamos ver o Cardeal.» Disseram elles: «Senhor, ante manhã se foi daqui, e deixou excommungado a vós e a toda vossa terra.» Disse assim El-Rei: «Sellem-me á pressa tal cavallo:» e cingio sua espada, e cavalgou a grande pressa quanto pode apòs elle. Seguião-o todos, mas elle, segundo era melancholico, não quiz esperar por ninguem, e foi alcançar o Cardeal em um lugar que chamão a Vimieira, a par de Poiares, caminho da Beira, e como chegou a elle lançou-lhe mão do cabeção, e com a outra tirou a espada, e alçou o braço com ella, dizendo: «Dá a cabeça, traidor,» querendo-lh'a cortar. Disserão quatro cavalleiros, que ahi chegarão com elle: «Senhor, por mercê não queiraes tal fazer, que se matardes este Cardeal cuidarão de todo em todo que sois herege.» Disse então El-Rei: «Por essa palavra que ora dissestes, vós lhe daes a cabeça; mas pois assim é, disse El-Rei, Dom Cardeal, ou vós desfazei quanto fizeste, ou cá vos ficará todavia a cabeça.» «Senhor» disse o Cardeal «não me queiraes fazer mal, e toda a cousa que vós quizerdes eu a farei de boa mente.» «O que eu quero que vós,» disse El-Rei «façaes, é que descommungaes quanto excommungastes, e que não leveis daqui ouro, nem prata, nem bestas senão tres que vos abastarão, e mais que me envieis uma letra de Roma que nunca eu nem Portugal em meus dias seja excommungado,

que eu o ganhei com esta minha espada. E isto quero de vós por agora, e porem vós deixareis aqui este vosso sobrinho filho de vossa Irmã, em prenda até que a letra venha, e se ella até quatro mezes aqui não fôr que eu lhe corte a cabeça.» A tudo, disse o Cardeal que lhe aprazia, e assim ficou de fazer. Então lhe tomou El-Rei quanta prata e ouro lhe achou e béstas, e não lhe deixando mais de tres que levasse, e disse-lhe: «Ora, Dom Cardeal, ide-vos ahi vosso caminho, que este é o serviço que eu de vós quero, e todavia venha a letra.» E isto acabado ante que se o Cardeal partisse tirou El-Rei a capa pelle, e despio-se todo e mostrou muitos signaes de feridas que tinha pelo corpo e disse: «Cardeal como eu sou herege bem se mostra por estes signaes, que eu houve estas em tal peleja e tal, e estas em tal cidade ou villa que tomei, e todas por serviço de Deos contra os inimigos de nossa fé; e para isto levar adiante vos tomo este ouro e prata, porque estou muito mingoado e me faz mister para mim e para os meus.» Foi-se então o Cardeal, e El-Rei tornou-se a Coimbra. Por estas muitas feridas que El-Rei assi mostrou ao Cardeal, se pôde conhecer quanto maiores forão seus feitos e valentia do que se achão escriptos, porque em nenhum cabo faz a historia menção que fosse ferido nem uma só vez de tantas nem em que lugar.

Mandou El-Rei logo um escudeiro á Corte de Roma a saber lá o mais encubertamente que pudesse que era o que o Papa e Cardeaes lá dizião delle por estas cousas que fazia. E o escudeiro partiu e andou de tal pressa que chegou primeiro que o Cardeal. A cabo de dias escreveu este escudeiro a El-Rei D. Affonso uma carta que elle mostrou e fez lêr a esses do seu Conselho, na qual dizia que quando o Cardeal chegára de Portugal, e o Papa soubéra como hia, lhe

perguntou como passára com El-Rei D. Affonso ; e o Cardeal lhe contou como lhe acontecera com elle, e como lhe ficára de lhe enviar a letra acima dita. O Papa lhe reprehendera muito por isto, dizendo que tal cousa como aquella lhe não pertencia, sómente á Sé apostolica, nem era dado a elle nem a outro nenhum prometter nem ficar por tal caso. — «Senhor Santo Padre!» disse o Cardeal: «Eu não digo letra, mas se a cadeira de S. Pedro fôra minha eu lh'a deixára e déra de boa mente por escapar de suas mãos; que se vós vireis sobre vós um cavalleiro, tão forte e tão espantoso como elle é, ter-vos uma mão no cabeção, e outra alçada para vos cortar a cabeça, e o seu cavallo não menos alvoraçado, ora com uma mão ora com outra cavando a terra, parecendo que já me fazia a cova, vós dereis a letra e o Papado por escapardes da morte; e portanto me não deveis de culpar.» Então lhe outorgou o Papa a letra na maneira que o Cardeal quiz, e mandou-a a El-Rei antes dos quatro mezes. E El-Rei lhe mandou seu sobrinho mui honradamente como compria dando-lhe muito. E por causa disto foi depois este Cardeal sempre tanto amigo d'El-Rei D. Affonso que todas as cousas que elle havia mister da Côte lh'as fazia e acabava com o Papa.

E fêz El-Rei D. Affonso em quanto viveo arcebispos e bispos em sua terra quaes elle quiz; e a carta que lhe enviou o seu escudeiro mandou ao seu escriptorias que assentasse e escrevesse no livro das Historias.

Ora torna a historia a El-Rei Ismar que veio a tomar Leiria.

CAPITULO XXV

Como depois desto El-Rei Ismar que foi vencido no campo Dourique veio tomar Leiria, e o Prior de Santa Cruz de Coimbra foi a Alentejo, e tomou Arronches, e como El-Rei D. Affonso tornou outra vez a tomar Leiria aos Mouros.

EL-REI Ismar, que foi vencido no Campo Dourique, por El-Rei D. Affonso Anriques como já dissemos, tendo sempre grande vontade em guerrear Christãos, em especial depois de haver aquelle grande desbarato, ajuntou muitas gentes, e veio-se a Santarem, e dali partio levando consigo a Euzari que era Alcaide da Villa, e correo a terra, até chegar a Leiria, a qual combateo tão fortemente, que entrou por força matando os mais dos Christãos que hi acharam, e levando cativo Paio Goterres, que o Prior de Santa Cruz ahi leixára por Alcaide, e depois de leixarem Mouros no Castello, e Villa, que a bem mantivessem, e guardassem, tornaram se logo para suas terras, fazendo tudo esto com tanta preça, e trigança, que El-Rei D. Affonso estando em Coimbra não teve tempo para soccorrer, e vir á batalha com elles.

Foi tomada Leiria del-Rei Ismar era de N. Senhor de mil cento e quorenta annos (1140). Quando o Prior de Santa Cruz a que chamavam Theotonio homem ante Ei-Rei muito estimado, vio tomada Leiria, que lhe El-Rei D. Affonso com muita devação, e vontade tinha dado, tomou em si grande pezar, e partindo-se do Moesteiro, foi-se a guerrear ás terras de Alentejo, que os Monros pessuiam, onde tomou a Villa de Arronches, e em quanto assi o Prior lá andou guerreando, El-Rei D. Affonso tendo grande pezar por se assi

tomar Leiria, ajuntou outra vez gente, e foi sobre ella, e Deos que sempre o ajudava em todos os seus feitos, lhe deu tão boa esqwença, que por força a tornou a tomar, posto que os Mouros a mui bem defendessem. E esto foi quatro dias por andar de Fevereiro era do Senhor de mil cento e quorenta e cinco annos (1145) e porque vio o Prior a quem elle dantes dera a Villa lha não guardára bem, poz em ella, e no Castello tal guarda, como compria para sua defensão, que lha não podessem assi os Mouros outra vez ligeiramente tomar, e tornou-se a Coimbra.

CAPITULO XXVI

Como El-Rei D. Affonso tornou a dar Leiria ao Prior de Santa Cruz, e assi tambem Arronches, em todo o espiritual, ficando o temporal com os Reis de Portugal, e como El-Rei cazou com Dona Mofalda filha do conde D. Anrique de Lara.

ACABO de dias, estando El Rei D. Affonso em Coimbra chegou o Prior de Santa Cruz, e disse a El-Rei: «Senhor vós déstes a esta vossa Egreja a Villa de Leiria quando a tomastes aos Mouros, e com quanto eu fiz para ella ser guardada todo o que bem podia, e devia, porém por nossos peccados foi tomada de Mouros como se vio, pelo qual eu tomei tanto nojo, que me fez leixar o modo de meu viver ordenado, e tomar vida de andar em guerra, no que me ainda Deos ajudou tanto que tomei a Villa de Arronches, e ora Senhor somos aqui ante vós, eu, e meus amigos, o feito de Arronches, e Leiria todo pomos em vossas mãos». El-Rei havendo sobre esso con-

celho, e vendo como os negocios temporaes não convinham a tal Habito, e religião, maiormente em feitos de geerra, teve por bem que todo o espirital destas Villas ambas, fosse de Santa Cruz, e o temporal ficasse sempre aos Reis de Portugal.

Estando assi El-Rei D. Affonso com mui grande honra, e fama em Coimbra, foi-lhe cometido o casamento com Dona Mofalda Anriques filha do Conde D. Anrique de Lara, e a elle aprouve-lhe muito de cazar com ella por estes respeitos, primeiramente por a Caza de Lara ser havida, por a mais alta linhagem de Espanha, esso mesmo porque em toda Espanha, não havia molher nhuma de linhagem de Reis a que elle não fosse mui chegado em parentesco, tambem por ella ser muito fermosa, e dotada de muitas virtudes, e bondades, e por tanto tomou mui grande contentamento deste casamento, o qual foi feito em Coimbra, era de N. Senhor de mil cento e quorenta e seis annos (1146) havendo já sete annos que fora levantado por Rei, e fazendo cincoenta e dous annos de sua idade, e por se não achar escrito nada das cousas, que se neste casamento fizeram, nem como foram, se não poz aqui mais, que sómente cazar El-Rei, e o tempo em que cazou, pelo qual passando por esto, falaremos, como se El-Rei moveo depois para tomar a Vila de Santarem.

CAPITULO XXVII

Das bondades da Villa de Santarem, e seu termo, e como El-Rei D. Affonso propoz, e ordenou em sua vontade de a tomar, e a tomou.

Ao tempo que os Mouros a que em Arabigo chamam Miçamidas entraram por Espanha, e destruíram a Cidade de Sevilha na era do Senhor de mil cento quarenta e sete annos (1147) estava El-Rei D. Affonso em Coimbra havendo já oito annos que depois de alçado por Rei reinava, o qual havia muito que tinha grande vontade, e desejos de tomar a Villa de Santarem a uma, por della se fazer muita guerra, a toda sua terra, a outra por ser a melhor Villa do Reino, pela nobreza, e abastança de seu assento, que da parte do Oriente a vista dos homens não se pôde faltar de ver a fermosura dos campos mui chãos, abastados de muito pão, correndo por elles o grande, e mui nomeado Rio do Tejo, esso mesmo ao Occidente, e ao meio dia desfallece a vista dos olhos em o ver espaçoso, e ao Norte contra os Montes, grande avondança de vinhas, e olivæes, pelo qual falando muitas vezes El-Rei D. Affonso em seu deleitoso, e abastado assento em totalas cousas, chamava-lhe Paraíso deleitoso; era El-Rei mui magoado, e todo penoso em seu coração por a ver em poder de Mouros, e não poder toma-la, com quanto trabalho já tomára sobre ella, porque a Villa não era tão grande de manter, nem defender, aos que dentro estavam, nem tão pequena, que se pudesse furtar de poucos, além desto, era mui forte de muro, e torres, e barreira da parte do Occidente a que os Mouros chamam Alfão, porque parecia deste cabo cham, em respeito do outro

cerco que é sobre barrocas mui altas, e da parte do Oriente fizeram os Mouros carretar tanta terra aos Christãos que tinham cativos, com que encheram de fundo acima, e fizeram um oiteiro de tal altura, que lhe puzeram os Mouros nome Alarfa, que quer dizer couza ingreme, e temerosa, porque lançavam por alli os que eram condenados por sentença á morte, e iam os corpos mortos ter ao fundo á ribeira do Tejo, e da parte do Sul por rezão da propriedade da terra esbarrodada que seubre chamavam Alfange, que em Portuguez soa quebrada, e não se podia por alli haver entrada ao lugar, se não por recaios, e da parte do Norte não menos está afortalezado, pela grande altura do Monte que é pedregoso, e aspero, pelo qual assi pela grande Fortaleza da Villa, que por nhuma maneira de engenhos se podia combater, como pelo grande percebimento de muito boa gente, e mantimentos que dentro havia, não podia El-Rei D. Affonso haver modo de a tomar, nem remedio para tolher a grande guerra, que já de gram tempo desta Villa se fazia a Coimbra, e a outros seus lugares.

Ajudava muito a Fortaleza da Villa, a defficultdade para se poder tomar a grandeza das aguas do Tejo, que por junto corre, porque quando lhe El-Rei punha guardas de uma parte, se passavam com seus gados para a outra, demais que estes campos eram tão cheos de pavez, e insoas, nem se podiam andar, se não por barcas em tempos certos : por onde a Villa era tão grave de filhar, que seu avô El Rei D. Affonso de Castella nunca a pudera tomar, senão por fome, nem esto mesmo Cid Rei Mouro, nem Abderazaca que teve o senhorio della trinta e quatro annos, o que parecerá cousa muito de maravilhar quando se ouvir, que semelhante Villa foi tomada por El-Rei D. Affonso Anriques com tão pouca gente, e como quer que elle cui-

dasse muitas vezes em seu pensamento como a poderia tomar por força, ou por algum despercebimento, aquelles com que esta cousa comunicava, representavam-lhe sempre duvidas, de muito grande perigo, e receço.

CAPITULO XXVIII

Como El-Rei D. Affonso Anriques fazendo tregoa com os Mouros de Santarem mandou lá a D. Mem Moniz a espiar a Villa, e do conselho que teve com os seus para ir sobre ella.

DUVIDOSO El-Rei D. Affonso Anriques nesta maneira de poder tomar a nobre Villa de Santarem, assi pelas duvidas que punham esses com que falava, como pela grande defculdade que desse mesmo feito parecia, com todo seu grande animo, que sempre em Deos esperava, e a nhumas defculdades se rendia, determinou toda via de trabalhar sobre isso, e fazendo treguas com os Mouros, por certo tempo, mandou D. Mem Moniz sabedor de todo este negocio, e conselho lá, para que visse, por qual parte, se podia a Villa furtar, e entrar mais descansado, e seguramente, o qual indo lá, e assentando a tregua espiou todo mui bem, como homem mui avizado, e de grande engenho, e esforço que era, e da tornada falou com El-Rei em segredo fazendo-lhe o caso possivel, prometendo-lhe que elle seria o que fosse diante, e dos primeiros que no lugar entrassem, e poria a sua bandeira sobre o muro, e quebraria as fechaduras das portas, e assi o fez depois, porque era tão bom Cavalleiro, de sua pessoa, e para tanto, que para servir El-Rei, e cumprir sua Cavallaria, todas

cousas lhe pareciam mui ligeiras, e seguras de perigo.

El-Rei foi mui ledo com seu recado, e esforço, porque entendia, fazendo-se como D. Mem Moniz dizia, a Villa poderia tomar, não sendo primeiro descoberto, e tanto lhe pareceo que cumpria ser feito com grande segredo, que não quiz falar esta cousa aos de seu Conselho, em seu Paço, receando-se de poder ser em algum modo ouvido, antes foi um dia a folgar ao campo chamado Arnado, e alli apartou D. Lourenço Viegas, e D. Gonçalo de Souza, e D. Pero Paes seu Alferes, e outros, e contou-lhes todo seu intento, e proposito do que quèria fazer, mandou-lhes que o tivessem em mui grande segredo sobpena de morte, em tal guiza, que ninguem o podesse entender, em quanto alli estivessem, nem á partida, e o conselho acabado, tornou se El-Rei para o Paço, e vindo pela rua da figueira velha chegando á Praça disse uma velha regateira contra as outras: «Quereis vós saber, o que El-Rei com aquelles seus companheiros falou» disseram ellas: «Que falou?» Falou disse ella, «como fossem furta Santarem». El-Rei que passando ouvio tudo, e vendo todos aquelles com que falara esta cousa ir consigo diante sem nunca se apartarem delle, foi assi maravillhando-se até o Paço, e como descavalgou chamou os todos, e disse-lhes: «Não atentastes no que disse aquella velha, certo se algum de vós se apartára de mim, eu cuidava que fora descoberto por elle, e lhe mandara por ello cortar a cabeça, sem o merecer».

CAPITULO XXIX

Como El-Rei D. Affonso Anriques partio com sua gente para ir tomar Santarem, e do voto que fez no caminho a S. Bernaldo, o qual naquella hora lhe foi revelado lá em França, onde estava.

DEPOIS deste fez El-Rei prestes sómente os seus continuos de sua caza, e alguns poucos de Coimbra, com Gonçalo Gonçalves, e assi mantimentos que lhes abastassem, e ante que partisse foi-se ao Moesteiro de Santa Cruz a falar com aquelle devoto homem Prior do Moesteiro em que elle tinha grande e singular devação, e encomendou-lhe sua alma, e seu estado, assi como houvesse de partir deste mundo, dizendo-lhe todo o que tinha ordenado para ir fazer, e quando havia de ser, encomendendo-lhe muito afincadamente que naquelle dia com seus amigos rogasse a Deos de vontade que o quizesse ajudar naquelle feito a que iam por seu serviço, e que esta couza tivesse em grande segredo. Então se partio El-Rei uma segunda feira não sabendo ninguem para onde iam ; salvo aquelles a que o comunicara, e levaram o caminho tão revessado, e encuberto que os Mouros não houveram novas delles, e vieram aquelle dia poer as tendas em Alfasar, esta foi a sua primeira jornada, ao seguinte dia partiram, e foram dormir a Codornellos, e dali mandou El-Rei a Martim Mohaz que fosse dizer aos Mouros de Santarem que elle levantava a tregua da li em diante, e que a paz dantre si, e elles, fosse quebrada até tres dias, que segundo costume daquelle tempo, cada um podia engeitar a tregua a seu imigo quando lhe aprovesse, com tanto que lho fizes-

se primeiro saber. Martim Mohaz foi, e depois de cumprir o mandado que levava, tornou á quarta feira a Aldeguas, onde El-Rei estava, o qual partio da li, e indo pela serra Dalvãrdos acertou-se que D. Pedro irmão bastardo del-Rei, que fora já em França, ia falando com elle dos muitos milagres, que naquella terra Deos fazia pelo Abbade S. Bernaldo que então era vivo, e como lhe Deos outorgava toda couza que lhe pedia.

Então El-Rei movido a devação pelas couzas que lhe seu irmão assi contava, disse : «Eu á honra, e louvor de Deos, prometo que se me elle Santarem quizer dar, por sua piedade, e pelos rogos do Bemaventurado S. Bernaldo, que vós dizeis, e eu lhe dê toda esta terra para a sua Ordem quanta vejo daqui até o mar, e que faça um Moesteiro em que Frades da sua Ordem vivam a serviço de Deos, e porque ella seja mais acrecentada». E segundo conta a Lenda de S. Bernaldo, tanto que El-Rei fez este voto, logo lhe a elle foi revelado lá em França, onde estava esta promessa del-Rei, e como havia de tomar Santarem aos Mouros, e em como aquelle Moesteiro que El-Rei prometera de fazer seria mui nobre, e abastado de totalas couzas, segundo depois foi, e é agora um dos grandes, e ricos Moesteiros da sua Ordem que ha na Christandade.

Tanto que o Abbade S. Bernaldo assi houve esta revelação mandou logo tanger a Cabido, e todos os Monges juntos, lhes contou o que lhe fora revelado, então todos cantando: «Te Deum Laudamus», foram á Egreja dar graças a Deos, e mandáram logo partir certos Monges para Portugal com livros da sua regra, e ordenança, e os que quizessem, viessem para alli, os quaes em se começando a obra do Moesteiro, vieram hi ter, e tomaram posse pela ordem da Doação que

Ihe El-Rei fizera, começando hi de viver, segundo sua Regra com muito acrescentamento, o qual a N. Senhor aprouve que fosse sempre depois, e agora neste tempo.

CAPITULO XXX

Como El-Rei D. Affonso Anriques descubrio aos seus que iam sobre Santarem, e das rezões que disse a todos.

NA serra Dalvados, que acima dissemos, esteve El-Rei a quinta feira até noite, e dahi abalaram ao serão andando toda a noite, até a mata que está sobre Pernes, onde chegaram sexta feira amanhecendo, então concirou El-Rei que era bem descobrir a todos seu desejo, e ao que iam, e fez-lhe uma falla nesta maneira: «Meus bons Cavalleiros, e amigos, mais verdadeiramente, que a outros nhuns se ha de chamar, bem sabeis quantos trabalhos, e fadigas comigo, e sem mi padecestes por azo desta Villa de que ácerca estamos, e quanta guerra, e males tem feitos á nossa Cidade de Coimbra, e a todo meu Reino por muito tempo, pelo qual detreminei de a vir com vosco escalar, e tomar, como em Deos espero, e ainda que parece necessario chamar mais gente para isso, e seja certo que me viera de mui boa vontade, porém não quiz, nem escolhi mais que vós soes, em que sempre puz, e ponho meus conselhos, e fadigas, e cuja lealdade, e valentia, em muitos perigos meus conhecida me deu sempre de vós, tal, e tão firme confiança, que com a graça de Deos, ei já por feito o que vimos a fazer, alem desto vejo em vossos gestos, e

continencias não menos sentirdes, e dezejardes, esta couza que eu mesmo, o que me cauza tanto prazer, que já me não parece termos nisto mais pejo, que a detença deste dia, que passe azinha, para com a graça de N. Senhor nos irmos a noite seguinte apossentar dentro na Villa, e o que tenho cuidado para se esto mais ligeiramente fazer, escolham-se cento e vinte de nós, para dez esquadras partidos a cada uma doze, que logo no primeiro sobir, se achem não menos de dez sobre o muro, e assi se dobre cada vez o conto da gente.

Os primeiros que sobirem alevantem logo minha bandeira, para esforço dos nossos, e esmaio dos imigos se espertarem do sono, e a poz esto quebrai as fechaduras das portas, e assi a volta, e estrondo, dos que pela porta entrarem, ajuntados com os de dentro esmaiarão mais os imigos, em cuja matança de homens sahidos do sono, uns, e desarmados, bem vedes quam pouco ha de fazer. Vós a nhum pessoa não perdociis, nem deis vida, nem a homem, nem a mulher, moço, nem velho, de qualquer idade, e qualidade, todos andem á espada, e esto fazei com grande e trigozo esforço, que Deos será ahi em nossa ajuda, para cada um de nós matar cento delles, e hoje, e á menhá fazem por nós oração geral o Prior, e todos os Conegos do Moesteiro de Santa Cruz, a que eu ante que partisse notifiquei o que vinhamos fazer, e assi tambem a Cleresia, com todo o povo, e por que lhes disse que tinha trafo, e intelligencia na Villa, para nos dentro receberem, me perdoe Deos esta mentira, que ácite lhe disse, porque lhe esforçasse os corações, e vontades; assi meus amigos vos esforçai, e peleijai como sempre fizestes, lembrando-vos o que fazeis por Deos, por mi, e por vós, por vossos filhos, e netos, hi serei eu, e me verei com vosco, que não pôde haver afron-

ta, nem perigo, que a viver, e morrer me aparte de vós, como vejo que fareis por mi».

Ouviram todos a El-Kei, mui promptos, e animados, em seus corações, para ouzarem, e cometerem todo o que lhes falou, mas consirando elles antre si, a grande ardidez del-Rei, e o muito perigo a que se queria poer, apartaram-se com elle, e disseram. «Senhor vossa pessoa, não irá com nosco, que se formos vencidos, nossos imigos não haverão tanto louvor, nem que morramos delles, ou todos, não é muito de curar, salva vossa pessoa, e tirada de semelhante risco, cuja perda que Deos defenda seria perder-se Portugal, e leixando-vos nós entrar em tamanho perigo, seria nossa linhagem sempre desdita, e prasmada, como filhos de tredores, que tendo tal Rei consentiram perde-lo». El-Rei respeitando o que lhe assi diziam, a muito amor respondeo-lhes com outro tanto, estas palavras: «Oh amigos, rogo a Deos se este anno, eu hei de viver sem vós tais Cavalleiros tomardes esta Villa de Santarem, a elle praza que antes eu desta vez em ella morra».

CAPITULO XXXI

Como El-Rei D. Affonso Anriques chegou de noite aos Oliveaes de Santarem, e dos sinais que pareceram.

PASSADO assi esto com outras muitas palavras, e praticas sobre o caso, aparelharam todo o que fazia mister, para tal obra, e leixando alli as tendas, e todo o al que traziam, cavalgaram em seus cavallo, e chegaram aos oliveaes de Santarem,

de noite. Isto era em vespóra de S. Miguel de Maio sete dias andado do mez, na era de mil cento e quarenta e sete annos, (1147) e chegados alli viram um sinal, que lhes esforçou muito mais os corações; viram uma estrella grande ardente com graude raio correndo pelo Ceo, da parte da Serra, que alumiaua a terra, e foi ferir no mar. Vendo esto disseram logo todos. *Senhor Deos todo poderoso a Villa é em vossas mãos.* Esso mesmo no dia que El-Rei mandou notificar aos Mouros o britamento das treguas, que acima dissemos aos da Villa, appareceu outro sinal mui espantoso pronostico de sua mortindade, que foi na terceira noite seguinte, viram no Ceo a horas do meio dia semelhança de um Touro ir por meio do Ceo, levando chamas de fogo acezas, desde o cabo até á cabeça. O que esses mais sabedores antre os Mouros, intrepetáram que Santarem haveria cedo Rei novo, e seria o filho del-Rei de Sevilha Mouro, cujo Santarem, e Lisboa, e parte da Estremadura era.

Sendo já El-Rei com os seos perto da Villa, lançaram-se em um valle encuberto, e escuso, fão acerca do lugar, que ouviam falar as velas do muro, quando bradavam uns aos outros, e estiveram alli toda a noite, com os cavalloos pelas redeas, vigiando com grande cuidado, do que ao dia seguinte esperavam de fazer, sem os Mouros delles haverem nhum sentimento.

Em esta noite, e o dia seguinte o Prior de Santa Cruz de Coimbra, com grande devação occupado em rogar a Dcos por El-Rei, mandou fazer aos seus Conigos orações publicas, e particulares, e elle em seu orar mui devotamente dizia: «Senhor Deos todo poderoso, que sem combate, nem força humana fizeste cair os muros de Jericó, e a rogo, e voz de Jezoé, mandaste estar quedo o Sol de seu curço contra Guabaão, pesso á tua infinda bondade, que seguindo tua grande

misericordia queiras dar vitoria a El-Rei D. Affonso afadigado por te servir, dando-lhe Sol, e sombra que ajude sua tenção, e todo o azo como tome a Villa, que vai ganhar, para teu serviço, e livrar dos imigos que a tem com doesto de tua santa Fé, e por tal que a çuja seita de Mafamede seja lançada fóra della, e o teu santo nome seja sempre hi louvado.

CAPITULO XXXII

Como El-Rei D. Affonso Anriques e os seus escalaram a Villa de Santarem, e foi entrada, e tomada.

DESQUE veio a madrugada sobre o quarto da va, quando elles entenderam que as velas estavam mais sosegadas, e sonorentas, e os da Villa mais dessegurados, e entregues ao sono, partiram donde estavam, leixando naquelle valle os pajes com os cavallos, e tomaram o somideiro antre Motiraz, e a fonte Datamarma, a qual assi chamam em Arabigo, pelas aguas della, que são doces, e foram assi pelo meio do Vale, indo diante D. Mem Moniz que sabia bem as entradas, e saidas, e El-Rei mais atraz, e posto que por onde levaram tenção de escalar, achassem o contrario do que cuidavam, porém Deos a cujo poder não póde haver contrario, lhe tornou em bem este impedimento, por mostrar assi seu poder e ajuda, que no lugar porque haviam de entrar, e sobir, tinham por certo não haver ahi nhuma guarda, e acharam estar duas velas, postas em um cadafalço, feito de novo, que se esptavam um ao outro; e nisto, a rolda que andava pelo muro requerendo ás velas, chegou por hi, e falou-lhe, e os Christãos leixáram-se es-

tar quedos, em um pão, que hi estava, até lhes parecer que as velas poderiam adormecer.

E ao cabo de pouco abalou D. Mem Moniz trigozo com os seus pelo infesto, e foi por cima da каза de um oleiro, ao muro a poer a escada, em uma aste a fundo, e deu no telhado fazendo grande som ; do que D. Mendo havendo grande pezar de pela ventura, espartarem as velas amergeu-se, e de hi a pouco fez assentar curvo, um mancebo, e por cima delle poz a escada mais entregue no muro por onde tanto que acima sobio logo levantou a bandeira del-Rei, que levava ; subiram dous com elle, e não sendo ainda mais de tres sobre o muro, não leixaram as velas de acordar, e senti-los, e falou um delles com voz rouca, e dormente, como desvelado, e tresnoitado, e disse : *Menhú* que quer dizer, *quem anda ahi*. Respondeo então D. Mendo por Aravia, que era dos da rolda, e tornava por lhe dizer cousas que compriam, que decesse abaixo ; o Mouro tanto que deceo foi D. Mendo mui prestes a mata-lo, e cortou-lhe a cabeça, e deitou-a aos de fóra, para mais seu esforço, e seguro, e nesto a outra vela quando ouviu, e conheceo que eram Christãos, e não sendo ainda em cima do muro, mais que dez dos nossos, chegaram os da rolda correndo aos brados da vela que ouviram, e encontrando-se com os Christãos, vieram ás cutiladas bravamente os nossos por darem começo, e entrada ao porque iam, e os Mouros pola tolher, antes que o mal mais crecesse.

D. Mendo nesta afronta bradou chamando em ajuda Santiago Patrão de Espanha ; e El-Rei tambem do pé do muro, altas vozes acodio : «Santa Maria Virgem Bemaventurada, e glorioso Apostolo Santiago acorrenos». Bradando aos seus, que eram em cima do muro. «Matai-os : andem á espada todos, que não fique nhum», e os que sobiram, apartaram-se logo pelo mu-

ro, em duas partes peleijando cada uma com os Mouros que vinham.

Era já tamanha a volta, e arroido de ambas partes que se não podiam entender, El-Rei disse então aos seus mui apressado : «Façamos ajuda aos nossos, e tenhamo-nos á parte dextra se podermos sobir alfam, e Gonçalo Gonçalves com os seus a scextra, que filbe primeiro o caminho que do ceicego, que não possam os Mouros vir por lá, e tomar primeiro a entrada da porta, e assi atalhados se percam os nossos dentro á nossa mingua, e deshonra». Mas o Senhor Deos, que ajuda as obras de seu serviço lhes mudou em melhor, e mais seguro sua tenção, e fadiga, que onde se trabalhavam de entrar pelo muro, entraram pela porta, e de dez escadas que fizeram, duas sós abastaram para tudo, porque sobiram até vinte e cinco, os quaes correram mui prestes a quebrar as portas com um machado que lhes fora dado de fora, e britadas as fechaduras, e ambudes entrou El-Rei a pé com os seus, e poendo os giolhos em terra, antre as portas, com grande prazer, se encomendou, e deu muitas graças a Deos.

Os Mouros acodiram todos alli peleijando mui rijamente, e vendo já dentro comsigo tanta gente desesperando de se poder alli ter, acolheram-se os mais delles a Alfam, mas pelo despercebimento em que se acharam foram logo entrados, e mui muitos delles homens, e molheres, e moços trazidos á espada de que foi o sangue tanto pelas ruas, que parecia serem alli mortos grande multidão de gados. Todos os que escaparam de não serem mortos na peleija, foram cativos com grandes, e ricos despojos que na Villa se acharam. Foram hi antre outros cativos, tres Cavalleiros principaes mui ricos de que El Rei houve fazenda de grande valia. Para o escalamento desta Villa foram

escolhidos, primeiramente D. Mem Moniz Guarda mór del-Rei, e delle mui querido, filho de D. Egas Moniz, e D. Pedro Affonso irmão del-Rei bastardo, e D. Lourenço Viegas, e D. Pero Paes seu Alferes, e D. Gonçalo de Souza, e outros nobres homens.

CAPITULO XXXIII

Como Auzary Alcaide de Santarem, tomada a Villa, fugio para Sevilha, e El-Rei se tornou a Coimbra e donde se chamou a Villa Santarem.

E NTRADA, e tomada assi a Villa de Santarem, Auzary Alcaide mór della, escapou fugindo, com tres de cavallo consigo caminho de Sevilha, quanto mais pôde. Estava El Rei Mouro de Sevilha sobre a Torre do ouro chamada, e quando Auzary assomou vendo-o El-Rei vir, veio-lhe por sentido, segundo muitas vezes o coração sente dante mão, e advinha as cousas, que seria aquelle Auzary, e disse-o alli aos que com elle estavam; elles mostráram não cair em couza de tão longe enxergada, e tambem por desviar El-Rei do sentido de más novas anticipado; e disse então El-Rei: «Se aquelle que vem é Auzary, e chegando a aquelle porto derem agua aos cavallos: Santarem é tomado; e se não derem de beber, Santarem é cercado, e vem Auzary a gram pressa a demandar soccorro». Os de cavallo chegando ao porto deram agua de seu vagar, El-Rei carregou-se mais de sua prognostica, e chegando Auzary, contou-lhe como se tomára a Villa, e da grande mortindade que se nella fizera de que El-Rei de Sevilha, e todos os Mouros houveram grande pezar, não só pela per-

da desta Villa, mas de outras a que a perda desta dava cauza forçada.

El-Rei D. Affonso desque tomou a Villa, poz nella seu Alcaide, leixando-a abastecida como compria, e tornou-se para Coimbra com muito prazer, onde contando á Rainha sua molher, e a outros muitos como lhe acontecera na tomada de Santarem, disse estas palavras: «Dou a Deos dos Ceos muitos louvores, ante cujos olhos todalas couzas são sabidas, e conhecidos; que não tenho agora a grande maravilha, serem pelo seu poder em outro tempo os muros de Jericó, como se lê derribados, nem estar quedo o Sol por rogo de Josué um dia todo, em comparação da piedade, e misericordia que lhe aprouve fazer comigo, em me dar um tão forte lugar tomado com tão pouca gente, pelo qual glorifico o seu Santo nome, e suas maravilhosas obras, as quaes renovando em nossos dias elle, quiz mostrar neste feito, tanto sobre poder humano, que quando me eu vi ante as portas da Villa abertas, poendo meus gíolhos em terra com muita devação, e prazer de minha alma, orei a elle palavras que me elle naquella hora, como todo o al, então deu no espirito quejandas agora não saberia dizer: mas dos ousados esforços, e cometimentos, que se na tomada da Villa fizeram, digam-no os que se allí acharam, porque não é em mi dize-lo». Esta Villa se chamava antigamente Cabilycrasto, e depois da morte de Santa Eyrea, lhe pozeram os Christãos nome de Santarem, que vem de Santa Eyrea Martyre que a ella veio ter.

CAPITULO XXXIV

Como El-Rei D. Affonso Anriques ordenou de ir cercar Lisboa, e a tomou, e das gentes Estrangeiras que para isso houve em sua ajuda.

DEPOIS de tomado Santarem se foi El-Rei D. Affonso para Coimbra como se disse, e não para descansar, nem repousar seu coração, que nunca cessava de buscar afrontas, e louvadas impresas, em que Deos fosse servido, mas para o melhor ordenar, como em fresco, se melhor aproveitasse do vencimento, e tomada de Santarem, sabendo que nas guerras fama de uma vitória aproveitada com tempo dá azo a muitas, pelo qual ajuntou logo seu poder para conquistar os lugares que ficavam na Estremadura de Santarem até o mar, em especial a Cidade de Lisboa, a qual tomou no modo que se segue.

Chegando El-Rei a terra onde Lisboa está situada, pareceo-lhe melhor guerrear, e tomar as fortalezas ao redor della ante de cercar a Cidade por tal que quando viesse o cerco tivessem os seus menos trabalho nas forragens, e se podessem os seus mais ligeiramente sem outras guardas estender pela terra, e alli tomou logo o Castello de Mafora, e deu-o a D. Fernão Monteiro, o primeiro Mestre de Aviz que houve em Portugal, e apoz esto foi logo cercar Sintra, e tomou-a, mas se foi por força, se por preitesia não o achamos escrito, e sendo assi tomada, appareceo no mar uma frota de cento e oitenta velas, de gentes, que naquelle tempo moveram de Alemanha, e de Inglaterra, e de França, para guerrear os infieis por serviço de Deos,

e vindo assi todos de mar em fóra demandar terra á rocha de Sintra.

Estava El-Rei D. Affonso em cima do Castello, e seus principaes que com elle eram, e maravilhando-se do ajuntamento, e navegação de tão grande frota, mandou logo quatro Cavalleiros, a saber que gentes eram, e a causa de sua vinda, os quaes chegando a Cascaes já a frota toda pousava, vieram então a falar, e preguntar-lhes que gentes eram? Elles responderam, que eram Christãos partidos de suas terras para virem guerrear por serviço de Deos os Mouros inimigos de sua santa Fé. Nesta frota vinham muitos Condes, e outros grandes Senhores, mas a escriptura não falla de seus nomes, mais que de quatro, um por nome Mossem Guilhem de longa espada, Conde de Lincoll de que se diz ser em seu tempo havido pelo melhor Cavalleiro, que sabiam em toda a Inglaterra, nem França, ao outro chamavam Childe Roly, ao outro D. Liberche, ao outro D. Ligel.

Sabendo El-Rei pelos que lá mandára como eram Christãos, e da tenção que traziam para servir a Deos, foi desso mui ledo, e bem se lhe poz no sentido que Deos fizera mover aquella gente, e aportar em sua terra, por lhe fazer tanta mercê, que a Cidade de Lisboa fosse tomada, e deu lhe por ello em seu coração muitos louvores, pelo qual lhes enviou mensageiros, porque lhes mandou dizer como elle soubera os bons movimentos, e tenção de suas boas vontades, que traziam para servir a Deos, e que fossem bem certos que não sem misterio seu, e vontade, elles eram alli aportados trazendo-os N. Senhor a tal logar, onde o bem podiam servir, e comprir seus desejos, e devação, e não menos accrescentar suas honras para esse mundo, porque de alli donde elles estavam pouzados não mais de cinco leguas, estava uma cidade de Mou-

•

ros mui guerreira das principaes de Espanha, de que por mar, e por terra se fazia muita guerra, e dano aos Christãos, a qual tinha mui fermoso porto, em que suas Nãos, e muitas mais podiam mui seguramente estar ancoradas, e elles haver muitos mantimentos em abastança, e pois ao Senhor Deos aprouvera sem irem trabalhar mais longe, traze-los tão perto de tamanho azo, e oportunidade para o que vinham buscar, não leixassem esta empresa por Deos tão querida, e mostrada por outra nhumã creatura, e que elle como Rei que era da terra os ajudaria a isso com toças suas forças, como elles bem veriam.

Andaram assim estes recados de uma parte, e da outra, até que vieram concertar de irem juntamente todos cercar a Cidade, á condição que sendo tomada, ametade fosse del-Rei, e a outra metade dos Estrangeiros, e assim logo El-Rei por terra, e a frota por mar foram poer cerco a Lisboa; El-Rei acentou seu arrayal da parte do Oriente, onde agora está o Moesteiro de S. Vicente de Fóra, e os Inglezes, e outras gentes tomaram a parte do Ponente, onde ora são os Martyres. Durou o cerco perto de cinco mezes, por a Cidade ser mui forte, de sitio, e cerca, e estarem dentro muitos Mouros, que a mui bem defendiam; fizeram-se neste cerco grandes escaramuças, e fortes combates, em que se matavam muitos Cavalleiros de uma parte, e da outra. Cada um arrayal dos Christãos, edeficou sua Igreja em que enterrassem os que alli morriam, e El-Rei D. Affonso fez a sua, onde depois foi edeficado o Moesteiro de S. Vicente á honra do Martyre S. Vicente, e os Estrangeiros edeficaram outra que ora é chamada Santa Maria dos Martyres. Estas Igrejas estão agora dentro dos muros da Cidade, desque a cercou El-Rei D. Fernando o nove-no Rei de Portugal, como se adiante dirá, porque

quando Lisboa esta vez foi tomada a Mouros, não era sua cerca maior, que quanto se ora vê, e chama cerca velha.

Quando veio em dia dos Martyres S. Chrispino, e Chrispiniano, que é aos vinte e cinco dias do mez de Outubro, andando a era do Senhor em mil cento quorenta e sete annos, (1147) foi a Cidade mui rijamente, e com grande determinação combatida, dando o Senhor Deos tanta graça aos Christãos, que seu esforço, e gram devação de peleijar por seu serviço, passava pelas muitas feridas, e mortes, e todas outras grandes difficuldades, e perigos do combate, havendo elles todo por menos, pelo grande pezar que tinham em lhe parecer que todo seu trabalho seria de balde, e Deos não servido, se a Cidade se não tomasse, e assi com este fervor, e mui animosa determinação, poendo em fim o que os seus devotos corações tanto desejavam, entraram a Cidade por força.

Entrou se principalmente por a porta que ora chamam de Alfama, e de hi pelas outras portas, e depois de entrada foi dentro a peleija muito mais fera, que janda soe antre irados vencedores, e vencidos, desesperados, peleijando já os Mouros com estremada desesperação, e vontade de querer antes morrer antre as mortes de suas mulheres, e perdimento de filhos, paes, parentes, e amigos, e assi os Christãos não com menos indinação por infieis entrados, e vencidos querendo ainda mais deter, e danificar seu vencimento, nem se querendo dar por vencidos, por tanto foi tão grande a mortindade delles, e sobejo o conto dos que foram mortos, e trazidos a ferro, que é escuzado cuidar quão poucos ficáram.

CAPITULO XXXV

Do que El Rei D. Affonso Anriques fez depois de entrada a Cidade de Lisboa, e tomada, e do que falou, e passou com as gentes Estrangeiras.

OESQUE a Cidade de Lisboa assi foi tomada por El-Rei D. Affonso Anriques, e aquelles Estrangeiros, com elle ajuntou logo El-Rei todos, e com grande procissão se foram á Mesquita onde ora está a Sé edificada, e depois de limpa, e mundificada das abominaveis ceremonias que hi eram feitas da seita de Mafamede, os Clerigos, e Bispos revestidos, segundo sua ordem, com *Te Deum laudamus*, entraram nella, e assi foi consagrada, e instituida á honra e louvor da Virgem Maria, celebrando logo em ella os officios Divinos, nomeando-a por Sé Cathedral, se ao Santo Padre aprouvesse. Feito esto mandou El-Rei logo chamar Mossem Guilhem de longa espada, Childe Rolim, e D. Liberche, e D. Ligell, e outros Capitães, grandes, que eram na companhia dos Estrangeiros, e disse-lhes. «Amigos bem sabeis como concertámos se nos Deos desse a Cidade que a partissemos por meio, e pois a elle por sua piedade aprouve de a tomarmos, muitos louvores, e graças lhe sejim dadas, vós escolhei, e tomai Cavalleiros, e eu darei outros que vão partir a Cidade, e assi todalas cousas que dentro, e fóra della houver, e forem achadas.»

Vendo esto aquelles Capitães, e gentes Estrangeiras tiveram a grande bem o que El-Rei dizia, e responderam-lhe que haveriam sobre ello concelho, e lhe tornariam reposta. O concelho, e determinação delles foi, que pois partiram de suas terras, e foram

alli vindos, só com tenção de servir a Deos, nem fora outro nenhum seu proposito, e vontade, não queriam haver Cidades, nem terras, nem outras riquezas, quanto mais não lhes parecendo cousa conveniente que tal Cidade fosse partida, nem manteuda com El Rei de por meio em sua terra, que abastava para elles leixarem-na em poder de Christãos como fora seu desejo, e assi se foram a El-Rei, e lho disseram mui francamente, o que lhes elle muito agradecco, offerecendo-se, que se alguns delles, e de suas gentes quizessem ficar em sua terra, eile lhe daria lugares para povoarem, e viverem em elles izentamente, e ás suas vontades. Depois desto partio El-Rei grandemente com os Capitães, e gentes que quizeram tornar para suas terras, e assi se espediram delle com muita sua graça, e os que ficáram para morarem na terra escolheram para sua povoação vivenda a Atouguia, e Lourinhã, e Arruda, e Villa-verde, e Villa-franca, que primeiro foi chamada Cornagoa, porque aquelles que a povoaram eram Ingrezes de Cornualha, e chamaram-na do nome de sua terra, e povoaram tambem a Azambuja, e pozeram-lhe este nome, porque estava alli um grande Azambujeiro, e os Ingrezes por em sua lingua fazerem do masculino, femenino, chamaram-lhe Azambuja. E segundo memoria dos edificadores daquelle lugar, o senhor daquelles que a povoaram havia nome Rolim, não que por isso fosse Childe Rolim, o que em cima dissemos ser um dos grandes Senhores que naquella frota vinha, o qual não é de cuidar que ficasse em Portugal para povoar terra de novo, havendo tantas Villas, e lugares povoados, de que mais com rezão se devera partir com elle ficando na terra, mas é bem de crer, que fosse outro algum Capitão Fidalgo seu parente, com que folgassem de ficar, e seguir alguma daquella gente,

segundo que desentão, e hoje em dia seus successores, bem mostráram sua cavallaria, e fidalguia com muita honra, e serviços feitos aos Reis, e Reino de Portugal, e outros alguns destas gentes povoaram Almada, e pela nomeação deste nome se mostra que foram muitos a povoa-la, e faze-la, ou por trabalho de suas pessoas, ou por contribuirem dinheiros para isso, porque o proprio nome seu em linguagem Ingreza é, vimadel, que quer dizer em Portuguez: *todos a fazemos*, e depois por tempo, que todas as cousas muda, corrompendo-se o nome, lhe chamáram Almadam, o que ainda vae ter a Almadee, que soa em Ingrez, todo feito, mas leixaremos aqui um pouco de proseguir a Estoria por contarmos de alguns milagres, que a N. Senhor aprouve de fazer por alguns Martyres, que no cerco, e entrada de Lisboa morreram, em especial de um Cavalleiro Alemão por nome Anrique, sendo muita razão, que os Justos sejam como diz a sagrada Escritura em memoria eterna, e de sua gloria por Deos manifestada, se faça louvada menção, pois se faz de seus temporaes feitos, cujos merecimentos por muito que neste mundo mereçamos, não chega á gloria, e louvor do premio, que no outro ante Deos se alcança.

CAPITULO XXXVI

Dos milagres que Deos mostrou pelo Cavalleiro Anrique Alemão que morreo quando a Cidade de Lisboa foi entrada.

ACIMA se disse, como durando o cerco de Lisboa soterraram os mortos naquellas duas Egrejas, que nos reaes se fizeram para isso, e tomando-se a Cidade aconteceu dos que na entrada so-

terraram na Egraja que ora é chamada S. Vicente de Fóra, um nobre, e valente Cavalleiro Alemão chamado Anrique, comprido de bons, e virtuosos costumes, foi morto naquelle combate peleijando mui esforçadamente, e sendo assi enterrado naquelle lugar N. Senhor em cujos olhos é mui preciosa a morte dos seus Santos, e Bemaventurados aquelles, segundo elle disse, que no amor de Deos, quanto mais os que por seu amor morrem, fazia por este Cavalleiro Anrique muitos milagres de que alguns sómente por mostra brevemente diremos.

Vinham na frota daquellas gentes Estrangeiras dous homens surdos, e mudos de seu nascimento, e indo um dia á sepultura daquelle Cavalleiro deitaram-se apparelle com grande devação, pedindo em suas vontades, que por seus mercimentos lhes empetrasse do Senhor Deos piedade, e misericordia para sua enfermidade, elles jazendo assi adormeceram ambos, e appareceu-lhes logo em sonhos o Cavalleiro Anrique vestido em trajos de Romeiro, trazendo na mão um bordão de palma, e falou áquelles mancebos, dizendo lhe: «Alevantai-vos folgai, e havei prazer, e hi ouvi, e falai, que pelos mercimentos meus, e destes Martyres, que aqui jazemos, ganhastes do Senhor Deos graça, a qual é com vosco». E dito esto desapareceo; elles então acordaram, e achando-se sãos de todo, ouvindo, e falando milagrosamente, e assi em voz e linguagem clara, começaram a contar a todo o povo o milagre que Deos em elles fizera pelos mercimentos deste Cavalleiro.

E El-Rei D. Affonso, e todos os que hi estavam davam muitas graças, e louvores ao Senhor Deos, que taes maravilhas obra, como diz o Profeta, por honrar, e exaltar os seus Santos, e amigos. Era este Cavalleiro Anrique natural de uma Villa que se chama Bom composta na ribeira de Reina quatro leguas acima de

Colonha, na qual eu fui, e estive dessas vezes, que áquellas partes fui enviado por Embaixador, vendendo-a sempre com muita afeição, e saudosa lembrança deste Santo Cavalleiro Anrique.

CAPITULO XXXVII

Como o Cavalleiro Anrique appareceo em sonhos a um homem bom, mandando-lhe que soterrasse um seu Escudeiro apar delle, que na entrada de Lisboa muito ferido morrera.

LOGO a poucos dias que esto aconteceu veio a morrer um Escudeiro deste Cavalleiro Anrique de grandes feridas, que tambem houve na entrada da Cidade, e enterraram-no na mesma Igreja donde jazia seu senhor, e sendo alli soterrado, appareceo de noite o Cavalleiro Anrique a um homem muito velho, que servia aquella Igreja e havia nome Anrique como elle, dizendo-lhe : «Levanta-te, e vai ao lugar onde os Christãos enterraram o meu Escudeiro alongado de mim, toma o seu corpo, e vem enterra-lo aqui junto comigo, porque quem me seguio, e se ajuntou comigo na morte, não deve ser apartado na sepultura». Do que aquelle homem bom nada curou, e vindo-lhe outro tal segundo aparecimento, e amoeção tão pouco curou desso, como da primeira, então lhe appareceo a terceira vez o Cavalleiro Anrique muito irado, e com sembrante bravo, e queixoso ameaçando-o com palavras de grande medo, se logo não fosse cumprir o que por tantas vezes lhe dissera, pelo qual aquelle bom velho cheio de temor se levantou logo de noite, e foi com candeias á sepultura onde ja-

zia o Escudeiro, e desenterrou-o trazendo-o elle por si só e lhe fez uma cova a melhor que pode apar do Cavalleiro Anrique onde o enterrou, e quando veio pela manhã, achou-se o velho tão são, e sem cansasso do trabalho da noite passado, sendo impossivel por sua cançada idade pode-lo fazer, como se jouvera em sua cama folgando sem fazer nada, e contando ao outro dia todo assi como lhe acontecera, aos Prelados, e a todo o povo deram todos muitos louvores a N. Senhor.

CAPITULO XXXVIII

Da palmeira que naceo na cova do Cavalleiro Anrique, e dos milagres que Deos por elle fazia.

QUERENDO ainda o Senhor Deos segundo a grande avondança de sua infinda beneficencia, mostrar por mais maravilhas quanto lhe tinha aprazido, o serviço deste Cavalleiro Anrique, appareceo á cabeceira de sua sepultura uma palma semelhante áquella que trazem os Romeiros de Jerusalem em suas mãos; assi começou em verdecer, e deitar folhas, e crescer sobre a terra, em sua altura juxta. El-Rei, e todos vendo tão grande, e famoso milagre, louvaram muito a Deos, e quantos enfermos allí vinham tomar palma, e deitavam ao colo logo eram sãos a essa hora, de qualquer enfermidade que tivessem, e outros a tomavam, e tostavam, e depois de moida bebiam della aquelle pó, e assi mesmo se achavam logo sãos das dores que tinham, e tanta foi a continuação da muita gente que vinha tomar daquella palma, que

a pouco tempo não ficou nada della sobre a terra, até por não porem boa guarda nella, vieram alguns de noite, e a arrancaram de todo, levando o que ficava sobre a terra. Por estes milagres, e outros que N. Senhor aprouve de fazer pelos seus Santos Martyres, que alli morreram, tinha El-Rei nelles mui grande devação, que se sentia em si algum abalamento de doença deixava-se em oração sobre seus jazigos, e achava-se logo remediado.

CAPITULO XXXIX

De como El-Rei D. Affonso Auriques ordenou de fazer Lisboa Bispado, e quem foi o primeiro Bispo della.

PASSADO assi todo esto fez El-Rei juntar toda sua gente que com elle era, e disse-lhe: «Amigos meus eu até agora como vistes depois de tomada esta terra, e Cidade, me ocupei em ordenar, e distribuir os bens temporaes della, os quaes muitas vezes tem rezão, não em dignidade, nem em preeminencia, mas em ordem para se haver primeiro de entender nelles, que nos espirituacs, para que Deos seja assi mais ordenadamente servido, segundo requere a orde, e maneira das cousas deste mundo, e a fraqueza da condição humana sem o temporal não pôde vagar no espiritual, agora é muita rezão que não tardemos mais de entender no espiritual, ordenemos, e elejamos quem nesta Cidade seja Bispo, e Pastor de nossas Almas, e regedor da Igreja Cathedral». Louvaram todos o que El-Rei dizia, e então foi eleito um homem virtuoso, que alli era, chamado Gilberto, de

muito boa vida, e costumes, e leterado em Degredos, e a poz esto mandou El-Rei logo notificar ao Papa cumpridamente o cerco, e tomada de Lisboa, da eleição do Bispo, que por serviço de Deos novamente fizera, pedindo a Sua Santidade o quizesse confirmar. O Papa lhe outorgou todo esto, e outras mais cousas que lhe enviou pedir, dando-lhe grandes perdões, indulgencias para as Egrejas que tinha feitas. Tanto que este recado veio de Roma chamou El Rei o Bispo Gilberto, e disse-lhe: «Bispo estas duas Egrejas, foram aqui edeficadas como sabeis, tendo nós ainda esta Cidade cercada para se nellas enterrarem os que morriam, pois a N. Senhor aprouve de vermo-lo, e podermo-lo fazer, eu quero dotalas começando primeiro no Moesteiro de S. Vicente de Fora». E então o dotou de muitas posseções, porque entendeo que poderiam bem, e sem mingoa viver, os que em elle houvessem de servir a Deus, e para os Povos terem mais azo, e devação de ajudar, e fazer o Moesteiro poz em elle grandes iudulgencias, que lhe o Papa mandou, e assi tambem na Egreja de Santa Maria dos Martyres.

CAPITULO XL

De como El-Rei D. Affonso Anriques ordenou Prior no Moesteiro de S. Vicente de Fora, e quem foi primeiro Prior delle, e de que Ordem.

E DEPOIS desto consirando El-Rei como o seu Moesteiro de S. Vicente de Fôra houvesse de ser melhor servido prepoz de poer em elle Capellães Clerigos onestos, e estando neste seu preposito, aconteeo chegar a Lisboa um Frade Flamengo de

boa, e onesta vida, chamado Gualterio, e com elle quatro Frades seus companheiros, que vinham a buscar onde fizessem um Moesteiro da Ordem de que elles eram, para nelle viverem. El-Rei sabido de sua vida e preposito folgou muito, e mandou por elle dizendo-lhe como edificara aquelle Moesteiro de S. Vicente, rogando-lhe que elle, e seus companheiros quizessem nelle viver, e estar por ser caza para esto mui conveniente, e para Deos hi delle ser servido; aprouve muito dello a Gualterio, e a seus companheiros, e foram-se logo para o Moesteiro.

Queria muito este Prior Gualterio, que o Moesteiro fosse chamado da Ordem que elle era, e que El-Rei no Moesteiro não tivesse nhum especial poder, o que não querendo El-Rei consentir, se partio Gualterio com os seus compenheiros para onde vieram. El-Rei fez então Prior um Conego Estrangeiro, que havia nome Damer, o qual a cabo de poucos annos se foi tambem para sua terra, por onde parecendo a El-Rei que Religiosos assi vaguanãos, e sóra de Superior, por muita devaçãõ que tragam, e presumam não hão graça para durar á ordem, e serviço de Deus, determinou de mandar ao Moesteiro do Banho que é da Ordem das sobrepelizes por um Conego que chamavam Guodinos, que fosse o Prior do Moesteiro, o qual assi Prior por suas virtudes foi eleito por Bispo de Lamego, e El-Rei então mandou por outro Conego a esse mesmo Moesteiro do Banho, que havia nome D. Mendo, e havendo oito annos que era Prior, se veio a finir; e a poz este houve outro Prior, que chamavam D. Paio, e foi o derradeiro Prior que em S. Vicente houve em tempo del Rei D. Affonso, e posto que estas cousas que dissemos fossem feitas por espaço de tempos, em vida del-Rei D. Affonso, nós contamos aqui juntas por pertencerem á tomada de Lisboa. Ora adian-

te diremos outras cousas que se fizeram logo seguintes á sua tomada.

CAPITULO XLI

Dos Lugares que El-Rei D. Affonso Anriques depois tomou na Estremadura, e Alem do Tejo.

DEPOIS de El-Rei D. Affonso Anriques ter tomado Lisboa como se já disse, logo naquelle anno seguinte andando a era de N. Senhor em mil e cento e quarenta e oito annos, (1148), foi El-Rei sobre Alanquer, e Obidos, e Torres Vedras, e sobre outros Castellos da Estremadura, que ainda eram de Mouros, durando em os tomar seis annos, e depois que os teve assentados, e assi toda a terra da Estremadura, ajuntou todas suas gentes, e passou-se a Alentejo, onde fez grande destruição em os Mouros, tomando-lhes Alcacere, Evora, Elvas, Moura, e Serpa, e outros lugares até chegar a Beja, o qual tendo-a cercada entrou grande poder de Mouros pela Comarca da Beira a fim de retraher, e fazer cessar o dano que El-Rei em elles fazia em Alentejo, e cercaram Trancozo, e depois de combatido e tomado por força destruíram o logar, e deixaram-no, matando muitos Christãos, e levando muitos delles cativos.

El-Rei D. Affonso posto que lhe estas novas chegassem, não se quiz levantar do cerco, que tinha sobre Beja, antes a combateo então fortemente com engenhos, e artilharias, até que a tomou por força, e pelo despeito que tinha do mal que os Mouros fizeram em Trancozo, todos os Mouros de Beja andaram á espada, ficando mui poucos vivos. Foi Beja tomada

na era do Senhor de mil cento e cincoenta e cinco annos (1155). Feita assi esta destruição nos Mouros, e havidas estas vitorias nas terras Dalentejo, leixou El-Rei Beja, e todolos outros Lugares mui bastecidos, e providos de Cavalleiros, e gente que os mui bem podessem defender, e guardar, e tornou-se para Coimbra com muita honra, e grande prazer, pelas mercês, e grandes vencimentos, que lhe N. Senhor Deos contra Mouros dera.

CAPITULO XLII

Dos filhos que El-Rei D. Affonso houve, e como casou sua filha Dona Mofalda.

TANTO que El-Rei D. Affonso chegou a Coimbra lhe foi logo commettido cazamento para sua filha Dona Mofalda; elle teve tres filhas, e um só filho, o filho houve nome D. Sancho, que herdou o Reino por falecimento de seu pai, e em sendo Ifante foi sempre mui bom e esforçado Cavalleiro, e valente, e depois que Reinou, não menos bom, virtuoso, e esforçado Rei, fazendo muitas cavallarias, e accrescentando seu Reino como em seu logar contaremos, e a primeira filha houve por nome Dona Mofalda, que foi cazada com D. Reymondo, filho do Conde D. Reymondo de Barcelona, e a outra chamada Dona Urraca, cazou com El-Rei D. Fernando de Lião; a terceira filha houve nome Dona Tareja. Esta foi cazada com D. Felipe Conde de Frandes, e sendo assi commettido a El-Rei D. Affonso o dito cazamento para sua filha Dona Mofalda, o vieram a concertar, que o Conde D. Reymondo de Barcelona viesse á

Cidade de Tuye, que era del-Rei D. Affonso, e alli fizessem vistas antre si sobre este cazamento. Então se partio El-Rei para lá com muitos Senhores, Prelados, e Cavalleiros, levando consigo a Rainha Sua mulher, e suas filhas. Chegáram a Tuye dez dias andados do mez de Janeiro; dahi a oito dias chegou o Conde D. Reymondo; fez-lhe El-Rei dar bairro, e pouzadas grandes, e boas para elle, e toda sua gente, que com elle vinha, a qual era muita, e mui luzida; vindo o Conde, El-Rei sahio-o a receber acompanhado de honrados Prelados, e outros Grandes do Reino, e Cavalleiros mui principaes; iam com elle D. João Arcebispo de Braga, D. Mendo Bispo de Lamego, D. Izidoro Bispo de Tuye, D. Pedro Conde das Asturias, o Conde D. Ramiro, e o Conde D. Vasco, D. Gonçalo de Souza, D. Pedro Paes seu Alferes, e outros muitos ricos homens, e Cavalleiros com muita gente. Quando o Conde chegou veio El-Rei para elle, e o recebeu com muita honra, e gazalhado, trazendo-o consigo até o Paço, alli descavalgáram, e se foram logo para onde estava a Rainha, e as Ifantes, e o Conde esso mesmo fez grande reverencia á Rainha, e suas filhas, de que foi mui bem recebido, e depois de fallarem alli um pouco tomou El-Rei o Conde, e levou-o para onde haviam de comer.

Aquelle dia comeo o Conde com El-Rei em sala, elle, e todos os que com elles vinham, e assi a Rainha, e as Ifantes com suas Donas, e Donzelas, e deque acabáram de comer, vieram Jograes, e tangedores, e foram grandes danças. Isto acabado, havendo-se o Conde de ir colher a suas pouzadas se quizera alli despedir del-Rei, e elle não quiz, se não que se espedice só da Rainha, e suas filhas, e foi-se com elle até porta do Paço onde havia de cavalgar, e El Rei tinha já ahi cavallo para ir com o Conde; mas o Conde não

o quiz consentir em nhuma maneira ; ficou então El-Rei, e todos os outros Senhores, e Cavalleiros da Corte, se foram com o Conde até sua pouzada. El Rei mandou a todos seus Officiaes, que dessem todas as cousas sem dinheiro, que o Conde houvesse mister, em quanto hi estivesse, e des aquelle dia em diante, começaram a fallar no trato do cazamento da Ifante, e do filho do Conde ; estiveram em o concertar até dous dias por andar de Janeiro em que se fez o cazamento ; no qual dia sendo hi juntos muitos Senhores, e Prelados, e Cavalleiros de uma parte e da outra, foi lida á Rainha, e Ifantes uma Procuração de D. Rey-mondo filho do dito Conde porque dava poder a seu Pai, que em seu nome podesse receber com elle a Ifante D. Mofalda filha del-Rei D. Affonso. E vista a Procuração, El-Rei tomou sua filha, e trouxe-a ante o Arcebispo de Braga, o qual tomou o Conde pela mão, e assi a Ifante, e então os recebeu, elle como Procurador de seu filho, e ella por si, como manda a Santa Madre Egreja de Roma, e esto feito, entregou El-Rei sua filha ao Conde, que a levasse consigo até onde houvessem de ser feitas as vodas, e o Arcebispo de Braga, e D. Martim Moniz, e assi Donas, e Donzelas foram em sua companhia della. Deu El-Rei ricas joias ao Conde, e aos seus fez mercês de modo que elle, e todos os que com elle vinham partiram mui contentes del-Rei. Partio-se assi o Conde, levando a Ifante consigo, e elle partido, El-Rei se tornou para Coimbra com toda sua gente, e Corte.

CAPITULO XLIII

Como El-Rei D. Affonso tomou Cezimbra, e Palmela, e peleijou, e venceu El Rei Mouro de Badalhouse com muita Mourama.

SEMPRE depois deste casamento El-Rei D. Affonso esteve, e andou por aquelles lugares, que ganhára aos Mouros, provendo-os das couzas, que lhe compriam para sua defenção, como fossem governados em justiça, e estando assi em Alcaccer na era do Senhor de mil e cento e sessenta e cinco annos (1165) havendo já El-Rei setenta e um de sua idade, veio recado como Cezimbra estava mingoadá de gente, que a tomaria se fosse sobre ella. A esta nova partio logo El Rei de Alcaccer com toda sua gente, e foi-a combater com tanta affronta, que ainda que a Villa, e Castello eram mui fórtes, filhou-a por força, e desque teve a Villa socegada, e posto nella quem a guardasse, determinou de ir ver Palmella, e o acento, e fortaleza della, levando consigo, sessenta bons Cavalleiros, e alguma gente de pé, e besteiros, e chegando a Palmella, e estando vendo-a, asomou El-Rei de Badalhouse com muita Mourama das frontarias daredor, em que havia quatro mil homens de cavallo, e sessenta mil de pé, e vinham ao longo sem ordem a gram pressa para soccorrer Cezimbra, descuidados de verem, nem acharem alli Christãos. Teve-se El-Rei traz um cabeçaço, e vendo os que eram com elle tanta gente, começaram de haver grande receic, e todos aconselhavam El-Rei que se acolhesse a seu araial o melhor que podesse, e delles diziam, que se puzesse em uma alta serra, que por hi vai, que se chama a serra Dazeitão, e tomassem em

ella algum lugar fórte para se deffenderem, até ir recado aos do arraial.

El-Rei com quanto vio o medo, e receio dos seus pela grande multidão dos Mouros; porém esforçando-se no poderio de Deos ser maior que o dos homens, no qual elle sempre esperando se achava vencedor, fallou aos seus em esta maneira: «Que esmaio é este amigos, ou que nova desconfiança do Senhor Deos, nem que vedes vós agora de novo, para tanta torvação; estes muitos, que vedes são os que vós muito menos, dos que ora soes, sempre vencestes, para esso ganhamos nós peleijando, e vencendo, á cincoenta annos, tanto merecimento, e honra ante Deos, e o Mundo, para todo em uma só hora, fugindo perdermos, certo que ouvindo-vos, o que ouço, se vos a todos não conhecera, podera mal cuidar, serdes os que comigo vencestes muitos mais, que estes imigos no campo Dourique, e em outros lugares, não ponhais ante vós meus amigos, quantos mais são, que nós, mas quanto no poder, e querer de Deos, por quem peleijamos, são muito menos que nós; o medo, em que os Deos já poz para nós maiormente se dermos nelles de sobresalto, fará que lhes pareçamos muitos mais do que somos, e elles assi mesmos, menos muito, do que são, e tendo-nos Deos tantas vezes mostrado esta verdade, podeis ainda cuidar em nos devermos de retraher, nem fugir, Deos por nós sempre contra elles em honra, e vencimento, e nos queremos ora poer em deshonna, e nossos imigos em gloria, e esforço contra nós. Ora havei Cavalleiros, que mingua de fé, mingua de crença, nos encurta o esforço, mal ooncorda no coração de Christão esmaio com ardidiza, mal no Christão desconfiança com fé, que inda que poucos sejamos, tambem de muitos, poucos são os que peleijam, não tem hoje estes nossos imigos em

seus corações, cousa mais certa que topando-se no campo convosco, e comigo, haverem-se logo por vencidos, tanto que nos virem não ficará destroço, nem mortos, nem vencimentos passados, quantos contra elles houvermos, que como presentes ante si não ponham, este de agora, que com a graça de Deos haveremos. Pelo qual meus bons Cavalleiros, não vos venham por sentido medos, de que nosso Senhor Deos sempre livrou, e mostrou o contrario, e pois por tantas, e tão milagrosas vitorias, que sobre nosso poder, por sua piedade nos deu, temos tão sabido nada ser a elle impossivel, não devemos nada temer, vamos logo com sua graça, que nos sempre acompanha ferir nos inimigos. Eu quero hoje ser vosso pendão, e ver se me quereis seguir, e guardar como sempre fizestes, que pois Deus ordenou para mostrar mais seu gram poder, com tão poucos me aqui acertasse, eu determino por seu serviço, hoje neste dia, de vencedor, ou de morto me não partir do campo».

Desque El-Rei acabou de fallar, vendo os seus em elle tão grande confiança, e determinação, todos mui esforçados com suas palavras, e esforço, disseram, que por muito mais deizigual que o cazo fosse, delles aos Mouros, pois elle seu corpo determinava poer a tal feito, elles lhes não faleceriam, e o seguiriam como sempre fizeram, dizendo que dessem logo nelles. Vinham já pelo infesto acima, a cerca, e não haviam mais que tardar. Abalou então El-Rei á pressa com grande coração, e esforço, e todos com elle, em se mostrando fez dar ás trombetas, e foram ferir nos primeiros tão rijamente, que logo muitos delles foram derribados, antre mortos, e feridos. Os Mouros achando-se salteados, e conhecendo, que aquelle era El-Rei D. Affonso, que tanto temiam, figurando-se-lhe, que seria muita mais gente, foi o medo em elles tão grande,

que começaram logo a fugir, parecendo aos trazeiros, que os seus mesmos, que voltavam fugindo, eram inimigos, como soi a fazer gente de medo cortada, e assi correndo o desmaio por elles, se puzeram todos em desbarate. Alguns contam, que se guardou El-Rei para de madrugada dar nelles, onde foram vistos pouzar, por ser ora, e tempo azado, para mais desmaio, e desharato dos Mouros, e assi o fez, e os desbaratou. Como quer, que fosse feito, foi em que entrou saber de Cavallaria, com grande coração, e esforço ajudado por nosso Senhor, por cujo serviço se aventurava. Seguiu El-Rei apoz os Mouros matando, e ferindo, e captivando muitos no alcance tomando-lhes a carriagem, e despojos grandes, de quanto traziam. Tanto que o desharato foi acabado, mandou El-Rei dous Cavalleiros a grande pressa a Cezimbra a suas gentes, que lá ficaram, que logo fossem todos com elle, e foram ao outro dia todos e juntos, muito ledos, pela boa andança, que Deos dera a El-Rei, e não menos tristes, por se não acertarem com elle na batalha. Tanto que os de Palmella viram o desharato dos seus Mouros, e os Christãos juntos contra si, tendo perdida a esperança do soccorro, preitejaram se com El-Rei, que os leixasse sahir em salvo, e lhes dariam a Villa, e a El-Rei aprouve dello, e assi houve a Villa de Palmella.

CAPITULO XLIV

Do desvaio que sobreveio antre El-Rei D. Affonso Anriques e El-Rei D. Fernando de Lião seu genro, e como se quebrou a perua a El Rei D. Affonso, e foi prezo del-Rei D. Fernando, por caso da perna quebrada.

SENDO El-Rei D. Fernando de Lião casado com Dona Urraca, filha del-Rei D. Affonso Anriques como acima dissemos, veio a deixa-la, e apartar-se della por mandado do Papa, por serem parentes mui chegados, e cazarem sem dispensação, mas o modo como este apartamento foi feito, nem o que se fez desta Rainha Dona Urraca não achamos escrito, salvo, que houve della um filho chamado D. Affonso, que depois da morte de seu pai foi Rei de Lião. Tomando El-Rei D. Affonso deste feito grande pezar, pôs em sua vontade de ir cercar Badalhouse, que estava em poder de Mouros, por ser da Conquista del-Rei D. Fernando de Lião, e ajuntando suas gentes para esso foi poer cerco sobre a Villa, estragando-lhe pâes, e vinhas, e fazendo-lhe tanto dano, e apresso, que veio a toma-la. Como quer que os Mouros se mui bem defendessem, El-Rei D. Fernando quando soube que El-Rei D. Affonso de Portugal tomára Badalhouse, enviou lhe a dizer por seus Mensageiros, que lha deixasse, pois sabia que era sua, e de seu Reino, e El-Rei D. Affonso lhe respondeo que lha não havia de deixar, e então o dezafiáram sobre esto, pelo qual El-Rei D. Fernando de Lião ajuntou logo seu poder, e veio contra El-Rei a Badalhouse, e vinha com elle D. Diogo o bom senhor de Biscaya, com cuja irmã chamada Dona Urraca Lopes filha do Conde de Navarra,

foi depois cazado este Rei D. Fernando. Vinha tambem D. Fernando Rodriguez de Castro, sendo então ambos vassallos deste Rei D. Fernando de Lião, dezavindos del-Rei de Castella, e vindo já acerca disseram a El-Rei D. Affonso.

«Senhor, aqui é El-Rei D. Fernando, e toda a sua oste. Pois assi é, disse El-Rei: Armemo-nos, e saiamos a elle ao campo, que pois nos vem buscar, bem é que nos achem lá fóra em campo comsigo». Então se armáram todos, e sahiram fóra da Villa, e nisto disseram a El-Rei D. Affonso como os seus se embaraçavam já com D. Diogo o bom, e com D. Fernando Rodriguez de Castro, que vinham na dianteira mui bons Cavalleiros, e El-Rei com este recado abalou rijo a cavallo, correndo por sahir fóra da Villa a chegar aos seus, e aconteceu, que o cabo do ferrolho não ficára bem colhido ao abrir das portas, e o cavallo, assi como ia correndo topou nelle com uma ilharga de guiza, que se ferio muito, e quebrou a perna esquerda del-Rei, o qual não deixou por esto de chegar aos seus a ajuda-los, e nisto o cavallo que ia ferido, não podendo mais sofrer-se cahio com El-Rei em um senteal, sobre a mesma perna, e acabou-se de quebrar de todo, de modo que os seus não poderam mais levanta-lo, nem poer a cavallo, e então Fernão Rodriguez Castelhana, que o vio cair foi dizer a El-Rei D. Fernando: «Senhor ali já El-Rei D. Affonso com uma perna quebrada, hi prende-lo, que mais sem trabalho vo-lo deu Deos nas mãos do que eu cuidava.»

Chegou então El-Rei D. Fernando onde El-Rei jazia, e por os seus, que o viram cair, e se acertaram serem poucos, e os imigos muitos, houve de ser tomado, e prezo com estes que hi eram com elle; não se podendo valer, nem ser valido, e com os outros

seus, que se colhiam á Villa, entráram os del-Rei D. Fernando de mistura, e devulgando-se já o dezassete del-Rei D. Affonso, foi a Villa nessa hora tomada, segundo logo tudo falece, como falece o Capitão. Levou assi El-Rei D. Fernando consigo a El-Rei D. Affonso para a Villa, e fez-lhe mui bem pençar da perna, e em quanto o teve em poder, assentando-o sempre a par de si, fazendo-lhe muita honra; depois veio apreitejar com elle, que lhe desse a terra da Corunha, que é do Minho, até o Castello da Lobeira, uma legoa álem de ponte Vedra, e porcima pelos chãos de Castella, aquella terra, que deram ao Conde D. Anrique seu pai, como no começo da Estoria se disse, fazendo-lhe tambem menagem, que tanto que em besta cavalgasse se tornasse a sua prizão; El-Rei D. Affonso nem podendo al fazer disse que lhe prazia.

Despois de entregar a terra, e Fortalezas, e fazer a dita menagem, El-Rei D. Fernando o soltou, e elle tornou para seu Reino, e sendo mui bem são da perna, nunca mais quiz cavalgar em besta, por não tornar a menagem, antes sempre depois andou em carro, como soiam andar os Reis antigamente, e logo no anno seguinte de mil e cento e sessenta e seis annos (1166), dia Dassenção, em Coimbra fez El-Rei como mui prudente, e discreto que era, fazer todos os Grandes, e Conselhos do Reino todo menagem a seu filho o Infante D. Sancho, e este seu quebramento de perna, foi sempre attribuido ao que sua mãe lhe rogou, quando a poz em prizão, segundo atraz nesta Estoria se contem.

CAPITULO XLV

Em que fala, e amoesta Duarte Galvão Autor, quanto se devem escuzar as maldições dos pais, e mãis aos filhos.

O PEZAR que me faz, e a todos fará vendo este dezastre del-Rei D. Affonso Anriques, me faz falar contra as maldições dos pais, e mãis, que ameude se lançam com pouco tento e resguardo, devendo-se escuzar com muito, vendo, e sabendo todos, que com nome de filhos nos reconciliou Deos para si, e com nome de Pai nosso, mandou que o adorássemos, com o nome em que se conclue, e encerra a maior obrigação e ajuntamento de reverencia, e amor que pôde haver, antre nós, nem de nós para elle, por onde os filhos devem muito fazer por acatar sempre seus pais, e mãis, segundo por Deos lhe é distintamente mandada escuzar de os provocar a semelhantes maldições, antes recea-las muito, e teme las, por injustas que sejam, como se diz das excommunhões, que desprezando-as haverá por ventura lugar de obrar, como justas, e ajuntadas com outros males de que mal peccado andamos acompanhados descote, e ante Deos desmerecemos, porque tanto quiz Deos, que se guarde, e acate, a ordem que neste mundo ordenou, que elle mesmo sendo sem peccado justo Julgador, soffreo ter injustamente julgado, por ijustos, e perversos julgadores, por terem na terra o cargo, e presidencias por elle ordenadas, o que tanto mais devem os filhos acatar, e soffrer a seus pais, e mãis, quanto a lei de justiça, e ordenança de Deos, lho devem ainda por grande obrigação de natural reverencia, e amor.

E os pais muito mais de seu cabo devem a meu juizo escuzar semelhantes maldições, quanto mais idade, e entender tem, concirando que são homens, e pais de homens, e que elles poderiam já fazer outro tanto a seus pais, e mãis, maiormente que os erros dos filhos não podem ser tão danosos, que muito mais não sejam as maldições dos pais, lançando-se sempre por humano defeito da sanha venticativa, a qual se de-cega em desenfriada ira, não procedesse, não haveria lugar contra o sobejo amor dos pais, e mãis, sendo sempre tamanho, que quanto mais com causa dizem ao filho: «Má morte te mate», vendo-lhe algum mal muito menos de morte se culpam, e matam por elle, e Deos manda, que das nossas injurias, e danos, leixemos a vingança a elle. Dessas pessoas lhe devemos mais leixar de que aos outros devemos tomar que são pais, e filhos, os quais toda a rezão obriga, que antre si mais se comportem, e hajam em suas cousas paciencia, pois Deos que as fez a quem se ainda mais nesse erra, ha com elles paciencia, e assi escuzaram os filhos a culpa tão crime como é desobediencia aos pais, de conhecimento tamanho para Deos como é aos filhos, que lhe deu, por benção, fazerem filhos de maldição, a qual por esto só tambem por injusta que fosse abastaria pela ventura, para fazerem por pena, e peccado do pai, penar o filho innocente neste mundo, em que bem podemos padecer por culpas, e peccados alheios, assi como filhos por pais, e servos por senhores; ainda que no outro não possamos, se não pelos proprios nossos, e da verdade deste caso prouvera a Deos que tiveramos em outra parte a prova, e exemplo mais longe, e estrangeiro, e não del-Rei D. Affonso, que sendo tão virtuoso, e todos seus feitos sempre com virtuosa tenção, e de serviço de Deos, não leixou maldição de mãe, mais madrastra

que empecer a este Rei, na pessoa, na fazenda, e na honra, a filho tão virtuoso.

CAPITULO XLVI

Como os Mouros vieram com Albojame Rei de Sevilha cercar El-Rei D. Affonso Anriques em Santarem, e como El-Rei foi a pelejar com elles, e os desbaratou e venceo.

ESTANDO assi El-Rei D. Affonso em seu Reino, andando em colos de homens, e outras horas em carros como já em cima dissemos, veio-se para Santarem, e correndo novas pela terra, do desastre do britamento da perna, e da preitezia e menagem que ficára com El-Rei D. Fernando de Lião por cuja causa, não cavalgava em cavallo, nem era de sua pessoa poderoso para fazer guerra como dantes, nem suas costumadas cavallarias, tomaram os Mouros ousadia, e esperança grande de se vingarem, e fazer grande danno a Portugal, pelo qual Albojame Rei de Sevilha, ajuntou grande multidão de Mouros, de toda Andaluzia, e de outras partes, e atravessando todo, antre Tejo e Odiana, matando, e estragando tudo por onde vinham, vieram cercar Santarem, onde El-Rei D. Affonso estava, destroindo-lhe toda a terra de redor. Saíam os Christãos ás barreiras a escaramuçar com elles, e de uma parte, e da outra morriam muitos.

El Rei D. Affonso por não poder cavalgar a cavallo, e sair a elles era mui enojado em seu coração acostumado a vencer nos campos, e cercar, e não ser cercado, pelo qual determinando de sair fóra em carro. a lhes dar batalha, alguns dos seus lho contradiasse-

ram, e outros diziam que era bem ficar na Villa, e que elles sairiam a peleijar com os Mouros, concelhos ambos muito fóra do parecer del-Rei, e do seu grande animo, e por tanto lhe respondeo, e disse: «Amigos não cumpre agora ver se sairemos, ou não; mas é tempo de tomardes tal esforço para peleijar, que eu possa perante todos louvar os que o bem fizerem, e eu mesmo em pessoa vos ajudarei a isso contra os imigos, quanto em mim fôr como sempre fiz, e se pela ventura alguns tiverem receo, o que não cuido, fiquem na Villa, e não vão lá que eu não poderei sofrer já mais tanta vergonha.» Então acordaram que era bem sair fóra em toda maneira, e estando já prestes para um dia certo, e corregidos como deviam de ir, e de quaes havia El-Rei de ser guardado, aconteceu virem novas a El-Rei D. Affonso como El-Rei D. Fernando de Lião seu genro, vinha com muita gente, o qual por ser Rei mui virtuoso, e mui chegado a Deos, como quer que se quitasse de sua filha, e sobre vence-lo parecesse ser rezão estar delle queixoso, por buscar azo de não cumprir a menagem que lhe tinha feito de tanto que cavalgasse em uma besta, acudir a sua Corte, não olhando nada desto, como soube, que El-Rei Albojame com grande poder tinha cercado El-Rei D. Affonso em Santarem ajuntou sua gente, e partio para o ajudar, e andando então a era do Senhor em mil e cento e setenta e um annos, (1171) assi que vindo recado certo a El-Rei D. Affonso Anriques de como El-Rei D. Fernando de Lião era acerca, e que em poucos dias seria com elle, foi em grande pensamento, cuidando que vinha contra elle por rezão da menagem a que não fora, e posto nesta duvida tanto mais, determinou de peleijar primeiro com os Mouros, e tambem os Mouros de sua parte quando souberam de sua vinda, crendo que vi-

nha contra elles, em ajuda del-Rei D. Affonso seu sogro, determinaram levantar o cerco, e saio então El-Rei D. Affonso a elles, no modo que dantes tinha ordenado, e depois de muito pelejarem fez grande mortindade nelles, e desbarato, de muitos prezos, mortos, e feridos, e grandes e ricos despojos tomados.

Assi se foram os Mouros destroçados fogindo quanto mais podiam. El-Rei D. Fernando quando soube que os Mouros eram desbaratados, e El-Rei D. Affonso descercado, não quiz ir mais adiante, posto que perto fosse, e esteve alli quedo tres dias, enviando dizer a El-Rei D. Affonso que tomasse prazer, e nada receasse delle, que não abalára, nem vinha a outra cousa, se não só por o descercar, e pois os Mouros já eram idos, que ficasse com a paz de Deus, e El-Rei D. Affonso lhe deu por ello muitas graças, e é que desde foi prezo na batalha que houve com este D. Fernando de Lião seu genro, nunca depois foi visto ledto, nem haver prazer como dantes, e quando lhe lembravam as cavallarias que dantes soia fazer contra Mouros, e quam temido era delles, não podia estar que mui enxergadamente se não entristecesse, mas porque deste tempo até que o Corpo de S. Vicente foi trazido a Lisboa, não achamos outra cousa que de contar seja, queremos aqui dizer como, e em que modo foi aqui trazido.

CAPITULO XLVII

Como o Corpo de S. Vicente foi achado por uns devotos homens que o foram buscar.

JA antes desto, em seu lugar contamos como El-Rei D. Affonso Anriques foi por si com grande cuidado, e devação, buscar o Corpo de S. Vicente, e não o pôde achar havendo já vinte e seis annos que a Cidade de Lisboa era em poder de Christãos, tomada a Mouros, fez El-Rei Albojaque tregoas, com El-Rei D. Affonso Anriques por cinco annos, as quaes foram feitas quatro dias do mez de Maio era do Senhor de mil cento e setenta e trez annos, (1173) então, certos homens de Lisboa, com grande devação, vendo que já podiam ir seguros áquelle lugar onde o Corpo de Vicente jazia, fizeram prestes uma barca, com todo o que lhes fazia mister, e foram-se lá sem nhum impedimento, nem deficultade, chegaram, e desembarcaram no mesmo lugar, onde postos em oração, mui devotamente a Deos pediam que lhes mostrasse onde jazia o Corpo daquelle glorioso Martyr; a poz esto começaram a cavar, e aprouve a N. Senhor que o acharam, e dando-lhe muitas graças e louvores, o tomaram com muito prazer, e devação, e puzeram-no dentro na barca, e logo Deos alli mostrou por elle um grande milagre, que um dos que iam na barca, em desenterrando aquelle santo Corpo, furtou um dos ossos, e tanto que o tomou, cegou logo de todo, pelo qual cortado de medo; e arrependimento tornou a poello donde o tomara, e neste ponto lhe foi restituída toda sua vista, e foi são como dantes, e tambem se deve attribuir aos grandes merecimentos

deste Santo Martyr, que sendo sempre o mar alli levantado, e perigoso, e reçaça muito grande, foi visto tão chão e manço fóra do acostumado ao embarcar do seu Corpo, como se fóra em qualquer outro lugar, onde nunca houvesse, nem podesse fazer ondas, e assi tornaram com muito prazer a salvamento.

CAPITULO XLVIII

Como o Corpo de S. Vicente foi posto na Sé de Lisboa.

ELLES chegados ao porto da Cidade de Lisboa, não quizeram logo tirar fóra o Corpo do glorioso Martyr, com receo de lho tomarem por força, e aguardando a noite levaram-no escondidamente á Igreja de Santa Justa, o qual sendo logo sabido ao outro dia pela manhã, segundo Deos não quer sua gloria escondida, toda a Cidade corria para alli, e uns diziam que era bem de o poerem em S. Vicente de Fóra, e outros, que mais rezão era estar na Sé, e neste debate D. Gonçalo Viegas Adiantado mór de Cavallaria del-Rei, que era presente, vendo quão errada cousa era, arguir-se mal e arroido sobre cousa tão santa e devota, que mais com rezão deviam tolhe-lo, fez cessar o alvoroço da gente, e que esperassem até que o El-Rei soubesse, e mandasse o que sua mercê fosse nesso. D. Roberto Daião da Sé homem onesto, e de boa vida, foi o mais onesta e escuzamente que pôde a D. Moniz Prior da Igreja de Santa Justa, e rogou-lhe mui afincadamente, que por honrar, e obrigar a Sé, que era a principal e mais dina Igreja da Cidade em que aquelle Santo Corpo

mais honradamente, que em outra parte podia estar, lho quizesse dar, e a elle aprouve dar-lho, e então os da Sé, com toda outra Clerazia mui ledos, foram por elle, e o levaram mui honradamente em procissão, acompanhado de toda a gente da Cidade dando todos muitas graças, e louvores a N. Senhor, e assi foi trazido, e posto na Sé, onde ora jaz. Os Conegos de S. Vicente vieram logo hi a pedir que lhe dessem das Reliquias daquelle santo Corpo, mas não lhe foram dadas.

Quando El-Rei D. Affonso Anriques soube esto, segundo era devoto, chorou com prazer, louvando muito ao Senhor Deos, por querer em seus dias honrar seu Reino com tão preciosas Reliquias, mandando outra vez áquelle lugar donde o Corpo fora trazido, que vissem, e catassem bem, se ficara ainda lá alguma cousa delle. Foram lá, e feita toda diligencia, acharam ainda um pedaço do testo da cabeça, e pedaços pequenos desataudados do Ataude, o que todo trazido sem nada ficar, pozeram com o Corpo. E conta a Estoria, que depois que este santo Corpo alli foi na Sé, o Corvo o qual, segundo já dissemos, que foi visto guarda-lo quando foi deitado ás aves, e animalias veio sempre na barca com elle, e o acompanhou, e depois de posto na Sé, o viram muitas vezes sobre o seu Moimento, como quem o não queria desemparrar, e outras oras se punha sobre o Altar mór, e assi andava voando pela Igreja, e aconteceo, que um moço chamado Joane, que servia na Igreja deu com uma pedra a este Corvo, e foi cousa milagrosa, que logo a essa hora foi tolheito, de todos seus membros, e então seu pai do moço quando vio tamanho pezar ao moço seu filho, lançou-se em oração de noite muito devotamente ante o Corpo de S. Vicente, e foi logo o moço são de todo, como dantes era; e da li nunca

mais ninguem ousou de fazer nojo áquelle Corvo, o qual foi hi visto por muitos tempos. El-Rei mandou escrever o dia, e era em que o Corpo deste glorioso Martyr veio a Lisboa, e foi aos quinze dias do mez de Setembro da sobredita era de mil e cento e setenta e tres annos (1173).

CAPITULO XLIX

Como El-Rei D. Affonso Anriques ordenou de mandar o Ifante D. Sancho seu filho a Alentejo a guerrear os Mouros, e das rezões que lhe sobre ello disse.

DEPOIS que os cinco annos das tregoaes que El-Rei D. Affonso fez com El-Rei Albojaque, como acima dissemos, foram acabados, que foi na era do Senhor de mil cento e setenta e oito annos, (1178) estando El-Rei D. Affonso Anriques em Coimbra, vendo que em toda sua terra era guerra cessada sem ter receo, salvo dantre Tejo, e Odiana, que pelo acabamento da tregoa cumpria ser bem defeza, e guardada, e que álem desto seria cousa honroza, se com a defenção della, se assás se ganharem mais alguns Lugares a Mouros, chamou seu filho o Ifante D. Sancho, e perante alguns do seu Concelho lhe disse assi: «Filho tu sabes bem quanto trabalho tenho passado na guerra com os Mouros, e pela tregoa que tinha com El-Rei Albojaque já ser acabada, hei por certo que os Mouros, não estarão quedos, e guerrearão esses Lugares que delles ganhei em Alentejo, donde recebem, e esperam de receber muito dano, e já me foi falado e requerido que entendesse na defensão delles, pelo qual eu cuidando como se

esto melhor podia fazer de quantas cousas me vieram por sentido me pareceo, e parece melhor que tudo, que eu te mande lá em pessoa, e esto por duas rezões, a primeira, porque sabes que está meu cazo de não poder cavalgar em besta por não ir ás Cortes del-Rei D. Fernando, o que eu não fora por cousa que no mundo houvesse, que fazendo traria a ti, e a mim grande perda, e a todos os do Reino de Portugal; a segunda porque prazendo ao Senhor Deos depois de meus dias, tu hás de ter o carrego de reger, e defender este Reino, e pois te deu Deos entender, e corpo, e manhas para o poderes fazer, é bem que já agora commeces, e o faças.»

Quando o Ifante ouviu esto a seu pai foi muito ledo, e beijou-lhe as mãos, dizendo: «Senhor, eu vos tenho em mui grande mercê esto, que me encarregais, e espero em a graça do Senhor Deos com os bons Senhores e Cavalleiros, de vosso Reino trabalhar como seu serviço, e vossa vontade, e mandado seja cumprido; e pois Senhor se esta cousa ha de fazer seja vossa mercê querer que se faça logo; porque quanto mais cedo for tanto porei a terra em melhor estado, e defensão.» El-Rei respondeo que lhe prazia, que assi o mandava poer em obra, e ordenando logo quais, e quantos daquem do Tejo contra o Porto fossem chamados para haver de ir com o Ifante escrevendo que todos se juntassem em Coimbra a certo dia; esso mesmo fizeram ordenanças, e Regimentos que o Ifante havia de ter no feito da guerra, que havia de começar.

CAPITULO L

Do Alardo que El-Rei D. Affonso Anriques mandou fazer em Coimbra, da gente que mandava com o Ifante D. Sancho seu filho, e como em partindo no meio da Ponte se despediram todos del-Rei.

DESPOIS de vindos todos os que eram chamados ao tempo que lhes foi assinado, fez El Rei fazer Alardo no campo que se chamava Arnado, de assás fermoza, e ataviada gente de armas, e de bésteiros, e piães, e outros todos com grande mostra de coração, e mui ledos para ir com o Ifante D. Sancho a fazerem por suas honras o que a cada um convinha em tal cazo, e desque o soldo foi pago, e elles todos prestes partiram de Coimbra no mez de Julho da sobredita era (1178). El-Rei saio de seus Paços a pé, e veio até ponte, e o Ifante D. Sancho, e todolos outros Grandes com elle, e a outra gente passada da parte dálem, e chegando ao meio da ponte disse o Ifante a El-Rei: «Senhor esto e assaz de vossa vinda, não tome vossa mercê mais trabalho, mas lançai-nos vossa benção, e com a graça de Deos eu, e estes Senhores vossos Cavalleiros, e Vassalos, que aqui estamos, iremos fazer o que mandais, e a elle que sempre endereçou vossos feitos, e teve em sua boa guarda apraza de nos ajudar em tal modo que vosso coração seja ledo, e descansado.» Respondeo El-Kei: «Filho vós fazeis muito bem, mas crede que me é tão grave vossa partida, e destes Vassallos meus naturaes com que soia estar, e ter continos comigo, que ainda que vós, e elles fosseis a cavallo e eu sempre a pé, parece-me que não enfadaria, nem cansaria tanto, que muio mais não faça, como faz este apar-

tamento; mas pois é forçado, pesso a N. Senhor em cujo serviço his vos ajude a todos, e vos haja em sua guarda de guiza, que por vós seja sua santa Fé acrescentada, e seus imigos lançados fóra da terra, que nossos antecessores ganharam». Esto assi passado, quantos ahi estavam foram beijar a mão a El-Rei, e se despediram delle. O Ifante foi o derradeiro que se delle despedio beijando-lhe as mãos. El-Rei lhe lançou sua benção, e se tornou para a Cidade, e elles cavalgaram todos, e se foram seu caminho.

CAPITULO LI

Das jornadas que o Ifante D. Sancho fez, e como partio de Evora guerreando os Mouros até Sevilha, onde fez falla aos seus ante que com os Mouros peleijasse.

PARTIDOS dalli foram aquella noite pouzar a Pennella, e alli disse o Ifante a todos que lhe parecia bem não irem juntos, e que para irem mais folgados, fosse cada um á sua vontade, por onde mais quizesse, porém que se juntassem com elle na Guoleguam. Aos tres dias andados do dito mez de Julho, e juntos hi todos como lhes era mandado, partiram dalli, e passando o Tejo se meteram todos em ordem, como quem entrava em terra a cada passo sospeita de imigos, andaram assi tanto por suas jornadas, que chegaram a Evora onde o Ifante foi bem recebido dos que hi moravam, e todos os seus com elle iam. Esteve o Ifante em Evora alguns dias por sentir o que os Mouros queriam fazer por sua vinda, e tambem por dar folgado caminho aos seus.

Este tempo que o Ifante hi esteve, os Mouros nunca fizeram entrada, nem intentaram cousa alguma, que de contar seja, pelo qual pareceo ao Ifante tempo de fazer o porque viera. Então mandou chamar alguns das frontarias ao redor, para irem com elle, e que todavia as Villas, e Lugares ficassem bem guardadas. De nhuma lhe acodiam tantos, como de Beja, o que causou ficar a Villa muito minguada de gente, que para sua defensão lhe fazia mister.

O Ifante desque teve sua gente junta, abalou de Evora oito dias andados de Outubro da sobredita era de mil cento e setenta e oito annos, (1178) e foi seu caminho direito pelo Castello da Gineta, e dalli se começaram de estender os corredores, e outros homens de armas guerreando os Mouros, estragando-lhes a terra, e assi correo todo aquelle caminho, contra Sevilha, até que passou a Serra Morena. Quando os de Sevilha, e Andaluzia, souberam da vinda do Ifante D. Sancho tiveram-se por mui desonrados, porque depois que Espanha fora tomada, e Sevilha em poder de Mouros, nunca fora guerreada de Christãos, quanto mais ouzarem de chegar tão a cerca della, pelo qual houveram acordo de sair ao Ifante, e pozeram-se todos á saída do Inxarafe. Chegaram novas ao Ifante como os Mouros esperavam alli para peleijar com elle, do que foi mui ledó, dando muitas graças a Deos, por se achar a tempo, e ora que o podesse servir contra aquelles infieis seus imigos, mandou então chamar os Grandes, e outros principaes Cavalleiros de sua oste e disse-lhes: «Quero-vos amigos dar boas novas, com que muito deveis de folgar, como eu faço. Sabei que todo o poder de Sevilha, e terras de redor vos estão aguardando para peleijar com nosco, parece-me que muito nos mostra o Senhor Deos aprazer-lhe de nos dar em nossas mãos o porque viemos,

cousa com que elle seja mui servido, e vós grandemente honrados, que por eu ser novo nestas cousas, e vós que comigo vindes Cavalleiros, em ellas tão provados, ainda agora esta honra ha de ser mais vossa que minha, pelo qual sede muito ledos, e com muito prazer ordenemos, como logo de menhã vamos a elles, e assi a ordenança que a nossa gente hade levar, que do mais hei por mui escuzado dizer-vos nada do que cada um hade fazer, nem meter-vos esforço para isso, conhecendo-vos que sois tais, e que sabeis tanto de honra, e cavallaria exercitados em muitas peleijas, e batalhas, e grandes vencimentos com El-Rei meu Senhor, e pai, que sois mais para dar desso ensino e esforço, que toma-lo de ninguem; hei por assás lembrar-vos, que ponhaes em vossos corações o mais que tudo vos ha-de lembrar, que peleijamos por defender, e acrecentar a Fé de N. Senhor Jesu Christo, o qual de sermos nada, fez de nós filhos, a elle que nos tanto amou, a elle em cujo serviço se não perde trabalho: nos encomendemos, elle que para havermos de servi-lo poz em nós o querer, nos cumpria o poder que façamos com sua graça de menhã, por onde corram de nós taes novas, que elle seja louvado, e meu Pai descansado, e vejam todos que para parecer eu seu filho, e vós seus Cavalleiros, e amigos, não faz mister ser elle presente». Com estas palavras do Ifante folgaram todos muito, e foram mui satisfeitos, respondendo: «Senhor, nós todos somos vossos, e por serviço de Deos e vosso faremos neste feito quanto em nós for, e vós podereis ver, de modo que Deos seja servido, e com sua ajuda vós ganheis muita honra para vós, e para nós, e desagora ordenai logo o que se em ella ha de fazer, porque hoje seja sabido de cada um em que lugar ha de ir, e estar».

CAPITULO LII

Como o Ifante D. Sancho peleijou com os Mouros de Sevilha, e o esperaram ante a Cidade, e do grande vencimento que houve.

ESTO assi passado, o Ifante se apartou logo com os principais para o haverem de fazer, e ordenáram de toda sua gente cinco azes, a primeira fosse a vanguarda, e a outra apoz esta batalha do meio; e a terceira reguarda, e as outras duas azes o Ifante levava consigo, dous mil e trezentos de cavallo, a fóra os corredores que agora chamam ginetes. O Ifante meteo na primeira az em que elle ia, seiscentos de cavallo. Eram hi com elle D. João Arcebispo de Braga, e o Conde D. Gonçalo, e D. Pero Paes Alferes, que então naquella ida servio o Ifante de seu officio, e D. Mem Moniz: a outra batalha segunda, foi encommendada a D. Gonçalo de Souza, com outros seiscentos de cavallo, a terceira, que era reguarda, com outros seiscentos a D. Lourenço Viegas, a az direita levava D. Pedro das Esturias, com duzentos e cincoenta de cavallo, e a esquerda o Conde D. Ramiro, com outros tantos, e os mais dos corredores com homens de pé pozeram tras a carruagem, que a houvessem de guardar, se alguns Mouros quizessem dar nella, e da gente de pé não lemos conto, nem repartição acabada, mais que de quatro mil, de que na avanguarda, onde o Ifante ia, foram metidos mil e quinhentos homens de pés. A's azes foram dados dous mil, e os mais com a carruagem como dito é.

Tanto que essa ordenança foi feita, o Ifante mandou a D. Pedro Paes, que fosse pela oste a encomendar a cada um o que havia de fazer, porque naquella

tempo o Alferes tinha aquelle carregio, e poder, que ora tem os Condestabres. Ao outro dia ante menhã, fez o Ifante dar ás trombetas, foram logo todos levantados mui prestamente, de si ordenáram suas azes, e onde cada um havia de ir, e estar. O Ifante fez mover sua bandeira, e assi todos os outros, e foram todos em ordem até chegarem aonde os Mouros estavam, e logo sem mais detença foram dar, e ferir em elles. Os Mouros receberam-nos mui esforçadamente; ao juntar houve logo muitos derribados, de uma parte, e da outra, e muitos cavallos andavam pelo campo sem senhores. Sobre a az do Ifante, que primeiro juntou com os Mouros carregaram tantos delles, que se não fora soccorrida, em modo algum se pudera sofrer, que vendo D. Gonçalo de Souza, e D. Lourenço Viegas o Ifante assi cercado, e encerrado antre tantos Mouros, foram a gram pressa a ferir nelles; tambem os Condes D. Pedro das Esturias, e D. Ramiro, Capitães das azes, e depois de as azes todas assi envolvidas, e antre si mui feridas, partio-se a peleija em quatro, ou cinco partes mui brava em todolos cabos. Era para louvar a Deos, e folgar de ver o esforçado peleijar dos nossos, que por força fizeram juntar-se onde estava o pendão de Sevilha; e do Ifante, se acha escrito, que bem mostrava ser filho de seu pae, em ferir, assi de lança como de espada peleijando mui esforçadamente, onde quer que se acertava. Em esto vendo D. Pero Paes Alferes, os Mouros assi todos juntos com o pendão de Sevilha dando vozes a Mm Muniz, e a outros Senhores, remeteo ao Alferes que o tinha, e deu-lhe tais duas feridas de espada, que o desatinou, e leixando cair sua espada dependurada por uma cadea, para esso segundo parece costumada travou no Alferes, e como era forçoso deu com elle, e com o pendão em terra.

Nesto os Mouros, que com algum esforço, ou vergonha de ver ainda o seu pendão levantado, sostinham a peleja, tanto que o viram derribado começaram todos a fugir, via da Cidade, e o Ifante e os seus apoos elles matando, e derribando quantos podiam, e ao entrar de Trianna foi tanta a pressa nos Mouros, que não poderam cerrar a porta, e os nossos entraram de volta com elles. Os Mouros que tinham já a ponte passada, por tornarem a soccorrer os que ficavam atraz, acalçados dos nossos, deram tanto empacho e torvação aos trazeiros, que tiveram os nossos grande e despejado tempo, e lugar, para fazer em elles grande matança, e em muitas partes se acha escrito haver sido tanta mortindade dos Mouros, feridos, e mortos no rio Guadalquivir, que suas aguas pareciam sangue, segundo o sangue tinge sempre mais de sua quantidade a agua em mostra muito maior. O Ifante feito este tão grande desbarato dos Mouros, tornou-se para onde elles tiveram seu arraial de ante sentado, no qual acharam prezas grandes, e ouro, e prata, e muitas joias, e cavallos, e outras cousas, as quaes repartio por esses Grandes, e Cavalleiros, e outra gente, como bem lhe pareceu sem tomar nada para si, do que todos foram delle mui contentes.

CAPITULO LIII

Como os Mouros foram cercar Beja, e o Ifante D. Sancho o soube, e foi sobre elles a soccorre-la, e da batalha que com elles houve sobre ella.

ACHA-SE escrito, que ficando assi Beja falecida de gente para sua defenção, pela muita que della se fora com o Ifante D. Sancho mais que de outro nhum Lugar Dalentejo como acima dissemos, e ainda de esses que nella ficaram alguns com medo de a não poderem defender, se partiram della para outros lugares de Christãos, e os Mouros sabendo certo como a Villa estava para ligeiramente se poder tomar, pela mingua de gente que não tinha, ajuntaram-se dous muí principaes antre elles chamados um Alboacamesim, e outro Albouzil, e muitos Mouros que os seguiram, e chegaram a pôr cerco sobre ella. Os poucos Christãos que dentro estavam, corregeram a Villa o milhor que poderam, e poseram-se a defende-la, e aprouve a N. Senhor, que com quanto os Mouros logo em chegando a combateram, e afrontaram mui rijamente, os nossos a defenderam com tanto esforço, que os imigos a não poderam tomar tão de ligeiro, como traziam por certo, e assi por sua multidão, e os defensores da Villa serem poucos, como por o Ifante ser com a outra gente mui alongado, para os haver de soccorrer, detreminaram toda via sentar arraial sobre a Villa, fazendo conta, que ainda que a não tomassem, logo em chegando a tomariam, em alguns poucos dias, que para isso teriam despaço, e começaram trazer, e fazer engenhos, e arteficios, que para tal cazo cumpria.

Quando os de dentro da Villa viram a determinação, e assento dos Mouros, tomaram acordo de o fazerem saber ao Ifante, e mandaram um Escudeiro dos que na Villa estavam sabedor mui bem da terra, cavalgado em um especial cavallo, o qual como foi noite saio-se fóra da Villa com tal tento, e avizo, que não houve sentimento, nem torvação dos do arrayal, e a carta que levava era que os da Villa se encomendavam em sua mercê, e lhe pediam que lhes accorresse em tão grande fadiga e trabalho em que estavam; no qual entre tanto elles fariam quanto em si fosse, por toda via guardarem o que lhes encomendara. Passando assi estas cousas depois de vencida a batalha de Sevilha, o Ifante partio da li contra a terra, que ora em Castella chamam Algarve, fazendo muita destruição nos Mouros por toda aquella terra, e estando sobre Niebla, chegou o recado dos Cavalleiros de Beja, como aquelles Mouros a tinham cercada. O Ifante vista a carta chamou logo os do seu Concelho, e amostrou-lha, dizendo: *Amigos que vos parece desto, ou que devemos fazer.* E todos acordaram que para andarem correndo a terra, não era bem perder-se tal Villa, como era Beja. Então pareceo ser bem, que o Ifante tomasse de sua gente até mil e quatro centos de cavallo dos melhores emcavalgados para logo partirem com elle, e que toda a outra oste o seguisse, e tirassem de pôs elle o melhor que podessem direito a Beja.

Esto assi detreminado, disse o Ifante a D. Pero Paes Alferes, que tomasse carrego dos que haviam de ficar e elle lhe respondeo: «Que cousa Senhor será irdes vós em algum lugar poer em a ventura a vosso corpo, em que me eu não ache a ter vossa bandeira, como ora em esta batalha, que vencestes de Sevilha, e outras muitas com vosso pai, até agora me sempre achei.»

O Ifante lhe tornou a dizer, que elle fora desso mais ledo, mas pois seu cargo era guardar a oste, e regela, e governa-la, e nelle tanto confiava toda via quizesse ficar com ella. Então ficou D. Pero Paes com a gente, e deu de sua mão a bandeira a um seu sobrinho, por nome Sueiro Paes, mui bom Cavalleiro. Logo ao outro dia cedo, sem mais tardar partio o Ifante com aquelles mil e quatro centos de cavallo, a mais andar, e os Adais e Guias que comsigo levava, o levaram por tais Lugares, e caminhos, que os Mouros não poderam haver novas delles, e passaram pelo váo de Mertola, onde chamam as Asenhas. Os Mouros de Mertola, tinham escuitas no váo, e vieram dar novas á Villa, e porque o Ifante passava ao Serão, e a Villa era mui forte, não temeram os Mouros de Mertola, que aquella gente vinha sobre elles, mas que iam soccorrer a Beja, pelo qual mandaram logo a gram pressa homens de pé, e de cavallo fazer saber a Alboacamezim, e Albouzil, como pelo váo das Asenhas passara aquella noite muita gente, e que haviam por certo não ser outrem se não o Ifante D. Sancho.

Havido este recado, foi muito grande alvoroço no arraial dos Mouros, e uns diziam que era bem que se fossem, e outros que era mihor aguardarem, e pelei-jarem com os Christãos. O Ifante tanto que veio aos chãos do Campo Dourique, disse aos seus, que se não trigassem a andar por chegarem mais folgados aos imigos, porque o caminho fora grande, e mao, e vinham trabalhados, e por causa desso não poderam chegar á vista dos imigos se não a ora de Terça. Tinham os Capitães dos arraiaes, especiais espias, e tanto que houveram avizo de Mertola, mandáram logo essa noite corredores a saber que gente era a que vinha, e se vinham para alli, se para outra parte. Os corredores dos Mouros amanheceram acerca de alguns do Ifante,

que vinham adiantados, e prenderam um Escudeiro, que lhes contou todo como era, e tornáram logo á pressa com elle a seus Capitães, e sabida a verdade por elle, esses milhores do arraial, por escuzarem vergonha de não esperar, mostraram grande esforço, e tenção de quererem em todo cazo peleijar com os nossos, como quer que al tivessem na vontade, outros mostravam o contrario, pelo grande receio que tinham ao Ifante, e aos outros que vinham com elle, havendo que seriam assinados Cavalleiros, dobravalleis este medo o fresco desbarato, e mortindade de Sevilha, segundo, que a corações encontrados em receios, sempre se lhes agoura, e apresenta o peor. Este incerto alvoroço dos Mouros deu espaço para o Ifante poder chegar sem elles poderem al fazer, se não esperar, e sair-se fóra do arraial, tão acerca viam já o pó da gente dos Christãos.

Quando o Ifante chegou estavam já os Mouros com suas azes prestes, e sem mais aguardar, disse logo o Ifante a Sueiro Paes, que abalasse rijo com a bandeira, e assi foram rijo ferir nos Mouros, e a peleija, esse espaço que durou, foi fortemente peleijada dambas as partes, e com mostra de haver mais de durar, mas aprouve a N. Senhor, que os Mouros não poderam sofrer o grande esforço, e combate dos nossos, e começaram a fugir, e foram delles muitos cativos, e mortos, antre os quais morreram hi os dous Capitães Alboacamezim, e Albouzil. O Ifante com o seu, e assi os da Villa houveram grandes prezas em aquelle desbarato, e o Ifante assentou seu arraial fóra da Villa, sem querer entrar nella, até que chegasse a outra gente sua, que elle mandára que o seguisse. Os da Villa saíram fóra, e trouxeram-lhe serviços desso que podiam. O Ifante os recebeo com muito prazer e agradecimento louvando-os muito do grande esforço, e

bondade que tiveram em defender a Villa, sendo tão poucos.

Foi esta peleija, e vencimento do cerco de Beja, em dia Dascenção de N. Senhor dezoito dias de Maio, do Nascimento de N. Senhor de mil cento e setenta e nove annos (1179). A cabo de tres dias, do desbarato dos Mouros, chegou D. Pero Paes com toda a oste que lhe ficou encarregada, e depois de chegados, foi o Ifante com certos Cavalleiros ver a Villa, e entrando pela porta vio ainda em cima estar as Armas de Almançor, mandou-as logo tirar, e poer as del-Rei seu pai. Mas ora deixará a Estoria de falar do Ifante D. Sancho, que ficou em Beja mui temido dos Mouros de toda aquella terra, e contará de uma entrada que El Rei Guami Mouro, e um seu irmão fizeram em Portugal, e como foi desbaratado, e prezo em Porto de Mós, por um Cavalleiro, que havia nome D. Fuas Roupinho.

CAPITULO LIV

Como os Mouros cercaram Porto de Mós, e foram desbaratados por D. Fuas Roupinho Alcaide do Castello.

SABENDO OS Mouros de cima do Tejo, como o Ifante D. Sancho era em Beja, de socego, parecendo-lhes que com a occupação que lá teria, elles podiam a seu salvo fazer entrada em Portugal, um Rei daquella terra onde ora é Caceres, e Valença, que chamavam Guami, e um seu irmão com soma de gente das terras a redor, passou o Tejo, e correo toda a terra de Christãos, até chegar a Porto de Mós. Em aquelle tempo tinha o Lugar um Cavalleiro, que cha-

mavam D. Fuaes Roupinho, o qual quando soube que vinha aquelle Mouro sobre elle, saio-se do Castello, leixando em elle gente que o podesse defender, encomendando-lhes muito, que assi o fizessem, que elle se não saia se não para logo lhes soccorrer com mais gente. Saído elle meteo-se em cima da Serra, que chamam Amendiga, da parte donde nace o roio de Porto de Mós, fazendo esconder os seus, mandou logo a gram pressa a Alcaneide, e Santarem fazendo saber a vinda daquelles Mouros, e que lhe enviassem gente, porque com a ajuda de Dees esperava que havia haver delles honra, e vencimento. Acodiui-lhe logo bom quinhão de gente, e no dia que elles chegaram aonde estava D. Fuaes Roupinho, chegou o mesmo Rei Guami com todas suas gentes sobre Porto de Mós, e vendo o Castel'lo tão pequeno, fazendo conta que ligeiramente o tomaria, foram logo todos em chegando a combate-lo mui rijamente. Foi o combate tão profiado, que durou até noite, dos Mouros foram muitos mortos, e feridos, e assi da parte dos Christãos houve danno assás, e durando o combate os que estavam na Serra com D. Fuaes Roupinho, debatiam-se todos por ir soccorrer aos seus, e elle lhes disse.

«Amigos posto que nós aqui sejamos muitos, porém eu vos rogo, que vos rejais hoje neste cazo por mim, que segundo cuido, e espero prazerá a Deos que vossos desejos, e meus, eu vo-los darei compridos com muito prazer, e honra, antes que estes Mouros daqui vão, e vós sede certos, que os que eu leixei no Castello são taes, que se defenderão bem, ainda que creio que os Mouros de os ter em pouco, não cessarão do combate até que a noite os desparta, e esso é o que eu mais desejo, porque então do caminho e combate mais cançados se lançarão a repouzar, e dor-

mir, e nós ante menhá daremos nelles, e os desbarataremos.

E assi lhes saio em todo, porque de madrugada deram nos Mouros entregues ao sono, e não menos em descuido de lhes tal acontecer, e porque o lugar onde os Mouros estavam ante o Rio e o Castello ser mui estreito, deu ainda mais azo para sendo assi cometidos se embaraçarem antre si, e desbaratarem, e serem mortos, e feridos muitos mais, sem se poderem remediar. Foi ahi prezo El Rei Guami, e seu irmão com elle, e outros muitos, os quais com cincoenta dos melhores D. Fuas Roupinho levou a El-Rei D. Affonso Anriques a Coimbra. El-Rei o recebeu com muito prazer e gazalhado, e mandou meter em prisão a El-Rei Guami, e todos os que com elle foram levados, e a D. Fuas, e aos que com elle iam, e foram na batalhe fez grandes mercês, como cabe aos Principes fazer por serviços, e merecimentos, assinados como aquelle. Foi esta batalha de D. Fuas Roupinho, e El-Rei Guami, em Porto de Mós aos vinte dias do mez de Maio, era de mil cento e oitenta annos (1180).

CAPITULO LV

Como D. Fuas Roupinho peleijou no mar com os Mouros, e os venceu, e tomou delles nove Galés.

ESTANDO assi D. Fuas Roupinho com El-Rei em Coimbra, quando lhe levou aquelle Rei Mouro prezo, escreveram os de Lisboa a El-Rei como hi andavam nove Galés de Mouros, de que era Almirante um Mouro por nome João Ferreiro Dalfamim, o qual fazia muita guerra e dando por

aquella Costa, que fosse sua mercê manda-lo remediar. El-Rei havendo este recado, chamou D. Fuas Roupinho, encomendou-lhe que fosse a Lisboa, e fizesse armar Galés, e que fosse elle por Capitão, para ir peleijar com os Mouros, se o esperassem; e deu-lhe logo cartas e mandados para seus officiais, que lhe dessem para ello todo o que lhe fizesse mister, e outra para a Cidade, de como o mandava lá para armar aquella frota, e por tanto fizessem todo o que acerca desso elle lhes requeresse. Tanto que D. Fuas foi despachado, espedio-se del-Rei, e partio-se para Lisboa, e como chegou deu a Carta del-Rei á Cidade, e as outras aos officiaes daquelle carrego, e logo á pressa se deu ordem para se armar a frota, e como foi prestes, D. Fuas entrou em ella, e partio volta do Cabo de Espichel, por haver novas que na paragem do rio de Setubal continuadamente, continuavam mais as Galés dos Mouros, e faziam sua guerra, as quais havendo lá nova da Armada que se fazia, vinham tambem contra Lisboa a sabe-lo, e trova-lo se podessem, e em dobrando o Cabo, houveram vista da frota dos Christãos, e sem mais detença se foram aferrar uns com outros, peleijando mui fortemente, e quiz N. Senhor que os Mouros foram desbaratados, e todas suas Galés tomadas. Isto foi na era já dita de mil cento e oitenta annos (1180) a quinze dias de Julho. Tornou-se então D. Fuas para Lisboa com grande vitoria e honra, com a qual como era razão foi recebido.

CAPITULO LVI

Como D. Fuas Roupinho tornou outra vez sobre mar, por mandado del Rei D. Affonso contra Mouros, e foi desbaratado, e morto elle, e os seus.

TANTO que D. Fuas Roupinho tornou a Lisboa, com este vencimento, segundo muitas vezes, pequena boa andança engana para deza-ventura maior, escreveo logo a El-Rei D. Affonso a Coimbra da vitoria que houvera onde o mandára, e mais lhe fazia certo, que os da Cidade, e toda a terra ao redor estavam em grande reto, e vontade de entrar nas Fustas e Galés para irem fazer guerra aos Mouros, e se houvesse por seu serviço, elle os serviria nesso. E El-Rei lhe mandou dizer, que lho tinha muito em serviço, e que assi o fizesse, escrevendo á Cidade sobre esso, e visto o recado del-Rei armaram logo a soma de Galés, e D. Fuas, foi Almirante, e foram correr a Costa do Algarve; mas de couza notavel, e para contar que hi fizessem nada achamos escrito, e então D. Fuas teve Conselho do que fariam, e acordáram ser bem ir sobre o porto de Cepta, e hi acharam Fustas de Armada de Mouros, e tomaram-nas, e assi outros Navios grandes com elles, e depois de estarem ahi dous dias ante Cepta, tornáram para Lisboa trazendo os Navios tomados comsigo, vindo com grande prazer e contentamento de suas prezas, e logo a poucos dias deprecis de chrgados, com não menos alvoroço, sem tento, o que não consente rezão ser sempre ditozo, se fizeram prestes para tornarem lá.

Os Mouros mui sentides dos dannos feitos por D. Fuas, receando-se de mais adiante, mandáram sobre ello recado por toda a Mourisma da praia, e tambem

das partes da Espanha, e ajuntáram cincoenta e quatro Galés, e D. Fuas não sabendo desto parte, entrou pelo Estreito dentro, e depois achou-se lá com Galés dos Mouros, e pela grande corrente lançaram-se as nossas Galés sobre a frota dos inimigos, e não puderam os nossos al fazer, se não peleijarem com elles, e assi aferráram, e peleijaram muito espaço. Mas pela grande desigualança, e os Mouros serem muitos mais foram os nossos vencidos, e desbaratados, e mortos muitos, e antre elles o nobre D. Fuas Roupinho. Esta foi aos dezasete de Outubro da dita era de mil e cento e oitenta annos (1180).

CAPITULO LVII

Como Almiramolim, que Emperador de Marrocos se dizia, entrou em Portugal com muitas e innumeraveis gentes, e cercou o Ifante D. Sancho, em Santarem, e em fim foi vencido e desbaratado por El-Rei D. Affonso, que veio a soccorrer seu filho.

DESPOIS que o Ifante D. Sancho teve Beja corregida do que compria para sua defensão, deixando em ella fronteiros, e assi nos outros Lugares e Villas Dalentejo veio-se para Santarem com a gente que de continuo trazia consigo, e alguma pouca mais, porque a outra ficava repartida pela frontaria dos Mouros, e estando assi o Ifante D. Sancho em Santarem Almiramolim Emperador antre os Mouros Rei de Marrocos, vendo o grande danno e estrago que os Mouros tinham recebido del-Rei D. Affonso Anriques, e do Ifante D. Sancho seu filho, e como de toda a terra se lhe mandavam desso cada vez mais

agravar, foi movido a fazer guerra a Portugal, e juntou muitas gentes infleis, dáquem, e dálem mar, e segundo diz uma Chronica, que foi achada em Santa Cruz de Coimbra, não era em memoria até aquelle tempo que tanta gente de Mouros fosse junta para entrar em Portugal. Vinham com Almiramolim, El-Rei Albojaque de Sevilha, e El-Rei Albozady, e El-Rei de Grada, e El-Rei de Fês, e outros Reis Mouros, que por todos eram treze, cujos nomes se não acham escritos, e vieram pelas partes Dalentejo a entrar na Estremadura, passando o Tejo um Domingo, dia de S. João Bautista, sete dias por andar de Junho, era do Senhor de mil e cento e oitenta e quatro annos; os Mouros logo em esse dia foram sobre o Castello de Torres Novas, e destruíram-no, e á Segunda feira vieram poer seu arraial em um lugar que se chama o monte de Pompen, e á Terça feira se ajuntáram todos na Redinha, e á Quarta feira, se vieram a Orta lagoa, e alli sentáram seu raial, e esta conta da entrada, e jornadas de Almiramolim se escreve assi na Coronica, como quer que um letreiro dos que estão no Convento de Thomar, desvaire algum tanto, e diz que foi Almiramolim cercar o Castello de Thomar o primeiro dia de Julho, e o teve cercado seis dias, e que trazia comsigo quatrocentos mil de cavallo, quinhentos mil de pé, poderia passado o Tejo de tanta multidão apartar-se muita gente, poer este cerco, e fazer outras corridas pela terra, e chegar elle a esto, e deixa-lo posto.

O Ifante D. Sancho que estava em Santarem, como dissemos, não tendo comsigo gente, que com rezão podesse peleijar com tanta multidão de Mouros, meteo-se a correger a Villa o melhor que pode para se haver de defender, e segundo achamos escrito ainda então, maior parte de Santarem era arrealde, nem

havia ahi mais cerca que Alcaceva pela torra de Alfam, até Alfanja, o Ifante depois de correger os muros, e ordenar a defensão saio-se fóra ao arravalde, e tomou uma parte delle, para o abairreirar de cubas, e portas, e escudos, e fez palanques, e lugares em que podessem estar para defender, mandando derribar todas as casas de redor, e então repartio sua gente, e elle poz se com sua bandeira onde lhe pareceo haver de ser mór pressa, e ao outro dia pela manhã Quinta feira vinte e oito de Junho vespora de S. Pedro, e S. Paulo abalou Almiramolim com toda sua gente, e chegou a Santarem, segundo conta aquella Estoria achada em Santa Cruz, como já disse, e em chegando, tanto que soube que o Ifante o esperava assi naquelle palanque houve por desprezo, e fez logo dar ás trombetas, e mover toda sua gente, e combater o palanque.

Foi o combate tão forte, que morreram e foram feridos muitos de uma parte e da outra, em quanto uns peleijavam, destroiam os outros todo o arravalde de fóra do palanque até torre Lavinha, por fazerem aos Mouros maior praça, e despejo, para combater. Tanto que veio a noite, que partio o combate, o Ifante poz guarda no palanque, e fez agazalhar e repousar outra gente, e pensar dos feridos, e esta mesma afronta soffreram os Christãos assi cinco dias arreoio, porque os Mouros eram tantos, que mui folgadoamente se renovavam cada vez muitos aos combates, desde pela manhã até noite; e segundo conta a dita Estoria, quando El-Rei D. Afonso soube que Almiramolim vinha sobre o Ifante seu filho, ajuntou a mais gente que pode, e abalou tanto á pressa, que aos tres dias desque o Almiramolim chegou a Santarem, foi El Rei a Porto de Mós. Os Mouros sabendo da vinda del-Rei D. Afonso não leixáram por esso seguir com maior afronta seus combates, cada dia, como antes faziam ao

quinto dia foi o Ifante e os seus tão afincados dos Mouros, e postos em tanto aperto, que o palanque foi roto por algumas partes, e muitos dos Christãos mortos, e feridos, e o Ifante esso mesmo foi ferido, com todo mui esforçadamente se defenderam, e sostiveram aquelle dia, que não foram entrados, e já não tinham modo de defensão, se não desemparar o palanque, e acolher-se ácerca; mas o Senhor Deos, que é poderoso em todas as cousas, quando se os homens em ellas não sabem, nem podem valer, então acode elle com sua ajuda, porque se então mais conheça, e poz tal medo e receo nos Mouros, com a vinda e chegada del-Rei D. Affonso, que começaram a dezemparrar os combates que faziam, e ir-se poucos a poucos, a mais andar, como desbaratados, como soi a muita gente de fazer, e desmandar-se, quando se menos pôde reger, e os Christãos vendo os raias dos Mouros mover se, e partirem-se de onde estavam, saio gente de pé do Ifante contra elles, e os Mouros se afastaram para um Lugar, que se chama monte de Abbade, e nisto appareceo El-Rei D. Affonso com sua gente, de que o Ifante e os seus foram mui ledos, e pozeram-se logo todos a cavallo, e juntos com El-Rei déram nos Mouros, fazendo nelles grande estrago, e mortindade, de que morreram alguns dos Reis que alli vinham, e grande parte dos mais nobres Mouros, e foi alli ferido Almira-molim, e feito assi nelle, e nos seus tão grande desbarato.

Tornou-se El-Rei, e o Ifante com grande vencimento, e prazer de todos os seus, e acháram no Arraial dos Mouros grandes despojos de ouro e prata, e tendas armadas, cavallos, e camellos, e outras muitas cousas com pressa da peleija deixadas. E com todo esto, e muitos Mouros cativos, entráram na Villa mui ledos, dando muitas graças e louvores a N. Senhor. Estos

Mouros, que assi iam fugindo com quanto iam desbaratados, porém por ainda ficarem mui muitos de tanta multidão foram poer arraial acerca Dalanquer, e tiveram-na cercada alguns dias, combatendo-a rijamente sem lhe poderem empecer, e depois se alçaram dali, e foram-se a Aruda, e destruíram-na toda por terra, e dali se foram cercar Torres Vedras, e estiveram sobre ella onze dias, e vendo que a não podiam tomar, houveram Conselho de se ir volta de sua terra, achando que eram dos seus muitos mortos, e perdidos, e assi muitas riquezas que trouxeram, e então se partiram seu caminho, e passado o Tejo morreo o seu grande Emperador Almiramolim das muitas feridas que houve na batalha.

CAPITULO LVIII

Como cazou Dona Tareja filha del-Rei D. Affonso Anriques a derradeira, com D. Felipe Conde de Frandes.

DESPOIS que a batalha assi foi feita, El-Rei D. Affonso Anriques esteve alguns dias em Santarem, partio-se para Coimbra levando comsigo o Infante D. Sancho seu filho, e como quer que já tenhamos dito, juntamente que El-Rei D. Affonso teve tres filhas, e que uma dellas cazara com El-Rei D. Fernando de Lião, e outra com o Conde D. Reymon de Barcelona, e outra com D. Felipe Conde de Frandes, nesta era acima dita de mil e cento e oitenta e quatro annos, metendo-se antre o seu cazaamento, e de suas Irmãs passante de vinte e cinco annos, em que parece, que ainda esta Dona Tareja não

era nacida, ou havia pouco que nacera, mas como se veio tratar o seu cazamento, não achamos escrito cousa para dizer de certo, sómente que desta tornada del-Rei D. Affonso, de Santarem para Coimbra, mandou o Conde D. Felipe de Frandes, por Dona Tareja sua molher, e vieram por ella Cavalleiros, e Senhores muitos, e outra muito nobre gente, e bem luzida, e Nãos mui bem guarnecidas, á Cidade do Porto, e tanto que El-Rei soube que elles hi eram, partio-se com sua filha para lá, levando comsigo deses grandes do Reino, e homens principais, e quando chegou os Senhores, e Cavalleiros, que vinham pela Ifante, saíram a El-Rei, e a ella de quem foram bem recebidos, e com muita honra agazalhados, perguntando-lhe El-Rei com muita afeição, e assi a Ifante por novas da saude, e disposição do Conde, e de seu estado, e depois desto entregou-lhes El-Rei sua filha muito honranamente, mandando com ella em outras Nãos dos seus naturaes alguns Grandes do Reino, e pessoas principais, e asi Donas, e Donzellas de linhagem quantas compria, e esta Dona Tareja viveo com seu marido vinte e tres annos.

CAPITULO LIX

De como veio adoecer El-Rei D. Affonso Anriques, e de seus grandes louvores, e cavallarias em soma brevemente tocadas mais que dinamente escritas.

VENDO-ME chegado haver de dar cabo aos mui nobres feitos del-Rei D. Affonso Anriques com sua morte, a qual nos bons sempre é temporam, por tarde que venha. tomo desso grande pezar, como se vivendo com elle o visse falecer.

Tão conversado, e affeiçoado trazia o espirito na materia de suas excellencias ! Depois de feito o casamento acima dito, veio o nobre Rei adoecer logo ao anno seguinte, e faleceo dessa doença o Excelente Principe mui manhanimo igual a qualquer dos mui excellentes antigos em valentia de forças, e coração mui grande, nem que na Christandade houve outro, antes, nem depois delle mais temido dos Mouros, cujos mui notaveis feitos não é duvida acharem-se muito menos postos em escrito, do que foram por obra, ora fosse por culpa dos tempos, ora por mingoa dos Escriitores, segundo em alguns passos dessa sua Estoria se pode assás comprehender, porque em ella se não faz menção de muitas cousas assinadas de sua pessoa, nem dos seus, assi como de D. Gualdino Paes, que foi Mestre do Templo de Christo, em Portugal, e fez o Castello de Thomar, e outras Fortalezas, e servio grandemente em seu tempo.

Teve este muito esforçado Rei, em suas excellentes cavallarias, como por ellas se mostra, o animoso fervor, e ardente esforço de Julio Cesar, e a segurança mui confiada de Publio Cipião Africano, em tanto grão, que todo o que estava por fazer, cometia como se o tivesse já feito, e o que mui difficil se acha sendo tão activo. Era cheio de muita fé e devação, sem a qual toda cavallaria no Christão, é deslouvada, e ainda muitas vezes danoza, e com rezão mal preparada, pelo qual este mui virtuoso Rei, tendo tamanha occupação de guerras tão santas, e meritorias, contra os infieis, que assás bastavam para muito merecer ante Deos, não leixou por isso de fazer muitas Igrejas, e Moesteiros mui sumptuosos, dotados de muita renda, e ornamentos com muito serviço e acrescentamento do culto Divino, de que hoje em dia são principaes o Moesteiro de Santa Cruz de Coimbra, e o Moesteiro

de Alcobaça, leixando manifesto exemplo aos menos devotos, que occupação de servir a Deos em uma cousa, não tolhe por esso, mas antes dá graça e poder para muitas outras.

E em uma Chronica achei, que elle começou a Ordem de Santiago, e deu ao Espirital de Jerusalem oitenta mil dinheiros de ouro para se comprar herança, e tanta renda, porque désse cada dia a todos os enfermos de enfermaria mantimento de pão, e vinho, para que o metessem cada dia em orações, e satisfizesse outras muitas cousas de caridade, e devação, foi mui amado, e temido dos seus. Houve, e venceu em pessoa muito grandes batalhas, e afrontas de peleijas, segundo se achou com muito poucos contra muitos; desbaratou em pessoa dous Emperadores, um Christão, e outro Mourro, e vinte Reis Mouros, com grandes poderes, e gentes, sendo elle muito menos. Primeiramente em Val de vez, antre Monção, e Ponte de Lima, venceu El-Rei D. Affonso de Castella chamado Emperador. Depois no Campo Dourique venceu cinco Reis Mouros, com infinda Mourama, e junto com Palmela venceu El-Rei de Badalhouce Mourro, vindo com grande poder. E em Santarem Albojaque Rei de Sevilha, e apoz esto, Almiramolim Emperador, que se dizia antre os Mouros Rei de Marrocos, que trazia treze Reis Mouros comsigo, com novecentos mil homens, como dito é, não contando outros vencimentos grandes, que houve de Lugares, e Fortalezas, que tomou a Mouros, muitas, e mui grandes, e fortes: primeiramente na Estremadura, Santarem, Lisboa, e todas outras Fortalezas della, desde Lisboa até Coimbra, em Alentejo, tomou Cezimbra, Palmela, Alcacer, Evora, Elvas, Cerpa, Moura, Beja, e outras Fortalezas muitas, mui fortes, e grandes.

CAPITULO LX

Dos annos que El-Rei D. Affonso Anriques viveo, e do dia, mez, e era em que se finou, e onde foi sepultado.

NA verdade El-Rei foi dino de grande louvor, e memoria de todos seus feitos, e que alguns escrevessem delle que em sua mancebia foi bravo, e esquivo, sobejo, certo a mim parece conciliando bem tudo, que em nhum tempo teve cousa alguma, que sendo elle o primeiro Rei de Portugal, e no modo que o foi, lhe não fosse compridouro ser em tudo qual foi, assi para serviço de Deos, como para bem, e muita honra do seu Reino, e que se tal não fora, não sabemos que fora de Portugal, o que Deos seja louvado, agora é, porque como diz Aristoteles, o principio é mais, que o mcio das cousas, porque muitas vezes ouvi dizer a meu irmão D. João Galvão, Arcebispo que foi de Braga, e Prior de Santa Cruz de Coimbra, Escrivão da Puridade del-Rei D. Affonso o Quinto, que Santa gloria haja, que segundo achava pelas cousas daquelle Moesteiro, e outras obras daquelle virtuoso Rei, elle o tinha por Santo, e por tal a seu parecer deve ser havido.

Os annos, que neste mundo viveo ainda que se achem escritos em diversos modos, porém tirada a limpo com muita diligencia, a verdade desso, achei que viveo noventa e um annos; porque elle naceo na era de N. Senhor Jesu Christo de mil e noventa e quatro, cinco annos antes que a Caza Santa de Jerusalem fosse tomada aos Mouros pelo Duque Gudufre de Bulhão; e por morte de seu pai o Conde D. Anrique ficou elle de dezoito annos, e des então foi chamado Principe

vinte e sete annos, e depois chamado Rei quorenta e seis annos, e sendo alçado Rei em idade de quorenta e cinco annos, que são assi por todos noventa e um annos, em que o Senhor Deos aprouve leva-lo para si, tres annos antes que a Caza Santa se tornasse a perder, e tomar de infieis, pelos peccados dos Christãos, tolhendo N. Senhor a este virtuoso Rei, que não visse tão grande pezar, quem lhe tanto mereceo empunhar pela sua Santa Fé.

Finou-se aos seis dias do mez de Dezembro, era de N. Senhor Jesu Christo de mil cento e oitenta e cinco annos. Foi enterrado no Moesteiro de Santa Cruz de Coimbra que elle mandou fazer. Ainda que velho foi mui sentida sua morte, de seu filho, o Ifante D. Sanchinho, e de todos seus Cavalleiros e Vassallos, do Povo, do Reino de Portugal, e seu corpo enterrado com muita honra, e grandes obsequias, e sua Alma levada nas mãos dos Anjos, á gloria do Paraiso, onde todos sejamos. Amen. Tem de fóra da sepultura um letreiro de versos em latim, que diz, outro Alexandre jaz aqui, ou Julio outro.

DEO GRATIAS

INDEX

DAS COUSAS NOTAVEIS

A

Abdenamer cativou em Espanha muitos Mouros, e Christãos, e abrazou muitos Santuarios, pag. 80.

Achy Rei Mouro com trezentos mil Soldados cerca Coimbra, e levanta o cerco com grande perda, pag. 54.

Affonso (D.) Rei de Lião foi filho de D. Fernando, e Dona Urraca filha del-Rei D. Affonso Anriques, pag. 131.

Affonso de Castella (D.) chamado o Emperador caza sua filha Dona Tareja com o Conde D. Anrique, pag. 42. É vencido na batalha de Valdevez por D. Affonso Anriques, pag. 54.

Affonso Anriques (D.) Quando naceo, pag. 44. É entregue a Egas Monis para ser seu Aio, 45. É apresentado por este Fidalgo a N. Senhora a qual o livra da aleijão com que naceu, 46. Acompanhou a seu pai defunto até o lugar onde o sepultáram, pag. 50 Dezaña a seu Primo el-Rei de Castella D. Affonso filho do Conde D. Reymão por lhe tomar Lião, mas logo

se reconciliáram, pag. 50. Peleja com seu Padrasto, e é vencido, pag. 52. Torna Segunda vez a batalhar, e o vence, e prende juntamente com elle a sua Mai, pag. 52. Alcança a batalha de Valdevez onde fica vencido D. Affonso de Castella chamado Emperador, pag. 54. É cercado em Guimarães por D. Affonso de Castella, pag. 55. De como levantou o cerco, pag. 57. Conquista Leiria, e Torres novas, pag. 61. Parte ao Alentejo para pelejar com os Mouros, pag. 62. Sentio muito a morte de Egas Moniz, 62. Busca a el-Rei Ismar, e assenta os arrayaes no lugar chamado Cabeças de Rei, pag. 65. É despersuadido pelos Soldados a não commetter a batalha do campo de Ourique, mas elle os anima para o conflito, pag. 65 e 66. Aparece-lhe Christo Senhor nosso, e lhe segura o bom successo da batalha, pag. 70. Antes da batalha é levantado Rei, pag. 73. Dá-se a batalha, e sae vitorioso, pag. 74. Depois d'esta vitoria acrescentou o escudo suas Armas, pag. 76. E' informado do lugar onde está o Corpo de S. Vicente Martyr, pag. 77. Vai buscar este santo Corpo ao Cabo do seu nome, e o não acha, pag. 81. Toma Leiria aos Mouros, pag. 93. Faz doação a S. Theotonio de Leiria, e Arronches sô-mento no espirital, 94. Caza com Dona Mofalda, pag. 94. Intenta tomar Santarem, pag. 95, 96 e 97. Manda por Martim Mohás levantar a tregoa com os Mouros de Santarem, pag. 99. Voto que fez a S. Bernardo se conquistasse Santarem, 100. Pratica que fez aos Soldados para conquistar esta Villa, pag. 101. Escala esta Villa, e se fez Senhor della, pag. 105. De que modo rendeo a Deos as graças pela tomada desta Villa, pag. 107. Ordena cercar Lisboa, 110. Exhorta aos estrangeiros que chegáram na Armada para a conquista de Lisboa, pag. 111. Conquista esta Cidade, e purifica a sua Mesquita, pag. 113 e 114. Determina

fazer esta Cidade Bispado, e quem foi o seu primeiro Bispo, pag. 120. Nomeia o primeiro Prior do Mosteiro de S. Vicente de Fóra, e quem foi? pag. 121. Conquista Alanquer, Obidos, Torres vedras, e Alcacere, Elvas, Moura, e Serpa, pag. 123. Dos filhos que teve; pag. 124. Recebe com grande pompa em Tuy ao Conde de Barcelona D. Reymondo, que vinha com procuração de seu filho a despozar-se com Dona Mofalda filha do mesmo Rei, pag. 125. Toma Cezimbra, e Palmella onde desbaratou os Mourcs, pag. 127, 128 e 129. Conquista Badalhou-se, pag. 131. Contendas que teve com seu genro D. Fernando Rei de Lião, e sahindo a pelejar com elle quebra uma perna no ferrolho das portas de Badalhouse, pag. 132. Por causa deste desastre fica prisioneiro, e para recuperar a liberdade concede, e larga algumas terras, e Fortalezas a D. Fernando, pag. 133. Fez juramento a seu filho D. Sancho por successor da Coroa, e quando se celebrou este acto, pag. 133. Desbarata em Santarem a Albojame Rei de Sevilha, que a vinha cercar, pag. 138. Manda a seu filho D. Sancho a pelejar com os Mouros no Alentejo, pag. 142. Soccorre ao mesmo Infante, que estava em Santarem cercado por Almiramolim Emperador de Marrocos, e o desbarata, pag. 163. Acções illustres, que obrou, pag. 166 e 167. Annos, que viveo, pag. 168. Dia, e anno da sua morte, e onde está sepultado 169.

Alanquer E' conquistado por D. Affonso Anriques, pag. 123.

Albojame Rei de Sevilha é desbaratado pertendendo tomar Santarem, por D. Affonso Anriques, pag. 138. Faz tregoas com o mesmo Rei por cinco annos, pag. 139.

Alcacere é conquistado por D. Affonso Anriques, pag. 123.

- Almada, diversos nomes que teve, pag. 116.
- Almiramolim. Emperador de Marrocos cerca em Santarem ao Infante D. Sancho, e é desbaratado, pag. 163.
- Arronches é tomado por São Theotónio Prior de Santa Cruz de Coimbra, pag. 92.
- Auzery Alcaide mór de Santarem foge para Sevilha quando se tomou a dita Villa, pag. 108.
- Azambuja porque cauza lhe puzeram este nome, pag. 115.

B

Badalhouse é tomado por D. Affonso Anriques, pag. 131. No ferrolho das suas portas quebrou o mesmo Rei uma perna, e por esta causa é prisioneiro por seu genro D. Fernando Rei de Lião, e recupera outra vez Badalhouse, pag. 132.

Batalha de Santilhanas, nella foi prisioneiro por D. Affonso Anriques D. Fernando Conde de Trastamara juntamente com a Rainha D.ª Tareja mãe do mesmo Rei, pag. 52.

A de Valdevez, nella ficou destruido D. Affonso de Castella chamado Emperador, pag. 54. A do Campo de Ourique, pag. 73. A de junto de Palmella, pag. 129. A de Inxarafe alcançada pelo Infante D. Sancho, pag. 148. A de Beja alcançada pelo mesmo Infante, pag. 154. A de Santarem onde é destruido Almiramolim Emperador de Marrocos, pag. 163.

Beja é conquistado por D. Affonso Anriques, e em que anno, pag. 123. E' cercada pelos Mouros governados por Albocamesim, e Albouzil, e levantam o cerco derrotados pelo Infante D. Sancho, pag. 154.

Bernardo (S.) Estando em França soube por illus-

tração Divina o voto que fizera á sua Religião D. Affonso Anriques se conquistasse Santarem, pag. 100.

C

Cezimbra é conquistada por D. Affonso Anriques, pag. 127.

Childe Rolim foi um dos principaes Cavalleiros que veio na Armada que ajudou conquistar Lisboa, pag. III. Passou á Villa de Azambuja, que ficou a seus descendentes, pag. 115.

Coimbra é cercada por Achy Rei Mouro, e levanta o sitio com grande perda, pag. 54.

D

Daciano Martyrizou a S. Vicente, pag. 79.

D. Diogo Gonçaves morre valerosamente na batalha de Ourique, pag. 74.

E

Egas Moniz (D.) foi o aio del Rei D. Affonso Anriques, pag. 45. Aparece-lhe de noute N. Senhora, e lhe manda leve a este Principe a um lugar, onde achará uma Igreja sua onde ficará livre da aleijão com que nacera, e assim succedeo, pag. 45. Da maneira que fallou a El-Rei de Castella D. Affonso, e lhe fez levantar o cerco de Guimarães, pag. 56. Vai com sua mulher, e filhos apresentar se a El-Rei de Castella pela menagem que lhe tinha feito em Guimarães, pag. 58. E' livremente despedido pelo dito Rei, pag.

59. E' recebido com grande alegria por D. Afonso Anriques quando voltou de Castella, 60. Da sua morte, e onde está enterrado, pag. 62 e 63.

Elvas é conquistada por D. Afonso Anriques, pag. 123.

Elvira (D.) filha del-Rei de Castella D. Afonso chamado o Emperador casou com o Conde D. Reymão de S. Gil de Proença, pag. 42.

Evora é conquistada por D. Afonso Anriques, pag. 123.

F

Felippe (D.) Conde de Frandes cazou com Dona Tareja filha terceira del-Rei D. Afonso Anriques, pag. 124.

Fernando (D.) Conde de Trastamara cazou com D. Tareja viuva do Conde D. Anrique, pag. 50. Era o maior homem de Espanha, e por esta causa se levantou todo Portugal por elle contra El Rei D. Afonso Anriques, 50. E' prisioneiro na batalha de Santilhanas por El-Rei D. Afonso Anriques, pag. 52.

Fernando (D.) Rei de Lião cazou com Dona Urraca filha de D. Afonso Anriques, pag. 124. Scpara-se delle por ordem do Papa por serem parentes, pag. 131. Prisiona em Badalhouse a seu sogro D. Afonso Anriques, pag. 132.

Fuas Roupinho (D.) desbarata os Mouros que cercavam Porto de Mós, pag. 155. Alcança uma victoria naval dos mesmos inimigos, e lhe toma nove Galés, pag. 157. Peleja segunda vez com os Mouros em o mar, onde foi desbaratado, e morto, pag. 159.

G

Gilberto foi o primeiro Bispo que teve Lisboa depois de ganhada aos Mouros, pag. 120.

Gonçalo de Sousa (D.) valerosamente peteja na batalha de Ourique pag. 74. Achou-se na conquista de Santarem, pag. 108. Acompanhou a D. Affonso Anriques quando foi a Tuy receber ao Conde de Barcelona D. Reymondo, pag. 125. Assistio na batalha de Inxarafe com o Infante D. Sancho governando a seiscentos homens de cavallo, pag. 148.

Gonçalo Viegas (D.) adiantado mór da Cavallaria del-Rei, socega o tumulto que havia sobre o lugar onde se havia de collocar o Corpo de S. Vicente quando chegou a Lisboa, pag. 140.

Gualterio frade Flamengo é nomeado primeiro Prior do Mosteiro de S. Vicente de Fóra por D. Affonso Anriques, e não permanece, pag. 122.

Guimarães é cercada por El-Rei de Castella D. Affonso, pag. 55. Levanta o sitio por persuasão de D. Egas Moniz, pag. 57.

Guodinos Conego Regrante, e Prior do Mosteiro de S. Vicente de Fóra é eleito Bispo de Lamego, pag. 122.

I

Inglezes que vieram na Armada para çercar Lisboa assentam o seu arrayal no lugar donde está a Igreja Parochial dos Martyres, pag. 112.

João (D.) Arcebispo de Braga recebe em Tuy a Dona Mofalda filha del-Rei D. Affonso Anriques com D. Reymondo filho do Conde de Barcellona assistindo este com procuração do filho, pag. 126. Assistio com

o Infante D. Sancho na batalha de Inxarafe, pag. 148.

Izidoro (D.) Bispo de Tuy acompanhou a esta Cidade a El-Rei D. Affonso Anriques quando foi receber ao Conde de Barcelona D. Reymondo, pag. 125.

Ismar (El-Rei) com quatro Reis é vencido na batalha de Ourique sendo o numero dos inimigos muito superior ao dos Christãos, pag. 74. Toma Leiria, pag. 92.

L

Leiria é conquistada por D. Affonso Anriques, pg. 61. E' tomada por El-Rei Ismar, pag. 92.

Lisboa é cercada por D. Affonso Anriques, pag. 110. Em que dia, e anno foi ganhada, pg. 113. Quem foi o primeiro Bispo, que teve depois de conquistada aos Mouros, pag. 120.

Lourenço Viegas (D.) Peleja valerosamente na batalha de Ourique pag. 74. Achou-se na conquista de Santarem, pag. 108. Assistio na batalha de Inxarafe governando seiscentos homens, pag. 148.

M

Martim Moniz filho de Egas Moniz Capitão de uma Az na batalha do Campo de Ourique peleja valerosamente, pag. 74. Morre na batalha, ibi.

Mem Moniz filho de Egas Moniz era Capitão na batalha de Ourique, pag. 74. E' mandado por D. Affonso Anriques a fazer tregoas com os Mouros de Santarem, e de como espiou a Villa, e do conselho que deu a El-Rei para poder ser conquistada, pag. 97. Acha-se na conquista de Santarem sendo já

Guarda mór del-Rei, pag. 105. Assistio na batalha de Inxarafe D. Sancho, pag. 148.

Mendo (D.) Bispo de Lamego acompanhou a El-Rei D. Affonso Anriques a Tuy onde recebeu a D. Reymondo Conde de Barcelona, pag. 125.

Moçaraves são prisioneiros na batalha do Campo de Ourique os quaes informaram a El Rei D. Affonso Anriques donde estava o Corpo do Martyr S. Vicente, pag. 77.

Mofalda (D.) Filha do Conde D. Anrique de Lara caza com D. Affonso Anriques, pag. 94.

Mofalda (D.) Filha del Rei D. Affonso Anriques caza com D. Reymondo filho do Conde de Barcelona, e quando, e como se fez este cazamento, pag. 125.

Mosteiro de S. Vicente de Fôra. Nelle, antes de ser fundado, pôs o seu arraial D. Affonso Anriques para conquistar Lisboa, pag. 112. Qual foi o seu primeiro Prior nomeado pelo mesmo Rei, pag. 122.

Mossem Guilhem de longa espada, Conde de Lincoll foi um dos principaes Cavalleiros que vieram na Armada, que ajudou a tomar Lisboa, pag. 111.

Moura é conquistada por D. Affonso Anriques, pag. 123.

O

Obidos foi conquistado por D. Affonso Anriques, pag. 123.

P

Payo Guoteres é feito Alcaide do Castello de Leiria por S. Theotonio quando foi conquistado por D. Affonso Anriques, pag. 61. E' prisioneiro no Castello

de Leiria quando foi conquistado por El-Rei Ismar, pag. 92.

Palmella é conquistada por El-Rei D. Affonso Anriques onde desbarata em uma batalha aos Mouros de Badajós, pag. 127.

Pedro (D.) Conde das Asturias acompanha a Tuy a El-Rei D. Affonso Anriques quando foi receber a D. Reymondo Conde de Barcelona, pag. 125.

Pedro Affonso (D.) Irmão bastardo del-Rei D. Affonso Anriques se achou na conquista de Santarem, pag. 108.

Pedro das Esturias (D. governou na batalha, que se compunha de duzentos e cincoenta cavallos, pag. 148.

Pero Paes (D.) Alferes de D. Affonso Anriques se achou na conquista de Santarem, pag. 108. Acompanha o mesmo Rei a Tuy quando foi receber ao Conde de Barcelona D. Reymondo, pag. 125. Assistio com o Infante D. Sancho na batalha de Inxarafe, pag. 148.

Porto de Mós é cercado pelos Mouros, onde foram desbaratados por D. Fuas Roupinho, pag. 155.

Portugal é dado em dote ao Conde D. Anrique por El-Rei de Castella D. Affonso chamado Emperador quando cazou com elle a sua filha Dona Tareja, pag. 42. Porque tomou este nome? pag. 43.

R

Ramiro (Conde D.) acompanhou a Tuy a El-Rei D. Affonso Anriques quando foi a receber a D. Reymondo Conde de Barcelona, pag. 125. Assistio na batalha de Inxarafe governando a Az esquerda, que se compunha de duzentos e cincoenta cavallos, pag. 148.

Reymondo (D.) Conde de Barcelona recebe com procuração de seu filho a Dona Mofalda filha del-Rei

D. Affonso Anriques, e quando, e como se fez este casamento, pag. 126.

Roberto (D.) Daião da Sé de Lisboa faz que o Prior da Igreja de Santa Justa lhe conceda que o Corpo do Martyr S. Vicente seja collocado na Sé, pag. 140.

S

Sancha (D.) filha do Conde D. Anrique cazou com D. Fernão Mendes, pag. 50.

Sancho (Infante D.) filho de D. Affonso Anriques em que dia e anno foi jurado em Coimbra, pag. 133. E' mandado por seu pai ao Alentejo a pelejar com Mouros, e do alvorço com que recebeu esta ordem, e o que executou, pg. 142 e 143. Alcança uma gloriosa victoria dos Mouros em Sevilha, pag. 148. Alcança outra victoria dos mesmos inimigos indo cercar Beja, pag. 151. E' cercado dentro em Santarem por Almiramolim Emperador de Marrocos com quatrocentos mil cavallos, e quinhentos mil de pé, e sendo soccorrido por El-Rei seu pai é desbaratado com todo o exercito, pag. 160 e 161.

Santarem, descreve-se a bondade do seu paiz, e como D. Affonso Anriques determinou conquista-la, e da difficuldade que havia para o conseguir, pag. 95 e 96, E' escalada, e cntrada por El-Rei D Affonso Anriques, pag. 105. Porque tem este nome, pag. 109. E' cercada por Albojame Rei de Sevilha, onde foi derrotado por D. Affonso Anriques, pag. 136.

Serpa E' conquistada por D. Affonso Anriques, pag. 123.

Sinaes espantosos que appareceram em o Ceo de noute quando El-Rei D. Affonso Anriques quiz tomar Santarem, pag. 104.

T

. Tareja (D.) caza com o Conde D. Anrique, e leva por dote a Portugal como Condado, pag. 42 Depois da morte do Conde D. Anrique cazou com D. Vermuy Paes de Trava, e depois com D. Fernando Conde de Trastamara Irmão de Vermuy Paes, pag. 50. E' prisioneira na batalha de Santilhanas por seu filho D. Affonso Anriques, pag. 52.

Tareja (D.) Filha terceira del-Rei D. Affonso Anriques cazou com D. Felipe Conde de Frandes, pag. 124, Como foi conduzida para aquelle Condado, pag. 165.

Theotonio (S.) Prior de Santa Cruz conquista Arronches, pag. 92. Faz-lhe doação D. Affonso Anriques de Leiria, e Arronches sómente no Espiritual, pag. 93. Recebe do mesmo Rei Leiria assim no Espiritual, como no temporal, e lhe põe por Alcaide do Castello a Payo Guoterres, pag. 61. Faz oração com os seus Conegos pelo bom successo da conquista de Santarem pag. 104.

Thomar. O seu Castello é cercado por Almiramolim Emperador de Marrocos, pag. 131.

Torres Novas. Quando foi conquistada por D. Affonso Anriques? pag. 161. O seu Castello foi destruido por Almiramolim Emperador de Marrocos, pag. 161.

Torres Vedras foi conquistada por D. Affonso Anriques, pag. 123.

Trancoso é tomado pelos Mouros, onde fizeram grande mortandade, pag. 123.

U

Urraca (D) filha del-Rei de Castella D. Affonso chamado o Emperador caza com o Conde D. Reymão de Tolofa, pag. 42.

Urraca (D) filha de D. Affonso Anriques cazou com D. Fernando Rei de Lião, pag. 124.

Urraca Lopes (D.) filha do Conde de Navarra Irmã de D. Diogo o bom Senhor de Biscaya cazou com El-Rei de Lião D. Fernando, pag. 131.

V

Vasco (Conde D.) acompanhou a Tuy a El-Rei D. Affonso Anriques quando foi receber ao Conde de Barcolona D. Reymondo, pag. 125.

Vermuy Paes de Trava (D.) cazou com a Rainha Dona Tareja viuva do Conde D. Anrique pag. 50. Depois deixando-a cazou com uma filha da mesma Dona Tareja, pag. 50.

Vicente (S.) donde era natural, e como foi martyrizado, pag. 78. O seu Corpo é trazido ao Cabo que agora tem o seu nome, e de como o foi buscar D. Affonso Anriques, e o não achou, pag. 80. Como foi achado o seu Corpo, e collocado na Sé de Lisboa, pag. 139 a 141.

Villa franca foi chamada antigamente Cornagoa, pag. 115.

TRASLADO
DO JURAMENTO DEL-REI
D. AFFONSO
ANRIQUES

O qual se conserva no Archivo do
Real Mosteiro de Alcobaça

Ego Alfonsus Portugalliae Rex, filius illustris Comititis Henrici, nepos magni Regis Alfonsi, coram vobis bonis viris, Episcopo Bracharenfi, & Episcopo Colimbriensi, & Theotonio, reliquisque magnatibus officialibus vassalis Regni mei in hac Cruce aerea, & in hoc libro Sanctissimorum Euangeliorum juro cum tactu manuum mearum, quod ego miser peccator, vidi hisce oculis indignis verum Dominum nostrum JESUM Christum in Cruce extensum in hac forma. Ego eram cum mea hoste in terris ultra Tagum, in agro Auriquio, ut pugnarem cum Ismaele, &

aliis quatuor Regibus Maurorum habentibus secum infinita millia, & gens mea timorata propter multitudinem, erat fatigata, & multum tristis, in tantum, ut multi dicerent esse temeritatem inire bellum, & ego tristis de eo quod audiebam, cæpi mecum cogitare, quid agerem, & habebam unum librum in meo papillione, in quo erat scriptum Testamentum antiquum, & Testamentum JESU Christi. Aperui illum, & legi victoriam Gedeonis, & dixi intra me: Tu scis Domine JESU Christe, quia pro tuo amore suscepi bellum istud contra tuos inimicos, & in manu tua est dare mihi, & meis fortitudinem, ut vincamus illos blasphemantes tuum nomen, & sic dicens dormivi supra librum, & videbam virum senem ad me venientem, dicentemque: Adefonse, confide, vinces enim, debellabisque Reges istos infideles, conteresque potentiam illorum, & Dominus noster ostendet se tibi. Dum hæc video, accedit Joannes Ferdinandus de Sousa vassallus de meo cubiculo, dixitque: Surge domine mi. Adest homo fenex, vultque te alloqui. Ingrediatur, dixi, sic fidelis est. Ingressus ad me, agnovi esse illum, quem in visione videram, qui dixit mihi, domine, bono animo esto, vinces, & non vinceris. Dilectus es Domino, posuit enim super te, & super semen tuum post te oculos misericordiae suæ usque in sextam decimam generationem, in qua attenuabitur proles, sed in ipsa attenuata ipse respiciet, & videbit. Ipse me jubet indicare tibi, quod dum audieris sequenti nocte tintinnabulum Remisorii mei, in quo vixi sexaginta sex annis inter infideles, fervatus favore altissimi, egrediaris extra castra, solus sine arbitris, ostendere tibi pietatem suam multam. Parui, & reverenter in terra positus, & nuntium, & mittentem veneratus sum, & dum iu oratione positus sonitum expectarem, secunda noctis vigilia tintinnabulum audivi, & ense, & scuto armatus, egressus sum extra castra,

vidique subito a parte dextra, orientem versus, micantem radium, & paulatim splendor crescebat in maius, & dum oculos ad illam partem efficaciter pono, ecce in ipso radio clarius sole signum Crucis aspicio, & JESUM Christum in eo crucifixum, & ex una, & altera parte multitudinem juvenum candidissimorum, quos Sanctos Angelos fuisse credo. Quam visionem dum video, deposito ense, & scuto, relictisque vestibus, & calceamentis, pronus in terram me projicio, lacrymisque abundè missis, cæpi rogare pro confortatione vassalorum meorum, dixi que nihil turbatus. Quid tu ad me Domine? Credenti enim Fidem vis augere? Melius est ut te videant Infideles, & credant, quam ego, qui a fonte baptismatis te Deum verum Filium Virginis, & Patris Æterni agnovi, & agnosco. Erat autem Crux miræ magnitudinis, & elevata a terra quasi decem cubitos. Dominus suavi vocis sono, quem indignæ aures meæ perceperunt, dixit mihi. Non ut tuam Fidem augerem hoc modo apparui tibi, sed ut corroborem co tuum in hoc conflictu, & initia Regni tui supra firmam petram stabilirem. Confide Alfonse, non solum enim hoc certamen vinces, sed omnes alios in quibus contra inimicos Crucis pugnaveris. Gentem tuam invenies alacrem ad bellum, & fortem, petentem, ut sub Regis nomine in hac pugna ingrediaris; nec dubites, sed quidquid petierint, liberè concede. Ego enim ædificator, & dissipator Imperiorum & Regnorum sum: volo enim in te, & in semine tuo Imperium mihi stabilire, ut deferatur nomen meum in exterarum gentes; & ut agnoscant successores tui datorem Regni, insigne tuum ex pretio, quo ego humanum genus emi, & ex eo quo ego a Judæis emptus sum, compones, & erit mihi Regnum sanctificatum, Fide purum, & pietate dilectum. Ego ut hæc audivi, humi prostratus adoravi dicens: Quibus meritis, Domine, tantam mihi annun-

tias pietatem? Quidquid jubes faciam, & ut in mea prole, quam promittis oculos benignos pone, gentemque Portugallensem salvam custodi, & si contra eos aliquod paraveris malum, verte illum potius in me, & in successores meos, & populum quem tanquam unicum filium diligo, absolve. Annuens Dominus inquit: Non recedet ab eis, neque a te unquam misericordia mea, per illos enim paravi mihi messem multam, & elegi eos in messorum meos in terris longinquis: hæc dicens disparuit, & ego fiducia plenus, & dulcedine redii in castra, & quod taliter fuerit, juro ego Aldefonsus Rex per Sanctissima Jesu Christi Evangelia hisce manibus tacta. Idcirco præcipio successoribus meis in perpetuum futuris, ut scuta quinque in crucem partita, propter Crucem, & quinque vulnera Christi, in insigne ferant, & in unoquoque triginta argenteos, & super serpentem Moysis, ob Christi figuram, & hoc sit memoriale nostrum in generatione nostra: & si quis aliud attentaverit, a Domino sit maledictus, & cum Juda traditore in Infernum maceratus. Facta carta Colimb. III. Kalend. Novembris. Era M. C. LII.

EGO ALDEFONSUS REX PORTUGALLÆ

I. Colimb. Episcop. — I. Bracharens. Metropolit. — T. Prior. — Ferdinandus Petri Curia Dapif. — Petrus Pelag. Curia Signifer. — Velascus Sanctij. — Alfonsus Menen. præf. Ulis. — Gondisalvus de Sousa procur. Imn. — Pelagius Menen. procur. Visen. — Suer. Martin. procurar. Colimb. — Menendus Petri, pro Magistro Alberto Regis Cancellario.

*Cuja significação em Portuguez
é a seguinte*

Eu Affonso Rei de Portugal, filho do Conde Henrique, e neto do grande Rei D. Affonso, diante de vós Bispo de Braga, e Bispo de Coimbra, e Theotonio, e de todos os mais Vassallos de meu Reino, juro em esta Cruz de metal, e neste livro dos Sautos Evangelhos, em que ponho minhas mãos, que eu miseravel peccador vi com estes olhos indignos a nosso Senhor JESU Christo estendido na Cruz, no modo seguinte. Eu estava com meu exercito nas terras de Alentejo, no Campo de Ourique, para dar batalha a Ismael, e outros quatro Reis Mouros, que tinham consigo infinitos milhares de homens, e minha gente temerosa de sua multidão, estava atribulada, e triste sobremaneira, em tanto que publicamente diziam alguns ser temeridade acommetter tal jornada. E eu enfadado do que ouvia, comecei a cuidar comigo, que faria; e como tivesse na minha tenda um livro em que estava escripto o Testamento Velho, e o de Jesu Christo, abri-o, e li nelle a vitoria de Gedeão, e disse entre mim mesmo. Mui bem sabeis vós, Senhor JESU Christo, que por amor vosso tomei sobre mim esta guerra contra vossos adversarios, em vossa mão

está dar a mim, e aos meus fortaleza para vencer estes blasfemadores de vosso nome. Ditas estas palavras adormeci sobre o livro, e comecei a sonhar, que via um homem velho vir para onde eu estava, e que me dizia: Affonso, tem confiança, porque vencerás, e destruirás estes Reis infieis, e desfarás sua potência, e o Senhor se te mostrará. Estando nesta visão, chegou João Fernandes de Sousa meu Camereiro dizendo me: Acordai, senhor meu, porque está aqui um homem velho, que vos quer fallar. Entre (lhe respondi) se é Catholico: e tanto que entrou, conheci ser aquelle, que no sonho vira; o qual me disse: Senhor tende bom coração, vencereis, e não sereis vencido; sois amado do Senhor, porque sem duvida poz sobre vós, e sobre vossa geração depois de vossos dias os olhos de sua misericordia, até a decima sexta decendencia, na qual se diminuiria a successão, mas nella assim diminuida elle tornará a pôr os olhos e verá. Elle me manda dizer-vos, que quando na seguinte noite ouvirdes a campainha de minha Ermida, na qual vivo ha sessenta e seis annos, guardado no meio dos infieis, com o favor do mui Alto, saias fóra do Real sem nenhuns creados, porque vos quer mostrar sua grande piedade. Obedeci, e prostrado em terra com muita reverencia, veneri o Embaixador, e quem o mandava; e como posto em oração aguardasse o som, na segunda vela da noite ouvi a campainha, e armado com espada e rodela sahi fóra dos Reais, e subitamente vi a parte direita contra o Nacente, um raio resplandecente; e indo-se pouco, e pouco clarificando, cada hora se fazia maior; e pondo de proposito os olhos para aquella parte, vi de repente no proprio raio o sinal da Cruz, mais resplandecente que o Sol, e Jesu Christo Crucificado nella, e de uma e de outra parte, uma copia grande de mancebos resplandecentes, os quaes creio, que seriam os Santos An-

jos. Vendo pois esta visão, pondo á parte o Escudo, e espada, e lançando em terra as roupas, e calçado me lancei de bruços, e desfeito em lagrimas comecei a rogar pela consolação de meus vassallos, e disse sem nenhum temor. A que fim me apparecis Senhor? Que-reis por ventura accrescentar fé a quem tem tanta? Melhor é por certo que vos vejam os inimigos, e cream em vós, que eu, que desde a fonte do Baptismo vos conheci por Deos verdadeiro, Filho da Virgem, e do Padre Eterno, e assim vos conheço agora. A Cruz era de maravilhosa grandeza, levantada da terra quasi dez covados. O Senhor com um tom de voz suave, que minhas orelhas indignas ouviram, me disse. Não te apareci deste modo para accrescentar tua fé, mas para fortalecer teu coração neste conflito, e fundar os principios de teu Reino sobre pedra firme. Confia Affonso, porque não só vencerás esta batalha, mas todas as outras em que pelejares contra os inimigos de minha Cruz. Acharás tua gente alegre, e esforçada para a peleja, e te pedirá que entres na batalha com titulo de Rei. Não ponhas duvida, mas tudo quanto te pedirem lhe concede facilmente. Eu sou o fundador, e destruidor dos Reinos, e Imperios, e quero em ti, e teus decedentes fundar para mim um Imperio, por cujo meio seja meu nome publicado entre as Nações mais estranhas. E para que teus decedentes conheçam quem lhe dá o Reino, comprarás o Escudo de tuas Armas do preço com que eu remi o genero humano, e daquelle porque fui comprado dos judeos, e scr-me-ha Reino santificado, puro na fé, e amado por minha piedade. Eu tanto que ouvi estas cousas, prostrado em terra o adorei dizendo: Porque meritos, Senhor, me mostrais tão grande misericordia? Ponde pois vossos benignos olhos nos successores que me prometeis, e guardai salva a gente Portugueza. E se acontecer, que tenhais

contra ella algum castigo aparelhado, executai-o antes em mim, e em meus descendentes, e livrai este povo, que amo como a unico filho. Consentindo nisto o Senhor, disse: Não se apartará delles, nem de ti nunca minha misericordia, porque por sua via tenho aparelhadas grandes searas, e a elles escolhidos por meus segadores em terras mui remotas. Ditas estas palavras dezapareceu, e eu cheio de confiança, e suavidade me tornei para o Real. E que isto passasse na verdade, juro eu D. Affonso pelos Santos Evangelhos de JESU Christo tocados com estas mãos. E por tanto mando a meus decendentes, que para sempre succederem, que em honra da Cruz e cinco Chagas de JESU Christo tragam em seu Escudo cinco Escudos partidos em Cruz, e em cada um delles os trinta dinheiros, e por timbre a Serpente de Moysés, por ser figura de Christo, e este seja o tropheo de nossa geração. E se algum intentar o contrario, seja maldito do Senhor, e atormentado no Inferno com Judas o treidor. Foi feita a presenta carta em Coimbra aos vinte e nove de Outubro, era de mil e cento e cincoenta e dous.

EU EL-REI D. AFFONSO.

João Metropolitanano Bracharense. — João Bispo de Coimbra. — Theotonio Prior. — Fernão Peres Vedor da Casa. — Vasco Sanches. — Affonso Mendes Governador de Lisboa. — Gonçalo de Sousa Procurador de entre Douro e Minho. — Payo Mendes Procurador de Viseu. — Sueiro Martins Procurador de Coimbra. — Mem Peres o escreveu por Mestre Alberto Cancellario del-Rei.

FIM DA CHRONICA D'EL REI D. AFFONSO HENRIQUES

INDICE DOS CAPITULOS

CAPITULOS	PAGINAS
I — Como El-Rei D. Affonso de Castella chamado Emperador, casou sua filha Dona Tareja com o Conde D. Anrique, dando-lhe em casamento Portugal por Condado com certas condições	40
II — Do Tronco, e linhagem Real de que descendem os Reis de Portugal, e donde se chamou Porgal	43
III — Como D. Egas Moniz criou a D. Affonso filho do Conde D. Anrique, que foi são por milagre de N. Senhora da aleijão com que naceo	44
IV — Como o Conde D. Anrique adoeceu á morte, e das palavras que	

II

CAPITULOS	PÁGINAS
disse a seu filho ante que falecesse	46
V — Como D. Affonso Anriques tanto que seu pai faleceo se fez chamar Principe, e levando-o a enterrar se alçou em tanto a terra com sua mãe D. Tareja.	49
VI — Como o Principe D. Affonso Anriques peleijou com seu padras-to, e foi vencido, e como tor-nando outra vez á batalha o venceo, e prendeo, e a sua mãe com elle.	51
VII — Como o Principe D. Affonso Anriques peleijou com El-Rei D. Affonso de Castella, chamado Emperador como seu avô, e o venceo, e tomou as Fortalezas que estavam alçadas por sua mãe, e como andando nisto veio um Rei Mouro cercar Coimbra	54
VIII — Como El Rei D. Affonso de Cas-tella chamado Emperador veio cercar o Principe D. Affonso Anriques seu primo a Guimar-ães. e como D. Egas Moniz lhe fallou, de modo que lhe fez levantar o cerco.	55
IX — Como El-Rei D. Affonso de Cas-tella levantou o cerco de so-bre Guimarães, e do desprazer que o Principe D. Affonso teve, do que nisso fez D. Egas Moniz.	57

III

CAPITULOS	PAGINAS
<p>X — Como D. Egas Moniz se foi apresentar com sua molher e filhos a El-Rei D. Affonso de Castella pela menagem que lhe feito tinha em o cerco de Guimarães.....</p>	58
<p>XI — Como D. Egas Moniz livremente despedido del-Rei D. Affonso de Castella se tornou a Portugal, e o sahio a receber o Principe, o qual apoz esto juntou gente, e foi tomar Leiria.....</p>	60
<p>XII — Como o Principe D. Affonso Anriques abalou com gente a guerrear aos Mouros a terras de Ajentejo, e como no caminho adoeceo, e morreo D. Egas Moniz, e do seu enterramento, e da muita devação dos Cavalheiros daquelle tempo.....</p>	61
<p>XIII — Como o Principe D. Affonso pasado o Tejo foi buscar El-Rei Ismar, que com quatro Reis, outros, e infinda Mourama vinha contra elle, e como sentaram seus arraiaes um á vista do outro.....</p>	64
<p>XIV — Como os Portuguezes vista a multidão dos Mouros requereram ao Principe D. Affonso que escuzasse a batalha, e da fala que o Principe fez sobre esso.....</p>	65
<p>XV — Como N. Senhor appareceo aquella noite ao Principe D. Affonso</p>	

IV

CAPITULOS	PAGINAS
Anriques, posto na Cruz como padeceo por nós.	69
XVI — Como o Principe D. Affonso An- riques depois de ordenar suas azes para peleijar com os Mou- ros no Campo Dourique foi le- vantado por Rei.	71
XVII — Como o Principe D. Affonso de- pois de alevantado por Rei de Portugal deu batalha a cinco Reis Mouros no Campo Douri- que, e do grande vencimento della.	73
XVIII — Como El-Rei D. Affonso Anri- ques depois da batalha vencida acrecentou em suas Armas si- naes que mostrassem o que lhe alli acontecera, e da nova que houve do Corpo de S. Vicente por alguns que ahi foram to- mados	76
XIX — Como Daciano veio a Espanha por mandado do Emperador de Roma, e mandou matar S. Vi- cente depois de muito ator- mentado por prégar a Fé de Christo.	78
XX — Como o Corpo de S. Vicente foi trazido ao Cabo que se ora chama de S. Vicente, e como El-Rei D. Affonso o foi lá bus- car, e não o podendo achar se tornou para Coimbra.	80
XXI — Do recado e embaixada que o	

V

CAPITULOS

PAGINAS

	Papa mandou pelo Bispo de Coimbra a El-Rei Dom Affonso Henriques sobre a prisão de sua mãe, e o que nisso passou com o Bispo.....	82
XXII —	Aqui falla Duarte Galvão autor como este feito d'El Rei D. Affonso Henriques, e outros simillhantes, nos bons principes devem ser julgados.....	84
XXIII —	Como o Papa mandou um Cardeal a D. Affonso Henriques sobre a prisão de sua mãe e sobre o Bispo que elle fizera, e do que entre elles se passou em Coimbra.....	87
XXIV —	Como El-Rei D. Affonso Henriques sabendo a partida do Cardeal escondida, cavalgou a pós elle, e do que depois de alcançado com elle passou.....	89
XXV —	Como depois desto El-Rei Ismarque foi vencido no campo Dourique veio tomar Leiria, e o Prior de Santa Cruz de Coimbra foi a Alentejo, e tomou Arronches, e como El-Rei D. Affonso tornou outra vez a tomar Leiria aos Mouros....	92
XXVI —	Como El-Rei D. Affonso tornou a dar Leiria ao Prior de Santa Cruz, e assi tambem Arronches, em todo o espirital, ficando o temporal com os Reis	

VI

CAPITULOS	PAGINAS
de Portugal, e como El-Rei cazou com Dona Mofalda filha do conde D. Anrique de Lara.	93
XXVII — Das bondades da Villa de Santarem, e seu termo, e como El-Rei D. Affonso propoz, e ordenou em sua vontade de a tomar, e a tomou.....	95
XXVIII — Como El-Rei D. Affonso Anriques fazendo tregoa com os Mouros de Santarem mandou lá a D. Mem Moniz a espisar a Villa, e do conselho que teve com os seus para ir sobre ella.	97
XXIX — Como El-Rei D. Affonso Anriques partio com sua gente para ir tomar Santarem, e do voto que fez no caminho a S. Bernaldo, o qual naquella hora lhe foi revelado lá em França, onde estava	99
XXX — Como El Rei D. Affonso Anriques descubrio aos seus que iam sobre Santarem, e das rezões que disse a todos.....	101
XXXI — Como El-Rei D. Affonso Anriques chegou de noite aos Olivaes de Santarem, e dos sinais que perceberam.....	103
XXXII — Como El-Rei D. Affonso Anriques e os seus escalaram a Villa de Santarem, e foi entrada, e tomada.....	105
XXXIII — Como Auzary Alcaide de Santa-	

VII

CAPITULOS	PAGINAS
rem, tomada a Villa, fugio para Sevilha, e El-Rei se tornou a Coimbra e donde se chamou a Villa Santarem.....	108
XXXIV — Como El-Rei D. Affonso Anriques ordenou de ir cercar Lisboa, e a tomou, e das gentes Estrangeiras que para esso houve em sua ajuda.....	110
XXXV — Do que El-Rei D. Affonso Anriques fez depois de entrada a Cidade de Lisboa, e tomada, e do que falou, e passou com as gentes Estrangeiras	114
XXXVI — Dos milagres que Deus mostrou pelo Cavalleiro Anrique Alemão que morreo quando a Cidade de Lisboa foi entrada...	116
XXXVII — Como o Cavalleiro Anrique appareceo em sonhos a um homem bom, mandando-lhe que soterrasse um seu Escudeiro apar delle, que na entrada de Lisboa muito ferido morrera.	118
XXXVIII — Da palmeira que naceo na cova do Cavalleiro Anrique, e dos milagres que Deus por elle fazia	119
XXXIX — De como El Rei D. Affonso Anriques ordenou de fazer Lisboa Bispado, e quem foi o primeiro Bispo della	120
XL — De como El-Rei D. Affonso Anriques ordenou Prior no Moea-	

VIII

CAPITULOS	PAGINAS
teiro de S. Vicente de Fóra, e quem foi primeiro Prior delle, e de que Ordem.....	121
XL I — Dos Lugares que El-Rei D. Affonso Anriques depois tomou na Estremadura, e Alem do Tejo	123
XLII -- Dos filhos que El Rei D. Affonso houve, e como cazou sua filha Dona Mofalda	124
XLIII — Como El-Rei D. Affonso tomou Cezimbra, e Palmela, e peleijou, e venceo El-Rei Mouro de Badalhouse com muita Mourama.	127
XLIV — Do desvairo que sobreveio antre El-Rei D. Affonso Anriques e El-Rei D. Fernando de Lião seu genro, e como se quebrou a perna a El-Rei D. Affonso, e foi prezo del-Rei D. Fernando, por caso da perna quebrada.....	131
XLV — Em que fala, e amoesta Duarte Galvão Autor, quanto se devem escuzar as maldições dos pais, e mãis aos filhos.....	134
XLVI — Como os Mouros vieram com Albojame Rei de Sevilha cercar El-Rei D. Affonso Anriques em Santarem, e como El-Rei foi a peleijar com elles, e os desbaratou e venceo....	136
XLVII — Como o Corpo de S. Vicente foi achado por uns devotos ho-	

IX

CAPITULOS	PAGINAS
mens que o foram buscar....	139
XLVIII — Como o Corpo de S. Vicente foi posto na Sé de Lisboa.....	140
XLIX — Como El-Rei D. Affonso Anriques ordenou de mandar o Ifante D. Sancho seu filho a Alentejo a guerrear os Mouros, e das rezões que lhe sobre ello disse.....	142
L — Do Alardo que El-Rei D. Affonso Anriques mandou fazer em Coimbra, da gente que mandava com o Ifante D. Sancho seu filho, e como em partindo no meio da Ponte se despediram todos del-Rei.....	144
LI — Das jornadas que o Ifante D. Sancho fez, e como partio de Evora guerreando os Mouros até Sevilha, onde fez falla aos seus ante que com os Mouros pelei-jasse.....	145
LII — Como o Ifante D. Sancho peleijou com os Mouros de Sevilha, e o esperaram ante a Cidade, e do grande vencimento que houve.....	148
LIII — Como os Mouros foram cercar Beja, e o Ifante D. Sancho o soube, e foi sobre elles a soccorre-la, e da batalha que com elles houve sobre ella.....	151
LIV — Como os Mouros cercaram Porto de Mós, e foram desbaratados	

X

CAPITULOS	PAGINAS
<p>por D. Fuas Roupinho Alcaide do Castello</p>	155
<p>LV — Como D. Fuas Roupinho peleijou no mar com os Mouros, e os venceo, e tomou delles nove Galés.</p>	157
<p>LVI — Como D. Fuas Roupinho tornou outra vez sobre mar, por man- dado del-Rei D. Affonso contra Mouros, e foi desbaratado, e morto elle, e os seus.</p>	159
<p>LVII — Como Almiramolim, que Empe- rador de Marrocos se dizia, entrou em Portugal com mui- tas e inumeraveis gentes, e cer- cou o Ifante D. Sancho, em Santarem, e em fim foi vencido e desbaratado por El-Rei D. Affonso, que veio a soccorrer seu filho.</p>	160
<p>LVIII — Como cazou Dona Tareja filha del-Rei D. Affonso Anriques a derradeira, com D. Felippe Conde de Frandes.</p>	164
<p>LIX — De como veio adoecer El-Rei D. Affonso Anriques, e de seus grandes louvores, e cavallarias em soma brevemente tocadas mais que dinamente escritas.</p>	165
<p>LX — Dos annos que El-Rei D. Affonso Anriques viveo, e do dia, mez, e era em que se finou, e onde foi sepultado.</p>	168



OBRAS PUBLICADAS

I — HISTORIA DO CERCO DE DIU, por <i>Lopo de Sousa Coutinho</i> , 1 volume	400
II — HISTORIA DO CERCO DE MAZAGÃO, por <i>Agostinho Gavy de Mendonça</i> , 1 volume	400
III — ETHIOPIA ORIENTAL, por <i>Fr. João dos Santos</i> , 2 grossos volumes	1\$500
IV — O INFANTE D. PEDRO, chronica inédita por <i>Gaspar Dias de Landim</i> , 3 volumes.....	700
V — CHRONICA D'EL-REI D. PEDRO I, (O CRU OU JUSTICEIRO) por <i>Fernão Lopes</i> , 1 volume.....	400
VI — CHRONICA D'EL-REI D. FERNANDO, por <i>Fernão Lopes</i> , 3 volumes.....	1\$200
VII — CHRONICA D'EL-REI D. JOÃO I, por <i>Fernão Lopes</i> , 7 volumes.....	2\$800
VIII — CHRONICA D'EL-REI D. JOÃO I, por <i>Gomes Eannes d'Azurara</i> , VOL. I, II E III (VIII, IX E X).....	1\$200
IX — DOIS CAPITÃES DA INDIA, por <i>Luciano Cordeiro</i> , 1 volume.....	400
X — ARTE DA CAÇA DE ALTERNARIA, por <i>Diogo Fernandes Ferreira</i> , 2 volumes.....	800
XI — APOLOGOS DIALOGAES, por <i>D. Francisco Manuel de Mello</i> , 3 volumes.....	1\$200
XII — CHRONICA D'EL-REI D. DUARTE, por <i>Ruy de Pina</i> , 1 volume.....	400
XIII — CHRONICA D'EL-REI D. AFFONSO V, por <i>Ruy de Pina</i> , 3 volumes.....	1\$200
XIV — CHRONICA D'EL-REI D. JOÃO II, por <i>Garcia de Resende</i> , 3 volumes.....	1\$500
XV — VIDA DE D. PAULO DE LIMA PEREIRA, por <i>Diogo do Couto</i> , 1 volume.....	500
XVI — CHRONICA D'EL-REI D. SEBASTIÃO, por <i>Fr. Bernardo da Cruz</i> , 2 volumes.....	1\$000
XVII — JORNADA DE AFRICA, por <i>Jeronymo de Mendoga</i> , 2 volumes.....	800
XVIII — HISTORIA TRAGICO-MARITIMA, por <i>Bernardo Gomes de Brito</i> , VOL. I E II	3\$800
XIX — JORNADA DE ANTONIO D'ALBUQUERQUE COELHO, por <i>João Tavares de Velles Guerreiro</i> , 1 volume..	600
XX — CHRONICA D'EL-REI D AFFONSO HENRIQUES, por <i>Duarte Galvão</i> , 1 volume.....	700

EM PUBLICAÇÃO

HISTORIA TRAGICO-MARITIMA, por *Bernardo Gomes de Brito*, VOL. XI
 CANCIONEIRO GERAL, por *Garcia de Resende*.

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

(VOLUME LII)

CHRONICA
DE
EL-REI D. SANCHO I
POR
RUY DE PINA



ESCRITORIO
147=RUA DOS RETROZEIROS=147
LISBOA
—
1906

BIBLIOTHECA
DE
Classicos Portuguezes
Proprietario e fundador
MELLO D'AZEVEDO

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

(VOLUME LII)

CHRONICA
DE
EL-REI D. SANCHO I

FOR

RUY DE PINA



ESCRITORIO
147=RUA DOS RETROZEIROS=147

LISBOA

—
1906

PREFACIO

A respeito do chronista Ruy de Pina já se tratou no volume 28 desta Bibliotheca, Chronica d'el-rei D. Duarte.

Reproduzindo agora a chronica de D. Sancho I.^o redigida pelo mesmo chronista escreverei algumas linhas sobre assumptos não tocados nessa resenha de feitos de guerra e de politica passados no reinado do *Povoador*.

Os historiadores portuguezes seguiram a narrativa de Ruy de Pina, fazendo entrar poucos elementos novos.

Este reinado merece estudo ; não é só a continuação dos feitos gloriosos, das luctas, da conquista, do systema politico de Affonso Henriques ; guerra aos mouros para posse do territorio, aos de Hespanha para consolidar a independencia, reacção contra a tendencia avassaladora de Roma ; apparecem mais as questões economicas, surge a arte e a poesia.

D. Sancho I.º nasceu em 1154, tomou o governo em 1185, falleceu em 1211. Documento de capital importancia é o testamento com seu codicillo, lavrado pelo rei muito antes de fallecer.

Elle conseguiu na sua vida cheia de luctas, atravessando grandes crises alimenticias, enthesourar grossos cabedaes em Coimbra e Evora. Alem do dinheiro guardava nas suas torres armas e armaduras, pannos, vasos de prata, joias preciosas.

Deixa verbas importantes para continuação das obras das cathedraes do Porto, Viseu, Lamego, Evora ; manda fazer grande porção de calices e frontaes em diversos templos. As Ordens militares, os seus amigos e servidores, são contemplados. Não se esquece da familia que era grande, porque elle o povoador tinha de differentes mulheres numerosa prole ; nem das pessoas ou entidades que lhe haviam prestado servicos nas suas difficuldades.

Este testamento demonstra que havia industrias em Portugal, que ao lado da architectura se cultivava a ourivesaria. E ha felizmente provas cabaes pois existem alfaias religiosas de grande valor, como a cruz de ouro que foi de Santa Cruz, hoje no Museu Real, os calices d'Alcobaça, do sec. XII XIII, hoje no Museu Nacional de Bellas Artes, monumentos de arte portugueza, que nos provam a habilidade e o gosto dos artistas daquella epoca, que cinzelavam e douravam, empregavam filigranas, adornavam com pedras preciosas as suas elegantes peças.

A architectura militar desenvolve-se tambem nessa época ; muitos castellos do paiz datam dos fins do seculo XII. Foi preciso fortificar pontos importantes na fronteira hespanhola, e na região, na zona perigosa, da conquista aos mouros. Nesta faina auxiliavam muito as ordens militares, especialmente os freires do Templo.

Os castellos feitos pelo mestre dos Templarios, o famoso Gualdim Paes, são desse periodo, Almourol por exemplo.

Relações com estrangeiros eram então intimas, frequentes.

Já o conde D. Henrique tinha uma colonia franca num bairro da sua Guimarães.

D. Affonso 1.º serviu-se muito de estrangeiros. Cavalleiros de Portugal foram á Terra Santa, a Jerusalem, a Antiochia, a Rhodes, a Chypre. As Ordens militares eram internacionaes.

Em Alcobaça houve monges francezes. Grandes turbas de cruzados, gente de Inglaterra, da Flandres, da Germania, passavam pelos portos portuguezes, e muitas vezes ajudaram nas brigas contra sarracenos. D. Affonso 1.º fez colonias francas em Athouguia, Villa Verde, Lourinhan, Azambuja, Cezimbra.

Mas Sancho 1.º ampliou ainda o systema do pae; chegou a mandar homens de sua confiança a Flandres recrutar colonos para Alemquer, Pontevel. Nos territorios conquistados não bastava erguer o castello, era conveniente povoar, fixar gente.

Existem no Real Archivo da Torre do Tombo dois preciosos codices de pergaminho com illuminuras, ingenuas pinturas, que pertencem aos fins do seculo XII; o *Livro das Aves*, é de 1183; o *Apocalypse* de Lorraine de 1189.

São testemunhos de lavor artistico que não se devem olvidar. Algumas dezenas de codices manuscritos da livraria de Alcobaça, existente na Bibliotheca Nacional de Lisboa, são dos sec. XII a XIII, isto é fins de um, começo de outro seculo.

O cod. 290 é de 1185, escripto ainda no reinado de Affonso 1.º com iniciaes rudimentares.

O cod. 100 está assignado e datado; é de 1219.

Isto é terminado nesse anno, com certeza levou muitos annos a escrever e illuminar. Tem o titulo *Sylva Allegoariarum*, ou dictionario ecclesiastico, sub-titulo mais moderno.

Apresenta illuminuras notaveis, grandes inicias muito trabalhadas, empregando as côres verde, azul, roxo, vermelho e amarello, com esbatidos bem executados.

Temos pois mais um elemento para o estudo da historia da arte em Portugal.

A sr.^a D. Carolina Michaelis de Vasconcellos estudando o Cancioneiro da Ajuda escreve detidamente do tempo de Sancho I.^o e do proprio rei.

Os cimelios da lyrica hoje subsistentes são de perto do anno de 1200.

A illustre academica data a poesia mais archaica de 1189, outra de 1199, a terceira de 1211.

D. Sancho I.^o era guerreiro estrenuo e infatigavel, tão feliz nas suas conquistas que chegou a intitular-se rei de Portugal e do Algarve; ainda assim teve periodos em que pôde respirar e folgar, apesar da lucta com a igreja e das pestes e fomes que assolaram Portugal. O seu reinado é o unico da época trovadoresca em que se não ateou guerra civil, nem houve expatriações. Enviou ecclesiasticos nacionaes á Italia, a Bolonha a estudar direito, e á França, a Montpellier para estudo de medicina, e a Paris para o de theologia.

Subsidiou os cruzios de Coimbra para sustentarem em França alguns conegos *studiorum causa*. Era homem de esporte, amator de touradas, de corridas de cavallos, e entusiasta de falcoaria. A historia do theatro portuguez terá de ir até este rei, até ao *Bonamis e Acompanhado*, que ao que parece eram actores e musicos.

A época trovadoresca floresce em tempo de Sancho I.º, começa a brilhar no fim do seculo XII.

O proprio rei, parece, compoz um *cantar d'amigo* (Carolina Michaelis de Vasconcellos, Cancioneiro da Ajuda, Tomo 2.º pag. 593).

Como se vê nestas breves linhas a narrativa de Ruy de Pina pôde ser enriquecida em varios pontos de vista, e o reinado do Povoador presta-se a estudos de historia da Arte e da Litteratura.

Gabriel Pereira.

CHRONICA

DO MUITO ALTO, E MUITO ESCLARECIDO PRINCIPE

D. SANCHO I

SEGUNDO REY DE PORTUGAL,

COMPOSTA

POR RUY DE PINA,

Fidalgo da Casa Real, e Chronista Mór do Reyno.

FIELMENTE COPIADA DE SEU ORIGINAL.

Que se conserva no Archivo Real da Torre do Tombo.

OFFERECIDA

A' MAGESTADE SEMPRE AUGUSTA DELREI

D. JOAÕ V.

NOSSO SENHOR

POR MIGUEL LOPFS FERREYRA



LISBOA OCCIDENTAL.

Na Officina FERREYRIANA.

M.DCC.XXVII.

Com todas as licenças necessarias.

SENHOR

ESTA é a segunda vez, que chego aos Reaes pés de V. Magestade agradecido, e pretendente. Agradecido, porque V. Magestade com a sua natural benignidade se dignou de aceitar a vida que lhe offereci, do Senhor Rei D. Affonso Enriques, escrita ha mais de dous seculos por Duarte Galvão. E pretendente de que V. Magestade com a mesma Real benevolencia, se sirva de Amparar com a sombra soberana do seu Augusto Nome, a vida do Senhor Rei D. Sancho I que lhe offereço agora, para que animado com a sua Real protecção possa continuar no dessempanho da palavra prometida de ir dando á luz as Chronicas dos Senhores Reis deste Reino, que ha muitos annos se conservam manuscriptas. A Real Pessoa de V. Magestade guarde Deos muitos annos como dezejamos ; e havemos mister.

Miguel Lopes Ferreira.

AO EXCELLENTÍSSIMO SENHOR

FRNÃO TELLES DA SILVA

MARQUEZ DE ALEGRETE DOS CONCELHOS DE ESTADO, e Guerra del-Rei Nosso Senhor, Gentil-homem de sua Camara, Vedor de sua fazenda, Embaixador extraordinario á Corte de Vienna, ao Serenissimo Emperador Joseph, e Condutor da Serenissima Rainha Nossa Senhora a estes Reinos, Academico, e Censor da Academia Real da Historia Portuguesa, &c.

As repetidas vezes que Vossa Excellencia me tem favorecido com a sua costumada affabilidade, me animam a que novamente me valha do seu favor, pedindo-lhe queira fazer-me a mercê de offerecer a Sua Magestade que Deos guarde, a Chronica del-Rei D. Sancho I que pelas heroicas acções de que foi generoso instrumento, bem merece a sua Real protecção. Espero de Vossa Excellencia este beneficio, fundado nos que tenho recebido da generosidade de Vossa Excellencia. Cuja excellentissima Pessoa guarde Deos muitos annos.

Criado de Vossa Excellencia

Miguel Lopes Ferreira.

MIGUEL LOPES FERREIRA

AO LEITOR

NA impressão, que agora publico, da Chronica del-Rei D. Sancho I de Portugal verás amigo Leitor, que não faltó á palavra que te dei de ir imprimindo as Chronicas manuscritas dos nossos Reis. A que ha poucos mezes dei á luz del-Rei D. Affonso Enriques, foi escrita por Duarte Galvão; esta de seu filho, e dos mais Reis, que se lhe seguiram, não é facil a averiguação de quem seja o seu verdadeiro e legitimo Autor. Commummente andam em nome de Ruy de Pina, que foi um homem de grande estimação pela pessoa, e pela sciencia. Foi Cavalleiro da Caza del-Rei D. Manoel seu Chronista, e Guarda mór da Torre do Tombo, e na Embaixada de obediencia á Santidade de Alexandre VI com que foram a Roma D. Pedro de Noronha Mordomo mór do dito Rei, e Vasco Fernandes de Lucena, foi o Secretario

della Ruy de Pina. Damião de Goes na Quarta parte da Chronica del-Rei D. Manoel Cap. 38 trata com grande miudeza este ponto, e mostra que estas Chronicas foram compostas umas por Fernão Lopes, e outras por Gomes Eannes de Zurara, mas não duvida, que Ruy de Pina lhes deo melhor fórma, ou na ordem, ou no estilo, que é o que basta para que de algum modo se lhes deva dar o nome de suas. A mim não me toca o exame desta questão, mas só o dar noticia do que se tem escrito nesta materia. Aos Autores das Bibliothecas pertence a averiguação deste ponto, e a mim continuar com a impressão das outras Chronicas, que se seguem, que como todos sabem, andam em nome de Ruy de Pina, para deste modo servir ao publico, tirando-as do segredo da Torre do Tombo para maior commodidade dos curiosos.

Vale.

PROLOGO

DO AUTHOR

DAS CORONICAS DOS PRIMEIROS REIS de Portugal, primeiramente a Coronica del-Rei D. Sancho deste nome o primeiro, e dos Reis de Portugal o segundo, dirigido ao muito Alto, e Excellente, e Poderoso Principe El-Rei D. Manoel Nosso Senhor, por Ruy de Pina, seu Coronista mór, e Fidalgo de sua Casa.

JUSTA desculpa podera ser para mim Rei poderoso, e Principe mui excellente não emprehender obra tão ardua, e tão difficil como esta, a que o estreito mandado de V. A. e seu louvado dezejo me obrigam, pois agora em vosso bemaventurado tempo me manda, que ordene, e componha as antigas Esto-

rias, louvadas memorias, e notaveis feitos dos primeiros, e esclarecidos Reis de Portugal vossos progenitores, que de seus tempos dividamente se não acham compostas, ou nos outros despois delles por negligencia se perderam, e abastaria por mui claro correjimento desta escuza, e por receo do grande trabalho, e cuidado do espirito, e das muitas deficuldades, que nesta obra se offrecem, saberem, que já por vosso mandado a começou, e não proseguo Duarte Galvão, do vosso Conselho, que para ella, e para couzas outras de mór importancia, é homem por sua doutaina assás desperto, e mui sufficiente, mas porque vossa vontade Rei muito excellente, sempre se inclina, e nunca dezeja, salvo obras santas, e justas, e mui virtuosas, assi por esso ella foi sempre e é preveligiada, e favorecida da suma potencia Divina, que para comprimento de vossos dezejões, e propositos nunca para ordenar vos falece saber, e prudencia, nem para executar, e cumprir forças, e grande poder, e da consecução desta singular prerrogativa, que é vossa mui Real pessoa, todas nossas emprezas, e por vossa boa ventura para sempre outorgada, de que a prosperidade, e verdadeira fama de vossos maravilhosos feitos dão em todo mundo mui claro testemunho; tomei emprestado para esta obra, que toda é vossa, alguma ouzadia, ainda que receosa, com que no cansaço deste grande serviço, por ventura não conhecido, esforçasse a fraqueza de minhas forças, e favorecesse a rudeza de meu engenho, para que ao menos por minha piquena possibilidade mostre primeiramente, que de vossa muita bondade, e esforço, e grandeza de animo não foi sómente descobrir novos Reinos, novos mares, novas regiões, com que ao mundo maior, e mais rico que nas terras não conhecidas, de Deos nunca conhecedoras, seu mui ganto nome, como outro Apostolo fizesseis conhecer,

e publicar sua verdadeira Fé, mas que ainda para maior acrescentamento do precioso thezouro de vossas virtudes descobristes esta vossa propria, e mui louvada virtude de tão perfeita piedade, de que ácerca dos gloriosos Reis, e Rainhas de Portugal de que descendeis, tão perfectamente uzais, com a qual resuscitando vossa mui Real Senhoria a seus nomes mui dignas memorias, e memorandas façanhas, cujo juizo o esquecimento tinha já assi mortificadas de todo, e dando-lhe estas suas verdadeiras lembranças uma tão segura maneira para a vida eterna, ellas juntas por immortal interesse de mais vosso louvor, se tornem todas a ver em vós, com maior resplendor, renovadas, e nellas V. A. mostre ao mundo os Reaes, e limpos originaes de que foi, e a mi por sua grandesa, e humanidade, perdoe estes cometimentos, que fiz de vos querer louvar, pois verdadeira necessidade aqui os inzerio, porque em cazo que seja regra, e principio mui dino, que bem faz quem sempre vê bem outras.

Porém não fica por saber, muito excellente Rei, que vossos limpos, e castos ouvidos já não esperam por meus louvores, por bocas de Santos Papas, e de grandes Reis, por todo o mundo tantas vezes publicados, e muitos mais mercedos, porque a temperança de vossa alma é tal, que com a só operação de vossas virtudes, sem que se digam, intrinsecamente se contenta; mais alegre de bem fazer, que de bem ouvir, mas com tudo porque vós Principe mui esclarecido sabemos, que fostes sobre todos, e sois dado por Rei da só mão de Deos, a nós, os vossos Portuguezes, por grande nossa gloria, e vemos que tendes feita profissão, que maravilhosamente comprircis na sagrada Religião das mais excellentes virtudes Divinas, e humanas, por esto não é a mi, nem a outrem perigo, mas segurança, não é culpa, mas merecimento, e divida,

que devemos louvar vossas cousas tão grandes, e a vós principalmente porque quando se assi não fizesse claramente se erraria, e não tanto a vós, como a Deos, pois falando-se vossas grandezas, e prosperidades se dá graças, e louvores ao todo Poderoso Deos, que em sua mão por vós as faz, porque todos sabemos, e a todos é mui notorio que a gloria, e louvor, que por vossa bemaventurança os homens querem attribuir a vós, vossa alma, como aquella, que destes beneficios é mui aguardecida, e logo as offrece a Deos, de quem fielmente credes, e affirmais que tudo procede.

E por tornar ao fio do Prologo, que um pouco quebrei, acho Rei poderoso, e mui excellente, que del-Rei D. Afonso Anriques deste nome, e dos Reis de Portugal o primeiro, até El-Rei D. Affonso deste nome o quarto inclusivè, que são sete Reis, não parece de suas vidas, nem de seus feitos se acha nos vossos Reinos Estoria ordenada, e composta, como fora rezão, e se merecia, mas ha sómente por Lugares mui occultos algumas lembranças, cartas confuzas, e mui duvidozas, cuja verdade quanto for possível, ainda que seja com muito estudo de grande trabalho, é necessario que se busque, e se apure, e para algumas semelhantes lembranças, creio que Duarte Galvão, que se diz compoer a Coronica del-Rei D. Affonso Anriques o primeiro, de que algum tanto se achou mais escrito, e a que esta del-Rei D. Sancho seu filho, vai continuada, e as outras dos outros Reis, que o socederam, posto que em seu Prologo se offerecesse de as acabar, bem sei que não por defeito de saber, nem por falecimento de bom desejo, mas por não haver, e mais não achar a materia para esso necessaria, pôde ser que destio de as compoer, e a este pezo tamanho, que a sua sufficiencia deixou a V. A. pela natural obediencia, e servidão que lhe devo me manda, e constringe, que sem

escuzo só meta meus hombros, em cazo que faze-lo seja proprio de meu officio, bem sinto porem, que de meu saber é mui estranho, mas como eu Serenissimo Rei sam de vossa esperança favorecido, e com esso tenho alguma confiança de meu dezejo, e cuidado, e assi da grande deligencia, que para esta composição se requiere, espero prazendo a Deos, quanto a um homem não sufficiente for possivel, que satisfarei com sua graça a vosso mandado, posto que não seja com inteira satisfação de vosso Real dezejo, e esto não será sem trabalhoso fundamento, porque os feitos, e as memorias de nossos gloriosos Reis de Portugal antigos, e mais modernos, foram, e são por todas as razões do mundo, assi notorias, e estimadas, que os Escritores, assi Latinos, como de outras lingoas estranhas, por não serem ingratos aos merecimentos de seus tempos, em seus processos, e Coronicas, que compozeram, notarem a elles Reis de Portugal por mui excellentes em suas obras, e feitos por mui singulares, e dinos para sempre alembrarem, e nunca esquecerem.

De que se segue que quanto os Reis de Portugal foram Catholicos, devotos, e obedientes a Deos, e á Santa Sé Apostolica nas vidas, e registos dos Summos Pontifices por seus grandes merecimentos, e louvores, claramente se nota, e quanto elles foram generosos, e conquistadores pela Santa Fé, e de seus proprios Reinos, e Senhorios verdadeiros Augusto não sómente Coronicas da Espanha, e dos Reis, e Reinos nossos vezinhos, sem duvida o testemunham, mas as dos barbaros infieis, ainda que seja com grandes seus estragos, e cativeiros, muito milhor publicam, e quantas Rainhas, e Princezas, e quantos Ifantes, Princepes, e Senhores saíram desta Real Caza de Portugal para mui altos, e licitos matrimonios de Empe-

radores, Reis, e Princeses de toda a Christandade, nas Coronicas de suas vidas feitos, e Reinos manifestamente parece, cuja vista, e leitura, e bom exame ami, para esta obra, não se escuzam, assi mui alto, e poderoso Principe, que Possivel é ainda que seja por caminhos tão longos, e tão deficultozos, que as Coronicas dos mui excellentes Reis vossos maiores, que atraz aponteí, não serem como são de todo apagadas, e que podem em alguma boa maneira aluminarem este por mim, e se nesta acupação, e serviço assi prefeitamente o não cumprir como V. A. manda, e eu dezejo, seja tanto da costumada benenidade de seu animo, relevar minha imprefeição, quanto a deficultade de couzas já esquecidas, e a calidade, e grandeza dellas o requiere, e por concluir minha introdução é bem, que com a graça, e favor de Deos, comece logo a Coronica del-Rei D. Sancho deste nome o primeiro, e dos Reis de Portugal o segundo, cuja louvada memoria, e grandes feitos são como se segue.

LICENÇAS

DO

SANTO OFFICIO

Approvação do Reverendissimo Padre Mestre Fr. Manoel Guilherme Religioso da Ordem de S. Domingos, Lente Fubilado na Sagrada Theologia, Qualificador do Santo Officio, &c.

EMMINENTISSIMO SENHOR

Vi o livro intitulado Chronica do Senhor Rei D. Sancho I composto pelo Chronista mór do Reino Ruy de Pina, e me parece não ter couza que difficulte a licença de se imprimir : porque lhe não acho couza contra a Fé, ou bons costumes. Vossa Eminencia maudará o que fôr servido. S. Domingos de Lisboa Occidental 10 de Fevereiro de 1726.

Fr. Manoel Guilherme.

VISTA a informação, pode-se imprimir a Chronica del-Rei D. Sancho I e depois de impressa tornará para se conferir, e dar licença para correr, sem a qual não correrá. Lisboa Occidental 12 de Fevereiro de 1726.

Rocha. — Fr. Lancastre. — Cunha. — Teixeira. — Silva. — Cabedo.

DO ORDINARIO

Approvação do Reverendissimo Padre Mestre D. José Barbosa Clerigo Regular da Divina Providencia, Chronista da Serenissima Casa de Bragança, e Academico do Numero da Academia Real da Historia Portugueza, &c.

ILLUSTRISSIMO E REVERENDISSIMO SENHOR

POR ordem de V. Illustrissima vi a Chronica del-Rei D. Sancho I de Portugal, que escreveu Ruy de Pina, e nella não acho clausula alguma contra a nossa Santa Fé, ou bons costumes. V. Illustrissima ordenará o que fôr servido. Nesta Casa de N. Senhora da Divina Providencia 12 de Agosto de 1726.

D. José Barbosa Clerigo Regular.

VISTA a informação pode-se imprimir a Chronica de que se trata, e depois de impressa tornará para se conferir, e dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa Occidental 19 de Agosto de 1726.

D. J. A. L.

DO PAÇO

Approvação de Antonio Rodrigues da Costa, Cavalleiro professo da Ordem de Christo, Fidalgo da Casa de Sua Magestade, Conselheiro Ultramarino, e Academico do Numero da Academia Real da Historia Portugueza, &c.

SENHOR

Vi, como V. Magestade foi servido ordenar-me, a Chronica do Senhor Rei D. Sancho I composta pelo Chronista mór, e Guarda mór da Torre do Tombo Ruy de Pina; e não acho nella cousa que deva impedir a sua impressão. Porque ainda que está tão rudemente escrita, que não corresponde ao titulo honorifico de Chronista mór, e com tão poucas noticias, e tão mal circumstanciadas, que tambem parece que não é producção legitima de um Guarda mór da Torre do Tombo, que é o Archivo publico do Reino: comtudo como a antiguidade sempre é veneravel, será justo que saia á luz. V. Magestada ordenará o que fôr servido. Lisboa Occidental 25 de Setembro de 1726.

Antonio Rodrigues da Costa.

QUE se possa imprimir vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornará á Meza para se conferir, e taxar, que sem isso não correrá. Lisboa Occidental 8 de Outubro de 1726.

Galvão. — Oliveira. — Teixeira. — Bonicho.



Coronica do muito alto, e esclarecido Principe D. Sancho I, segundo Rei de Portugal.

CAPITULO I

Do tempo, e idade que El-Rei D. Sancho foi levantado, e obedecido por Rei, e assi de alguns geraes avisos para declaração, e melhor entendimento das cousas antigas de Portugal.

O muito alto, e excellente, manhanimo, virtuoso, e mui Catholico Principe El-Rei D. Affonso primeiro, e bemaventurado original dos mui esclarecidos, e christianissimos Reis de Portugal depois de vencer por seu braço em muitas, e mui perigosas batalhas infindos barbaros, e diversos imigos da Fé, e por seu maravilhoso esforço, lhes ganhar por força de armas muitas Cidades, Villas, e Castellos, e terras, e as ajuntar com louvor de Deos á primeira, e bem merecida Coroa de seu Reino de Portugal, de que dina, e primeiramente se intitidou, como em sua Coronica se declara, chegando elle a tanta idade, que por graveza da carne já não podia exercitar al-

gum dos seus proprios, e mui acostumados officios de Capitão, e Cavalleiro, se recolheu á sua Cidade de Coimbra, onde depois de fazer seu solene Testamento, e prover com Divinos, e necessarios Sacramentos em todo o que a bem de sua alma, e descarrego della compria acabou santamente sua vida em idade de noventa e um annos, a seis de Dezembro da era de mil e duzentos e vinte e tres annos, e do Nascimento de Nosso Senhor Jesu Christo de mil cento e oitenta e cinco, (1185) dos quaes sendo Ifante, e Principe, e Rei Reinou em desvairados tempos, setenta e tres annos, onde seu corpo, que era mui grande, e bem composto, foi logo unguido, e metido com grande solenidade em um Moimento de pedra, sepultura para tão grande Rei, não sumptuosa, antes chã, e mui onesta, posta por então em uma Capella do Moesteiro de Santa Cruz, que elle novamente fundou, e largamente dotou, em que tinha singular devação, e depois o muito alto, e excellente Principe El-Rei D. Manoel deste nome o primeiro nosso Senhor, porque em todas suas obras sempre foi Principe mui prefeito, e sobre todo mui magnifico, mandou remover a dita sepultura, e pôr no mesmo Moesteiro em outro lugar que lhe pareceo mais conveniente para ennobrecer, e intitular como a tão excellente original, e a tão dino Rei, seu maior, e Antecessor se devia.

E ao tempo do falecimento del-Rei D. Affonso era presente o Ifante D. Sancho seu filho legitimo primeiro, e herdeiro, cuja é a presente memoria, o qual aos tres dias logo seguintes da era de Cezar, e do anno de Christo acima ditos, por os Preiados, e Nobres de seu Reino, que ahi eram, e com as ceremonias, e devida solenidade foi alevantado, e obedecido por Rei de Portugal sómente, sem outro acrescentamento de titulo, em idade de trinta e um annos, porque elle na-

ceo a onze dias de Novembro da era de Cezar de mil e cento e noventa e dous annos, e do anno de Christo de mil e cento e cincoenta e quatro, e foi alevantado por Rei na dita era de mil e duzentos e vinte e tres, e do anno de Christo de mil e cento e oitenta e cinco, em que seu Padre faleceo, porque do tempo do dito Rei D. Affonso seu Padre, que primeiro se intitulou Rei de Portugal, até El-Rei D. Affonso Conde de Bolonha, em França, seu bisneto exclusive todos os Reis seus successores se intitularam Reis de Portugal sómente, sem outra adição de titulo, nem algum acrecentamento nas cinco Quinas do Escudo Real, porque o dito Rei D. Affonso Conde de Bolonha seu bisneto por razão, e titulo do Algarve dáquem mar, que por El-Rei D. Affonso deste nome o Decimo de Castella, e de Lião seu sogro lhe foi dado em cazaamento com a Rainha D. Breatiz sua filha, se intitulou primeiramente Rei de Portugal, e do Algarve, e acrescentou ao Escudo Real de cinco Quinas, a orla dos Castellos douro em campo vermelho, como em sua Coronica ao diante se dirá, e para remover, e declarar algumas duvidas que nas Coronicas dos Reis de Portugal podem occorrer.

E' de saber, que El-Rei D. Affonso Anriques, primeiro Rei de idade de dezoito annos, que havia quando o Conde D. Anrique seu Padre faleceo, até haver quorenta e cinco annos, se chamou Ifante, e assi em quanto regeo sua terra, a Rainha Dona Thareja sua Madre, a qual por ser filha del-Rei D. Affonso deste nome, o sexto de Castella, aquelle que ganhou Toledo aos Mouros sempre se chamou Rainha, e o dito Conde D. Anrique seu marido, nunca mudou, nem acrescentou o nome de Conde, e depois que D. Affonso Anriques seu filho não consentio, e a privou de sua governança, elle se chamou Principe dos Portu-

guezes, e de idade de quorenta e cinco annos que havia quando venceu a batalha do Campo Dourique, e foi pelos nobres Cavalleiros seus, que tinha ahi levantado por Rei, até haver oitenta e cinco annos, se chamou, e intitidou Rei de Portugal, por sua só vontade, e com accordo dos Grandes, e Povo do seu Reino, e não foi por authoridade dos Reis de Castella, nem consentimento como em algumas Coronicas Castelhanas craramente eu o vi escrito, e destes oitenta, e cinco annos até haver idade de noventa e um, em que faleceo se intitidou Rei de Portugal por authoridade, e aprovação do Papa Alexandre III, o qual para o dito Rei D. Affonso de Portugal o primeiro, e assi todos seus sobcessores o poderem fazer, e proseguir, com inteira superioridade, lhe concedeo sua Bulla Rodada autentica, e solene, que eu seu Coronista mór vi a qual foi dada em S. João de Latrão, em Roma a dez das Calendas de Junho, que é a vinte e tres dias de Maio do anno da Encarnação de Nosso Senhor Jesu Christo de mil e cento e setenta e nove annos, (1179) e aos vinte annos de seu Pontificado, e provida por Alberto Presbitero Cardeal da Santa Egreja de Roma, e Chançarel della, com Imposição e Cenço del-Rei, e seus sobcessores, darem em cada um anno á Sé Apostolica dous marcos douro, que os Arcebispos de Braga, que pelos tempos fosse em nome dos Papas, haviam em cada um anno de receber: mas estes marcos douro, em nossa memoria, se não acha que se pagassem, nem outra cousa por elles, antes se crê, que pelos muitos, e mui assinados serviços, que os Reis de Portugal, como filhos sobre todos mui obedientes, logo, e depois sempre fizeram á Sé Apostolica, e assi outros por defenção de exaltação da Santa Fé, sejam, como são deesta paga para sempre livres, e relevados, assi que neste Maio

deste anno de Christo de mil e quinhentos e treze, (1513) em que esta Cronica se começa, se cumprem, e acabam trezentos e setenta e cinco annos que Portugal é Reino, e ha trezentos e trinta e quatro que foi aprovado por Reino, izento como é, não reconhecendo superioridade a outro algum.

Ao tempo que El-Rei D. Sancho assi foi levantado por Rei havia quatro annos, que era já cazado com a Rainha Dona Doce sua mulher filha del-Rei D. Reimon Rei de Aragão, e Conde de Barcelona, e da Rainha Orraca sua mulher a qual em algumas memorias mais antigas se chama a Rainha Dona Doce, e em outras mais modernas se chama a Rainha Dona Aldonça: mas esto não faz contradição porque em sustancia o nome é todo um, e della El-Rei D. Sancho tinha já o Infante D. Affonso seu filho primeiro, e herdeiro, e assi outros filhos, e filhas de que ao diante farei breve menção, dos quaes os filhos barões legitimos se chamam Infantes, e as filhas legitimas, em çazo que não fossem cazadas se chamam Rainhas, e assi eram nomeadas nas solenes doações, e contratos em que todos eram nomeados, e os aprovavam, este costume se guardou sómente até este Rei D. Sancho, porque El-Rei D. Affonso seu filho já chamou aos filhos, e filhas Infantes, aos legitimos de Dom, como em suas doações, e testamento parece, e os filhos bastardos que este Rei, e outros Reis depois tiveram, não se chamavam de Dom, mas por differença da bastardia, foram sómente chamados por seus nomes do Bautismo coin seus sobrenomes tomados dos nomes dos Padres, ou Avós, sem precedencia de Dom e sem alguma outra differencia nem titulo de preminencia, mas assi como quaesquer outros do Povo, a saber Pedro Sanches, e Orraca Affonso, e Orraca Sanches, e assi é de saber, que do tempo del-Rei D. Affonso Anriques, até El-Rei D.

Pedro inclusivè, em que houve oito Reis de Portugal decedentes um do outro, todos em suas Cartas, Privilegios, e Doações, e quasquer outras Escrituras que eram feitas em nome del-Rei, e que não passavam por Dezembargadores, e officiaes decrarados, se punham seus sellos sem assinarem de seus nomes, nem doutro algum, e sómente se dizia : *El-Rei o mandou, e Foddo Escrivão o fez*. E quando as cousas eram de grandes importancias, e para que compria mais segurança, e mór autoridade, a saber : *Pazes, Casamentos, e Testamentos*, punham de suas mãos : *Eu Foddo Rei a vi, e sob escrevi por minha mão*, porque El-Rei D. Fernando filho do dito Rei D. Pedro logo como Reinou assinou por si, poendo : *El-Rei*, segundo nas Cartas dos uns, e dos outros que estão na Torre do Tombo nestes Reinos de que eu Coronista sou guarda mór, todo esto assi vi, e o examinei por verdade, e este costume, e Ordenação de os Reis assinarem muitas cousas por si, ainda agora se guarda, mas é com grande differencia dos sinaes, porque nas cousas, e Provizões que hão de haver sellos, assinam *El Rei*, e nos Alvarás, e Cartas missivas assinam sómente *Rei*, e em outras cousas acordadas, que ainda requerem fazer-se outra provizão poendo seu passe, e em todos estos sinaes depois del-Rei D. Affonso destê nome o Quinto, que primeiro o costumou, álem delles, cinco pontos por lémbrança das cinco Quinas de Portugal.

CAPITULO II

De algumas cousas, e feitos notaveis, que El-Rei D. Sancho fez em sendo Ifante.

EL-REI D. Sancho ao tempo, que directamente foi obedecido por Rei alem do Real, e antigo Sangue dos Reis de que decendia para devidamente ser Rei, ainda por obras, e claros feitos, já se fizera digno, não sómente de erdar por direito a sobcessão del-Rei seu Padre que erdou, mas de ser para ella emlegido, e requerido, não era sem causa, porque tendo El-Rei D. Affonso seu Padre em idade de oitenta e quatro annos correndo o anno do nascimento de N. Senhor em mil e cento e setenta e oito annos, (1178) porque neste tempo se acabaram umas tregoas de cinco annos, e de grande necessidade, que elle com os Reis Mouros Despanha seus comarcãos posera, vendo que por indesposição de sua pessoa, que por a perna que nas portas de Badalhouse quebrara, e por outros inconvenientes de sua honra, em que encorria se cavalgasse, não podia por si fazer a guerra aos infieis, assi como compria, e elle sempre fizera, confiando já das mostranças de discrição, e esforço de D. Sancho seu filho, que avia vinte e quatro annos porque com o exercicio das armas, e guerra já perfeitamente o experimentara, desejando que em seu nome, e como seu verdadeiro sobcessor, elle proseguisse contra os infieis inimigos da Fé, a conquistação legitima, e meritoria, que tinha emprendida, e com tanta tristeza leixada por tal, que mais tempo se não interrompesse, e metesse seu filho na dita conquista lhe fez sobre isso em Coimbra aquella excellente falla, mui dina de tal Pai, e de Rei mui Catholico, e tão

bom Cavalleiro, o qual Ifante D. Sancho porque sua idade o requeria, e seu coração muito mais o deitava, com tal obediencia a recebo nos ouvidos, que logo a passou a seu coração, e nelle atou com firmes nós de grande Fé, e singular Cavallaria, com que logo tanto que foram percebidos os Capitães, e gente de cavallo, e de pé, que para isso compria, se dispoz ao caminho, e á guerra já bem praticada, e refazendo-se na Cidade de Evora, com asás bem pouca gente, para tão grande, e tão perigosa empreza, como tomára, e se lhe offerencia, e com a benção, e boa ventura del-Rei seu Pai que tinha recebida, partio dahi alegre com o rosto na terra Dandaluzia, que então era chea de Mouros guerreiros por onde com mui singular destreza, e ouzadia foi guerreando, e estragando as gentes, e terras dos infieis, e posto que no caminho arduas contradições, e grandes afrontas dos imigos recebesse, porém sempre a seu pezar delles, e com grandes seus escramentos passou a Serra Morena sempre vencedor, e nunca vencido, e nunca temeroso, e sempre temido, e assi chegou á Cidade de Sevilha a qual por ser cabeça, e titulo então de grande Reino, e para presunção, e soberba em que estava de muito poderosa, ouve por sua grande deshonra, e incomparavel abatimento o que assi sentia com dor, e vergonha porque a todos era notorio, que depois da geral perdição Despanha, que foi em tempo del-Rei D. Rodrigo o derradeiro Rei dos Godos, nunca de Christãos, ella fora guerreada, nem sómente vista, o que ao Ifante D. Sancho, e á boa, e leal gente de Portugal que levava, acrescentou muita mais honra, e louvor, onde na crua batalha que nos arrabaldes foi aprazada, e logo cometida, e bem pelejada, não faleceo a D. Sancho prudencia, e acordo com que aconselhado da singular gente que levava, regeo, e ordenou suas batalhas, nem

menos esforço de valentia de coração com que nellas pelejou, cá por dar aos aeus clara esperança de segura vitoria com suas mãos, e armas não ociozas, seus encontros, e golpes, não eram segundos, mas primeiros, com os primeiros cometia as maiores afrontas, onde dos irozos braços de seus imigos recebiam para retorno dos que dava golpes duros, e asás perigosos, ali 2 olhos de todos no louvado, e glorioso officio de Capitão, e Cavalleiro claramente se mostrou ser bom filho de seu Pai, dino de em todo o soceder, ali a calidade, e antiga bondade darmas de gente Portugueza, dava seguro esforço, e esperança de vencer o que a sua pouca quantidade de gentes tão desigual á dos Mouros, podera por rezão denegar, mas finalmente aprouve a N. Senhor em cujo nome, e por cujo louvor, e serviço a batalha foi cometida, que ella se acabou com muito estrago, e grande mortindade dos imigos da Santa Fé, ficando o campo asás cheo de corpos cortados de ferro, e vazios dalmas danadas, onde o sangue dos vencedores, e muito mais dos vencidos foi tanto que deu nova, e mui espantoza corrente ás aguas do fermoso Rio de Guadalquivir ao longo do qual, e sobre o qual foi esta batalha onde já sem resistencia, e temor dos imigos que com medo se recolharam, o despojo do campo, que de cavalos, armas, cativos, e outras riquezas, foi de grande preço, sem estima, o qual despojo o dito Ifante com muita discrição, e maior nobreza por vencedores, com muita alegria logo repartio, não tomando para si, salvo a honra, gloria, e louvor da vitoria, e sobre tudo como Capitão prudente lhes dava aquelles agradecimentos, e louvores que por seus trabalhos, e serviços mereciam, com que os contentou, e satisfez de maneira, que acrecentou seu amor, e esforço, para nas maiores necessidades que ao diante occurressem, melhor o ser-

virem ; e de Sevilha porque as forças dos contrarios comarcãos, pela força da batalha passada, ficaram muito quebrados, favorecido o Ifante D. Sancho da fortuna, e da sua propria Fé, principalmente guerreou, e destrohiou muitos Lugares, e terras Dandaluzia ao longo do mar.

CAPITULO III

Como estando o Ifante em cerco sobre a Villa de Nebla, que é em Andalusia, os Mouros cercaram Beja, em Portugal, e a veio logo socorrer, e da vitoria que delles ouve.

ANDANDO o Ifante D. Sancho nesta prospera conquista, com vontade de o proseguir muito tempo, estando em cerco sobre a Villa de Nebla, e posta ella já em tanta necessidade, e estreiteza, para a em breve tomar, foi avizado que a Villa de Beja que El-Rei D. Affonso seu Padre aos Mouros tomara, era então delles cercada, e posta em grande afronta, e deste prudente ardil consultáram os imigos para com elle afrouxarem o Ifante da guerra Dandaluzia em que tão prosperamente andava, na qual couza o Ifante como Principe não menos prudente que piedoso, e esforçado, concirando que El-Rei D. Affonso seu Padre, por elle Ifante ser afastado, lhe não seria tão facil aver gente, como para tal pressa e socorro requeria, especialmente por elle trazer a principal do Reino consigo, e tambem não lhe esquecendo que era melhor, e a elle mais devido, antes conservar o ganhado, e seguro, que conquistar o duvidoso, detreminou de leixar o cerco de Nebla, e partir-se, e socorrer com suas forças a Villa de Beja, por se não

perder, e por não dilatar muito tempo, e poder fazer suas jornadas com maior pressa, e menos torvações, apartou logo da sua gente aquella que lhe pareceo, com que melhor, e mais em breve podia socorrer, e porque o outro seu Exercito viria mais vagaroso, e para que ficando em terra de imigos, se podesse seguramente recolher, leixou por Capitão mór delle D. Pero Paes Alferes mór, que se mostrou agravado, e descontente por ficar, e não levar sua bandeira, especialmente em caminho, e para cousa de tanta honra, e perigo como se offerencia, e assi como por seu officio sempre fizera, e este D. Pero Paes Alferes foi filho de Payo Soares Capata e cazou com Dona Elvira filha de D. Egas Monis, e de sua mulher Dona Thareja Affonso a que fez, e dotou o Moesteiro das Sarzedas, e foi homem neste tempo mui principal, e em feitos darmas mui estimado.

Eram Capitães, que tinham Beja cercada, Abeamazim, e Albouzil estimados antre os Mouros, por bons Cavalleiros, antre os quaes, e assi antre as muitas gentes que consigo tinham, porque souberam da vinda, e socorro do Ifante, do que a passar de Guadiana foram logo certificados, ouve Concelhos asás desvairados ca uns temendo já seu esforço, e o favor das victorias de Sevilha, e Dandaluzia de que vinha mui favorecido, e assi não receando pouco ardidez dos bons Cavalleiros que o seguiam, aconselhavam a levantar o cerco, e não esperar. E outros concirando a pouca gente que o Ifante trazia em comparação da muita que elles tinham, receozos de receberem, por esso vergonhosa deshonra, e pubrico vituperio ainda que já eram meios vencidos, aconselharam esperar, e dar-lhe batalha, e este sinal acordo tomaram para sua maior perdição, e para mais acrescentar na honra, e louvor do Ifante, e na bondade, e merecimentos de sua gen-

te, porque achando elle Ifante os Mouros cercadores já fóra de seu arraial, e estanças, e com suas azes para batalha bem percebidos, e elle assi como vinha de caminho, tendo já com poucas palavras esforçada, e bem avizada sua gente, ferio nelles tão rijamente, e com tal esforço, que posto que a batalha fcsse logo da sua parte, e da outra bem ferida, e perigosa, porém a poucas oras, aquelles dous Capitães Mouros principaes que dice, foram ambos mortos, e sua gente rota, e destroçada, e posta em fugida, no alcance da qual, que foi curto, os Christãos mataram, e cativaram muitos, e tornaram-se vitoriosos a roubar seu arraial em que acharam muito, e mui rico despojo pelo qual o Ifante vendo de sua jornada o efeito tão prospero, recolheu sua gente, e assentou seu arraial fóra da Villa, e depois de dar pela vitoria inñias graças e louvores a N. Senhor elle tambem aos Christãos cercados, que com muita alegria, o saíram a receber, e visitar, deu singulares agradecimentos, que por sua constante lealdade, e por tão louvada registencia mereciam, dizendo-lhe mais, que a estima em que tinha suas pessbas, e serviços, davam testemunho, e verdadeira Fé, a que logo poderiam ver. e sentir na pressa, e deligencia que logo pozeram, e no socorro tão vitorioso como elles por sua misericordia, e poder de Deos, tão prosperamente lhes déra, e sobre esto dilatou o entrar da Villa até que D. Pero Paes Alferes com a gente que em Andaluzia ficara, alegres, e seguros chegaram a elle, com que entrou com muito prazer, e solenidade na Villa, onde por algum repouso dos seus sobresteve alguns dias, e depois de afortalezar a Villa, e assim outros Lugares da frontaria, de armas, gentes, mantimentos, e de toda outra defensão que sentio que compria aforrado com pouca gente se foi a Santarem.

CAPITULO IV

Como o Ifante D. Sancho foi em Santarem cercado de Miramolim de Marrocos, e como El-Rei D. Affonso seu Padre o soccorreo, e descercou, e mataram a Miramolim.

ESTANDO assi o Ifante em Santarem com proposito de ir visitar, e fazer reverencia a El-Rei seu Padre, que era em Coimbra, e dar-lhe conta de sua viagem, sobreveio logo, que Abuaxam Almohadim, o segundo Miramolim de Marrocos por vingança das mortes, cativeiros, e males que os Mouros da Espanha por El-Rei D. Affonso Anriques, e por elle Ifante D. Sancho seu filho recebidos tinham, de que a parte da Luzitania por elles então sogeita, e o Algarve com grandes lamentações, e verdadeiras causas de sua destroição se enviaram querelar, detreminou passar em Espanha, e fazer logo guerra a Portugal, e destroi-lo se podesse, para que ajuntou comsigo das gentes dáquem, e dálem mar, treze Reis Mouros, e com tanta gente de infieis, e de nações, armas, e trajos tão desvairados, como até então, segundo testemunho dos mais antigos, nunca outra tanta se vira junta, os quaes entraram pela Lusitania, que é arriba de Odiana, e correram a Estremadura, e sem resistencia passaram o Rio do Tejo, e depois de por força tomarem Torres Novas, e destroirem a Villa, com outras Villas, e Castellos de redor em que fizeram muito dano, elles neste anno que era do Nascimento de N. Senhor Jesu Christo de mil cento e oitenta e quatro, (1184) com seus poderes juntos a mais andar, vieram cercar a Villa de Santarem, o Ifante D. Sancho que pela pouca gente com que se achou

tão desigual em numero para resistir assi contra os infieis foi posto em grandes, e duvidosos pensamentos, e porem porque era o Principe de grão coração, e a que semelhantes afrontas já não eram as primeiras para com sua quebra o saltearem, esforçando-se principalmente na piedade de Deos, cuja era a empreza, e de si na experiencia, e bondade, e lealdade dos Portuguezes, que com elle eram detreminou não leixar a Villa, e esperar nella o cerco, e batalha, qual seguisse, e para receber os combates, que logo esperava não se quiz afortalezar dentro nos muros da Villa, nem Dalcaceva, que então era tão sómente cercada, e que em tal tempo era, e mais segura esperança de sua salvação, mas por melhor amostrar seu animo não vencido, e acrescentar mais na honra da vitoria, que se aparelhava aguardou, e se susteve sempre nos arrabaldes da Villa em palanques, e estancias, que com madeiras sómente afortalezou, onde por cinco dias continos foi de combates mortaes assís afrontado, e elle ferido, não sem muita perda com mortes, e feridos de seus bons Cavalleiros, e leaes Vassallos, que não acabavam as vidas sem dobrada vingança de seus imigos.

Ao tempo deste cerco, El-Rei D. Affonso Anriques era em Coimbra em idade de noventa annos porque dahi a um anno logo faleceo, e sabendo da vinda de Miramolim vendo logo de futuro como prudente, como exercitado guerreiro, que de alguma grande afronta de combates, ou batalha o Ifante seu filho neste cerco se não podia escuzar, posto que a carne por sua fraqueza, e grande velhice, já bem não podia obedecer á bondade, e viveza de seu espirito, porém no amor de tal filho, e na lembrança de seu perigo, que o esforçava, aparelhou a mais gente que pode para que com sua pessoa, posto que tão carçada fosse dar

logo a seu filho soccorro não menos necessario, que piedoso.

Sabendo os Mouros, que El-Rei D. Affonso era já na Villa de Porto de Mós, com firme detreminação de descercar seu filho, e dar-lhes batalha, se comprisse, elles para exprimentar se cobriariam primeiro a Villa, ante de sua chegada deram seus combates aos palanques do Ifante, com forças, e pressas dobradas, onde de uma parte, e da outra se davam, e recebiam muitas mortes, e feridas, e grandes danos, e achando nos Christãos tão grandes forças com tanta, e tão acordada resistencia desesperaram logo de cobrar a Villa, e temendo com isso a chegada del-Rei D. Affonso não sómente afrouxaram logo dos combates, mas muitos do arraial já como desesperados se partiam. e este conhecimento que do medo, e fraqueza dos Mouros logo se tomou, dobrou aos Christãos tanto esforço, que mui acezos para vingança os cometeram mui rijamente, e por força os afastaram de seus palanques, e estancias ordenadas, e os fizeram dahi recolher ao lugar, e monte Dabbade, e o Ifante estando ainda duvidoso, e não bem seguro de Miramolim com maiores forças tornar ao cerco, e combates sobre elle, não sabendo, nem esperando o soccorro, que lhe vinha, appareceu El-Rei D. Affonso seu pai assentado em um carro acompanhado de sua gente mais esforçada, e Real, que muita, e todos guiados de sua bandeira Real, em que o Ifante, e os Christãos por ser ella guarneecida de tantas, e tão grandes vitorias logo viram uma certa confiança de segura vitoria, pelo qual mui alegres, e com ella favorecidos cavalgaram, e sem detença se ajuntaram a El-Rei, sem se passar tempo em contas de cousas passadas, nem se fazerem antre elles as reverencias, e acatamentos devidos, mandou logo mover as batalhas contra os Mouros, em que fe-

riram tão sem medo, e com tanto esforço, que em poucas oras foram todos desbaratados, e vencidos, e os mais dos Reis Mouros que ali vieram, mortos com muitos outros dos mais principais, e na outra gente se fez grande estrago, e Miramolim de tais feridas foi ferido, que em passando o Tejo dellas morreo, e nas *Coronicas* dos Mouros se affirma, que um pião Portuguez o matou estando sobre Santarem, e por vingança da morte de Miramolim, entrou logo em Espanha Habuhalh-Moady, tambem terceiro Miramolim de Marrocos, este foi o que venceu a batalha de Lharquos a El-Rei D. Affonso deste nome o Noveno de Castella, de que os Christãos receberam muita perda, e Espanha esteve outra vez em ponto de se perder, mas este Miramolim morreo, e a poz elle soccedeo outro Miramolim seu filho, que diziam Abemtua-fomas, e este tornou a ser vencido por o mesmo Rei D. Affonso, na outra mui celebrada batalha, que se diz nas Naves de Tolosa acerca Dubeda em Castella pela qual batalha os Mouros ficaram em grande escarmiento, e de uma batalha a outra ouve despaço deza-sete annos como nas *Coronicas* de Castella esto mais largo, e mais proprio se declara, e torno ás cousas de Portugal.

Como esta vitoria, e descercos de Santarem foi tão prosperamente acabado, El-Rei, e o Infante volveram sobre o arraial dos Mouros, e o despojaram em que acharam requissimo despojo de muito ouro, e prata, e de tendas, Camelos, Cavalos, armas, e infindos cativos com que entraram na Villa ricos, vitoriosos, e alegres, dando muitas, e mui merecidas graças a Nosso Senhor por vitoria tão milagrosa, e depois que El Rei sobre esto tão louvado, e tão glorioso trabalho quiz repouzar, o Pai, e o filho se deceram, e o Infante depois de lhe heijar as mãos lhe deu particu-

lar conta das grandes cousas que em Andaluzia, e em Beja, e neste cerco passara com que a alma del-Rei se alegrava, nem eram seus ouvidos fartos de as ouvir, pelas quaes perfeições, e muitas bondades, que em seu filho sentia, e com tão claras experiencias de já não serem duvidozas tendo nelle os olhos de lagrimas de muito prazer, e alegria lhe disse.

«Filho Deos nosso Senhor a que nada se esconde, sabe que nesta ora em que vos vejo, eu não sei se por serdes meu filho, ou por as bondades, e virtudes, que em vós conheço vos deva mais amar, mas por isso o louvo mais por ambas estas obrigações, e respeitos que quiz ajuntar em vós, para com rezão vos ter por ellas dobrado amor, se em mim se podesse dobrar». E depois de proverem as cousas de Santarem como compria, ambos juntamente se partiram para Coimbra, onde a poucos dias El Rei com sua alma já descansada, e satisfeita das cousas deste mundo, e para as do outro em todo descarregada, e limpa a deu a Deos que lhe daria eterna bemaventurança, e assim é de crer piedosamente, e o Ifante D. Sancho foi logo alevantado por Rei, como acima já brevemente disse.

CAPITULO V

Das cousas em que El-Rei D. Sancho nos primeiros annos logo entendeu de seu Reinado, e como neste tempo a Santa Cidade de Ferusalem foi dos infieis tomada, e do que El-Rei sobre esto fez.

Nos primeiros tres annos do Reinado del-Rei D. Sancho entendeu elle em defender com as armas seu Reino, e governa-lo directamente com justas leis. porque para uma cousa, e para outra tinha singular perfeição, porque era Principe Catholico, e mui amigo de Deos, esforçado, bom, e prudente, e de bom juizo, e muito amado de seu povo, e principalmente procurou que o Reino para as cousas temporaes fosse bem aproveitado, e que os homens naturaes delles sendo fóra das guerras e afrontas necessarias não se dessem a vicios, e ociosidades, mas que vivessem por seus trabalhos, e para esso deu muitos foraes, e mui favoraveis a muitas Cidades, Villas, e Lugares do Reino, que elle novamente fundou, povorou, e fortalezou, como ao diante direi, e assim fez muitos emprazamentos de terras, e reguengos a muitas pessoas particulares, e tanto gosto tomava, e cuidado no aproveitamento, e bem feitorias da terra, que geralmente não sem causa era chamado Lavrador, e no cabo dos tres annos andando a era de Cezar em mil duzentos e vinte seis annos, em o anno do Nascimento de N. Senhor de mil cento e oitenta e oito annos, (1188) a Casa de Jerusalem por Saladino Soldam do Egypto, imigo da Fé ultimamente foi tomada, e porque El-Rei D. Sancho com os outros Reis, e Principes Crhistãos, para a recobrem foram dos

Papas com grande instancia exhortados, e requeridos, para esto melhor se entender farei desso algum fundamento breve, mui alto.

Para o que é de saber, que no anno de N. Senhor de mil e noventa e dous um Pedro Ermitão, de nação Francez, barão Religioso de santa vida, e mui esforçado, vindo da Terra de Suria, e Cidade Santa de Jerusalem achou em França o Papa Urbano II aqui por Catholicas querelas, e grandes lamentações que lhe fez sobre o vituperado cativeiro do Santo Sepulchro, e do desprezo, e mau trato de seus Menistros, estando tudo por fraqueza dos Fieis em poder de Calipha Mourro tirano, e mui poderoso, e comoveo a fazer como fez solene, e geral Concilio em França na Cidade de Claromonte em Alveinja, onde comoveo para esta conquista, e assi todos os Reis, e Principes de Europa, que ali nesta santa expedição se apartaram principalmente Gudufre de Bulhão Duque de Lotorigia, e Baldovino seu irmão, e o Conde D. Reimão de S. Gil, genro del-Rei D. Affonso VI de Castella, cazado com Dona Ervira irmã da Rainha Dona Thareja madre del-Rei D. Affonso Anriques, e o grande Hugo irmão del-Rei Fellippe de França, e o Principe de Milã, e Bermudo irmão de Rogerio Duque Dapulha, e um filho de Vital Michael Duque de Veneza, com grande frota, e assi a Cidade de Genoa, com muitas Galés, os quaes todos segundo a geral estimação, que se fez, refizeram para esta conquista trezentos mil homens que de uma Cruz vermelha foram todos assinados, e cruzados em nome do Papa.

Foi por seu Delegado no Exercito Hadamaró Bispo Podiente Barão em todo mui singular, e o sobre dito Pedro Ermitão tomou sobre si a Capitania de muita, e mui esforçada gente, a que se ajuntou Reinaldo Capitão dos Alemães, que sua via para Alema-

nha, e Ungria, e indo para terra entraram a Suria, e com grandes revezes, e fadigas de mortes, e cativeiros que nos caminhos padeceram, finalmente chegaram a Jerusalem, e os outros Capitães ordenados com suas gentes passaram os Alpes, e depois de visitarem a Roma, e receberem a benção, e absolvição do Papa, se despediram, e embarcaram em Italia, e assi todos se ajuntaram sobre a Santa Cidade, a qual por longos tempos, e grandes antrevalos cobraram, e a tiraram do poder do dito Calypha, que ahi morreo, sendo tambem destroçados, e vencidos outros Reis barbaros, e feito nelles tão grande estrago, e em suas gentes, que o sangue, segundo Fé de dinos escritores dava nas ruas da Cidade pelos artelhos dos pés dos homens, e esto foi no anno de N. Senhor de mil e noventa e nove, (1099) e do cativeiro de quatro centos e noventa annos, quando tendo nella o imperio, e senhorio Heraclio, foi dos infieis primeiro tomada.

E por concordia, e prazer de todolos Principes e Senhores Christãos, que nesta expunhação eram presentes foi alevantado por primeiro Rei de Jerusalem o dito Duque Gudufre de Bulhão a que se deu em Belem a obediencia com grandes, e santas ceremonias no anno de nossa salvação de mil cento e um annos, (1101) e neste alevantamento porque com uma coroa douro mui rica o quizeram coroar, e elle o não consentio, e a despezou, dizendo, que não era cousa digna homem Christão sendo terreal ter em sua cabeça Real coroa douro, naquelle lugar onde o Divino Rei dos Reis, por salvação da geração humana a tivera na sua com espinhos tão aspera. Este Rei Gudufre, e seis Reis de Jerusalem, que a poz elle Reinaram, dos quaes Guido Rei foi o derradeiro, tiveram a Caza Santa com grande honra, e muita gloria, e louvor da Religião Christã até oitenta e oito annos, no cabo dos

quaes foi della Rei mui singular, e mui esforçado Baldovino o leproso, deste nome o quarto, e dos Reis de Jerusalem o setimo, que por sua incomparavel enfermidade não cazou, e fez herdeira do Reino Sebila sua irmã maior, que logo cazou com Guilherme dito por alcunha longa espada, filho do Marquez de Monserrado, que a pouco tempo faleceo, e ficou delle, e de Sebila sua mulher um filho chamado tambem Baldovino, a qual Sebila ainda em vida de seu irmão Baldovino casou a segunda vez com Guido de Lousinhã; homem mui principal ao qual, e assi a D. Reymão Conde de Tripuly o dito Rei Baldovino deu a tituria do menino Baldovino seu sobrinho com fé, e juramento, que tanto que fosse em idade para por si reger, lhe entregasse o Reino, que elles em tanto haviam de governar, e defender, mas como El Rei Baldovino o leproso faleceo, Guido, e Sebila sua mulher nem consentiram o Conde de Tripuly na governação do Reino, que em nome do menino se havia de fazer, o qual a oito mezes depois da morte do tio, tambem logo faleceo, cuja morte sua mãe encobrio, até que por dadas, e promessas concordou com o Patriarca dito Arnulpho, e com os mais dos Senhores daquelle Reino, que Guido seu marido fosse emlegido, e alevantado por oitavo Rei de Jerusalem, naquella eleição, e obediencia o sobredito D. Reymão não consentio antes o contradice, e havendo entre si muitas differencias, e começos de grandes imizades, partio de Jerusalem, e se lançou com o grão Soldão de Babilonia, e muita gente com elle, da qual cousa por elle ser mui principal, e de grande authoridade, se seguio grande mal, e total perdição do dito Guido Rei, e de todos os outros Christãos da Terra Santa porque Saladim Rei barbaro Mouro no Egypto mui poderoso, sendo desta divizão, e discordia dos Christãos certificado, ajuntou grandes

exercitos de infieis com que logo conquistou, e cobrou sem resistencia muitas Cidades, e terras do Reino de Jerusalem, e veo pôr cerco á Cidade Descalom, onde por mais forte estava El-Rei Guido, e o Mestre do Templo, cujas pessoas despois de perlongado o cerco por condição, e partido forçados, e sem suas vontades foram pelos da Cidade entregues a Saladin, por dar por isso como deu a vida a todos outros, que na Cidade eram cercados, e com esta victoria, e destroço dos Christãos, o dito Saladin foi logo cercar a Cidade de Jerusalem, que temORIZADA com seus defençores das mortes, e cruezas por outra já padecidas, e desesperada do soccorro, nem outra ajuda, sem afronta, nem estreito combate se lhe deu, tomando os de dentro as sós vidas por partido, com o que ás costas podessem levar de suas fazendas, e esta miseravel tomada, e doloroso cativoiro da Santa Cidade de Jerusalem foi a dous dias Doutubro, do anno de N. Senhor de mil cento e oitenta e oito (1188), que fôram oitenta e oito annos despois que do Duque Gudufre fora tomada, e com muita prosperidade, e grande louvor da Christandade possuida como atraz já toquei.

CAPITULO VI

Como a segunda passagem que por soccorro da Casa Santa se fez, e o que della succedeu

DAS gentes, que das inhumanas cruezas, e grandes cativoiros dos infieis, salvaram as vidas cada um por salvo conduto dos barbaros outorgados seguiram o caminho, que suas vontades,

ou suas venturas lhes então melhor ordenou, antre os quaes muitos que vieram a Europa logo se foram lamentar sobre o cativeiro, e redenção do Santo Sepulchro aos Papas Urbano o segundo, e Gregorio o outavo, cuja morte breve, e anticipada, que lhe sobreveio, atalhou seus desejos, que para o effeito desto mostraram mui ferventes, e o Papa Clemente III que os succedeu, ainda que pouco vivesse, comoveo em sua vida grandes exercitos de muitos Reis, e Principes Christãos que passaram a ultra mar, em que era o Emperador Federico, e Felipe Rei de França avô del-Rei S. Luis, e Ricardo Rei Dingleterra, e o Duque de Borgonha, com outros muitos Duques, e Condes, e Senhores de nobres titulos, e grandes potencias de toda a Christandade os quais antre si por escuzarem competencias, e sem alguma contradição emlegeram por seu capitão geral a Bonifacio Marquez de Monteferrado, que era auzente por ser homem prudente, mui esforçado, e de grandes experiencias para tal cargo, e sendo todos passados a ultra mar como quer que não cobraram a Caza, e Cidade Santa de Jerusalem; porém fizeram tão grandes danos aos infieis, que sendo o tyrano Saladim em muitas batalhas pelos Christãos destrornado, e estando já em condição, e pensamento de lhes entregar a Santa Cidade, aconteeo por desaventurado caso que o Emperador Federico faleceo, a poz cuja morte ouve sobre o Principado de Jerusalem tantas dissensões antre El Rei de França, por discontente do negocio se tornou para seu Reino, e El-Rei Dingleterra ficou por alguns dias fazendo crua guerra aos infieis, e detreminando cercar a Cidade de Jerusalem, e cobra-la com suas forças, e porque sobrevieram grandes invernadas, e por esto muitas gentes de seu exercito se partiram, mudou seu proposito da guerra, e fez com Saladim pazes temporaes, de que

ouve segundo testemunho de muitos, grande soma de dinheiro, com a qual tornando-se para Inglaterra no caminho foi de Christãos Dalemanha seus imigos prezo, e cativo, e despois resgatado por maior riqueza do que recebem.

Mas o louvado Capitão Bonifacio com aquelles Christãos que o quizeram ajudar nunca leixou a empreza gastando nella todo o que tinha, até sobre esto vender a Venezianos a Ilha, e Senhorio de Candea, que era sua, por dinheiro apreçado para em alguma maneira sostener a gente darmas, que por fé, e devação o seguiam, em cuja Capitania a conquista de ultra mar, e guerra della durou alguns tempos, sostendo, e defendendo alguns Lugares que pelos infieis não foram tomados. A qual guerra durou assi até o tempo do Papa Innocencio Terceiro, que fazendo grande, e universal Concilio em Roma a cerca de S. João de Latrão sobre a guerra dultra mar, e recobrimento da Caza Santa, sobre a justa concordia que se tomou, enviou seus Breves, e com elles Bullas da Cruzada a todolos Reis, e Principes de Europa, antre os quais foi El-Rei D. Sancho, que ouve tambem seu Breve assás longo, cuja copia chea de lamentações, e de rezões mui evidentes, escuso declarar aqui, porque a causa para Christãos era mui justa, e santa, e as necessidades para remediar eram urgentes e mui piedosas, sómente abasta saber-se, que com toda a efficacia, lhe senificou a ultima destroição da Caza Santa, e o comunicou, e exhortou para cobramento della, com outorga, e concessão de plenarias Indulgencias aos que lá fossem, e tambem aos que para tão santo soccorro, e justa expedição dessem ajudas de gentes, e dinheiros.

E com esta mensagem do Papa sobre caso tão triste, que El-Rei D. Sancho recebeu foi mui anojado, e nas

cousas de sua mui real Pessoa, e Corte, mostrou tanto sentimento, quanto se esperava de tão bom, e Catholico Rei, como elle era, e tendo Concelho o que em tal tempo, e tal caso se devia fazer, El-Rei em quanto tomava Concelho de si mesmo, e de sua devação, e do desejo que tinha dacabar ajuda em semelhante conquista de tanto serviço de Deos para merecimento, e salvação de sua alma, pareceo-lhe cousa justa leixar seu Reino, e levar delle todo seu tesouro, e gente, e armas, e poder, e seguir a empreza dultra mar por redenção da Caza Santa, mas aconselhado da rezão que lhe apresentou os muitos inconvenientes, e grandes males, que não sómente a seu Reino, mas a toda outra Religião Christã pelos Mouros Dafrica, e da Espanha principalmente sem resistencia sendo ausente se podiam seguir, ouve então a ida de sua Pessoa, e ajuda de suas gentes por mui prejudicial, e em grande desserviço de Deos, e de sua santa Fé, o que não era sem causas mui conhecidas, porque a mor parte de seu Reino de Portugal tinha Mouros imigos, por fronteiros, e continuos guerreiros, que por males seus recebidos, procurariam logo sua vingança, como elles por seu dobrado mal, que receberam, muitas vezes cometeram, especialmente por si, e em seu favor toda a potencia Dafrica, com vivo desejo, e tão crua, e antiga imizade para a segunda destroição Despanha, pelo qual concirou, que não seria total segurança da Christandade cerrarem se as portas da guerra Dazia com a conquista de ultra mar, e abrirem-se as de Europa em Espanha. para mais conhecida, e mais facil destroição da Religião Christã. As quaes rezões, e escuzas del-Rei D. Sancho emviou logo por sua parte ao Papa, e ao sagrado Collegio dos Cardiaes, e aos Principes, e senhores, que para esta conquista eram aparelhados, remetendo tudo a seu bom Concelho, e

madura detreminação, os quaes sem longo exame, nem muitas altercações louvaram, e aprovaram seu conselho, e santa, e prudente tenção, e ouveram por bem que ficasse, e não fosse.

CAPITULO VII

Do que El-Rei D. Sancho fez depois da escusa dultra mar, e como foi cercar Serpa, e depois a Cidade de Silves, que era de Mouros.

EL-REI D. Sancho por assi ficar, e não ir com os outros Reis, e Principes nesta conquista pareceo claramente que recebeo, e ficou com muita tristesa, mas porque esta sua devação para guerra tão piedosa não parecesse esteril, e izenta de algum beneficio não leixou por esso de fazer, e enviar grandes ajudas, e esmolas a Jerusalem para se manter, e não desistir da santa guerra, e álem desso para maior perpetuidade della, deu em seu Reino a muitas Villas, e terras novas, que então eram do Esprital de S. João, e do Templo de Salamão em Jerusalem, para repario do Santo Sepulchro, cujas rendas se arrecadam pelos Mestres, e Piores que pelas ditas Ordens em cada um Reino eram deputados, e álem destas testemunhas verdadeiras de sua grande fé, e fervente devação porque ellas ainda não satisfaziam a bondade, e grandeza de seu coração, determinou pois os dultra mar aviam de trabalhar por acrescentamento, e louvor da santa Fé, que elle tambem em seu Reino não estivesse ocioso, pelo qual as treguas, que por algum tempo tinha com os Mouros assentadas as mandou logo ale-

vantar, e com suas gentes, que logo ajuntou correo, e destroio em pessoa as terras dos infieis na frontaria Dandaluzia, e da volta já sobre o Inverno, veio pôr cerco sobre o Castello de Serpa, que por dias combateo, e poz em grande afronta, com danos, e mortes dos cercados.

Mas por chuvas, e grandes tempestades, que logo sobrevieram, alevantou o cerco, e parece que daquella vez não tomou a Villa, e por a este respeito ser tomada a Caza Santa como dice, acertou que no anno seguinte na era de N. Senhor de mil cento e noventa e nove (1199), muitos Christãos nobres das terras de Ponente de nações desvairadas, a saber Alemães, e Frangos, e Francezes, sendo em suas terras pelo Papa exhortadas para santa passagem de Jerusalem, como o foram todolos os outros Christãos movidos por devação, como bons Catholicos, e para maior merecimento de suas almas se meteram em cincoenta e tres Naos para irem ajudar a servir na dita conquista, e sendo em mar a travez Despanha, deu nelles uma grande, e perigosa tromenta, que para o que se seguiu, foi asás piedosa, e bem aventurada, com força da qual, e sem suas vontades delles veio ao singular, e seguro porto da Cidade de Lisboa, ao qual tempo El-Rei D. Sancho era em Santarem, e sendo avizado da vinda, e estada da frota por saber da nação das gentes que nella eram, com que fundamento, e proposito vinham, se veio a Lisboa, e depois de saber delles em certo seu santo proposito, ouve desso grande prazer, e em sua pessoa lhe louvou muito, e sobre isso os mandou honrar, e agasalhar com a honra, e aquella abastança de mantimentos, e refrescos, que seu destroço desejava, e como á grandesa, e estado de tal Rei pertencia, e porque o tempo por uma ordenança, e premissão Divina foi á frota, e á sua nave-

gação muitos dias contrairos para não poderem sair, e fazerem sua preposta viagem, El-Rei praticou com os principaes delles uma deliberação, que depois de saber sua vinda áquelle porto comsigo mesmo logo imaginou, e com alguns seus, depois a consultára, a qual era irem todos juntamente sobre algum Lugar principal dos Mouros, que na costa do mar estivesse, e com a ajuda de Deos, e suas forças trabalhassem de a tomar, e que para esta obra tão santa podiam direitoamente com mudar seus votos, e desejo que traziam de na mesma guerra contra os infieis servirem a Deos, e ainda que sua providencia parecia para outro fim, não prometia sua tardança, o que aos Estrangeiros principaes logo pareceo bem, e depois por accordo que antre si todos tiveram, o aprovaram, e apondo El-Rei os Lugares dos infieis sobre que deviam de ir, não se achou outro contra que houvesse mais rezão que a Cidade de Silves no Algarve porque era Lugar grande, e junto da costa do mar, em que os inimigos cossairos achavam provizões, e amparo, e dahi saiam a fazer suas prezas a desvairados Lugares em que danificavam muito aos Christãos, e por estes males para que na Cidade avia grande disposição, e que os Estrangeiros foram representados lhes prouve que esta fosse, a que fossem combater, e tomar mais que outra alguma, e sobre isso antre El-Rei, e elles foi concordado, que dando Deos a Cidade em seu poder que El-Rei em sua parte a ouvesse com seu senhorio, e elles levassem todo o despojo que se nella tomasse, e desto se fizeram antre todos seguranças devidas e firmes, e tanto que antre elles esto foi assentado porque El-Rei tinha alguma sua gente prestes mandou em tanto com ella por terra o Cónde D. Mendo, que se dizia o Souzam, seu vassallo, e natural que no Reino de Portugal áquelle tempo era o maioral, e mais prin-

cipal Senhor, porque era bisneto del-Rei D. Affonso Anriques, filho de D. Gonçalo de Souza que cazou com Dona Orraca Sanches filha de D. Sancho Nunes, e de Dona Tareja Affonso filha bastarda del-Rei D. Affonso Anriques, e tinha muitos, e mui honrados filhos de que ouve genros homens de estima, e ordenou El-Rei, que os Estrangeiros fossem por mar, para logo porem cerco á Cidade, e que El-Rei despois de ajuntar mais gentes por mar, e por terra, lhe iria logo soccorrer, e assi se comprio porque o Conde com a gente que lhe foi ordenada logo partio, e chegou a Silves primeiro que a frota.

CAPITULO VIII

De como a gente de Portugal, e a dos Estrangeiros chegarm a Silves, e lhe puzeram cerco, e deram o primeiro combate.

DESPOIS da frota dos Estrangeiros arribar ao porto do mar mais acerca de Silves, e os Capitães, e homens principaes della poerem suas gentes em terra, e assentarem seu cerco o Conde D. Mendo como era barão de mui nobre sangue, e prudente, e no exercicio da guerra bom Capitão, e esforçado Cavalleiro, tanto que vio os Estrangeiros aposentados os visitou logo com grande prazer, e muita humanidade dizendo-lhe palavras de esforço, e desejada esperança, com que mostraram ser para sua empresa alegres, e espertos, sendo logo juntos, lhes dice mais: «Parece-me senhores que a rezão, e o serviço de Deos porque vimos, e tambem nossas honras nos obrigam fazermos nesta chegada tal cometimento

porque estes Mouros imigos da santa Fé, logo comessem de ver, e experimentar com seu dano, nossas forças, e que gente somos, porque muitas vezes um só, e pequeno combate, se é bem apressado faz tal quebra e fraqueza na força dos imigos, que sem grandes perigos nem grandes trabalhos os move, e faz render por vencidos, e havendo de ser como aqui parece seja logo sem outra tardança».

Da qual cousa muito aprovou aos Estrangeiros que o louvaram, e aprovaram, porque eram homens de bom coração, e de suas terras vinham já para isso inclinados, e oferecidos, pelo qual todos juntos, e conformes em uma vontade na boa ordenança que entre si praticaram, deram logo á Cidade um rijo combate com que entraram por força os arrebaldes della, que eram cercados, que os Mouros leixando primeiro nelles muitos dos seus mortos, e feridos, logo desampararam, e mal acordados de meios vencidos se recolheram ácerca da Cidade, a qual naquella volta fora dos Christãos entrada, se não fora a desordenada cobiça, e principalmente dos Estrangeiros com que esquecidos da honra, e lembrados por então da riqueza, e despojo que se lhes oferecia a não quizeram entrar, intentos, e ocupados sómente em roubar as muitas, e boas cousas, que pelas cazas dos arrabaldes achavam, e as recolhiam logo aos Navios sem outro cuidado, e ainda despois de as recolherem, e satisfazerem a seus desejos, com tudo o que do despojo melhor lhe pareceu ao mais que ficou por se delle outros não aproveitarem pozcram logo bravo, do que desaprovou muito aos Portuguezes, e lhe estranharam como sua cobiça, e inveja então mereciam, por não quererem que do que não queriam, e lhes avorrecia, os outros se aproveitassem.

CAPITULO IX

Como El-Rei D. Sancho chegou com sua gente por terra a Silves, e da outra sua que tambem foi por mar, e dos combates que logo se deram.

EL-REI D. Sancho depois de apurar, e ajuntar suas gentes do Reino apartou dellas as que lhe bem pareceram, e com ellas por terra se foi a Silves, e as outras mandou por mar em sua fróta, em que havia quarenta Galés, e Galiotas a fóra outros muitos Navios, em que iam todas as armas, engenhos, artilharias, que compriam para cerco, e combate de uma tal, e tão forte Cidade, e assi muitos mantimentos aquelles que se bem poderam alojar, e chegou El-Rei sobre a Cidade no mez de Julho vespora de Santa Maria Magdalena no anno de N. Senhor de mil e cento e noventa e nove (1199) e neste tempo já o Ifante D. Affonso filho maior, e herdeiro del-Rei D. Sancho, e da Rainha Doce, era nacido, e havia treze annos.

Com a chegada, e Pessoa del-Rei foram os Christãos mui alegres, e favorecidos, e os Mouros da Cidade mui tristes, e postos em duvidosa esperança de sua salvação, e defenção, e por El-Rei não estar ocioso mandou logo com muita pressa, e destreza armar os engenhos em torno da Cidade, e repartir o combate das escalas, em que ordenou muitos besteiros, e archeiros, e todo o mais que compria, com que logo por muitas partes combateram a Cidade sendo El-Rei em pessoa, que os esforçava. Mas por ella ser muito forte e asás provida de gentes infieis, e bem guerreiras, e elles como desesperados de alheo soccorro e por salvarem as vidas, se defenderam por maneira que os

Christãos com muito dano que dos de dentro receberam, se afastaram dos combates porque El Rei vendo a resistencia, e força dos imigos, e as minas de setas, e pedras com que feriam, assi o mandou, e houve então por melhor, que emsestir no combate, e os Framengos não menos maravilhados, que receosos de tão perigosos combates crendo que por minas secretas poderiam derocar os muros, e mais facilmente cobrar a Cidade, trabalharam-se de logo as fazer de que fossem cubertas de terra.

E passando-se alguns dias neste trabalho sem se darem apertados combates, conforme aos primeiros, os Mouros entendendo por tal lugar, o outro fundamento, que se fazia para sua destroição, e entrada da Cidade, fizeram como prudentes outras contraminas com que atalharam o lugar onde conjenturaram que poderiam sair os Christãos, e com muita trigança de fazer fizeram outras minas mui mais altas com devida segurança de não danar o pezo da terra aos que a faziam. E porque viram que os combates da Cidade para se tomar á escala vista como cuidaram, eram mui dificultosos, e de grande perigo, e com isto para mais fadiga dos cercados, não leixava El-Rei de mandar combater a Cidade com totalas outras armas, e engenhos, e artelharias que era possivel. mas faziam pouco dano, cá era logo remediado, e atalhado dos Mouros, e com outros engenhos, e defezas, que a necessidade (mestra maior de totalas cousas) em taes afrontas lhe ensinava, e nestes combates que El-Rei ordenava, os Estrangeiros que não menos eram armados darmas, que de bom esforço. nunca mostravam sinal de covardes, antes assi se offerciam aos maiores perigos como se nas mortes recebessem para sempre as vidas, porque quando alguns delles neste auto morriam, em quanto sua alma está no corpo, e podia

ouvir, e entender o que lhes dicessem uns companheiros aos outros, se diziam palavras tão catholicas, e de tanto conforto, e com tão fervente esperança de sua certa salvação que parecia os vivos haverem aos mortos enveja, por tão bomaventuradamente, e por Fé de N. Senhor, e seu exalçamento os verem acabar, e para devidamente sepultarem os seus que no cerco falecessem, e para que ás suas almas se podessem fazer algum beneficio, de sacrificios, fizeram de novo uma Igreja que os Bispos de Coimbra, e do Porto ali consagraram.

CAPITULO X

De como foi combatida, e tomada a couraça da Cidade em que estava a mais segurança, e maior reparo dos Mouros.

DURANDO já o cerco por tres semanas, e sendo a vitoria dos cercadores, e cercados mui duvidosa porque El-Rei detreminou não se alevantar do cerco, sem primeiro cometer todolos caminhos para cobrar a Cidade, vendo que os Mouros tinham para o rio uma couraça de muros muito fortes e bem torrejada pela qual se proviam abastadamente sem perigo dagoas com que eram por muitas cousas, e em suas necessidades mui refrescados, detreminou sobre Conselho, e acordo bem consirado de poer logo suas forças em cobrar a couraça, para a qual concertados todolos engenhos, artilharias e todas as outras cousas que compriam, sendo juntos todos os bésteiros, e frecheiros, e outra gente darmas escudados de mantas fortes, e amparos cubertos de couro para combater,

fizeram principalmente sobre esso uma manta de traves, e vigas mui fortes, que pegaram com a torre que estava sobre um grande poço de muita agoa doce, que dentro da couraça havia tambem com tenção de a picarem, e sendo derribado fazerem por ahi a entrada á couraça, e á Cidade, mas os Mouros quando viram cousa tão aparelhada para mais breve sua perdição, acorreram ali com diligencia, e grande trigança para impedir o efeito da manta, que se concertava, lançaram das Ameas muita lenha, e sobre ella outros materiaes revoltos em fogo, e foi tanto, e ardente que a manta sem alguma detença foi queimada, e feita em pó.

E o fogo foi tão forte, e tão junto da torre, que com a força delle abrio ella logo por muitas partes, em que tambem se mostrou outro verdadeiro caminho de mais certa destruição dos contrairos, pelo qual El-Rei lhe mandou logo tirar com grandes tiros, e grossos de polvora, com que a poucas horas foi derrotada, e vendo El-Rei aparelhada desposição de cobrar a Cidade, elle com palavras doces, e promessas de grandes mercês, esforçou, e animou todos para o apressado, e não medroso combate alargando mais as cousas de sua nobreza aos que melhor, e mais ousadamente naquelle feito lhes merecessem, e a esto não ajudou pouco as santas exhortações, e evidentes exemplos com aprovadas authoridades com que os Prelados da hoste tambem esforçavam, porque concluidiam que a causa da peleija era sómente de Deos cujo galardão aos que vissem, e morressem era muito certo que neste mundo teriam honrada fama, e grande louvor, e na outra a gloria dos Santos para sempre.

E acertou-se que um Christão dos que cavavam nas minas tinha cativo na Cidade um filho, e com seu natural desejo de o ver, e cobrar, disse a El-Rei, que

elle queria ser o primeiro que dos muros da couraça tirasse a primeira pedra, e com seu esforço que El-Rei favoreceo, com promeça de grande mercê, elle assi o comprio cujo exemplo, e bondade logo seguiram, com que no muro fizeram um buraco assi grande, e tambem cavado em arco, que dentro delle sem medo dos tiros, e lanços que vinham do muro cavavam, e faziam sua obra como era seu proposito minando ao longo, e apontando o muro, e enchendo os vazios delle com lenha, e outras cousas, com que o fogo que lhe puzessem melhor ardesse, o qual a poz esto foi posto, com que em breve espaço caio um grande lanço de muro, que estava contra o arraial, sobre a qual cousa se seguiram logo muitas gritas, e outros sinaes de grandes alegrias, que os Christãos por esso fizeram, dando muitas graças, e louvores a N. Senhor por mostrar taes começos de os querer ajudar.

E com esto mandou El-Rei trigosamente trazer uma escada asás forte, e conveniente, e a deu áquellas pessoas de que por então confiou, que não receariam a subida, mas o muito alvoroço, e grande trigança foi assi desordenada nos que haviam de sobir, porque na dianteira se melhorasse em honra, e merecimento como nos taes casos, e antre os nobres homens se costuma fazer, não seguraram o assento da escada, como deveram, pelo qual sendo já chea de gente desconcertou-se o assento, e com todos caio em terra, de que dous sómente morreram do qual desastre, e má prudencia começou de tirar dos corações dos Mouros alguma da muita tristeza, e desmaio que o ardido cometimento dos Christãos lhe tinha posto, e quizeram esto testemunhar com vozes, e alaridos de grandes desprezos, e porém aos Christãos ainda que vissem estos, que pareciam começos de infelices pronosticos, não faleceo tambem a mesma tristeza, e assi dór com que enco-

mendando-se a Deos devotamente lhe fizeram esta breve oração.

«Oh Deos, Santo dos Santos, Eterno, e todo Poderoso, porque em teu serviço, te aprouve de nos guardar deste tão grande, e manifesto perigo, te damos muitas graças, e porém a tua grande Misericordia, e a teu imenso poder de coração pedimos que assi como ás vozes das trombas dos Sacerdotes, os muros de Jericó por teu mandado caíram, e milagrosamente vieram todos a terra, assi nesta empreza, que toda é tua nos queiras ajudar contra estes Mouros, que sómente temos por nossos inimigos, porque o são da tua santa Fé, de maneira que nossas forças de tua ajuda, e graça favorecidas os ponham em tal temor, e espanto que não resistam, nem durem mais ante nossa face».

Sobre a qual devota oração os Christãos todos como vestidos doutro maior esforço logo com grande aguçã concertaram a escada, e assi a assentaram, e puzeram aos muros da couraça para que outra desordem, e perigo como o passado desso se não seguisse, pela qual os ordenados logo sobiram sem temor, nem espanto das muitas pedradas, e feridas, que os Mouros por resistencia, e sua defenção aos Christãos davam, e o que tomou o guia deste escalamento, levava sua espada nua cuberta de um leve escudo, que como foi sobre o muro, matou logo o primeiro Mouro que encontrou, apoz o qual seguiram logo outros que cometeram, e feriram assi aos infieis contrarios, que não podendo-se sofrer, nem sabendo resistir á força dos Christãos, que os vencia, e forçava, tomaram por sua salvação volver as costas, e leixarem sem defenção os muros da couraça, que os Christãos iam logo cobrando, e os outros Mouros que ficavam nas torres, e muros da Cidade por guarda, e defenção della, quando viram os Christãos já senhores da couraça, e despos-

tos para tomar a Cidade, e entra-la por força, muitos delles com fundamento de em effeito desesperado acabarem as vidas, e honrarem bem suas mortes, se apartaram para socorro dos que fugiam, com que fizeram uma volta em que dambas as partes houve uma crua e mui ferida peleija, que a só noite apartou com mortes, e feridas de muitos, e os Mouros se recolheram dentro da Cidade, e cerraram as portas, sobre que puzeram seguras guardas, e a couraça ficou tomada em poder dos Christãos, que mui alegres do feito deram muitas graças a N. Senhor; porque nelle já viam prospero começo para o feito de sua empreza.

CAPITULO XI

Dos mais Combates, que succederam, e como os da Cidade por força se renderam a partido, e a cobraram.

COM o cobramento da couraça não cessavam de trabalhar nas minas altas, que começaram com desejo de as chegar abaixo dos muros, para com fogo, sem perigo da gente, os fazerem cair, como os da couraça, e tambem com isso não deixaram de aver rebates, e escaramuças, que os Mouros davam; mas rão eram tão apressados, nem com tanta viveza, e esforço como dantes faziam, porque nellas com as mortes, e feridas, que recebiam eram já mui escarmentados, e receozos, e porque este cerco tinha mostranças de mais prolongado do que se esperou, e que aos Estrangeiros era já mui nojoso, desejando por isso que o cobrar da Cidade, ainda que fosse com todo seu risco se não dilatasse, falaram sobre isso com seus

Sacerdotes, que antre si na frota traziam por pessoas de que recebiam seus conselhos, e por quem principalmente se governavam, estes eram trinta e seis homens de boas vidas, e santa tenção que cada dia celebravam, e faziam os Officios Divinos, aos quaes sinificaram o nojo, e enfadamento que recebiam em jazerem tão perlongadamente sobre aquella Cidade com algum desejo de se levantarem.

Mas os Sacerdotes por muitas causas danosas, e com vivas razões para isso os reprimiram, apontando-lhe o abatimento, e deshonra que fariam ás terras, e nações donde eram naturaes, e de que vieram para outro fim seguir tal empreza leixando-a quasi vencida, e com as maiores afrontas já passadas. Do qual movimento El-Rei, e assim os Portuguezes do arraial por meio de alguns seus, com que conversavam, foram logo avizados, e lhes pezou muito, mas a boa, e santa amoestação dos Sacerdotes fez nos Estrangeiros tão proveitoza impressão, que mui firmes na Fé, com que ali vieram por uma ordenança, primeiro bem consultada se armaram todos, e como foi manhã alegres, e mui esforçados se desposeram ao combate, que déram á Cidade mui afrontado, e com verdadeiro desejo de averem vitoria.

Porém depois daquella presunção que disseram, sempre nos Portuguezes houve bom avizo, para de continuo trazerem ante elles pessoas fieis, que os entendiam, por receo, e sospeita que se delles tomou de alguns serem pelos Mouros corrutos, e que por soma de dinheiro, ou por alguma outra cousa de seu interesse dariam, ou leixariam tomar agoa que pela privação da couraça, estavam já em necessidade mortal, e estando o cerco neste estado, porque os Mouros eram mui falecidos de muitas cousas, que para defenção e mantimento eram mui necessarias, e assi deses-

perados de socorro em todo, já cada um desejava, e procurava sua particular salvação, pelo qual um Mouro da Cidade escondidamente veio a El-Rei, e lhe trouxe furtados dous Pendoens de pessoas conhecidas, e principaes de dentro, pedindo com elles a vida, com que El Rei muito folgou, e houve logo por bom sinal, apóz este vieram outros dous Mouros, que El-Rei recebeo beninamente, os quaes certificaram a incomparavel sede, que os de dentro padeciam, e os muitos que por esso morriam, de que os Framengos principalmente mostraram ser muito alegres, e em sua lingoagem compunham cantigas, e as andavam cantando pelo arraial, cujo conselho era que leixassem a todolos Mouros morrer de sede ali dentro, e não fossem a partido de vida recebidos, em cazo que o cometessem, ou que logo, pois estavam em tanta desesperação, e fraqueza, os combatessem, e do combate não desistissem até que a Cidade fosse entrada, e cobrada por força.

E sendo já mez e meio passado, que El-Rei jasia sobre a Cidade de Silves, alguns principaes do Reino tambem se anojavam, e murmuravam antre si, agastados pelo delongado cerco, e assi por não virem apparelho, que uma Cidade tão forte, e tão bem murada se houvesse assi em breve de tomar por combate, desesperando por isso da esperança que tinham tão bem começada, concluindo alguns que seria bem, e proveito del-Rei, e do Reino leixar o cerco, e partir-se d'elle, da qual cousa de que os Framengos logo foram avizados por ventura com desejos de roubar, ou mais certo por tal Cidade não ficar em poder de infieis mostraram receber muito nojo, e grande sentimento com que se foram a El-Rei pedindo-lhe que se lembrasse de como os desviara do caminho, e proposito com que de suas terras partiram, e assi o con-

certo em que com elles ficara, e quizesse concirar no muito tempo que naquelle cerco estiveram, e o pouco que tinham feito, e que pois a empreza, e a honra eram ambas suas, que seria vergonha a tal Rei deixalas, mas que por combates mais aturados, em que elles inteiramente ajudariam cobrasse a Cidade, e sem esso não quizesse, nem consentisse, que della se partissem.

Aos quaes El-Rei brevemente respondeo dizendo: «Amigos vós deveis ser em craro conhecimento, que como eu parti de meu Reino, e leixei minhas terras para vir a terra de imigos em que estamos, vindo com tanta custa, e trabalho meu, e de meus vassallos, que não foi por vos enganar com minha perda, no concerto que comvosco fiz, o qual eu sou mui contente de se comprir, porque se este feito se não acabou como vós, e todos dezejamos Deos sabe que não é, nem foi nunca por minha culpa, nem dos meus naturaes, mas porque se mais não pode fazer, como creio, que por obras o tereis bem visto, porque nas cousas da guerra são uns os prepositos, e os fins delles são ás vezes outros, e por esso não vos anojeis, cá se me vós não fa ecerdes com as vossas pessoas, sede certos que eu vos não falecerei com a minha verdade, e assi por minha fé real vo-lo torno a prometer, e segurar.»

Com estas palavras de real segurança que os Cavalleiros principaes, e Sacerdotes da frota a El-Rei ouviram, ficaram mui ledos, e mui esforçados para logo combaterem, e cobrarem a Cidade mais do que nunca estiveram, louvando muito a bondade, e esforço, e constancia del-Rei, e por tanto entre elles foi logo concordado que no cerco estivessem até certo tempo limitado, e que nelle pozessem suas forças, e deligencia para se cobrar a Cidade, e que se acabado

o dito tempo se não cobrasse, ficasse em liberdade a uns, e a outros sem quebras de suas verdades, se podessem partir, e havido sobre isso geral Conselho, acordaram por menos custo do exercito, que os enfermos, molheres, e Religiosos fossem, como foram, logo levados com boa segurança fóra do arraial, e os Mouros quando os viram partir, porque faziam grande soma de gente cuidaram segundo depois affirmaram, que o arraial, e cerco se queria de todo levantar, mas como o logo viram assentar, e fortalecer muito mais do que era, affirmaram que a partida de tantos Christãos não era para irem, como cuidavam, mas trazerem muito mais, e por seu maior mal jazereem muito mais tempo sobre elles, e neste tempo por as necessidades de muitas cousas, e dagoa principalmente eram os cercados em tanto extremo, que muitos com sede andando morriam, e a outros com temor da morte tão certa aborrecia já de viver, e tantos eram os corpos dos mortos, e a fraqueza tanta nos vivos, que os não podiam já soterrar, nem lançar fóra das casas, especialmente pelo incomportavel fedor delles, de que a Cidade era toda contaminada, e com estes grandes padecimentos, que os Mouros soffriam, receando que cada dia sem confiança de algum remedio, e soccorro que não tinham, receberiam outros maiores, desesperando de se mais poder ter, detreminaram em tamanhos males, como se lhes offereciam, que eram morrer, e perder o que tinham, escolher o menor, que era perder as fazendas, e por melhor (se fosse possível) segurarem as vidas aquelles a que a ventura quizera deixar vivos.

E por estas mortaes necessidades de que já todos eram sabedores, e constrangidos, saio o Alcaide acompanhado de dous Mouros os mais principaes da Cidade, e sem algum precedente trato, nem seguro se

vieram a El-Rei, dizendo com rostos tristes, e palavras para humanidade assás miseraveis, que vinham para lhe dar a Cidade se sua grandeza, e piedade aos de dentro dêsse as vidas, com todas as cousas suas que comsigo tinham.

El-Rei alegre com tal embaixada logo em sua vontade consentio no partido, mas comprio com os Estrangeiros o que por seus concertos era obrigado de não fazer sem elles alguma preitesia, nem concerto com os Mouros, os mandou chamar, os quaes depois de ouvirem por El-Rei a preposição e partido, que lhe era cometido, responderam com opiniões de barbara Fé, ou com tenção de pura cobiça, que não eram contentes, nem o aprovavam, mas sómente queriam propostos todos os inconvenientes, e perigos que podiam sobrevir, que os infieis todos morressem sem algum para cativoeiro ficar reservado, mas El-Rei por sua umanidade vencido já da miseria dos Mouros, elle com suas palavras brandas tanto insistio com os Framengos, que finalmente consentiram que as vidas se dessem aos Mouros, e que elles de suas fazendas, e cousas não tirassem, nem levassem, salvo as mais vis roupas, em que saíssem vestidos, e assi se fez, pelo qual os Estrangeiros da frota, das riquezas, e fazendas dos Mouros, que foram achadas tomaram, e levaram o que quizeram, com que alegres, e muito contentes del-Rei, e do feito tão prospero, se tornaram para suas terras, e a El-Rei ficou a Cidade de Silves livre, em que logo mandou fazer Igreja Cathedral, e dedica-la ao culto Divino, que logo se nella celebrou, o que foi na era de N. Senhor de mil cento noventa e e nove annos (1199) um anno depois que a Rainha Dona Doce molher del Rei D. Sancho falleo.

CAPITULO XII

De uma entrada que um D. Pedro Fernandes de Castro dito o Castellão, sendo lançado com os Mouros fez em Portugal, e de como foi preso, e os Mouros com que entrou desbaratados.

NESTE anno em que a Cidade de Silves, foi aos Mouros tomada como se disse, reinava em Castella El-Rei D. Affonso deste nome o Noveno, e filho del-Rei D. Sancho, que disseram o desejado, o qual Rei D. Affonso por peccados seus, segundo diceram, e por má providencia, foi vencido dos Mouros na memorada, e dolorosa batalha Delharcos, no anno que já passára de N. Senhor de mil cento e noventa e cinco, (1195) sendo El-Rei delles Abualmohadim terceiro Miramolim de Marrocos ; dahi a dezasete annos logo seguintes, o mesmo Rei D. Affonso tornou a vencer Abemmahomadmohady o quarto Miramolim, filho do sobredito Abualmohadim, na gloriosa batalha, que se diz das Navas de Toloza, como atraz já fica apontado, e do tempo desta batalha Delharcos em que os Mouros venceram até a outra das Navas de Toloza, que foram vencidos os Mouros assi Dafrica, como Despanha, em que tinham grande parte, eram na mesma Espanha, em grande numero, e favorecidos, e ouzados com o favor da primeira vitoria se soltaram com muita ouzadia pelas terras dos Christãos de que na Espanha ganharam muitas.

E neste anno em que a Cidade de Silves foi tomada aos Mouros com ajuda, e por industria de D. Pedro Fernandes de Castro chamado o Castellão vassallo del-Rei D. Affonso o Noveno de Castella, sendo elle des-

favorecido, e mal tratado por causa dos Condes de Lara, elle bem acompanhado de Cavalleiros Christãos se lançou com os Mouros, e com elles como imigos da Casa de Lara, donde Dona Mofalda primeira Rainha de Portugal procedia, entrou em Portugal antre Tejo, e Odiana, e chegou a Thomar e a Abrantes, de que tinha, e levava cativos muitos Christãos, com grande despojo, e fez muito mal pela terra, e ao recolher que quizera fazer, um Martim Lopes bom Cavalleiro Portuguez, com pouca gente de cavallo, e com alguma mais de pé, que comsigo ajuntou, lhe sahio ao encontro, e pelejou com alguns delles em que ia o dito D. Pedro Fernandes, e os desbaratou, e lhes tomou os Christãos cativos, e tirou todo o que mais levava, e prendeo o dito Pedro Fernandes, que depois delle livre, e enviado a Castella, foi retornado aos Mouros, sendo já em Castella cazado com Dona Maria Sanches, filha do Ifante D. Sancho, aquelle que do Ursò foi morto em Canameiro de que tinha filhos, a saber D. Alvaro Pires de Castro, que primeiro cazou com Dona Mecia Lopes, que depois foi molher del-Rei D. Sancho Capello, e Dona Olaia Pires que cazou com D. Martim Sanches filho del-Rei D. Sancho. E este desbarate foi no mez de Março, nas Oitavas de Pentecoste do anno sobredito, 1199.

CAPITULO XIII

Das causas, e imisades antre os de Castro, e de Lara, por cuja causa este D. Pedro Fernandes de Castro entrou em Portugal em tempo del-Rei D. Sancho, que era neto do Conde D. Anrique de Lara, filho de Dona Mofalda, molher del-Rei D. Affonso Anriques, sua filha.

PARA se tomar algum conhecimento das causas da imizade que houve antre os de Castro, e de Lara dos Reinos de Castella, e de Lião, e por este respeito as teve D. Pedro com Portugal, e brevemente soube, que por morte del Rei D. Sancho deste nome o terceiro de Castella, a que disseram o desejado, ficou menino D. Affonso erdeiro, deste nome o Noveno, em idade de quatro annos, cuja guarda, e criação El-Rei seu padre leixou encomendada a Goterre Fernandes de Castro, Cavalleiro muito honrado, e principal em Castella, que era de grande bondade, e bom Cavalleiro, e de saber chão, e simples, no qual tempo Reinava no Reino de Lião, El-Rei D. Fernando, irmão do dito Rei D. Sancho, e tio deste menino Rei de Castella, o qual Rei D. Fernando por logo não ter resistencia, nem contradição dos Castelhanos, tomou a seu sobrinho muitos Lugares de Castella, e sobre esso alguns dizem que ou lhe queria tomar o Reino, e fazer-se Rei de Castella, ou ao menos o meter sob sua obediencia, e neste tempo eram em Castella Senhores mais principaes os Condes D. Manrique de Lara, e D. Affonso de Lara irmãos, filhos do Conde D. Pedro de Lara, e de Dona Heva filha do Conde D. Pedro Fernandes de Trava, os quaes Condes de Lara

com ajuda de D. Garcia Garcês seu padraço, que depois cazou com a dita Dona Heva sua mãe delles, por que era Cavalleiro, de grande Caza, e de alto sangue, com rezões, que então pareciam convenientes, e com grandes promessas, que offereceram ao diio D. Goterre Fernandes fizeram que entregasse, como entregou El-Rei D. Affonso menino ao Conde D. Manrique de Lara, o qual com os de sua valia, trazendo El-Rei em seu poder se diz, que excediam, e não guardavam a governança do Reino como deviam, e crendo o dito D. Goterre, que fizera grande erro em tirar El-Rei de seu poder requereo aos Condes de Lara, que lho tornassem, o que não quizeram fazer, sobre o que antre elles, e suas valias ouve grandes pelepas, e muitas mortes, e danos em Castella, e de que ficou grande imizade antre os de Lara, e os de Castro com quanto eram muito parentes, e em tantos bolços, e movimentos, foi El-Rei por sua segurança levado pelos Condes de Lara, e D. Garcia Garcês á Cidade de Soria os quaes por terem El-Rei D. Affonso em seu poder, foram por El-Rei D. Fernando de Lião, tão perseguidos, que não podendo elles já mais resistir lhes conveio prometer-lhes por juramento, e menagem, para elle o ter e criar.

Sobre o qual comprimento, e entrega que se havia de fazer, El-Rei D. Fernando foi á dita Cidade de Soria onde logo ante elle foi trazido El-Rei D. Affonso, e porque nas mãos do tio, que o afagava começou o menino de chorar, o Conde D. Manrique que era presente por dar singular exemplo de sua bondade, e louvada lealdade publicamente, e sem mostrança de algum temor, disse a El Rei D. Fernando.

«Senhor este menino nosso Senhor, deseja mamar, e não servir, e queria mais as tetas de sua ama, que os afagos do tio, e estaria melhor no seu berço, que

no Paço alheo, e quer mais leite, que sangue. O' Rei D. Fernando hoje parece, que quereis fazer, o que natureza não consente, cobiçais que este, que ainda não sabe falar, logo ante vós forme palavras de menagem, com que livre se obrigue, e desejais que vos sirva, quem ainda não começou de viver, e finalmente quereis, que vos seja vassallo, quem de rezão, e direito devia ser Senhor, e pois é isto por vossa vontade, e muito contra o que em todo deveis, sabeis que obedecemos ao tempo, e não á rezão, e honestidade, mas porque este menino torne a vos ver mais alegre, e não chorando deixai-o com vosso prazer, e no lugar a elle conveniente vá receber criação de sua ama, e logo tornará».

Mas logo um bom Cavalleiro chamado Pedro Melcondes, por mandado dos Condes, e secretamente o tomou debaixo da capa, e em cima de um cavallo a gram pressa o levou a Santo Estevão de Gorivaz. Da qual couza sendo certo El-Rei D. Ferdando mostrou receber por isso grande sentimento, e foi em palavras, que disse mui irado contra os Condes, os quais por salvação de suas honras, e vidas affirmaram que a tal mudança del-Rei D. Affonso fora sem sua sabedoria, mas que logo iriam por elle, e lho apresentariam, e o Conde D. Nuno se foi logo diante, e tirou El-Rei de Santo Estevão, e o levou á Fortaleza da Tença cá bem lhe parecia, que não errava contra sua menagem, que déra forçada salvando seu Senhor em tal caso de morte, ou servidão, sobre o qual El-Rei D. Fernando mandou retoar, e dezafiar ao dito Conde D. Nuno por tedor, que sem retardança por sua limpeza veu ante elle, e posto seu caso em Conselho de juizo de Cavalleiros da Corte del-Rei D. Fernando acharam que não fizeram feito feio, nem tinha errado, antes merecia por isso louvor, e bom galardão, e dahi se

olveo logo El-Rei D. Fernando a seu Reino de Lião.

E neste tempo o dito Goterre Fernandes, que primeiramente fora dado por amo del-Rei, por sua guarda era já falecido, de que ficaram muito honrados sobrinhos e grandes homens em Castella, a que leixou suas terras, e herança, que tinha, por não ter filhos, e antre estos sobrinhos, um era D. Fernão Rodrigues de Castro filho do Conde D. Rodrigo Fernandes, que disseram o Calvo, irmão do dito D. Goterre Fernandes, pelo qual os Condes de Lara tendo El-Rei em seu poder, pediram em seu nome a D. Fernão Rodrigues de Castro a Villa de Huete para El-Rei, e não lha quiz dar por El-Rei ainda não haver quinze annos de sua idade até os quaes El-Rei D. Sancho seu pai mandara que se lhe não entregassem Fortalezas, nem dessem menagens aquelles, que as tinham a El-Rei D. Sancho feitas, sobre a qual denegação o Conde D. Manrique dezafeou por desleal, a D. Fernão Rodrigues, e accitou o dezafeio, e com suas valias, que ambos ajuntaram, houveram crua peleja, na qual D. Fernão Rodrigues matou D. Manrique, e prendeo seu irmão o Conde D. Nuno de Lara, que depois disseram o bom, e a este D. Nuno soltou logo sobre sua fé, e menagem Fernão Rodrigues, para que tanto que enterrasse o corpo do Conde D. Manrique seu irmão, se tornar á sua prizão, na qual tornada D. Nuno uzou de cautella, porque por não acudir á fé, que déra, poz o Ataudé, e o corpo do irmão sobre a mais alta torre de um seu Castello, e nella longo tempo sem sepultura o leixou estar, e passados depois alguns tempos, os ditos D. Fernão Rodrigues, e o Conde D. Nuno houveram outra batalha aprazada, em que de uma parte, e da outra, eram grandes homens de Castella, e de Lião, e nesta tambem D. Fernão Rodrigues tornou a prender

o Conde D. Nuno, e matou ao Conde D. Soeiro, seu sogro delle dito Fernão Rodrigues, porque fora em ajuda do dito D. Nuno, e tornou a soltar D. Nuno sobre sua fé, para que tanto, que enterrasse D. Soeiro seu sogro, se tornasse á prizão, mas o Conde D. Nuno uzando tambem de cautella, para não ser prezo, ao dia certo em que era obrigado vir, veo, e apresentou-se com muita gente darmas a D. Fernão Rodrigues, que estava desacompanhado em Duenhas apar de Palencia, e lhe requereo, que pois se apresentava ante elle, como prometera, que o prendesse, e quando não, que protestava, que tinha comprido sua fé, e disto o Conde D. Nuno tomou estromentos com que se partio, e D. Fernão Rodrigues, porque D. Soeiro seu sogro fora nesta batalha contra elle, se quitou de sua filha, com que era cazado, e cazou com Dona Estevaninha, filha bastarda do Emperador Despanha D. Affonso, de que houve este D. Pedro Fernandes de Castro, que entrou em Pórtugal, ao qual disseram o Castellão.

El-Rei D. Affonso de Castella, despois de reger por si seu Reino, a requerimento, e por favor dos de Lara a que era muito afeiçoado, tomou a terra a D. Fernão Rodrigues de Castro, e o desterrou, e elle se foi para os Mouros, e despois pelos grandes danos, e muitos males que por seu desterro se seguiram a Castella, foi por aderecias retornado ao Reino, e reconciliado com El-Rei, e despois da morte de D. Fernão Rodrigues de Castro, ficou seu filho, e herdeiro de sua caza e terras, este D. Pedro Fernandes de Castro, a que El-Rei D. Affonso de Castella quiz grande mal, pelo qual se desterrou, e lançou com Miramolim de Marrocos, e foi com elle na batalha Delharcos, em que este Rei D. Affonso foi vencido, e depois com sua gente entrou em Portugal como atraz fica dito. E com es.

te D. Pedro Fernandes passáram de Sevilha, que era de Mouros, em Marrocos os cinco Frades martirizados, o qual sendo em serviço, e companhia do Ifante D. Pedro filho deste Rei D. Sancho, que tambem estava em Marrocos, e o dia do Martyrio dos ditos Frades, foi morto dos Mouros porque o acháram de noite vizitar os corpos mortos dos ditos Martyres, e com elle mataram alli tambem Martim Affonso Tello, sobrinho do Ifante D. Pedro, filho de sua irmã D. Thareja Sanches, cazada com Affonso Telles o Velho, que povorou Albuquerque.

CAPITULO XIV

Como El-Rei Jacobaboym Çafim Miramolim de Marrocos com grande poder de gente de Reis Mouros entrou em Portugal.

A TRAZ fica já apontado como em vida del-Rei D. Affonso Anriques, um Miramolim de Marrocos com outros Reis, e grande poder de Mouros, cercaram na Villa de Santarem El-Rei D. Sancho seu filho, sendo Ifante, e como elle com ajuda, e socorro, e favor del-Rei seu padre, se descercou com grande estrago dos infieis com a morte do mesmo Miramolim, e havendo já dezaseis annos, que este destrôço de Santarem passára, sendo o anno de N. Senhor de mil cento e noventa e nove, (1199) um Jacobaboym Çafim Miramolim de Marrocos, Rei mui poderoso, que descendia daquelle que mataram no descercos de Santarem, por vingar sua morte, e porque a entrada que D. Pedro Fernandes fizera em Portugal não succedera na vingança como quizera, ajuntou lo-

go a seu poder outros Reis Mouros Dafrica com infindas gentes de desvairadas nações, e assi da Espanha, que vieram em sua companhia, e ainda El-Rei de Sevilha, que era seu irmão, e El-Rei de Cordova com todos seus poderes, e valias, que faziam numero de imigos sem conto, e acordaram entrar no Reino de Portugal, por tres partes, a saber, El-Rei de Sevilha entrou pelo Algarve, onde depois de correr a terra, poz cerco á Cidade de Silves, que então fôra aos Mouros tomada, como acima é dito, El-Rei de Marrocos entrou por Riba Dodiãna, e passou o Tejo pelo mez de S. João deste anno (1199) e depois de fazer muitos danos, e roubos pelo Reino, foi cercar o Castello da Villa de Torres Novas, que já estava feito, e reparado da primeira vez que foi tomado, e leixado dos Mouros, o qual Castello aquelles que o guardavam com medo das cruezas de que os imigos usavam lho entregaram com segurança das vidas, que por partido sómente salvaram.

El-Rei de Cordova entrou tambem por Alentejo, e chegou á Cidade de Evora, a que talhou vinhas, e oliveas, e arvores, e assi danou, e queimou os pães que achou nos agros, que ainda não eram neste tempo recolhidos, o qual dano assi continuou em todos os Lugares porque passou, e fazendo todos estes males em todalas cousas dos Christãos que se lhe offereciam, e elle podia, se foi ajuntar com El-Rei de Marrocos, que tinha assentado o corpo de seu arraial junto do Tejo, e estando em Torres Novas adoeceo de grande mal do ventre porque trigosamente se logo partio, e fez seu caminho por as Villas de Thomar, e Dabranthes, com proposito de as tomar, mas por bem defendidas dos Christãos as não tomou, e apressado de sua doença, elle, e El-Rei de Cordova leixáram a empreza, e se tornáram para Sevilha, e esta deve ser a gran-

de entrada de gente de cavallo, e de pé dos Mouros sem conto, de que o letreiro de pedra que está na porta do Convento de Thomar faz memoria. E desta partida de Miramolim, sendo certificado El-Rei de Sevilha seu irmão que guerreava o Algarve, e tinha cercado a Cidade de Silves, e sabendo as grandes perdas, e mortes, que em suas gentes tinham no Reino de Portugal recebidas, se alevantou do cerco, e se foi para elles, e não se acha que á Cidade durando o cerco fizesse muito dano, mas que eile em si, e nos seus o recebo dos Cavalleiros, e fieis Christãos, porque a mesma Cidade foi despois cercada, e tomada dos Mouros em tempo del-Rei D. Affonso, filho deste Rei D. Sancho, quando Alcacere do Sal foi tambem delles tomado, mas como estes Lugares se despois cobraram dos imigos, e em que tempo, ao diante nas Chronicas dos Reis a que tocar inteiramente se dirá.

El-Rei D. Sancho porque tantos, e tão grandes Reis Mouros fizeram suas entradas por tantas partes de seu Reino, foi neste tempo posto em grande cuidado, e afronta, mas com seu coração esforçado, e não vencido, e com a muita prudencia, que com elle naceo, concirando que dar batalha com sua gente a tantos Reis, não seria em tal tempo feito de louvada fortaleza, antes parecia caso de desesperação, que as mais das vezes é perigoza, veio a Santarem, e a Lisboa onde repartia as gentes, e armas, e soccorria os Lugares a que entendia serem mais necessarios, e punha esperança de seu remedio, e soccorro na bondade de Deos, e sua misericordia principalmente, e assi na dilação do tempo, que lançaria como lançou aos Mouros fóra de sua terra, e neste tempo faleceo El-Rei D. Fernando de Lião, genro del-Rei D. Affonso Anriques cazado com Dona Urraca, sua filha, de que se apartou, e de que houve seu filho D. Affonso, que apoz elle Rei-

nou em Lião, com o qual este Rei D. Sancho seu tio cazou sua filha Dona Tareja, como logo direi, e esta Dona Urraca jaz sepultada na Egreja maior de Lião.

CAPITULO XV

Do casamento del-Rei D. Sancho, e dos filhos, e filhas que teve assi legitimos como bastardos.

COMO quer que á conta do casamento del-Rei D. Sancho com a Rainha Dona Doce sua mulher devera preceder muitas cousas que atraz escrevi, porém por continuar logo ao casamento do pai, e da mãe a memoria de seus filhos, e filhas, e por assi juntamente melhor se poder comprender o leixei para este Capitulo, em que direi o que de cada um achei, e pude saber.

El-Rei D. Sancho sendo Ifante em vida del-Rei D. Affonso seu Padre, e ante de sua morte quatro annos, cazou com a Rainha Dona Doce, filha de D. Reymão Berengario Conde de Barcelona, e o primeiro a que o Reino de Aragão com o dito Condado primeiramente se ajuntou, o que foi nesta maneira. El-Rei D. Affonso deste nome o primeiro, e dos Reis Daragão o quarto, filho del-Rei D. Sancho deste nome o primeiro, e dos Reis Daragão o oitavo, foi levantado por Rei Daragão por morte del-Rei D. Pedro seu irmão que faleceo sem legitimo erdeiro, e este D. Affonso, é o que cazou com a Rainha D. Urraca viuva, filha legitima del-Rei D. Affonso VI de Castella, chamado Emperador, a qual fora primeiramente cazada com D. Reymão Conde de Tolosa de que ouve filho legitimo D. Affonso, criado em Lião, que depois foi oi-

tavo Rei D. Affonso, e Emperador Despanha, aquelle, que fez a segunda repartição antre os filhos do Reino de Castella, e de Lião, e desta Dona Urraca filha, nem doutra mulher legitima, este Rei D. Affonso Daragão, e setimo Rei D. Affonso de Castella não houve filho, nem filha, nem havia outro algum legitimo erdeiro Daragão salvo D. Ramilo seu irmão legitimo, que era de Ordens de Missa, e Monge professo no Moesteiro de S. Fagundo da Ordem de S. Bento, o qual D. Ramilo Monge por dispensação, e por authoridade Apostolica por necessidade de Rei legitimo, e de natural sobcessor, sobre que houve dantes grandes differenças, e algumas inclinações, finalmente foi tirado da Religião, e cazado com uma irmã do Conde de Protes em França, e della houve logo uma filha chamada logo Dona Perona, e depois mudou o nome, e chamou se Dona Urraca, a qual em vida del-Rei D. Ramilo seu pai foi cazada com o dito D. Reymão Berengario, izento Conde de Barcelona, que por morte del-Rei D. Ramilo seu sogro, deste nome o primeiro, Rei Daragão o setimo, e desta Dona Urraca como El Rei D. Reymão houve filhos, logo El-Rei D. Ramilo Monge se tornou ao Moesteiro, e leixou o Reino Daragão a seu genro, o qual houve da Rainha Dona Urraca estes filhos, a saber, D. Affonso segundo deste nome, que apoz elle Reinou em Aragão, e Barcelona, e D. Sancho que foi Conde de Rosselhon, e Serdenha, e assi esta Rainha D. Doce, que cazou com El-Rei D. Sancho, de Portugal, e desta Rainha elle houve nove filhos, e filhas legitimos, e á hora de sua morte eram todos vivos, e aos filhos barões, e ao erdeiro tambem sendo cazado chamou em seu testamento Ifantes, e assi a todalas filhas legitimas chamou Rainhas, em cazo que em tão o não eram, nem fossem depois, dos quaes logo aqui farei breve memo-

ria, posto que alguns feitos, e cousas que delles disse, socdessem em outros tempos, e em vidas doutros Reis, o que tambem não ficará por tocar.

Do Ifante D. Affonso filho herdeiro

El-Rei D. Sancho dos filhos barões que teve, ouve primeiramente D. Affonso primogenito, e erdeiro que logo apoz elle succedeo, e Reinou, o qual naceo dia de S. Jorge, vinte e dous dias Dabril do anno de N. Senhor de mli cento oitenta e cinco (1185) de cujos feitos, e vida ao diante em sua Coronica propria da-rei larga conta.

Do Ifante D. Fernando

E assi ouve o Ifante D. Fernando, que naceo na era de N. Senhor de mil e cento e oitenta e seis annos, ao qual El-Rei D. Sancho seu pai leixou em seu testamento solene que fez, dez mil maravedis douro de sessenta maravedis em marco douro, o qual por a real geração de que decendia, e assi por suas singulares virtudes segundo o que brevemente se acha, foi cazado com uma Condeça de Frandes, e foi em tempo del-Rei D. Philão de França, o que diceram Augusto avô del-Rei D. Luis de França, contra quem este Conde D. Fernando, sendo então debaixo de sua obediencia se alevantou, e sendo aliado com outro Emperador dos Alemães, e assi com El-Rei D. João de Inglaterra, e com outros senhores daquellas partes lhe fez a guerra segundo as Coronicas de França o testemunham, foi estimado, por estimado Cavalleiro, e singular Capitão, e a causa de sua

ida em França, e em Frandes, segundo o mais que se pode saber, foram respeitos, e esperanças da Condeça de Frandes D. Tareja sua tia, irmã del-Rei D. Sancho seu pai, filha del-Rei D. Affonso Anriques, cazada com D. Felipe Conde de Frandes, de que não ficou filho barão erdeiro, e vagando o Condado, ficou para sobcessão delle femea, que com D. Fernando este acima dito cazou, e acha-se que em uma batalha, que com os seus aliados ouve contra o dito Rei de França, elle dito Conde foi prezo com Reinaldo Conde de Bolonha, e com outros Condes, e muito nobres homens de Inglaterra, e Dalemanha, e jouve tres annos prezo em a torre fóra dos muros de Pariz, que se diz Anobres, ou Lupara, e a cauza que o moveo a ser contra El-Rei de França, foi por lhe não dar duas Villas, a saber, Arua, e Santo Andomato, que eram do Condado de Frandes, e El-Rei lhas tinha forçadas, e depois este Conde a requerimento da Condeça sua molher por intercessão da Rainha Dona Branca de França sua tia, que cazou com El-Rei D. Luis, filho deste Rei D. Felipe, foi solto por grande soma douro, e de prata, que por si, e alguns seus deu, o qual depois de ser solto, por boliços, e outros movimentos, que contra El-Rei de França outra vez commetteo foi morto, e não se sabe geração que delle ficasse.

Do Ifante D. Pedro

El-Rei D. Sancho ouve mais da Rainha sua molher o Ifante D. Pedro, que segundo algumas breves lembranças das cousas de Portugal, naceo a vinte e nove dias de Março da era de N. Senhor de mil cento e oitenta e sete annos (1187) ao qual El-Rei seu pai leixou tambem em seu testamento outros dez mil ma-

ravedis douro, o qual foi cazado com uma filha do Conde de Urgel em Barcelona, de que não ficou geração, que agora se saiba, e conquistou sendo cazado as Ilhas de Malhorca, e Minorca, que eram de Mouros, que despois por Christãos lhe foram contra rezão tomadas, pelo qual alguns dizem, que por aggravos, e sem rezões, e poucas ajudas, que sobre isso recebeo dos Reis Despanha, com que por devidos era liado tendo nada de terras em Portugal, se foi para Mahomad Miramolim, que então era Rei de Marrocos, aquelle que junto com Uveda foi vencido na brtalha das Navas de Toloza, que era filho doutro Miramolim, que venceo a batalha Delharcos, como já dice, e outros dizem, o que mais é de crer que se foi com desejos de ver terras diversas, e a tentar sua ventura, e ver aquellas principalmente em que compria milhor se enformar das cousas, que compriam para guerra dos Mouros Despanha, e de França, que daquelles tempos de uma parte, e da outra muito se exercitavam.

Pelo qual nas guerras, e deferenças, que este Miramolim tinha com os Reis Mouros seus vezinhos, despois de ser retornado em suas terras de França este Ifante D. Pedro com muita, e nobre gente Despanha, que com elle passou trabalhou assi bem, e com tantos perigos de sua pessca, e com tantas experiencias de sua bondade, que de Miramolim, e de totalas gentes de seu senhorio foi sempre mui estimado, e honrado, donde passados alguns annos elle por uma permissão de Deos havendo idade de trinta annos retornou a este Reino de Portugal, despois da morte del-Rei D. Sancho seu padre, e em vida del-Rei D. Affonso seu irmão, que Reinava com a Rainha Dona Urraca sua molher quando trouxe os ossos dos cinco Frades Menores, que em seu tempo, e caza, em sua presença

foram do mesmo Miramolim em Marrocos Martirizados, de que na Coronica do dito Rei D. Affonso seu irmão, em que propriamente convem, farei ao diante mais larga menção.

Do Ifante D. Anrique

E assi houve o dito Rei D. Sancho da Rainha sua molher o Ifante D. Anrique, que naceo no anno de Nosso Senhor de mil cento e oitenta e nove (1189) o qual moço, e sem cazar em vida del-Rei seu padre faleceo, e jaz em Santa Cruz de Coimbra.

Da Rainha D. Thareja filha deste Rei D. Sancho

E houve mais este Rei D. Sancho da Rainha Dona Doce sua molher a Rainha Dona Thareja, que em vida del-Rei seu padre cazou com El-Rei D Affonso de Lião, e foi d'elle pela Igreja apartada por ambos serem primos com irmãos, porque a Rainha D. Urraca mãe del-Rei D. Affonso era irmã del Rei D. Sancho, filhos del-Rei D. Affonso Anriques, e a cauza porque este cazamento então se fez, e despois se desfez, tocarei aqui brevemente.

Os Reis de Portugal, e de Lião nos tempos que com seus Reinos, e terras, foram apartados, e izentos del-Rei, e do Reino de Castella, sempre procuraram de uns com os outros se liar, e confederar por pazes, e cazamentos, por tal que ambos juntamente concordes tivessem mais forças, e maior poder contra El-Rei de Castella, porque os não obrigasse, nem constringesse, como já por força, e em outros tempos, constringera El-Rei de Navarra, e El-Rei Daragão, que nas cousas

da guerra, e da paz, como Vassallos o serviram, e lhe obedeceram, porque na segunda partição de Castella, e de Lião, que o dito Rei D. Affonso VIII e Emperador fez antre dous seus filhos, que teve, e leixou o Reino de Castella a D. Sancho filho maior, e o Reino de Lião, e de Galiza, com o que fora por Castella ganhado em Portugal, e segundo opinião de muitos, esto fez El-Rei de Castella D. Affonso por concelho de D. Manrique, e de D. Nuno seu irmão, Condes de Lara. que por serem pessoas muito principaes tinham muita parte em seu Concelho, e governação do Reino, porque segundo se diz, desejavam para mais seu acrescentamento que nos Reinos houvese sempre necessidades de guerras, e nenhum descanso de paz, na qual partição El-Rei D. Affonso Anriques, que então era, e foi o primeiro Rei de Portugal, por roturas, e guerras antre ambos já passadas, e porque elle o vencerá, e ferira na batalha de Valdevez em Portugal, não ficou de seu Reino tão seguro, que não receasse os cercos, e cometimentos da guerra em que se já vira em Guimarães, e de que com sua honra, e vitoria, se livrou, e muito menos esperou segurança, e perpetuidade de seu Reino, El-Rei D. Fernando de Lião, depois da sobecessão del Rei D. Sancho seu irmão, que era filho maior do Emperador, que por ventura querendo anular tal repartição em cazo, que seu pai a fizesse, queria contra elle uzar, assi como outro Rei D. Sancho segundo fizera na outra repartição primeira dos Reinos de Castella, e de Lião, e de Portugal, e Galiza, contra seus irmãos os Reis D. Affonsa, e D. Garcia de que os quizera privar, e os prendeo, por ser filho maior, posto que El-Rei D. Fernando seu pai á ora de sua morte, antre elles todos tres, os ditos Reinos partira, e para começo desta prova, logo que o dito Rei D. Fernando de Lião vio que El-Rei

D. Sancho seu irmão Reinou por ser mais poderoso, logo entrou no Reino de Lião a entender em aggravos de que alguns Cavalleiros se queixavam, e moveo a El-Rei D. Fernando a fazer em Lião todo o que El-Rei D. Sancho seu irmão quiz, e lhe mandou ainda que fosse, como foi contra sua vontade, pela qual El Rei D. Affonso Anriques sobre esto, e com este fundamento de se liarem, cazou logo sua filha Dona Urraca, com este Rei D. Fernando de Lião, que eram primos com irmãos, e della houve o Ifante D. Affonso, que despois delle reinou em Lião, e quitou-se della por achaque de parentesco, com que livremente se despençaram, mas o dito Rei D. Fernando o não quiz fazer, nem procurar a dita dispensação, que poderam bem haver, porque despois da morte del-Rei D. Sancho seu irmão elle perdeo todo o receo, e temor que delle tinha, que El-Rei D. Affonso de Castella o Noveno deste nome de que atraz já disse, filho, e sobcessor del-Rei D. Sancho ficou muito menino, e case delle dito Rei D. Fernando em poder, cujo dezejo parece, que foi fazer-se Rei dambos os Reinos, se Deos, e a lealdade de vassallos Castelhanos lhe não resistiram, como atraz esto já fica mais declarado.

E sobre este apartamento da Rainha D. Urraca El-Rei D. Affonso Anriques por vingança, e El-Rei D. Fernando por sua defeza tiveram continuas guerras, e houve antre elles grandes odios, o que foi no tempo que o dito Rei D. Affonso quebrou a perna no ferrolho das portas de Badalhouse, como em sua Cronica milhor se declara, e assi despois por este respeito de liança, e concordia El-Rei D. Sancho de Portugal sem devida dispensação cazou esta Rainha Dona Thareja sua filha com El-Rei D. Affonso de Lião, primo com irmão della e seu sobrinho, filho de sua irmã Dona Urraca, e do dito Rei D. Fernando de Lião, e tambem a

esse tempo se ouve por mui necessario fazer-se este cazamento, para com elle, como bom meo de paz ferrem guerras, e differenças, que antre elles Reis de Portugal, e de Lião então se aparelhavam, e porém segundo se acha por escrito, tanto que ambos foram cazados, que foi no mez de Fevereiro, logo em Portugal, e Castella por qualquer cazo, que de adversa influencia do Ceo, ou por outros misterios, e peccados da terra, sobrevieram grandes, e tão pre severadas invernadas, e chuvas que duraram sem cessar até o Junho seguinte, com que se danaram, e perderam muitas novidades de pão, vinho, e azeite, e frutas, e algumas, que ficaram sobreveo tamanha praga, e multidão de vermes, que até á terra todas as comeram, e veio-se tão grande Estio, e secura por quenturas do Sol que durou até meados de Janeiro do anno que vinha, e cessando o Estio, sobrevieram grandes pestilencias, e outras dores espantozas, e de mortal perigo, especialmente em terra de Santa Maria, Bispado do Porto, onde a peste foi tão crua, e danosa, que em grandes povoações, e Lugares de muitas pessoas escassamente ficaram tres vivos.

E na terra de Braga particularmente se acha, que nos homens, e mulheres intrinsecos males, e de tanto, e tão raivozo ardor, que lhes parecia que ardiã, e comiam em si mesmos, e assi com taes padecimentos sem aproveitar cura, nem remedio algum piedosamente morriã, e porque das mortaes preseguições, que á terra podiã vir, alguma não ficasse por passar, ouve neste tempo em Portugal durando este cazamento tanto falecimento de mantimentos, que muitas gentes morriã de fome, e por susterem as vidas por alguma maneirã, comiam como bestas os gomos das vinhas, nem leixavam as ervas verdes dos campos, e no mesmo tempo, porque os homens não gouvessessem dalgum

bem da paz veo que por derradeira perseguição, um Jacob Mouro poderoso Rei de Sevilha, sabendo destas mingoas, e necessidades do Reino de Portugal, para mais facilmente o conquerir, e guerrear, elle com muita gente de pé, e de cavallo por terra, a com asás frota por mar, no mez de Maio entrou em Portugal, e veio logo poer cerco sobre a Villa de Alcacere do Sal, que El-Rei D. Affonso Anriques primeiramente tomou aos Mouros, e assi a combateo logo com engenhos darmas de noite e de dia, qne aos tres dias de Junho seguinte, com asás dano dos da Villa a tomou.

Pelo qual os Christãos que viviam nos Castellos Dalmada, e de Cezimbra, e Palmella, que tambem não havia muito tempo, que o dito Rei D. Affonso tomára aos infieis, sabendo que Alcacere do Sal, Villa tão forte fora assi, sem resistencia, nem soccorro tomada, desesperados de se poderem nelles defender, os leixaram vazios, e se acolheram a outros Lugares dos Christãos em que esperavam ter menos segurança. Sabendo esto o dito Rei Mouro, veio logo aos ditos Castellos, e até o chão os derribou, e destroio, e depois de leixar Alcacere bem fortalezado, foi logo com seu poder cercar a Cidade de Silves, que El-Rei D. Sancho havia pouco tempo que lha tinha tomada, como atraz é declarado, e com ingenhos de combates continos assi afrontou a Cidade, que os Christãos que a defendiam depois dalguns dias passados em que não esperavam soccorro, deram por partido a Cidade aos Mouros, com segurança das vidas, e fazendas, que salvaram.

A' qual necessidade El-Rei D. Sancho não pode então soccorrer assi como fora rezão, e elle dezejava por mingoas, e necessidades dos Reinos, e assi por outras em que contra El-Rei de Lião andava revolto, e ocu-

pado, e neste tempo os Mouros da Cidade de Silves no Algarve, até que Reinou D. Affonso Conde de Bolonha, neto del-Rei D. Sancho, porque no tempo deste se tornou outra vez a cobrar com todo o Algarve, como em sua Coronica ao diante se dirá. E porém desta entrada, e guerra que este Mouro assi fez, recebeo Portugal grandes danos, que os infieis levaram delle grandes roubos, e muitos Christãos cativos de que muitos passaram alem mar, mas El-Rei D. Sancho para algum reparo, e descanso destes males passados, e porque já as gentes de seu Reino estavam por estas guerras, e necessidades mui trabalhados, tratou tregoas por cinco annos com o dito Rei Mouro, as quais foram por sua parte firmar, um Pedro Affonso, e Gil Gonçalves, seus vassallos, e pessoas em que tinha confiança.

Das quaes tribulações, e grandes males, que Espanha, e Portugal assi padeciam, sendo informado Celestino III que a este tempo era Papa em Roma, cuidando que poderiam ser por maldição de Deos, e por pendenza da culpa, erros, e peccados em que os Reis estavam, por este cazamento, por ser feito antre tão conjuntos parentes, sem dispensação, e contra o preceito da Egreja para o desfazer, enviou de Roma por Legado a Espanha, e a Portugal principalmente, D. Guilherme Diacono Cardeal do titulo de Santan Gelo, o qual com Arcebispos, Priores, e Abbades Bentos do Reino de Portugal e de Lião, que mandou ajuntar, fez Concilio em Salamanca onde foi acordado divorcio, e apartamento dos ditos Reis D. Affonso, e a Rainha Dona Thareja, nem quizeram dispensar sobre o cazamento antre elles já feito, e porque El-Rei e a Rainha não obedeceram, nem quizeram logo apartar, puzeram mui estreito antredito em ambos os Reinos, por rigor do qual as gentes neste tempo não entra-

vam nas Egrejas, nem se diziam nellas Missas, nem Officios Divinos, nem davam sepulturas aos corpos mortos em lugares Sagrados, o qual antredito durou um anno, e um mez, e tres dias.

No cabo do qual tempo o dito Rei, e Rainha obedeceram á Santa Sé Apostolica e se apartaram, o que foi na era de Nosso Senhor de mil duzentos e sete annos, (1207) e este dito Rei D. Affonso de Lião, tambem sem dispensação tornou a cazar com a Rainha Dona Beringela, filha del-Rei D. Affonso Nove-no de Castella, e depois de haverem filhos dantre ambos tambem della se quitou, e della o dito Rei D. Affonso de Lião houve El-Rei D. Fernando seu filho, em que os Reinos de Castella, e de Lião, se tornaram a juntar, e este foi o que ganhou Cordova, e Sevilha dos Mouros, e porém El-Rei D. Affonso de Lião, e a Rainha Dona Thareja, que primeiro cazaram, já tambem tinham dantre ambos tres filhos, a saber, o Ifante D. Fernando, que faleceo moço sem filhos, a que este Rei D. Sancho seu avô leixou em seu testamento dez mil maravedis douro, dos quaes maravedis douro sessenta faziam um marco, e eram de preço de como agora neste tempo são os cruzados douro, e assi tinham a Ifante Dona Doce, que El-Rei D. Sancho criou em Portugal, e em sua caza, e a que leixou em seu testamento outros dez mil maravedis douro, e cento e cincoenta marcos de prata, e assi tinha a Ifante Dona Sancha, que se criou em Castella, a que tambem leixou El-Rei D. Sancho outros dez mil maravedis douro, e esta é a que cazou com El-Rei D. Anrique de Castella depois que foi quite da Rainha Dona Mofalda, filha deste Rei D. Sancho de Portugal, de que logo se dirá.

As quaes Ifantes se dizem *de Castro torrafe*. Depois da morte del-Rei D. Affonso de Lião seu padre,

porque as leixou herdeiras do Reino em seu testamento, e assi por concelho da Rainha Dona Thareja sua madre se levantaram com o Reino de Lião, contra El Rei D. Fernando seu Irmão, filho da Rainha Dona Biringela, e em fim em Valença do Minho, onde a dita Rainha Dona Biringela veu, elles todos foram concordados nesta maneira, a saber, que ellas Ifantes filhas da Rainha Dona Thareja leixassem os Castellos de Lião, e houvessem para seu soportamento por as rendas doutros Lugares logo assinados cincoenta mil dobras douro cada anno, e sobre este concerto, se foram ver com El-Rei D. Fernando em Benavente, donde partiram amigos em paz.

E a Rainha Dona Thareja depois de passados alguns dias se veu para Portugal, a que El-Rei D. Sancho seu Padre leixou no dito testamento para soportamento de sua vida, a Villa de Monte mór o Velho, e o Lugar Desgueira, e mais outros dez mil maravedis douro, e cento e cincoenta marcos de prata, e esta Rainha reformou de novo ao Moesteiro de Lorvão da Ordem de S. Bernardo, a tres legoas da Cidade de Coimbra, e o dotou de muitas rendas, e foi Senhora delle, e nelle já sepultada, e leixou-lhe para sempre o dito Lugar Desgueira, que o dito Moesteiro agora tem. (1)

Da Rainha Dona Mofalda, filha del-Rei D. Sancho

E assi houve El-Rei D. Sancho da Rainha Dona Doce sua molher a Ifante Dona Mofalda, que em per-

¹ E' Santa, e della reza a Igreja, e faz festa a 17 de Junho por Decreto do Papa Clemente XI.

feições, e bondades do corpo, e dalma, foi Princeza mui acabada, a qual foi cazada com El-Rei D. Anrique deste nome o primeiro Rei de Castella, filho e herdeiro do sobredito Rei D. Affonso o noveno ; eram parentes dentro no quarto grau, e cazaram sem dispensação, e principalmente sem consentimento, e contra vontade da Rainha Dona Biringela sua irmã, foram pelo Papa Innoceucio III apartados, o que para declaração doutras cousas, que podem obcorrer foi brevemente nesta maneira.

Por falecimento do sobredito Rei D. Affonso noveno de Castella, ficou por seu herdeiro em mui pequena idade D. Anrique seu filho, deste nome o primeiro de Castella, filho da Rainha Dona Leonor, filha del-Rei D. Anrique de Inglaterra, á qual depois da morte del-Rei seu marido, ficou o regimento, e governança dos Reinos de Castella, e assi a criação del-Rei seu filho, até elle ser em idade para por si poder reger, e porque esta Rainha Dona Leonor, logo a poz seu marido faleceo, ficou por sua morte, encomendado todo seu cargo á Rainha D. Biringela, irmã do dito Rei D. Anrique, e Rainha, que fôra de Lião, e estava em Castella por ser a esse tempo, por authoridade, e mandamento da Egreja apartada del-Rei D. Affonso de Lião, seu marido, e primo com irmão, como atraz já toquei, a qual em bondades, virtudes, e grandes prudencias, foi Princeza singular, e porque naquelle tempo os Condes de Lara, a saber D. Fernando, e D. Alvaro, e D. Gonçalo, filhos do Conde D. Nuno de Lara o bom, de que atraz já falei, eram pessoas mais principais do Reino, elles para que com mais licença, e amor poderem usar de suas vontades, e cobiça trabalharam de tirar El-Rei D. Anrique do poder desta Rainha sua irmã, para que lhes fosse entregue, a qual por escuzar boliços do Reino, que se

aparelhavam, com precedente conselho primeiramente, e com consentimento dos Estados do Reino, e em Cortes aprazadas, e com juramentos, e menagens solenes houve por bem de entregar, e entregou El-Rei seu irmão ao Conde D. Alvaro de Lara, que logo quebrou, e não guardou as lemitações, e condições com que prometeo de reger, e governar por El-Rei, fazendo em sua governança cousas assi feas, e graves, que eram contrairas a toda justiça, e onestidade, e pareciam proceder de cobiça, e tirania, ou de pura vingança, de que por odio, não quiz isentar a mesma Rainha Dona Biringela, a que sem algum resguardo de sua dignidade, e grandes merecimentos, quizera tambem tirar muitas cousas, que da Coroa de Castella directamente tinha, e porque sentio, que assi a Rainha, como outros grandes Senhores de Castella lhe queriam tirar El-Rei D. Anrique, e a governança de seu Reino, e via que o mesmo Rei assi o dezejava, por assegurar principalmente a vontade del-Rei em que a maior força da contradição, e concordia de suas cousas estava, e para ter maiores, e mais ajudas, para a força que queria fazer, sabendo que a Ifante Dona Mofalda filha del-Rei D. Sancho de Portugal estava por cazar, e era Senhora em que havia respeito, e grandes perfeições para se della terem muitos contentamentos, o Conde D. Alvaro de Lara leixou El-Rei D. Anrique na Cidade de Palença, que é de Castella, e se veo a Portugal, e com tanta eficacia, e com taes razões, e fundamentos tratou este casamento com El-Rei D. Sancho, que sem mais dilação, houve por bem logo lhe entregar sua filha, que com aquella honra, e companhia, que merecia, logo o dito Conde a levou a Palença á vista del-Rei D. Anrique, e dahi logo a Medina del Campo onde casaram, e fizeram suas vodas, com festas publicas, e honradas.

E deste casamento pezou muito á Rainha Dona Biringela, que com palavras a seu descontentamento conformes, e principalmente por cazarem em peccado, e sem dispensação, o mandou muito estranhar ao Conde, o qual sobre esso respondeo á Rainha, por ventura mais aspero do que devera, e ella merecia, e quizera, pelo qual a Rainha, logo sopricou ao Papa Innocencio III sobre esto pedindo-lhe que os apartasse, o qual cometeo a cauza a D. Tello Bispo de Palença, e a D. Moninho Bispo de Burgos, os quaes juntos, e ouvidas sobre esso as partes, e sabida a verdade do feito, julgaram o apartamento antre El-Rei e a Rainha, e com apremadas censuras, e antreditos, que nos Reinos pozeram, foram ambos apartados, e a Rainha Dona Mofalda se tornou a Portugal para El-Rei D. Sancho seu padre, e El-Rei D. Anrique, foi logo concertado de cazar, e cazou com a sobredita Dona Sancha, filha del-Rei D. Affonso de Lião, e da Rainha Dona Thareja sua molher, e neta del-Rei D. Sancho, com fundamento, e condição, que despois da morte del-Rei D. Affonso de Lião, porque não tinha filho barão legitimo, que os succedesse, e herdasse, que os Reinos de Castella e de Lião ficassem juntamente ao dito Rei D. Anrique, e não veio a effeito, porque dahi a poucos dias estando El-Rei em Palença jogando, e havendo prazer com seus Fidalgos, um delles que se diz ser da linhagem de Mendoça, lançando alto um mançal tocou em um telhado, onde por desastre caio uma telha, que deu na cabeça del-Rei, que a poucos dias logo faleceo, e a elle sobcedeo logo nos Reinos de Castella o Ifante D. Fernando seu sobrinho, filho do dito Rei D. Affonso de Lião.

Este Rei D. Fernando seu filho por não haver ahi outro legitimo sobcessor barão, sobcedeo tambem o

Reino de Lião, e nelle como atraz apontei os Reinos ambos de Castella, e de Lião, outra vez se tornaram a juntar no anno seguinte, que foi de Nosso Senhor Jesu Christo de mil e duzentos e trinta e dois annos, (1232) como nas Coronicas Despanha mais declaradamente se conteem, e a esta Rainha Dona Mofalda, El-Rei D. Sancho seu pai leixou em seu testamento para soportamento de sua vida, e estado, dez mil maravedis douro, e duzentos marcos de prata, e mais a Igreja de Bouças, e Moesteiro Darouca, da Ordem de S. Bernardo, que ella novamente fundou, e nelle acabou onesta e santamente sua vida, e ahí já sepultada.

Da Ifante Dona Sancha, filha del-Rei D. Sancho

E assi huve mais El-Rei D. Sancho da Rainha Dona Doce sua moiber, a Ifante Dona Sancha, que não cazou, e foi governadora do Moesteiro de Lorvão, e a esta leixou El-Rei seu padre a Villa Dalanquer por sua Cidade, e outros dez mil maravedis douro, e duzentos e cincoenta marcos de prata, e mais muita roupa de caza, e ricas joias de sua pessoa, e esta já sepultada no Moesteiro de Santa Cruz de Coimbra, e fundou o Moesteiro de São Francisco Dalanquer da Observancia, ainda em vida de S. Francisco, e esta devação tomou quando os cinco Frades a vieram de caminho vizitar, e os vestio, e lhe fez esmola, como se ao diante dirá. (1)

(1) E' Santa, e della reza a Igreja, e faz a festa a 13 de março por Decreto do Papa Clemente XI.

*Da Ifante Dona Branca, filha tambem del-Rei
D. Sancho*

E assi houve El-Rei, e a Rainha sua molher a Ifante Dona Branca, que foi Senhora de Guadalferrara em Castella, e mandou-se trazer, e enterrar em Santa Cruz de Coimbra, e a esta leixou tambem El-Rei seu pai ontros dez mil maravedis douro, e duzentos marcos de prata.

Da Ifante Dona Biringela, filha Del Rei

Teve mais El-Rei D. Sancho da Rainha sua molher por derradeira filha, a Ifante Dona Biringela, que faleceo sem cazar, e foi criada pela Rainha Dona Thareja sua irmã em Lorvão, e a esta tambem El-Rei leixou em seu testamento outros dez mil maravedis douro, e duzentos marcos de prata, e ao tempo de seu falecimento se mandou enterrar em Santa Cruz de Coimbra onde seu pai jazia, os quaes filhos, e filhas legitimos o dito Rei D. Sancho houve da Rainha D. Doce sua molher, a qual faleceo na era de Nosso Senhor de mil cento e noventa e oito, (1198) e mandou se logo soterrar em Santa Cruz de Coimbra, onde despois foi sepultado El-Rei D. Sancho seu marido. E ao tempo em que a Rainha faleceo, El-Rei D. Sancho quando viuvou, era de idade de quarenta e quatro annos.

Dos filhos bastardos del-Rei D. Sancho

Depois do falecimento da Rainha Dona Doce, El-Rei tomou logo por manceba uma Dona Maria Ayres

de Fornelos, de que houve dous filhos, a saber **Martim Sanches**, e **Dona Urraca Sanches**, e este **Martim Sanches**, foi **Adiantado del-Rei D. Affonso de Lião**, seu Primo com irmão, e era bom Cavalleiro, e cazou com a **Condessa Dona Olaya Pires**, filha de **D. Pedro Fernandes de Castro**, o **Castelão**, de que já disse, e venceu tres vezes a gente de **D. Affonso de Portugal** seu irmão, em nome del-Rei **D. Affonso de Lião**, e teve quatro **Condados**, em que entrava o **Condado Destramara em Galiza**, e não teve filhos, e já honradamente sepultado em **Cofinos** lugar da **Ordem de São Joham em Castella**, em terra de **Campos**.

E depois desta primeira manceba, que **El-Rei** leixou, e houve por bem que cazasse com **D. Gil Vaz de Souza**, homem principal, tomou logo que teve até sua morte, outra segunda **Dona Maria Paes Ribeira**, a que deu **Villa de Conde**, e outras **Cidades**, e terras, se não cazasse, e a esta foi **El-Rei** muito afeiçoado, e della ouve estes filhos, e filhas a saber, **Dona Thareja Sanches**, que foi cazada com **D. Affonso Telles o Velho**, que povorou **Alboquerque**, os quaes ouveram filhos, a saber, **D. Joham Affonso Tello**, e **Martim Affonso Tello**, e a esta **Dona Thareja**. **El-Rei** em seu **Testamento** leixou sete mil **maravedis douro**, e assi ouve della **D. Gil Sanches**, a que **El-Rei** leixou oito mil **maravedis douro** em seu **testamento**. E **Dona Constança Sanches**, a que **El-Rei** leixou sete mil **maravedis**, e sem cazar acabou o **Moesteiro de S. Francisco de Coimbra**, que em vida de **S. Francisco** se fundou, e já em **Santa Cruz**, junto com **El-Rei D. Sancho** seu padre, e ouve della mais a **D. Ruy Sanches**, a que leixou outros oito mil **maravedis**, e este morreo em uma peleja na **Cidade do Porto**, que não devia de ser de **Mouros**, e já soterrado no **Moesteiro de Grijó**. E esta **Dona Maria Paes** depois dalguns

dias do falecimento del-Rei, cazou com Joham Fernandes de Lima, que diceram o bom de Galiza, que foi muito honrado, e de grande caza, e delle tambem ouve filhos, e filhas, e uma sua neta que chamaram Dona Ignez Lourenço de Valadares, cazou com D. Martim Affonso, filho bastardo del-Rei D. Affonso o segundo de Portugal, que ouve de uma molher, que fora Moura, e estes ouveram um filho dito Martim Affonso Chichorro, que houve filho que chamaram Vasco Martins Chichorro, de que vem os Chichorros de Souza, de Portugal, que agora são.

A qual Dona Maria Paes, que se acertou ao tempo do falecimento del-Rei D. Sancho, indo de Coimbra com seu dó, e triste para sua terra, que era Villa de Conde, acompanhada de D. Martim Paes Ribeiro seu irmão, aconteceu que um Gomes Lourenço Viegas, neto de D. Egas Moniz, que era homem principal a salteou no caminho, e a levou por força ao Reino de Lião, e ferio mal a seu irmão, o qual se foi logo querelar a El-Rei D. Affonso, filho del-Rei D. Sancho, que então começara de Reinar, que sobre isso escreveo logo a El-Rei de Lião, assi aspero, e com rezões de requerimentos de justiça, e emmenda como o cazo de tal força requeria, e porque Gomes Lourenço, por emprazamentos, e citações que sobre o cazo lhe foram logo feitas, e sobre entrega de Dona Maria Paes se vio mui apresado, induzido della, e aconselhado falsamente se vieram ambos a El-Rei D. Affonso de Portugal, que a esse tempo era em Castel Rodrigo de Riba de Coa, de que lhe fez dissimuladamente crer, que depois dasossegado, e satisfeito seu irmão Martim Paes, elle dito Gomes Lourenço averia perdão, e remedio, mas ella como se vio ante El-Rei logo assi se leixou cair em terra, e com vozes, e palavras de grande sentimento, e com muitas lagri-

mas lhe pedio justiça, e vingança de Gomes Lourenço, que era presente, pela força, e deshonra que lhe fizera, pelo qual El-Rei depois de a ouvir, e sem escuzar confessar seu crime, o mandou logo matar, e depois desto porque ella era de boa linhagem, e ficara mui rica, cazou com o dito Joham Fernandes de Lima, como acima dice.

CAPITULO XVI

Das cousas, que a El-Rei D. Sancho em seu Reino socederam depois do apartamento da Rainha Dona Thareja sua filha até seu falecimento.

Do apartamento del-Rei D. Affonso de Lião, e da Rainha Dona Thareja sua mulher até o falecimento deste Rei D. Sancho, se passaram doze annos, e as cousas que nestes Reinos, achei que fez, e que em seu Reino, e tempo se passaram, são as seguintes (brevemente) primeiramente no anno seguinte depois que os Monros destroiram os Castellos atraz apontados, El-Rei mandou reformar, e fortalecer o Castello de Palmela, e assi de novo o de Cezimbra, e alguns dez annos que apoz este logo se seguiram por desvairados curços dos Ceos, mais que por erros de cousas da terra, ouve em Espanha guerras, fomes, e cruas pestilencias nos homens, e grandes mortindades em toda calidade de alimarias, e em quanto duraram as tregoaas que El-Rei D. Sancho poz com os Mouros, sempre pela maior parte do tempo teve guerra com El-Rei D. Affonso de Lião, a que tomou em Galiza a Cidade de Tuy, e as Villas de Sampaio, e de Lobeo, e Ponte Vedra, e outros Luga-

res que em sua vida teve, porque depois de sua morte, e em tempo doutros Reis seus soçessores por bem de paz e concordia, os ditos Lugares foram tornados ao Reino de Lião.

E na era de Nosso Senhor de mil e cento e noventa e nove annos (1199) antre a Sexta, e Noa do dia foi grande, e muito espantoso Cris do Sol, que por todos aquelles que escreviam as couzas maravilhosas de seus tempos, asás memorado, porque o Sol foi negro todo como pez, e o dia que era claro, se tornou mui escuro noite, e nos Ceos sendo de dia pareceo a Lua, muitas Estrellas, por cujo nome, e espanto, e mortal temor, os homens, e mulheres de todo o estado, e condição, crendo que o mundo se acabava, e vinha o dia do derradeiro juizo, temendo a morte, e por acabarem as vidas, em santos lugares leixavam as cazas, e fazendas, e desacordadas se acolhiam ás Egrejas, e Cazas piedosas, e depois que as trevas se começáram a derramar, e o Sol cobrando sua claridade, foi a Lua vista em desvairadas maneiras, como nunca fora vista, e viam estes sinaes serem tão fóra do regulado curso da natureza, como os que tiveram a Paixão de N. Senhor, e este dia deste Cris assi foi nomeado, e assi ficou lembrado nas memorias dos homens, especialmente de Portugal, que quando depois pessoas antigas se perguntavam por cousas de tempos passados, de que queriam saber a verdade, e as testemunhas para certidão de suas idades, e tempos referiam seus ditos, e mores lembranças a este dia que se tornára noite, e acha se mais, que depois da era de N. Senhor de mil e duzentos e um annos (1201) por continuas chuvas, que em todos os mezes sobrevieram não se poderam fazer sementeiras, salvo em mui poucos lugares em que a semente se perdeo, de que se seguiu outra tão grande fome, que segun-

do a estimação, que se fez se affirma, que a terceira parte da gente, que era viva morria, especialmente em Galiza, onde por este pestifero mal, ficaram ermos muitos Lugares, e de todo despovoados, e no anno seguinte se mostra, (1202) que El-Rei D. Sancho mandou de novo edificar o Castello de Monte mór o novo, no Bispado de Evora, e neste anno até os dous seguintes se acha aver neste Reino no mar, e na terra grandes tormentas, e tempestades, de que receberam mortes. e muitos danos, e perdas geraes, assi nos homens, e molheres, como gadoz, e Navios, e mercadorias, e neste anno El-Rei D. Sancho povorou, e fez de novo o Castello de Penella, e no anno seguinte de mil duzentos e oito (1208) a vinte e cinco dias de Julho, se acha brevemente que o dito Rei com gente de guerra ordenada tomou aos Mouros por força o Castello Delvas, e esta foi a derradeira couza, que por serviço, e acrecentamento de sua honra, e bom nome fez contra os infieis no qual feito já com elle foi o Ifante D. Affonso seu filho erdeiro, que apoz elle Reinou.

CAPITULO XVII

Do falecimento del-Rei D. Sancho, e de seu Testamento, e de algumas cousas, e obras que fez.

No anno de N. Senhor Jesu Christo de mil duzentos e doze (1212) tendo já El-Rei D. Sancho cincoenta e oito annos de sua idade, e avendo vinte e sete que Reinava, fazendo primeiro seu sole-ne testamento, e como Catholico, e mui virtuoso Rei, recebendo para bem de sua alma todos os Sacramentos ordenados pela Egreja, faleceo de sua vida corporal

na Cidade de Coimbra, onde no Moesteiro de Santa Cruz já sepultado junto com El-Rei D. Affonso Anriques seu padre, onde jazia já sepultada a Rainha Dona Doce sua molher, como atraz já dice, e antes dous annos, que falecesse o dito Rei D. Sancho, fez seu solene testamento, que eu Coronista vi escrito em pergaminho, com palavras de Latim, e asselado sob seu selo de chumbo, e aprovado com juramentos, e menagens solenes por o Ifante D. Affonso seu filho primogenito, e socessor, e pelo Arcebispo de Braga, e pelo Prior de Santa Cruz, e pelo Abbade de Sam Tiço, e pelo Mestre do Templo de Salamão em Jerusalem, e pelo Prior do Espirital de S. Joham em Jerusalem neste Reino, e por D. Pedro Affonso, e por D. Garcia Mendes, e D. Martim Fernandes, e por D. Lourenço Soares, e D. Gomes Soares, que eram Senhores, e pessoas mais principaes do Reino, com os quaes fez seu testamento, todos em auto publico fizeram Juramento nas mãos do Arcebispo de Braga. e menagens nas proprias mãos del-Rei que sobpena de tredores, e aleivosos e excomungados, e malditos da maldição de Deos, todas as couzas de seu testamento cumprissem, e fizessem inteiramente cumprir, o qual testamento foi feito na Cidade de Coimbra no mez de Outubro do anno de N. Senhor de mil duzentos e dez (1210) e da hi a dous annos faleceo El-Rei, como já dice.

E dos legados, e esmolas que no dito testamento leixou, e donde ordenou que a paga de tudo se fizesse, não me pareceo ser alheo da Estoria, assi para louvor deste glorioso Rei, como para bom exemplo dos outros, que esto virem, porei aqui uma sumaria, e verdadeira lembrança, que soia ser a do Tombo das Escrituras de seus Reinos, e assi em poder do Mestre da Freiria de Evora, que agora é de Aviz, e

no Castello de Tomar em poder do Mestre, e Freires do Templo, que agora é de Christus, e no Castello de Belver, que era do Prior do Espirital de Jerusalem, e assi em poder do Abbade de Alcobaça, e do Prior da Santa Cruz, e no Castello de Leiria leixava quinhentos e tres mil e tantos maravedis douro de sessenta, e mil e quatro centos marcos de prata, declarando a soma particular que em cada um destes lugares tinha.

E porque ao tempo de seu falecimento elle tinha quinze filhos, e filhas todos vivos, a saber, nove legitimos, e seis bastardos, como tenho acima declarado, a estes todos desta soma, além doutros grandes legados de panos, e joias, e gados, e cavallos, leixou mais trezentos e cincoenta mil maravedis douro, em que leixou destes ao Ifante D. Affonso seu filho maior, que declarou por erdeiro, e mais os outros filhos, e filhas, mil e cem marcos de prata a saber, a cada um dos filhos, e filhas legitimas dez mil maravedis, e a cada uma das femeas duzentos e cincoenta marcos de prata, e a cada um dos filhos barões bastardos sete mil, e mais certos marcos de prata, e dos cento e cincoenta e oito mil e tantos maravedis, que ficaram leixou quarenta mil a Alcobaça, a saber, dez mil para delles se fazer uma gafaria em Coimbra, dez para fazer um Moesteiro da Ordem de Cistel, e os cinco mil para a fabrica, e bemfeitorias de Alcobaça, e ao Moesteiro de Santa Cruz \bar{x} ⁽¹⁾ amaravedis, e mais a sua Capella, uma copa douro de que mandou que se fizesse uma Cruz, e um Calix, e mais cem marcos de prata, para frontaes dos Altares de S- Pedro, e

¹ O \bar{x} com a plica por cima vale dez mil.

Santo Agostinho, e para redenção dos Cativos leixou quinze mil maravedis, e ao Templo Santo de Jerusalem \bar{X} maravedis, e ao Esprital de Jerusalem outros dez mil maravedis, e para se fazer a ponte de Coimbra \bar{X} maravedis, e ao Papa Innocencio III leixou cem marcos douro, a que pediu, como a Senhor de seu corpo, e da sua alma, que com sua santa authoridade, faça inteiramente comprir este seu testamento; e dos sessenta e oito mil maravedis tomou cinco mil para satisfação das couzas que se achassem, que elle com direito devia restituir, e os mais mandou estribuir por alguns Moesteiros principaes, e Egrejas do Reino por somas logo declaradas de mais, e menos, segundo a calidade das Egrejas, e na mercê, e beneficios, que fez ás Egrejas Cathedraes do Reino, entrou a Sé da Cidade de Tuy com mor soma que as outras, a que mandou dar tres mil maravedis, por ser a este tempo de Portugal, porque cada uma de todas as outras ouve sómente mil maravedis, sómente Braga e Evora, que ouveram dous mil, e a cada uma das Egrejas pequenas mandou dar dous maravedis, que se alguma sobejasse da soma, o que para estas despezas piedozas apartara, que o tornassem a dar, e repartir pelas Egrejas mais pobres.

CAPITULO XVIII

De alguns Lugares, que El-Rei D. Sancho novamente fundou, e fez, e a que deu foraes.

Deu á Ordem de Santiago em tempo de Sancho Fernandes, que era Mestre della, as Villas Dalcacere do Sal, e Palmela, e Almada, e Ar-ruda, e povorou a Villa de Valhelhas, e lhe deu foral, e a deu á Ordem da Freiria Devora, que então era de Calatrava, e ora é Daviz, e deu á Ordem Daviz, sendo mestre della D. Gonçalo Viegas, filho de D. Egas Moniz, os Lugares Dalcanede, e Alpedriz, e Juromenha, e o Castello de Mafora, ennobreceo a Sé da Cidade de Vizeu, deu foral á Cidade, e ás Villas de Cea, e de Gouvea, e povorou Penamacor, e lhe deu foral, e assi á Villa, e Castello de Sortelha, e assi deu foral a Torres novas, que refez, ennobreceo despois da destruição que nella fizeram os Mouros, e deu a Cidade da Idanha primeiramente á Ordem do Templo, e assi deu foral a Bragança, e povorou, e fez de novo a Villa de Contraste, que agora é Valença do Minho, e povorou de fundamento Monte mór o novo, e lhe deu foral; e assi povorou Penela, e Figueiró, e deu foral a Cezimbra, e a Pinhel, e ennobreceo o Castello, e a Villa; e assi povorou Covilhã, e Folgosinho na Serra Destrella, e lhes deu foral, e assi á Cidade da Guarda, e a outros muitos Lugares de seu Reino, como Rei, em que avia esforço, e grandeza de animo para o defender, e acrescentar, e ennobrecer, nem lhe faleciam bondades, e justiça, e sã consciência para em seu tempo ser bem governado, e regido como foi.

DEO GRATIAS



INDEX

DAS COUSAS NOTAVEIS

A

Abeamazim, e Albouzil, capitães Mouros, que governavam o exercito que sitiava Beja, são mortos por El-Rei D. Sancho I, pag. 38.

Abuaxam Almohadim Miramolim de Marrocos, é morto na batalha de Santarem, pag. 40.

Affonso (Principe D.), filho primogenito del-Rei D. Sancho I, quando naceo, pag. 81. Sendo Rei mandou matar a Gomes Lourenço Viegas, neto de Egas Moniz, por forçar a Dona Maria Paz Ribeira, que fora amiga del Rei D. Sancho I seu pai, pag. 100.

Affonso III (D.) de Portugal foi o primeiro que se intitulou Rei dos Algarves, e que acrescentou ao Escudo das Quinas a orla dos Castellos, pag. 30.

Affonso Nuno de Castella é vencido na batalha Delharcos, pag. 70. Vence aos Mouros na celebre victoria das Navas de Tolosa, pag. 70.

Affonso Henriques (D.) onde, e quando morreo, e em que sepultura está enterrado, pag. 29. Quando se

intitulou Rei de Portugal, pag. 31 Recupera Santarem com seu filho D. Sancho I pag. 42.

Affonso Telles o Veijo (D.) cazou com Tareja Sanches filha natural del-Rei D. Sancho I de que teve filhos, pag. 98.

Anrique (Infante D.) filho de D. Sancho I de Portugal, em que anno naceo, e onde está sepultado, pag. 85.

Anrique de Castella (El-Rei D.) é separado por ordem de Innocencio III da Rainha Dona Tareja sua mulher por serem parentes, pag. 91. Caza com Dona Sancha filha del-Rei D. Affonso de Lião, pag. 95. Morre infelizmente, ibi.

B

Beringela (Infante D.) filha de D. Sancho I de Portugal nunca cazou, e onde está enterrada, pag. 97.

Branca (Infanta D.) filha de D. Sancho I de Portugal, foi Senhora de Guadalferrara em Castella, e onde está sepultada, pag. 97.

C

Celestino III dissolveo o casamento de D. Affonso de Castella com Dona Tareja, por serem parentes muifo chegados, pag. 91.

Cezimbra o seu Castello foi novamente edificado por D. Sancho I pag. 100.

Chichorros donde procedem, pag. 99.

Constança Sanches (Dona) filha natural del-Rei D.

Sancho I de Portugal, viveo no Convento de S. Francisco de Alenquer, e onde está enterrada, pag. 98.

D

Doce (Rainha D.) mulher del-Rei D. Sancho I de Portugal, de quem foi filha pag. 32. Em que anno faleceo, pag. 97. Filhos que teve, pag. 82 a 97.

E

Eclypse foi espantozo o que succedeo no anno de 1199 pag. 101.

Elvas o seu Castello quando foi conquistado aos Monros por D. Sancho I pag. 102.

F

Fernando (Infante D.) filho del-Rei D. Sancho I de Portugal, em que anno naceo, pag. 82. Cazou com a Condessa de Flandes, ibi. Foi prisioneiro em a batalha que teve com El-Rei de França, ibi.

Filhos. Os legitimos dos Reis tinham Dom e não os bastardos, pag. 32.

Fome. Foi espantosa a que se padeceo em Portugal, e Galiza, de que morreo a terceira parte da gente, pag. 102.

G

Gil Sanches filho natural de D. Sancho I de Portugal, quem foi sua mãe? pag. 98.

Gil Vaz de Souza (D.) cazou com Dona Maria Ayres de Fornellos, amiga que fôra del Rei D. Sancho I de Portugal, pag. 98.

Guarda. Deu foral a esta Cidade El-Rei D. Sancho I pag. 106.

Gudufre de Bulhão é eleito Rei de Jerusalem depois de ser conquistada, pag. 47.

Guilherme (D.) Diacono Cardeal do titulo de Sant' Angelo, Legado do Papa Celestino III veio a Portugal separar do matrimonio a El-Rei D. Affonso III de Castella, e a Rainha D. Tareja, por estarem nulamente cazados, pag. 90.

Gomes Lourenço Viegas, neto de Egas Moniz força a Doua Maria Paes Ribeira, e por este crime é sentenciado á morte por El-Rei D. Affonso II de Portugal, pag. 100.

I

Jacobaboim Çafim Miramolim de Marrocos entra com um grande exercito em Portugal acompanhado dos Reis de Sevilha, e Cordova, pag. 77.

Idanha. Esta Cidade é dada por El-Rei D. Sancho I de Portugal á Ordem do Tempio, pag. 106.

Jerusalem. Em que anno foi tomada por Saladino Soldão do Egypto, pag. 45. E' restaurada pelos Christãos, e que Capitães assistiram a esta conquista, pag. 46.

Innocencio III escreve a El-Rei D. Sancho I exhortando-o á Conquista da Terra Santa, pag. 51. Por sua ordem se dissolveo o matrimonio del-Rei D. Anrique de Castella, com a Rainha Dona Tareja por serem parentes muito chegados, pag. 91.

João Fernandes de Lima cazou com Maria Paes Ri-

beira, que fora amiga del-Rei D. Sancho I de quem teve filhos, pag. 98.

M

Manoel (El-Rei D.) mandou levantar uma sumptuosa sepultura a El-Rei D. Affonso Henriques, p. 29. Maravedis de ouro quanto era a sua valia, pag. 104.

Maria Ayres de Fornellos foi amiga del-Rei D. Sancho I. de quem teve Martim Sanches, e Dona Urraca Sanches, p. 97. Cazou por consentimento del-Rei D. Sancho I com D. Gil Vaz de Souza, pag. 98.

Maria Paes Ribeira (Dona) foi amiga del-Rei D. Sancho I e que filhos teve delle, p. 98. Depois da morte deste Principe cazou com João Fernandes de Lima, de quem teve filhos, p. 98. Antes de ser cazada com este fidalgo, foi forçada por Gomes Lourenço Viegas, ibi.

Martim Affonso Tello Sobrinho do Infante D. Pedro, é morto em Marrocos pelos Mouros, p. 77. Martim Lopes Cavalleiro Portuguez vence a D. Pedro Fernandes de Castro, que entrou armado em Portugal, p. 71.

Martim Sanches filho natural del-Rei D. Sancho I foi adiantado del-Rei D. Affonso de Lião, e cazou com a Condessa D. Olaya Pires, filha de D. Pedro Fernandes de Castro o Castelão, pag. 97. Onde está sepultado, pag. 98.

Mendo Souzao (D.) governou a gente de terra quando D. Sancho I conquistou Silves, p. 55. Quem era este fidalgo, e com quem cazou, 56.

Mofalda (Rainha Dona) filha del-Rei D. Sancho I de Portugal, foi cazada com El-Rei D. Anrique de Castella, pag. 91. Foi separada de seu marido por ordem do Papa Innocencio III por serem parentes, ibi.

Fundou o Mosteiro de Arouca da ordem de S. Bernardo, pag. 95.

Monte mór o novo. O seu Castello é edificado por Sancho I pag. 101

O

Olaya Pires filha de D. Pedro Fernandes de Castro o Castellão, cazou com Martim Sanches filho natural del-Rei D. Sancho I de Portugal, pag. 97.

Ordem de Aviz. Sendo seu Mestre D. Gonçalo Viegas, filho de D. Egas Moniz, lhe deu D. Sancho I de Portugal os Lugares de Alcanede, Alpedriz Jurumenna, e o Castello de Mafora, pag. 106.

Ordem de São Thiago. Sendo seu Mestre Sancho Fernandes, lhe deu El-Rei D. Sancho I de Portugal as Villas de Alcacere do Sal, Palmella, Almada e Arruda, p. 106.

P

Palmella o seu Castello é reedificado por D. Sancho I, pag. 100.

Pedro (Infante D.) filho de D. Sancho I de Portugal, em que dia, e anno naceo, pag. 83. cazou com a filha do Conde de Urgel, pag. 84. Conduzio os corpos dos Santos Martyres de Marrocos, pag. 84

Pedro Fernandes de Castro chamado o Castellão entra em Portugal, e é derrotado por Martim Lopes, pag. 71. Com quem foi cazado, pag. 71. É' morto pelos Mouros em Marrocos. pag. 77 Sua filha Olaya Pires cazou com Martim Sanches filho natural de D. Sancho I, pag. 97.

Penella. O seu Castello é edificado por D. Sancho I. pag. 102

Pero Paes (D.) Alferes mór, fica por Capitão do exercito de Andaluzia em quanto D. Sancho I vai descercar Beja, pag. 38. Quem era este fidalgo, e com quem eazou, ibi.

R

Ramilo (D.) irmão del-Rei D. Affonso de Castella, sendo Monge Bento sahio com dispensação a cazar com a irmã do Conde de Protes em França, pag. 81

Ruy Sanches (D) filho natural de D. Sancho I morreo em uma peleja na Cidade do Porto, e está enterrado em Grijó, pag. 98.

S

Sancha (Infanta Dona) filha del-Rei D. Sancho I de Portugal fundou o Convento de Alamquer da Ordem de S. Francisco, e hospedou os Martyres de Marrocos pag. 97.

Sancho I (El-Rei D.) de Portugal, em que dia, e anno naceo, pag. 30. Em que anno foi aclamado Rei ibi. Antes da morte de seu pai, cazou com Dona Doce filha de D. Reymão Conde de Barcelona, p. 32. Sendo de vinte e quatro annos alcançou a celebre victoria de Sevilha, p. 35. Cerca a Villa de Nebia em Andaluzia, e decerca a Beja, alcançando uma gloriosa vitoria dos Mouros, p. 38 Recupera Santarem so corrido de seu pai pag. 42. Determina conquistar a Terra Santa, e o não executa impedido de graves rezões, p. 52. Concorre com grandes donativos para a

guerra da Terra Santa, p. 53. Cerca Serpa, 54. Ajuda-
do de uma Armada de Estrangeiros combate Silves, e
depois de uma prolongada resistencia a conquista, p.
55 e seguintes. Filhos que teve da Rainha Dona Doce,
p. 82 até 97. Filhos naturaes que teve, pag. 97. Ree-
dificou o Castello de Palmella, e fez de novo o de Ce-
zimbra, p. 101. Tomou em Galiza a El-Rei D. Affon-
so de Lião a Cidade de Tuy, e as Villas de Sampaio,
Lobeo, e Ponte Vedra, p. 101. Edificou o Castello de
Monte mor o novo, e o de Penella, p. 101. Toma aos
Mouros o Castello de Elvas. ibi. Onde e quando mor-
reo. p. 102 Está sepultado em Coimbra com seu pai, e
sua mulher, ibi. O seu Testamento porque pessoas foi
assinado ibi. Em que dia foi feito ibi. Legados que dei-
xou ibi, e p. 104. Dos Lugares que povoou e a que
deu foraes, e privilegios, pag. 106.

Santarem é cercada pelos Mouros, e gloriosamen-
te recuperada por Sancho I junto com seu pai D.
Affonso Henriques, pag. 42.

Serpa é cercada por El-Rei D. Sancho I pag. 53.

Silves é tomada por El-Rei D. Sancho I ajudado
de uma Armada Estrangeira, pag. 53. E' cercada por
El-Rei de Sevilha, pag. 78.

T

Tareja (Rainha D.) filha de D. Sancho I. Foi caza-
da com El-Rei D. Affonso de Lião, p. 85. Dissol-
veo-se este matrimonio, e se relata o motivo da sepa-
ração, p. 85. Calamidades que padeceo este Reino
em quanto se não separaram estes Principes, pag. 85.
Reformou o Mosteiro de Lorvão da Ordem de S.
Bento p. 91. Nelle está sepultada, ibi.

Tareja Sanches (Dona) filha natural del-Rei D.

Sancho I cazou com D. Affonso Telles o Velho, pag. 98.

Torres Novas. Foi reedificada esta Villa, e ennobrecida por D. Saccho I p. 106. O seu Castello se entregou a El-Rei de Marrocos, p. 78.

Tuy é conquistada por El-Rei D. Sancho I de Portugal a D. Affonso de Lião, pag. 101.

U

Urbano II convocou os Principes Catholicos para restaurarem Jerusalem pag. 46.

Urraca (Infanta Dona) filha del-Rei D. Affonso Henriques, e mulher de D. Fernando de Lião onde está sepultada, pag. 81.

Urraca Sanches (D.) filha natural del-Rei D. Sancho I, quem foi sua mãe. pag. 97.

V

Valença do Minho, antigamente chamada Contraste foi edificada por El-Rei D. Sancho I pag. 106.

Valhelhas. Foi povoada esta Villa por D. Sancho I e a deu á Ordem da Freiria de Evora que então era de Calatrava, e agora de Aviz, pag. 106.

Vizeu. A sua Cathedral foi ennobrecida por El-Rei D. Sancho I pag. 106.

INDICE DOS CAPITULOS

- I — Do tempo, e idade que El-Rei D. Sancho foi levantado, e obedecido por Rei, e assi de alguns geraes avisos para declaração, e melhor entendimento das cousas antigas de Portugal. 28
- II — De algumas cousas, e feitos notaveis, que El-Rei D. Sancho fez em sendo Ifante. 34
- III — Como estando o Ifante em cerco sobre a Villa de Nebla, que é em Andaluzia, os Mouros cercaram Beja, em Portugal, e a veio logo soccorrer, e da vitoria que delles ouve. 37
- IV — Como o Ifante D. Sancho foi em Santarem cercado de Miramolim de Marrocos, e como El-Rei D. Affonso seu Padre o soccorreo, e descercou, e mataram a Miramolim. 40
- V — Das cousas em que El-Rei D. Sancho nos primeiros annos logo entendeu de seu Reinado, e como neste tempo a Santa Cidade de Jerusaleem foi dos infieis tomada, e do que El-

Rei sobre esto fez.....	45
VI — Como a segunda passagem que por soccorro da Casã Santa se fez, e o que della succedeu.....	49
VII — Do que El-Rei D. Sancho fez depois da escuza dultra mar, e como foi cercar Serpa, e depois a cidade de Silves, que era de Mouros.....	53
VIII — De como a gente de Portugal, e a dos Estrangeiros chegaram a Silves, e lhe puzeram cerco, e deram o primeiro combate.....	56
IX — Como El-Rei D. Sancho chegou com sua gente por terra a Silves, e da outra sua que tambem foi por mar, e dos combates que logo se deram.....	58
X — De como foi combatida, e tomada a cou-raça da Cidade em que estava a mais seguran-ça, e maior reparo dos Mouros.....	60
XI — Dos mais Combates, que succederam, e como os da Cidade por força se renderam a partido, e a cobraram.....	64
XII — De uma entrada que um D. Pedro Fernandes de Castro dito o Castellão, sendo lançado com os Mouros fez em Portugal, e de como foi preso, e os Mouros com que entrou desbaratados.....	70
XIII — Das causas, e imisades ante os de Castro, e de Lara, por cuja causa este D. Pedro Fernandes de Castro entrou em Portugal em tempo del-Rei D. Sancho, que era neto do Conde D. Anrique de Lara, filho de Dona Mofalda, molher del-Rei D. Affonso Anriques, sua filha.....	72
XIV — Como El-Rei Jacobaboym Çafim Mi-ramolim de Marrocos com grande poder de	

gente de Reis Mouros entrou em Portugal . . .	77
XV — Do cazamento del-Rei D. Sancho, e dos filhos, e filhas que teve assi legitimos como bastardos	80
XVI — Das cousas, que a El-Rei D. Sancho em seu Reino socederam despois do apartamento da Rainha Dona Thareja sua filha até seu falecimento	100
XVII — Do falecimento del-Rei D. Sancho, e de seu Testamento, e de algumas cousas, e obras que fez	102
XVIII — De alguns Lugares, que El-Rei D. Sancho novamente fundou, e fez, e a que deu foraes	106

OBRAS PUBLICADAS

I — HISTORIA DO CERCO DE DIU, por <i>Lopo de Sousa Coutinho</i> , 1 volume	400
II — HISTORIA DO CERCO DE MAZAGÃO, por <i>Agostinho Gavy de Mendonça</i> , 1 volume	400
III — ETHIOPIA ORIENTAL, por <i>Fr. João dos Santos</i> , 2 grossos volumes	1\$500
IV — O INFANTE D. PEDRO, chronica inédita por <i>Gaspar Dias de Landim</i> , 3 volumes	700
V — CHRONICA D'EL-REI D. PEDRO I, (O CRU OU JUSTICEIRO) por <i>Fernão Lopes</i> , 1 volume	400
VI — CHRONICA D'EL-REI D. FERNANDO, por <i>Fernão Lopes</i> , 3 volumes	1\$200
VII — CHRONICA D'EL-REI D. JOÃO I, por <i>Fernão Lopes</i> , 7 volumes	2\$800
VIII — CHRONICA D'EL-REI D. JOÃO I, por <i>Gomes Eannes d'Azurara</i> , VOL. I, II E III (VIII, IX E XI)	1\$200
IX — DOIS CAPITÃES DA INDIA, por <i>Luciano Cordeiro</i> , 1 volume	400
X — ARTE DA CAÇA DE ALTERNARIA, por <i>Diogo Fernandes Ferreira</i> , 2 volumes	800
XI — APOLOGOS DIALOGAES, por <i>D. Francisco Manuel de Mello</i> , 3 volumes	1\$200
XII — CHRONICA D'EL-REI D. DUARTE, por <i>Ruy de Pina</i> , 1 volume	400
XIII — CHRONICA D'EL-REI D. AFFONSO V, por <i>Ruy de Pina</i> , 3 volumes	1\$200
XIV — CHRONICA D'EL-REI D. JOÃO II, por <i>Garcia de Resende</i> , 3 volumes	1\$500
XV — VIDA DE D. PAULO DE LIMA PEREIRA, por <i>Diogo do Couto</i> , 1 volume	500
XVI — CHRONICA D'EL-REI D. SEBASTIÃO, por <i>Fr. Bernardo da Cruz</i> , 2 volumes ..	1\$000
XVII — JORNADA DE AFRICA, por <i>Jeronymo de Mendonça</i> , 2 volumes	800
XVIII — HISTORIA TRAGICO-MARITIMA, por <i>Bernardo Gomes de Brito</i> . VOL I A X	3\$800
XIX — JORNADA DE ANTONIO D'ALBUQUERQUE COELHO, por <i>João Tavares de Vellez Guerreiro</i> , 1 volume ..	600
XX — CHRONICA D'EL-REI D AFFONSO HENRIQUES, por <i>Duarte Galvão</i> , 1 volume	600
XXI — CRONICA D'EL-REI D SANCHO I, por <i>Ruy de Pina</i> , 1 volume	400

EM PUBLICAÇÃO

A TRAGICO-MARITIMA, por *Bernardo Gomes de Brito*, VOL. XI

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

(VOLUME LIII)

CHRONICAS

DE

EL-REI D. AFFONSO II

E DE

EL-REI D. SANCHO II

POR

RUY DE PINA



ESCRITORIO

147=RUA DOS RETROZEIROS=147

LISBOA

1906

BIBLIOTHECA
DE
Classicos Portuguezes
Proprietario e fundador
MELLO D'AZEVEDO

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

(VOLUME LIII)

CHRONICA
DE
EL-REI D. AFFONSO II

POR

RUY DE PINA



ESCRITORIO
147=RUA DOS RETROZEIROS=147
LISBOA

1906

CHRONICA

DO MUITO ALTO, E MUITO ESCLARECIDO PRINCIPE

D. AFFONSO II.

TERCEIRO REY DE PORTUGAL,

COMPOSTA

POR RUY DE PINA,

Fidalgo da Casa Real, e Chronista Mór do Reyno.

FIELMENTE COPIADA DE SEU ORIGINAL,

Que se conserva no Archivo Real da Torre do Tombo.

OFFERECIDA

A' MAGESTADE SEMPRE AUGUSTA DELREI

D. JOAÕ V.

NOSSO SENHOR

POR MIGUEL LOPES FERREYRA



LISBOA OCCIDENTAL.

Na Officina FERREYRIANA.

M.DCC.XXVII.

Com todas as licenças necessarias.

AO EXCELLENTISSIMO SENHOR

FERNÃO TELLES DA SILVA

MARQUEZ DE ALEGRETE DOS CONCELHOS DE ESTADO, e Guerra del-Rei Nosso Senhor, Gentil homem de sua Camara, Vêdor de sua fazenda, seu Embaixador extraordinario na Corte de Vienna, ao Serenissimo Emperador José, Conductor da Serenissima Rainha Nossa Senhora a estes Reinos, Academico, e Censor da Academia Real da Historia Portuguesa, &c.

TERCEIRA vez busco a V. Excellencia como protector, e amparo commum dos que servem a Patria. A benignidade natural de V. Excellencia tem a culpa desta repetição. Offereço a V. Excellencia esta Chronica del-Rei D. Affonso II chamado vulgarmente o *Gordo*, para que V. Excellencia se digne de a pôr na Real presença de Sua Magestade. Espero que lembrado V. Excellencia de já me haver feito duas vezes este mesmo beneficio, mo queira continuar agora, porque é certo que suprirá a grandeza da Pessoa de V. Excellencia o que eu não mereço. A Excellentissima Pessoa de V. Excellencia guarde Deos muitos annos.

Criado de V. Excellencia

Miguel Lopes Ferreira.

PROLOGO

AO LEITOR

Não te admires vendo uma Chronica tão pequena de um Rei tão grande. Em oito capitulos a deo por acabada o seu Chronista, ou o reformador da sua Chronica antiga. Mas aqui é que se ha de estimar o livro pelo pezo, e não pelo volume. Verás nesta Chronica o que podem as paixões; verás o zelo da Religião obrigando a um Principe a entrar na campanha quando a sua demasiada corpulencia que lhe deo o nome *de Gordo*, justamente o desobrigava de tão violento exercicio; mas o augmento da Fé o fazia esquecer dos impedimentos da natureza. Verás como no seu tempo vieram miraculosamente para a Cidade de Coimbra as Reliquias dos cinco Religiosos de São Francisco, que pela Fé deram o sangue em Marrocos, e verás como o mesmo Rei pessoalmente os foi receber. Lê, e não te mostres ingrato ao meu cuidado que não cessa de procurar modos de satisfazer á tua curiosidade, como brevemente o verás.

Vale.

LICENÇAS

DO

SANTO OFFICIO

Approvação do Reverendissimo Padre Mestre D. Antonio Caetano de Sousa, Clerigo Regular da Divina Providencia, Qualificador do Santo Officio, e Academico do Numero da Academia Real da Historia Portuguesa

EMINENTISSIMO SENHOR

ESTA Chronica del-Rei D. Affonso II que V. Eminencia me manda ver, que anda em nome de Ruy de Pina Chronista mór em tempo de El Rei D. Manoel, e agora manda imprimir Miguel Lopes Ferreira, depois de passados dous seculos, não contem cousa alguma contra a nossa Santa Fé, ou bons costumes. Não só esta Chronica, mas todas as que temos antigas desde El-Rei D. Affonso I e o Conde D. Henrique seu pai, até El-Rei D. Duarte, con-

forme a observação que tem feito os Eruditos da nossa Historia, todas foram escritas por Fernão Lopes primeiro Chronista mór do Reino, que depois melhorou em estilo o dito Ruy de Pina, e publicou em seu nome, com que agora se imprimiram, com a licença de V. Eminencia, a que não tenho duvida se lhe conceda. Lisboa Occidental na Casa de N. Senhora da Divina Providencia, 8 de Março de 1726.

D. Antonio Caetano de Souza C. R.

Approvação do Reverendissimo Padre Mestre Fr. Vicente das Chagas, Religioso da Provincia de Santo Antonio dos Capuchos, Lente Fubilado na Sagrada Theologia, e Qualificador do Santo Officio, &c.

EMINENTISSIMO SENHOR

Li por ordem de V. Eminencia esta Chronica del-Rei D. Affonso o II. Della consta só a discordia, que houve entre o dito Rei, e suas irmãs, mas ainda assim (depois de obrigado) estudou como se havia de concordar, como concordou, com ellas, sinal de ser Rei sabio, e virtuoso; Sabio como diz Santo Ambrosio: «Lib. 2. de Abraham c. 6. ante medium col. 1013. B. Sapienti pacis, & concordia est studium, imprudenti amica jurgia»; e virtuoso como dá a entender S. João Chrysostomo «Homil. 45. ante a mediū col. 373, D. Ubi concordia, ibi bonorum confluxus, ibi pax, ibi charitas, ibi spiritualis lætitia nullum bellum, nulla rixa, nus quam inimicitior, & contentio». Esta concordia, paz, caridade, alegria espiritual, &c vemos por experiencia neste nosso Reino agora de presente, mas como não ha de ser assim, se temos por Rei o Invitissimo, e Augustissimo Monarcha o Senhor D. João

o V, que Deos guarde por muitos annos, de quem com muita propriedade se pôde dizer o que lá disse Cicero (senão em tudo, em parte) «Orat. 42. pro Rege Dejotaro in princip. num. 1. tom 2. Rex concors, pacificus, fortis, justus, severus, gravis, magnanimus largus, beneficus, liberalis, &c.» Não tem a Chronica cousa contra a Fé, ou bons costumes, e assim julgo que se pôde imprimir. Santo Antonio dos Capuchos, 21 de Março de 1726.

Fr. Vicente das Chagas.

VISTAS as informações, pode-se imprimir a Chronica del-Rei D. Affonso II e depois de impressa tornará para se conferir, e dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa Occidental, 22 de Março de 1726.

Rocha, Fr. Lancaestre. Teixeira. Silva. Cabedo.

DO ORDINARIO

Approvação do Reverendissimo Padre Mestre D. José Barbosa Clerigo Regular da Divina Providencia, Examinador das Tres Ordens Militares, Chronista da Serenissima Casa de Bragança, e Academico do Numero da Academia Real da Historia Portuguesa

ILLUSTRISSIMO E REVERENDISSIMO SENHOR

POR mandado de V. Illustrissima vi a Chronica del-Rei D. Affonso II que escreveo Ruy de Pina, e nella não achei por onde se não lhe deva dar a licença para se imprimir. V. Illustrissima ordenará o que for servido. Nesta Caza de N. Senhora da Divina Providencia, 18 de Agosto de 1726.

D. José Barbosa C. R.

VISFA a informação pode-se imprimir a Chronica de que se trata, e depois de impressa tornará para se conferir, e dar licença que corra sem a qual não correrá. Lisboa Occidental, 27 de Setembro de 1726.

D. J. A. L.

DO PAÇO

Approvação do Reverendo Beneficiado Diogo Barbosa Machado Presbytero do Habito de S. Pedro, e Academico do Numero da Academia Real da Historia Portugueza

SENHOR

OBEDECENDO ao Real preceito de V. Magestade, li a Chronica do Serenissimo Rei D. Afonso II do nome, e terceiro Rei de Portugal, composta por Ruy de Pina Chronista mór deste Reino, e Guarda mór da Torre do Tombo, um dos mais diligentes Escretores, que venerou a sua idade. Nella, como em pequeno mappa recopilou este Author parte das heroicas acções, que exercitou aquella Princi-

pe, cujo coração foi sempre animado pelos espiritos marciaes, que com a Coroa herdara de seus augustissimos Predecessoros, illustrando a sua Real purpura não com o barbaro sangue Mauritano, derramado na famosa conquista de Alcacere, como inferior á sua grandeza, mas com aquelle que sagradamente prodigos verteram em obsequio da Religião sobre as aras do Martyrio cinco heroicos Soldados nas adustas campanhas de Marrocos, que sendo benevolmente hospedados em Coimbra, e Alemquer pela generosa piedade da Rainha Dona Urraca, e da Ifanta Dona Sancha, uma Esposa, e outra Irmã deste Monarcha, quizeram satisfazer aquella piedosa hospitalidade com a posse das suas sagradas cinzas conduzidas ao Real Convento de Santa Cruz de Coimbra pelo fervoroso zelo do Ifante D. Pedro. Certamente agora recebe nova gloria, e maior esplendor o nome não só daquelle Principe, mas ainda do seu Chronista, pois se faz publica, e patente aos olhos do mundo uma Historia, que ha mais de dous Seculos estava occulta nos Archivos, e n.ªs Bibliothecas, e ainda que era conhecida por alguns eruditos, não tinha a fortuna de lograr o beneficio da luz publica eternizada nos caracteres da Impressão mais perduraveis, que aquelles, que a vaidade dos homens abriu nos marmores, e esculpio nos bronzes. Desta tão grande, e tão heroica felicidade o unico, e Soberano Author é V. Magestade, pois com a altissima providencia, com que criou a Academia da Historia Portugueza intruduzio nova vida no corpo historico desta Monarchia, que jazia sepultado nas injuriosas cinzas do esquecimento. Erigio um Capitolio litterario para nelle se coroarem os Varões benemeritos da immortalidade. Abriu uma douta Officina para se lavrarem as Estatuas aos Heroès Portuguezes. Correo as cortinas ao veneravel Santuario das anti-

guidades Ecclesiasticas desta Coroa. Descobrio os thesouros da erudição Historica atégora fechados á perspicacia de muitos engenhos. Declarou formidavel guerra ao Imperio da ignorancia, e fez communicavel a todo o genero de pessoas o commercio das Letras. Toda esta gloria estava mysteriosamente reservada para o feliz reinado de V. Magestade, pois não lhe bastando para complemento da sua Real grandeza o suave dominio, que tem nos corações de seus vassallos, o quiz tambem dilatar aos entendimentos, como parte mais nobre, e superior de todo o homem. Animados com os generosos alentos, com que V. Magestade inspira, e protege as Sciencias, são innumeraveis os Escritores, que com judiciosa critica, e vastissima erudição tem publicado os partos de seus secundos engenhos, não sendo inferior a estes a zelozia diligencia com que Miguel Lopes Ferreira se empenhou em obsequio deste Reino a mandar imprimir as Chronicas dos Reaes Predecessores de V. Magestade das quaes é esta a Terceira, sendo igualmente digno da attenção de V. Magestade o seu zelo com que pretende eternizar as glorias desta Monarchia, como benemerito da licença este livro pelo nome de seu author. V. Magestade ordenará o que for servido. Lisboa Occidental 20 de Março de 1727.

Diogo Barbosa Machado.

Que se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impressa torne á meza para se conferir, e taxar, e dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa Occidental 5 de Junho de 1727.

*Marques P. Pereira. Galvão. Oliveira. Teixeira.
Bonicho.*



Coronica do muito alto, e esclarecido Príncipe D. Affonso II, terceiro Rei de Portugal

CAPITULO I

Como o Ifante Dom Affonso foi alevantado por Rei e como foi cazado, e com quem, e que filhos legitimos houve

EL-REI Dom Sancho de louvada memoria deste nome o primeiro, e dos Reis de Portugal o segundo, faleceo em Coimbra na era de N. Senhor de mil e duzentos e doze ; (1212) o Príncipe Dom Affonso como primogenito, e herdeiro foi logo alevantado, e obedecido por Rei, em idade de vinte e cinco annos, havendo já quatro annos que era cazado com a Rainha Dona Orraca filha legitima del-Rei Dom Affonso deste nome o noveno de Castella, e neste tempo sendo Ifante, depois que sua idade o premitio, e em Reinando El-Rei Dom Sancho seu padre, foi com elle em muitas cousas notaveis, e grandes feitos darmas, que naquelles tempos concorreram, em que por

seu corpo, e braço assi o fez sempre como bom, e esforçado Cavalleiro, que bem pareceo ser filho, e neto do pai de que descendia, e para claramente se ver que a Real Caza de Portugal dantigamente foi liada, e conjunta em sangue com todas as Cazas de todos os Reis, e Principes Christãos, é de saber, que El-Rei Dom Affonso noveno de Castella, sogro deste Rei Dom Affonso de Portugal foi cazado com a Rainha Dona Lianor filha del-Rei Dom Anrique Dinglaterra, e della houve dous filhos, e cinco filhas; todos legitimos, a saber, dous filhos o Ifante Dom Fernando primeiro, e herdeiro, que em idade de dezaseis annos sem ser cazado faleceo em vida de seu pai antes um pouco da batalha das Naves de Tolosa, e o Ifante Dom Anrique, que apoz elle depois de sua morte o soccedeo, e sem leixar herdeiro, que o soccedesse faleceo mui moço, como atraz na Coronica del-Rei D. Sanchó é declarado, e das cinco filhas que houve uma foi a Ifanta Dona Constança primeira Senhora do Mosteiro das Holgas de Burgos, que El-Rei seu padre novamente fundou, onde ella falleceo sem cazar, e as outras quatro filhas foram Rainhas, a saber, a Rainha Dona Branca, filha maior, que cazou com El-Rei Luis de França, filho del-Rei Felipe, o que disseram Augusto, e houveram herdeiro de França El-Rei São Luis, e outros filhos, e a segunda Rainha, foi Dona Lianor, que foi cazada com El-Rei Dom James, deste nome o primeiro Rei de Aragão, de que houve filho o Ifante D. Affonso, que faleceo moço, e não Reinou, e a terceira filha foi a Rainha Dona Biringela mulher del-Rei Dom Affonso de Lião de que houve filhos El-Rei Dom Fernando Rei de Castella, e de Lião, que dizem o Santo, e o que ganhou dos Mouros Cordova, e Sevilha, e muita parte Dandaluzia, e o Ifante Dom Affonso de Molina, como na Co-

ronica del-Rei Dom Sancho brevemente se disse, e na Coronica de Castella mais largamente se contem.

E a quarta filha foi a Rainha Dona Orraca molher deste Rei Dom Affonso de Portugal de que houveram dous filhos, e uma filha a saber, o Ifante D. Sancho o que disseram o Capello, que a poz elle logo Reinou, e o Ifante Dom Affonso que foi Conde de Bolonha em França, que apoz Dom Sancho por não ter legitimo herdeiro tambem Reinou em Portugal, e o Ifante Dom Fernando, que se disse Ifante de Serpa, e segundo se brevemente acha, este cazou em Castella com Sancha Fernandes, filha de Dom Fernando, de que houve uma filha chamada Dona Lianor, que foi depois cazada com El-Rei de Dacia, e lá faleceo sem filhos, e houve mais o dito Rei Dom Affonso da Rainha Dona Orraca sua molher a Ifanta Dona Lianor, que cazou com o filho herdeiro del-Rei de Dinamarca, que depois da morte de seu padre herdou o Reino, mas quando, e como, e por quem estes Ifantes Dom Fernando, e Dona Lianor cazaram, não se acha escrito, sómente parece que segundo o pouco tempo que El-Rei Dom Affonso seu padre viveo, que elles cazaram depois de sua morte, e por aderencias das Cazas Reaes de França, e Dingtlaterra, com que por sangue eram mui conjuntos.

E não dou muita fé, nem authoridade ao que destas Rainhas Dona Orraca de Portugal, e Dona Branca de França vulgarmente se diz, e alguns escreveram, que os Embaixadores del-Rei de França, e del-Rei de Portugal, que juntamente vieram a Castella a requerer cazamentos destas Rainhas filhas del-Rei Dom Affonso, que os de França quizeram antes a Dona Branca, posto que era mais moça, e de menos estima, e leixaram a Portugal Dona Orraca por ser nome feo, para França, por que isto tem duas gran-

des contradições, a primeira que a Rainha Dona Branca não era a mais moça, mas a mais velha, e nas contendias, que depois houve antre os Reis de França, e Castella, sobre soçessão de Castella, que vinha de filhas, e não de filhos, se prova isto muito craro, porque El-Rei São Luis de França pertendia ter direito em Castella, por ser filho da Rainha Dona Branca, filha maior del-Rei Dom Affonso noveno, e queria excludir a El Rei D. Affonso deste nome o decimo de Castella, filho del-Rei Dom Fernando, neto da Rainha Dona Biringela, por ser filha menor del-Rei D. Affonso noveno, e se a Rainha Dona Orraca fora filha maior, este direito pertencia a El-Rei Dom Sancho Capelo, e a El-Rei D. Affonso Conde de Bologna, Reis de Portugal, e filhos da dita Rainha Dona Orraca, o que não foi, e a segunda contradição é que este nome Dona Orraca era nome a Rainhas mui costumado, e de muita estima, e tal de que se muitas honraram, e leixando outras muitas, estas que me aqui occorrem apontarei, a mãe do Emperador Despanha D. Affonso deste nome o outavo de Castella, e molher do Conde Dom Reymão de Tolosa havia nome Dona Orraca, que foi a Rainha Despanha, e a Rainha de Lião, molher del-Rei Dom Fernando, e filha del-Rei Dom Affonso Anriques, tambem havia nome Dona Orraca, que foi Princeza mui singular, e a molher de Dom Reymão Conde de Barcelona, e Rei de Aragão, que era da Caza, e Reino de França, que no mesmo Reino havia nome Dona Prona, e mudou o nome, escolhendo outro por melhor, se chamou Dona Orraca, e desta veo D. Affonso deste nome o segundo Rei Daragão, e a Rainha Dona Doce molher del-Rei D. Sancho de Portugal, de que em sua Cronica se disse.

CAPITULO II

Das desavenças que houve antre El-Rei D. Affonso, e as Ifantes suas irmãs, e da guerra que sobre esso se moveo

No primeiro anno do Reinado deste Rei Dom Affonso de Portugal, era o prazo da batalha das Naves de Toloza, que El-Rei Dom Affonso seu sogro tinha posto com Mirabolim de Marrocos, filho de outro Mirabolim, que fora vencedor na outra batalha Delharcos, para que o Papa concedeo geral Cruzada, que o Ifante D. Fernando primogenito herdeiro do dito Rei D. Affonso em pessoa foi pedir, e trouxe de Roma, e logo faleceo, como já disse, e por ganharem os perdões, e remissões de peccados grandes outros Senhores, e outras muitas e nobres gentes de toda Christandade vieram a esta batalha em pessoas á qual não se acha, que fosse em pessoa este Rei Dom Affonso de Portugal, mas que enviou gentes suas, e a cauza delle não ir em pessoa, diz, que foi porque neste proprio anno começou de Reinar em Portugal, e assi por bolços, e desassocegos que dantre elle, e suas irmãs se moveram, como ao diante se dirá. E este Rei Dom Affonso de Castella ao tempo desta batalha era de cincoenta e seis annos, e no anno seguinte tendo Cortes em Burgos, se diz que mandou a ellas chamar a este Rei de Portugal seu genro, ás quaes elle não quiz ir, e elle anojado desso, determinou fazer-lhe guerra, e tomar-lhe os Reinos se podesse, e que com este fundamento indo para Prazença adoceco no termo de Revaldo em uma Aldea, que se diz Martim Manhos, e ahi faleceo, e foi dahi levado, e sepultado no Moea-

teiro das Holgas de Burgos, que elle novamente fundou, e outros dizem que vinha para se ver no extremo de Portugal com seu genro para o aconselhar em suas couzas, e debates em que andava, com suas irmãs, e que todavia faleceo no dito lugar, porque tambem este Rei Dom Affonso de Portugal logo como Reinou não lhe faleceram grandes necessidades, e afrontas de excommunhões do Papa, e de guerras, e desavenças que houve com suas irmãs a Rainha Dona Tareja, molher que fora del-Rei Dom Affonso de Lião, e da Infante Dona Sancha, de que a cauza brevemente foi esta.

El-Rei Dom Sancho, como em sua Coronica disse, leixou em seu testamento á Rainha Dona Tareja, sua filha, que fora cazada com o dito Rei Dom Affonso de Lião, a Villa de Monte mór o Velho, e Esgueira, e mais dez mil maravedis douro, e certa prata, e que se ella morresse, que houvesse estes Lugares a Infante Dona Branca sua irmã della, e leixou á Infante Dona Sancha a Villa Dalanquer, e dez mil maravedis douro, e tambem prata, e que se ella falecesse, que houvesse a Villa a Infante Biringela sua irmã, das quaes Villas, e cousas ellas houveram a posse, e as tinham ; mas El-Rei Dom Affonso seu irmão em caso que fosse contra seu juramento, e menagem, não quiz estar inteiramente pelo testamento del-Rei seu padre, antes como Reinou logo pedio as ditas Villas, e Fortalezas a suas irmãs, dizendo : «Que El Rei seu padre lhas não podia dar, que era em mui grande diminuição do Reino, e que era sobresso concedido privilegio do Papa Alexandre Terceiro, por o qual as cousas do Reino senão podiam dar a alguma pessoa nem emlhear, e que assás lhe leixara a ellas nos maravedis douro, e prata de seu testamento com outras cousas, que tinham de suas fazendas.

E sobre este requerimento El-Rei, e a Rainha, e as

Ifantes suas irmãs por lhe darem reposta, pediram dias de liberação, dentro dos quais ellas se recolheram logo com a Ifante Dona Branca sua irmã ao Castello de Monte mór, e o basteceram, e fortalezaram, e deshi se emviaram logo aggravar ao Papa Innocencio III que ficára por executor do testamento del-Rei seu pai, e por esso lhe leixou o dito Rei D. Sancho seu pai cem marcos douro, e assi o fizeram ellas mais saber ao dito Rei de Lião com que a dita Rainha Dona Tareja fora cazada, e era apartada delle pela Egreja, de que houveram logo ajuda, e soccorro, a que por seu mandado veo logo o Ifante Dom Pedro seu irmão dellas filho del-Rei Dom Sancho o que depois passou a Marrocos, e trouxe aos ossos dos Martyres, e assi veio ao dito soccorro, e ajuda o Ifante Dom Fernando filho da dita Rainha Dona Tareja, e del-Rei Dom Affonso de Lião, e assi veo em sua companhia Dom Pedro Fernandes de Castro o Castellão, aquelle que em companhia dos Mouros foi prezo em Portugal, e logo solto, e depois passou, e morreo em Marrocos, e com alle veo muita gente, que foi nos estremos de Portugal, donde enviaram ás ditas Villas, e Fortalezas de Monte mór, e Alanquer aquella que comprio para defenção dos Castellos, e para resistencia del-Rei Dom Affonso de Portugal, o qual por sentir muito o insulto tamanho dos estranhos, e tão grande desobediencia dos seus naturaes, veo logo á dita Villa de Monte mór, e por algumas vezes requireo a suas irmãs, e principalmente a Dona Tareja, cuja era, que houvesse por bem de desistir de seu alevantamento, e quizesse que o Castello se entregasse a algum homem de que ambos se confiassem para o ter em boa guarda, e fieldade, e que de sua fazenda delle lhe faria dar todas dispezas, e mantimentos para esso necessarios, e que este arrecadasse inteiramente para ella todas as

rendas, e direitos da Villa, mas que as menagens fossem feitas a elle, o que ella nunca quiz fazer, antes se diz que consentio, que os de dentro em desprezo, e por injuria del-Rei seu irmão calando o nome do Reino, e del-Rei de Portugal a que deveram acatar, e obededer, envocaram, e chamaram o nome de Lião, que repetiam muitas vezes, e que outro tanto mandou fazer a Ifante Dona Sancha no Castello Dalanquer, e por tanto El-Rei temendo perder os ditos Castellos os mandou cercar, e combater, e com a gente do cerco, que sobreveo se seguiram nelles, e em seus termos pela condição da guerra muitas mortes, e danos de uma parte, e da outra, pelo qual os Ifantes, e Senhores, que com a gente do Reino de Lião, que disse entráram em Portugal tomáram Valença do Minho, e Melgaço, Algozo, e Freixo, e outros Lugares chãos que roubaram, e queimaram, em que fizeram muito mal.

CAPITULO III

Como foi pelo Papa procedido contra El-Rei D. Affonso por causa da contenda que havia com suas irmãs, e como finalmente foram concordados

E SOBRE isso para mais tormento del-Rei Dom Affonso de Portugal vieram de Roma por juizes Delegados do Papa a requerimento das Ifantes o Arcebispo de Santiago, e o Bispo de Çamora, que por El-Rei de Portugal ir contra o testamento del-Rei seu padre, e por não desistir do cerco, que tinha posto aos Castellos de Monte mór, e Alanquer, excommungou sua pessoa, e pozeram entredicto geral em todo o Reino, exceituaram sómente as ditas

Ifantes, e seus sequazes, e servidores, sobre o qual El-Rei Dom Affonso com rezões, e cousas que achou, e lhe aconselharam de sua justiça se enviou destes procedimentos querelar, e aggravar ao Papa, e pedir emenda del-Rei de Lião, e dos que tinham as Villas, e Castelllos de seus reinos forçados, e nelles feitos muitos danos, alegando sobre esso a pouca justiça que suas irmãs tinham nas Villas, e Castelllos de seu Reino, com que se levantáram, e dando outras rezões, porque entendia ser relevado da culpa que lhe dava dizendo por sua escuza, que o não obrigava o juramento, e menagens, que fizera de comprir o testamento del-Rei Dom Sancho seu padre, porque o fizera forçado, e por não ser deserdado do Reino, e mais que a esse tempo seu pai não estava em todo seu sizo, e entender verdadeiro, pois tanto contra justiça fizera tamanho enlheamento das cousas do Reino, que não podia fazer.

E o Papa por seu respeito cometeu este negocio aos Abbades Despina, e Vicarria, que fez Juizes Commissairos, os quais vieram a Coimbra onde sobre segurança já praticada, e antre todos concordada, foram tambem juntos El-Rei Dom Affonso, e suas irmãs em pessoas a que os Juizes deram solene juramento porque prometeram estarem todos á obediencia, e detreminação de todo o que elles em nome do Papa ácerca de seus negocios detreminassem, e mandassem, e por este juramento, e promessa que se fez El-Rei, e os seus foram da excommunhão ausolutos, e alevantado o antredicto do Reino. Os Commissairos pozeram antre elles treguas, e seguridade, que todos prometeram guardar, até o Papa finalmente detreminar suas contendas, e debates, e algumas condições das tregoas principaes, eram que os de uma parte, e da outra podessem livremente andar, e tratar por as ter-

ras chans uns dos outros, mas que nas Villas, e Castellos cercados não entrassem sem licença dos Senhores dellas, e que tudo podessem, uns e outros comprar, e vender salvo armas, e cavallos, e que ellas Infantes em algum seu Lugar de Portugal não podessem mandar lavrar moeda douro, prata, nem dalgum metal, que quatro Cavalleiros principais da parte del-Rei jurassem que se El-Rei não guardasse as tregoaas que cada um delles com cinco Cavalleiros mais servissem as Infantes contra El-Rei e cada uma das Infantes desse outros tantos por si, que com esta condição servissem a El-Rei contra ellas, e mais que El-Rei desse cem homens cazados, e honrados de Coimbra, e que todos lhe fizessem, e pagassem foro, e outros cento semelhantes de Santarem, que jurassem todos fazer sempre comprir esta tregoa, e que não a comprindo El-Rei, que servissem ás Infantes contra El-Rei, e que ellas por sua parte dessem outros taes, a saber: cento Dalanquer, e cento de Monte mór, para que se ellas não comprissem a tregoa, que servissem a El-Rei contra ellas, e que neste tempo uns, e outros, não cercassem Villas, nem Castellos, nem se fizesse algum mal, sopena de excomunhão, e antredicto, em que elles, e todos los ajudadores, e favorecedores ipso facto encorressem, e com mandado estreito aos Prelados do Reino, que a cada um assi como lhes tocasse as sentenças dos ditos alegados fizessem inteiramente comprir, e executar até o Papa finalmente as aprovar, ou emendar como fosse justiça.

Esta tregoa, se fez em Coimbra na era de nosso Senhor de mil e duzentos e quatorze annos, (1214) dous annos depois que El-Rei começou a Reinar, e logo ahi se fulminou e principiou processo em que a Rainha, e a Infante cada uma per si segundo os danos que del-Rei seu irmão tinham recebidos, e pelas injurias, e ma-

les, que no cerco padeceram, pediam contra elle restituição, e assi segurança perpetua de suas Villas, e Castelllos, e gram soma de maravedis, que naquelle tempo era moeda douro assi geral, e praticada como neste agora são na Europa os cruzados, e ducados, porque sessenta delles faziam um marco douro, como já em outras partes tenho dito, e ás petições das ditas Senhoras, veo El-Rei por seu procurador com exceições, e contrariedades, e compensações sobre que de uma parte, e da outra foi dito, e assás alegado, e sobre seus alegados foi o feito concruzo, e os Juizes remeteram a publicação da final sentença para Melgaço, Castello de Portugal no extremo de Galiza, a que mandaram que El-Rei, e as Ifantes fossem por si, ou por seus procuradores, onde no Maio seguinte a publicaram, e foi El-Rei condemnado por a dita sentença em grande soma de dinheiro, e doutras emendas, e depois que passou o termo para a paga, assinado, pozeram em El-Rei sentença Dexcommunhão, e assi antredito em todo o Reino, de que logo apelou, e depois de muitos debates, e delongas, que em Roma, e Espanha sobre este caso passaram, que não fazem a realidade da Estoria, finalmente El-Rei, e as irmãs se concordaram por maneira, que as Villas de Monte mór, e Alanquer ficaram com ellas segundo a disposição do testamento del-Rei Dom Sancho seu pai, e as Villas e Castelllos, e terras de Portugal, que El-Rei de Lião tinha tomadas foram entregues, e restituidas a El-Rei Dom Affonso. No qual meio tempo que durou esta divisão, e discordia uns e os outros fizeram grandes, e danosas entradas, e muitos roubos nos Reinos, uns dos outros, em que houve pelepas particulares sem alguma façanha de notar, cuja longa, e expressa declaração não ponho ora; porque para a sustancia da Estoria não é muito necessaria.

CAPITULO IV

Do fundamento que houve para Alcacere do Sal, que era de Mouros, ser cercado, e tomado dos Christãos, e do Bispo de Lisboa principalmente

Nos primeiros cinco annos que El-Rei Dom Affonso Reinou não se acha, que socedessem outras cousas, salvo as desavenças, e desacordos em que andou com suas irmãs, e irmãos- e assi a guerra com El-Rei de Lião, e com suas gentes como já disse, e passados os ditos cinco annos, e andando a era de nosso Senhor em mil e duzentos e dezasete annos os Christãos, que estavam na conquista dultra már por defenção, e recobramento da Terra Santa, tinham muitas necessidades de concorrer ás cruas guerras, e cercos apertados, que dos Infieis padeciam, para o que os Summos Pontifice convocavam, e requeriam todolos fieis Christãos de todas as nações, e vindo por mar a este soccorro muitas gentes Dalemães, e Framengos, e outras de contra o Norte fizeram todos uma frota de cento e cincoenta naos de que eram Capitães principaes Iliquino, Conde Dolanda, e Georgeo, Conde de Frisa, com que iam outros Senhores, e grandes homens, e sendo em mar, em través de Portugal para demandarem o estreito de Cibraltar deu na frota tão grande, e tão contraria tromenta, que algumas naos dellas se perderam, e outras correram ao Cabo de S. Vicente até a Villa de Farão, a qual com toda a Comarca, e Reino do Algarve ainda eram Mouros, e porque o vento contrairo, e assi a terra de imigos, em que estavam, não lhes traçavam bem para sua segurança, elles para dos danos, e perdas recebidas se poderem melhor reparar

fizeram volta, com fundamento de se virem ao porto de Lisboa.

Sendo outra vez em mar, deu nelles outra tromenta mais aspera, e de maior perigo que a primeira, em que já tambem perderam algumas naos com toda a gente que nellas vinha, e a outra frota depois que a tromenta cessou, e sobreveo bom vento de viagem, entrou toda via, e veo surgir ante a Cidade de Lisboa, e os Capitães della assás tristes, e anojados, pelas grandes perdas de gentes, e doutras cousas, que no mar tinham perdidas, e sahindo logo Capitães com pouca gente em terra, o Bispo, que então era de Lisboa chamado Dom Matheus, sabendo que eram Christãos os recebeo, e tratou com muita honra, e bom acolhimento, segundo a bondade de uns, e as necessidades dos outros requeria, de que o Bispo logo soube o proposito com que vinham, que era por soccorro, e ajuda da Caza Santa. E dahi a poucos dias este Bispo de Lisboa porque era Prelado de mui bom espirito, e-grande coração, depois de ter juntos com seus rogos, e boa humanidade os principaes destes Estrangeiros lhe disse.

«Honrados, e devotos Senhores, Deos sabe que a mim peza muito de todolos nojos infortunios, que passastes, e o remedio por agora não é outro salvo paciencia do passado, e esforço, e bom coração para o que mais vier, vós vedes bem, quanto vos é contrario o tempo para seguides vossa proposta viagem, e desto por vossos Pilotos, e mariantes podeis ser melhor certificados, pôde ser, e eu assi o creio, que Deos o premite assi para alguma cousa de seu louvor, e serviço, e tambem de nossas honras, e proveito, e esto digo porque aqui junto ha um Castello em poder de Mouros, que dizem Alcacere, de que esta terra toda que é de Christãos recebe muito dano; se vos prou-

ver pois este feito, não é estranho doutros, que em-
prendestes, e a que his ajudarnos nelle, assi como ve-
jo que podeis fazer, e com vossa gente, e ajuda de
Deos principalmente, o ganharemos dos infieis, e pois
a obra, e o serviço é de Deos, elle por sua grandeza,
e piedade vos dará delle bom galardão, e nestas cou-
sas sómente que tocam a vossa honra, e salvação,
aconselhai-vos com sizo, e com a devoção, e não com
a vontade carnal, porque assás de vergonhosa cousa
será publicardes pelas bocas bom dezejo para o ser-
vir, e as obras, que são tão possiveis serem disso con-
traíras, e pois o lugar, e tempo se offerecem agora
tão despostos rogo-vos que elles não vos passem com
ociosidade, ca bem creio, que bem sabeis que ella é
fundamento de todolos peccados, e sepultura dos ho-
mens vivos, e corrução de todolos costumes, e pro-
positos virtuosos, e pois em vossos sobre sinaes que
trazeis mostraes serdes devotos, e servidores da Cruz,
assi tambem é rezão que sejais imigos dos imigos del-
la, e vossas mãos fortes deem agora verdadeiro teste-
munho da bondade, e fé de vossos corações, e esta
tomada de Alcacere, para que vos convido, e requiei-
ro, será com a graça de Deos assás possivel, se vós
com vossas pessoas, e frota quizerdes ajudar a nós,
que com outra gente do Reino vos seremos em todo
fieis, e bons companheiros.»

Estas palavras, e outras muitas a estas conformes
disse o Bispo aos Estrangeiros, alguns dos quais de-
pois de haverem antre si seu acordo, e conselho ti-
veram oppinião contraira, e se partiram, e outros, que
foram os mais consentiram na proposição, e requeri-
mento do Bispo, e lhes aprouve ser na ida sobre Al-
cacere.

CAPITULO V

Como Alcacere foi cercado, e com que numero de gente Portuguezes e tambem Estrangeiros

AQUELLES Estrangeiros que foram dacordo com os Portuguezes de irem sobre Alcacere se recolheram logo ás suas naos, e sendo aparelhados do que lhes compria no mez de Setembro, se foram, e seguiram a barra de Setuvel, que neste tempo era Lugar pequeno, e não era cercado, em que pescadores sómente viviam, e da gente de Portugal se acha que foram estes Capitães principaes, a saber este Dom Mateus, Bispo de Lisboa, e Dom Pedro Mestre da Ordem da Cavallaria do Templo, e Dom Mestre Gonçalo, Prior do Espirital, e Martim Barregam, Commendador de Palmella, e estes levaram consigo da terra, Comarca de Lisboa, e de Evora, e de seus termos vinte mil homens, de que os mais eram de pé, e alguns de Cavallo, e não se acha que El-Rei Dom Affonso, que então Reinava em Portugal, fosse neste exercito em pessoa no qual tempo parece que elle deveria ser doente, ou empedido por alguma outra urgente causa, porque não pôde ser neste feito, e haveria por bem, e mandaria que se fizesse prestes, como se fez, ca não é de crer, tamanho feito sem seu mandado, e authoridade se cometesse, e o que se neste caso achou, é que os Estrangeiros em navios, que poderam ir, foram de Setuvel pelo rio acima até junto Dalcacere, onde saindo alguns para tomar uvas, os Mouros, que da sua ida eram já bem avizados, com armas lhe foram resistir, em que houve algum acometimento de peleja, de que um Mouro se diz que fi-

cou morto, e os outros se recolheram ao Castello, e os Estrangeiros surgindo com seus navios mais ávante poseram defronte da Villa suas pranchas, e sem resistencia saíram em terra, e logo elles, e os Portuguezes que já tambem eram chegados, juntos com devida deligencia e resguardo cercaram o Castello de maneira que alguma pessoa não podia sair, nem entrar sem conhecido perigo; mas os Mouros posto que com tanta estreiteza se vissem cercados não mostravam ter por isso desmaio, nem temor, vendo que o Castello em que estavam era de muros, Torres, barreiras, e a cava mui forte, e bem provido, e acalcado de muitas gentes, e armas, e mantimentos para grandes tempos, e por melhor seneficança aos de fora de seu esforço, e confiança, poseram muitas bandeiras por cima do muro de que em sinal de desprezo diziam feas palavras, e davam suas costumadas gritas.

E os Christãos leixaram boa guarda sobre sua frota, que com gentes, e armas ficou no porto bem segura, e sobre isso uns, e outros fizeram logo combater o Castello, e vendo que pela larga, e alta cava com que o muro era em torno valado não poderam bem chegar aos muros, e cortaram tantas arvores de fructo, e juntaram tanto outro mato que sendo igual a cava com a terra de fóra podessem mais sem trabalho chegar aos muros, mas os Mouros aconselhados das necessidades e perigos em que se viam, lançaram de cima tanto fogo, com tantas cousas temperado, que a lenha da cava ardeo logo toda, por cujo impedimento leixaram logo de combater, e apoz esto ordenaram os Christãos um engenho para com pedras destroirem o muro, mas sua fortaleza de dentro era tal, que dos seixos de fóra lhe dava muito pouco, pelo qual tornáram a lançar tanta lenha na cava, com que foi chea, e tal guarda se poz, que não foi dos Mouros

queimada como elles logo tentaram, por cima da qual os Christãos chegados ao muro deram um combate a que os Mouros com seu grande esforço, e muitas armas resistiram de tal maneira, que afastaram os Christãos dos muros, em que de uma parte, e da outra houve assás mortos e feridos

CAPITULO VI

Dos Reis Mouros que vieram por soccorro da Villa de Alcacere, e da primeira batalla que deram, em que foram victoriosos

Os Christãos, que tinham cercado Alcacere, e os Mouros que nelle eram cercados tinham entre si diversos pensamentos, ca uns consultavam engenhos para brevemente tomar, e os outros artificios para se delles pefender, e tambem não leixavam de buscar, e consultar conselhos, e remedios para com soccorro serem descercados, sobre que tinham feitos seus avizos a quatro Reis Mouros, que eram na Espanha, a saber El-Rei de Sevilha, El-Rei de Cordova, El-Rei de Jaem, e El Rei de Badalhouse, os quaes para este soccorro, e descerco foram pôr seu arraial ao lugar que chamam Sitymos, que é uma legoa Dalcacere, de cuja vinda sendo os Christãos logo sabedores foram postos em temeroso pensamento. E não era sem causa, segundo verdadeira certidão que houveram, ca traziam comsigo por terra quinze mil de Cavallo, e pitenta mil de pé, e pelo mar dez Galés bem remadas, e aparelhadas.

Mas aquelle alto Deos, que sobre todos tem o poder, não quiz em tanto perigo e necessidade desemp-

rar os Christãos, que por sua fé emprenderam, sustinham esta demanda, porque por uma sua permissão piadosa arribaram a este porto, tambem na paragem de Setuvel trinta e seis naos de uma Cidade que dizem Trageito, com gentes Christãs, nobres, e de bom esforço, que iam áquella Conquista dultramar, que disse, os quaes em suas bandeiras traziam sinaes de S. Martinho, porque a jurdição daquella terra donde vinham era do Bispo daquella Cidade; da frota era Capitão mór Dom Anrique de Nehusa, o qual leixando suas naos com aquella segurança e resguardo de gente que compria, elle com a outra em bateis, e navios piquenos se foi ao arraial de Alcacere, onde dos Christãos foram com muita alegria de grandes louvores recebidos, e todos logo acordaram de valar o arraial em torno com valos altos e fortes para resistencia dos Reis Mouros, que vinham, e aqui se diz, que alguns Estrangeiros da primeira frota aconselhavam e requeriam aos outros da sua companhia, que se partissem em paz, e não esperassem o perigo da batalha, escuzando sua covardice torpe, com dizerem, que quando de suas terras partiram, seu voto e proposito não foi pelear se não com aquelles infieis que tinham tomada a terra de Jerusalem, e o Santo Sepulchro, e que alguns Portuguezes, em que não havia verdadeira Fé, nem bondade de coração concordavam com elles, dando por voto covarde, que era bem de descercar o Lugar, e leixalo sem contenda, e posto que destes houvesse alguns com suas mostranças de tão vituperada fraqueza, havia porém outros muitos cuja santa, e virtuosa contrariedade esforçou, com que determinaram não descercar o Castello, e confiando em Deos esperar a ventura que lhes viesse, pelo qual fizeram logo seu alardo, e de gente de pé bem armada, e bem disposta para pelear, se diz que acharam comsigo muita, mas gente

de Cavallo se affirma que escassamente refizeram trezentos.

E os Reis Mouros para comprimento do proposito com que vieram, acordaram que com a maior força que nelles houvesse viessem logo ferir no arraial dos Christãos, e que tambem as suas Galés, que tinham já tomada uma nao de Portugal com duzentos homens e jazia na entrada do porto de Setuvel, juntamente puzessem fogo á frota dos Christãos, que jazia sobre amarra, mas os Christãos receosos deste dano, e avisados já para esto, pozeram tal guarda e defenção na frota, que os Mouros o não cometeram, e foi sempre delles segura, e uma segunda feira como foi manhã saíram do arraial dos Mouros cinco de Cavallo correedores, e como chegaram, e viram o assento do arraial dos Christãos logo volveram ao seu, e sobre esto abalou todo junto o seu Exercito em que havia tantas gentes, que toda a terra cobriam, trazendo comsigo tão grande estrondo de alaridos, e gritas, e com tantos sons de trombetas, e outros desvairados instrumentos, que a qualquer coração por abastado de esforço que fora não leixára de tocar de grande medo, e muito espanto, pelo qual os Christãos havendo-o assi por milhor, saíram a elles de suas estancias, postos em suas batalhas ordenadas, e com muita ardidez uns aos outros logo se cometeram, e feriram, em que da uma parte, e da outra houve cruel, e bem ferida peleja com mortes, e feridas de muitos, e daquella vez se diz que os Mouros levaram a vantagem da batalha, com a qual se recolheram em seu arraial.

CAPITULO VII

Da segunda batalha que houve sobre Alcacere, e como os Reis Mouros foram vencidos, e feito grande estrago em suas gentes

Os Christãos vendo para o fim que vieram um começo tão contrairo, e que a força Dalcacere se fazia cada vez mais forte, e a elles tirava toda esperanza de por força o cobrar, não leixávam de murmurar, e apontar que seria bom irem-se, e por aquella vez leixar o cerco, e o Bispo de Lisboa, que na gente dos Christãos era pessoa de mór credito, e mais principal, sentindo na noite seguinte a temerosa e fraca murmuraçã:, que em todo o seu arraial havia, elle em prezença dos mais que por então se poderam ajuntar lhes disse. «Honrados Senhores e amigos, esta desaventura, e grande mal de que todos estaes espantados, não veo sobre vós das forças, nem das armas dos nossos imigos, mas cauzou se da grande presunção, e muita confiança que de vós mesmos e de vossas forças, e multidão de gentes logo tomastes, esquecidos em todo, da só, e principal ajuda de Nosso Senhor, e Salvador Jesu Christo, que se nos agora aqui faleceo foi para o melhor conhecermos, mas pois já aqui viemos, e somos mui fortes para armas, e temos gentes, e estamos bastecidos de mantimentos, não queiraes desconfiar, porque esta aversidade a potencia de Deos a permite para crara esperiencia de maior nossa fé, e mais merecimento de nossas almas, mas brademos, e clamemos de coração ao Senhor Deos, e com efficacia, e devação, que nossas necessidades requerem lhe pessamos que esta sua ira, se contra nós,

por nossos peccados a tem, a queira converter em nossos imigos, e cada um com os gíolhos em terra diga por si como eu digo por mim: Senhor Deos Padre das misericordias, e grande ajudador nas tribulações ex as muitas nações de tantos infieis vieram para nos destruir, pois como duraremos ante a face delles se nos tu D:os não ejudas, e pois assi é Senhor agora não ponham ante ti a lembrança de nossos males e peccados, nem tomes de nós aqui vingança por elles ante estes imigos de tua Santa Fé, tu por tua bondade, e potencia os dá nas mãos, e poder de teus servos, por tal, que os que em ti crem louvem mais o teu Santo nome».

No cabo da qual Oração, que todos devotamente, e com muitas lagrimas o seguiram, se diz que por consolação dos Christãos logo appareceu publicamente no Ceo um maravilhoso sinal por bemaventurado prognostico, a saber, um homem resplandecente, como Sol, e alvo como uma neve, e no peito trazia o sinal da Cruz vermelha mais luzente que as Estrellas, com que os Christãos, que craramente o viram foram mui alegres e esforçados, crendo que Deos era em sua ajuda, e com este prazer e alegria, que geralmente todos conceberam, já com seu temor dormiram assocegados aquella noite, e ao outro dia como foi manhã o Bispo, como era homem em que havia prudencia, e bom esforço, para se não esfriar o alvoroço que sentio nos Christãos com a longura dalgum tempo, falou logo ás gentes do Exercito que o podiam ouvir dizendo: «Senhores amigos bem vistes todos o grande e maravilhoso sinal que para não temermos, e sermos esforçados Deos Nosso Senhor tão publicamente nos quiz mostrar, e por esso já seria muita nossa fraqueza, e grande mingoa de nossa Fé tardarmos mais para a segunda batalha, mas com o esforço de Deos, que te-

mos presente, e com ajuda, e preces dos Santos Martyres Proto, e Jacinto, cujo dia hoje é, vamos logo ferir nos imigos, ca pelo melhoramento da vitoria, que contra nós houveram, agora os acharemos mais repouzados, e menos percebidos».

Pelo qual os Christãos postos em suas batalhas bem concertadas, com grande ousadia, e sem sinal dalgum medo saíram, e foram dar no arraial dos Mouros, e assi duramente os cometeram, e tão cruamente os feriram, e foram tão cortados, e trovados de medo, que parecia não terem armas para pelejar, nem forças para resistir, e desacordados se diz, que elles mesmos uns aos outros se feriam, e matavam, e se espedaçavam com os pés dos Cavallos, e que outros com medo da morte duvidosa a tomavam certa no rio, que era junto em que se lançavam, e afogavam, e vendo-se os Reis Mouros, e suas gentes assi salteados, e vencidos não tendo já alguma esperança em sua resistencia, nem peleja, procuraram buscar sua salvação na fogida, em cujo alcance os Christãos matando, e ferindo seguiram, em que se affirma que dos quatro Reis que alli vieram, dous delles sem se dizer quem eram, foram mortos, e com elles trinta mil Mouros mais, e com esto recolhendo o muito, e mui rico despojo, que acharam no arraial dos Mouros, os Christãos se tornáram mui alegres a seu cerco, que tinham posto sobre a Villa, dando todos muitas graças e louvores ao Padre nosso Senhor, que de sua mão deu esta vitoria, que foi a onze dias de Setembro do sobredito anno de mil duzentos e dezasete annos, (1217) dia dos ditos Martyres Proto, e Jacinto, á certidão da qual vitoria, como foi dada aos infieis, que para este descerco eram em sua frota postos no mar elles desacordados, e tristes se partiram, onde se diz que se perderam alguma parte de seus navios, e de suas gentes assás nelles.

CAPITULO VIII

Como os Christãos combateram e tomaram o Castello Dalcacere

Os Christãos por esta vitoria ficaram alegres, e mui esforçados, depois de consultarem sobre a melhor maneira que teriam para tomar a Villa, fizeram duas escadas grandes, e com gente d'armas que comprio foram logo juntas ao muro para o entram, e comessarem de combater o Castello; mas os Mouros com a necessidade que tinham de salvar suas vidas, dobráram suas forças, pelo qual assi com fogo, com pedras, e traves, e setas, que de cima do muro lançavam, afastaram os Christãos longe do muro, em que da uma parte, e da outra foram muitos mortos, e feridos, e porque os Christãos viram que aquella qualidade de combate por a grande fortaleza, e desposição dos muros lhe não socedia como dezejavam, fizeram logo cavas, e minas por baixo da terra para as poerem debaixo dos muros, e postos em contos os derribarem por fogo; mas os Mouros que desto por avizos, ou por conjeituras foram bem sabedores contraminaram as cavas dos Christãos, e uns, e outros com peleja mui crua se encontraram, em que houve muito sangue derramado, e com grandes fogos, e cousas fumosas que os Mouros fizeram, lançaram os Christãos fora das cavas, e pozeram sobre si segura guarda, pelo qual vendo os Christãos que alguma cousa das cometidas de todo lhes não aproveitava, elles, por conselho, e ordenança do Capitão da frota, que era homem engenhoso, e de bom esforço, fizeram logo duas bastidas de madeira muito fortes, e tão altas que cada uma dellas sobejava por cima das mais altas Tor-

res do Casteilo, donde os combates que nellas pose-ram iam seguros, e não temiam os danos dos Mouros, e com esto, e com outros engenhos que mais orde-naram, e com muitos bésteiros, e frecheiros commet-teram o Castello rijamente por muitos lanços do mu-ro, por cima do qual os Mouros com a força das set-tas, e pedras que lhe lançavam, não ouzavam parecer nem resistir como dantes faziam, e vendo-se fracos de suas forças, e desesperados já em tudo, de todo o soc-corro, e finalmente' porque se não podiam suster, fi-zeram sinal que se queriam render, e sobre seguro, que lhes foi dado, vieram á pratica, e apontamento, em que pediram as vidas, e fazendas, mas as vidas sómente lhe foram outorgadas com segurança das quaes elles abriram as portas do Castello, e assi segu-ros se sahiram, e foram para onde quizeram, e o Al-caide do Castello, que antre elles era a pessoa mais principal, não se quiz ir com os outros, mas acha-se que da tomada da Villa, a tres dias por sua vontade foi bautizado, e tornado Christão, e os outros Mouros que os Christãos acharam pelas Aldeas, e Lugares de redor todos, se diz que sem resistencia morreram a ferro, e os grandes despojos que da batalha passada se recolheram, e na Villa se acharam foram logo igualmente repartidos sem vantagem dalgum, salvo que ao Capitão de fóra, porque por seu conselho e ordenança o cerco fora sempre regido lhe deram mais déz por prezoneiros, que elle tomára.

E porque ao Bispo de Lisboa não foi sobre elles dada alguma vantagem, que bem merecia, o Capitão da frota a que tal escasseza não pareceo bem, por seu conforto lhe disse: «Reverendo Bispo, posto que vós aqui pelo bem recebeis mal, e pela bondade malicia rogo-vos que a estes homens, que tão mal o conhe-cem, e fazem sejais paciente, porque o principal ga-

lardão que por este trabalho mereceis Deos nosso Senhor que é bom, e justo, e porque bem o recebestes volo dará bom no Ceo, e será melhor que este de cousas da terra». E com esto os Estrangeiros se recolheram a suas frotas, e se partiram para onde quizeram, e o Bispo com os senhores Portuguezes, que ao cerco vieram depois de leixarem a Villa afortalezada, e bastecida, como viram que compria, tambem se tornaram para suas terras, e cazas, e esta tomada de Alcacere em tempo deste Rei Dom Affonso II foi em dia de S. Lucas, a dezoito do mez de Outubro da era de nosso Senhor de mil duzentos e dezasete annos, (1217) e dahi a um anno este Rei Dom Affonso com a Rainha Dona Orraca sua molher lhe deo foral que agora tem, como por elle parece.

CAPITULO IX

Como cinco frades Italianos da Ordem de S. Francisco foram a Marrocos a prégar a Fé de Christo, e primeiramente chegaram a Sevilha, que era de Mouros

DESTA tomada Dalcacere até o falecimento Del-Rei Dom Affonso se passáram seis annos, nos quaes se não acha feito que elle fizesse, nem se passasse cousa dina de memoria, salvo que depois em sua vida, e da dita Rainha Dona Orraca sua molher, o Ifante Dom Pedro seu Irmão filho tambem legitimo del-Rei Dom Sancho trouxe a Coimbra os ossos dos cinco Frades Menores, que em Marrocos morreram Martyres, cujo caso segundo a Lenda Santa, que delles se lê, e segundo o que mais delles

verdadeiramente se acha foi brevemente nesta maneira. Na Cronica del-Rei Dom Sancho pai deste Rei, falando dos filhos que teve sumariamente disse: que o Ifante Dom Pedro, seu filho, o qual bem acompanhado de nobre gente Despanha passara em Africa, e estivera em muita estima, e grande authoridade com Mirabolim de Marrocos, até o tempo do Martyrio destes Santos Frades, dos quaes se acha por a dita sua Lenda, e por inquirição verdadeira, que o sobre-dito Dom Matheus, Bispo de Lisboa, dellas, e do seu Martyrio, e milagres tirou por testemunhos de muitos, dinos de fé, que com o dito Ifante andaram, e principalmente por um Cavaleiro de Santarem que chamavam Estevão Pires, homem velho, e honrado, e de louvada vida, e costumes que ao dito Ifante sempre servio, que na era de nosso Senhor de mil duzentos e dezanove, (1219) e aos treze annos da primeira conversão de S. Francisco, elle por vontade de Deos, escolheu em sua vida seis Frades de sua Ordem por natureza Italianos, e de maravilhosa santidade, a saber: Frei Vital, e Berardo, Otone, Acurcio, Pedro, e Adjuto, e por saberem bem a lingua Arabiga os mandou ao Rei, e Reino de Marrocos, que naquelle tempo sobre os Mouros Dafrica, e Despanha tinha o mór Principado, para lhe prérgarem, e trabalharem pelo converter á Fé de Christo.

E destes seis Frades fez maioral, e Prelado a Frei Vital, o qual como elle com os outros chegassem ao Reino Daragão adoeceo; e porque vio que sua doença se prolongava por tal que seu mal corporal, o bem, e negocio espirital, e de Deos não impedisse, mandou que por comprirem o mandado de Deos, e de S. Francisco se fossem a Marrocos, os quaes por sua obediencia o leixaram doente, e se partiram, e chegeram á Cidade de Coimbra onde a esse tempo era

a Rainha Dona Orraca molher deste Rei Dom Affonso, a qual os fez ir ante si, e como falasse com elles em cousas de Deos, e nelles visse tão grande desprezo do mundo, e tamanho fervor de morrer por amor de Jesu Christo, e sem duvida os julgou, e houve por mui verdadeiros, e prefeitos servos de Deos, e por esso com grande instancia lhe rogou, que por suas rogações pedissem a Deos que revelasse a ella o derradeiro termo de sua vida, e posto que elles com sua humildade confessassem não ser dinos entender nos segredos de Deos: porém vencidos das devotissimas preces da Rainha, ditas com muitas lagrimas, prometeram-lhe que assi o pediriam, os quaes orando a Deos com firme, e pura fé, não sómente o que da vida da Rainha, mas ainda o seu Martyrio, por revelação de Deos lhe foi tambem senificado, porque logo disseram que os derradeiros dias da vida da Rainha seriam mui sedo quando seus corpos depois de seu Martyrio, fossem de Marrocos ali trazidos, e della mesma Rainha, e de todo o povo com grandes honras recebidos, e assi foi como se dirá.

Partidos os Frades de Coimbra para seguirem sua santa jornada, vieram por aviamento da Rainha Dona Orraca á Villa Dalanquer, onde estava a Infante Dona Sancha, irmã de Rei Dom Affonso, que era Senhora da dita Villa, a que tambem revellaram todo o seu proposito; como ella foi Princeza mui santa, aprovando seu negocio ella sobre os habitos da sua Religião que elles traziam lhes deu outras vestiduras seculares, taes, com que mais livres, e facilmente podessem passar a terra de Mouros, e assi com seus habitos desmullados foram á Cidade de Sevilha, que então era de Mouros, onde na pouzada de um Christão, leixados os habitos leigos, por oito dias estiveram escondidos, e acertou-se que em um dia servendo seu espiri-

to para Martyrio, elles sem guia, nem conselho doutros se foram á principal Mesquita dos Mouros, e como em ella quizessem entrar os infieis, que os viram, e conheceram, endinados contra elles com empuxões, brados, e açoutes, que lhe deram, e por instituto, e costume os não consentiram entrar, e dahi indo-se ás portas del Rei, e sendo ante as ditas portas dos Paços foram levados ante El Rei, e perguntados quem eram ? Responderam : que vinham a elle Rei por Embaixadores, e enviados do Rei dos Reis, e Senhor dos Senhores, que era Jesu Christo, e como ante El-Rei muitas, e mui dinas cousas da Fé Catholica proposessem aconselhando o para sua conversão, e para receber agoa do santo Bautismo, e com isso muitas couzas feas, e torpes de Mafamede, e de sua seita descobrissem, El-Rei endinado de grande ira contra elles lhes mandava cortar as cabeças, mas amançado por palavras de um seu filho, que era presente, os mandou meter em uma Torre mui alta junto dos Paços, de cuja altura aos que entravam, e sahiam da caza del-Rei, elles não leixavam de prégar em altas vozes a Fé de Christo, e brarfemar, e mal dizer da Seita de Mafamede, cujos seguidores, e favorecidos diziam que no inferno seriam com tormentos para sempre danados, e anojado El-Rei de suas palavras, e para lhe arredar o azo de as não poderem dizer, os mandou meter no mais profundo da Torre, donde por conselho dos seus vassallos os mandou tirar, e levar a Marrocos em companhia de Dom Pedro Fernandes de Castro o Castellão, de que atraz disse, e ao diante dizei, que por odios, e perseguições dos Condes de Lara, não se pode sosteer em Castella, e duas vezes se passou aos Mouros, e desta derradeira para Mirabolim de Marrocos.

CAPITULO X

Como os Frades chegaram a casa do Infante Dom Pedro, e do que logo fizeram, e como foram tornados a Ceyta para virem a terra dos Christãos, e dahi se volveram outra vez a Marrocos

NESTE tempo estava em Marrocos o Infante Dom Pedro, filho del Rei Dom Sancho, e irmão deste Rei Dom Affonso, a cuja caza os ditos Frades, e o dito Dom Pedro Fernandes logo chegaram, e o Infante os recebeu com humanidade, devação, e bom trato, e os proveo de todo o que haviam mister, porque era Principe em virtudes mui acabado, e os Frades como dahi em diante viam quasquer Mouros logo com muito fervor lhes prégavam, especialmente um dia Frei Berardo, que delles era o mais principal, e melhor sabia Arabia, sobindo em um carro, ou lugar alto como pulpito, e prégando a Fé de Christo a muitos Mouros que o ouviam acertou-se que o Mirabolim ia visitar, como tinha de costume, a sepultura dos Mouros Reis, que eram fóra da Cidade, e vendo o Frade prégár, e por elle ser presente não querer desistir da prégação á sua seita contrária, estimando-o por homem sandeo, e por tirar escandalos mandou, que elle com todos os Frades fossem logo lançados fora da Cidade, e sem tardança levados a terras dos Christãos, pelo qual o Infante Dom Pedro havendo-o assi por bem lhes deu alguns seus servidores, que seguramente os levassem, como levaram até a Cidade de Ceyta, para dahi logo passarem a terra dos fieis.

Mas os Santos Padres não contentes da viagem leixáram as guias, que os levavam, e tornaram-se outar

vez a Marrocos, e como chegasseem á praça da Cida-
de logo aos muitos Mouros, que nella acharam come-
çaram de prégar, louvando os merecimentos da Fé de
Christo, e brasefando dos vicios, e erros de Mafa-
mede, e sua seita, da qual cousa como El-Rei fosse
certificado os mandou logo meter em um estreito car-
cere, onde sem alguma ordenada provizão, nem man-
timento dos homens, que houvessem, mas com a só
refeição de Deos, que houveram. Vinte dias foram
encarcerados asperamente, e neste tempo, porque em
toda aquella terra sobrevieram mui grandes, e desor-
denadas quenturas do Sol, e grandes destemperamen-
tos do Ar, alguns creram que estes males poderiam
vir pela injusta prizão dos Frades, pelo qual por con-
celho de um Mouro chamado Abotorim, que aos Chris-
tãos tinha amor, e queria bem, El-Rei consentio que
fossem livres do carcere, e trazidos ante elle, mandou
aos Christãos que logo sem mais detença os mandas-
sem a sua terra.

E porém El-Rei com os outros Mouros não ficaram
sem grande espanto, quando viram os Frades tão es-
forçados dos corpos, e tão constantes das vontades,
havendo vinte dias continos, que sem algum manti-
mento ordenado jouveram no carcere, e perguntados
por El-Rei: quem os mantivera tanto tempo? Lhe dis-
se Frei Berardo, que como El-Rei bem crece na Fé
de Jesu Christo logo saberia como elles sem beber, e
sem comer foram no carcere manteudos. E com tudo
elles como se viram soltos, logo sem algum medo ou-
tra vez quizeram tornar a pregar aos Mouros, mas os
outros Christãos, que com elles estavam, receosos da
ira del-Rei que com mortes, e cruezas, se estenderia nas
vidas de todos, como mostrava; lho não consentiram.

Então lhe ordenaram logo outros homens fieis que
os acompanhassem, e levassem outra veza Ceyta, para

dahi passarem a terra dos Christãos, mas os ditos Frades sospirando por seu Martyrio, despedindo-se daquelles que os levavam se tornaram outra vez a Marrocos, onde o Ifante os mandou logo recolher, e encerrar em sua caza com guardas, e defeza estreita, que os não leixassem sahir, porque receava segundo El-Rei de suas pregações se escandalizava, que não sómente mandaria matar os Frades, mas a elle, e a todos os christãos que houvesse na Cidade.

CAPITULO XI

De um milagre que se fez por causa de Frei Berardo, e como foram presos e atormentados os outros Frades

E ACERTOU SE que o Mirabolim a este tempo mandou o Ifante Dom Pedro com outros muitos nobres homens de Christãos, e Mouros, que delle tinham soldo fazendo guerra, e sogigar a uns senhores Mouros seus vassallos, que se lhes rebelaram, apoz os quaes Frei Berardo, e os outros Frades, que tiveram maneira de se soltar, logo seguiram, e foram devolta onde se diz, que disputando Frei Berardo com um Mouro ante elles o mais letrado, e venceo, e confundio, e que este Mouro, com vergonha nunca mais tornou a Marrocos, nem depois não pareceo, e tornando o Ifante com os outros Mouros da conquista, que lhes fora encomendada, vieram por uma terra tão seca que por tres dias para si, nem pera seus cavallos não poderam achar em nenhuma parte agoa para beber, e como a estreiteza da sede desesperasse todos das vidas, Frei Berardo era na companhia, feita

primeiro sua dovota oração, tomou na mão um pique-no-pao com que cavou um pouco na terra mui secca donde milagrosamente logo arrebentou, e sahio uma grande fonte de agoa doce, e mui singular de que não sómente os homens, e alimarias bebiam, e se abastaram, mas ainda encheram muitos odres, que levaram para o caminho.

E como esta necessidade d'agoa foi satisfeita, logo a fonte se sarrou, e secou, e por tão grande, e tão manifesto milagre, que de todos foi visto, e Deos por Frei Berardo fizera, todos os do exercito dahi em diante o tiveram em grande devação, e reverencia, e muitos por Santo Ihe beijaram os pés, e as vestiduras, e como estes Santos Frades tornassem a Marrocos, e em caza do Ifante fosse por elles posta grande guarda, para não sahirem, e elles toda via saíram, e em uma Sexta feira, que o Mirabolim ia visitar os sepulchros dos Reis Mouros, os Frades sem algum temor, e com grande ousadia se apresentaram ante elle, e sobindo Frei Berardo em um tezo começou de lhe prégar mui sem reczio, e como El-Rei os visse, cheio de ira contra elles, mandou a um seu Capitão Mouro que vira o milagre d'agoa, que logo lhes cortasse as cabeças, pelo qual os Christãos, que eram presentes, com temor de suas proprias mortes, logo fugiram dahi, e fechadas, e trancadas bem as portas de suas pouzadas, nellas sem sair jaziam escondidos, mas o Principe Mouro mandou aos homens da justiça que trouxessem os Frades ante elle, e como por duas vezes o não achassem os tornaram a levar a mais aspero carcere com golpes, e bofetadas com que os feriam, e com esso os ditos Frades assi aos Christãos, que se lhe offereciam não leixavam de prégar a palavra de Deos.

E sendo outra vez trazidos ante o dito Principe, e

com tanta constancia os visse prégar, e confessar a fé Catholica, e reprovar, e reprehender com muita ouzadia as couzas de Mafamede, e sua seita, acezo da ira contra elles os mandou logo atormentar com muitas, e mui desvairadas maneiras de tromentos, e depois apartar uns dos outros, e em desvairadas cazas onde cruamente os mandou açoutar, e aquelles maos, e crueis ministros atados os pés, e as mãos dos Santos, e com cordas asperas lançadas aos colos delles, e arrastando-os de uma parte a outra pela terra, assi continuadamente, e tão sem piedade os açoutavam, que as tripas lhe apareciam, e sobre as chagas recebidas por acrescentarem mais dor lhe lançavam vinagre, e azeite fervendo, e assi foram por toda a noite atormentados, e açoutados de trinta Mouros, que nelles se arrevezavam, na qual noite daquelles que os guardavam foi visto, que um grande resplandor decendia dos Ceos, e com uma companha sem conto os arrebatavam, e levantavam para cima, e maravilhados desso os Mouros, e de todo espantados, chegando ao corcere acharam os Santos Frades devotamente orando.

CAPITULO XII

Como El-Rei de Marrocos fallou com estes Frades, e por os não poder converter a sua seita por si mesmo os matou, e como foram mortos tambem Pedro Fernandes, e Martim Affonso Telo, sobrinho do Infante

As quaes couzas ouvindo El-Rei de Marrocos, acezo com maior sanha contra elles, mandou que logo lhe fossem levados com as mãos atadas, e descalços dos pés, e depois dos corpos continuamente açoutados, e espancados, os quaes como El Rei na Fé de Christo os visse tão firmes, mandou dentro meter comsigo certas mulheres fermozas, e lançados todos fóra disse: «Convertei-vos a nossa fé, e dar-vos-hei estas por vossas mulheres, e com ellas muito dinheiro, e sereis em meu Reino muito honrados.» A que os Frades logo responderam: «Tuas mulheres, e teu dinheiro não queremos; porque tudo isto desprezamos por amor de Christo». E então El-Rei arrebatado de maior ira, e sanha, apartados os Santos um do outro, por suas proprias e mui cruas mãos a cada um per si talhou as cabeças por meio das fontes, e apertando na mão tres cutellos, juntamente com uma cueza de besta féra os degolou, os quaes compriram este seu Martyrio a dezaseis dias de Janeiro do anno de Christo de mil duzentos e vinte, (1220) em tempo do Papa Honorio III, em o quarto anno de seu Pontificado, e quasi sete annos antes da morte de S. Francisco.

E depois disto lançados fóra os corpos dos Martyres por as mulheres, que comsigo tinham: estes perros barbaros e maos, atando cordias a seus pés, e mãos,

os arrastaram para fóra da Cidade, em torno da qual com grandes brados, e pregões os trouxeram, e espedaçados de todos os membros, os leixaram no campo, pelo qual os Christãos, que os assi viram, alevantadas as mãos aos Ceos, louvando a Decs por seu tão glorioso Martyrio, comessaram de apanhar, e recolher as Riliquias dos ditos Santos escondidamente, a qual couza como os Mouros vissem, todos como cães raivosos, tanta multidão de pedras lançaram nos Christãos, que parecia tempestade de sua raiva, mas os Christãos defezos já pelos merecimentos dos Santos, fugindo da ira dos Mouros a suas cazas se recolheram, donde com temor da morte, que antre si traziam, escondidos por tres dias não pareciam, principalmente, porque neste tempo o Ifante mandou a Dom Pedro Fernandes de Castro, o Castellão, que lá era lançado, e a Martim Affonso Tello, seu sobrinho, nobres homens, que com outros muitos andavam em sua companhia, que de noite secretamente fossem ver onde jaziam os corpos dos Martyres para se recolherem, porque foram vistos, e achados dos Mouros, logo os mataram.

CAPITULO XIII

Como os corpos dos Martyres foram queimados, e despedaçados, e enfim recolhidos por devação, e industria do Ifante Dom Pedro

DEPOIS desto em um grande fogo, que foi feito no campo, os corpos dos Santos se lançaram por tal, que de todo fossem queimados, mas o fogo por virtude Divina das santas Reliquias assim se apartava, e apagava, como que a materia

muito lhe fosse contraira com junto, antes a cabeça de um dos Martyres lançada muitas vezes no fogo, nem nos seus cabellos não pareceo algum sinal de queimadura, a qual assi com a pelle, e cabellos foi mostrada sem alguma corrupção no Moesteiro de Santa Cruz de Coimbra, mas dos Mouros alguns por amizade, e outros por dinheiro, e proveito, e assi os Christãos, que na Cidade eram cativos, apanhando as Reliquias dos Santos as offereciam ao Ifante, que recebendo-as com grande devação as mandou secretamente cozer, e depois que as carnes se gastaram, e os ossos ficaram limpos, os mandou secar, e encomendou a guarda principal delles a João Roberto, Conego de Santa Cruz, homem em virtudes acabado, e a tres innocentes, moços honestos, seus moços da Camara, dos quaes um foi o Estevão Pires de que atraz disse, que deu este estromento, ca não era algum ouzado entrar onde as sagradas Reliquias estavam em guarda, porque a só sua consciencia de qualquer crime occultamente commetido logo o reprendia, e acuzava.

E neste tempo um Cavalleiro chamado Pedro da Roza, tendo uma manceba por nome Maria da Roza, como sobisse a um sobrado onde as Reliquias se guardavam logo elle sem se poder mover, e tolheito, bradou fortemente dizendo: «Acorrei-me, acorrei-me, dai-me confissão. A qual como o Conego lha deu, em que de todo renunciou a manceba, logo foi livre dos membros, e pode decer, mas não pode falar até que o mesmo Conego por mandado do Ifante lhe poz sobre o peito a cabeça de um Martyre, com que de todo recobrou as forças, e fala, assi como dantes as tinha, e dahi em diante, assi o Ifante como todos os seus tiveram as Reliquias em maior honra, e devação, das quaes mandou meter as cabeças em uma arca, e os ossos em outra, e as tinham em grande veneração

na sua Capela, e ás santas Almas dos Bemaventurados Martyres, cujas Reliquias tinha continua, e devotamente pedia, que de Deos lhe ganhassem graça para sem perigo de sua pessoa, e dos seus, se poder vir para sua terra de Christãos, porque já havia muitos dias que na dos Mouros contra sua vontade se detinha, e estava forçado.

CAPITULO XIV

Como o Ifante D. Pedro foi tornado a Espanha, e trouxe consigo os ossos, e Reliquias dos Martyres, e as mandou a Santa Cruz de Coimbra, e dos milagres que houve no caminho

ESTA graça pelas preces dos Martyres, foi da piedade de Deos brevemente empetrada, porque estando o Ifante desta sua liberdade assás desconfiado, o Mirabolim de sua propria vontade, e sem requerimento dalguem o mandou chamar, e alegremente lhe deu licença, que para sua terra se viesse quando quizesse, descobrindo-lhe logo as muitas vezes que para sua morte fora de seus principaes aconselhado, e induzido; mas por seus merecimentos, e bons serviços, que fielmente sempre lhe fizera, merecia outro galardão. E com esta licença lhe deu mais suas cartas de passos, para elle, e os seus seguramente poderem passar, com as quaes partiram de Marrocos, e depois de um dia, e uma noite, vieram no caminho dormir a Azora, que era lugar despovoado onde de ferozes brados dos muitos Liões, que ahí ha foram postos em temor de que logo foram livres, como ante si, e os Liões pozeram com devação, e confiança

as santas Reliquias, que por sua santidade fizeram tudo quieto, e ao outro dia chegaram a um Lugar em que se apartavam muitos caminhos, e duvidosos de qual era o melhor que tomariam, e o Ifante sospenço, e confiado na santa guia das Reliquias que acompanhava mandou dar a dianteira a uma Azemala que as levava, e houve por bem que aquelle caminho que ella tomasse, todos por melhor o seguissem esperando que elle seria o melhor, e mais seguro.

O que foi assi feito, e a Azemala se desviou de um caminho para que a gente se mais inclinava, onde o Ifante soube depois em certo que Mouros o esperavam para o matar, e roubar, e da hi em diante em dezertos e montes porque passáram sempre déram a guia ás santas Reliquias, que com a graça de Deos levaram o Ifante, e os seus a salvamento até Ceita, onde embarcando logo em uma nao, que o Divino favor lhe tinha prestes, e aparelhada para terra de Christãos, partiram, e navegaram logo com vento prospero, que em poucas horas, com grande escuridão se mudou o contrario, e algumas outras naos que se acertaram em sua conserva, por uma respiração divina faziam daquella do Ifante Capitaina, por quem se regiam, e com a grande sarração que sobreveio temendo de ir á Costa se encomendaram devotamente aos rogos, e merecimentos dos Santos Martyres, cujas sagradas Reliquias levavam, para que em salvamento os guiassem, e logo supitamente derramada a escuridão, em que andavam, veo a grande claridade, e bonança, com que bem viram, e conheceram o caminho de sua perdição, que levavam, e desviados d'elle aportaram na Aljazi-ra, daquem Despanha, e dahi a Tarifa, e logo a Sevilha, que era de Mouros, onde por os Christãos que ahí eram, o Ifante foi avizado, que logo se partisse, porque El-Rei de Sevilha o mandava prender.

Pelo qual logo ahi embarcaram, e vieram a Astorga, que é em Galiza do Reino de Lião, onde então reinava El-Rei Dom Affonso, primo com irmão do Ifante Dom Pedro, e como foram partidos chegaram a Sevilla mandados de Mirabolim de Marrocos que logo lhe prendessem, e tornassem o Ifante, e cortassem as cabeças a todos os seus, mas deste perigo, e doutros muitos prouve a Deos que o Ifante, e os seus, pelos merecimentos dos Santos Martyres, cujo devoto era, fossem como foram, livres, e seguros, e como chegassem a Astorga um hospede onde foram agazalhados havia trinta annos que assi era doente, e tolheito de parlezia, que do officio da fala, e dos membros era de todo privado, e ouvindo as grandes maravilhas dos Santos Martyres, que os Christãos consigo traziam, lançado em terra ante a Arca em que suas sagradas Reliquias eram guardadas, pedindo-lhe com muitas lagrimas, e grande devação remedio para sua doença, logo ahi á vista de todos recebeo na fala, e em todos os membros perfeita saude, e o Ifante Dom Pedro não veio com as Reliquias dos Martyres a Coimbra; mas de Astorga mandou com ellas Affonso Pires de Arganil, que era Rico homem, e pessoa de grande credito, porque o Ifante Dom Pedro não era bem avindo com El-Rei Dom Affonso de Portugal seu irmão.

CAPITULO XV

Como as Reliquias dos Martyres foram recebidas, e como foi a morte da Rainha Dona Orraca, molher del-Rei Dom Affonso, e das cousas que foram vistas

Como Affonso Pires chegasse a Coimbra onde a fama dos Santos Martyres já era, a sobredita Rainha Dona Orraca molher deste Rei Dom Affonso de Portugal, que ahi estava com o povo junto, que com toda a Cleresia, e mui devota, e solenne Procissão, saio a receber as sagradas Reliquias, e com muita devação, e grande solennidade as levaram ao Moesteiro de Santa Cruz, onde mui honradamente as leixaram, e como a nova do glorioso Martyrio destes Santos Frades chegasse a S. Francisco, alegrando-se em seu espirito, disse: «Agora verdadeiramente posso dizer que tenho cinco irmãos». E no mesmo anno em que estes Martyres foram mortos segundo testemunho das santas Lições, que delles se dizem, por sua vingança a ira, e indinação de Deos, veio contra El-Rei de Marrocos, e seu Reino, porque a propria mão direita, e braço com que o dito Rei Mouro matou os Santos Frades, todos seus membros daquella parte até o destro pé, foram todos secos, e por maldição da sua terra, nos tres annos seguintes apoz este Martyri), não choveo nella couza alguma, de que se seguio mais, que por cinco annos continos houve tanta fome, e tão cruas pestilencias nos homens, que a mór parte da gente por tamanha mortindade foi destruida por tal, que os annos da vingança fossem iguaes ao numero dos Santos Frades.

E porque a Profecia dos Santos Frades em todo se comprisse a sobredita Rainha Dona Orraca passadas mui poucas horas, depois que ás Santas Reliquias foi dada divina sepultura, ella Rainha chea de virtudes acabou sua vida, e dahi foi levada a Alcobaça onde jaz, e á mesma hora que ella faleceo, sendo a noite profunda, Dom Pedro Nunes Conego, e Sacristão do Moesteiro de Santa Cruz, Varão por Santidade mui esclarecido, e Confessor da mesma Rainha, vio innumeraveis Frades Menores entrar no Choro antre os quaes era um, que aos outros com grande solennidade precedia, e apoz elle cinco antre todos outros com honra singular mais excellentes, e como no Choro com procissão assi entraram logo com doce melodia que se não póde dizer, cantaram as Matinas, e o dito Pedro Nunes Sacristão, sendo pelo que vio todo atonito, perguntou a um delles, a que vieram, e porque lugar tantos Frades em tal hora entrassem, sendo serradas todas as portas do Moesteiro, o qual lhe respondeu: «Nós todos que aqui vez somos Frades Menores, e agora reinamos com Christo, e aquelle que vez, que com tanta gloria precede aos outros, é S. Francisco que tanto dezejastes ver nesta vida, e aquelles cinco, que antre os outros tem mais excellencia são os Frades, que em Marrocos por Christo receberam Martyrio, e nesse Moesteiro são sepultados, e sabe que a Rainha Dona Orraca nesta ora passou desta vida, e porque ella de todo coração amou nossa Ordem, Nosso Senhor Jesu Christo nos enviou cá todos, porque por sua honra dissessemos aqui Matinas, e porque tu eras seu confessor, quiz Deos que tu visses estas couzas, e da morte da Rainha não duvides; porque na hora que daqui partirmos ouvirás logo certa nova». E aquella Procissão sendo todas as portas do Moesteiro serradas logo saíram, e nesta hora aquelles que

eram da familia da dita Rainha bateram ás portas, e denunciaram que ella tinha já paga sua necessaria di-vida á carne, e falecera.

CAPITULO XVI

Como Santo Antonio por exemplo destes Martyres tomou o habito de S. Francisco, e do que seguiu em Marrocos por milagre, e da morte del-Rei Dom Affonso

DESPOIS que estes Santos Martyres começaram de resplandecer com mui claros milagres que muitos em sua mais profuza lenda se contem, e por exemplo delles o Bemaventurado Antonio que a este tempo era Conego no Moesteiro de Santa Cruz mesmo, e se chamava Fernando Martins, arden-do com dezejo de semelhante Martyrio, entrou na mesma Ordem dos Menores, em idade de vinte e cinco annos, e nella acabou dez annos, exclarecido em Santidade, e com milagres. E por esta ida destes Frades, o mesmo S. Francisco, porque seu exemplo ardia em gram fervor, e dezejo de Martyrio, passou com sete Frades a terra de Suria, e foi ao Gram Soldam, e como quer que com grande constancia, e mui sem medo lhe prégasse a Fé de Christo, o Gram Soldam o tornou a enviar livremente, e são a sua propria terra.

E acha-se por lembranças antigas, que por este Martyrio destes Santos Frades ser tão cruamente feita em Marrocos, e com tanto desprezo de Deos, e de sua palavra, houve em todo aquelle Reino tantas esterilidades, e securas, e por tantos annos, que esteve para de todo se despovoar, e porque geralmente na-

tre elles, e pelo povo se dizia que tamanha maldição não viera á terra salvo pela inocente morte dos Religiosos, El-Rei a cujas orelhas este rumor, e clamor chegara, tendo sobre isso concelho com os Mouros, e tambem com os Christãos, que estavam ahi, acordaram que onde padeceram, que ali com grande arrependimento, e gemidos, e muitas lagrimas viessem, como vieram pedir a Deos que havendo por isso com elles piedade, se diz que logo choveo, e veio á terra acostumada avondança em todalas cousas, por cujo beneficio se affirma que El-Rei de Marrocos com todo seu povo prometeram, e ordenaram que da mesma Ordem dos Frades Menores fosse dado Sacerdote, ou Bispo a todos os Christãos, que em Marrocos, e em sua terra vivessem, e que os Frades fizessem ahi Moesteiro da Ordem de S. Francisco, em que livremente sempre estivessem, e dessem os Sacramentos aos Christãos sem algum receio, o que por muitos annos assi comprio.

E deste anno de Christo de mil e duzentos e vinte, em que esto succedeo, até o anno de mil duzentos e vinte e quatro em que este Rei Dom Affonso faleceo, não achei que elle fizesse, nem em seu Reino succedesse outras cousas notaveis, pelo qual tendo elle trinta e sete annos de sua idade, e havendo doze annos que Reinava, faleceo na era de nosso Senhor de mil e duzentos e vinte e quatro, (1224) e jaz em Alcobaça, com a Rainha Dona Orraca sua molher, na Capella grande, que elle em sua vida mandou fazer diante a porta do Moesteiro, e neste anno se diz que foi mudado o Convento de Santa Maria, a antiga á nova Igreja, e Moesteiro de Alcobaça, que El-Rei D. Affonso Anriques, seu avô de fundamento mandou fazer.

DEO GRATIAS

INDEX

DAS COUSAS NOTAVEIS

A

Affonso II (D.) de Portugal, que idade tinha, e em que anno foi levantado Rei, pag. 17. Foi cazado com Dona Orraca filha del-Rei D. Affonso IX de Castella. *ibi*. Não quer conceder á Rainha Dona Tareja, e á Infanta Dona Sancha suas irmãs as terras que lhes deixara seu pai D. Sancho I, pag. 22. E' excommungado pelo Papa Innocencio III para que largue os Castellos de Monte Mór, e Alanquer a suas irmãs, pag. 24. E' absolvido da Excommunhão, e com que circumstancias se ajustou a tregoa entre estes Principes, pag. 25 e 26. Contende judicialmente sobre a mesma materia com suas irmãs, e é condemnado a pagar-lhe uma grande somma de dinheiro, pag. 27. Em que anno, e idade morreo, pag. 30. Onde está sepultado, *ibi*.

Affonso IX (D.) de Castella sogro del-Rei D. Affonso II de Portugal com quem foi cazado, e que filhos teve, pag. 18. Manda chamar a seu genro D.

curou logo que o dito Ifante Dom Sancho por todos los Estados do Reino fosse, como foi jurado, e havido por seu sobcessor, sem embargo doutro juramento, que ao dito Ifante Dom Fernando por si, e por seus filhos, e sobcessores era feito, e a Rainha Dona Violante molhar del-Rei Dom Affonso de Castella anojada por se denegar a sobcessão a seus netos, e principalmente a Dom Affonso o primeiro com receo que houve de os matarem em Castella, se foi com elles para El-Rei Dom James deste nome o primeiro, e dos Reis Daragão o decimo, que era padre de'la, donde enviou pedir a El-Rei Dom Affonso seu marido depois que veo de França, que pois elle por si ganhara dos Mouros o Reino de Murcia, que o dêsse ao Ifante Dom Affonso seu neto, com que para sua honra, e estado seria satisfeito, e renunciaria por esso todo o direito que tivesse na sobcessão de Castella, no que El-Rei levemente, e com san vontade consentia, mas o Ifante Dom Sancho em todo o contrariou, que com ameaças de morte, que fez não leixou ir ao Papa os Embaxadores que El-Rei seu padre sobre esso lhe mandava, dizendo que como o Ifante Dom Fernando seu irmão falecera, logo o Deos leixara por herdeiro de todos los Reinos, e couzas de que El-Rei seu padre era Rei, e Senhor.

E querendo El-Rei por Cortes, e prazer dos povos remedear esta denegação do Ifante seu filho, e para que seu neto houvesse toda via o Reino de Murcia, fez ajuntar os procuradores dos Concelhos do Reino, a que o Ifante Dom Sancho requereu com muitas rezões, que faziam por elle, que por alguma maneira não consentissem no requerimento del-Rei, e assi descontente o Ifante antes de se tomar alguma concruzão, se foi para Cordova, e El-Rei depois de declarar aos povos as muitas cauzas, e razões porque de

direito podia dar o Reino de Murcia a Dom Affonso seu neto, os Procuradores para no cabo responderem com madura deliberação, como elle requeria, pediram espaço dalgum tempo, para lhe tornarem reposta, os quaes sem lha darem se foram logo com medo ajuntar com o Ifante Dom Sancho em Cordova, onde sendo delle bem recebidos, concordaram, que por quanto em Valhadolid sobre este cazo se faria ajuntamento dos mais principaes Lugares, e grandes do Reino, elles dahi a certo tempo fossem, como foram ahi juntos, salvo os Concelhos Dandaluzia, que sempre tiveram com El-Rei Dom Affonso, os quaes assi juntos em Valhadolid era hi o Ifante Dom Sancho filho del-Rei, e o Ifante Dom João seu irmão, e o Ifante Dom Manoel seu tio, e Dom Lopo Senhor de Biscaya, e Dom Diogo seu irmão, e depois de muitas praticas, e apontamentos, que antre si fizeram leixaram todos a determinação da sentença ao dito Ifante Dom Manoel, o qual alevantado em pé, pronunciou a sentença, e dice, que por quanto El-Rei Dom Affonso seu irmão matara o Ifante Dom Fadrique tambem seu irmão, e a Dom Simão Rodrigues dos Cameyros seu sogro, e outros nobres do seu Reino sem cauza, que perdesse por isso a justiça, e porque se dezaforaram os Fidalgos, e os Concelhos com dano, e perda delles, que não comprissem suas Cartas, nem lhe pagassem os foros, e porque despertara a terra, e fizera más moedas, que não houvesse do Reino preitas, nem serviços, nem martineguas, nem moedas foreiras, e que dahi em diante o dito Ifante se podesse chamar Rei de Castella, e de Lião.

E preguntados os Procuraiores, e povos se aprovavam esta sentença, respondeo por todos um Diogo Affonso Alcaide mór de Toledo, que a todos parecia bem a determinação do Ifante Dom Manoel, por as

G

Gonçalo (D.) Mestre, e Prior do Espirital se achou no cerco de Alcacere pag. 31.

I

Innocencio III manda excommungar pelo Arcebispo de Santiago, e o Bispo de Çamora a Affonso II por negar os Castellos de Monte mór e Alanquer a suas irmãs que seu pai D. Sancho I lhe deixara, pag. 24.

L

Lianor (Dona) filha del-Rei D. Henrique de Inglaterra, cazou com Affonso IX de Castella, pag. 2. Que filhos teve daquelle Principe, pag. 18.

Lianor (Infante Dona) filha del-Rei D. Affonso IX de Castella cazou com D. James I Rei de Aragão, pag. 18.

Lianor (Infante Dona) Neta de Affonso II de Portugal cazou com El-Rei de Dacia, pag. 19.

Lianor (Infante Dona) filha de Affonso II de Portugal cazou eom o filho herdeiro del-Rei de Dinamarca, pag. 19.

M

Martim Affonso Tello sobrinho do Infante D. Pedro é morto em Marrocos, pag. 51.

Martim Barregam Commendador de Palmella se achou no cerco de Alcacere, pag. 31.

Martyres que padeceram em Marrocos como se chamavam, pag. 42. São recebidos em Coimbra pela Rainha Dona Orraca, pag. 43. Foram tratados com grande benevolencia em Alanquer pela Infante Dona Sancha irmã de Affonso II de Portugal, ibi. Pregam animosamente em Sevilha contra a ceita de Mafamede, pag. 44. Cruéis Martyrios que padeceram, pag. 49. São degolados por El-Rei de Marrocos, pag. 50. Anno, e dia do seu Martyrio, ibi. São queimados os seus corpos, e maravilhas que então succederam, pag. 51. Como foram trazidos os seus corpos a Coimbra, pag. 54 e 55.

Matheus (D.) Bispo de Lisboa recebe aos Estrangeiros que vinham em uma Armada que aportou áquella Cidade, e os exhorta á conquista de Alcacere, pag. 29. Achou-se no cerco de Alcacere, pag. 51. Faz uma pratica aos soldados Portuguezes e Estrangeiros que estavam no campo de Alcacere para que não levantem o sitio, mas que tomem a Praça. pag. 36.

Melgaço é tomado pelos Infantes D. Pedro e D. Fernando com alguma gente de Lião em odio de seu irmão D. Affonso II de Portugal, pag. 24.

Mouros. Como se houveram esforçadamente no sitio de Alcacere, pag. 33. Governados pelos Reis de Sevilha, Cordova, Jaen, e Badalhouse vem soccorrer Alcacere, ibi. São derrotados, e mortos trinta mil no campo de Alcacere. pag. 38.



Orraca. Princezas varias que tiveram este nome, pag. 20.

Orraca (Dona) filha del-Rei D. Affonso IX de Cas-

tella foi cazada com D. Affonso II de Portugal, pag. 17. Era mais moça que Dona Branca, pag. 20. Recebe em Coimbra aos Martyres de Marrocos, que lhe pronosticaram a sua morte, pag. 40. Quando morreo, pag. 56. Onde está sepultada, pag. 59.

P

Pedro (Infante D.) filho de Sancho I de Portugal, veio socorrer a sua irmã Dona Tareja, que estava recolhida no Castello de Monte mór, contra seu irmão D. Affonso II, pag. 23. Estando em Marrocos recebe em sua caza aos Santos cinco Religiosos que alli padeceram martyrio, pag. 45. E' livre de gravissimos perigos por intercessão dos mesmos Santos Martyres, pag. 53. Alcança licença del-Rei de Marrocos para trazer as Reliquias dos mesmos Marryres para Portugal. ibi.

Pedro (D.) Mestre da Ordem da Cavallaria do Templo se achou no cerco de Alcacere, pag. 31.

Pedro Fernandes de Castro chamado o Castellão é morto em Marrocos, pag. 51.

Pedro Nunes (D.) Conego e Sacristão do Moesteiro de Santa Cruz de Coimbra, Confessor da Rainha Dona Orraca teve uma admiravel visão dos Santos Martyres de Marrocos, pag. 56.

R

Rei de Marrocos pela sua propria mão degolou os cinco Martyres da Ordem de S. Francisco, pag. 50. Castigo que experimentou por esta impia crueldade, pag. 56. Movido das grandes calamidades que pade

cia o seu Reino concede licença que os Frades Menores levantem Convento em Marrocos, pag. 59.

Reliquias Dos Santos Martyres de Marrocos como foram trasidas, e dos milagres que obraram pela jornada, pag. 53. Do modo como foram recebidas em Santa Cruz de Coimbra, pag. 55.

S

Sancha (Infante Dona), irmã del Rei de Portugal D. Affonso II recebe com grande benevolencia em Alanquer aos Santos Martyres de Marrocos, pag. 43.

Sancho I (D.) de Portugal, onde, e quando morreo, pag. 17.

Sytimos. Lugar distante uma legoa de Alcacere foi a parte onde se alojaram os Reis Mouros que vinham soccorrer o seu Castello, pag. 33.

T

Tareja (Rainha Dona) com sua irmã Dona Sancha se recolhem ao Castello de Monte mór, e se queixam ao Papa Innocencio III da tyrania com que seu irmão D. Affonso II lhe negava as terras que lhes deixara seu pai D. Sancho I, pag. 23. E' soccorrida por seus dous irmãos D. Pedro e D. Fernando em Monte mór contra D. Affonso II, pag. 23. Do modo com que se concertou com seu irmão, pag. 27.

Tregoa. Em que anno foi celebrada entre D. Affonso II, e suas irmãs Dona Tareja e Dona Sancha, pag. 26.

V

Valença do Minho é tomada pelos Infantes D. Pedro e D. Fernando em odio de seu irmão D. Affonso II negar as terras a suas irmãs que lhe deixára seu pai D. Sancho I, pag. 24.

Vitoria do Campo de Alcacere em que dia, e anno se alcançou, pag. 38.

FINIS LAUS DEO

INDICE DOS CAPITULOS

I — Como o Ifante Dom Affonso foi levantado por Rei, e como foi cazado, e com quem, e que filhos legitimos houve.....	17
II — Das desavenças que houve antre El-Rei D. Affonso, e as Ifantes suas irmãs, e da guerra que sobre esso se moveo.....	21
III — Como foi pelo Papa procedido contra El-Rei D. Affonso por causa da contenda que havia com suas irmãs, e como finalmente foram ooncordados.....	24
IV — Do fundamento que houve para Alcacere do Sal, que era de Mouros, ser cercado, e tomado dos Christãos, e do Bispo de Lisboa principalmente.....	28
V — Como Alcacere foi cercado, e com que numero de gente Portuguezes e tambem Estrangeiros.....	31

- VI — Dos Reis Mouros que vieram por socorro da Villa de Alcacere, e da primeira batalha que deram, em que foram vitoriosos... 33
- VII — Da segunda batalha que houve sobre Alcacere, e como os Reis Mouros foram vencidos, e feito grande estrago em suas gentes.... 36
- VIII — Como os Christãos combateram e tomaram o Castello Dalcacere..... 39
- IX — Como cinco Frades Italianos da Ordem de S. Francisco foram a Marrocos a prégar a Fé de Christo, e primeiramente chegaram a Sevilha, que era de Mouros..... 41
- X — Como os Frades chegaram a caza do Ifante Dom Pedro, e do que logo fizeram, e como foram tornados a Ceyta para virem a terra dos Christãos, e dahi se volveram outra vez a Marrocos..... 45
- XI — De um milagre que se fez por causa de Frei Berardo, e como foram prezos e atormentados os outros Frades..... 47
- XII — Como El-Rei de Marrocos fallou com estes Frades, e por os não poder converter a sua seita por si mesmo os matou, e como foram mortos tambem Pedro Fernandes, e Martin Affonso Telo, sobrinho do Ifante..... 50
- XIII — Como os corpos dos Martyres foram queimados, e despedaçados, e emfim recolhidos por devação, e industria do Ifante Dom Pedro. 51
- XIV — Como o Ifante D. Pedro foi tornado a Espanha, e trouxe consigo os ossos, e Reliquias dos Martyres, e as mandou a Santa Cruz de Coimbra, e dos milagres que houve no caminho..... 53
- XV — Como as Reliquias dos Martyres foram recebidas, e como foi a morte da Rainha

Dona Orraca, mulher del-Rei' D. Affonso, e das cousas que foram vistas.....	56
XVI — Como Santo Antonio por exemplo destes Martyres tomou o habito de S. Francisco, e do que seguio em Marrocos por milagre, e da morte del-Rei Dom Affonso.....	58

BIBLIOTHECA
DE
Classicos Portuguezes
Proprietario e fundador
MELLO D'AZEVEDO

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

(VOLUME LIII)

CHRONICA
DE
EL-REI D. SANCHO II
POR
RUY DE PINA



ESCRITORIO
147=RUA DOS RETROZEIROS=147
LISBOA

1906

CHRONICA

DO MUTTO ALTO, E MUTTO ESCLARECIDO PRINCIPE

D. SANCHO II.

QUARTO REY DE PORTUGAL,

COMPOSTA

POR RUY DE PINA,

Fidalgo da Casa Real, e Chronista Mór do Reyno.

FIELMENTE COPIADA DE SEU ORIGINAL,

Que se conserva no Archivo Real da Torre do Tombo.

OFFERECIDA

A' MAGESTADE SEMPRE AUGUSTA DELREY

D. JOAÕ O V.

NOSSO SENHOR



LISBOA OCCIDENTAL.

Na Officina FERREYRIANA.

M.DCC.XXVIII.

Com todas as licenças necessarias.

SENHOR

As desgraças do infelicissimo Rei D. Sancho II deste nome só se podem dalgum modo fazer menos sensiveis vendo-se amparada esta sua brevissima Chronica com o Augusto nome de V. Magestade se entre tantos infortunios quantos foram os que tem padecido a posteridade da sua fama, pôde haver algum genero de diminuição, foi a brevidade, com que todos os Historiadores trataram as acções da sua vida, porque até parece que enfastia a memoria das infelicidades. Mas como é tanto o esplendor das inimitaveis acções de V. Magestade, bastará a sua protecção Real para que retrocedendo tres seculos encha de gloria aquelle Reinado. A Real Pessoa de V. Magestade guarde Deos muitos annos como todos os seus vassallos dezejamos.

Miguel Lopes Ferreira.

AO EXCELLENTISSIMO SENHOR

D. Francisco Xavier de Menezes

Quarto conde da Ericeira, do Concelho de Sua Magestade, Sargento mór de Batalha dos seus Exercitos, Deputado da Junta dos Tres Estados, Perpetuo Senhor da Villa da Ericeira, e Senhor da de Ancião, oitavo Senhor da Casa do Lourical, Comendador das Commendas de Santa Christina de Sarsedello, de S. Cipriano de Angueyra, S. Martinho de Frasão, S. Payo de Fragoas, de S. Pedro de Elvas, e de S. Beriholameu de Covilhã todas na Ordem de Christo. Academico da Academia Real da Historia Portuguesa, e um dos cinco Censores della &c.

A BENIGNIDADE com que V. Excellencia desculpou a minha confiança quando procurei o seu amparo para offerecer a Sua Magestade a Chronica del-Rei Dom Affonso III me anima agora a buscar segunda vez a V. Excellencia, para que me faça a mercê de pôr aos pés del-Rei N. Senhor esta

Chronica de D. Sancho II de Portugal. Na pessoa de V. Excellencia concorrem todas as circumstancias, que são necessarias para este beneficio, porque V. Excellencia é dotado de uma condição tão propensa para os estudiosos, que a immensa copia de livros, que com singular eleição tem juntos, mais são dos que delles se querem servir, que de V. Excellencia mesmo. E' verdade que esta generosidade tem o seu principio na estopênda memoria de que V. Excellencia é dotado, pois basta ler um livro, para lhe escuzar outra vez a lição, mas tambem nace da particular satisfação que V. Excellencia tem de que todos sejam imitadores dos seus estudos. A ninguem melhor do que a V. Excellencia se devia dedicar esta Chronica, porque só V. Excellencia tem meios na sua grande capacidade para defender algumas materias, que nella se tratam, porque é certo que nem tudo foi concedido a todos, mas na pessoa de V. Excellencia se acha tudo o que dividido fez grandes a outros. Deos guarde a V. Excellencia muitos annos.

Criado de Vossa Excellencia

Miguel Lopes Ferreira.

PROLOGO

Aqui tens Amigo Leitor a brevissima Chronica do desgraçado Rei de Portugal D. Sancho II deste nome. Foi este Principe na vida, e na morte o exemplo de toda a infelicidade humana, para que depois pelos iuscrutaveis juizos de Deos tivesse o premio de tantos infurtunios na eternidade da Bemaventurança. Na vida foi como dizem, tão sogeito aos validos, que não teve acção, que se podesse chamar sua, e na morte, foi tão infeliz, que a não teve na Patria. Tudo o que escreveram os Authores, foi duvidoso, porque uns o fazem cazado, e outros lhe negam o cazamento; uns o fazem pusilanime, e outros vale-rosos. Seguiram as penas dos Chronistas a inconstancia da sua fortuna, tudo deixáram em questões, porque o seu descuido lhes não deixou averiguar a certeza do que escreviam. O Doutor Fr. Antonio Brândão na Quarta parte da Monarchia Lusitana desaggrava em muitas acções a este Principe das injurias dos

seus Chronistas, mostrando que fora valeroso, e que conquistara muitas Praças aos Mouros, como o dizem as doações que fez dellas ás Ordens Militares. Sem duvida que a administração do governo, que deram os povos a seu irmão D. Affonso Conde de Bolonha em França, foi a cauza do muito que tem padecido a Real opinião deste Príncipe, porque não ha quem senão atreva a um desgraçado, ainda que lhe anime as veas um sangue soberano. As parcialidades que naquelle tempo havia de introduzir necessariamente na Corte a politica, deviam de ser o fundamento desta variedade, porque uns para justificarem a acção, o deviam de condenar, e outros que seriam os menos, o haviam de desculpar. Venceo com o tempo a felicidade de seu irmão D. Affonso, e arrastada da lizonja gemo a memoria de D. Sancho. O que escreveram os antigos, é o que agora te dou a ler nesta brevissima Chronica. Se quizeres ver resgatada de tanto descuido a fama deste piissimo Rei, vê o Mestre Brandão, que em tudo mostrou a sua diligencia.

Vale.

LICENÇAS

DO

SANTO OFFICIO

Approvação do Reverendissimo Padre Mestre D. Antonio Caetano de Sousa, Clerigo Regular da Divina Providencia, Qualificador do Santo Officio, e Academico da Academia Real da Historia Portuguesa

EMINENTISSIMO SENHOR

Vi a Chronica de El-Rei D. Sancho o II, a quem os nossos Authores antigos chamam o Capelo, que tambem anda em nome do Chronista Ruy de Pina, como já disse na censura que fiz na de El-Rei D. Affonso II, seu pai, e não contem couza alguma para que V. Eminencia não conceda a licença que se pede para a imprimirem, este é o meu parecer. Lisboa Occidental 8 de Março de 1726.

D. Antonio Caetano de Sousa C. R.

Approvação do Reverendissimo Padre Mestre Fr. Vicente das Chagas, Religioso da Provincia de Santo Antonio dos Capuchos, Lente jubilado na sagrada Theologia, Qualificador do Santo Officio, &c.

EMINENTISSIMO SENHOR

A Chronica d'El-Rei Dom Sancho o II a quem os Authores antigos chamam o Capelo, pelos vestidos honestos, de que sempre uzou, mais de feição de Religioso, que de Rei, não tem cousa que se oponha aos dogmas da nossa Santa Fé, ou bons costumes. Este Rei não teve exercicio de reinar todo o tempo de sua vida, porque pelos seus erros foi posto por Regedor no Reino seu irmão o Infante D. Affonso Conde de Bolonha, e errou o dito Rei D. Sancho se cuidou que havia de reger sempre: «Errat, si quis existimat tutum diu esse Regem». Diz Seneca «In sui Proverbiis in fine positus lit. E.» Mas se lhe tiraram o Reino, ou a regencia delle pelos seus erros, e culpas, não lhe podiam tirar o Reinar em o Ceo, morrendo (como dizem morreo) com sinaes de bom Christão, e Catholico Rei, e cheio de virtudes. Pelo que merece a licença que pede o Chronista para se imprimir. V. Eminencia fará o que for servido. Santo Antonio dos Capuchos de Lisboa Occidental 21 de Março de 1726.

Fr. Vicente das Chagas.

VISTAS as informações, pode-se imprimir a Chronica del-Rei D. Sancho II, e depois de impressa tornar-se para se conferir, e dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa Occidental, 22 de Março de 1726.

Rocha, Fr. Lancastrre. Teixeira. Silva. Cabedo.

DO ORDINARIO

Approvação do Reverendissimo Padre Mestre Fr. João Baptista Troyano, Religioso da Ordem de N. Senhora do Monte do Carmo, Mestre na Sagrada Theologia, Consultor do Santo Officio, Definidor perpetuo, e Provincial absoluto, Secretario que foi da Provincia, e Prior do convento do Carmo de Lisboa Occidental, &c.

ILLUSTRISSIMO E REVERENDISSIMO SENHOR

PUR mandado de V. Illustrissima Reverendissima li a Chronica del-Rei D. Sancho II no Nome, e quarto dos Reis de Portugal, vulgarmente chamado Capelo, na fórma que a deixou escrita Ruy de Pina Chronista mór do Reino, e como nella se não encontre couza que se opponha aos dogmas da nossa Santa Fé Catholica, ou bons costumes, julgo se lhe pôde conceder a licença que se pede, salvo, &c. Carmo de Lisboa Occidental 4 de Outubro de 1726.

Fr. João Baptista Troyano, Prior do Carmo.

PODE-SE imprimir vistas as informações, a Chronica del-Rei D. Sancho II, e depois de impressa tornará para se conferir, e dar licença sem a qual não correrá. Lisboa Occidental I de Junho de 1728.

Gouvea.

DO PAÇO.

Approvação do Excellentissimo Senhor D. Francisco Xavier de Menezes, Conde da Ericeira, do Conselho de S. Magestade, Academico da Academia Real da Historia Portugueza, e um dos cinco Censores della, &c.

SENHOR

NA censura que fiz por ordem de V. Magestade á Chronica del-Rei D. Sebastião, ponderei largamente o juizo que fazia da utilidade que resultava á Historia de Portugal, de que se publicassem as memorias mais antigas, que se conservavam manuscritas na Torre do Tombo, e em muitas livrarias, ainda que tivessem alguns defeitos, que nasceram da sincera credulidade dos seus Authores, ontros da corrupção das copias, e muitos que os modernos sup-

põem, que foram erros, e que pôde ser sejam verdades, e que prevaleça a antiguidade de alguns seculos, que faz os Authores melhor instruidos de tradição successiva, e então mais vezinha ao tempo dos successos; á critica que fundada em documentos, e conjecturas, nem sempre descobre as dezejadas demonstrações. A Chronica del-Rei D. Sancho II sendo muito breve, merece maior exame, que as outras, porque era preciso ao seu escritor defender o que fez todo o Reino para autorizar a deposição daquelle Principe mais infelice, que culpado, e quanto mais razões buscou este escritor para culpar o seu Rei, tanto mais seguio a primeira errada maxima, continuada por muitos Historiadores, que se convencem a si mesmos com a força da razão, celebrando a fidelidade dos dous valerosos defensores de Coimbra, e Cerolico. Tambem se buscaram outros principios, que as Monarchias independentes, como é a de Portugal não admitem, nem acho inconveniente em que se imprimam as Historias do que o mundo fazia, e hoje não observa, porque assim conhecemos o genio dos seculos passados, e a parcialidade dos nossos Chronistas; sendo poucos em todas as nações, os que se livraram deste perigo, e não sendo o mesmo permittir V. Magestade a licença que se pede para sahirem a luz os livros antigos, que aprovar tudo o que elles dizem, e copiáram os outros, que o seguiram, e assim entendo que com esta censura que deve imprimir-se nas mais Edições desta Chronica, se dê a faculdade que pertende o seu curioso Collector, desta, e de todas as Historias antigas de Portugal. Lisboa Occidental 7 de Junho de 1728.

Conde da Ericeira.

QUE se possa imprimir, visto as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornará á Meza, para se conferir, e taxar, e sem isso não correrá, com declaração, que no mesmo livro se imprima esta censura do Conde da Ericeira. Lisboa Occidental 8 de Junho de 1728.

Marques P. Pereira. Oliveira. Teixeira. Bonicho.



Coronica do muito alto e esclarecido Principe D. Sancho II, quarto Rei de Portugal a que vulgarmente chamavam o Capelo

CAPITULO I

Como o Ifante D. Sancho Capelo, foi alevantado por Rei, e das condições fracas que teve, e como cazou, e não como a sua honra e estado Real compria, e se devia

• **E**L-REI Dom Affonso deste nome o segundo, e dos Reis de Portugal o terceiro, faleceu na era de mil duzentos e vinte e tres, (1223) como em sua Coronica é declarado, e por seu falecimento foi logo alevantado, e obedecido por Rei o Ifante Dom Sancho, seu filho maior legitimo, e herdeiro, a que disseram Capelo, deste nome o segundo, e dos Reis de Portugal o quarto, em idade de dezaseis annos, e a cauza porque este sobrenome de Capelo lhe fosse posto, as lembranças antigas Despanha, e de Portugal, que delle falam, e assi o nomeam, não o declararam, sómente que lhe devia ser posto por sua manei-

ra de vestidos honestos, que sempre trouxe, mais de feição de Religioso, que de Rei, nem Cavaleiro, porque foi Principe, que do começo de sua vida até que acabou em servir mais a Deos, que haver respeito ás couzas, e pompas do mundo, em cujo coração não houve a verdadeira fortaleza que pera Rei era mui necessaria, mas houve nelle sua pura simpreza com que dezejou que seus Reinos, e Vassallos fossem regidos por lei de natureza, e por regras, e concelhos de boa condição, sem outra prema, nem contradição de Lei, nem de algum direito positivo, e por isso na execução nas cousas da justiça era muito brando, e as não provia nem ponia, com aquelle rigor, e escarmento, que as culpas, e crimes de homens requeriam, e por esta sua natural, e fraca incrinação, e juntamente com os máos, e desassolutos Conselheiros, que de moço logo o recolheram, e porque não devidamente se regia o Reino de Portugal, e todos os naturaes delle em todas as couzas, assi espirituaes, como temporaes, durando o seu Reinado padeceram muitas perdas, e danos incomportaveis, que depois com quebra de seu nome, e pera provizão de seu Estado se remediarão, como ao diante se dirá.

E ao tempo que este Rei Dom Sancho começou de Reinár em Portugal, governava os Reinos de Castella, e de Lião sua tia, a Rainha Dona Biringela, mulher que foi del-Rei Dom Affonso de Lião, com El-Rei Dom Fernando seu filho, a qual era tia deste Rei Dom Sancho, irmã da Rainha Dona Orraca sua madre, e porque a Rainha Dona Biringela, a que este Rei Dom Sancho ficou encomendado, era Princeza de mui singulares virtudes e Reaes perfeições, e muita prudencia, doendo-se da governança de Portugal, e de uma evidente sua perdição, a que decriñava, ella muitas vezes enviou a conselhar a seu sobrinho assi bem,

e verdadeiramente como a elle, e ao Reino compria, e principalmente pera fundamento de sua maior lianqa de o querer cazar, como seu Estado, e dinidade Real requeria. Ao que El Rei D. Sancho por mãos concelhos dalguns seus não fieis, e danados conselheiros nunca obedeceo, antes por induzimento delles sem dispensação, e muito contra sua honra, e com grande escandalo, e nojo dos do Reino, cazou com Dona Mecia Lopes, Dona fermosa, e viuva, filha de Dom Lopo, senhor de Biscaya, que era parenta sua dentro no quarto gráu, a qual fôra já cazada com Dom Alvaro Pires de Castro, filho de Dom Pedro Fernandes de Castro, o Castellão, e posto que El-Rei Dom Sancho pelos Prelados, e povos, Senhores, e pessoas de titulo de seu Reino muitas vezes fosse requerido, amoestado, e aconselhado, que se apartasse desta molher, e recebesse outra qual, á sua honra, e conciencia convinha, elle, ou por afeição não quiz, ou por feitiços, de que diziam que era ligado, o não pôde nunca fazer, nem consentir, porque naquelle tempo segundo as couzas passavam, mui clara, e geralmente se dizia, que El-Rei andava em poder della enfeiticado, e cego do juizo sem se poder apartar, e que ajudavam muito o mau conselho daquelles, que sostinham a parte da Rainha Dona Mecia, por cujo favor em que a este tempo havia o poder, e authoridade com grande desolção elles tomavam, e destroiam do Regno todo-lo que queriam, e assi o faziam, outros muitos grandes, e pequenos por seu exemplo, os quaes males El-Rei por fraqueza de coração não castigava, nem tornava a elles com aquella severidade, e rigor, que se devia, e assi teve El-Rei D. Sancho esta molher algum tempo sem della haver alguma geração, não cessando no Regno estes insultos, e desolções, antes crescendo cada vez mais.

CAPITULO II

Do que o Papa a requerimento dos Prelados, e povo de Portugal escreveu, e requereu a El-Rei Dom Sancho por sua Bulla

Pelo qual os Prelados, e povo de Portugal concirando a fealdade destas couzas, que era em grande ofença de Deos e cançasso e destruição da terra, e vendo que a continua, e perseverada apresentação de suas querelas ante El-Rei não aproveitavam, todos em uma concordia se enviaram querelar ao Papa Honorio III na Igreja de Deos a esse tempo Presidente, que como bom, e Sancto Pastor, por aconselhar a El-Rei, e por verdadeiramente ao Regno, sabendo todas as cousas sobreditas, que com verdadeira relação lhe foram senificadas, enviou a El-Rei seu Breve, em que lhe vieram suas sanctas, e devidas amoestações, e nelle limitado tempo, em que inteiramente emendasse os erros de sua pessoa, e satisfizesse aos danos feitos por sua negligencia, em todo o Regno, e passado o tempo, que pera a emenda destas cousas lhe era assinado, sendo o Papa certificado, que em nada se satisfazia, enviou a elle de Roma por Delegado o Bispo Sabenense, o qual pela dureza, e pouca obediencia que nelle, e nos seus Conselheiros achou, poz condicionalmente em suas pessoas sentença de Excommunhão, e de antredito, e em todo o Regno sem outro devido, e peremptorio termo, que lhe assinou, se se não emendasse, e satisfizesse. Das quaes sentenças ficou por mero executor, por mandado especial do Papa, o Arcebispo de Braga, que por se não satisfazer aos males, tomadias e roubos, que eram feitos espe-

cialmente ás Igrejas, nem se leixavam de fazer tantos, o tornou a notificar ao Padre Santo, que por uzar de mais clemencia, e piedade com El-Rei Dom Sancho, e lhe afastar todalas couzas de sua essencia, lhe escreveu outra carta na entrada da qual lhe tirou aquella solennidade de amor, e benção Apostolica, que em outras escrevia aos outros Reis sempre costumada de escrever, ca lhe não poz Carissimo em Christo filho, nem disse nella: «Salutem & Apostoilcam benedictionem».

Com a Bulla, que a El-Rei Dom Sancho em sua pessoa, e em muitas partes de seu Regno, foi publicada, elle foi muito anojado, e vendo se apertado de muitas necessidades, que nesta necessidade concorriam, aconselhado dos seus que o seguiam, disse que em todo queria, e prometia de obedecer ao Papa, e satisfazer inteiramente aos mandamentos da Sé Apostolica, e que elle logo emendaria, e faria aos seus emendar todolos danos, e perdas que eram feitos, e não consentiria, que dahi em diante em seu Regno por elle, nem pelos seus, lhe fizessem outros alguns, assi por suas cartas patentes, o seguiu, e prometeo particularmente ao Papa, pelo qual a esta cautella, e com condição de todo cumprir a certo tempo, foram todos absoltos da excommunhão, e levantado o antredito do Regno.

CAPITULO III

Como El-Rei Dom Sancho por amoestações do Papa se não quis apartar de Dona Mecia Lopes sua mulher, e como lhe foi tomada

MAS como El-Rei Dom Sancho da excommunição, e antredito se vio livre, e afrouzado, e os Delegados do Papa partidos do Regno, elle e os seus por mau conselho, e induzimento de maos homens, que consigo trazia, não leixaram de proseguir, e uzar de todolos erros, e males, que dantes faziam, e esto durou por muitos annos, ca foi no tempo do dito Papa Honorio, e depois em vida do Papa Gregorio IX que a requerimento, e sopricação dos Prelados, e povo de Portugal, lhe enviava continuas amoestações, e sanctos conselhos, a que nunca quiz inteiramente obedecer, quazi de sua boa, e fraca condição, era faze-lo logo, a Rainha Dona Mecia sua mulher, e aquelles que seguiam sua vontade o disviavam de seu bom proposito, especialmente em a não querer nem poder leixar por molher, sobre que muitas vezes, foi pelo Papa aconselhado, e amoestado, e excommungado, por quanto ella era filha do Conde Dom Lopo de Biscaya, como já disse, e era muito conjunto ao Real sangue dos Reis Despanha, de que El-Rei Dom Sancho descendia, e porém nunca por direito, nem por sua vontade a quiz de si apartar, ca por qualquer maneira que fosse, elle lhe era muito afeiçoado, e porém achasse, que neste tempo, tendo-a El-Rei consigo em Coimbra, um Reymão Viegas de Porto Carreiro, com gentes de Dom Martim Gil de Soveroza, naturaes de Portugal, e Vassallos del-Rei Dom Sancho, da frontaria

de Galiza, donde eram, com muitas gentes, que consigo trouxeram, tomaram a dita Dona Mecia, e a leváram ao Castello Dourem, que ella tinha del-Rei por Arras de seu casamento, sobre o qual El-Rei logo foi armado, e com a gente que pode requerendo lhes, que lhe entregassem sua molher, e elles o não quizeram fazer, antes resistiram a El Rei com armas, e forças, com que se tornou, e elles a levaram a Galiza, mas o que della se depois fez, ou com que fundamento, e cauza certa foi assi tomada, e levada, eu o não achei, nem soube, e porém até o tempo que o Papa Innocencio IV foi Prezidente na Igreja de Roma, nunca por El-Rei Dom Sancho nos males, e danos passados, se fez alguma emenda, nem deu satisfação, nem menos havia rigor de justiça, por cujo temor elles se leixassem de fazer.

CAPITULO IV

Do Concilio que o Papa Innocencio IV fez em Lido de França, onde os Prelados, e os Senhores de Portugal, se foram querelar del Rei Dom Sancho, e lhe pediram novo Regedor para o Regno, que por mingoa da justiça se perdia, e lhe outorgou o Infante Dom Affonso, Conde de Bolonha, irmão do dito Rei Dom Sancho

SOBRE o qual sendo El-Rei por muitos, e muitas vezes aconselhado do requerido, e pedido, que se emendasse, e castigasse os malfeitos, elle não o querendo, ou não podendo fazer, os Prelados, e povo se enviaram outra vez aggravar ao Papa Innocencio IV e pedir-lhe remedio, o qual por al-

gumas vezes escreveu a El-Rei cartas de mui sanctos concelhos, e devidas amoestações, e assi outras ao Bispo de Coimbra, que em seu nome, e da sua parte o aconselhasse para se privar dos erros, e males, que consentia, e o esforçasse para castigo, e emenda daquelles, que os cometiam, encomendendo ao dito Bispo, que de todo o que em El Rei sobre isso achasse, e deste cazo lhe parecesse, lho fizesse saber por suas cartas, as quaes enviaria ao Concilio, que se havia então de fazer, como fez em Lião Solanova em França, para que foram convocados os Reis, e Principes Christãos, e assi muitos Prelados, no qual Concilio se acordaram muitas, e mui sanctas couzas por bem da universal Igreja, ante as quaes El Rei S. Luis, por mortal doença de um fernezim, de que escapou, tornando a seu entendimento, fez nelle voto de ir, como foi em pessoa, por se recobrar á Caza Santa, e á conquista de ultra mar, e levou em pessoa consigo a Rainha Dona Margarida sua molher, filha do Conde de Proença, e desta ida tomou por cerco a Cidade Damiata no Egipto, que era de imigos, mas logo pelo grande poder do Soldão, El-Rei, e dous seus irmãos, que com elle passaram, a saber, Dom Affonso, e Dom Carlos em uma batalha foram tambem cativos, e resgatados pela mesma Cidade de Damiata, e das muitas gentes de seu exercito, muitos foram mortos, e os outros prezos, e cativos.

E retornando El-Rei S. Luis a França com esperança de vingar o mal passado, logo com outro grande exercito, que refez, tornou a ir sobre a Cidade de Tunes, com propozito de fazer o Rei della Christão, como lhe enviara prometer, e de conquistar por hi a terra dos Infieis, ao longo do mar até Alexandria para dahi poder cobrar a Terra Sancta com menos trabalhos das pessoas, e deficuldades, e estando neste cer-

co, e tendo comsigo tres filhos, a saber Felippe Johanne, e Pedro, elle faleceo de fruxo, e o dito seu filho Dom Joham de peste, e por estes merecimentos, e por outras muitas virtudes este Rei Luis foi pelo Papa Bonifacio Canonizado, e era primo com irmão deste Rei Dom Sancho, filhos de duas irmãs.

E volvendo ao proposito de sua Istoría, El Rei Dom Sancho com todos os conselhos, e amcestações de amor, e de rigor pelos Papas, e pelos de seu Regno muitas vezes lhe foram feitos, nunca por sua natural fraqueza se quiz, ou nem se pode emendar, nem dar ordem como se os malfeitos emendassem, e castigassem, e privassem dos malifícios que cometiam, pelo qual os Prelados, e mais principaes do Regno com todo o povo, por remediarem sua total perdição em que se viam, acordaram de enviar pedir no dito Consilio ao sobre-dito Papa Innocencio IV que lhes desse auto, e pertencente Regedor pera o Regno, pera o qual foram eleitos pera Embaixadores, e Procuradores Dom Joham Arcebispo de Braga, que em todo o Reinado del-Rei Dom Sancho tinha muitas perseguições, e perdas padecidas, e Dom Tiburço Bispo de Coimbra, e Ruy Comes de Briteiros, e Gomes Viegas, nobres Cavalleiros, e pessoas de muita authoridade no Regno, os quaes chegando ao Consilio, propozeram ante o Papa todas as querelas do Regno passadas, e a desesperação que havia pera se nunca emendarem antes ao depois se fazerem peor, pera cuja prova prezentaram aprovadas cartas, e verdadeiras inquirições, que pera isso levavam, e o Papa, que claramente gostou da verdade depois de sobre esso haver sua deliberação lhes respondeo que elles escolhessem, e tomassem por Regedor do Regno de Portugal, quem quizessem, e entendessem, que o faria bem, com tanto que fosse natural do Regno.

E porque os ditos Prelados, e Cavalleiros, tinham

já sobre este cazo assás deliberado, e consultado depois de lhe beijarem por esso seus santos pés, lhes disseram, que a pessoa natural que pera tal cargo achavam era o Ifante Dom Affonso, Conde de Bolonha, irmão do mesmo Rei D Sancho, e que este lhe pediam por mercê ques dêsse por Regedor, ca o Papa aprouve, e lho outorgou. Sobre o qual mandou logo chamar o dito Ifante Conde, que era em Bolonha de França, não longe do Papa, que era na dita Cidade de Lião, ao qual Sua Santidade fez larga relação das couzas de Portugal, que até aquelle tempo eram passadas, e com esso as necessidades que hi havia pera com paz, e justiça se remediarem, e lhe encomendou, e mandou que asseitasse o Regimento, defenção, e governação do dito Rego, e fizesse como se delle confiava, e o Conde sem contradição, nem escuza consentio no dito cargo, e o asseitou, e esto foi em Lião a seis dias de Setembro de mil duzentos quorenta, e cinco annos (1245).

CAPITULO V

Como o Conde de Bolonha, depois de asseitar a governança de Portugal fez sobre esso juramento com algumas condições declaradas

TANTO que o Conde pelo Papa foi dado por Regedor de Portugal, elle, e os ditos Prelados, e Cavalleiros do Regno, por acordo que sobre esso antes se tomou se vieram todos á Cidade de Pariz, onde dentro nas cazas do Mestre Perochel da Cidade, sendo elle presente, e Mestre Joham, Capelão do Papa Adaião da Igreja da Carnota, e Sociro Soares Chançarel, e Estevão Annes Cavalleiro do Conde, e

assi sendo presentes os ditos Arcebispos, e Bispo, e Cavalleiros, e outras muitas pessoas Religiozas do Regno de Portugal, o dito Conde em prezença de todos, e tendo as mãos sobre um livro dos Santos Evangelhos, fez solenne juramento nesta fôrma.

«Eu Dom Affonso, Conde de Bolonha, filho Del-Rei Dom Affonso de crara memoria, Rei que foi de Portugal, prometo, e juro sobre estes Santos Evangelhos de Deos, que por qualquer titulo, que eu aja o Regno de Portugal, eu guarde, e faça guardar aos Concelhos, e todo o povo, e Religiosos, e Clerazia de todo o Regno todolos bons costumes, e foros escritos, e não escritos, os quaes houveram, e tiveram com meu avô, e com meu visavô, e que tire todos os maos costumes, e abozões, que vieram por algumas necessidades, ou que pozeram 'algumas pessoas em tempo do meu padre, e de meu irmão, especialmente, que não leixe, nem consinta nenhum mau costume, que ha no Regno de se com mudar a Justiça que ha de morte de um homem em pena de dinheiro, e que eu faça, que os Juizes, onde quer que os houver de poer, sejam justos, e sem cobiça, e amadores de fazer justiça, e direito sem medo de nenhumas pessoas, e esto a quanto eu puder, e entender segundo me Deos ajudar, e que sejam feitos por eleição dos mesmos povos, que elles houverem de reger, e não por afeição, nem rogo, nem pera opprimir, e despeitar o povo, que hão de julgar em justiça, e em direito, e que este juramento me farão os Juizes quando receberem os officios.

«Item, que eu tire Inquirição por mi, ou por outrem se taes Juizes cumprem o que juraram, e os que não fizerem o que devem que lhes mande dar tal pena, que a elles seja escarmento, e a outros castigo.

«Item, que aquelles, que forçarem quaesquer molhe-

res, ou matarem Clerigo, ou Frade, ou qualquer outra pessoa, que eu faça delles taes justças, que a sua pena castigue os outros.

«Item, que defenda, e mantenha em seu estado quanto eu puder as Igrejas, e Moesteiros, e Lugares Religiosos fazendo-lhes entregar qualquer couza, que lhe foi tomada, e que quaesquer males, e sem razões, que alguns sejam em posse de fazer des o tempo de meu irmão até agora que não lhe valha aлегança de tempo perlongado.

«Item, que eu faça emendar segundo meu poder, com conselho dos Prelados, e dos do Regno todolos males, que até qui foram feitos em elle, e reformarei paz quanto poder não leixando sem pena taes cousas passar nem as consentindo fazer no dito Regno.

«Item, que segundo me Deos ministrar, e eu puder, que bem, e lealmente reja, e arministre o dito Regno de Portugal desque em elle for, e faça especialmente fazer justça, dando a cada um segundo seu merecimento não asseitando pessoas pobres, nem ricas.

«Item, que reja todo bom estado da terra, e proveito do dito Regno com conselho dos Prelados, e povos delle, e ser sempre obediente, e devoto á Igreja de Roma, minha madre, e assi como fiel, e Catholico, e como todo Principe Christão deve ser, e que guardarei estas cousas sobreditas segundo meu poder, e e me Deos ministrar».

E depois que o dito Conde jurou estas cousas, e outras mais a estas conformes, todolos que eram presentes assináram o juramento, e desso passaram escrituras pubricas, que os Prelados trouxeram a Portugal.

CAPITULO VI

Das Bullas e Provizões do Papa, que o Conde trouxe a Portugal pera os do Regno sobre sua governança, e assi outra Bulla que sobre o mesmo caso enviou aos Frades de S. Francisco

COMO o Conde fez este juramento, procurou logo de aviar as couzas mais necessarias pera a sua vinda, e álem de sua fazenda lhe compria a honra de sua pessoa, e serviço, e reparo de sua caza, e familia.

A tradução destas Bullas andam muito viciadas nas copias desta Chronica, e se acham em outros livros, e por esta, e outras cauzas sendo imprimem neste Capitulo.

CAPITULO VII

De como o Conde de Bolonha chegou a Portugal, e com elle um delegado do Papa, e das notificações que logo fizeram a El-Rei D. Sancho

DESPECIDAS as Bulas do Papa, e aparelhadas as couzas, que ao Conde para seu caminho mais cumpriam, se despedio da Condessa de Bolonha sua molher, que havia nome Dona Matildes, a qual fora já outra vez cazada, e era da linhagem dos Rex de França, e molher, em que havia singula-

res bondades, e vertudes, e tinham muitas terras, e grande fazenda, e dahi com os Prelados, e Cavalheiros Portuguezes, que o foram requerer, se veio a este Reino, e com elle enviou mais o Papa por seu Delegado pera estas couzas de Portugal Frei Desiderio, pessoa sm que havia doutrina, e sinaes de bom Religioso, pera que em nome do Papa, e da sua parte requeresse, que entregassem ao Conde os Castellos do Regno, nos quaes pozesse Alcaides, e as Villas, e terras, em que fizesse Juizes com que o Regno se mantivesse em paz, e justiça, e por tal, que nas Fortalezas principalmente se não acolhessem os mal feitoras, que nas pessoas, que em todo lhe não obedecessem, pozesse sentença de excommunhão, e como chegaram ao Estremo de Portugal, o Conde por suas cartas notificou logo sua vinda a todolo Regno, dizendo em seu titulo: «Dom Affonso, filho do muito nobre Rei Dom Affonso por graça de Deos, Conde de Bolonha, e Procurador, e defensor do Regno de Portugal». E assi notificou a El Rei Dom Sancho seu irmão, como a requerimento do Regno vinha, e não pera ser Rei, mas pera lhe reger, e governar o Regno, e se fazer nelle direito, e justiça, que se não fazia, e lhe conheceria senhorio, como a seu Rei, e Senhor, salvo a cerca daquelles, em cujo poder, e mãos andava, e porque tão mal aconselhado, e por cuja cauza tantos males no Regno eram feitos, e com esto lhe enviou o Delegado um Breve do Papa.

CAPITULO VIII

Como El Rei Dom Sancho mal aconselhado se foi com os de sua valia pedir soccorro a Castella, e como veio em sua ajuda o Infante Dom Affonso de Molina com outros grandes, e gentes de Castella

EL-REI Dom Sancho a este tempo era em Coimbra, e como vio as cartas do Papa, e de seu irmão, e soube que elle era entrado no Regno onde inteiramente lhe obedeciam, elle de si mesmo foi muito trovaço, e o fizeram ser muito mais os homens maos, e perversos Conselheiros, que consigo trazia, porque receáram executar-se nelles sem escuza as penas, que por seus desmerecimentos, e grandes delictos mereciam, e estes lhe fizeram que não cresse, nem obedecesse a couza, que o Papa, nem seu irmão lhe escrevesse, nem outros por seu bem lhe dicessem, porque o bem, nem asecego del-Rei, em cazo que depois o tivesse não asegurava, nem descançaça aos que o seguiam, pelo qual de seu parecer delles, e como desesperado doutro bom conselho, sem receber dano de pessoa alguma, nem lhe ser feita desobediencia, nem contradição, se foi logo a Castella com fundamento de pedir soccorro contra seu irmão, a El-Rei Dom Fernando, deste nome o segundo, que então nelle Regnava, que era seu primo com irmão, filhos de duas irmãs da Rainha Dona Biringela, madre del-Rei Dom Fernando, e Dona Orraca, madre del-Rei Dom Sancho, ou ao menos pedir este soccorro e ajuda ao Infante Dom Affonso, filho herdeiro do dito Rei Dom Fer-

nando, que em Castella e Lião, já tinha grande poder, e muita autoridade.

E com este proposito chegou a Toledo andando a era em mil e duzentos quarenta e sete annos (1247) antes um anno que Sevilha fosse aos Mouros tomada. A este tempo El-Rei Dom Fernando veo a Toledo, tendo tomado Cordova, e já com dezejo, e fundamento de ir cercar, e tomar Sevilha, se podesse, ao qual El-Rei Dom Sancho de Portugal seu primo, dice logo, que a causa de sua ida a elle, era pera lhe fazer saber, o que elle teria sabido, que seu irmão o Ifante Dom Affonso Conde de Bolonha, entrára em seu Regno de Portugal, e com ajuda e favor dalguns seus naturaes, se alçara contra elle, e que o tinham recebido por Senhor, e que porém lhe pedia, como a Rei tão poderoso, e que com elle era tão conjunto em parentesco, que em tamanha força lhe desse ajuda e favor com que inteiramente cobrasse seu Regno, e lançasse delle fóra seu irmão, que individamente lho tinha tomado, e que pois não tinha filho que o herdasse, que depois de sua morte ficasse Portugal a elle, ou a seu filho herdeiro.

Da qual couza prouve a El-Rei Dom Fernando, e pondo-a em obra ordenou logo pera vir a Portugal o Ifante Dom Affonso de Molina, seu irmão, filhos ambos del-Rei Dom Affonso de Lião, e da Rainha Dona Biringela, e com elle Dom Diogo Lopes de Haro, Senhor de Biscaya, e Dom Nuno Gonçalves de Lara, e Dom Ruy Gomes de Galiza, e Dom Ramilo Frole, e Dom Rodrigo Froyas, bom Cavalleiro, e Dom Fernando Anes de Lima, e outros grandes senhores, e com elles muitas gentes de pé, e de cavallo, com que entraram em Portugal pela Comarca de Riba de Coa, que a este tempo ainda era de Castella, e por elles fazerem sua entrada pela terra da Beira, que toda estava á

obediencia del Rei Dom Sancho, não houveram no caminho contradição, nem resistencia alguma, e assi chegaram ao lugar de Abiul, que é a quatro legoas de Leiria.

E o Conde Dom Affonso de Bolonha tanto que entrou no Regno, tanta alegria receberam os Portuguezes com sua vinda, sabendo quem era, e como vinha a seu requerimento, que os mais dos Lugares por as proprias vontades dos moradores delles se lhe davam, e aquelles em que achava alguma contradição logo por execuções que o Delegado sobre elles punha, ou por combates, ou forças não tardou em os cobrar todos salvo Coimbra, em que estava Martim de Freitas, e Celorico da Beira, em que estava Dom Fernão Rodrigues Pacheco, que ambos as tinham por El-Rei Dom Sancho de que ao diante direi.

CAPITULO IX

Como pelas deligencias do Conde de Bolonha El-Rei Dom Sancho se tornou a Castella, e do que se passou no caminho com os Cavalleiros de Trancozo

E SABENDO o Conde de Bolonha da entrada del-Rei seu irmão no Regno com o Ifante Dom Affonso de Molina, e com os Cavalleiros, e gentes de Castella, logo percebeo, e houve pera ter, e trazer comsigo por defenção do Regno as mais gentes que pode, e com ellas se veio a Obidos, e avizou a Dom João Arcebispo de Braga, e a Dom Domingos, que então era Bispo de Coimbra, os quaes lhe disseram que elles pela comissão do Papa, haviam o dito Ifante Dom

Affonso de Molina com todos os Senhores, e gentes de Castella por excomungados, e malditos, e desso tomáram estromentos, e por esta cauza El-Rei, e o Ifante não passáram de Abiul, e se tornaram pera Castella sem no Regno, nem nas gentes, e couzas delle fazerem algum mal, nem dano, e principalmente se tornaram, e não proseguiram adiante, porque El-Rei Dom Sancho pelas dezordens, e males passados, a que nunca provera, era de todos os mais do Regno mui dezamado, e mal quisto, e o Conde pelo contrairo álem desso era já das mais forças delle de todo apoderado, e por esta cauza o Ifante Dom Affonso com outros Senhores, que vieram em ajuda del-Rei, vendo o pouco que lhe podiam aproveitar, e o muito dano, que se podia seguir, aconselharam ao dito Rei Dom Sancho, que ou ficasse em seu Regno, segundo lhe era apontado, ou se fosse com elles a Castella.

Este derradeiro houve El-Rei por melhor, sendo pior conselho, e porém El-Rei Dom Sancho tinha feitas doações ao Ifante Dom Pedro seu primo de muitas Villas, e Castellos principaes de Portugal, em grande dano da Coroa do Regno, as quaes por sua injusta concessão não houveram nunca effeito, como quer que o dito Ifante depois o procurasse, e requeresse aficadamente por intercessões do Papa, que sobre isso escreveu algumas vezes ao Conde de Bolonha, que justamente sempre se escuzou.

E acha-se, que em tornando El-Rei pera Castella, achegou ao Lugar de Moreira, que é junto da Villa de Trancozo, na qual a esse tempo estava Dom Gonçalo Garcia, e Dom Fernão Garcia de Souza, que dixeram Esgaravunha, que foi bom trovador, e Dom Fernando Lopes, e Dom Diogo Lopes, todos quatro irmãos, filhos de Dom Garcia Mendes de Souza, filho do Conde Dom Mendo o Souzao, e de Dona Elvira

Gonçalves, filha de Dom Gonçalo Paes de Toronho, que eram nobres homens, e mui principaes no Regno, e Dom Fernão Garcia sabendo da vinda de Castella del Rei por conselho de seus irmãos com um só Escudeiro, a que deram sua lança, e sendo elle vestido de totalas outras suas armas se foi a Moreira, onde estava El-Rei, e o Ifante, e os outros Senhores, e posto ante elles tirou o Elmo da cabeça, e com os joelhos em terra heijou a mão a El-Rei, e ao Ifante Dom Affonso, e como se levantou, fez reverencia a Dom Diogo, e a todos os outros homens honrados, que eram prezentes, salvo a Dom Martim Gil de Soverosa, que era o principal homem; porque El-Rei Dom Sancho com quebra de seu Estado se regia.

E perguntando Dom Fernão Garcia a El-Rei se o conhecia? Elle dice que si, e que era seu natural vassallo, e D. Fernão Garcia lhe tornou dizendo: «Senhor meus irmãos, que estão em Trancozo, e por cujo mandado venho como vossos vassallos, e naturaes, vos mandam pedir, e requerer, por ante o Ifante vosso primo, e estes Senhores que aqui estão, que vos vades pera aquella Villa, na qual, e em seu Castello vos receberão como a seu Rei, e Senhor, e assi em todos os outros de redor, que são a seu cargo, com tanto que não leveis com vosco Martim Gil, que aqui está, nem os seus, que destruíram vossa terra, e elle matou, e leixou os que quiz, sem querer que dos seus e doutros mal feitores se fizesse alguma justiça, ca certamente vós não tinheis de Rei mais que o nome, e a muito alta linhagem, e Real sangue de que decendeis, porque no efeito elle era Rei, e com este tamanho credito que lhe destes vos teem mui mal servido, em especial por seu mau conselho, por cuja cauza vós viesdes ao estado em que agora estaes. E se elle dicer que não é assi eu por minha verdade, e por sua confuzão

me combatarei com elle, e lhe porei as mãos, e o corpo, ca por esso venho aqui armado, e alli á porta tenho o cavallo, e sobresso espero em Deos, que eu o matarei, ou por sua boca lhe farei confeçar que mui mal, e como não devia vos teem aconselhado, e com grande quebra e mingoa de vosso Estado, e de vossa terra».

Este Martim Gil era Cavalleiro, e de honrada caza, e de grande esforço, porque este foi o que com grande e bom nome seu, venceo a lide do Porto. E ouvindo estas palavras a Dom Fernão Garcia, ficou muito injuriado, e abatido especialmente, porque áquella hora não lhe respondeo como a sua honra compria porque sómente lhe dice: «Dom Fernão Garcia dizeis mal, e do que dicestes vos não deveis de achar bem, se eu não morro». Polo qual Dom Martim Gil, fez logo mostrança a alguns dos seus que alli estavam que lhe fossem ter ao caminho, e o matassem, e Dom Fernão Garcia que os vio, e entendeo bem a má tenção com que sabiam, antes doutra couza dice a El-Rei: «Senhor, vós quereis ir pera Trancozo, como vos tenho requerido?» E El Rei lhe respondeo, que não, e então tornou D. Fernão Garcia, e dice ao Ifante D. Affonso: «Senhor, sereis testemunha vós, e esses Senhores que aqui estades da oferta, que por meus irmãos, e por mi vim fazer a El-Rei».

E com dito esto volveo o rosto contra Dom Diogo Lopes, e a Dom Nuno de Lara, e dice-lhes: «Bem vistes Senhores a oferta, que por limpeza, e lealdade minha, e de meus irmãos fiz com El-Rei, e assi ouvistes o que tambem dice a Dom Martim Gil, que aqui está, e não querendo por seu corpo tornar a isso, como por sua honra devia, mandou aquelles seus, que daqui partiram, que me vão ter ao caminho pera desacompanhado me matarem, porque vos peço, como a nobres, e honrados Cavalleiros, que por boa mezura me man-

deis poer em salvo em Trancozo». E logo Dom Affonso se levantou, e dice: «Martim Gil vós não atentastes no que Dom Fernão Garcia vos dice? o que deveis de fazer, ca me parece que vos toca por maneira de traição, e não lhe quereis poer as mãos, como deveis, e vos elle requer?»

E Dom Martim Gil brevemente dice, que dava pouco por suas palavras vãs, pelo qual estes Senhores disseram a El-Rei, que Dom Fernão Garcia, e os nobres homens que eram em Trancozo não podiam fazer melhor comprimento, porque com elle compriam, como bons vassallos quanto deviam, e que dahi por diante qualquer culpa que hi ouvesse, que era del-Rei, e não delles, e logo Dom Diogo, e Dom Nuno com esses bons homens que hi eram cavalgaram, e foram-se com Dom Fernão Garcia até Trancozo, donde sahiram seus irmãos e outra boa, e nobre gente, que hi eram, e lhe tiveram em mercê sua vinda, e depois de praticarem sobre as couzas que pendiam, Dom Diogo, e Dom Nuno se tornaram pera o Ifante Dom Affonso, que jntos com El-Rei Dom Sancho se foram todos pera Castella, e com elles este Dom Martim Gil, que era Portuguez, e homem muito honrado, o que com medo do Conde Dom Affonso não ouzou de ficar, e se foi tambem a Castella com El-Rei Dom Sancho, e lá faleceo, e foi del-Rei D. Affonso Decimo, com quem viveo havido por Rico homem, e em grande estima, e por tál está posto por testamenteiro, com outros no testamento del-Rei, quando por desagardecimentos do Ifante Dom Sancho seu filho, o deserudou de Castella, ainda que seu deserdamento não houve efeito.

CAPITULO X

Como o Conde cercou em Celorico da Beira a Dom Fernão Rodrigues Pacheco, que lhe não quiz obedecer, e como por causa de uma truita se alevanton o cerco

O CONDE de Bolonha governador como entrou no Regno segundo atraz já dice, logo por força, ou por vontade, ou a sua obediencia totalas Cidades, Villas, e Castelllos do Regno, em que entraram totalas que El-Rei Dom Sancho tinha dado em Portugal ao Ifante Dom Affonso de Molina por entrar com elle, e em sua ajuda no Regno, do que o dito Ifante se mandcu queixar ao Papa, e assi com elle outros Cavalleiros, e Alcaldes de Portugal, pelo Conde de Bolonha lhes tomar contra suas vontades os Castelllos que tinham por suas menagens, e destes o Papa se escuzou havendo que o Conde pera asecego, e boa governança do Regno fazia o que devia, mas sómente escreveu ao Conde rogando-lhe pelos Castelllos, que por El-Rei Dom Sancho eram dados ao Ifante Dom Affonso de Molina, ao que não satisfez pelos grandes inconvenientes que nesto havia, e porque soube que eram cartas, e rogos de comprimento.

Neste tempo depois del-Rei D. Sancho ser em Castella, porque o Castello de Celorico da Beira, que tinha Dom Fernão Rodrigues Pacheco, e o de Coimbra, que tinha Dom Martim de Freitas, ficaram sómente por El-Rei, como atrás dice, o Conde depois de sua partida lhes mandou dizer, e rogar que lhos quizessem entregar, como os outros tinham já feito em

todo o Regno, prometendo-lhe por esso além de fazerem o que deviam mercê, e bom galardão. E cada um por si lhe respondeo: «Que elles tinham feita menagem a El-Rei Dom Sancho, seu Rei e Senhor, e que em quanto elle fosse vivo, posto que andasse em Castella, não deviam de entregar seus Castellos, se não a elle, de cuja mão os receberam, ou por seu especial mandado, e do Papa, nem por outro algum temor, os não haviam de entregar, em cazo, que sobresso fossem excommungados, e padecessem cercos, e quaesquer outras fadigas, e tormentos».

Pelo qual vendo o Conde sua tão firme determinação, e que pera o que dezejava não aproveitavam muito suas replicas brandas, que fez, detreminou cerca-los, e poz logo cerco em pessoa sobre Celorico, ca este por ser mais junto á frontaria de Castella houve por melhor cobrar-se logo, e este mandou combater muitas vezes, mas por sua fortaleza, e por a boa gente que o defendia, não se podia cobrar por força, e durou o cerco tanto tempo, que por o Castello não ter soccorro, nem lhe poder vir provisão de mantimentos de fóra, foram os de dentro postos em tanta estreiteza de fome, e doutras necessidades que por não morrerem; tão cruas e desesperadas mortes, como se lhes ofereciam, estavam pera se dar, e entregar o Castello, e não sofrer mais apertos de tão perversa lealdade.

E estando nesta afronta se diz, que Dom Fernão Rodrigues Pacheco se alevantou um dia muito cedo, e andando pelo muro cuidando na preça, em que estava, e sobresso posto em desvairados pensamentos sem determinadamente saber o que faria, lembrando-se de Deus, lhe pedia muito de coração, que por sua misericordia por alguma maneira lhe socorresse, por tal, que não cahisse em tamanha mingoa de sua honra, como seria dar aquelle Castello se não a El-Rei,

que lho dera, e porque lhe tinha feita menagem, e que durando nesta maginação, e oração, que vio vir contra a ribeira do Mondego, que é ahí junto, uma Aguia, que trazia nas unhas uma grande truita, e que voando por sima do Castello lhe cahio dentro, ainda mui fresca, com que algum tanto logo se alegrou, e que a mesma truita, e com desse melhor pão, que no Castello se pode haver, e aparelhar, mandou todo em presente ao Conde no arraial, que tinha cercado, e lhe mandou dizer: «Que bem o poderia ter cercado quanto fosse sua mercê, mas que se por fome o esperava tomar, que visse se os homens, que daquella vianda eram bem bastecidos, se teriam rezão de entregar-lhe contra suas honras o Castello». Da qual couza o Conde, e estes a que do presente deu parte, foram assás maravilhados, e vendo, que por longar mais o cerco alli, não aproveitava, e em outras muitas partes daria, alevantou o cerco sobre Celorico, e o foi pôr sobre Coimbra.

CAPITULO XI

Como o Conde foi cercar o Castello de Coimbra, que tinha Martim de Freitas, por El Rei Dom Sancho, e das afrontas que passou no cerco

O CONDE como chegou a Coimbra antes de fazer grandes aparelhos pera o cerco e combates mandou dizer a Dom Martim de Freitas: «Que lhe entregasse a Cidade, e o Castello, como por muitas vezes já lhe mandara requerer, e por isso lhe faria muita mercê, porque se o assi não fizesse, que o combateria, e o cobraria tudo com sua perda, e dano». E

Dom Martim de Freitas lhe respondeo : «Que sua mtrcê poderia comprir sua vontade, e fazer o que quizesse, porém que fosse certo, que em quanto soubesse que El-Rei Dom Sancho seu Rei, e Senhor, era vivo, que lho não entregaria sem seu mandado, ou sabendo, que era morto, e que o não ameaçasse com morte, nem perigos, porque tudo padeceria com bom coração por inteiramente comprir com sua lealdade». Pelo qual o Conde assentou seu cerco sobre o Castello, e ordenou seus combates, com que logo, e depois o combateo muitas vezes, em que de uma parte, e da outra houve mortos e feridos.

Mas o alcaide, e os que por sua defenção comsigo tinha eram taes, que os cometimentos do Conde não aproveitavam pera cobrar o Castello por força, da qual cauza anojado o Conde fez juramento a Deos de nunca se levantar de sobre elle até o tomar por força, ou por fome, e assi o fez porque o cerco foi tão porlongado, que os de dentro por falecimento dagoa, e de provizões, que já não tinham, como desesperados comiam, e bebiam couzas mui contrairas, e descostumadas da natureza humana, que não ficáram bestas, cães, gatos vivos, nem os couros das alimarias mortas. E sendo o Conde desto certificado os mandava afrontar, e requerer cada dia : «Que se dessem, e não padecessem sem cauza, e por contumacia tão asperas cruzas, que a sua tal façanha era vã, que não podia, nem devia levar ao diante».

Ao que Dom Martim de Freitas por sua honra, e fama não queria obedecer, e dice, que durando este cerco, padecendo já de dentro grande, e mortal necessidade de sede, que porque viram um Cavalleiro do Conde cavalgado pelo rio do Mondego passar, e que o cavallo de farto não provou agoa, e que os de dentro magoados por sua mingoa, e envejosos da bem-

aventurança da alimaria, fizeram sobresso grandes lamentações, com que alguns parentes, e amigos do Alcaide lhe aconselhavam: «Que pois os padecimentos incomportaveis que sofriam sem esperança de ajuda, nem soccorro estranho eram taes, que já se não podiam comportar, e elle no Regno era só o que sustinha tal profia, que por dar a elle, e aos seus as vidas, desse o Castello ao Conde».

Dom Martim de Freitas lhes respondeo: «Pärentes, e meus amigos, que aqui estaes, nunca Deos queira, que obedecendo a esse vosso concelho eu ponha tão grande magoa sobre minha limpeza, nem consinta tamanha traição sobre minha honra, e lealdade, nas quaes todas encorreria se desse este Castello senão a quem por minha menagem mo deu, em quanto elle for vivo, e ami não fica por ver, e conhecer craramente as grandes tribulações que vós, e eu, e todos aqui padecemos, mas se vós quizerdes trazer a vossas memorias, e poer ante estas vossas necessidades outras muito maiores fomes, e males, que muitos sendo cercados já padeceram, achareis que por manterem suas lealdades depois que todalas couzas lhe faleciam a comerem as raizes das viz ervas, se sostiveram, pelo qual deste temor e afronta prazerá a Deos por sua piedade, que bom nome, e segurança tossa sedo nos livrará, e em algum tempo vos alegrareis contardes a vossos filhos e amigos estes males que padeceis, com que não acrescentareis pouco em vosso louvor e merecimento, e obrigação de bondade, e lealdade, que a outros em semelhantes cazos confrangeo, e essa mesma neste caso nosso nos não desobriga, ca em outra maneira as vidas, que salvamos, durarão poucos dias, e a infamia, e deshonra, que por isso recebemos, durarão pera sempre, pelo qual vos rogo, que em quanto poderdes não faleçais, e me ajudeis, ca Deos nos acorrerá, e es-

te mal prazendo a elle não durará muito, e por ventura se algum de vós pera seu serviço, ou pera outra sua deleitação tiverem dezejos de molheres dizei-mo, que aqui está minha filha, que é boa donzella, e que muito amo a que eu mandarei que em tudo vos sirva de boamente, porque com melhor vontade consentirei, e menos me doerá, que ella perca a vertude de sua virgindade, que por mingoa de vós outros, perder eu minha lealdade, e ser constringido a fazer tamanha traição, como seria dar como não devo este Castello a quem mo não deu».

Com estas palavras, que Dom Martim de Freitas dice, ficaram todos muito maravilhados, e louvando muito sua bondade, se esforçaram, e lhe prometeram, que ora fosse com rezão, ou sem ella, elles por satisfazer a seu dezejo por algum cazo, e afronta, que sobreviesse, o não leixariam, antes todos morreriam primeiro com elle.

CAPITULO XII

Como pela morte del-Rei Dom Sancho, Dom Martim de Freitas entregou o Castello de Coimbra, e das diligencias e exames que primeiro fez por limpeza de sua rigorosa lealdade

ESTANDO Dom Martim de Freitas nesta afronta com El-Rei, e havendo já um anno e quatro mezes, que El-Rei Dom Sancho fora pera Castella, prouve a Deos de o levar deste mundo, e faleceo em Toledo, como adiante direi, e sendo de sua morte certificado o Conde seu irmão, tendo ainda o cerco sobre Coimbra, como Principe em que ha.

via muita prudencia, e grande piedade, mandou logo ajuntar muito pão, e vinho, e carnes, e pescados, e outras maneiras de refrescos, e mandou levar tudo ao Castello, enviando dizer ao Alcaide: «Que fosse certo, que El Rei Dom Sancho seu irmão era já falecido, e que lhe daria tempo, em que por elle em pessoa, ou por outrem, podesse haver desso verdadeira certidão, com a qual entregasse o Castello».

Dom Martim escolheo certificar-se por si mesmo. E o Conde o segurou da hida e estada, e ser livre até tornar ao dito Castello, que então se não combateria. Dom Martim de Freitas chegou a Toledo, e como quer que por muitos fosse certificado da morte del-Rei Dom Sancho, que no Moimento que mostraram o viram sepultar, elle o não quiz crer, mas por mór certeza fez tirar a campa que o cobria, e como o vio, e achou que em certo era aquelle, se diz, que prezente muitas testemunhas, que trouxe por comprir com sua menagem poz as chaves do Castello de Coimbra, que levava, no proprio braço direito del-Rei Dom Sancho, e depois de lhe fazer por ellas entrega do dito Castello lhas tirou, e trouxe comsigo a Portugal, e desso tomou escrituras publicas, e fez cerrar o Moimento, e se tornou a Coimbra, e dentro entrou secretamente no Castello, e ao outro dia mandou logo dizer ao Conde que o fosse receber, porque já lho podia entregar, e lhe devia obedecer: e que a elle, e não a outro algum o entregaria com boa vontade.

O Conde foi logo ao Castello, e o Alcaide abriu logo as portas delle, e tomou a mulher, e a filha, e as poz fóra dizendo: «Leixemos este Castello a cujo é». E com esso se poz de joelhos diante o Conde, e com as chaves delle nas mãos alevantadas lhe dice: «Senhor, pois a Deos prouve que El-Rei Dom Sancho, vosso irmão falecesse tomai vossas chaves, e vosso

Castello, e daqui por diante eu vos servirei, e haverei por Rei, e Senhor». E logo amostrou ao Conde, e á nobre gente que era com elle as escrituras das deligencias, que em Toledo por sua honra, e descargo fizera, e acertou-se que um Cavalleiro do Conde, que era presente dice a Dom Martim de Freitas : «Que porque não pedia perdão ao Conde, por quanto nojo e desserviço lhe fizera, e por lhe ferir, e matar tanta gente, denegando-lhe tanto tempo a entrega e obediencia do Castello, que era seu».

E Dom Martim em se querendo escuzar pera não dever de pedir tal perdão, acudio mui prestes o Conde, e dice ao fidalgo, que o reprendia : «Que semelhante perdão em tal cazo Dom Martim não era obrigado de pedir, porque elle não fizera erro, mas tinha feita boa façanha dina de bom Cavalleiro, e leal fidalgo». E por ella lhe tornava a dar o dito Castello pera elle, e pera todos os que delle decendessem, fazendo menagem a elle, e a todos seus herdeiros. E Dom Martim lhe respondeo : «Que lho tinha muito em mercê ; mas que elle por alguma maneira não tomaria o dito Castello, antes lançava maldição a seus filhos, e netos, e a todolos que delle descendessem até o quarto grao se por Castello fizessem menagem a Rei, nem a outra pessoa de qualquer condição que fosse».

E com esto assi concertado o Conde leixou o Castello de Coimbra, como devia, e se tornou outra vez a Celorico, onde Dom Fernão Rodrigues estava, porque da morte del-Rei Dom Sancho era já bem certificado, e assi sabia que o Castello de Coimbra já era entregue, deu logo ao Conde o Castello sem mais resistencia, nem cautella. Estes dous foram os derradeiros Castellos de Portugal que ao Conde obedeceram.

CAPITULO XIII

Da morte del-Rei Dom Sancho, e onde jaz, e de algumas cousas que se em seu tempo passaram

EL-REI Dom Sancho depois da segunda vez que tornou a Toledo nunca dahi mais se partio onde com sua vida, e costumes passados em grandes virtudes, e com sinaes de bom, e Catholico Christão acabou sua vida em idade de quarenta annos, na era de mil duzentos quarenta e sete annos (1247) que dos quaes Reinou vinte e quatro, a saber vinte e dous em Portugal, e dous estando em Castella, e seu corpo foi sepultado na Capella dos Rex da Sé de Toledo, que elle mandou fazer á sua propria custa, e assi deu grandes ajudas pera o acabamento da dita Sé, que se então fazia por El Rei Dom Fernando, que de mesquita, que era a mandou refazer em fórma das outras Igrejas, como agora está, porque quando El-Rei Dom Sancho se foi pera Castella, levou consigo muitas joias, e grandes riquezas, que ficaram del-Rei Dom Affonso seu padre, e del-Rei Dom Sancho seu avô ; das quaes algumas não tornaram a Portugal, e todas se gastáram em Castella.

Este Rei Dom Sancho no começo de seu Regnado deu á Ordem de San Tiago em desvairados tempos, e por apertadas doações, as Villas de Mertola e Daljustrel, as quaes Villas tomou aos Mouros Dom Payo Correa, Mestre de San Tiago de Castella, e porque eram da conquista de Portugal as tornou a El-Rei Dom Sancho, que dellas fez as ditas doações á dita Ordem. E como estas Villas se ganharam, na Coronica del-Rei Dom Affonso Conde de Belonha, se dirá mais

largo, e El Rei Dom Sancho povorou de fogo morto a Cidade da Idanha a velha, sendo de todo destruida dos Mouros, e depois que El-Rei Dom Sancho seu avô a leixou á Ordem do Templo, e o dito Rei Dom Sancho faleceo sem filho, nem filha legitimos, nem bastardos, que se soubesse.

E dahi a um anno, em dia de São Clemente a vinte e tres dias de Novembro do anno de mil duzentos e quarenta e oito annos, El Rei Dom Fernando tomou por cerco a Cidade de Sevilha aos Mouros, e dahi a tres annos e meio, nella faleceo, e ahi jaz sepultado, e havia treze annos que tambem tomára Cordova salteada primeiro, e entrada por certos Christãos Almogaveis, e foi socorrida, e mantida por o mesmo Rei Dom Fernando.

E em Regnando este Rei Dom Sancho faleceram de suas vidas por muitos, e grandes milagres São Domingos, que faleceo em Bolonha, no anno de mil duzentos e vinte sete (1227) e Sancto Antonio, natural da Cidade de Lisboa, em Padua, os quaes suas mui sanctas vidas foram em seu tempo deste Rei Dom Sancho, todos Canonizados, e referidos ao numero dos Sanctos, por o Papa Gregorio IX, o qual Canonizou Sancto Antonio na Cidade Despoleta em Italia anno de mil duzentos trinta e um (1231.)

DEO GRATIAS

INDEX

DAS COUSAS NOTAVEIS

A

Affonso II (El-Rei D.) de Portugal, em que anno morreo, pag. 19

Affonso (D.) Conde de Bolonha é nomeado pelo Papa Innocencio IV para Governador do Reino de Portugal, pela incapacidade de seu irmão D. Sancho II, pag. 28. Na Cidade de Pariz na prezença de muitos Prelados e Cavalleiros, toma o juramento do Governo do Reino, e de que forma o fez, pag. 28. Deixa sua mulher a Coudessa Dona Matilde em França, e parte para Portugal, e do modo como se intitulava pag. 32. Cerca o Castello de Celorico, que governava Fernão Rodrigues Pacheco, e o levanta por cauza de um celebre estratagema de que este uzou, pag. 42. Põe cerco ao Castello de Coimbra, e da resistencia que lhe fez Martim de Freitas, que o governava, até que sabendo da morte del-Rei D. Sancho II lho entregou, pag. 42 a 47.

Affonso de Molina (D.) irmão de D. Fernando Rei de Lião, acompanhado de muitos Cavalleiros, e Soldados, entram por Portugal á petição del-Rei D. Sancho II para lançar fóra delle a seu irmão o Conde de Bolonha, pag. 34. Volta com os que o acompanhavam para Castella temerozo das censuras da Igreja, pag. 36.

Aljustrel. Foi tomada aos Mouros por D. Payo Correa, e dada por El-Rei D. Sancho II á Ordem de Santiago, pag. 48.

Alvaro Pires de Castro, (D.) filho de D. Pedro Fernandes de Castro o Castelão, foi cazado com D. Meicia Lopes, que depois cazou com El-Rei Dom Sancho II, pag. 21.

Antonio, (Santo) em que anno foi Canonizado por Gregorio IX, pag. 49.

B

Beringella (D.) mulher del-Rei D. Affonso de Lião. tia del-Rei D. Saucho II, de Portugal, o aconselha muitas vezes a que caze, por ser muito conveniente ao seu Reino, e elle o não executa, pag. 20.

C

Celorico. E' cercado o seu Castello por D. Affonso Conde de Bolonha, e levanta o sitio por um estratagemas de que uzou D. Fernão Rodrigues Pacheco, que o governava, pag. 42.

D

Desiderio (Fr.) é delegado doPapa Innocencio IV, para que entregue os Castellos, e Fortalezas de Portugal á obediencia de D. Affonso Conde de Bolonha, pag. 32.

Domingos, (S.) donde, e quando falleceo, pag. 49.

F

Fernando (D.) Rei de Lião, em que dia, e anno conquistou Sevilha, pag. 49 Faleceo nesta Cidade ibi.

Fernão Garcia de Souza, filho de D. Garcia Mendes de Souza, e neto do Conde D. Mendo o Souzaõ, offe-

rece a El-Rei D. Sancho II, quando voltava para Castella sem esperança de governar em Portugal, que se recolhe-se a Trancozo, e da pratica que fez a El-Rei em Moreira contra Martim Gil, pag. 36 e 37.

Fernãc Rodrigues Pacheco, governando Celorico, e sendo sitiado por D. Affonso Conde de Bolonha levanta o sitio por cauza de um celebre estratagemma de que uzou, pag. 42.

H

Honorio III expede uma Bulla a Sancho II de Portugal, em que lhe adverte queira emendar os absurdos que se cometem no seu Reino, e o excomunga se não obedecer, sendo executor destas censuras o Arcebispo de Braga, pag. 22. Segunda vez o notifica com palavras de maior severidade, e rigor, até que El-Rei obedece, pag. 23.

I

Idanha a Velha foi povoada por Sancho II. pag. 49.

Innocencio IV convoca Concilio em Lião, e nelle á petição dos Prelados e Conselheiros de Portugal nomea por Governador do Reino a D. Affonso Conde de Bolonha pela incapacidade de seu irmão D. Sancho II, pag. 25 e 26.

João (D.) Arcebispo de Braga com D. Tiburço Bispo de Coimbra, e outros Cavalleiros Portuguezes, vão ao Concilio de Lião onde representam a Innocencio IV, que lhe nomeie Governador do Reino pela incapacidade de D. Saneho II, pag. 27.

L

Lopo (D.) senhor de Biscaia, foi pai de D. Mecia Lopes mulher de D. Sancho II, de Portugal, pag. 21.

Luis (S.), rei de França primo del-Rei D. Sancho II, de Portugal assistio no Concilio de Lião, que con-

vocou Innocencio IV, pag. 26. Foi conquistar a Terra Santa, levando consigo sua espoza a Rainha Dona Margarida, ibi. Conquista a Cidade de Damiatá, ibi. Morre no sitio da Cidade de Tunes, e seu filho D. João e é Canonizado pelo Papa Bonifacio VIII, pag. 27.

M

Martim de Freitas Governando o Castello de Coimbra, e sendo cercado por D. Affonso Conde de Bolonha animosamente o defende, pag. 43 a 45. Parte a Toledo para se certificar da morte del-Rei Dom Sancho II e achando ser certa lhe entregou as chaves do Castello de Coimbra, e depois voltando a ella o entrega a D. Affonso irmão do dito Rei defunto, pag. 46 e 47.

Martim Gil, cavalleiro honrado teve tenção de matar a D. Fernão Garcia de Souza, pelo que disse da sua pessoa a D. Sancho II em Moreira, pag. 38,

Mecia Lopes (D.) filha de D. Lopo Senhor de Biscaia, viuva de D. Alvaro Pires de Castro caza com D. Sancho II, pag. 21. E' separada violentamente del-Rei, e levada ao Castello de Ourem por estar nullamente cazada com elle, pag. 25.

Mertola foi conquistada dos Mouros por D. Payo Correa, e dada á Ordem de San-Tiago por Sancho II, pag. 48.

O

Orraca (D.) mãe del-Rei Dom Sancho II de Portugal, foi irmã de D. Beringela Rainha de Lião, pag. 20.

R

Reymão Viegas de Porto Carreiro, em companhia de D. Martim Gil de Soveroza, e de outros Cavalleiros levaram para o Castello de Ourem a D. Mecia, contra a vontade del-Rei D. Sancho II, pag. 25.

S

Sancho II, (D.) de Portugal em que idade foi levantado Rei, pag. 19. Porque lhe chamáram Capello não se sabe certamente, mas infere-se, ibi. Pela sua enercia padeceo o Reino repetidas perdas no tempo, que o governou, pag. 20. Caza com D. Mecia Lopes, filha de D. Lopo Senhor de Biscaya, ibi. E' admoetado pelos Prelados, e povos do Reino a que se aparte de D. Mecia, e o não executa, ibi. O Papa Honorio III, o exorta a que emende os absurdos de que é author, aliás que o excomungará, pag. 22. E' advertido por Gregorio IX a que largue a D. Mecia por estar nullamente cazado com ella, pag. 23. Tendo noticia de que seu irmão D. Affonso entrara no Reino para o governar parte a Castella para pedir soccorro a seu primo D. Fernando, pera que o lançasse fóra, e lho concede, pag. 33 e 34. Donde morreo, em que idade, e onde está enterrado. pag. 48. Deu á Ordem de San Tiago as Villas de Mertola, e Aljustrel, que conquistára D. Payo Correa, pag. 48.

Sevilha, Em que dia e anno foi conquistada por El-Rei D. Fernando de Lião, pag. 49. Nella morreo, e está sepultado o mesmo Rei ibi.

T

Tiburço (D.) bispo de Coimbra com D. João Arcebispo de Braga, e outros Cavalleiros Portuguezes vão ao Concilio de Lião, onde representam a Innocencio IV a necessidade que tem de que lhes nomeie Governador do Reino por ser incapaz D. Sancho II, pag. 25 e 26.

FIM

INDICE DOS CAPITULOS

I — Como o Ifante D. Sancho Capelo, foi alevantado por Rei, e das condições fracas que teve, e como cazou, e não como a sua honra e estado Real compria e se devia.....	19
II — Do que o Papa a requerimento dos Prelados, e povo de Portugal escreveo, e requereo a El-Rei Dom Sancho por sua Bulla.....	22
III — Como El-Rei Dom Sancho por amoestações do Papa se não quiz apartar de Dona Mécia Lopes sua molher, e como lhe foi tomada	24
IV — Do Concilio que o Papa Innocencio IV fez em Lião de França, onde os Prelados, e os Senhores de Portugal, se foram querelar del-Rei Dom Sancho, e lhe pediram novo Regedor para o Regno, que por mingoa da justiça se perdia, e lhe outorgou o Ifante Dom Affonso Conde de Bolonha, irmão do dito Rei Dom Sancho	25
V — Como o Conde de Bolonha, depois de asscitar a governança de Portugal fez sobre esso juramento com algumas condições declara-	

das	28
VI — Das Bullas e Provizões do Papa, que o Conde trouxe a Portugal pera os do Regno sobre sua governança, e assi outra Bulla que sobre o mesmo caso enviou aos Frades de S. Francisco	31
VII — De como o Conde de Bolonha chegou a Portugal, e com elle um delegado do Papa, e das notificações que logo fizeram a El-Rei D. Sancho	31
VIII — Como El-Rei Dom Sancho mal aconselhado se foi com os dé sua valia pedir socorro a Castella, e como veio em sua ajuda o Ifante Dom Affonso de Molina com outros grandes, e gentes de Castella.....	33
IX — Como pelas deligencias do Conde de Bolonha El-Rei D. Sancho se tornou a Castella, e do que se passou no caminho com os cavalleiros de Trancozo.....	35
X — Como o Conde cercou em Celorico da Beira a Dom Fernão Rodrigues Pacheco, que lhe não quiz obedecer, e como por causa de truita se alevantou o cerco.....	40
XI — Como o Conde foi cercar o Castello de Coimbra, que tinha Martim de Freitas, por El-Rei D. Sancho, e das afrontas que passou no cerco	42
XII — Como pela morte del Rei Dom Sancho, Dom Martim de Freitas entregou o Castello de Coimbra, e das diligencias e exames que primeiro fez por limpeza de sua rigorosa lealdade.....	45
XIII — Da morte del-Rei Dom Sancho, e onde jaz, e de algumas couzas que se em seu tempo passaram.....	48

OBRAS PUBLICADAS

I—	HISTORIA DO CERCO DE DIU, por <i>Lopo de Sousa Coutinho</i> , 1 volume (esgotada).....	400
II—	HISTORIA DO CERCO DE MAZAGÃO, por <i>Agostinho Gavy de Mendonça</i> , 1 volume (esgotada).....	400
III—	ETHIOPIA ORIENTAL, por <i>Fr. João dos Santos</i> , 2 grossos volumes (esgotada).....	1\$500
IV—	O INFANTE D. PEDRO, chronica inédita por <i>Gaspar Dias de Landim</i> , 3 volumes.....	700
V—	CHRONICA D'EL-REI D. PEDRO I, (O CRU OU JUSTICEIRO) por <i>Fernão Lopes</i> , 1 volume.....	400
VI—	CHRONICA D'EL-REI D. FERNANDO, por <i>Fernão Lopes</i> , 3 volumes.....	1\$200
VII—	CHRONICA D'EL-REI D. JOÃO I, por <i>Fernão Lopes</i> , 7 volumes.....	2\$800
VIII—	CHRONICA D'EL-REI D. JOÃO I, por <i>Gomes Eanes d'Azurara</i> , VOL. I, II E III (VIII, IX E X).....	1\$200
IX—	DOIS CAPITÃES DA INDIA, por <i>Luciano Cordeiro</i> , 1 volume.....	400
X—	ARTE DA CAÇA DE ALTENAMIA, por <i>Diogo Fernandes Ferreira</i> , 2 volumes.....	800
XI—	APOLOGOS DIALOGAES, por <i>D. Francisco Manuel de Mello</i> , 3 volumes.....	1\$200
XII—	CHRONICA D'EL-REI D. DUARTE, por <i>Ruy de Pina</i> , 1 volume.....	400
XIII—	CHRONICA D'EL-REI D. AFFONSO V, por <i>Ruy de Pina</i> , 3 volumes.....	1\$200
XIV—	CHRONICA D'EL-REI D. JOÃO II, por <i>Garcia de Resende</i> , 3 volumes.....	1\$500
XV—	VIDA DE D. PAULO DE LIMA FERREIRA, por <i>Diogo do Couto</i> , 1 volume.....	500
XVI—	CHRONICA D'EL-REI D. SEBASTIÃO, por <i>Fr. Bernardo da Cruz</i> , 2 volumes.....	1\$000
XVII—	JORNADA DE AFRICA, por <i>Fernão de Alencastre</i> , 2 volumes.....	800
XVIII—	HISTORIA TRAGICO-MARITIMA, por <i>Bernardo Gomes de Brito</i> . VOL. I A X.....	3\$800
XIX—	JORNADA DE ANTONIO D'ALBUQUERQUE COELHO, por <i>João Tavares de Vellez Guerreiro</i> , 1 volume.....	600
XX—	CHRONICA D'EL-REI D. AFFONSO HENRIQUES, por <i>Duarte Galvão</i> , 1 volume.....	600
XXI—	CHRONICA D'EL-REI D. SANCHO I, por <i>Ruy de Pina</i> , 1 volume.....	400
XXII—	CHRONICA D'EL-REI D. AFFONSO II E DE EL-REI D. SANCHO II, por <i>Ruy de Pina</i> , 1 volume.....	400

EM PUBLICAÇÃO

HISTORIA TRAGICO-MARITIMA, por *Bernardo Gomes de Brito*, VOL. XI

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

Proprietario e fundador — MELLO D'ARVEEDO

(VOLUME LIV)

CHRONICA
D'EL-REI D. AFFONSO. III

POR

RUY DE PINA



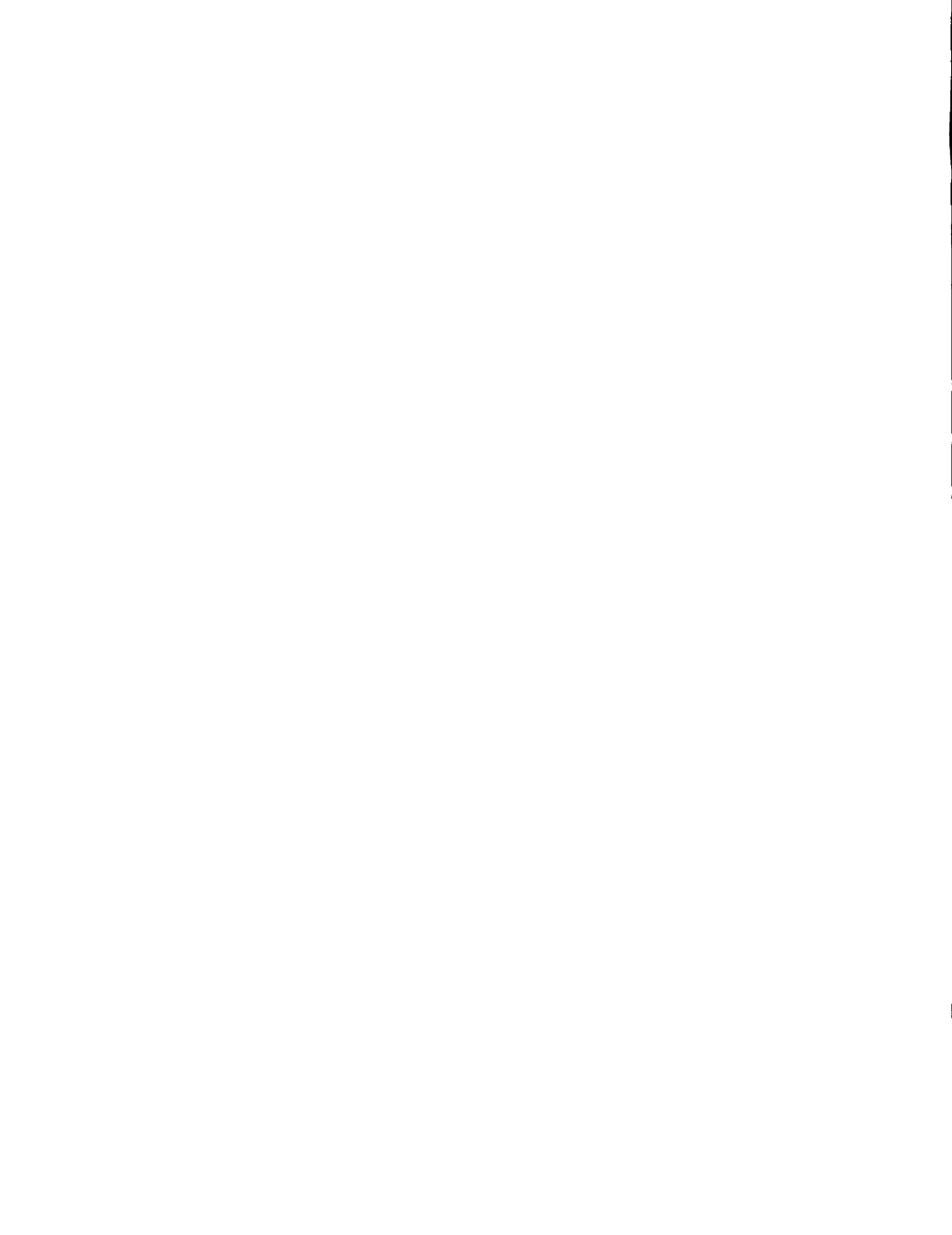
ESCRITORIO

147=RUA DOS RETROZEIROS=147

LISBOA

1907

BIBLIOTHECA
DE
Classicos Portuguezes
Proprietario e fundador
MELLO D'AZEVEDO



BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

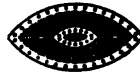
Proprietario e fundador — MELLO D'ARVEDE

(VOLUME LIV)

CHRONICA
D'EL-REI D. AFFONSO III

POR

RUY DE PINA



ESCRITORIO

147=RUA DOS RETROZEIROS=147

LISBOA

—
1907

CHRONICA

DO MUITO ALTO, E MUITO ESCLARECIDO PRINCIPE

D. AFFONSO III

QUINTO REY DE PORTUGAL,

COMPOSTA

POR RUY DE PINA,

Fidalgo da Casa Real, e Chronista Mór do Reyno.

FIELMENTE COPIADA DO SEU ORIGINAL,

Que se conserva no Archivo Real da Torre do Tombo.

OFFERECIDA

A' MAGESTADE SEMPRE AUGUSTA DELREY

D. JOAÕO V.

NOSSO SENHOR.

POR MIGUEL LOPES FERREYRA



LISBOA OCCIDENTAL

Na Officina FERREYRIANA.

M.DCC.XXVIII.

Com todas as licenças necessarias.

SENHOR

CONTINUANDO com a edição das Chronicas dos Senhores Reis de Portugal, gloriosos Predecessores de V. Magestade, continuo tambem na precisa obrigação de as offerecer a V. Magestade. Nesta do Senhor Rei D. Affonso III verá V. Magestade os caminhos que buscou a Providencia Divina para que empunhasse o Scetro um Principe, que para ter menos esperanças do trono se achava cazado em França, e verá V. Magestade a felicidade, com que soube estabelecer nos seus descendentes a Monarchia, que acrescentou com Estados novos, e que soube segurar com a total expulsão dos Africanos. Sirva-se V. Magestade de amparar o meu zelo com a sua Real benignidade, para que animado com tão soberano favor possa dar á luz as Chronicas que faltam. A Real Pessoa de V. Magestade guarde Deos muitos annos como dezejamos.

Miguel Lopes Ferreira

AO EXCELLENTISSIMO SENHOR

**D. FRANCISCO XAVIER
DE MENEZES**

QUINTO CONDE DA ERICEIRA, DO CONSELHO de Sua Magestade, Sargento mór de Batalha dos seus Exercitos, Deputado da Junta dos Tres Estados, Perpetuo Senhor da Villa da Ericeira, e Senhor da de Ancião, oitavo Senhor da Caza do Lourical, Commendador das Commendas de Santa Christina de Sazzedello, de S. Cipriano de Angueira, S. Martinho de Frazão, S. Payo de Fragoas, de S. Pedro de Elvas, e de S. Bertholameu de Covilhã todas na Ordem de Christo. Academico da Academia Real da Historia Portugueza, e um dos cinco Censores della.

Meu Senhor aonde não chega a confiança propria, é necessario buscar o amparo alheio. É tão elevada a Magestade, que nem ainda obsequioso me atrevo a chegar a ella: e por esta cauza procuro o patrocínio de V. Excellencia para que com a sua pessoa consiga o que por mim não posso.

Espero que V. Excellencia se digne de me fazer esta mercê, porque a continuação dos seus estudos, e a grande livraria que tem junto a sua erudição, justamente me desculpa para lhe pedir a protecção para um livro, que como de Historia da Patria precede a todos na lição, e porque sendo offerecido a Sua Magestade pela mão de V. Excellencia terá a acceitação que dezejo. Deus guarde a V. Excellencia muitos annos.

Criado de V. Excellencia

Miguel Lopes Ferreira

AMIGO LEITOR

Não me podes accuzar de falta de palavra, pois vês que te dou agora a Chronica del-Rei D. Affonso III que foi o Quinto Rei desta Monarchia. De serem breves as narrações das suas vidas, e summamente compendiadas as noticias dos seus governos, não tenho eu a culpa, tem-na os Chronistas que, ou não quizeram, ou não souberam. Tudo podia ser, porque a falta em semelhante materia procede umas vezes de não haver quem informe, e outras de não escreverem, o que todos sabem. Donde nasce que deste principio experimentamos o dano, porque desprezaram escrever o que era sabido, e desta sorte padecemos uma involuntaria ignorancia. Cazou este Principe em França donde esteve, e assistiu alguns annos, e sendo impossivel que não fizesse naquelle tempo acções dignas da sua pessoa, ou na paz, ou na guerra, tudo ficou sepultado em um profundo silencio, de que são reos os que escreveram primeiro. Ainda depois de nomeado Governador de Portugal, e ainda depois de ser Rei não houve aquelle cuidado nas penas dos Chronistas, que merecia a sua politica, que não foi nesta grande arte inferior aos maiores. Lê, e espera que brevemente te busque com a Chronica de seu filho o famoso Rei D. Diniz.

Vale.

LICENÇAS

DO

SANTO OFFICIO

VISTAS as informações, pode-se imprimir a Chronica de que se trata, e depois de impressa tornar-se para se conferir, e dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa Occidental o primeiro de Outubro de 1726.

Fr. Lancaster. Cunha. Teixeira. Silva. Cabedo.

DO ORDINARIO

VISTA a informação, pode-se imprimir a Chronica de que se trata, e depois de impressa tornar-se para se conferir, e dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa Occidental 4 de Outubro de 1726.

D. F. A. L.

DO PAÇO

Approvação do Doutor Manuel de Azevedo Soares, Cavalleiro professo na Ordem de Christo, do Desembargo de Sua Magestade, Dezembargador da Casa da Supplicação, Juiz dos Contos do Reino, e Casa Academico da Academia Real da Historia Portugueza, &c.

SENHOR

ESTA Chronica del-Rei D. Affonso III que pretende imprimir Miguel Lopes Ferreira assás recommendação tinha em o nome de seu Author para facilitar a licença que se pede: porque sendo Ruy de Pina Chronista de tão grande opinião, por ella só, ficavam approvadas as suas obras, sendo superfluos todos os encomios com que justamente se podiam encarecer. ⁽¹⁾ Não falta com tudo quem affirme que nem todas as obras, que se divulgam por suas, o são. E se em alguma pôde ter lugar a conjectura de que o não seja, é esta uma dellas ao que parece; porque sem passar do Capitulo terceiro, se encontra uma inverosimilitude, certamente muito alhea do entendimento de tão grande homem. Diz que sabendo a Condessa de Boloanha Mathilde, que seu marido era obedecido por Rei pacificamente, e não sabendo nada do seu casamento, confiando, que se elle a visse, a trataria, e honraria como sua verdadeira mulher, aprestara Naos, e que bem acompanhada, e com um filho, que se disse ter do dito seu marido, se embarcára para este Reino, e

⁽¹⁾ Super vacanci laboris est laudare conspicuos. Symach. l. 3. Epistol. 48.

chegando a Cascaes donde soubera logo, que elle estava em Friellas, e cazado com outra mulher, recebendo grande indignação, e tristesa, arrependida de ter vindo, especialmente depois de saber da condição da segunda mulher, tomando parecer, mandára dous Cavalleiros principais dos que trazia comsigo, para que participassem a El-Rei a sua vinda, e a sua queixa; e pela resposta, que trouxeram, se voltara para França, deixando o filho, segundo diziam uns, e que por certa lembrança achara, o havia levado comsigo, e que depois o mandára a este Reino, com outras mais circumstancias, que se referem no dito Capitulo. Não reparo em que faça menção de filho, e nem ainda que a Condeça tomasse a resolução de vir a este Reino sem premeditar as contingencias do successo, como se foi assim, lhe mostrou a experiencia, porque muitos Historiadores seguiram aquella tradição com circumstancias mais inverosimeis; cujo erro se acha novamente refutado com demonstrações, e authoridades evidentes, pelo eruditissimo Academico o P. D. Joseph Barbosa. (1) Reparo sómente em que se diga, que a Condeça não sabia nada do casamento de seu marido, porque demais de se affirmar o contrario por muitos Historiadores, sendo aquelle casamento tão escandaloso, e sendo a grandeza dos delinquentes, a que mais vulgariza os seus delictos, (2) como é crível o ignorasse a Condeça; e mais por ser entre pessoas de tão alta jerar-

(1) Catalog. Chronolog. das Rainhas de Portugal á n. 211.

(2) Dum in imis est quispiam, ejus quodam modo vitia delitescunt; cum vero ad dignitatis culmen ascendit in superficiem mox erumpunt, et quæ fuerant catenus inaudita jam per ora rumigeruli populi trita vulgantur S. Petr. Damian. Epist. 20 ad Cadol. Qui magno imperio præditi. in excelso ætatem agunt, eorum facta cuncti mortales novere. Salust.

quia; com instrumentos de dote publicos, e havendo tão pouca distancia para a noticia, como de Portugal a França. Quando ainda os segredos dos Principes, mais reconditos, estão sujeitos á infidelidade dos mesmos a que se confiam, ⁽¹⁾ se obrigava a um tal excesso, o seu affecto, sendo deste inseparavel a desconfiança, ⁽²⁾ como é verosimil, se lhe occultase a sua offensa. ⁽³⁾ Disto sem duvida se origina o pouco credito, que tem muitas historias, porque devendo ser a verdade o seu essencial fundamento, ⁽⁴⁾ notando-se-lhes algum erro em parte regularmente perdem a fé de todo. ⁽⁵⁾ E ainda que pelo Historiador a que foram commettidas as memorias deste Monarcha na Real Academia, que V. Magestade instituiu para que resuscitassem na memoria dos seculos futuros, aquelles heroes, que sendo na vida esclarecidos, os escureceu a morte, sepultando-os nas tenebrosas urnas de um ingrato esquecimento ⁽⁶⁾

⁽¹⁾ *Areana Regū ipsi predunt Satellites Gruterus. Florileg. c. 2.*

⁽²⁾ *Vel alieni amoris æmulus, quod frequentissimum est in amore vitium. Guillielm. Castellus apud Textor. in Epithet.*

⁽³⁾ *Ita Zelotipus in omnes aliorum gressus assiduo intentus totidem suspicionum umbras producit, quoties illos è loco moveri animadvertunt Picinel. mund. Symbol. l. 16. n. 66.*

⁽⁴⁾ *Non ostentationi, sed fidei, veritati que componitur Plinio Jun. l. 6. Epist. 16. lux et evangelium veritatis Cassan. catal. glor. mund. p. 10. consid. 46.*

⁽⁵⁾ *Et si per currantur horum historicorū scripta, tacite reperiuntur multa falso ab eis conscripta, quot fit, ut falsus in uno, in cæteris fidé perdant. Menoch. cōs. 112. v. 71. Paris. consil. 23. n. 253.*

⁽⁶⁾ *Historia rerū que gestarum descriptio, tubæ clangor, quo jam olim mortui velut è sepulcro excitati, in mediū producantur. Nicetas. Quia hoc quotidianū, et vulgare est, multi famosi in vita, et clari post obitū, sunt incogniti, et obscuri. Petraca de prosper. fortun. Dialog. 117.*

se restituirá de todo á verdade aquelle successo, conforme a empresa da mesma Academia : com tudo sendo na opinião de Santo Augustinho util que se publiquem livros repetidos sobre a mesma materia, com diversidade de estylo, ⁽¹⁰⁾ ainda me parece se póde conceder a licença, que se pede, sendo V. Magestade servido, porque sempre ficará illesa a fama do Author da Historia, na opinião dos que o conhecem, distinguindo na obra o que póde ser parto do seu entendimento. Lisboa Occidental 20 de Julho de 1727.

Manoel de Azevedo Soares.

Quz se possa imprimir visto as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impressa torne á mesa para se conferir, e taxar, e sem isso não correrá. Lisboa Occidental, 7 de Agosto de 1727.

Pereira. Oliveira. Teixeira.

⁽¹⁰⁾ Utile esse plures libros à pluribus diverso stilo, de eisdem quæstionibus fieri, ut ad plurimos res ipsa perveniat ad alios quidem sic, ad alios vero sic. D. August. in quæstion. de Trinit. c. 3.



Coronica do muito alto e esclarecido Principe D. Affonso III quinto Rei de Portugal

CAPITULO I

Como se intitula Rei de Portugal, e do Algarve, e como accrecentou os Castellos no Escudo das Armas Reaes, e a causa porque

POR falecimento del-Rei Dom Sancho deste nome o segundo, a que disseram Capello, porque delle não ficou herdeiro do Reino legitimo descendente, que o succedesse, foi alevantado, e obedecido por Rei na Cidade de Lisboa o Infante Dom Affonso Conde de Bolonha, seu irmão, a que o Reino de Portugal por successão directamente pertencia, em idade de trinta e oito annos na era de mil e duzentos e quarenta e sete, (1247) o qual era filho legitimo del-Rei Dom Affonso o Segundo, irmão menor do dito Rei Dom Sancho, por cujos defeitos, e por não reger como devia elle veo de Bolonha a este Reino de Portugal, e o governou, e defendeo dous annos, não se chamando Rei, mas Procurador, e Defensor delle por

mandado do Papa, como na *Coronica del-Rei Dom Sancho* claramente se disse, e depois que o dito Rei Dom Affonso Reinou durando os primeiros annos de seu Reinado, e antes de ter cazado a segunda vez com a Rainha Dona Breatiz, sua sobrinha, filha del-Rei Dom Affonso deste nome o Decimo de Castella, se intitulou sómente Rei de Portugal, e Conde de Bolonha, e trouxe seu Escudo com as sós Quinas sem a Orla, e bordadura dos Castellos, assi como os outros Reis de Portugal até este tempo trouxeram, segundo eu Coronista o vi nos sellos pendentés de algumas suas Cartas, que naquelle tempo passaram, e as achei na Torre do Tombo destes Reinos, de que por o officio sou Guarda-mór.

Porque depois que com a dita Rainha Dona Breatriz lhe foram dadas as Villas, e Castellos do Reino do Algarve, elle foi o que primeiro se intitulou Rei de Portugal, e do Algarve, e poz na orla do dito Escudo, e Quinas os Castellos dourados em campo vermelho, que logo elle, e depois os outros Reis de Portugal que delle decenderam sempre atégora trouxeram, e esto afirmo assi por declaração da duvida, que por muitos sobre os ditos Castellos já ouvi mover, a saber, se são Castellos por esta rezão, que disse, ou pelos de Riba de Coa, que a este Reino creceram, ou se eram com folões, ou bandeiras, que se dizem as Armas do Condado de Bolonha, e assi disputar sobre o numero dos ditos Castellos, a que digo, e afirmo que não podem ser Castellos pelos de Riba de Coa, porque El-Rei Dom Diniz filho del-Rei Dom Affonso os ganhou, e houve depois que Reinou, como em sua *Coronica* se dirá, nem menos pareçam, que sejam por respeito das Armas de Bolonha, que por seu cazamento, posto que em sua vida as trouxesse, ellas não ficavam, nem podiam ficar depois de sua morte á Coroa Real do Reino

de Portugal, quanto mais que a honestidade, e rezão contrariavam elle trazer em Portugal as Armas de Bolonha, por memoria da Condeça. sua molher de que contra direito, e em desprezo della se apartou, e nunca depois a quiz ver, por onde é mui certo que sómente são pelos ditos Castellos do Reino do Algarve como disse.

Os quais Castellos, posto que na primeira doação del-Rei de Castella ficam del-Rei Dom Affonso, seu genro a seus filhos, estão por numero certo, e assignados, nem por isso obrigam serem trazidos nas Armas por aquelle numero certo, porque naquelle tempo El-Rei de Castella lhe deu os mais que ganhasse, como ganhou sem os declarar, assi que estes Castellos são postos na Orla, não por numero certo, mas o que nella em boa proporção bem podesse caber, e porém El-Rei Dom Affonso logo como Reinou, e assi depois que a segunda vez cazou foi bom Rei, verdadeiro, e prudente, e de coração mui esforçado, e muito amigo da Justiça, por a qual a muitos mal feitores, que foram presentes, e em seus crimes comprehendidos, deu suas devidas penas, com medo das quaes outros se foram da terra, e regeo bem o Reino com devida, e inteira equidade, e proveo o povo em inteira Justiça, e sua real Caza, e Fazenda com singular regra, e louvada ordenança, e fez muitas boas, e novas povoações em muitas partes do Reino, que eram despovoadas, e mandou lavrar, e aproveitar os termos de muitas Villas, e Castellos para reparo, e culto da terra, que dos tempos passados estava mui denificada, e quaes foram as obras dinas de memoria que fez além dos feitos grandes darmas de sua conquista do Algarve, no fim desta sua Cronica em soma particular estão declaradas.

CAPITULO II

Como El-Rei D. Affonso sendo casado com a Condessa de Bolonha em França a leixou, e casou com a filha del-Rei de Castella

ESTE Rei Dom Affonso sendo casado com Dona Matildes Condessa de Bolonha em França, elle a leixou no dito Condado, e se veo a Portugal, como na Coronica del-Rei Dom Sancho seu irmão é declarado, e depois de sua vinda a poucos annos casou outra vez com a Rainha Dona Breatiz, filha bastarda del-Rei de Castella, a qual elle houve em Dona Mayor Guilhelme de Gosmão, sua manceba, a que foi muito afeiçoado, e a que fez mui firmes, e grandes doações de muitas Villas, Castelllos, e rendas de Lugares no Reino de Castella, para depois de sua morte ficarem á dita Rainha D. Breatiz sua filha, e a seus filhos herdeiros para sempre, porque, segundo parece pelas palavras do testamento que o dito Rei Dom Affonso fez, elle antre todolos filhos, e filhas que teve, a esta Rainha Dona Breatiz, sua filha mostrou elle querer mór bem, e a que mais se devia por serviço e beneficios, e soccorros que della em suas tribulações mais que doutro algum tinha recebidos, e a que mais desejou galardoar, e dar muito do seu se pudera, o qual casamento del-Rei, e da Rainha Dona Breatiz, quando se concertou, e se fez foi assás maravilha dos homens que o sabiam, assi pela grandeza do dote delle, não sendo a Rainha filha legitima, como

principalmente por casar em tempo, que a Condessa, sua primeira mulher ainda era viva, e sobre este passo se acha por lembrança que um privado del-Rei Dom Affonso havendo este casamento por estranho, e muito contrairo a sua consciencia lhe disse que não fizera bem em casar com a rainha Dona Breatiz, pois sabia que era cazado com a Condessa de Bolonha, com quem já se muito contentára, e honrára de cazar, e que El-Rei lhe respondera, que se não espantasse do que tinha feito; porque ao outro dia ainda cazaria com outra mulher, se com ella lhe dessem outra tanta terra, porque mais acrecentasse em Portugal.

CAPITULO III

Como a Condessa de Bolonha veio a Portugal, e como El-Rei seu marido a não quiz ver, e ella se tornou, e do que sobre isso fez

E Passados alguns annos depois que El-Rei Dom Affonso partiu de Bolonha a Condessa sua mulher, soube lá o falecimento del-Rei Dom Sancho, e assi como o Conde seu marido pacificamente era alevantado, e obedecido por Rei de Portugal, e não sabendo nada do cazamento del-Rei, e confiando que elle se a visse a trataria, e honraria como a verdadeira sua mulher, que era, fez-se logo prestes, e em Naos bem aparelhadas, e de Cavalleiros, e nobre gente, e doutras gentes bem acompanhada, e com um seu filho, que se diz que tinha de seu marido, partiu de sua terra, e veo ancorar ante a Villa de

Cascais, cinco legoas de Lisboa, onde perguntando ella, e os seus por El-Rei onde era? Foi logo certificada que El-Rei estava em Frielas, duas legoas de Lisboa, cazado já com outra molher, com as quaes novas a Condessa recebeo muita torvação, e grande tristeza, e pezou-lhe muito de sua vinda, e assi aos de sua companhia, especialmente depois que soube o estado, e condição da segunda molher, que era filha del-Rei de Castella.

E tendo concelho ácerca do que neste caso faria, acordaram, que antes de tudo era bem que fossem a El Rei dous seus Cavalleiros principaes, que vinham com ella e delle eram bem conhecidos e a que por seus serviços, que nas guerras de França lhe tinham feitos, e por outros merecimentos, queria grande bem, e que estes lhe fizessem saber da vinda da Condessa, e assi o nojo, e espanto que por seu cazamento tinha com rezão recebido, e soubessem delle finalmente a detreminação de sua vontade. Estes Cavalleiros em chegando a El-Rei foram logo delle por seu conhecimento mui bem recebidos, mas depois que lhe propuzeram a Embaxada da Condessa com a graveza, e estranhamentos, que ella mandou, e disseram o mortal sentimento, e deshonra em que estava, e lhe pedia que por cumprir sua bondade, e consciencia a recebesse no Reino, e tratasse por sua molher como merecia.

El-Rei avendo-se delles por scandalizado, por ouzarem de lhe trazer em tal tempo tal mensagem com o rosto irado lhes disse, que de não perderem as vidas com suas cabeças cortadas os relevava naquella ora o grande bem que lhes queria, e os muitos serviços que lhe tinham feitos, e que porém não fizessem ante elle mais detença, antes que logo se tornassem á Condessa, e lhe dissessem que não saisse

em seu Reino, mas que delle logo sem nenhuma delonga se partisse, e se tornasse para sua terra donde viera, que se o assi não fizesse elle teria com ella tal maneira de que lhe muito pezaria.

Com esta reposta chea de tanta aspereza, e fóra de toda a humanidade, os Cavalleiros se tornaram para a Condessa, a qual maravillhada, e atemorizada da sem rezão, e indignação del-Rei, e das mais cousas, que elles em seu cazo mais passaram, e lhe contáram; mandou fazer prestes suas naos, e embarcou nellas, e se tornou para Bolonha, e o tempo que a Condessa veo a Cascais se diz, que ella trazia um filho seu, e del-Rei Dom Affonso, como já disse, cujo nome, vida, nem feitos não achei declaradamente escritos, porque uns dizem, que quando a Condessa se partio de Cascais, que o leixou em terra, para que o levassem a seu pai, dizendo que não quizesse Deos, que com ella tornasse cousa del-Rei, e por outra certa lembrança achei, que ella tornou a levar seu filho consigo, e que depois o mandou a Portugal, onde El-Rei o mandou bem criar, e que saio muito bom Cavalleiro, e mui amado del-Rei, e dos Nobres do Reino, e que foi cazado com uma filha do Ifante Dom Pedro de Castella, que era a mais fermosa mulher Despanha; mas qual era este Ifante Dom Pedro, e sua filha, e os nomes delles, e em que tempo cazaram, e que terra tiveram, e o que se delles fez depois eu o não soube.

A Condessa como chegou á sua terra manifestou logo sua querella a seus parentes, que eram Nobres, e grandes homens no Reino de França, por cujo concelho, e ajuda, ella se enviou logo querelar ao Papa, que então era em França, noteficando-lhe largamente todo o que com seu marido passára no Reino de Portugal, pedindo a Sua Santidade que com suas Excommunhões, e Cençuras mandasse apartar El-Rei

Dom Affonso seu marido, da Rainha Dona Breatiz, que como Christãos, não podiam cazar, como cazaram; e mandasse que recebesse a ella para ter a honra, dinidade, e terras que de direito, como sua verdadeira molher lhe pertencia. E o Papa maravilhado da novidade por seu Breve o enviou muito estranhar a El-Rei Dom Affonso, e lhe rogou, e amoestou com palavras catholicas, e mui honestas, que logo se apartasse do segundo cazamento, e quizesse estar pelo primeiro, conforme a justiça, e petição da Condessa, e porque El-Rei não satisfez com efeito aos mandados Apostolicos, o Papa enviou sua comissão ao Arcebispo de San-Tiago, porque lhe mandou que outra vez requeresse, e amoestasse El-Rei Dom Affonso ácerca de seu apartamento, e quando logo o não fizesse, que o citasse, e emprazasse, que a quatro mezes parecesse em pessoa perante elle em sua Côrte, para ser ouvido com a Condessa, e estar a todo comprimento de Justiça, e o Arcebispo fez inteiramente todo o que neste cazo o Papa lhe mandou, mas El-Rei não foi á citação em pessoa, mas cresse que mandaria seu Procurador por elle sobre este negocio. Foi na Corte do Papa ordenado processo, e foi por elle tanto procedido que em favor da Condessa, e contra El-Rei foi dada sentença do apartamento seu, e da Rainha Dona Breatiz, e porque não obedeceram a ella, foi pelo Papa posto antredito em todo o Reino que durou muitos annos, acabados os quaes andando a era em mil e duzentos sessenta e dous (1262), a Condessa de Bolonha Dona Matildes faleceo em França, por morte, que em Portugal foi logo sabida.

CAPITULO IV

Como depois da morte da Condessa de Bolonha foi dispensado com El-Rei Dom Affonso que cazasse com a Rainha D. Breatiz, e dos filhos que della houvesse

Logo todos os Prelados, e Nobres homens, e povo do Reino enviaram sopricar ao Papa, e pedir-lhe que pois a dita Condessa era falecida mandasse levantar o antredito que no Reino por muitos annos era posto, e quizesse dispensar sobre o casamento del-Rei com a Rainha Dona Breatiz, porque ambos como marido, e mulher podessem licitamente viver, e ficassem lidimos os filhos, que já tinham havidos, e os que dahi por diante ouvessem, para com sua dispensação poderem directamente soceder no Reino de Portugal, depois da morte del-Rei seu padre, e assi quizesse revogar todalas doações que El-Rei Dom Sancho Capelo em fraude, e detrimento da Coroa de Portugal em suas necessidades tinha feitas ao Ifante Dom Affonso de Molina, e a outras quaesquer pessoas, por quam sem cauza, e contra direito eram, a que o Papa em todo logo satisfez, sobre que mandou passar suas Provisões Apostolicas, que vieram a este Reino, e estão em guarda na Torre do Tombo, sómente se acha que pela legitimação do Ifante Dom Diniz filho primeiro, e erdeiro, porque nacera em vida da Condessa de Bolonha, El-Rei Dom Affonso seu pai deu em especial, muita parte de seu thesouro.

El-Rei Dom Affonso houve da Rainha Dona Breatiz sua mulher estes filhos, a saber o Ifante Dom Diniz, que foi depois seu herdeiro, e successor, e nasceo em Lisboa dia de São Diniz, a nove dias de Outubro de

mil duzentos sessenta e um annos (1261), e por a devação deste Santo, em cujo dia nasceu, elle mandou depois fazer o seu Moesteiro de São Diniz de Odivellas, onde se mandou sepultar, como em sua Coronica direi mais inteiramente. E ouve mais o Ifante Dom Affonso, que foi Principe mui honrado, e de grande estima, e teve neste Reino boas Villas, e Castellos, e terras, e foi cazado com Dona Violante, filha do Ifante Dom Manoel de Castella, e da Ifante Dona Costança Daragão, de que houve um filho barão, e tres filhas, que foram grandemente cazadas em Castella, de que na Coronica del-Rei Dom Diniz farei mais larga declaração; e assim houve mais El-Rei Dom Affonso da Rainha Dona Breatiz a Ifante Dona Branca, que sendo mui moça, foi recebida por Senhora do Moesteiro de Lorvão, assi como o fora a Rainha Dona Thareja, sua tia que nelle jaz, e o reformou, como já tenho dito, e depois do falecimento del-Rei Dom Affonso seu pai, ella foi recebida por Senhora das Olgas de Burgos, onde sem cazar faleceo, e ahi já sepultada; e della porém se acha que um Cavalleiro dito o Carpiteiro houve um filho, que houve nome Dom João Nunes do Prado; e este foi Cavalleiro da Ordem de Calatrava, e depois foi Mestre della, quando Dom Garcia Lopes, que era Mestre, foi por seus desmerecimentos privado de Mestre.

E com tudo esta Ifante Dona Branca foi Princeza de mui louvadas virtudes, e teve em Castella boa terra, e neste Reino boa fazenda, porque ella foi senhora de Montemór-o-Velho, por doação del Rei seu pai, que em seu testamento lhe leixou mais dez mil livras, que são quatro mil cruzados, e assi foi senhora de Campo Maior, que El-Rei Dom Diniz seu irmão lhe deu em sua vida, e El-Rei Dom Affonso deste nome o Decimo de Castella, seu avô tambem lhe lei-

xou em seu testamento muito dinheiro, e alguns dizem que ella já em Lorvão, mas eu vi Cartas e Provisões, que ella nos derradeiros dias de sua vida passou para Portugal, feitas dentro no Moesteiro das Olgas de Burgos, onde tambem recolheo algumas filhas do Ifante Dom Affonso de Portugal seu irmão. E assi houve mais El-Rei Dom Affonso a Ifante Dona Costança sua filha, a qual a Rainha Dona Breatiz sua madre levou consigo a Sevilha, quando foi ver El-Rei Dom Affonso seu pai, e lá faleceo, e foi trazida a Alcobça, onde já sepultada. E houve mais um filho bastardo, que houve nome Dom Fernando, que foi Cavalleiro da Ordem do Templo, e já sepultado em S. Bras de Lisboa.

CAPITULO V

Das terras e Lugares que se acrescentaram a Portugal por este casamento

PELO casamento del-Rei Dom Affonso com a Rainha Dona Breatiz muitas Villas, e terras do Reino de Castella creceram, e se ajuntaram a este Reino de Portugal, e destas as que são na Comarca de Riba Dodiana, a saber Moura, Serpa, Mourão, Noudar, Olivença, Campo Maior, e Oguela, direi na Coronica del-Rei Dom Diniz, porque em seu tempo elle por concordias, e por escambos as houve, e depois atégora sempre pacificamente, e sem contração foram, e são pussuidas por a Coroa de Portugal, mas porque é claro, e mui notorio que por bem

do dito cazamento, ainda cresceram mais ao Reino de Portugal, o Reino do Algarve; de que este Rei Dom Affonso nova, e primeiramente se intitulou, e por cujo respeito em ladeo a borla dos Castelllos ás Quinas de Portugal, como atraz já toquei, para dizer os principios que teve, para boa declaração dos que esto virem farei meu fundamento um pouco mais alto, que será verdadeiro, e breve, como se segue.

El-Rei Dom Fernando de Castella deste nome o segundo, depois de ter pacificos os Reinos de Castello, e de Lião, que nelle a segunda vez se ajuntaram, ganhou dos Mouros a Cidade de Cordova, na era de mil e duzentos e trinta e cinco annos, (1235) na qual tomada foi com El-Rei Dom Fernando Dom Payo Correa, natural de Portugal, Mestre da Ordem Daviz, que é a de San-Tiago em Castella, por mui principal e de grande Caza, e mui esforçado guerreiro contra os imigos da Fé, e porque El-Rei Dom Fernando desejou muito de cobrar a Cidade de Sevilha, e assi a terra Dandaluzia, que toda era de Mouros, tornando-se para Castella leixou por Fronteiro contra ella Dom Payo Correa em São Lucar Dalbayda, e um Dom Rodrigo Alveres das Asturias, em Alcalá da Guardara, donde com muitas gentes que tinham, e com a guerra aturada, que faziam, poseram a Cidade de Sevilha em tanta estreiteza que o Rei della lhe deu gram soma de ouro, por tregoa de um anno, que os ditos Freires lhe outorgaram, dentro do qual os Mouros com fundamento de se proverem por muitos annos, semearam todo o pão, e sementes que tinham de que esperavam haver novidades, com as quaes recolhidas lhes pareceo que se segurariam, e manteriam por vinte annos, ainda que nelles fossem guerreados, e cercados, o qual os ditos Fronteiros notificaram logo a El-Rei Dom Fernando, e o aviza-

ram, que para ter esperança de cobrar em breve a Cidade antecipasse logo a guerra contra os Mouros, ou a colheita das ditas novidades para si mesmo, o qual logo El-Rei satisfez, e com grande poder, que ajuntou por mar, e por terra, veo cercar a Cidade, e depois de estar dezaseis mezes sobre ella, com cerco bem afrontado a tomou, ca se deu por partido, com segurança das vidas, e fazendas em dia de São Clemente, vinte e dous dias de Novembro, na era de mil duzentos quarenta e oito annos, (1248) treze annos depois da tomada de Cordova; e o dito Rei Dom Fernando, por mais segurança da terra, não sahio mais de Sevilha, e ahí falecco no anno de mil duzentos e cincoenta e dous, tres annos e meio depols da tomada de Sevilha, e ahí já sepultado. (1)

E foi logo alevantado, e obedecido por Rei de Castella, e de Lião, El-Rei Dom Affonso seu filho, sogro deste Rei Dom Affonso Conde de Bolonha; e o meio tempo que houve antre a tomada de Cordova, e Sevilha, e em que o Mestre Dom Payo Correa, era Fronteiro em Andaluzia contra os Mouros, elle guerreando e correndo as terras dos imigos, que eram a sua frontaria conjuntos, entrou pela Lusitania junto do campo Dourique, que dentro era da conquista de Portugal, Reinando ainda Dom Sancho Capello, e por força de armas o dito Mestre tomou em desvairados tempos as Villas de Aljustrel, e de Mertola, que eram de Mouros, as quaes a requerimento do dito Rei Dom Sancho, e por mandado del-Rei Dom Fernando de Castella, seu primo com Irmão, foram entregues ao dito Rei Dom Sancho por pertencerem a Portugal, o qual por sua devação, e pelas almas de seu pae e de sua mãi segundo diz em sua doação, e assi por com-

(1) Está beatificado por Santo.

pirar ao dito Mestre Dom Payo Correa, que era seu servidor, as deu logo á Ordem de San Tiago, cujas hoje são.

CAPITULO VI

Que fundamento houve para o Mestre Dom Payo Correa começar de conquistar o Algarve, que era dos Mouros

DEPOIS que o Mestre Dom Payo tomou estes logares da conquista de Portugal, até se ganhar o Algarve, passaram dous tempos em que reinaram dous reis de Castella, a saber o dito Rei D. Fernando, em cujo tempo o dito Mestre tomou primeiramente Tavilla, e Silves e alguns outros Lugares do Algarve, e apoz elle Reinou o sobredito Rei Dom Affonso seu filho, que reinando em Castella depois de fazer sua doação para sempre a El-Rei Dom Affonso Conde de Bolonha seu genro, e a Dom Diniz, seu filho se ganharam todos os outros Lugares do Algarve, em que tambem foi o dito Mestre como Vassallo, e Compadre, que era do dito Rei Dom Affonso Conde de Bolonha, e foi por esta maneira. Quando o Mestre Dom Payo Correa ganhou dos Mouros Aljustrel, como é dito, se acha, que estando ainda no dito Lugar, elle como bom Cavalleiro, e catholico guerreiro, desejando conquistar esta parte do Algarve, que confinava com Portugal, que toda era de Mouros, para saber se o poderia fazer, e como o faria, teve concelho com seus Cavalleiros, em que não achou conforme acordo, assi porque alguns contrariavam a empreza, e passagem da terra do Algarve, como porque era mui povorada, e

os Mouros della tinham pelo mar seu grande soccorro e ajuda Dafrica.

Mas o Mestre, cujo coração era já favorecido da vontade de Deos, prepoz entender na conquista, e não a leixar, e pãra esso falou apartado com Garcia Rodrigues, Mercador, que de contino tratava neste Algarve com os Christãos, e com os Mouros suas mercadorias, e secretamente lhe disse que seu desejo era com a ajuda de Deos, e por seu serviço cobrar dos Mouros esta terra do Algarve se podesse, para que então havia singular disposição pelo desvairo, e discordia em que sabia que estavam os Reis, e Senhores, que os senho-reavam, mas que o não commettia porque não sabia, nem tinha quem soubesse as entradas, e caminhos da terra, e por tanto lhe rogava pois elle esto tudo sabia que lhe dicesse seu parecer verdadeiro, como del-le por Christão, e bom homem confiava. E Garcia Rodrigues, em que havia bom espirito, lhe deu para esso tão bom concelho, e tanto esforço, e tal avia-mento, que o Mestre apartou logo alguns seus corre-dores por maneira dalmogavaria, para que fossem adian-te, os quaes partiram Daljustrel, e passaram á terra pela Torre Dourique, e andaram de noite mui atten-tadamente por os Mouros não aventarem delles al-guns sentimentos; e o primeiro Lugar a que chega-ram foi á Torre Descoubar, que por estar despescubi-da, e sem algum receo de Christãos prouve a Deos, que sem muita força, nem perigo foi logo tomada, donde enviaram logo recado ao Mestre, o qual não com menos alegria, que pressa fez prestes seus Caval-leiros, que nas armas trazia assás costumados, e bem ensinados, com que logo partio, e com suas guias que levava, chegou á dita Torre, que era tomada, e dahi sem muita detença cobrou mais o Lugar Dalvor, que é antre Silves e Lagos, e destes Lugares ambos de-

pois de serem de Christãos se fazia grande guerra aos Mouros, que estavam em Silves, e nos outros Lugares comarcãos.

Sentindo-se os Mouros do Algarve mui perseguidos, e assás denificados do Mestre, elles sobre consultação, que antre si fizeram, lhe commetteram, que selle quizesse lhe dariam o Lugar de Cacella junto com Tavilla por os Lugares Destombar, e Alvor, que tinha tomados, e a conciração, que os Mouros tiveram foi dos Lugares tomados, por serem no meo do Reino, e mais juntos do Cabo de São Vicente, onde a terra era então mais povorada se podia fazer, e fazia mais dano, que de Cacella, que era mais no fim da terra, e principalmente junto com Tavilla, que por ser Lugar forte, e de grande povoação os Mouros, e visinhos, e moradores delle poderiam mais facilmente lançar os Christãos, do qual partido, e escambo prouve muito ao Mestre, que logo entregou aos Mouros os Lugares tomados, e cobrou para si Cacella, que era Lugar forte, e bom, onde se fez logo prestes, e sahio com suas gentes para ir cercar, e tomar Paderne.

E como quer que até li os Mouros eram antre si em grandes desconcertos, como atraz se disse, porém á necessidade, e perigo em que a ida do Mestre os poz, os fez logo amigos, e concordes para com iguaes corações defenderem suas pessoas e terras, pelo qual sabendo os Mouros de Farão e Tavilla, e assi os dos outros Lugares de redor, como o Mestre era fóra de Cacella, para correr, e guerrear sua terra, avisaram tambem os de Loulé para que todos no dia seguinte tivessem ao Mestre o passo, e pelejassem com elle, os quaes ao outro dia sobre este acordo se ajuntaram, e partindo foram dormir contra a serra a um lugar que dizem o desbarato, e deste ajuntamento, e acordo não sendo sabedor o Mestre passou de noite mui se-

cretamente por Loulé sem ser sentido, seguindo seu caminho direito, que vem para Tavilla, porque as suas escutas que iam de diante sentiram os Mouros naquelle lugar onde jaziam, o Mestre não quiz mais abalar, e ali de noite se deteve, e ao outro dia, como foi manhã o Mestre com sua singular, e costumada destreza de guerra ordenou suas gentes em batalhas, e guiados de sua bandeira, que levavam tendida não andaram muitos passos que logo não houveram vista dos Mouros, que jaziam em um valle escuro, os quaes vendo a pouca gente dos Christãos em comparação da muita sua que tinham, foram mui alegres, ca tiveram grande esperança de haverem victoria.

E o Mestre sem mais detença rijamente deu nelles, em que logo achou grande esforço, e mui perigosa resistencia, pelo qual antre todos se travou mui crua e bem ferida batalha, em que a victoria por grande espaço esteve em balança, mas em fim não podendo os Mouros já soffrer aos Christãos nem ás mortes, e feridas, que de suas mãos recebiam, volveram-lhe as costas, e com desacordada fogida, cada um procurou de salvar sua vida. Nesta batalha foram dos Mouros muitos mortos, e feridos, e os que escaparam acolheram-se a um Lugar, que chamam *o Furadoiro*, que vem donde foi esta peleja caminho da fontè que ora dizem do Bispo, e porém os Christãos por a qualidade da fronta não ficaram sem sua parte de dano, mas este não acho escrito quanto seria, sómente que o Mestre e os seus pelo grande trabalho, e muito cansasso da batalha não seguiram o alcanço dos Mouros, e se recolheram.

CAPITULO VII

Do acordo que os Mouros fizeram contra o Mestre, e como houveram com elle batalha em que foram vencidos

Os Mouros de toda a terra, por este destroço, e desbarato, que houveram mostraram muito nojo, e grande tristeza, em especial os de Tavilla, porque tinham imigos tão fortes junto consigo, os quaes naquella ora juntos em seu concelho diceram: «Estes christãos não temem, antes nos menos prezam, e não é sem razão, porque ou por nossa muita fraqueza, ou por nossa grande dezaventura sempre somos delles vencidos, mas agora porque elles eram seguros, e despercebidos pela victoria, que hontem de nós houveram, cuidam já que não ha em nós esforço, nem acordo para nossa vingança, ajuntemo-nos outra vez, e sem medo os vamos commetter e sem duvida nós os desbarataremos, e com sua perda os lançaremos da terra, que é nossa».

E no outro dia o Mestre, que destas consultas, e ardis, não foi nem podia ser avisado, partio do lugar, onde fora a batalha para Cacella, e vindo por seu caminho direito, que dizem *o Almargem*, junto do qual os Mouros estavam prestes com seu ardil de os saltearem, e o Mestre já não trazia toda sua gente, que salvou da peleja, porque alguma leixara no monte, em que agora é Crasto Marim, para dahi recolherem alguns seus, que passavam pela ribeira, e porém em chegando ao logar do Salto, onde os Mouros os esperavam, elles sahiram a elle tão de supito, e o commetteram com tantas gritas, e forças, que o poseram em

muita torvação, e perigo, pela qual conveo ao Mestre e aos seus por força se recolherem a um monte alto, que é junto de Tavilla, a que depois chamaram a *Cabeça do Mestre*, donde pela fortaleza do lugar se defendiam dos Mouros melhor, e os ofendiam com mais sua aventagem.

Mas comtudo elles não afrouxavam os Christãos, antes por todas maneiras de fazer mal os combatiam, trabalhando com todas forças por lhes cobrar o monte, que os salvava, e com tanta fortaleza afrontavam o Mestre, que se não sobreviera a noite que os apartou elle, e os seus se despunham, e estavam em mortal perigo, e os Mouros apartados do combate lançaram-se ao pé do monte alongados da vista dos Christãos, logo com determinação de ao outro dia tornarem á peleja, mas elles neste primeiro proposito não perseveraram, porque praticando antre si sobre as gentes que ao Mestre logo viriam em seu socorro, e o perigo, que nesro corriam alevantaram-se, e foram-se tristes para os logares donde partiram, o que assi fizeram sem vista nem sabedoria do Mestre, o qual na noite passada já tinha avisada sua gente, que leixara em Cacella para que e viessem socorrer, como logo vieram com fundamento de dar batalha aos Mouros se o esperassem, quando soube que eram partidos alegre, e a seu salvo se foi para Cacella.

CAPITULO VIII

Como houve treguas entre os Christãos, e Mouros, e com que fundamento cada uns o outrogaram, e como foi a morte dos sete Cavalleiros Martyres, e o Mestre tomou Tavilla

Os moradores de Tavilla, e assi os Mouros das outras Villas seus comarcãos, vendo-se perseguidos, e mal tratados do Mestre, por seus meos que ante si tiveram concordaram, que por quanto a este tempo estavam já cerca do mez de Junho em que haviam de recolher seus pães, e dahi a pouco se achegava o outro de seu alacil para secarem e aproveitarem suas passas, e frnitas, era bem de procurarem poer com o Mestre tregoa até o São Miguel de Setembro, que vinha, no qual tempo acabariam inteiramente de recolher suas novidades, e dahi por diante teriam melhor disposição para lhe fazer a guerra, e o lançar fóra da terra. Da qual tregoa que pelos Mouros foi requerida, e apontada prouve muito ao Mestre, e lha deu, de que fizeram suas certidões com fundamento, que não sómente neste tempo daria descanso aos seus dos muitos trabalhos que tinham passados, mas que ainda nelle se perceberia das mais gentes, que para o dezejado fim de sua empreza lhe eram necessarias.

E sendo por bem desta tregua os Christãos, e os Mouros de uma parte, e da outra seguros, D. Pedro Rodrigues, Commendador mór de San-Tiago, que era na companhia do Mestre dice aos outros Cavalleiros, que por seu desenfadamento, pois estavam em tregoa fossem com suas aves á caça ao lugar das Antas, que

era terreno de Tavilla, e está dahi tres legoas. Ao que foi o Mestre como pessoa mui prudente, contrai-ro, dizendo-lhe que escusassem em tal tempo sua ida, porque os Mouros, por suas condições, não eram menos ciosos da terra que das mulheres, e por esto com qualquer paixão destas sendo homens sem fé, e sem verdade lhe poderiam fazer dano, que custaria depois mui caro. A que o Commendador-mór tornou dizendo, que pois estavam com os Mouros em treguas delles tão desejadas e requeridas, que não havia rezão para elles se recearem, quanto mais que elles para segurar esse pejo iriam á caça de paz, e de guerra.

Com esta confiança o Commendador, e cinco outros Cavalleiros com elle a cavallo se partiram de Caccella, e trazendo o caminho direito de Tavilla, passaram pela ponte, e entraram, e seguiram pelo meio da praça da Villa, e chegaram ás Antas, lugar da caça, que é uma legoa da Villa a cerca da ribeira, onde começaram de caçar, e haver prazer sem alguma imaginação nem sospeita da morte, que se lhes aparelhava, porque os Mouros de Tavilla quando daquella maneira viram passar os Christãos, havendo que era em seu manifesto desprezo, receberam por esso grande dor, porque sua vista lhes fizera viva lembrança das moites, e males, que delles já muitas vezes tinham recebidos, e diceram antre si: «Certamente os homens, que somos, que sofrem tanta mingua, e tanto desprezo quanto estes Christãos com soberba nos fazem são mais que mortos, e não tem siso, vergonha nem coração, assi passam por aqui os Christãos nossos imigos tão seguros como se fossemos bestas, e elles senhores da nossa Villa».

Sobre as quaes palavras de murmuração se ajuntaram muitos com grande honra, e determinaram ir logo como foram com grande ira, e com passos mui

apressados sobre os Christãos, os quaes andano á caça, quando viram tantos Mouros, ca a grande sua pressa, e alvoroço com que iam, em cazo que ainda fosse de longe logo presumiram a má, e indinada tenção, com que vinham, pelo qual leixadas as aves, e seu officio ocioso se ajuntaram, e diceram: «Claro é que estes Mouros vem sobre nós, e o principal remedio é o de Deos, que por sua piedade nos queira esforçar, e soccorrer, e apoz este concelho seja que nos percebamos, e esperemos como Cavalleiros qualquer afronta, que nos vier, e prazera a Deos, que pois somos Christãos, que não sómente nos defenderemos, mas que com sua ajuda os venceremos, e quando a ventura for tão contraira que não possamos salvar as vidas, ao menos vinguemol-as primeiro com mortes destes, e hajamol-as por bem empregadas em seu serviço».

Com esto enviaram logo ao Mestre um mensageiro com grande trigança pedindo lhe que os soccorresse, e com aquella pressa, e deligencia que em tão breve tempo foi possível, e para elles em tanto se defendem e pelejarem, fizeram um palanque de paos de figueiras velhas a que se recolheram, onde os mouros com muita furia os vieram logo commetter, em que acharam muito esforço, e grande resistencia, e não tão leves como elles cuidavam, e estando os Christãos nesta afronta acertou-se, que Gracia Rodrigues, o Mercador, com que o Mestre se aconselhara na vinda do Algarve, como atraz dice, indo de Farão para Tavilla com suas cargas de mercadorias segundo costumava, quando vio o desassosego, e ajuntamento dos Mouros seguiu o fio delles para saber o que era, e quando vio a peleja, e grande perigo em que os Christãos estavam, volveu rijamente onde deixara suas cargas, e dice aos seus servidores: «I vos e leixai essas arre-

covas, e tomai essas mercadorias que partireis antre vós, ca se eu viver não me falecerá de que viva, e se morrer esso me basta, pois é em serviço de Deus».

E com esto acabado, arremeteo, e se lançou ao palanque, e dentro delle se ajuntou com os Christãos, e que ajudou e esforçou quanto a um bom homem era possivel, onde por grande espaço se defenderam, e pelejaram, dando e recebendo muitas feridas, e assi eram afrontados, e por tantas partes combatidos, que um não podia dar fé do que o ouro fazia, e em fim por as forças dos Christãos serem já de grande trabalho vencidos, o seu palanque foi roto, e entrado, e elles todos sete por desfalecimento da virtude corporal cortados de mortaes feridas acabaram as vidas como Cavalleiros, e bons Christãos, o que não foi sem publica vingança de suas mortes, de que os corpos dos Mouros sem almas déram alli verdadeiro testemunho.

Durando a peleja dos Christãos chegou seu recado ao Mestre que era em Cacella, donde com grande trigança logo partio com desejo de os soccorrer, porque bem sabia que os Cavalleiros eram taes, que sem medo, nem outro seu desfalecimento, ou haviam de viver, ou morrer, e seguiu o caminho porque elles vieram, e sem contradição, nem defeza dalguma pessoa entrou pela Villa, e praça della, e tão intento, e acezo ia no dezejo que levava de soccorrer aos Chrystãos, que passando por ella não lhe lembrou, que dessa vez livremente, e sem perigo a podia tomar se quizera, e quando chegou ás Antas, onde achou, e vio todos os seus Cavalleiros mortos, anojado e mui iroso por tão feo feito houve com os Mouros, que ainda topou mui crua peleja, onde matou tantos, que os ossos delles foram depois por longos tempos ali vistos em grande soma, e aos outros, que fogiram, foi seguindo o alcance fazendo nelles grande estrago até á Villa, cujas portas os

Mouros acháram fechadas, porque os visinhos, e gentes que em ella ficaram, quando viram passar o Mestre ao soccorro dos Cavalleiros a que ia, bem entenderam qual seria sua determinação como soubesse parte do caso.

E por isso cerraram bem suas portas, que não quizeram abrir aos seus que vinham fogindo, e sómente lhe abriram um postigo pequeno, e escuro, que está contra a mouraria, sobre que deu o Mestre e os ferio tão rijo, e com tanta braveza, que não tendo elles acordo para se defenderem, nem de cerrar a porta entrou por ella o Mestre de volta com elles, e cobrou a Villa, e apoderou-se della dentro da qual, e fóra della o Mestre, e os seus fizeram nos Mouros grande estrago. E era neste tempo senhor de Tavilla Abenfalula, Mouro que não se sabe se morreo nestas peijas, se ficou no lugar, como outros alguns ficaram. E esta batalha, e os Cavalleiros mortos, e a Villa tomada foi tudo a nove dias de Junho de mil e duzentos e quarenta e dous (1242). E o Mestre como de todo foi apoderado da Villa, e a leixou com boa segurança, com alguma gente darmas tornou ás Antas onde os Cavalleiros mortos jaziam, e chorando por elles muitas lagrimas, e dando grandes gemidos e tristes suspiros os mandou apartar dantre os corpos dos Mouros que elles mataram, e cheos todos de muito sangue das grandes feridas de que morreram, os fez levar á Villa, e na mesquita, que o Mestre fez consagrar em Egreja da Envocação de Nossa Senhora mandou logo fazer um grande Moimento de pedra, em que se pintaram sete Escudos, todos com as vieiras de San-Tiago, e nelles os seis Cavalleiros, e Gracia Rodrigues com elles foram todos sete sepultados, e seus nomes são estes, Pedro Rodrigues Commendador mór, Mem do Vale, Durão Vaz, Alvaro Gracia, Estevam Vaz, Beltram de Caya, e o Mercador Gracia Rodrigues,

cujos corpos foram depois havidos em grande reverencia, e devação, e piedosamente não era sem cauza, porque como Martyres espargeram seu sangue, e como fieis Catholicos perderam as vidas pela Fé de Jesu Christo N. Senhor.

CAPITULO IX

Como o Mestre tomou Selir, e Alvor, e a Cidade de Silves, porque partidos a deixou aos Mouros

O Mestre Dom Payo Correa por tomar Tavilla dos Mouros, como é dito, por ella ser Cabeça, e a principal cousa do Algarve, foi mui alegre, e deu por isso muitas graças a N. Senhor, e porque sentio que elle com sua graça, e ajuda nesta sua empreza sempre o favorecia, não quiz estar por longo tempo ocioso, mas fez prestes suas gentes, e depois de deixar Tavilla em boa guarda, e segurança, sahio della, e foi sobre Selir, e o tomou por força, e assi Alvor outra vez, dahi foi logo cercar Paderne, que era Castello mui forte, e tinha boa Comarca, que é antre Albofeira, e a Serra, e estando em cerco sobre elle apartou de si algumas gentes, que mandou ao termo de Silves, onde tomaram outra vez a Torre Destombar, que já fora sua, e Abenafaam, que era Rei daquella terra estava em Silves, quando soube que os Christãos tomaram Estombar, crendo que seria hi o Mestre, ajuntou tambem as mais gentes que pode, e sahio com proposito de vir sobre elle, e dar-lhe batalha. Da qual cousa sendo o Mestre logo avizado levantou o cerco de sobre Paderne, e por caminho des-

viado se veio lançar sobre Silves, e o Rei Mouro indo para Estombar, como soube que na terra não havia outras gentes, salva as que tomaram, e defendiam, recendo-o ser acommettido dalgum ardil do Mestre, fez logo volta com grande trigança sobre Silves, onde o Mestre lhe tinha feita cilada, que sabendo de certo recolhimento que o Rei Mouro havia de fazer lhe tomou totalas portas da Cidade, em cada uma das quaes pôs gentes assás que as guardasse, e El-Rei Abenafaam, quando ao recolher achou embargo, e resistencia em totalas portas, commetteo de por força entrar pela porta, que dizem *Dasoya*, que lhe pareceo mais despejada, que totalas outras, onde se encontrou com o Mestre, que de fóra tinha a guarda della.

E em um campo junto da Villa em que está a Egreja de Santa Maria das Martes houveram ambos mui travada, e ferida peleja, em que o Mestre pola pouca gente que consigo tinha se vio em grande pressa, porque os Mouros eram inuitos, e mui juntos, e feriram-no mui rijamente, e punham todas suas forças por cobrar a entrada da porta, que o Mestre defendia, e procuravam os Mouros de se meter debaixo da Torre Dazoa que é saída em arcos para fóra, por tal que os Mouros de cima os defendessem, mas não o poderam fazer, e porque os Mouros de dentro quando viram o Rei Mouro á porta, e com grande vantagem de gente sobre o Mestre, sahiram alguns cuidando de o meter, e salvar por ella, e ao recolher, que quizeram fazer, foram dos Christãos tão apertados, que de volta se meteram com elles dentro na Cidade, e não sem crua peleja, e grande perda de homens de uma parte, e da outra, que ali ficaram mortos.

E segundo se diz, mais Christãos morreram nesta entrada, que em outro Lugar do Algarve que se tomasse, e El-Rei Mouro vendo que a Cidade era já por

aquella porta entrada, andou correndo a cavallo em torno della experimentando todos los lugares convenientes para sair, e quando não achou remedio quiz-se lançar por um postigo da treição do alcacer, que era seu apozentamento, onde morava, e porque o achou empedido commetteo outra porta em que tambem achou contradição, pelo qual já como desesperado da honra, e da vida ferio apressadamente seu cavallo das esporas, e fogio, e passando por um pego do rio afogou-se nelle, onde depois o acharam morto, e deste cazo accidental chamam áquelle Lugar *o pego de Benefaam*. Os Mouros que na Cidade ficaram vivos, se acolheram ao alcacer, e mostravam suas forças para o defender, mas o Mestre não o quiz combater, antes lhes deu segurança, que vissem na Villa se quizessem, e aproveitassem suas Cidades, e com obediencia, e tributos lhe conhecessem aquelle Senhorio, que conheceram a El-Rei Mouro, e elles Mouros assi o concordaram, e foram do partido contentes, e esta maneira se diz que o Mestre sempre teve nos Lugares do Algarve, que tomou, cujos alcaceres não combateo, e deu segurança aos Mouros porque as Villas fossem melhor aproveitadas, e senão despovorassem, e não tardou muito que nesta cidade foi fundada Sé, e Igreja Catedral, e Bispo della a que foi dada toda a jurdição Ecclesiastica daquelle Reino.

CAPITULO X

Como o Mestre tornou a cercar Paderne, e o tomou, e do fundamento que houve para El-Rei D. Affonso de Portugal haver para si o Reino do Algarve, e se intitular delle, e com que obrigação lhe foi dado

TANTO que o Mestre pôs em Silves suas gentes, que a guardassem, e defendessem, e a proveo das outras cousas que a ella eram necessarias, se partio, e tornou a poer o cerco que levantara de sobre Paderne, e porque logo os Mouros se não quizeram dar a bom partido que lhe cometiam, elle os combateo, e por força tomou a Villa e o alcaçere sem os receber a concordia, nem algum partido de piedade, antes por dous bons Cavalleiros que lhe ali mataram da Ordem, mandou que todos os Mouros da Villa andassem, como andaram á espada, e a gente desta Villa de Paderne, cujos grandes edeficios ainda parecem, alguns dizem, por sua má disposição se mudou depois á Villa de Albofeira, que o Mestre Daviz depois tomou como adiante vai, e atraz deixei apontado.

Como a Conquista do Algarve que primeiramente fez D. Payo Correa Mestre de San-Tiago de Castella, por nação e linhagem Portuguez, foram em dous tempos, a saber, em tempo del-Rei D. Fernando de Castella, e depois em tempo del Rei Dom Affonso seu filho, e agora declaro que os Lugares, que até qui se ganharam pelo dito Mestre foram em tempo del-Rei Dom Fernando, e antes da tomada, e cerco de Sevi-

lha, porque claramente consta, que este Mestre de San-Tiago era com El-Rei ao tomar della, e para tal feito foi havido, e estimado por mui principal, e para feitos darmas mui asinado, e estes Lugares do Algarve estiveram da mão do Mestre á obediencia del-Rei Dom Fernando até o tempo del-Rei Dom Affonso seu filho, que como Reinou teve grande afeição ao dito Mestre, e lhe deu de si muita parte, e o mandou tornar ao Algarve, para nelle estar por segurança dos Lugares que ganhara, porque ainda nelles havia muitos dos Mouros. E neste tempo era já cazado este Rei Dom Affonso Conde de Bolonha com a Rainha Dona Breatiz, filha do dito Rei Dom Affonso de Castella, e a maneira porque depois seu marido, e ella houveram este Reino do Algarve é a seguinte.

El-Rei Dom Affonso Conde de Bolonha, sendo assi cazado com a filha del-Rei de Castella, sabendo que o Mestre de San-Tiago tinha ganhado dos Mouros as ditas Villas, e Lugares do Reino do Algarve, que eram da conquista, e Senhorio de Castella, e estavam pela parte do Campo Dourique mui conjuntos ao Reino de Portugal, e vendo que contra os Mouros Despanha já não tinham livre alguma propria conquista dezejando acrescentar em seu Reino, e em sua honra, e assi por ter em que servir a Deos em semelhante guerra piadosa, dezejou para si esta terra, sobre a qual falou com a Rainha Dona Breatiz sua molher, e sendo ambos em um dezejo e tenção conformes, ella por seu prazer, e por concelho de seu marido, foi logo a El-Rei D. Affonso de Castella, seu pai, que estava em Toledo, a qual elle recebeo com muita honra, e alegria, porque como algumas vezes já dice sempre por palavras, e obras, elle mostrou que lhe tinha muito amor, e grande dezejo de lhe fazer bem, e ha-

vendo depois tempo, e lugar para o cazo conveniente, a Rainha com as palavras, e rezões que seu dezejo e necessidade lhe apresentaram, dice a seu pai a cauza principal de sua ida, pedindo-lhe muito por mercê, em nome del-Rei seu marido, e seu, que desse a elles, e a seus netos, que cada dia creciam a Conquista do Reino do Algarve, e assi os Lugares, que por o Mestre de San-Tiago eram já nelle tomados, e porque o Reino de Portugal, que tinham, era para elles muito pequeno, e a este tempo o Ifante Dom Diniz, que a poz seu padre Reinou, e assi outros Ifantes seus filhos já eram nados, e os Lugares de riba Dodiana, e de riba de Coa, ainda não eram de Portugal; porque depois se houveram, como nesta Coronica, e na del-Rei Dom Diniz ao diante se dirá

Deste requerimento prouve muito a El-Rei Dom Affonso, que por Reaes condições que muitos lhe entrepetraram a vaidades, e desordenada cobiça de gloria foi o mais nobre Rei de Castella, e querendo em todo satisfazer á Rainha sua filha, lhe mandou logo passar sua Carta patente, e selada de seu selo de chumbo, por a qual fez solenne, e firme doação ao dito Rei Dom Affonso Conde de Bolonha, seu genro, e ao Ifante D. Diniz seu filho, e a todos os filhos, e filhas que delles decendessem para sempre do Reino do Algarve com seu inteiro Senhorio, e com todos os Lugares delles ganhados, e por ganhar, com tal condição que o sobredito Rei de Portugal, e seus filhos, fossem obrigados a dar de ajuda ao dito Rei Dom Affonso de Castella em sua vida sómente cincoenta Cavalleiros, quando lhos requeressem, contra todos os Reis Despanha, e além desta doação El-Rei de Castella mandou fazer outras Cartas para o Mestre Dom Payo Correa, e para outros grandes Cavalleiros, que com elle andavam no Algarve, porque lhe notificou

esta doação, que tinha feita, e lhes mandou que a comprissem, e porque El-Rei Dom Affonso folgava com a vista, e conversação da Rainha sua filha pela grande afeição que a ella tinha não lhe deu lugar que logo se tornasse a Portugal como ella quizera, pelo qual elle mandou as sobreditas Provisões a El-Rei Dom Affonso seu marido, que como as recebeu alegre com tamanha, e tão honrada, e tão dezejada doação, notificou tudo ao Mestre Dom Payo Correa, a que desso prouve muito, porque tinham antre si muito conhecimento, e grande amizade.

E El-Rei se intitulou logo de primeiramente Rei de Portugal, e do Algarve, e ao Escudo dos cinco Escudos de Portugal, que seu bisavô El-Rei Dom Affonso Anriques primeiro tomou, e trouxe elle por titulo, e posse deste Reino em adeo Orla, e borladura dos Castellos douro em campo vermelho, como depois até gora sempre os Reis de Portugal trouxeram, e trazem, segundo atraz brevemente dice.

CAPITULO XI

Como El-Rei Dom Affonso de Portugal depois de lhe ser dado o Algarve, tomou aos Mouros a Villa de Fardão, em que foi em sua ajuda o mestre D. Payo Correa

E Por El-Rei Dom Affonso não estar ouciozo de fazer alguma parte verdadeira a tenção com que pedira esta terra, mandou com grande diligencia preceber a gente de seu Reino, com

a qual junta, e para logo ir ao Algarve, elle a gram pressa se foi a Beja, e da hi a Almodovar do Campo Dourique, e passou a serra, pelas Cortiçadas, e da hi levou seu caminho direito para a Villa de Farão, que era do Senhorio de Miramolim, que era Rei de Marrocos, e tinha a Villa por elle um seu Alcaide mór, que chamavam Aloandro, que era seu Alxarife, outro Mouro principal dito Abombarram, aos quaes para sua segurança não faleciam dentro grandes percibimentos de muita gente, armas, e mantimentos, e mais no alcacer da Villa tinham uma fusta, que por um arco, que era feito no muro a lançavam ao mar quando queriam, e nella enviavam seus recados ao seu Rei, quando delle, e de suas ajudas tinham alguma necessidade, e por esta cauza, e porque a Villa era mui forte os Mouros della estavam muito esforçados, e com pouco medo dos Christãos, e o Mestre Dom Payo Correa, que por prazer del-Rei de Castella era já Vassallo del-Rei Dom Affonso de Portugal, sabendo de sua ida o foi com suas gentes aguardar na Villa de Selir antre Loulé, e Almodovar, e ali se viram, e o Mestre lhe fez sua devida reverencia, e acatamento, e El-Rei a elle muita honra, com sinaes de grande amor, porque eram Compadres, e dali com suas gentes concertadas foram logo cercar a Villa de Farão, sobre que pozeram fortes estancias, e repartiram seus ordenados combates por esta maneira, a saber, o primeiro combate tomou El-Rei para si no alcacer, e um lançaço do muro da Villa até a porta, que agora dizem dos *Freires*, e o segundo combate do Mestre de San-Tiago com toda sua gente, foi desta porta dos *Freies* com outro lançaço do muro até a porta da Villa, e ca um rico homem, e bom Cavalleiro, que havia nome Pedro Estaço, mandou El-Rei dar outro lançaço do muro até uma terra que depois chamaram *de João*

de Buim, e a este mesmo João de Buim, que era pessoa de grande estima, foi dado outro lança desta sua terra até o alcacer, onde era o primeiro combate del-Rei.

E além destes Capitães aqui nomeados, eram com El-Rei outros Cavalleiros, e pessoas mui principaes do Reino de Portugal, a saber, Dom Fernão Lopes, Prior do Esprital, e o Mestre Daviz, e o Chançarel Dom João Davinhão, e Mem Soares, e João Soares, e Egas Coelho, e outros, e por estes lugares, e lanços mandou El-Rei combater a Villa, ca tão aturadamente o fizeram, que de dia, e de noite nunca os combates, e afrontas cessavam, nem davam aos Mouros algum lugar, e repouzo, e porque perdessem a grande esperança, e ajuda, e socorro, que tinham no mar, El-Rei lha tirou; porque mandou sua frota de Navios grossos estar no mar, e assi ordenou que no canal do Rio se atravessassem outros Navios fortes, e bem armados, e forrados de couros da banda do mar, por tal, que se por cazo algumas Galés de Mouros viessem contrairas, e entrassem no Rio, que ellas com fogo, ou com outros engenhos não denificassem os Navios dos Christãos, e desta maneira o Lugar ficou cercado em torno por mar, e por terra, pelo qual vendo os Mouros que o mar onde tinham o ponto principal de sua salvação e socorro era de todo impedido, e atalhado, e assi não podendo já sofrer os aficados, e perigosos combates que com grande seu dano sempre recebiam dos Christãos, e que posto que bem, e esforçadamente se defendessem, como faziam, não tinham emfim esperança de se salvarem, ouveram por bem commetter partido a El-Rei para que sahiram de dentro os sobreditos Alcaides, e Alxarife, que na Villa eram dos Mouros as maiores cabiceiras.

E andando elles nestre trato sem amostrarem aos

do Arraial, que era acabado, El-Rei foi falando com elles até o alcacer, onde por concerto já antre elles praticado, e prometido, El-Rei foi delles recolhido no dito Castello com os que elle quiz, que seriam até dez Cavalleiros, e como El-Rei entrou, porque assi era corcordado, logo o alcacer foi livre de todolos Mouros que nelle estavam, e se recolheram para a Villa, e por mais segurança, o alcacer foi logo buscado e despejado por aquelles Cavalleiros del-Rei, de maneira, que dentro delle não ficaram dos Mouros salvo os sobreditos Alcaides, e Alxarife, e porque El-Rei por cumprir aos Mouros sua verdade, e para se fazer o trato com mais assecego não deu desta parte ao Mestre de San-Tiago, nem aos outros Cavalleiros, que tinham os combates, e estes achando menos El-Rei, e sabendo que era dentro no alcacer, não sendo certos de sua vida, e segurança, antes vendo, que contra sua vontade, e por seu mal o retinham, foram por isso anojados, e por esse cazo foi no arraial feito grande alvo-roço com que (posposto todo o perigo) determinaram os Christãos combater a Villa, que sem embargo da resistencia, e setas, e pedras dos Mouros, que o contrariaram passaram, e ajuntaram-se com os Mouros, e as gentes do Mestre trouxeram logo muita lenha, e outros materiaes ás portas da Vilia para com o fogo as queimaram, e entrarem por ellas, e por este deza-vizo, de que não sabia a verdade morreram nestes cometimentos, que poderam ser escuzados muitos Mouros, e mais Christãos.

El-Rei depois que ouviu os grandes rumores do arraial, e soube a causa delles, logo com grande trigança se sobio em uma torre, e dando-se a conhecer alçou o braço direito, e na mão amostrou a todos as chaves do alcacer, que já tinham a seu serviço, e com isso mandou o Mestre, e a todolos outros Capitães, que

logo cessassem de seus combates, e porque já era em concerto com os Mouros, e assi o Alcaide Mouro Abembarram sahio do alcacer, e dice aos Mouros da Villa, que fossem seguros, e não fizessem algum mal aos de fóra, e com esto ficaram todos assossegados, e El-Rei mandou lançar pregões pelo raial que algum Christão não fizesse nojo aos Mouros, posto que antre os Christãos andassem, nem entrassem pelas portas da Villa; posto que abertas as achassem, salvo o Mestre, e outros Capitães, porque estes entrariam com aquelles, que quizessem, e que os outros Christãos estivessem sobre as portas dos combates, e estancias, que lhe foram ordenadas.

E o concerto que El-Rei fez com os Mouros foi, que elles Mouros da Villa lhe fizessem, dessem e pagassem juntamente aquelle mesmo foro, e serviço, e todalas outras cousas, que faziam, e pagavam ao seu Rei Amiramolim, e que com elles ficassem todas suas cazas, vinhas, e Cidades assi como dantes as tinham, e que El-Rei os amparasse, e deffendesse assi de Mouros como de quaesquer outras gentes, e nações, que lhe mal, e nojos quizessem fazer, e que aquelles que para alguns Lugares de Mouros se quizessem ir, que livremente com todas suas cousas o podess-m fazer, e andassem com El-Rei quando lhe comprisse, e que lhe fizesse por esso bem, e mercê. E por esta maneira cobrou El-Rei a Villa de Farão no mez de Janeiro de mil duzentos e setenta (1270).

CAPITULO XII

Como El-Rei D. Affonso cercou, e tomou Loulé, e como a Aljasur tomou o Mestre de San Tiago, e o Mestre Davis Albufeira, e da declaração que se fez deste nome Algarve, e dos Lugares que agora nelle cabem

COMO El-Rei cobrou a Villa de Farão, como é dito, logo a poucos dias elle, e o Mestre foram com suas gentes cercar a Villa de Loulé, e sem prolongado cerco, ainda que fosse com dano dos Christãos em breve a cobrou; e porque o Mestre de San-Tiago trazia em sua companhia bons Cavalleiros, e mui esforçados, destes se acertavam, que nos combates das Villas, e pelejas dos Mouros que por sua bondade não receavam de commetter, muitos morriam, e havendo El-Rei desso piedade, e sentimento se diz, que em acabando de tomar esta Villa de Loulé dice ao Mestre, que lhe pezava muito de tão bons Cavalleiros como eram os seus, morrerem assi nestes combates, por quanto eram homens singulares, escolheitos, e que o Mestre lhe respondeo.

«Senhor não vos anojéis das mortes destes, que acabaram suas vidas em seu proprio officio, e de tanto seu merecimento, pois é em serviço de Deos, e por honra, e louvor de sua Fé, e se o haveis, porque são Cavalleiros eu posso logo fazer outros tantos». E de Loulé cavalgou o Mestre, e correndo a terra dos inimigos contra o Cabo, houve avizo certo que muitos Mouros juntos iam a via Daljazur, e uns dizem, que este ajuntamento faziam para com outros consultarem sobre o que fariam por Silves, e Tavilla, e os outros Lugares, que eram tomados, e outros affirmam que iam

para uma voda para que eram convidados, e esta parece a cauza, e rezão mais conforme, porque os Mouros Daljazur sahiram a uma legoa a receber os do Cabo, e uns, e outros vinham mais de festa, que de guerra, ca muitos delles foram achados sem armas, e com elles saltou o Mestre de que matou, e cativou os que quiz, e alguns que se quizeram salvar na Villa para que foram fogindo perseguidos do Mestre não tiveram acordo de çarrar as portas, por quaes o Mestre entrou de volta com elles, e tomou o Lugar sem algum partido dos Mouros.

E Dalbofeira se acha por mais certa opinião, que em tempo deste Rei foi tomada dos Mouros por o Mestre Daviz Dom Lourenço Affonso, e assi parece rezão, porque elle foi sempre, e é hoje da dita Ordem. E por estes lugares, que dos Mouros se tomaram se acabou de conquistar toda a terra, que nós os Portuguezes chamamos Algarve, mas para deste nome não virem duvidas, e confuzão aos que as Estorias antigas Dafrica, e Despanha lerem, é de saber, que Algarve é nome Arabico, e o Reino, e Senhorio, que os Mouros chamavam do Algarve era mui grande, e de grandes potencias, porque começava no Cabo de São Vicente, e seguia pela costa Despanha até Almiria, e pela banda Dafrica se estendia até Tremezem, em que entravam Fez, e Cepta, e Tangere, que diziam de Benamarim, porque os Lugares, que os Reis de Portugal até agora tem na parte do Algarve daquem már, que é em Hespanha são estes, a saber, Estombar, Alvor, Villa nova de Portimão, Cacella, Paderne, Tavilla, Farão, Loulé, Silves, e Albufeira, Aljazur, e Alcoutim, e Castro Marim, e Lagos, e destes alguns são Lugares novos, que em tempo dos Reis de Portugal novamente depois se fizeram, e reformaram.

E destes Lugares do Algarve depois que os El-Rei

Dom Affonso houve a seu poder, e Senhorio se acha, que com suas Galés, e outros muitos navios fez sempre de continuo crua guerra aos Mouros Dafrica, que em seus corpos e fazendas recebiam grandes danos e prezas, e El-Rei Dom Affonso por seu grande esforço, e bons feitos, tinha antre os Reis principais Christãos mui louvado nome, pelo qual se acha que o Papa por esta honrada fama del-Rei lhe mandou por meo dum Frei Payo, Ministro da ministration dos Freires de Santiago rogando-lhe que em remissão de seus peccados, quizesse tomar a Cruz de Jesu Christo contra os Mouros dultra már, que tiranamente tinham a Caza Santa em desprezo da Fé, e da Religião e que El-Rei respondeo, que se El-Rei de França a esta conquista passasse em pessoa, que lhe prometia, que elle tambem com a sua passasse, salvo se alguma outra guerra, ou tamanha necessidade o impedisse, porque o não podesse fazer, e por esso ambos não foram, porque o derradeiro Rei de França, que por recobrar a Caza Santa passou a ultra már, foi El-Rei São Luis de França primo com irmão deste Dom Affonso de Portugal, filhos de duas Irmãs, quando levou comsigo a Rainha Dona Margarida sua molher, e elle, e dous Irmãos seus foram dos infieis prezos, e cativos na grande, e crua batalha, que ouveram com o gram Soldam, junto com Damiaa do Egypto, como em outras partes já dice, o que foi muito antes do tempo deste requerimento do Papa, segundo está na Cronica de França, e em outras mais largamente se contem.

CAPITULO XIII

Como o Reino do Algarve por divisões que houve foi posto em terça de Cavalleiros Portuguezes, e o que sobre isso se fez

COMO El-Rei de Portugal foi em posse pacifica, o Mestre Dom Payo Correa se tornou a seu Mestrado, e deu conta a El-Rei Dom Affonso de Castella de todo o que era passado, o qual para mais firmeza, e maior seguridade das condições com que a El-Rei seu genro fizera sua doação do Algarve, houve por bem, que o dito seu genro as promettesse, e segurasse com menagem, e juramento em sua propria pessoa, para que o dito Rei Dom Affonso de Castella enviou a Portugal com seu poder bastante ao Ifante D. Luis seu irmão, que diceram de Pontes, filho del Rei Dom Fernando, e da Rainha Dona Joana sua segunda molher, filha do Conde Dom Simão de Pontes, e sobrinha del Rei Dom Luis de França, o qual além de tomar del-Rei de Portugal todas as seguridades conforme as condições de sua doação, ainda o dito Ifante para maior seguridade, e mais honesta escuza del-Rei D. Affonso de Castella, para os de seu Reino, que o reprimiam, e acuzavam por tal doação, quiz que todas estas Villas e Castellos fossem, como foram logo entregues a João de Boim, e Pedro Annes, seu filho, Vassallos e naturaes del-Rei de Portugal, que eram pessoas de limpo e nobre sangue de grandes cazas, para que por elles os tivessem de fieldade com menagem de juramento que fizeram, que quando el-Rei de Portugal não comprisse a condição dos cincoenta Cavalleiros, que a El-Rei de Castella em sua vida havia

de dar, que elles com suas pessoas, e com as ditas Villas e Castellos servissem a El-Rei de Castella, e comprissem inteiramente tudo o que El-Rei de Portugal era neste cazo obrigado a cumprir.

E porque El-Rei de Portugal não foi desta terçaia do Reino do Algarve muito contente, e dice por outros desvaios que houve com Castella sobre partições, e termos dos Reinos, foram estes Reis desacordados de que El-Rei de Castella se sentia mais aggravado, mas por meo da Rainha Dona Breatiz, que como virtuosa, e prudente procurou logo antre elles boa paz, e concordia, vieram logo por Embaxadores a Portugal o dito Dom Payo Correa Mestre de San-Tiago, de que já dice, e Dom Martim Nunes, Mestre da Cavallaria do Templo nos tres Reinos Despanha, e Dom Affonso Garcia, Adiantado mór no Reino de Murcia, os quaes pozeram antre elles taes convenças, com que perderam todo o dezamor, e escandalo, que antre elles havia, e ficou assentado, que El-Rei de Portugal livremente, e para sempre despozesse de totalas terras, e Villas, e couzas do Algarve todo o que quizesse sem embargo de totalas outras promessas e condições que antre elles fossem postas, salvo da ajuda dos cincoenta Cavalleiros de que o não revelou, e com esto os Embaxadores se tornaram, e acharam El-Rei de Castella em Badalhouse, que logo enviou suas provições ao dito João de Boim, e Pedro Anes seu filho, porque lhe mandou que entregassem a El Rei Dom Affonso seu genro totalas Villas e Castellos do Algarve, e se elle fosse fallecido, que as entregassem a El-Rei Dom Diniz seu filho, e lhas alevantou com totalas crauzolas, e solenidade, e todo preito, e menagem, que por quaisquer obrigações, e couzas do Algarve tiveram feito a elle, ou a outrem em seu nome, e por Carta asselada feita em Badalhouse Mercoles

dezaes dias andados de Fevereiro da era de mil e duzentos e sessenta e sete annos, e sobscrita por o Secretario Millão Paes, que por mandado del-Rei a fez escrever.

CAPITULO XIV

Como El-Rei Dom Affonso de Castella quitou ao Infante D. Diniz seu neto a obrigação do Algarve, e a soltou a Portugal levemente para sempre

E porque a este tempo o Infante D. Diniz herdeiro filho del-Rei de Portugal, posto que fosse moço era já em idade para poder caminhar, El-Rei, e a Rainha seus padres acordaram de o enviar, como enviaram muito honradamente a Castella a visitar El-Rei Dom Affonso seu avô, para lhe ter em mercê a doação, e avenças passadas, e assi para lhe pedir relevamento das mais obrigações, e serviço dos cincoenta Cavalleiros, e assi com mui nobre companhia chegou a Sevilha onde achou El-Rei, que o recebeo, e agazalhou com muitas festas, e honras, e com sinaes de grande amor, a quem o Infante Dom Diniz passados os cumprimentos, e visitações, e bem ensinado da instrução, que levava pedio por mercê a El-Rei seu avô, que daquella obrigação dos cincoenta Cavalleiros, e assi de qualquer outra que tocasse ao Algarve, quizesse para sempre relevar a El-Rei Dom Affonso seu padre, e a elle, e aos que delle decendessem, na qual cousa segundo a Cronica de Castella conta, El-Rei esteve algum pouco suspenso, e com os grandes de seu Reino quiz poer o caso em Conselho, no qual por só Dom Nuno de Lara com rezões que pareciam

onestas, e de bem de seus Reinos ouve alguma contração, mas os outros, que logo conheceram a vontade del-Rei, que era satisfazer em todo a seu neto, todos lhe aprovaram, e louvaram, e sobre este assento andando o Ifante Dom Diniz com El-Rei seu avô foram a Jaem, donde houve por bem que o Ifante se tornasse, como tornou a Portugal, e lhe mandou dar uma carta que trouxe para El-Rei seu padre, escrita em pergaminho em palavras Castelhanas, e asselada de seu selo pendente das Armas de Castella, e de Lião, que tornadas fielmente em Portuguez por mim Coronista, que a propria Carta vi, diziam nesta maneira.

«Saibam quantos esta Carta virem, como eu Dom Affonso pola graça de Deos Rei de Castella, e de Toledo, e de Lião, de Galiza, de Sevilha, de Cordova, de Murcia, e de Jaem, quito para sempre a vós Dom Affonso por essa mesma graça Rei de Portugal, e do Algarve, a menagem que fizestes a mim por carta, ou por cartas, e a Dom Luis meu irmão, em meu nome, para fazer a mim comprir os preitos, e posturas, e as convenças, que foram postas antre mim, e vós, e Dom Diniz, e os outros vossos filhos, e vossos herdeiros, por rezão dos cincoenta Cavalleiros, que a mim deviam ser feita em meus dias pelo Algarve, a qual ajuda, e os quaes preitos, e posturas, e menagens em qualquer maneira que fossem feitas assi por Cartas, como sem Cartas, eu quito para sempre a voz, e Dom Diniz, e aos outros vossos filhos, e herdeiros que nunca por esso a mim, nem a outrem por mim, vós nem elles, nem outrem por vós sejaes, nem sejam teudos de nhuma couza por rezão dos Castellos, nem da terra do Algarve, que vos dei, e outorguei, que se alguma Carta, ou Cartas parecer, ou parecerem sobre a menagem, ou menagens, ou sobre preitos, ou posturas, ou avenças, ou sobre o serviço, ou ajuda que a mim

devesse ser feito, ou feita pelos Castellos, ou pola terra do Algarve, que desdaqui em diante nunca valham, e sejam quebrados, e de nhumã formidão, e renuncio, e quito todo o direito, e toda demanda, que eu haveria, ou haver poderia por esta Carta, ou por essas Cartas contra vós ou contra Dom Diniz, ou contra os outros vossos filhos, ou vossos herdeiros, ou contra os Cavalleiros que tivessem, ou tiveram os Castellos do Algarve em tal guiza, que nunca a mim essa Carta, ou Cartas possa nem possam preitar, nem a outrem por mim, nem a vós, nem Dom Diniz, nem a vossos filhos, nem a vossos herdeiros, nem aos sobreditos Cavalleiros empecer, e em testemunho da sobredita couza, dou a vós sobredito Rei de Portugal e do Algarve esta minha Carta aberta asselada de meu selo de chumbo, que tendes em testemunho, feita a Carta em Jaem por nosso mandado Sabbado sete dias do mez de Maio de mil e duzentos e sessenta e sete annos, e eu Milão Peres a fiz escrever».

CAPITULO XV

Da morte do mestre Dom Payo Correa, e das causas que houve para El-Rei D. Affonso de Castella, pai da Rainha de Portugal ser desobedecido, e como foi ajudado de Portugal, que foi fundamento para se acrescentarem a Portugal os Lugares de riba Dodiana

COM esta Carta, e com grandes daviadas que o Ifante D. Diniz recebeo del-Rei Dom Affonso seu avô se tornou a Portugal com que El-Rei

seu padre foi muito alegre, e com elle veio o Mestre Dom Payo Correa, que depois de tornado a Castella não soube mais delle, nem o que depois fez, salvo que no fim de seus dias se recolheu á Villa de Ucles, que era Cabeça do Convento do seu Mestrado de San-Tiago em Castella, onde se diz que bem, e catholicamente acabou sua vida já velho a dês dias de Fevereiro de mil e duzentos setenta e cinco annos, (1275) e que mandou que morto o trouxessem a Tavilla, que elle ganhara dos Mouros, de que escondidamente foi ahi trazido, e sepultado na Igreja de Santa Maria antre o Altar mór, e a parede da Igreja.

E passados depois alguns annos andando a era de mil duzentos e setenta e um, havendo contenda na jurdição do Imperio de Roma, que vagara por morte de Federico o segundo, que foi mau, e erege Emperador dos Romãos, e grande perseguidor das cousas da Santa Igreja, alguns Eleitores elegeram a Rodufo Conde de Cambra, irmão del-Rei de Inglaterra, e outros elegeram, e chamaram logo para o Imperio este Rei Dom Affonso de Castella, o qual mui poderoso de armas, e gentes, e assi mui abastado de riquezas, depois que leixou em Castella jurado por Rei, e seu sobcessor ao Ifante D. Fernando de Lacerda seu filho primogenito, logo passou em França esperando de ser logo no dito Imperio sem contradição confirmado por o Papa Gregorio decimo, ao tempo em Lião Sola nova de França fez Concilio geral, onde o dito Rei D. Affonso achou já eleito e confirmado o dito Rodufo com quem competia, e agravando-se desso ao Papa, que encontrou na Villa de Belicaudo em França junto com Avinhão, finalmente confortado de Sua Santidade, e rogado, que por se evitar cisma, e guerras antre os Christãos, que renun-

ciasse o direito que no dito Imperio tinha, e elle o fez, e tornou-se em Espanha onde achou falecido de peste o dito Ifante Dom Fernando, seu filho maior, que por assossego da sobceção de Castella, e de Lião sobre que os Reis de França, e de Castella competiram, fora cazado com a Ifante Dona Branca filha del-Rei S. Luis a que pertencia ter direito nos ditos Reinos Despanha por ser filho da Rainha Dona Branca filha del Rei Dom Affonso o noveno, que venceu a batalha das Navas de Toloza, e desta Ifante Dona Branca o dito Ifante Dom Fernando tinha já havido dous filhos, a saber Dom Affonso, e Dom Fernando de Lacerda, a que muito mais claramente dizem da guedelha, porque este apelido de Lacerda não é de alguma geração, nem memoria passada dos seus progenitores de uma parte, nem da outra, mas sómente lhe foi posto nome aventicio, porque o dito Ifante Dom Fernando, que primeiramente se chamou de Lacerda, quando naceo trouxe do ventre da Rainha Dona Violante Daragão sua madre uma guedelha de cabelos nos peitos a que chamam Lacerda, e este Dom Affonso por contrato do cazamento, e por direito comum pertencia mais a sobcessão de Castella que outro algum.

Mas ao tempo que o dito Ifante Dom Fernando faleceo era tambem em Castella o Ifante Dom Sancho seu irmão lidimo, que a auzencia del-Rei Dom Affonso seu padre, e por morte do irmão tomou logo posse da governação, e defenção do Reiño, em que trabalhou de ser como singular Principe, porque resistio com batalhas, e grandes forças aos Reis de Grada, e Marrocos, que entraram em Espanha, e não consentio que Dom Affonso de Lacerda seu sobrinho fosse jurado, nem obedecido por sobcessor de Castella, e El-Rei Dom Affonso em chegandó de França, pro-

curou logo que o dito Ifante Dom Sancho por todos Estados do Reino fosse, como foi jurado, e havido por seu sobcessor, sem embargo doutro juramento, que ao dito Ifante Dom Fernando por si, e por seus filhos, e sobcessores era feito, e a Rainha Dona Violante molhar del-Rei Dom Affonso de Castella anojada por se denegar a sobcessão a seus netos, e principalmente a Dom Affonso o primeiro com receo que houve de os matarem em Castella, se foi com elles para El-Rei Dom James deste nome o primeiro, e dos Reis Daragão o decimo, que era padre de'la, donde enviou pedir a El-Rei Dom Affonso seu marido depois que veo de França, que pois elle por si ganhara dos Mouros o Reino de Murcia, que o dêsse ao Ifante Dom Affonso seu neto, com que para sua honra, e estado seria satisfeito, e renunciaria por isso todo o direito que tivesse na sobcessão de Castella, no que El-Rei levemente. e com san vontade consentia, mas o Ifante Dom Sancho em todo o contrariou, que com ameaças de morte, que fez não leixou ir ao Papa os Embaxadores que El-Rei seu padre sobre isso lhe mandava, dizendo que como o Ifante Dom Fernando seu irmão falecera, logo o Deos leixara por herdeiro de todos os Reinos, e couzas de que El-Rei seu padre era Rei, e Senhor.

E querendo El-Rei por Cortes, e prazer dos povos remedear esta denegação do Ifante seu filho, e para que seu neto houvesse toda via o Reino de Murcia, fez ajuntar os procuradores dos Concelhos do Reino, a que o Ifante Dom Sancho requereo com muitas razões, que faziam por elle, que por alguma maneira não consentissem no requerimento del-Rei, e assi descontente o Ifante antes de se tomar alguma concruzão, se foi para Cordova, e El-Rei depois de declarar aos povos as muitas cauzas, e razões porque de

direito podia dar o Reino de Murcia a Dom Affonso seu neto, os Procuradores para no cabo responderem com madura deliberação, como elle requeria, pediram espaço dalgum tempo, para lhe tornarem reposta, os quaes sem lha darem se foram logo com medo ajuntar com o Ifante Dom Sancho em Cordova, onde sendo delle bem recebidos, concordaram, que por quanto em Valhadolid sobre este cazo se faria ajuntamento dos mais principaes Lugares, e grandes do Reino, elles dahi a certo tempo fossem, como foram ahi juntos, salvo os Concelhos Dandaluzia, que sempre tivêram com El-Rei Dom Affonso, os quaes assi juntos em Valhadolid era hi o Ifante Dom Sancho filho del-Rei, e o Ifante Dom João seu irmão, e o Ifante Dom Manoel seu tio, e Dom Lopo Senhor de Biscaya, e Dom Diogo seu irmão, e depois de muitas praticas, e apontamentos, que antre si fizeram leixaram todos a determinação da sentença ao dito Ifante Dom Manoel, o qual alevantado em pé, pronunciou a sentença, e dice, que por quanto El Rei Dom Affonso seu irmão matara o Ifante Dom Fadrique tambem seu irmão, e a Dom Simão Rodrigues dos Cameyros seu sogro, e outros nobres do seu Reino sem cauza, que perdesse por isso a justiça, e porque se dezaforaram os Fidalgos, e os Concelhos com dano, e perda delles, que não comprissem suas Cartas, nem lhe pagassem os foros, e porque despertara a terra, e fizera más moedas, que não houvesse do Reino preitas, nem serviços, nem martineguas, nem moedas foreiras, e que dahi em diante o dito Ifante se podesse chamar Rei de Castella, e de Lião.

E preguntados os Procuradores, e povos se aprovavam esta sentença, respondeo por todos um Diogo Affonso Alcaide mór de Toledo, que a todos parecia bem a determinação do Ifante Dom Manoel, por as

rezões que dicera, e mais por a prodigalidade del-Rei Dom Affonso, que para o resgate do Emperador de Constantinopla dera das rendas de Castella cincoenta quintaes de prata, e mais por dar o Algarve a seu genro El-Rei Dom Affonso de Portugal, e lhe quitar ajuda, e o serviço dos cinccenta Cavalleiros em que era obrigado, e porém que lhe parecia couza honesta, se ao Ifante Dom Sancho assi bem parecesse, que elle em vida del Rei seu Padre senão chamasse Rei, no que o Ifante consentio; e com esto a obediencia de todos os Lugares logo foi alevantada a El-Rei, salvo a de Sevilha, onde El-Rei se recolheo; e perseguido de muitas necessidades enviando rogar, e encomendar aos Prelados, e pessoas de auctoridade do Reino, que pozessem concordia, e boa paz antre elle, e seu filho, elles segundo alguns dizem o não fizeram, antes o contrariavam.

Com esta tamanha necessidade enviou a pedir ajuda a El-Rei Dom Affonso seu genro, que por em tempo de tanta fortuna ser agardecido ás boas obras, e graças que delle tinha recebidas, lhe mandou trezentos Cavalleiros Portuguezes pagos á sua custa por muito tempo, que por honra, e serviço del Rei o fizeram de maneira em Castella, que sua fama, e bom nome será sempre lembrada, e as Coronicas Despanha, que eu vi dão desso craro testemunho, e destes trezentos Cavalleiros de Portugal, que vieram, e andaram em serviço del-Rei Dom Affonso, creio que se tomou a opinião errada, que em alguns livros vi, em que tem, que a obrigação de que este Rei Dom Affonso relevou a El-Rei de Portugal seu genro, e a El Rei Dom Diniz seu neto, era de trezentos Cavalleiros com que era obrigado de o ajudar, e servir quando lhe comprisse, a tal sentença, e opinião são errados, porque a obrigação, que El-Rei Dom Affonso, e Ifan-

te Dom Diniz seu filho tomaram por a sobcessão do Algarve, do que foram relevados, era sómente de cincoenta Cavalleiros, que em vida del Rei Dom Afonso de Castella, contra todolos Reis Despanha lhe haviam de dar, e a verdade desto eu Coronista verdadeiramente a vi nas proprias doações, quitações, e privilegios assellados, e auctorizados, que sobresso se concederam, os quais estão no Castello de Lisboa, na Torre do Tombo de Portugal, de que eu sou Guarda mór, e outros semelhantes deve haver nos Cartorios de Castella.

E porém a guerra, e desavença antre El-Rei Dom Affonso de Castella, e o Ifante Dom Sancho seu filho durou muitos annos, nem cessou, salvo por morte del-Rei, em cuja vida padeceo muitas necessidades, e foi sempre perseguido de mui contrairas fortunas, por as quaes meteo por sua ajuda em Espanha Abençaf Rei de Marrocos, e seus filhos a que se diz, que antes de entrarem empenhou sua Coroa por sessenta mil dobras, o qual com grandes gentes, e poder de Mouros correo a terra dos Christãos, e sem aproveitarem ao dito Rei de Castella fazendo primeiro nellas muitos danos, e estragos se volveo em Africa, como na Coronica de Castella esto melhor, e com mais particularidade se declara.

CAPITULO XVI

Do falecimento del-Rei D. Affonso de Portugal, como antes de seu falecimento deu Casa ao Ifante Dom Diniz seu filho herdeiro

Aeste tempo chegada a era de mil duzentos setenta e oito, (1278) El-Rei Dom Affonso de Portugal sendo já velho de setenta annos, e perseguido de dores, e paixões de velhice, por descansar em alguma parte dos trabalhos, e cuidados do Reino, ao Ifante Dom Diniz seu filho, que era de dezoito annos, e não era cazado, deu-lhe Caza em Lisboa a dezaseis dias de Junho do anno sobre dito, e de seu assentamento alem doutras couzas, lhe ordenou logo mais em dinheiros quarenta mil livras de moeda antiga, que valiam a respeito dos preços, e valor do ouro, e da prata dagora dezaseis mil cruzados, porque naquella tempo, segundo é bem verificado, uma livra valia vinte soldos, e duas livras e meia faziam cincoenta soldos, que valiam um maravedi douro, que no preço, e pezo eram os maravedis douro como agora são os cruzados, e ducados.

E do dia que El-Rei, deu assi Caza ao Ifante seu filho, e a nove mezes primeiros seguintes, tendo já feito em mui inteiro acordo seu solene Testamento, arrependido de seus peccados recebendo como bom Catholico, e fiel Christão todos os Sacramentos para bem de sua alma, em Lisboa a vinte dias de Março de mil e duzentos setenta e nove, (1279) acabou sua vida, e deu sua alma a Deos, em idade de setenta annos, dos quais Reino trinta e dous, e foi logo so-

terrado no Moesteiro de São Domingos de Lisboa, que elle novamente fez, e depois na era de mil e duzentos e oitenta e nove, foi tresladado seu corpo ao Moesteiro Dalcobaça, pela Rainha Dona Breatiz sua mulher, que ficou viva, e se mandou depois enterrar com elle no dito Moesteiro Dalcobaça, onde ambos jazem.

Este Rei Dom Affonso fez de novo o dito Moesteiro de S. Domingos de Lisboa, o qual começou aos tres annos primeiros depois que foi Rei, e o acabou em dez annos, e assi fez o Moesteiro de Santa Clara de Santarem, e povorou, e fez a Villa Destremoz, e reformou, e povorou a Villa de Beja, que dos tempos dos Mouros era de todo destroida, mas não fez a torre grande do Castello, por que esta fez seu filho, El-Rei Dom Diniz, e assi deu bons foraes a muitos Lugares do seu Reino, e em umas grandes fomes, que nelle houve em seu tempo, se acha que uzou de grande piedade com seus vassalos, a que proveo com devidos mantimentos, trazidos de muitas partes de fóra do Reino á custa de suas rendas, e a penhor das ricas joias de seu tesouro, e foi o primeiro que se intitulou Rei de Portugal, e do Algarve, e que primeiro por esta cauza poz a bordadura dos Castellos, como atraz é já dito.

DEO GRATIAS

INDEX

DÁS COUSAS NOTAVEIS

A

Abenafaam Rei mouro é vencido na batalha de Silves onde morreo afogado em um rio pag. 40 a 42

Affonso III (D.) Onde, e quando foi levantado Rei de Portugal, pag. 16. Foi casado segunda vez com Dona Breatiz sua sobrinha, filha natural del-Rei D. Affonso X de Castella, pag. 17. Foi o primeiro que se intitulou Rei de Portugal e dos Algarves, e pôz no Escudo além das Quinas os Castellos, pag. 17. Foi muito amante da Justiça, e grande reedificador, pag. 18. Sendo casado com Dona Matildes, Condessa de Bolonha a deixou, e vindo a Portugal se recebeu com sua sobrinha Dona Breatiz, pag. 19. Não admitte a Embaixada dos Cavalleiros que vieram a Portugal com a Condessa Dona Matilde para que a recebesse em sua companhia, antes partem injuriados da sua pre-

sença, pag. 21. Estranha-lhe o Papa este procedimento, e lhe manda intimar censuras pelo Arcebispo de S. Tiago, e não cede da sua pertinacia pag. 23. Dos filhos que teve de Dona Breatriz, pag. 24. Amou muito a sua filha a Infanta Dona Branca a quem deu a Villa de Monte-mór-o-velho, e em testamento lhe deixou mais de dês mil livras, pag. 25. Das diversas terras que juntou á Corôa com o casamento de Dona Breatriz, pag. 26. Como alcançou o Reino do Algarve, e se intitulou Rei delle, pag. 45. Conquista gloriosamente a Villa de Faro, pag.º 46 a 50. E' exhortado pelo Papa para conquistar a Terra Santa, pag. 53. Manda trezentos Cavalleiros em soccorro de seu sogro, que lho pedira por estar dessapossado do Reino, pag. 63. Em que dia e anno morreo, pag. 65. Onde foi enterrado, e para que parte foi tresladoado o seu corpo, pag. 66. Edificios que fez, ibi.

Affonso X (D.) De Castella, teve de Dona Mayor Guilhelme de Gusmão sua manceba e Dona Breatriz que cazou com D. Affonso III de Portugal, pag. 19. Amou excessivamente a esta filha e lhe deu um grande dote quando se recebeu com aquelle Principe, ibi. Deixou a sua neta a Infanta Dona Branca, grande copia de dinheiro, pag. 26. Sucedeu nos reinos de Castella, e de Lião a seu Pae D. Fernando, pag. 28. Doa a El-Rei D. Affonso III o Reino do Algarve, e com que condições, pag. 45. Concede á petição de seu neto o Infante D. Diuz a izenção dos cincoenta Cavalleiros com que doara a seu pae o Reino do Algarve, pag. 56 e 57. Sendo eleito Emperador dos Romanos, parte a França para ser confirmado pelo Papa, e acha já de posse do Imperio a Rodulpho, e volta para Castella, pag.º 59 e 60. Por ter morto seu irmão o Infante D. Fadrique, e a seu sogro D. Simão Rodrigues Cameiros é dessapossado do Reino por sen-

tença de seu irmão o Infante D. Manuel, pag. 62. Pede soccorro a seu genro D. Afonso III para reba-ter esta violencia, e lho manda, pag. 63.

Afonso (Infante D.) Filho de Afonso III de Portugal, e Dona Breatiz, casou com Dona Violante filha do Infante D. Manuel de Castella, e da Infanta Dona Constancia de Aragão, pag. 25.

Afonso Garcia (D.) Adiantado-mór do Reino de Murcia, é mandado por Embaixador de Castella a pacificar ao seu Principe com D. Afonso III, pag. 55.

Albofeira. E' conquistada esta Villa por D. Lourenço Afonso Mestre de Aviz, pag. 52.

Algarve. Como foi conquistado por D. Payo Corrêa, e das gloriosas vitorias que alcançou dos Mouros, pag.^o 29 a 32. Com que condições foi doado por El-Rei de Castella a El-Rei D. Afonso III de Portugal, pag. 45. Que terras comprehendia quando era possuido dos Mouros, e quaes sejam as que tem depois que o dominaram os Portuguezes, pag. 52.

Aljustrel. Foi conquistado por D. Payo Corrêa, e depois de ser entregue a D. Sancho II de Portugal, o deu este Principe á Ordem de San-Thiago, pag. 28 e 29.

Aljuzur. Foi conquistado por D. Payo Corrêa, pag. 52.

Alvaro Garcia. Cavalleiro de San-Thiago, é morto pelos Mouros em Tavira, e honorificamente sepultado, pag. 39.

Alvor. E' couquistado por D. Payo Corrêa, pag. 40.

Arcebispo de San-Thiago. E' mandado pelo Papa que admoestasse a D. Afonso III que largasse a Dona Breatiz por estar viva sua primeira mulher a Condessa Dona Matilde, e que repugnando o emprazasse para que em quatro mezes apparecesse pessoalmente na sua presença, pag. 23.

B

Beja. Foi reformada, e povoada por D. Affonso III, pag. 60.

Beltram de Caya, cavalleiro alentado é morto pelos Mouros em Tavira, e como foi honorificamente sepultado, pag. 39.

Branca (Rainha Dona) filha del-Rei D. Affonso Noveno que venceu a batalha das Navas de Tolosa, foi mãe de S. Luis Rei de França, pag. 60.

Branca (Infanta Dona) filha de Affonso III de Portugal, e da Rainha Dona Breatiz se recolheu no Mosteiro de Lorvão, e foi Senhora das Olgas de Burgos onde sem cazar faleceo, pag. 25. Possuio grandes terras em Castella, como em Portugal, ibi.

Branca (Infanta Dona) filha de S. Luis Rei de França, foi mulher do Infante D. Fernando de Lacerda, filho primogenito de D. Affonso X de Castella de quem teve dous filhos, pag. 60.

Breatiz (Rainha Dona) filha natural de D. Affonso X de Castella, foi casada com seu tio D. Affonso III de Portugal, pag. 17 e 18. Mandou tresladar o corpo de seu marido para o Convento de Alcobça, onde foi enterrada, pag. 66.

C

Campo Maior. Foi dada esta Villa por El-Rei D. Diniz a sua irmã a Infanta Dona Branca, pag. 24.

Castellos. Os que se vêm no Escudo das Armas de Portugal, foram postos por D. Affonso III, quando lhe foi dado em dote o Algarve, e não por serem do Condado de Bolonha, pag. 17.

Constança (Infanta Dona). Filha de D. Affonso III e Dona Breatiz, foi com sua mãe a Sevilha a ver seu pai, que assistia naquella Cidade, onde faleceo, e foi conduzida ao Convento de Alcobaça, e nelle está sepultada, pag. 26.

Cordova. Quando foi esta cidade ganhada por El-Rei D. Fernando de Castella, pag. 26.

D

Infante D. Diniz. Foi filho primogenito de D. Affonso III de Portugal, e D. Breatiz, que depois succedeo no Reino a seu pai, pag. 24. Onde e quando naceo, *ibi*. Edificou o Mosteiro de Odivelas onde está sepultado, *ibi*. Sendo Rei deu a sua irmã a Infanta Dona Branca a Villa de Campo Maior, pag. 24. Parte a Castella para pedir a seu avô D. Affonso X, exima ao Reino de Portugal da obrigação dos cincoenta Cavalleiros com que lhe doara o Algarve, e depois de algumas contradicções o alcança, pag. 56. Em que dia e anno lhe fez casa seu pai, pag. 56. Edificou a Torre do Castello de Beja, *ibi*.

Diogo Affonso. Alcaide-mòr de Toledo aprova em nome de todos os Procuradores que estavam juntos em Valhadolid a determinação do Infante D. Manoel com a qual dessapossou do Reino de Castella a seu irmão D. Affonso X, pag. 62.

Duram Vaz. Cavalleiro insigne é morto pelos Mouros em Tavira, e como foi enterrado, pag. 39.

E

Estevão Vaz, Cavalleiro famoso morre em Tavira, e como foi honorificamente sepultado, pag. 39.

Estremoz. Foi edificada esta Villa e povoada por D. Affonso III, pag. 66.

F

Fadrique (Infante D.) Foi morto por seu irmão D. Affonso X de Castella, e por este motivo foi dessa-possado do Reino por determinação de seu irmão o Infante D. Manoel, pag. 62.

Faro. Como, e quando foi conquistada esta Villa por D. Affonso III, pag. 47 a 50.

Fernão Lopes (D.) Prior do Espirital assistio com D. Affonso III na conquista de Faro, pag. 48.

Fernando (El-Rei D.) De Castella, quando tomou Cordova ? pag. 27. Em que anno conquistou a cidade de Sevilha, pag. 28. Quando morreo. ibi.

Fernando (D.) Filho natural del-Rei D. Affonso III, foi Cavalleiro da Ordem do Templo, e aonde está sepultapo ? pag. 26.

Fernando de Lacerda (Infante D.) Filho primogenito de D. Affonso X de Castella, é jurado por successor da Coroa quando seu pai passou a França a coroar-se por Emperador dos Romanos, pag. 59. Foi cazado com Dona Branca filha de S. Luis Rei de França. ibi. Morreo de peste, pag. 60. Teve dous filhos, e como se chamaram. ibi. Porque tomou o apelido de *Lacerda*, ibi.

G

Gregorio X roga a D. Affonso X de Castella que por evitar algum scisma se recolha ao seu Reino, quando vinha a coroar-se Emperador dos Romanos por já estar de posse desta dignidade Rodulpho Conde de Cambra, irmão del-Rei de Inglaterra, pag. 60.

Garcia Lopes (D.) Sendo privado de Mestre da Ordem de Calatrava lhe succedeo João Nunes do Prado, pag. 24.

Garcia Rodrigues. Deu os meios a D. Payo Correa para haver de conquistar o Algarve, pag. 30. Morre alentadamente em Tavira com mais seis companheiros acometidos por um grande numero de Mouros, pag. 37 e 38.

I

João de Avinhão (D.) Chançarel assistio com D. Affonso III na conquista de Faro, pag. 48.

João de Boim. Assistio no lanço de um muro na tomada da Villa de Faro, que ao depois tomou o seu nome o lugar que tinha ocupado, pag. 48. Tomou entrega de todos os lugares do Algarve conquistados por ordem del-Rei de Castella para em seu nome os entregar a seu genro D. Affonso III, e quando se celebrou este ajuste, pag. 54.

João Nunes do Prado, Cavalleiro da Ordem de Calatrava de que foi Mestre, foi reputado filho da Infanta D. Branca filha del-Rei Affonso III de Portugal, e de um Cavalleiro chamado o Carpiteiro, pag. 25.

L

Livra. Que valor tinha uma e duas e meia, pag. 65.
Quarenta mil assinou para renda do Infante D. Diniz seu pai D. Affonso III, ibi.

Loulé é conquistado por D. Affonso III pag. 50

Lourenço Affonso (D.) Mestre de Aviz assiste com El-Rei D. Affonso III na conquista de Faro, pag. 48.
Conquistou a Villa de Albufeira, pag. 52.

Luis (São) Primo com irmão del-Rei D. Affonso III de Portugal foi o ultimo Rei de França que passou á conquista da Terra Santa, e que successo teve nesta empreza, pag. 53.

Luis (Infante D.) é mandado por seu irmão D. Affonso X de Castella a Portugal a firmar as condições com que doara a seu genro D. Affonso III o Reino do Algarve, pag. 54. Quem foram os pais deste Infante, ibi.

M

Manoel (Infante D.) irmão de D. Affonso X de Castella pronuncia em Valhadolid sentença em presença de muitos Procuradores de Cidades contra este Principe, para que não lhe obedecam os povos, se intitule Rei seu sobrinho D. Sancho, pag. 62.

Martim Nunes (D.) Mestre da Cavallaria do Templo, veio por Embaxador de Castella a concordar o seu Principe com El-Rei D. Affonso III, pag. 55.

Matilde, (Dona) Condessa de Bolonha sabendo que era morto D. Sancho II parte de França em uma Armada, e chegando a Cascaes não é admitiida por seu marido D. Affonso III por estar cazado com Dona Brea-

tiz pag. 21. Volta para França, e se queixa ao Papa do procedimento de D. Affonso III o qual sendo advertido pela Pontifice a que largasse a Dona Breatiz, e não obedecendo se poz interdito em todo o Reino, pag. 23. Onde, e quando morreo esta Condessa, ibi.

Mayor Guilhelme de Gusmão (Dona) foi manceba de D. Affonso X de Castella, de quem teve Dona Breatiz, que cazou com D. Affonso III de Portugal, pag. 19.

Mem do Valle é morto pelos Mouros em Tavira, e de como foi honorificamente sepultado, pag. 39.

Mertola. Foi conquistada por D. Payo Correa, e depois foi dada por D. Sancho II á Ordem de San-Tiago, pag. 28.

Monte mór o Velho. Esta Villa foi doada por El-Rei D. Affonso III a sua filha a Infanta Dona Branca, pag. 25.

Mosteiro. O de São Domingos de Lisboa, e de Santa Clara de Santarem, foram fundados por El-Rei D. Affonso III, pag. 66.

N

Nuno de Lara (D.) Oppõem-se com fortes razões a El-Rei D. Affonso de Castella, para que não conceda a seu netto o Infante D. Diniz a izenção dos cincoenta Cavalleiros com que lhe doava o Reino do Algarve; pag. 56.

O

Odivellas. Mosteiro de Religiosas Bernardas foi fundado pelo Infante D. Diniz onde está sepultado, pag. 25.

P

Paderne. E' conquistada esta Villa por D. Payo Correa, pag. 43.

Papa. Admoesta a D. Affonso III que largue Dona Breatiz por estar viva sua primeira mulher, e não obedecendo interditou o Reino todo, pag. 22 e 23. Por morte de Dona Matilde levanta o interdito, e dispensa em que os filhos que tivera D. Affonso III de Dona Breatiz vivendo Dona Matilde pudessem succeder no Reino, pag. 24. Pede por Fr. Payo Ministro dos Freyres de San-Tiago a El-Rei D. Affonso III que conquistou a Terra Santa, pag. 53.

Payo, (Fr.) Ministro da ministração dos Freires de San-Tiago, é mandado pelo Papa para que exhorta a El-Rei D. Affonso III a conquistar a Terra Santa, pag. 53.

Payo Correa, (D). Mestre da Ordem de San-Tiago assistio á Conquista de Cordova, e Sevilha com El-Rei D. Fernando de Castella, pag. 27 e 28. Conquistou as Villas de Aljustrel, e Mertola, pag. 28. Como conquistou o Algarve, e das vitorias que para este fim alcançou dos Mouros, pag. 29 a 32. Toma Tavira com grande mortandade dos Mouros. pag. 39. Conquista Selir, e Alvor, pag. 40. Alcança uma famosa vitoria de Abenafaam em Silves, e conquista esta Cidade, pag. 40 e 41. Toma Paderne, pag. 43. Foi o principal instrumento para que El-Rei D. Affonso III tomasse as Villas de Faro, e Loulé, pag. 46 a 49. Veio por Embaxador del-Rei de Castella a concordar este Principe com D. Affonso III, pag. 55. Onde, e quando morreo, pag. 59. Onde está sepultado, ibi.

Pedro Estaço. Defende um lanço do muro na tomada de Faro, pag. 47.

Pedro Rodrigues, Commendador mór, é morto pelos Mouros em Tavira, e como foi enterrado, pag. 39.

Portugal. Esteve interdito alguns annos pelo Pontífice, por não querer D. Affonso III deixar a Dona Breatiz sendo viva a sua primeira mulher Dona Matilde, pag. 23.

R

Rodulpho. Conde de Cambra irmão del-Rei de Inglaterra, é eleito por Emperador dos Romanos por alguns Eleitores, pag. 59.

S

Sancho II de Portugal deu á Ordem de San-Tiago as Villas de Aljustrel, e Mertola, pag. 29.

Sancho (Infante D.) Filho legitimo de D. Affonso X de Castella toma posse do governo por morte de seu irmão D. Fernando de Lacerda, pag. 60. Foi valeroso Principe. *ibi*. E' jurado por sucessor do Reino. pag. 61. Convoca os Concelhos em Valhadolid para que não consintam que seu pai dê o Reino de Murcia a seu neto D. Affonso, e o consegue, pag. 62.

Selir. E' conquistado por D. Payo Correa, pag. 40.

Sevilha. Em que dia, e anno foi conquistada por El-Rei D. Fernando de Castella, pag. 28. Nesta Cidade morreo este Principe, e quando, *ibi*.

Simão Rodrigues dos Cameiros, Sogro del-Rei de Castella D. Affonso X é morto por este Principe, cauza porque o desapossaram do Reino, pag. 62.

Silves. Cidade no Algarve é conquistada por D. Payo Correa do poder dos Mouros, e como ficáram tributarios a Portugal, pag. 42.

T

Tavira. Em que dia, e anno foi tomada por Payo Correa com grande mortandade dos Mouros, pag. 39. Na Igreja de Santa Maria desta Villa está sepultado D. Payo Correa, pag. 59.

U

Ucles. E' cabeça do Convento do Mestrado de Santiago em Castella, pag. 59. Neste lugar morreo D. Payo Correa. ibi.

V

Violante (Rainha Dona), mulher de D. Affonso X de Castella receosa de que matassem a seus netos, partito com elles para Aragão a amparar-se de seu pae El-Rei D. Jayme, pag. 61. Pede a seu marido que dê a seu neto D. Affonso o Reino de Murcia, o que não alcançou, pag. 61.

Violante (Dona), filha do Infante D. Manoel de Castella, e da Infanta Dona Constança de Aragão, cazada com D. Affonso, filho de D. Affonso III de Portugal, e da Rainha Dona Breatiz, pag. 25.

FIM

INDICE DOS CAPITULOS

I — Como se intitulou Rei de Portugal, e do Algarve, e como acrescentou os Castellos no Escudo das Armas Reaes, e a causa porque.....	16
II — Como El-Rei D. Affonso sendo casado com a Condessa de Bolonha em França a leixou, e casou com a filha del-Rei de Castella.....	19
III — Como a Condessa de Bolonha veio a Portugal, e como El-Rei seu marido a não quiz ver, e ella se tornou, e do que sobre isso fez..	20
IV — Como depois da morte da Condessa de Bolonha foi despensado com El-Rei Dom Affonso que cazasse com a Rainha D. Breatiz, e dos filhos que della houvesse.....	24
V — Das terras e Lugares que se acrescentaram a Portugal por este casamento.....	26
VI — Que fundamento houve para o Mestre Dom Payo Correa começar de conquistar o Algarve, que era dos Mouros.....	29
VII — Do accordo que os Mouros fizeram contra o Mestre, e como houveram com elle batalha em que foram vencidos.....	33
VIII — Como houve treguas antre os Christãos,	

II

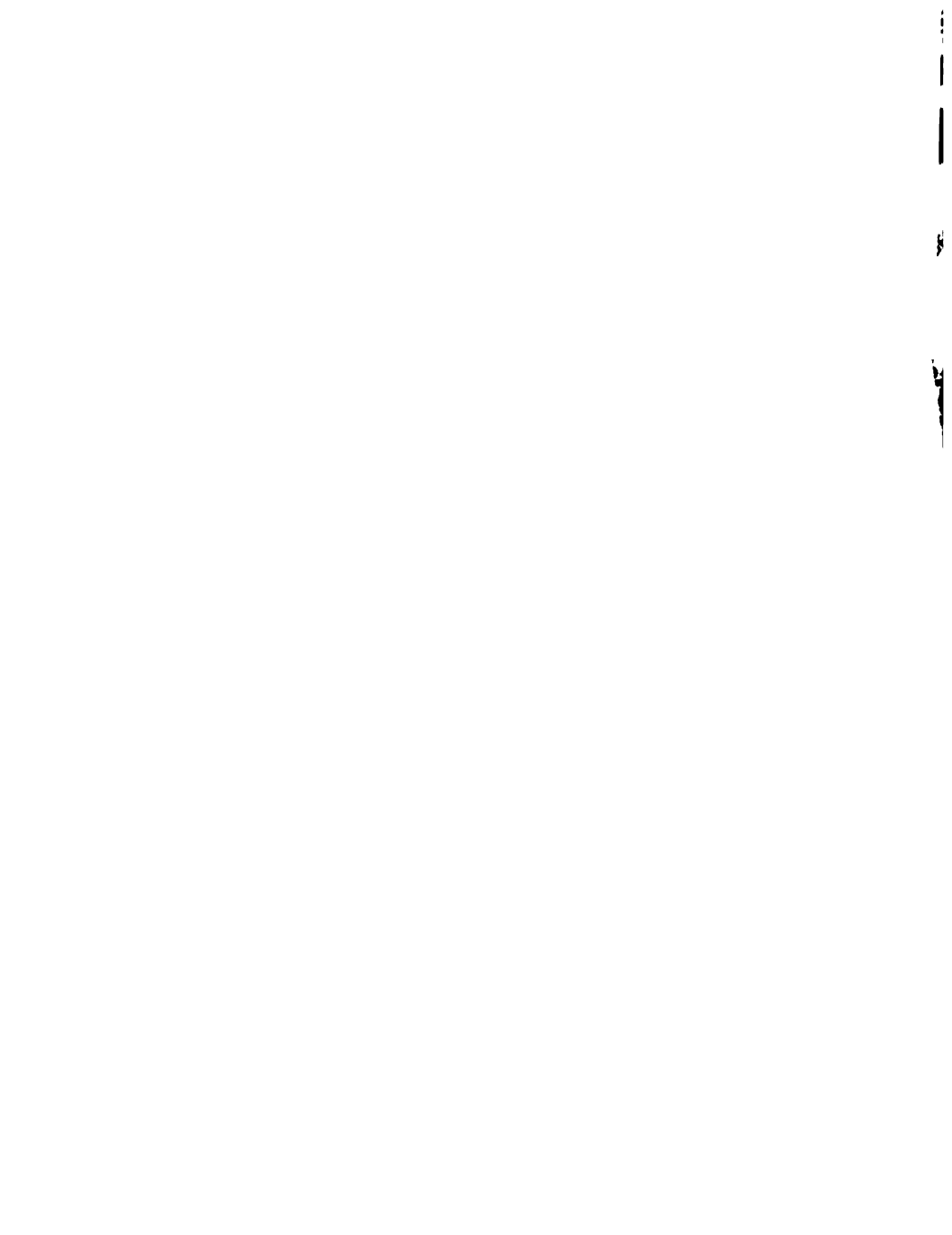
- e Mouros, e com que fundamento cada uns o outro-
garam, e como foi a morte dos sete Cavallei-
ros Martyres, e o Mestretomou Tavilla. 35
- IX — Como o Mestre tomou Selir, e Alvor, e
a Cidade de Silves, porque partidos a leixou aos
Mouros 40
- X — Como o Mestre tornou a cercar Paderne,
e o tomou, e do fundamento que houve para El-
Rei D. Affonso de Portugal haver para si o Reino
do Algarve, e se intitular delle, e com que obriga-
ção lhe foi dado. 43
- XI — Como El-Rei Dom Affonso de Portugal
depois de lhe ser dado o Algarve, tomou aos
Mouros a Villa de Farão, em que foi em sua
ajuda o mestre D. Payo Correa. 46
- XII — Como El-Rei D. Affonso cercou, e to-
mou Loulé, e como a Aljasurtomou o Mestre de
San-Tiago, e o Mestre Daviz Albufeira, e da
declaração que se fez deste nome Algarve, e dos
Lugares que agora nelle cabem. 51
- XIII — Como o Reino do Algarve por di-
vizões que houve foi posto em terçaria de Ca-
valleiros Portuguezes, e o que sobre isso se fez. 54
- XIV — Como El-Rei Dom Affonso de Cas-
tella quitou ao Ifante D. Diniz seu neto a obriga-
ção do Algarve, e a soltou a Portugal leve-
mente para sempre 56
- XV — Da morte do mestre Dom Payo Cor-
rea, e das causas que houve para El-Rei D. Af-
onso de Castella, pai da Rainha de Portugal ser
desobedecido, e como foi ajudado de Portugal,
que foi fundamento para se acrecentarema Por-
tugal os Lugares de riba Dodiana. 58
- XVI — Do falecimento del-Rei Dom Affonso
de Portugal, como antes de seu falecimento deu
Caza ao Ifante Dom Diniz seu filho herdeiro. . 65

OBRAS PUBLICADAS

— I—	HISTORIA DO CERCO DE DTU, por <i>Lopo de Sousa Coutinho</i> , 1 volume (esgotada).....	400
II—	HISTORIA DO CERCO DE MAZAGÃO, por <i>Agostinho Gavy de Mendonça</i> , 1 volume (esgotada).....	400
III—	ETHIOPIA ORIENTAL, por <i>Fr. João dos Santos</i> , 2 grossos volumes (esgotada).....	1\$500
IV—	O INFANTE D. PEDRO, chronica inédita por <i>Gaspar Dias de Landim</i> , 3 volumes.....	700
V—	CHRONICA D'EL-REI D. PEDRO I, (O CRU OU JUSTICEIRO) por <i>Fernão Lopes</i> , 1 volume.....	400
VI—	CHRONICA D'EL-REI D. FERNANDO, por <i>Fernão Lopes</i> , 3 volumes.....	1\$200
VII—	CHRONICA D'EL-REI D. JOÃO I, por <i>Fernão Lopes</i> , 7 volumes.....	2\$800
VIII—	CHRONICA D'EL-REI D. JOÃO I, por <i>Gomes Eannes d'Asurara</i> , VOL. I, II E III (VIII, IX E X).....	1\$200
IX—	DOIS CAPITÃES DA INDIA, por <i>Luciano Cordeiro</i> , 1 volume.....	400
X—	ARTE DA CAÇA DE ALTERNARIA, por <i>Diogo Fernandes Ferreira</i> , 2 volumes.....	800
XI—	APOLOGOS DIALOGAES, por <i>D. Francisco Manuel de Mello</i> , 3 volumes.....	1\$200
XII—	CHRONICA D'EL-REI D. DUARTE, por <i>Ruy de Pina</i> , 1 volume.....	400
XIII—	CHRONICA D'EL-REI D. AFFONSO V, por <i>Ruy de Pina</i> , 3 volumes.....	1\$200
XIV—	CHRONICA D'EL-REI D. JOÃO II, por <i>Garcia de Resende</i> , 3 volumes.....	1\$500
XV—	VIDA DE D. PAULO DE LIMA PEREIRA, por <i>Diogo do Couto</i> , 1 volume.....	500
XVI—	CHRONICA D'EL-REI D. SEBASTIÃO, por <i>Fr. Bernardo da Cruz</i> , 2 volumes..	1\$000
XVII—	JORNADA DE AFRICA, por <i>Fernão de Mendonça</i> , 2 volumes.....	800
XVIII—	HISTORIA TRAGICO-MARITIMA, por <i>Bernardo Gomes de Brito</i> , VOL. I E II.....	3\$800
XIX—	JORNADA DE ANTONIO D'ALBUQUERQUE CORLHO, por <i>João Tavares de Velles Guerreiro</i> , 1 volume..	600
XX—	CHRONICA D'EL-REI D. AFFONSO HENRIQUES, por <i>Duarte Galvão</i> , 1 volume.....	600
XXI—	CHRONICA D'EL-REI D. SANCHO I, por <i>Ruy de Pina</i> , 1 volume.....	400
XXII—	CHRONICA D'EL-REI D. AFFONSO II E DE EL-REI D. SANCHO II, por <i>Ruy de Pina</i> , 1 volume..	400
XXIII—	CHRONICA D'EL-REI D. AFFONSO III, por <i>Ruy de Pina</i> , 1 volume.....	400

EM PUBLICAÇÃO

HISTORIA TRAGICO-MARITIMA, por *Bernardo Gomes de Brito*, VOL. XI



U.C. BERKELEY LIBRARIES



C020876004



